

SETH FALA

Seth transmite sua visão surpreendente do universo através da canalização de Jane Roberts

JANE ROBERTS

Autora de The Seth Material

SETH FALA

Caso acreditem firmemente que sua consciência esteja trancada a sete chaves em algum lugar de sua cabeça e não tenha possibilidade de escapar; caso sintam que sua consciência termina nos contornos de seu corpo, vocês estão enganando a si mesmos e vão pensar que eu sou uma ilusão. Eu sou uma ilusão tanto quanto vocês o são.

Posso afirmar honestamente a cada um de meus leitores: Sou mais velho que vocês, pelo menos em termos de idade segundo sua compreensão.

Se a idade qualifica um escritor, conferindo-lhe algum tipo de autoridade, então devo receber uma medalha. Eu sou a essência de uma personalidade energética que já não está focalizada na matéria física. Sendo assim, tenho consciência de algumas verdades que muitos de vocês parecem ter esquecido.

Espero fazer com que se lembrem delas.

Para Rob

Seth Fala: A Eterna Validade da Alma

Conteúdo

Introdução

1ª. PARTE

1. Eu Não Tenho um Corpo Físico, Mas Estou Escrevendo Este Livro
2. Meu Ambiente, Meu Trabalho e Minhas Atividades Atuais
3. Meu Trabalho e as Dimensões de Realidade às Quais Ele Me Leva
4. A Reencarnação
5. Como os Pensamentos Formam a Matéria – Pontos de Coordenação
6. A Alma e a Natureza de Sua Percepção
7. O Potencial da Alma
8. O Sono, os Sonhos e a Consciência

2ª. PARTE

9. A Experiência da “Morte”
10. As Condições da “Morte” em Vida
11. As Escolhas Pós-Morte e a Mecânica da Transição
12. Relacionamentos de Reencarnações
13. A Reencarnação, os Sonhos, e o Masculino e o Feminino Ocultos no Eu
14. Histórias do Princípio e o Deus Multidimensional
15. Civilizações Reencarnatórias, Probabilidades e Mais Informações Sobre o Deus Multidimensional
16. Prováveis Sistemas, Homens e Deuses
17. Probabilidades, a Natureza do Bem e do Mal e o Simbolismo Religioso
18. Vários Estágios de Consciência, Simbolismo e Focos Múltiplos
19. Presentes Alternados e Focos Múltiplos
20. Perguntas e Respostas
21. O Significado da Religião
22. Uma Despedida e uma Introdução: Aspectos da Personalidade Multidimensional Vistos Através de Minha Própria Experiência

Apêndices

INTRODUÇÃO

Este livro foi escrito por uma personalidade chamada Seth, que se refere a si mesma como a “essência de uma personalidade energética” já não focalizada na forma física. Seth vem falando através de mim por mais de sete anos agora, quando entro em transe em sessões realizadas duas vezes por semana.

Minha iniciação paranormal ou mediúnica, entretanto, realmente começou certa noite de setembro de 1963, quando eu estava escrevendo uma poesia. De repente, minha consciência deixou meu corpo e minha mente foi inundada por idéias incríveis e novas para mim na época. Ao voltar para o corpo, descobri que minhas mãos haviam produzido um texto automaticamente, explicando muitos dos conceitos que me haviam sido transmitidos. As anotações tinham até títulos: *O Universo Físico como Construção da Idéia*.

Por causa dessa experiência, comecei a fazer pesquisas no campo das atividades paranormais e planejei um livro sobre o projeto. Seguindo essa linha, meu marido, Rob, e eu fizemos experiências com uma *Ouija board* no final de 1963. Após as primeiras sessões, o ponteiro começou a soletrar mensagens que afirmavam vir de uma personalidade chamada Seth.

Nem Rob nem eu tínhamos qualquer experiência no campo da paranormalidade, e quando comecei a esperar respostas da tábua, presumi que vinham de meu subconsciente. Pouco mais tarde, entretanto, senti-me impelida a pronunciar as palavras em voz alta, e dentro de um mês estava falando por Seth em estado de transe.

As mensagens pareciam começar onde *Construção da Idéia* terminara, e mais tarde, Seth disse que minha experiência de expansão de consciência representara sua primeira tentativa de contato. Desde esse dia, Seth vem transmitindo um manuscrito contínuo que agora totaliza mais de seis mil páginas datilografadas. Nós o chamamos de *The Seth Material* (O Material de Seth) e ele trata de assuntos como a natureza da matéria física, o tempo, a realidade, o conceito de deus, universos prováveis, saúde e reencarnação. Desde o início, a qualidade óbvia do material nos intrigou, e foi isso que nos levou a continuar a experiência.

Depois da publicação de meu primeiro livro nessa área, comecei a receber cartas de pessoas desconhecidas, pedindo a ajuda de Seth. Realizávamos sessões para os mais necessitados. Muitas pessoas, porém, não podiam participar pessoalmente, uma vez que viviam em outras partes do país, mas os conselhos de Seth as ajudavam, e as informações que ele dava por carta, mencionando fatos anteriores da vida dessas pessoas, eram corretas.

Rob sempre tomou notas *verbatim* das sessões de Seth, usando seu próprio sistema de taquigrafia. Nos fins de semana ele as datilografava e acrescentava-as à nossa coleção do Material de Seth. As excelentes anotações de Rob mostram a estrutura viva de nossas sessões. O apoio e o incentivo dele têm sido inestimáveis.

Segundo nossa maneira de pensar, já tivemos mais de seiscentas entrevistas com o universo – embora Rob jamais fosse descrevê-las dessa forma. Esses encontros acontecem em nossa grande e bem iluminada sala de visitas, mas em termos mais profundos, eles ocorrem dentro da área ilimitada da personalidade humana.

Não estou afirmando que temos a pedra fundamental da verdade, nem quero dar a impressão de que esperamos ansiosamente por segredos imaculados das eternidades para então despejá-los entusiasticamente

sobre vocês. Eu sei que cada pessoa tem acesso a um conhecimento intuitivo e pode ter vislumbres da realidade interior. Nesse aspecto, o universo fala a cada um de nós. Em nosso caso, as sessões com Seth são a estrutura para a ocorrência deste tipo de comunicação.

Em *The Seth Material*, publicado em 1970, expliquei esses eventos e transmiti a visão de Seth sobre uma variedade de assuntos, usando trechos das sessões. Também descrevi nossos encontros com psicólogos e parapsicólogos, ao tentarmos compreender nossas experiências e colocá-las dentro do contexto da vida normal. Os testes que realizamos para verificar as habilidades clarividentes de Seth também foram descritos. No que nos diz respeito, ele saiu-se otimamente.

Foi muito difícil escolher alguns trechos dos tópicos tratados na obra cada vez maior de Seth. Por causa disso, *The Seth Material* obviamente deixou muitas perguntas sem resposta e muitos assuntos sem explicação. Duas semanas depois de seu término, contudo, Seth ditou o esboço deste manuscrito, no qual teria liberdade de expor suas idéias à sua própria maneira, em forma de livro.

Apresentamos aqui uma cópia desse esboço, que nos foi dado na Sessão 510 de 19 de janeiro de 1970. Como perceberão, Seth me chama de Ruburt, e Rob, de Joseph. Esses nomes representam a totalidade de nossas personalidades, distintas de nossos eus atuais fisicamente orientados.

Neste momento, estou trabalhando em outro material que vocês vão receber e, assim, precisam ser um pouco pacientes comigo. Por exemplo: gostaria de dar-lhes uma idéia do conteúdo de meu próprio livro. Muitas questões estão envolvidas. O livro incluirá uma descrição do modo em que está sendo escrito e os procedimentos necessários para que minhas próprias idéias possam ser transmitidas por Ruburt, ou melhor, traduzidas por ela em termos vocais.

Eu não tenho um corpo físico e, contudo, vou escrever um livro. O primeiro capítulo explicará como e por quê.

(Agora, [Rob escreveu em suas anotações] o ritmo de Jane havia diminuído consideravelmente, e seus olhos muitas vezes ficavam fechados. Ela fez muitas pausas, algumas longas.)

O próximo capítulo descreverá o que vocês poderão chamar de meu ambiente ou meio atual, minhas “características” atuais e meus companheiros. Com isso quero dizer os outros com quem tenho contato.

O capítulo seguinte descreverá meu trabalho e as dimensões da realidade às quais ele me leva, pois assim como eu viajo para a sua realidade, também viajo para outras, a fim de cumprir o propósito que me cabe cumprir.

O capítulo seguinte tratará de meu passado (em seus termos), e de algumas das personalidades que fui e conheci. Ao mesmo tempo, quero deixar claro que não existe passado nem presente nem futuro, e explicar que não há contradições quando eu, no entanto, falo em termos de existências passadas. Isso poderá ocupar dois capítulos.

O capítulo seguinte contará a história de nosso encontro – você (a mim) Ruburt e eu, de meu ponto de vista, naturalmente, e como contatei a consciência interior de Ruburt muito antes de qualquer um de vocês dois saber qualquer coisa a respeito de fenômenos paranormais, ou de minha existência.

O capítulo seguinte tratará da experiência de qualquer personalidade no ponto da morte, e das muitas variações dessa aventura básica. Usarei algumas de minhas próprias mortes como exemplos.

O capítulo seguinte tratará da existência após a morte, com suas muitas variações. Ambos os capítulos falarão sobre a reencarnação no que ela se aplica à morte, e também daremos certa ênfase à morte *ao final da última encarnação*.

O capítulo seguinte tratará das realidades emocionais do amor e da afinidade entre personalidades – do que lhes sucede durante encarnações sucessivas, pois alguns interrompem seu progresso e outros avançam.

O capítulo seguinte tratará de sua realidade física como ela aparece para mim e outros como eu. Este capítulo irá conter alguns outros pontos fascinantes, pois vocês não apenas formam sua realidade física que lhes é conhecida, mas também, com seus pensamentos, desejos e emoções atuais, estão formando outros ambientes muito válidos em outras realidades.

O capítulo seguinte tratará da função eterna dos sonhos como portas para essas outras realidades e como áreas de abertura através das quais o “eu interior” visualiza as muitas facetas de sua experiência e de suas comunicações com outros níveis de sua realidade.

O capítulo seguinte tratará ainda deste assunto, pois vou relatar as várias formas em que penetrei nos sonhos das pessoas como instrutor e como guia.

O capítulo seguinte tratará de métodos básicos de comunicação usados por qualquer consciência de acordo com seu grau, seja ela física ou não. Isto levará à comunicação básica usada pelas personalidades humanas (como vocês as entendem) e mostrará essas comunicações interiores como existentes independentemente dos sentidos físicos, que são meramente extensões físicas da percepção interior.

Direi ao leitor como ele vê o que vê, ou ouve o que ouve, e por quê. Espero mostrar neste livro que o próprio leitor é independente de sua imagem física, e espero, eu próprio, fornecer-lhe alguns métodos para provar minha tese.

O próximo capítulo relatará minhas experiências, em minhas existências, com as “gestalts piramidais” [N. do T.: “Gestalt,” em psicologia, sinônimo de “Forma;” “Teoria da Gestalt” ou “Teoria da Forma,” teoria de conjunto da Psicologia, que acentua os aspectos de configuração e, mais geralmente, de totalidade nos fenômenos psíquicos] que menciono no material, meu próprio relacionamento com a personalidade que vocês chamam de Seth Doi e também com consciências multidimensionais muito mais evoluídas do que eu.

Minha mensagem ao leitor será: “Basicamente, vocês não são uma personalidade física mais do que eu o sou, e ao falar-lhes de minha realidade, falo-lhes de sua própria.”

Haverá um capítulo sobre as religiões do mundo, sobre suas distorções e verdades; sobre os *três* Cristos; e alguns dados concernentes a uma religião perdida, pertencente a um povo sobre o qual vocês não têm qualquer informação. Essas pessoas viveram em um planeta no mesmo espaço que sua terra ocupa agora, “antes” que seu planeta existisse. Eles o destruíram com seus próprios erros, e reencarnaram quando o planeta de vocês foi preparado. Suas lembranças serviram de base para o nascimento da religião como vocês a consideram hoje.

Haverá um capítulo sobre Deuses prováveis e sistemas prováveis.

Haverá um capítulo de perguntas e respostas.

Haverá um capítulo final, quando pedirei ao leitor que feche os olhos e torne-se consciente da realidade em que eu existo e de sua própria realidade interior. Eu fornecerei os métodos. Neste capítulo convidarei o leitor a usar seus “sentidos internos” para ver-me à sua própria maneira.

Embora minhas comunicações cheguem exclusivamente através do pensamento, para proteger a integridade do material convidarei o leitor a tomar consciência de mim como uma personalidade, de modo a então perceber que comunicações de outras realidades são possíveis e que ele próprio está, portanto, aberto a uma percepção não-física.

Bem, este é meu esboço do livro, mas ele contém simplesmente um projeto de minhas intenções. Não estou apresentando um esboço mais completo porque não desejo que Ruburt se antecipe a mim. As dificuldades envolvidas nestas comunicações irão aparecer em sua totalidade. Ficará claro que as supostas comunicações paranormais vêm de vários níveis de realidade, e que elas descrevem a realidade na qual existem. Portanto, descreverei a minha e outras de que tenho conhecimento.

Isto não quer dizer que existam outras dimensões das quais sou ignorante. Ditarei o livro durante nossas sessões.

Este é o título de nosso livro (*sorriso*): *Seth Fala: A Validade Eterna da Alma*.

Estou usando o termo alma porque terá um significado instantâneo para a maioria dos leitores. Sugiro que tenham à mão algumas boas canetas.

Precisamente porque sei do esforço exigido para se escrever um livro, fiquei cautelosa quando Seth falou em escrever o seu. Embora eu soubesse perfeitamente bem que ele podia fazê-lo, uma parte crítica de mim mesma perguntava: “Está bem, o Material de Seth é realmente significativo, mas que experiência ele tem nessa área? O que ele sabe a respeito da organização necessária para se escrever um livro? Ou a respeito de como se dirigir ao público?”

Rob ficava me dizendo que eu não devia preocupar-me. Amigos e alunos pareciam aturdidos porque eu, de todas as pessoas, tinha dúvidas, mas eu pensava: De todas as pessoas, quem mais teria dúvidas? Seth declarara uma intenção. Conseguiria, entretanto, realizá-la?

Seth iniciou a ditar o livro em nossa sessão seguinte, Sessão 511, em 21 de janeiro de 1970, e terminou-o na Sessão 591, em 11 de agosto de 1971. Nem todas as sessões intermediárias, contudo, trataram do livro. Algumas foram dedicadas a assuntos pessoais, outras a ajudar pessoas específicas, e outras ainda, a responder a perguntas filosóficas, sem ligação com o livro. Eu também tirei várias “pequenas férias.” Apesar dessas interrupções, Seth sempre recomeçava o ditado sem qualquer problema, precisamente no ponto em que havia terminado.

Durante o tempo em que ele ditava seu livro, eu trabalhava quatro horas por dia escrevendo meu próprio livro, dando minhas aulas semanais de ESP [Percepção Extra Sensorial] e assoberbada com a correspondência que se seguiu à publicação de *The Seth Material*. Também comeci a dar uma aula semanal de composição literária criativa.

Por curiosidade, dei uma olhada em alguns dos capítulos anteriores do livro de Seth, mas depois me mantive longe dele. Ocasionalmente, Rob me falava de algumas passagens que podiam interessar particularmente a meus alunos. De outra forma, eu não prestava atenção ao livro, contentando-me em deixar que Seth o ditasse. Falando de uma forma geral, tirei o trabalho dele de minha mente e passava meses sem nem ao menos olhar para o manuscrito.

Ler o livro completo foi uma experiência maravilhosa. Como um todo, ele me era totalmente novo, embora cada palavra tivesse sido transmitida através de meus lábios e eu tivesse passado muitas noites em transe para produzi-lo. Isso me era particularmente estranho, já que sou uma escritora e estou acostumada a organizar meu próprio material, acompanhar seu desenvolvimento e cuidar dele como uma galinha choca.

Por causa de minha própria experiência como escritora, também tenho consciência do processo envolvido na tradução de material inconsciente para a realidade consciente. Isso é especialmente óbvio quando estou trabalhando com poesias. Fosse o que fosse que estivesse envolvido no livro de Seth, certamente algum tipo de atividade inconsciente atuava a todo vapor. Era natural, portanto, que eu comparasse minha própria consciência criativa com o método de transe usado no livro de Seth. Eu queria descobrir por que sentia que o livro de Seth era *dele*, divorciado do meu. Se ambos estavam vindo do mesmo inconsciente, então por que as diferenças subjetivas em meus sentimentos?

Essas diferenças ficaram óbvias desde o início. Quando sou tomada de inspiração, escrevendo um poema, fico “ligada,” excitada, cheia de um sentimento de urgência e descoberta. Logo antes de isso acontecer, entretanto, surge uma idéia do nada, me parece. Ela me é “dada.” Simplesmente aparece, e a partir dela surgem novas associações criativas.

Fico alerta, mas aberta e receptiva: suspensa em uma estranha elasticidade psíquica, entre a atenção equilibrada e a passividade. O poema ou idéia em questão é a única coisa no mundo para mim naquele ponto. O envolvimento extremamente pessoal, o trabalho e o jogo necessários para manter a idéia em ação fazem com que o poema seja meu.

Este tipo de experiência me é familiar desde minha infância. É a pedra fundamental de minha existência. Sem isso, ou quando não estou trabalhando dentro dessa estrutura, fico desatenta e triste. Até certo ponto, tenho o mesmo sentimento de criatividade pessoal agora, ao escrever esta introdução. Ela é “minha.”

Eu não tive esse tipo de ligação com o livro de Seth, nem qualquer consciência dos processos criativos envolvidos. Eu entrava em transe como em nossas sessões regulares. Seth ditava o livro através de mim, falando por meio de meus lábios. O trabalho criativo estava tão distante de mim que, nesse aspecto, não posso chamar o produto de meu. No livro de Seth eu recebi um produto terminado – um produto excelente – pelo qual eu sou, naturalmente, muitíssimo grata.

Descobri, entretanto, que somente meus próprios escritos me dão esse tipo particular de satisfação criativa de que necessito – o envolvimento consciente com material inconsciente, a “excitação da caça.” O fato de Seth fazer sua parte, não me exime de fazer a minha. Eu me sentiria roubada se não pudesse realizar meu próprio trabalho.

Qualquer pessoa pode dizer, naturalmente, que no livro de Seth os processos ocultos são tão separados de minha consciência normal que o produto final apenas *parece* vir de uma outra personalidade.

Posso somente declarar meus próprios sentimentos e salientar que o livro de Seth e todo o manuscrito de seis mil páginas de *The Seth Material* não representam minha própria expressão nem são de minha responsabilidade criativa. Se ambos viessem do mesmo inconsciente, parece que não haveria necessidade de uma divisão.

Apesar disso, tenho consciência do fato de que eu fui necessária para a produção do livro de Seth. Ele precisa de minha habilidade com as palavras; até, acho eu, de meu modo de pensar. Certamente, meu treinamento como escritora ajuda na tradução de seu material e lhe dá forma, não importa o quão inconscientemente isso seja feito. Certas características de personalidade também são importantes, eu imagino – a agilidade com que posso mudar o foco de minha consciência, por exemplo.

Seth insinua isso no Capítulo Quatro, quando diz: “Ora, as informações deste livro estão sendo transmitidas, até certo ponto, por meio dos sentidos internos da mulher que fica em transe enquanto eu o escrevo. Tal esforço é resultado de uma precisão interior altamente organizada e de treinamento. [Ela] não poderia receber de mim estas informações – que também não poderiam ser traduzidas nem interpretadas – enquanto estivesse intensamente focalizada no ambiente físico.”

Considerado meramente como exemplo de produção inconsciente, entretanto, o livro de Seth mostra com clareza que a organização, o discernimento e o raciocínio certamente não são qualidades apenas da mente consciente, demonstrando o alcance e a atividade de que o eu interior é capaz. Não acredito que eu pudesse conseguir sozinha algo equivalente ao livro de Seth. O melhor que eu poderia fazer seria atingir certos pontos altos, talvez em poemas ou ensaios isolados, mas a eles faltaria a unidade geral, a continuidade e a organização que Seth forneceu automaticamente em seu livro.

Além disso, tenho certas experiências únicas durante as sessões, que parecem compensar minha falta de envolvimento criativo consciente. Com frequência, participo da grande energia e do humor de Seth, por exemplo, usufruindo uma sensação de riqueza emocional e encontrando a personalidade de Seth em um nível muito estranho. Sinto seu humor e vitalidade claramente, embora não sejam endereçados a mim, mas a quem quer que Seth esteja se dirigindo no momento. Sinto-os passando através de mim.

Como mostram as anotações de Rob, em geral eu tenho outros tipos de experiências, também, enquanto falo por Seth. Às vezes, por exemplo, tenho visões interiores. Elas podem ilustrar o que Seth está dizendo, de modo que eu recebo a informação de duas formas, ou elas podem ser completamente separadas do texto. Também tive várias experiências “fora do corpo” durante as sessões, quando vi eventos que na verdade estavam acontecendo a milhares de quilômetros de distância.

Este livro é a maneira de Seth demonstrar que a personalidade humana é multidimensional, que nós existimos em muitas realidades ao mesmo tempo, que a alma ou eu interior não é algo separado de nós, mas o próprio meio em que existimos. Ele salienta o fato de que a “verdade” não é encontrada passando de um professor a outro, de uma igreja a outra, ou de uma matéria a outra, mas olhando para dentro do eu. O conhecimento íntimo da consciência, os “segredos do universo,” não são, portanto, verdades esotéricas a serem ocultas das pessoas. As informações de Seth são tão naturais para o homem como o ar, e estão disponíveis para os que as buscam examinando a fonte interior.

Em minha opinião, Seth escreveu um livro que é um clássico em sua área. Depois de me referir a ele com cautela como “uma personalidade,” sinto-me obrigada a acrescentar que Seth é um filósofo e psicólogo astuto, profundo conhecedor dos caminhos da personalidade humana e cômico dos triunfos e condições da consciência humana.

Sinto-me pessoalmente intrigada, naturalmente, com o fato de este livro ter sido escrito por meu intermédio, sem a atuação de minha mente consciente em cada ponto, verificando, organizando e criticando ansiosamente, como faço em meu próprio trabalho, quando minhas habilidades criativas e intuitivas recebem uma grande dose de liberdade e minha mente consciente está definitivamente no controle. Entretanto, este livro não “se escreveu a si mesmo,” e eu sei o que isso significa. Neste caso, contudo, o livro veio de uma fonte específica, não apenas “lá de fora,” e ele é colorido pela personalidade do autor, que não é a minha.

Toda esta aventura criativa pode ser a iniciação de uma personalidade, Seth, que então escreve livros. Seth pode ser uma criação, tanto quanto seu livro o é. Se for esse o caso, este é um excelente exemplo de arte multidimensional, feita em um nível tão rico de inconsciência que o “artista” não tem conhecimento de sua própria obra, ficando tão intrigado com ela quanto qualquer outra pessoa.

Esta é uma hipótese interessante. Na verdade, Seth fala sobre arte multidimensional em seu livro. Ele, porém, faz mais do que escrever livros. Ele é uma personalidade plenamente desenvolvida, com uma variedade de interesses, escrevendo, ensinando, ajudando outros. Seu senso de humor é muito individualista e diferente do meu. Ele é perspicaz; à sua maneira, mais terreno do que etéreo. Sabe como explicar teorias complexas com simplicidade, em um contato de pessoa a pessoa. Talvez o mais importante seja o fato de que ele é capaz de relacionar essas idéias à vida normal.

Seth também aparece freqüentemente nos sonhos de meus alunos, dando-lhes instruções que funcionam – apresentando-lhes métodos para usarem suas habilidades ou para atingirem certas metas. Quase todos os meus alunos têm também freqüentes “sonhos em classe,” quando Seth lhes fala como um grupo e introduz experiências oníricas. Às vezes eles o vêem como no retrato que Rob pintou dele. Outras vezes, ele fala através de minha imagem, como em sessões normais. Acordei muitas vezes quando essas sessões oníricas estavam acontecendo, com as palavras de Seth ainda soando em minha mente.

Naturalmente, não é uma coisa incomum os alunos sonharem com Seth ou comigo, mas com certeza Seth alcançou um status independente aos olhos deles, tornando-se um veículo de instruções, mesmo durante o sonho. Em outras palavras, além de produzir continuamente *The Seth Material* e este livro, ele penetrou na mente e na consciência de muita gente.

Esta é uma grande realização para qualquer personalidade em um período de sete anos, independentemente de seu status. Para uma personalidade não-física, é realmente incrível. Atribuir toda essa atividade a uma ficção do inconsciente, parece demais. (No mesmo período de tempo, eu publiquei dois livros, terminei outro e iniciei um quarto. Menciono isto para mostrar que Seth não estava absorvendo qualquer porção de minha criatividade.)

Rob e eu não nos referimos a Seth como um espírito; não gostamos das conotações desse termo. Na verdade, nós objetamos à idéia convencional de um espírito, que é uma extensão de idéias um tanto limitadas da personalidade humana, projetadas mais ou menos intactas em uma vida após a morte. Vocês podem dizer

que Seth é uma dramatização do inconsciente ou uma personalidade independente. Pessoalmente, não vejo por que as afirmações têm de ser contraditórias. Seth pode ser uma dramatização, desempenhando um papel muito real – explicando sua realidade maior nos únicos termos que podemos entender. Essa é minha opinião neste momento.

Antes de qualquer coisa, para mim o termo “inconsciente” é muito pobre, mal sugerindo a realidade de um sistema psíquico aberto, com raízes profundas entrelaçadas, unindo todo tipo de consciência: uma rede na qual estamos todos conectados. Nossa individualidade surge dela, mas também ajuda a formá-la. Esta fonte contém informações passadas, presentes e futuras; apenas o ego experiencia o tempo como o conhecemos. Também acredito que este sistema aberto contenha outros tipos de consciência além da nossa própria.

Devido a minhas próprias experiências, particularmente com estados fora do corpo, estou convencida de que a consciência não é dependente da matéria física. Com certeza, a expressão física é meu maior modo de existência neste momento, mas não creio que isso signifique que toda consciência deva ser assim orientada. Parece-me que apenas a presunção mais cega ousaria definir a realidade em seus próprios termos ou projetar suas próprias limitações e experiências sobre o resto da existência.

Aceito a idéia de Seth da personalidade multidimensional como descrita neste livro, porque minhas experiências, assim como as de meus alunos, parecem confirmá-la. Também acredito que nesse sistema aberto de consciência e fontes ilimitadas, há um Seth independente que atua em termos bem diferentes dos nossos.

Em que termos? Muito honestamente, eu não sei. O mais próximo que cheguei de uma explicação de minhas próprias visões foi em uma curta afirmação intuitiva que escrevi para meu curso de ESP, ao tentar esclarecer minhas idéias para mim mesma e para meus alunos. Rob falara-me sobre os *Speakers*, como Seth os chama neste livro – personalidades que continuamente falam aos homens através dos tempos, lembrando-lhes o conhecimento interior, de modo que jamais seja realmente esquecido. Esta idéia evocativa inspirou-me a escrever o pequeno trabalho que estou incluindo aqui. Ele indica a estrutura na qual acredito que Seth e outros como ele devam existir.

“Nós somos reunidos (ou montados) de uma forma que não compreendemos. Somos compostos de elementos, substâncias químicas e átomos e, contudo, falamos e nos chamamos por nomes. Ao redor de nossas substâncias internas, organizamos as substâncias externas que se coagulam em carne e ossos. Nossas identidades ou personalidades brotam de fontes que nos são desconhecidas.

Talvez o que somos tenha sempre esperado, oculto nas possibilidades da criação, disperso, sem o saber – nas chuvas e nos ventos que varreram a Europa no século treze – nas cordilheiras que se ergueram – nas nuvens que passaram através dos céus de outros tempos e lugares. Como partículas de poeira, podemos ter atravessado os portais da Grécia, acendido e apagado em consciências e inconsciências uma milhão de vezes, tocados pelo desejo, por anseios de criatividade e perfeição que mal compreendemos.

E assim, pode haver outros agora (como Seth), que sem imagens, mas sabendo – outros que foram o que somos e mais – outros que se lembram daquilo que esquecemos. Eles talvez tenham descoberto, por meio de alguma aceleração de consciência, outras formas de ser, ou dimensões de realidade das quais também fazemos parte.

Assim, damos nome aos que não têm nome, pois basicamente não temos nome. E ouvimos, mas em geral tentamos espremer suas mensagens nos conceitos que podemos entender, cobrindo-as com imagens estereotipadas gastas. Eles, contudo, estão ao nosso redor, no vento e nas árvores, formados e não-formados, talvez mais vivos, em muitos aspectos, do que nós: os *speakers*.

Por meio dessas vozes, dessas intuições, desses vislumbres de percepções e mensagens, o universo nos fala, fala a cada um de nós pessoalmente. Dirige-se a você, e também a mim. Aprenda a ouvir suas próprias mensagens, sem distorcer o que ouve nem traduzi-lo para velhos alfabetos.

Na classe (e na vida, em geral), eu acho que estamos reagindo a essas mensagens, às vezes representando-as com sabedoria quase infantil, formando-as em histórias que são originais e individualistas – histórias que fizeram surgir dentro de nós significados que não podem ser postos em palavras.

Este talvez seja o tipo de representação adotado pelos “deuses,” de onde surgem criações que se espalham em todas as direções. Podemos estar respondendo aos deuses em nós mesmos – essas centelhas internas de saber que desafiam nosso próprio conhecimento tridimensional.

Seth pode estar guiando-nos para fora de nossas limitações costumeiras, para outro reino que é nosso por direito – fundamental, estejamos nós na carne ou fora dela. Ele pode ser a voz de nossos eus combinados, dizendo: ‘Enquanto vocês estão em seus corpos conscientes, lembrem-se de como era e de como será não ter corpo, ser energia girando livremente sem um nome, mas com uma voz que não precisa de língua, com uma criatividade que não precisa de carne. Nós somos vocês, virados do avesso.’”

Deixando de lado minhas idéias sobre Seth ou sobre a natureza da realidade, entretanto, este manuscrito precisa ser independente como livro. Ele traz a marca da personalidade de Seth, como qualquer livro carrega indelevelmente, dentro de si, o selo de seu autor: nada mais, nada menos. As idéias contidas no livro merecem ser ouvidas, a despeito de sua fonte, e por outro lado, por causa dela.

Quando nossas sessões tiveram início, eu pensei em publicar o material como sendo meu, de modo que fosse aceito pelo que valia, sem perguntas sobre sua fonte. Isso, entretanto, não me pareceu justo, porque a maneira pela qual o material de Seth é produzido faz parte da mensagem e reforça-a.

O ditado de Seth é transmitido como o recebemos. Em outras palavras, sem o acréscimo nem a eliminação de parágrafos. Ele certamente sabe a diferença entre a linguagem falada e a escrita. Suas sessões para a classe de ESP são menos formais, com uma boa quantidade de perguntas. Este livro, contudo, é muito mais como nossas sessões particulares, quando o corpo do material é transmitido. A ênfase está muito mais no conteúdo, no que é escrito, do que na palavra falada.

A estrutura das sentenças de Seth também não foi mudada, exceto em alguns casos excepcionais. (Algumas vezes eu dividi uma sentença longa em duas mais curtas, por exemplo.) A maior parte da pontuação foi indicada por Seth. Nesses casos, apenas inserimos os hífen, os pontos e vírgulas e os parênteses, como sugerido por ele, deixando de lado as instruções, a fim de evitar que o leitor se confundisse. Onde Seth indicou aspas, usamos aspas duplas; de outra forma, onde o significado parece pedir aspas, aspas simples foram usadas. Seth também indicou que deveríamos sublinhar certas palavras.

As sentenças de Seth são em geral longas, particularmente nas elocuções verbais, mas ele nunca se perde nem perde contato com a sintaxe ou o significado. Sempre que parecia existir uma dificuldade nesta área, nós verificávamos a sessão original e víamos que um erro havia sido cometido, em algum ponto do caminho, no momento da transcrição. (Observei isso, particularmente, porque já tentei ditar cartas a um gravador, com pouco sucesso. Depois das primeiras sentenças, tive grande dificuldade para lembrar-me do que dissera, ou de como me expressara.)

A prova tipográfica significou trabalhar principalmente com as notas de Rob, quando ele as tornou mais apresentáveis. Em alguns casos, incluímos materiais que não faziam parte do livro, quando isso parecia relevante, lançava uma luz sobre o método de apresentação ou permitia uma visão maior do próprio Seth. Como as anotações de Rob também mostram, Seth começou a ditar o Apêndice assim que terminou o livro. Foi um tanto divertido eu não ter percebido que Seth já havia iniciado o Apêndice, pois passei vários dias pensando quem deveria cuidar disso – e se fosse Seth, quando começaria.

Eis uma outra nota interessante nessa mesma linha: Eu faço três rascunhos de meu próprio trabalho, e às vezes ainda fico insatisfeita. Este livro foi ditado em seu esboço final. Seth também seguiu seu esquema muito mais fielmente do que eu jamais segui os meus, embora se tenha desviado dele em alguns casos, como é direito de todo autor.

Daqui em diante, Seth fala por si mesmo.

Jane Roberts

Elmira, Nova York

27 de setembro de 1971

PRIMEIRA PARTE

1

EU NÃO TENHO UM CORPO FÍSICO,
MAS ESTOU ESCRREVENDO ESTE LIVRO

SESSÃO 511, 21 DE JANEIRO DE 1970,
21h10, QUARTA-FEIRA

(Ao iniciar estas anotações, desejo mencionar que há certas mudanças definidas em Jane quando ela entra em transe e fala por Seth.

(Geralmente, Jane entra e sai do transe com rapidez incrível. Seus olhos não ficam fechados durante as sessões, a não ser por períodos relativamente breves – mas eles podem ficar, digamos, semi-abertos, ou totalmente abertos, e tornam-se muito mais escuros do que o normal. Ela senta-se em uma cadeira de balanço durante as sessões, mas às vezes se levanta e anda um pouco pela sala. Ela fuma durante o transe e bebe um pouco de vinho, cerveja ou café. Às vezes, quando o transe é muito profundo, leva alguns minutos “para sair realmente dele,” como ela mesma diz. Quase sempre ela me acompanha em um pequeno lanche depois da sessão, mesmo que seja muito tarde.

(A voz de Jane durante o transe pode quase ter o tom, o volume e o ritmo de uma conversa, mas fica sujeita a muitas variações dentro dessas qualidades. Em geral, é mais profunda e mais forte do que sua “própria” voz. De vez em quando, “a voz de Seth” torna-se muito alta, muito mais possante, com sobre-tons definitivamente masculinos e com uma energia óbvia e tremenda por trás dela. A maioria de nossas sessões, entretanto são razoavelmente calmas.

(Seth fala com um sotaque que é difícil de definir. Já foi classificado de russo, irlandês, alemão, holandês, italiano e até francês. Certa vez Seth comentou, bem humorado, que sua maneira de falar, na verdade, “era consequência de sua própria experiência cosmopolita,” adquirida através de muitas vidas. Jane e eu achamos que é simplesmente individual, e que evoca reações diferentes nas pessoas, de acordo com seus próprios antecedentes étnicos e emocionais.

(Há mais dois efeitos que Jane sempre manifesta enquanto está em transe: uma qualidade mais angular em seus maneirismos e uma recomposição em seus músculos faciais; uma tensão que resulta, creio eu, de uma infusão de energia ou de consciência. Às vezes, o efeito é muito pronunciado, e eu posso facilmente perceber a proximidade de Seth.

(Creio que essas mudanças que Jane apresenta durante as sessões são causadas pela recepção criativa de uma porção dessa entidade, essa essência, que chamamos de Seth, e por suas próprias idéias de como é este segmento que ela coloca no gênero masculino. Sua transformação como Seth é original e

interessante de observar e de participar dela. Independentemente do grau, Seth é singular e bondosamente presente. Eu estou ouvindo e tendo um diálogo com uma outra personalidade.

(Antes da sessão, Jane disse estar um tanto nervosa; ela achava que Seth iniciaria seu próprio livro esta noite. Essa sensação de nervosismo é incomum nestas sessões. Eu tentei tranquilizá-la, dizendo-lhe que se esquecesse de tudo e deixasse que o livro surgisse naturalmente.)

Agora: Dou-lhe boa-noite, Joseph.

(“Boa-noite, Seth.”)

Nosso amigo, Ruburt, está nervoso e, de certa forma, isso é compreensível; portanto, serei paciente com ele.

Entretanto, vamos iniciar com o Capítulo Um. *(Sorriso.)* Ruburt pode escrever uma introdução, se desejar. *(Pausa.)*

Capítulo Um

Agora: Vocês ouviram falar em caçadores de fantasmas. Eu, muito literalmente, posso ser chamado de escritor fantasma, embora não aprove o termo “fantasma.” É verdade que geralmente eu não sou visto em termos físicos. Também não gosto da palavra “espírito;” contudo, se a sua definição dessa palavra implica a idéia de uma personalidade sem um corpo físico, eu terei de concordar que a descrição se ajusta a mim.

Dirijo-me a uma audiência invisível, mas sei que meus leitores existem; assim, pedirei que cada um de vocês me conceda agora o mesmo privilégio.

Escrevo este livro sob os auspícios de uma mulher a quem me afeiçoei muito. Para alguns, parecerá estranho que eu me dirija a ela como “Ruburt,” e “ele,” mas o fato é que eu a conheci em outros tempos e lugares, por outros nomes. Ela foi tanto um homem como uma mulher, e a totalidade da identidade que viveu essas vidas separadas pode ser designada pelo nome de Ruburt.

Os nomes, contudo, não são importantes. Meu nome é Seth. Nomes são simplesmente designações, símbolos, mas como vocês precisam usá-los, eu também o farei. Escrevo este livro com a cooperação de Ruburt, que fala por mim. Nesta vida, Ruburt é chamada de Jane, e seu marido, Robert Butts, anota as palavras transmitidas por ela. Eu chamo-o de Joseph.

Meus leitores podem supor que são criaturas físicas, presas dentro de corpos físicos, aprisionadas dentro de ossos, carne e pele. Se vocês acreditarem que sua existência depende desta imagem corpórea, vão sentir que correm perigo de extinção, pois nenhuma forma física perdura, e nenhum corpo, por mais belo que seja na juventude, conserva o mesmo vigor e encantamento na velhice. Se vocês se identificam com sua própria juventude, ou beleza, ou intelecto, ou realizações, têm uma inquietação constante derivada do conhecimento de que esses atributos podem – e irão – desaparecer.

Estou escrevendo este livro para assegurar-lhes que tal não é o caso. Basicamente, vocês não são seres físicos mais do que eu o sou, e eu assumi e descartei mais corpos do que gostaria de mencionar. As personalidades que não existem, não escrevem livros. Sou bem independente de um corpo físico, e vocês também.

A consciência cria a forma – não é o contrário. Todas as personalidades são não-físicas. É somente por estarem tão preocupados com as questões do dia-a-dia, que vocês não percebem que seus próprios poderes são muito superiores aos demonstrados pelo eu comum.

Todos vocês viveram outras existências, e esse conhecimento está dentro de cada um, embora não tenham consciência dele. Espero que este livro sirva para libertar o eu intuitivo profundo que existe dentro de cada um de meus leitores, trazendo para a vanguarda de sua consciência as percepções ou *insights* particulares que lhes forem mais úteis.

Estou iniciando este livro no fim do mês de janeiro, no ano de 1970 de seu tempo. Ruburt é uma mulher magra, morena, vivaz, que se senta em uma cadeira de balanço e diz estas palavras em meu lugar.

(*Pausa longa às 21h35.*) Minha consciência está bem focalizada no corpo de Ruburt. A noite está fria. Esta é nossa primeira experiência escrevendo, em transe, um livro completo, e Ruburt estava um pouco nervoso antes do início da sessão. Não é simplesmente uma questão de ter esta mulher falando em meu lugar. Muitas adaptações são necessárias, além de ajustes psicológicos. Estabelecemos o que chamo de ponte psicológica entre nós – isto é, entre Ruburt e eu.

Eu não falo através de Ruburt como alguém o faria por um telefone. Há uma extensão psicológica, uma projeção de características de ambas as partes, e é isso que uso para nossa comunicação. Mais tarde, explicarei como esta estrutura psicológica é criada e mantida, pois ela é como uma estrada que precisamos conservar limpa, sem entulhos. Lendo este livro, vocês estariam em uma situação muito melhor se perguntassem a si mesmos quem vocês são, em vez de perguntarem quem eu sou, pois não podem compreender o que sou a menos que compreendam a natureza da personalidade e as características da consciência.

Caso acreditem firmemente que sua consciência está trancada a sete chaves em algum lugar de sua cabeça e não tem possibilidade de escapar; caso sintam que sua consciência termina nos contornos de seu corpo, estão enganando a si mesmos e vão pensar que eu sou uma ilusão. Eu sou uma ilusão tanto quanto vocês o são.

Posso afirmar honestamente a cada um de meus leitores (*sorriso*): Sou mais velho que vocês, pelo menos em termos de idade segundo sua compreensão.

Se a idade qualifica um escritor, conferindo-lhe algum tipo de autoridade, então devo receber uma medalha. Eu sou a essência de uma personalidade energética que já não está focalizada na matéria física. Sendo assim, tenho consciência de algumas verdades que muitos de vocês parecem ter esquecido.

Espero fazer com que se lembrem delas. Não me dirijo tanto à parte de vocês que consideram como sendo vocês, mas dirijo-me à parte de vocês que não conhecem, que, de certa forma, negaram e esqueceram. É essa parte de vocês que lê este livro, [*mesmo*] quando “vocês” o lêem.

Falo àqueles que acreditam em um deus, e àqueles que não acreditam, aos que acreditam que a ciência descobrirá todas as respostas quanto à natureza da realidade, e aos que não acreditam nisso. Espero dar-lhes pistas que lhes permitam estudar a natureza de sua realidade como nunca estudaram até agora.

Há várias coisas que desejo que entendam. Vocês não estão presos no tempo como uma mosca em uma garrafa fechada, cujas asas são, portanto, inúteis. Não podem confiar em seus sentidos físicos para obter

um quadro verdadeiro da realidade, pois eles são mentirosos encantadores, contando uma história tão fantástica que vocês acreditam nela sem questionar. Às vezes, vocês são mais espertos, mais criativos e muito mais informados quando estão sonhando do que quando estão acordados.

Estas afirmações podem parecer muito dúbias no momento, mas quando tivermos terminado, espero que vejam que são apenas declarações de fato.

O que eu vou dizer-lhes foi dito antes, através dos séculos, sendo transmitido outra vez sempre que era esquecido. Espero esclarecer muitos pontos que foram distorcidos através dos anos. E ofereço minha interpretação original de outros, pois nenhum conhecimento existe em um vácuo, e toda informação precisa ser interpretada e colorida pela personalidade que a possui e a transmite. Portanto, descrevo a realidade como eu a conheço, e minha experiência nas muitas camadas e dimensões.

Isto não quer dizer que não existam outras realidades. Eu era consciente já antes da formação de sua terra. Para escrever este livro – e na maior parte de minhas comunicações com Ruburt – fui buscar, em meu próprio banco de personalidades passadas, as características que me parecem adequadas. Existem muitos como eu: personalidades não focalizados na matéria física nem no tempo. Nossa existência parece-lhes estranha apenas porque vocês não percebem os verdadeiros potenciais da personalidade e estão hipnotizados por seus próprios conceitos limitados.

(Pausa, depois com humor): Podem fazer um intervalo.

(“Obrigado.”)

(22h18. Jane saiu do transe com muita facilidade, embora o transe tenha sido bom. Ficou surpresa ao ver que tanto tempo havia passado. Sentiu-se também muito aliviada por Seth ter iniciado o livro enquanto a mantinha em transe profundo. “Oh, ele é esperto,” ela riu, “Alguém aí é muito danado.”

(Seth reiniciou o livro às 22h34.)

Eu sou principalmente um professor, mas não tenho sido um homem de letras no sentido literal do termo. Sou principalmente uma personalidade trazendo uma mensagem: Vocês criam o mundo que conhecem. Talvez tenham recebido o dom mais impressionante de todos: a habilidade de projetar seus pensamentos externamente, na forma física.

O dom traz uma responsabilidade, e muitos de vocês são tentados a congratular-se pelos sucessos de sua vida, e a culpar Deus, o destino e a sociedade por seus fracassos. Da mesma forma, a humanidade tem a tendência de projetar sua própria culpa e seus próprios erros sobre a imagem de um deus-pai que, parece-me, deve ficar exausto com tantas queixas.

O fato é que cada um de vocês cria sua própria realidade física; e, coletivamente, criam tanto as glórias quanto os terrores que existem dentro de sua experiência terrena. Até compreenderem que vocês são os criadores, recusar-se-ão a aceitar esta responsabilidade. Também não podem culpar um demônio pelos infortúnios do mundo. Vocês se tornaram suficientemente sofisticados para compreender que o Demônio é uma projeção de sua própria psique, mas não se tornaram suficientemente sábios para aprender como usar sua criatividade de maneira construtiva.

Muitos de vocês já experimentaram rigidez muscular por excesso de exercícios físicos. Como raça, vocês desenvolveram uma rigidez espiritual do ego, negando as porções intuitivas do eu ou distorcendo-as para além de qualquer reconhecimento.

(Pausa às 22h45.) Está ficando tarde. Meus dois amigos precisam levantar cedo amanhã. Ruburt está trabalhando em dois livros seus e precisa de suas horas de sono. Antes de terminar esta sessão, devo pedir-lhes que imaginem o cenário de nosso trabalho, pois Ruburt me disse que um escritor precisa ter o cuidado de estabelecer seu cenário. *(Com bom humor.)*

Eu falo através de Ruburt duas vezes por semana, às Segundas e Quartas, na mesma sala grande *(de visitas)*. As luzes estão sempre acesas. Esta noite me é agradável olhar através dos olhos de Ruburt para a esquina invernal que aparece além.

A realidade física sempre me estimulou, e através da cooperação de Ruburt e escrevendo este livro, vejo que eu estava certo em apreciar seus inigualáveis encantos. Há um outro personagem que deve ser mencionado aqui: Willy, o gato, um monstro querido que agora está dormindo.

(Willy dormia – roncava, na verdade – em cima de nosso velho aparelho de TV. A posição dele colocava-o bem atrás da cabeça de Jane que estava em sua cadeira de balanço.)

A natureza da consciência animal é, em si mesma, um assunto muito interessante que consideraremos mais tarde. O gato está ciente de minha presença, e várias vezes reagiu a ela de modo visível. No livro, espero mostrar as interações constantes que ocorrem entre todas as unidades de consciência, a comunicação que salta para além das barreiras das espécies; e em algumas de nossas discussões, usaremos Willy para demonstrar certos pontos.

Vocês podem fazer um intervalo ou terminar a sessão, como preferirem.

(“Está bem, então acho que vamos terminar.”)

Saudações calorosas aos dois.

(“É muito interessante.”)

(Pausa e sorriso.) Espero que esteja gostando.

(“Boa-noite, Seth.”)

(23h. Jane saiu tranqüilamente do transe. Seu ritmo fora bom durante toda a sessão. Ela disse estar contente por Seth ter iniciado o livro. “Durante muito tempo, no passado,” disse ela, “sempre que pensava que Seth desejava começar o livro, ficava com medo de deixá-lo fazer isso.”)

(Jane estava agora pensando em ler o livro à medida que Seth o produzisse, mas o fato interessante é que, na verdade, ela só viu o texto depois de terminado. Decidimos que não era importante lê-lo ou não, e assim ela só vai ver este material quando eu terminar de datilografá-lo.)

SESSÃO 512, 17 DE JANEIRO DE 1970,

21H02, TERÇA-FEIRA

(A sessão programada regularmente para a noite de Segunda-feira foi adiada para esta noite.

(O ritmo de Jane foi lento, com muitas pausas longas. Algumas estão indicadas no material. A voz dela era mediana e os olhos ficaram abertos quase o tempo todo.)

Boa-noite.

(*“Boa-noite, Seth.”*)

Agora: voltemos a nosso novo manuscrito.

Como mencionamos os animais, vamos dizer aqui que eles possuem um tipo de consciência que não lhes permite todas as liberdades que vocês têm. Ao mesmo tempo, entretanto, não são impedidos de usá-las por certas características que em geral prejudicam o potencial prático da consciência humana.

Consciência é uma forma de perceber as várias dimensões da realidade. A consciência (como vocês a conhecem) é altamente especializada. Os sentidos físicos permitem-lhes perceber o mundo tridimensional, mas, por sua própria natureza, podem inibir a percepção de outras dimensões igualmente válidas. A maioria de vocês se identifica com seu eu diário, fisicamente orientado. Vocês não pensariam em se identificar com uma porção de seu corpo, ignorando todas as *outras*, e, contudo, estão fazendo a mesma coisa (*sorriso*) quando imaginam que o eu egotista carrega o peso de sua identidade.

Estou lhes dizendo que vocês não são um saco cósmico de ossos e carne, reunidos através de alguma mistura de elementos e substâncias químicas. Estou dizendo que sua consciência não é um produto inflamável, formado de modo acidental pela combinação de componentes químicos.

Vocês não são ramos desamparados de matéria física, nem sua consciência está destinada a desaparecer como uma baforada de fumaça. Pelo contrário: vocês formam o corpo físico que conhecem em um nível profundamente inconsciente, com grande discernimento, milagrosa clareza e inconsciente conhecimento íntimo de cada minúscula célula que o compõe. Não digo isto simbolicamente.

Ora, já que sua mente consciente (como vocês pensam nela) não está a par dessas atividades, vocês não se identificam com esta porção interior de si mesmos. Preferem identificar-se com a parte que assiste à televisão ou cozinha ou trabalha – a parte que vocês pensam saber o que está fazendo. Mas esta parte aparentemente inconsciente de vocês é muito mais sabedora, e toda a sua existência física depende de seu funcionamento regular.

Essa porção *é* consciente, atenta, alerta. São vocês, tão focalizados na realidade física, que não dão ouvidos à sua voz, que não compreendem que ela é a grande força psicológica que dá origem a seu eu fisicamente orientado.

Eu chamo este inconsciente aparente de “ego interior,” pois dirige atividades interiores e correlaciona informações que não são percebidas através dos sentidos físicos, mas de outros canais interiores. É o observador interno da realidade que existe além da tridimensionalidade. Ele carrega dentro de si a memória de cada uma de suas existências passadas. Observa as dimensões subjetivas que são literalmente infinitas, sendo que dessas dimensões subjetivas fluem todas as realidades objetivas. (*Longa pausa.*)

Todas as informações necessárias lhes são dadas através desses canais internos, e atividades internas inacreditáveis ocorrem antes que vocês possam levantar um dedo, piscar os olhos ou ler esta frase. Esta parte de sua identidade é inerentemente clarividente e telepática, de modo que vocês são avisados de desastres antes que eles ocorram, aceitem ou não a mensagem conscientemente, e todas as comunicações ocorrem muito antes de qualquer palavra ser pronunciada.

(*Tranqüilamente*): Talvez eu faça uma pausa de vez em quando para lhe dar a oportunidade de descansar.

(*“Eu estou bem.”*)

O “ego exterior” e o ego interior atuam juntos, um para permitir-lhes ter controle no mundo que vocês conhecem, o outro para trazer-lhes aquelas delicadas percepções interiores, sem as quais a existência física não seria mantida.

Há, entretanto, uma parte de vocês, a identidade mais profunda que forma tanto o ego interno como o ego externo, que decidiu que vocês seriam um ser físico neste lugar e neste tempo. *Esse* é o centro de sua identidade, a semente psíquica que lhes deu origem, a personalidade multidimensional da qual vocês fazem parte.

Os leitores que desejam saber onde eu coloco o subconsciente (como os psicólogos pensam nele), devem imaginá-lo como um lugar de reunião, por assim dizer, dos egos interno e externo. É preciso que vocês entendam, entretanto, que não há divisões reais no eu, e falamos de várias porções apenas para tornar clara a idéia básica.

Como estamos nos dirigindo a indivíduos que se identificam com o “eu normalmente consciente,” menciono estes assuntos já no primeiro capítulo, pois vou usar os termos em outras partes deste livro e desejo estabelecer o fato da personalidade multidimensional o mais cedo possível.

Vocês não podem compreender a si mesmos e não podem aceitar minha existência independente, até que se livrem da idéia de que a personalidade é um atributo de consciência do “aqui e agora.” Bem, algumas coisas que eu possa dizer neste livro a respeito da realidade física talvez os surpreendam, mas lembrem-se de que eu as vejo de um ponto de vista totalmente diferente.

(*Jane fazia pausas freqüentes ao falar por Seth. Seus olhos estavam quase sempre fechados.*) Vocês estão, no momento, completamente focalizados nessa realidade física, imaginando talvez o que mais poderá haver fora, se é que há alguma coisa. Eu estou fora, voltando a todo momento para uma dimensão que conheço e amei. Não sou, entretanto, o que vocês chamariam de residente. Embora eu possua um “passaporte” psíquico, ainda existem alguns problemas de tradução, inconveniências de entrada, que eu preciso enfrentar.

Muita gente, eu soube, vive há muitos anos em Nova York e nunca visitou o prédio do Empire State, enquanto que muitos estrangeiros o conhecem bem. E assim, embora vocês tenham um endereço físico, eu sou capaz de apontar algumas estruturas muito estranhas e milagrosamente psíquicas e psicológicas dentro de seu próprio sistema de realidade, que são ignoradas por vocês.

Espero, francamente, fazer muito mais que isso. Espero levá-los em uma excursão pelos níveis de realidade que estão à sua disposição, e guiá-los em uma viagem através das dimensões de sua própria estrutura psicológica – para abrir áreas inteiras de sua própria consciência, das quais vocês são relativamente inconscientes. Espero, portanto, não apenas explicar os aspectos multidimensionais da personalidade, mas dar aos leitores um vislumbre dessa identidade maior que vocês possuem.

(*Tranqüilamente*): Podem fazer um intervalo.

(22h07. *Jane saiu fácil e rapidamente do transe. Ela não tinha idéia, disse, de seu ritmo, rápido ou lento, ou da própria passagem do tempo. Afirmou ter a impressão de que o material de Seth era muito*

condensado e direto, visando o leitor; que ele estava tentando transmiti-lo de uma forma tão clara e concisa quanto possível.

(Jane agora me contou que se sentira muito cansada antes da sessão. Ela prosseguiu no mesmo ritmo às 22h29.)

O eu que vocês conhecem não passa de um fragmento de sua identidade total. Esses eus-fragmentos não estão encadeados, contudo, como as contas de um colar. Eles são mais como as cascas de uma cebola, os gomos de uma laranja, ligados pela mesma vitalidade e desenvolvendo-se em várias realidades que nascem, entretanto, da mesma fonte.

Não estou comparando a personalidade a uma laranja nem a uma cebola, mas desejo salientar que como elas brotam de dentro para fora, o mesmo acontece com cada fragmento do eu total. Vocês observam o aspecto exterior dos objetos. Os sentidos físicos permitem-lhes perceber as formas externas às quais, então, vocês reagem, mas seus sentidos físicos, até certo ponto, forçam-nos a perceber a realidade desta maneira; a vitalidade interior da matéria e da forma, contudo, não é tão aparente.

Posso dizer-lhes, por exemplo, que existe consciência mesmo dentro de um prego, mas poucos de meus leitores me levarão suficientemente a sério para parar no meio da frase e dar bom-dia ou boa-noite ao primeiro prego que encontrarem enfiado em um pedaço de madeira.

Não obstante, os átomos e as moléculas do prego possuem seu próprio tipo de consciência. Os átomos e as moléculas que formam as páginas deste livro são também, dentro de seu próprio nível, conscientes. Nada existe – nem pedras, nem minerais, nem plantas, nem animais nem o ar – que não seja cheio de consciência de seu próprio tipo. Assim, vocês se encontram no meio de uma comoção vital constante, uma gestalt de energia consciente, e vocês mesmos são compostos de células conscientes que carregam dentro de si a percepção de sua própria identidade, que cooperam espontaneamente para formar a estrutura corpórea que é seu corpo físico.

Estou dizendo, naturalmente, que não existe matéria morta. Não existe um objeto que não tenha sido formado pela consciência, e cada consciência, independentemente de seu grau, rejubila-se na sensação e na criatividade. Vocês não podem compreender o que são, a menos que compreendam estes pontos.

Por uma questão de conveniência, vocês fecham as inúmeras comunicações internas entre as partes minúsculas de sua carne, mas mesmo como criaturas físicas, são, de certa forma, uma porção de outras consciências. Não há limites para o eu. Não há limites para seus potenciais. *(Pausa.)* Vocês podem, entretanto, adotar limites artificiais devido à sua própria ignorância. Podem identificar-se, por exemplo, apenas com seu ego exterior, e ignorar as habilidades que fazem parte de vocês. Podem negar, mas não podem mudar os fatos. A personalidade é multidimensional, embora muita gente esconda a cabeça, figurativamente falando, na areia da existência tridimensional e finja que nada mais existe.

(Com humor): Neste livro, espero tirar algumas cabeças da areia. *(Pausa longa.)* Vocês podem fazer um intervalo ou terminar a sessão, como preferirem.

(“Vamos fazer um intervalo.” 22h50 - 23h10.)

Agora: Logo terminaremos nosso Primeiro Capítulo, pois não falta muito. *(Divertido):* Não estou falando do livro.

Não desejo subestimar o ego externo. É que vocês simplesmente o superestimam. Sua verdadeira natureza também não é reconhecida.

Vamos falar mais sobre este ponto, mas por agora é suficiente compreender que seu senso de identidade e continuidade não é dependente do ego.

Bem, às vezes usarei o termo “camuflagem” para referir-me ao mundo físico com o qual o ego externo se relaciona, pois a forma física é uma das camuflagens adotadas pela realidade. A camuflagem é real, e, contudo, existe uma realidade muito maior dentro dela: a vitalidade que lhe deu forma. Seus sentidos físicos, então, lhes permitem perceber esta camuflagem, pois estão sintonizados com ela de um modo muito específico. Para perceber a realidade dentro da forma, porém, é preciso um tipo diferente de atenção, além de manipulações mais delicadas do que as fornecidas pelos sentidos físicos.

O ego é um deus ciumento, e deseja que seus interesses sejam atendidos. Ele não quer admitir a realidade de qualquer dimensão além daquelas dentro das quais se sente confortável e que pode compreender. Sua finalidade era ser uma ajuda, mas foi-lhe permitido tornar-se um tirano. Mesmo assim, é muito mais elástico e ansioso por aprender do que geralmente se supõe. Ele não é, originariamente, tão rígido quanto parece. Sua curiosidade pode ser muito valiosa.

Se vocês tiverem uma concepção limitada da natureza da realidade, seu ego fará o que puder para mantê-los na pequena área fechada da realidade que aceitaram. Se, por outro lado, sua intuição e seus instintos criativos tiverem liberdade, comunicarão algum conhecimento, de dimensões maiores, a essa parte de sua personalidade que é orientada fisicamente.

(23h35. A sessão foi interrompida porque Rooney, um de nossos dois gatos, queria sair. Seth estava indo bem. Jane saiu rapidamente do transe. Depois que soltei o gato, ela esperou um pouco e então decidiu dar por terminada a sessão antes que Seth voltasse. Parece que o Primeiro Capítulo ainda não está terminado.)

SESSÃO 513, 5 DE FEVEREIRO DE 1970,

21H10, QUINTA-FEIRA

(Esta sessão deveria ter sido realizada ontem, mas Jane queria tentar fazê-la em uma quinta-feira para variar. Antes da sessão, ela disse: “Ainda me apavoro quando penso que Seth está fazendo este livro sozinho.” E quando a sessão começou, Seth imediatamente reiniciou o trabalho de “seu” livro.)

Boa-noite.

(“Boa-noite, Seth.”)

Agora: Vamos continuar.

Este livro é prova de que o ego não possui o total da personalidade, pois não há dúvidas de que o livro está sendo produzido por uma personalidade diferente da personalidade da escritora Jane Roberts. Uma vez que Jane Roberts não possui habilidades que não sejam inerentes na raça como um todo, o mínimo que se tem a fazer é admitir que a personalidade humana tem muitos atributos mais do que geralmente lhe são imputados. Espero explicar quais são essas habilidades e mostrar os meios que cada indivíduo pode usar para liberar esses potenciais.

A personalidade é uma *gestalt* de percepção sempre variável. É a parte da identidade que percebe. Não forço minhas visões à mulher através de quem estou falando, nem sua consciência é apagada durante nossas comunicações. Pelo contrário: há uma expansão de sua consciência e uma projeção de energia que é direcionada para longe da realidade tridimensional.

Esta concentração distante do sistema físico pode fazer parecer que a consciência dela esteja obscurecida. Em vez disso, mais lhe é acrescentado. Ora, de meu próprio campo de realidade, focalizo minha atenção na mulher, mas as palavras que ela pronuncia – as palavras destas páginas – no início não são absolutamente verbais.

Em primeiro lugar, a linguagem, como vocês a conhecem, é uma coisa lenta: Letra após letra, enfileiradas para formar uma palavra, e palavras enfileiradas para formar uma sentença, são resultado de um padrão de pensamento linear. A linguagem, como vocês a conhecem, é parcial e gramaticalmente o produto terminado das seqüências de seu tempo físico. Vocês podem apenas focalizar um número de coisas ao mesmo tempo, e a estrutura de sua linguagem não se presta à comunicação de experiências complexas e simultâneas.

Tenho consciência de um tipo diferente de experiência, que não é linear e pode focalizar e reagir a uma variedade infinita de eventos simultâneos. Ruburt não poderia expressá-los, e, portanto, eles devem ser nivelados linearmente para que possam ser comunicados. Esta habilidade para perceber e reagir a eventos ilimitados e simultâneos é característica básica de cada eu ou entidade total. Portanto, não afirmo ser uma proeza exclusivamente minha.

Cada leitor, estando atualmente oculto dentro de uma forma física, presumo eu (*com humor*), conhece apenas uma pequena porção de si mesmo – como mencionei anteriormente. A entidade é a identidade total, da qual sua personalidade é uma manifestação – uma porção independente e eternamente válida. Nestas comunicações, portanto, a consciência de Ruburt se expande, focalizando-se, contudo, em uma dimensão diferente, uma dimensão entre sua realidade e a minha, um campo relativamente livre de interrupções. Com sua permissão e assentimento, estampo sobre ele (Ruburt) certos conceitos. Esses conceitos não são neutros, no sentido de que todo conhecimento ou informação traz a estampa da personalidade que o contém ou transmite.

Ruburt disponibiliza seu conhecimento para nosso uso, e muito automaticamente, nós dois juntos causamos as várias palavras que serão ditas. Distrações podem ocorrer, pois qualquer informação pode ser distorcida. Estamos acostumados, entretanto, a trabalhar juntos agora, e as distorções são muito poucas.

Parte de minha energia também é projetada através de Ruburt, e sua energia e a minha ativam juntas a forma física dele durante nossas sessões, como também agora, enquanto transmito estas sentenças. Há muitas outras ramificações que discutirei mais tarde.

Podem fazer uma pausa.

(21h46 – 21h55.)

Não sou, portanto, um produto do subconsciente de Ruburt, como ele também não é um produto de minha mente subconsciente. Nem sou eu uma personalidade secundária, engenhosamente tentando minar um ego precário. Na verdade, faço com que todas as porções da personalidade de Ruburt sejam beneficiadas, e sua integridade mantida e honrada.

Existe dentro da personalidade dele uma flexibilidade um tanto peculiar, que torna possíveis nossas comunicações. Tentarei explicar isto da maneira mais simples possível: existe, dentro de sua psique, o que podemos considerar uma teia dimensional transparente, que serve quase que como uma janela aberta; através dessa janela – uma abertura multidimensional que, de alguma forma, escapou de ser obscurecida pela sombra do foco físico – outras realidades podem ser percebidas.

Os sentidos físicos geralmente cegam vocês para esses canais abertos, pois eles percebem a realidade apenas à sua própria imagem. Até certo ponto, então, eu entro na sua realidade através de uma teia psicológica no seu espaço e tempo. De certa forma, esse canal aberto serve como caminho entre a personalidade de Ruburt e a minha, tornando a comunicação possível. Essas teias psicológicas e psíquicas entre dimensões de existência não são infrequentes. Elas apenas são infrequentemente reconhecidas como tais, e utilizadas ainda menos.

(Pausa longa, uma de muitas. De um modo geral, entretanto, o ritmo de Jane foi mais rápido e mais confiante do que nas duas primeiras sessões para ditado do livro de Seth. Ela também gostou do que Seth havia feito em seu livro até agora.)

Tentarei dar-lhes uma idéia de minha própria existência não-física. Que isso sirva para lembrar-lhes de que sua própria identidade básica é tão não-física como a minha.

Este é o final do Capítulo Um.

(“Está bem.”)

Meu Ambiente, Meu Trabalho e Minhas
Atividades Pessoais

(Era 22h16. Jane fez uma pausa, esfregando os olhos fechados.)

Vamos iniciar o Capítulo Dois.

Embora meu ambiente difira em aspectos importantes (*com humor*) do de meus leitores, posso assegurar-lhes, usando termos bem suaves, que é tão vívido, variado e vital quanto a existência física. É mais agradável – embora minha idéia de agradável tenha mudado muito desde a época em que eu era um ser físico – sendo mais gratificante e oferecendo oportunidades de realizações criativas muito maiores.

Minha existência atual é a mais desafiadora que já conheci, e conheci muitas, tanto físicas como não-físicas. Não existe apenas uma dimensão abrigando a consciência não-física, assim como não existe apenas um país em seu planeta nem apenas um planeta em seu sistema solar.

As condições em que me encontro agora não são as mesmas em que irão encontrar-se imediatamente após a morte. Não posso deixar de usar um certo humor, mas vocês precisarão morrer várias vezes para poderem entrar neste plano particular de existência. (O nascimento é um choque muito maior do que a morte. Às vezes, vocês não percebem quando morrem, mas o nascimento quase sempre implica em um reconhecimento rápido e súbito. Portanto, não há necessidade de temer a morte. E eu, que morri mais vezes do que desejo revelar, escrevo este livro para dizer-lhes isso.)

Meu trabalho, neste contexto, tem muito mais desafios do que vocês imaginariam, exigindo também a manipulação de materiais criativos que estão praticamente fora de sua compreensão atual. Logo falarei mais sobre isso. Primeiramente, é preciso que vocês entendam que não existe nenhuma realidade objetiva além daquela que é criada pela consciência. A consciência sempre cria forma, e não o contrário. Assim, meu ambiente ou contexto é uma realidade de existência criada por mim mesmo e outros como eu.

Nós não usamos estruturas permanentes. Não existe cidade, por exemplo, onde eu moro. Não quero dizer que estamos no espaço vazio. Na verdade, não pensamos em espaço do mesmo modo que vocês, e formamos as imagens particulares que desejamos ter a nosso redor.

Elas são criadas por nossos padrões mentais, da mesma forma que sua realidade física é criada como réplica perfeita de seus desejos e pensamentos interiores. Vocês acham que os objetos existem independentemente de vocês, sem perceber que eles são, ao contrário, manifestações de seus eus psicológicos e psíquicos. Nós compreendemos que formamos nossa própria realidade e, portanto, fazemos isso com grande alegria e dando asas à nossa criatividade. Em meu meio, vocês ficariam muito desorientados, pois lhes pareceria haver falta de coerência.

Temos, contudo, consciência das leis interiores que governam todas as “materializações.” Posso ter a noite ou o dia (em seus termos), como eu preferir – ou qualquer período, digamos, de sua história. Essa

variação de formas de modo algum preocuparia meus companheiros, pois eles as considerariam como indícios imediatos de minha disposição, sentimentos e idéias.

(Enquanto transmitia este parágrafo, Jane foi até à cozinha em busca de uma caixa de fósforos, pois queria acender um cigarro.)

Basicamente, a permanência e a estabilidade nada têm a ver com a forma, mas sim com a integração de prazer, propósito, realização e identidade. Eu “viajo” para muitos outros níveis de existência a fim de cumprir meus deveres, que são especialmente os de um professor e educador, e uso todos os auxílios e técnicas desses sistemas que possam melhor me servir de ajuda.

Em outras palavras, posso ensinar a mesma lição de muitas maneiras diferentes, dependendo das habilidades e hipóteses inerentes aos sistemas em que devo atuar. Nessas comunicações, como neste livro, uso uma parte de mim mesmo tirada das muitas personalidades que estão à disposição de minha identidade. Em outros sistemas de realidade, esta personalidade particular de Seth que eu, a identidade maior de Seth, adoto aqui, não seria compreendida.

Nem todos os sistemas de realidade são fisicamente orientados, e alguns desconhecem totalmente a forma física. Tampouco o sexo (como vocês o compreendem) é natural para eles. Não me comunicaria, portanto, como uma personalidade masculina que viveu muitas existências físicas, embora essa seja uma porção legítima e válida de minha identidade.

Seus dedos estão cansados?

(“Não, eu estou bem.” 22h54.)

Agora: Em meu lar atual, assumo a forma que desejar, e ela pode variar com a natureza de meus pensamentos. Vocês, contudo, formam sua própria imagem física em um nível inconsciente, mais ou menos do mesmo jeito, mas com algumas diferenças importantes. Em geral não percebem que seu corpo físico é criado por vocês a cada momento, como resultado direto da concepção interior que vocês têm daquilo que são, nem que ele muda, química e eletromagneticamente, com o movimento constante de seus próprios pensamentos.

Tendo reconhecido há muito tempo que a forma é dependente da consciência, nós simplesmente conseguimos mudar totalmente nossas formas, de modo que elas seguem mais fielmente cada nuance de nossa experiência interior.

Vocês podem fazer um intervalo ou terminar a sessão, como preferirem.

(“Vamos fazer um intervalo.”)

(23h. O transe de Jane fora bom, embora tenha parecido que ela saiu dele rapidamente. Ela disse que teve consciência de cada palavra que transmitira durante a sessão, mas que as esquecera quase que imediatamente. Às 23h05, entretanto, percebeu que, afinal, realmente não “saira dele completamente” no intervalo. Reiniciamos às 23h07.)

Agora: Esta habilidade de mudar de forma é uma característica inerente em qualquer consciência. Varia apenas o grau de eficiência e realização. Vocês podem ver isso em seu próprio sistema, em uma versão mais lenta, quando observam as várias formas tomadas pela matéria viva através de sua história “evolutiva.”

Ora, podemos também tomar diversas formas em um só momento, por assim dizer, mas vocês também podem fazê-lo, embora em geral não o imaginem. Sua forma física pode estar dormindo e inerte em sua cama, enquanto sua consciência viaja na forma de sonho para lugares muito distantes. Simultaneamente, podem criar uma “forma-pensamento” de vocês mesmos, idêntica em todos os aspectos, e ela pode aparecer no quarto de um amigo, sem seu conhecimento consciente. Portanto, a consciência não é limitada quanto às formas que pode criar em qualquer momento determinado.

Falando de modo prático, somos mais avançados do que vocês neste aspecto, e quando criamos essas formas, nós o fazemos com uma percepção total. Eu partilho meu campo de existência com outros que têm, mais ou menos, os mesmos desafios a enfrentar, os mesmos padrões gerais de desenvolvimento. Alguns eu conheci e outros, não. Comunicamo-nos telepaticamente, mas torno a dizer que, entretanto, a telepatia é a base de seus idiomas, sem a qual seu simbolismo não teria sentido.

O fato de nos comunicarmos desta forma não significa, necessariamente, que usamos palavras mentais, pois não é assim. Comunicamo-nos através do que posso chamar apenas de imagens térmicas e eletromagnéticas, que são capazes de conter muito mais significado em uma “seqüência.” A intensidade da comunicação depende da intensidade emocional que está por trás dela, embora a frase “intensidade emocional” possa dar uma idéia errada.

Nós sentimos o equivalente ao que vocês chamam de emoções, embora não seja o amor, ódio ou raiva que vocês conhecem. Os sentimentos de vocês podem melhor ser descritos como materializações tridimensionais de experiências e eventos psicológicos muito maiores, relacionados aos “sentidos interiores.”

Explicarei esses sentidos interiores mais tarde, ao final do capítulo. Agora é suficiente dizer que temos experiências emocionais muito fortes, embora sejam bem diferentes das suas. Elas são menos limitadas e mais expansíveis, já que também temos consciência do “clima” emocional como um todo e respondemos a ele. Somos muito mais livres para sentir e experienciar, porque não temos tanto medo de sermos arrebatados pelos sentimentos.

Nossas identidades não se sentem ameaçadas, por exemplo, pelas fortes emoções de outra. Somos capazes de viajar *através* das emoções de uma forma que agora não é natural para vocês, e de traduzi-las em outras facetas de criatividade, diferentes daquelas com que estão familiarizados. Não sentimos necessidade de esconder emoções, pois sabemos que isso é basicamente impossível e indesejável. Dentro de seu sistema, elas podem parecer incômodas porque vocês ainda não aprenderam como usá-las. Nós estamos apenas agora aprendendo seu pleno potencial e o poder de criatividade ligado a elas.

Vamos terminar nossa sessão.

(“Está bem.”)

Minhas calorosas saudações a ambos, e uma boa noite.

(“Boa noite, Seth. Foi muito bom.”)

(Ainda como Seth, Jane curvou-se para frente com bom-humor): Você é o primeiro a lê-lo.

(“Sim. É um prazer.”)

(23h37. Jane estivera realmente fora, disse mais tarde. Ela sabia apenas que Seth falara sobre emoções.)

SESSÃO 514, 9 DE FEVEREIRO DE 1970,
21H35, SEGUNDA-FEIRA

(Esta sessão foi testemunhada por Carl e Sue Watkins e seu filho pequeno, Sean. Carl e Sue são alunos do curso de ESP de Jane.)

Boa-noite.

(“Boa-noite, Seth.”)

Boa-noite a nossos amigos. Vocês vieram para ver um autor trabalhando e, assim, se tiverem paciência comigo, vamos continuar com o Capítulo Dois.

Agora: Compreendendo que nossa identidade não é dependente da forma, naturalmente não temos medo de mudá-la, pois sabemos que nos é possível adotar qualquer forma que desejarmos.

Nós não conhecemos a morte (em seus termos). Nossa existência nos leva a muitos outros ambientes e contextos, e nós nos fundimos (*gesto*) com eles. Seguimos as regras da forma existentes nessas ambiências. Todos nós aqui somos professores e, portanto, também adaptamos nossos métodos a fim de que eles façam sentido para personalidades que têm idéias da realidade diferentes das nossas.

A consciência não é dependente da forma, como eu disse, e, contudo, sempre busca criar a forma. Nós não existimos em qualquer estrutura de tempo como vocês o conhecem. Minutos, horas ou anos perderam tanto seu significado como sua fascinação. Estamos cômnicos da situação do tempo dentro de outros sistemas, contudo, e devemos considerá-lo em nossas comunicações. De outra forma, o que dissermos não será entendido.

Não existem barreiras reais separando os sistemas do quais estou falando. A única separação é causada pelas variadas habilidades das personalidades para perceber e manipular. Vocês existem no meio de muitos outros sistemas de realidade, por exemplo, mas não os percebem. E mesmo quando algum evento de outro sistema se introduz em sua existência tridimensional, vocês não são capazes de interpretá-lo, pois ele é distorcido no próprio processo de entrada.

Eu disse que nós não experimentamos sua sequência de tempo. Nós nos movimentamos através de várias intensidades, e nosso trabalho, desenvolvimento e experiência ocorrem todos dentro do que chamo de “ponto do momento.” Aqui, dentro do ponto do momento, o menor pensamento é levado à realização, a menor possibilidade é explorada, as probabilidades são inteiramente examinadas, o menor sentimento ou o mais vigoroso, levados em consideração. É difícil explicar isto com clareza; contudo, o ponto do momento é a estrutura dentro da qual temos nossa experiência psicológica. Dentro dele, ações simultâneas se completam livremente em padrões associativos. Por exemplo: vamos dizer que eu pense em você, Joseph. Ao fazer isso, imediatamente experiencio, de maneira total, seu passado, presente e futuro (em seus termos) e todas as fortes ou determinantes emoções e motivações que o controlam. Posso viajar através dessas experiências com você, se o desejar. Podemos, por exemplo, seguir uma consciência através de todas as suas formas, em um piscar de olhos (em seus termos).

Agora, é preciso estudo, desenvolvimento e experiência para que uma identidade possa aprender a manter sua própria estabilidade diante desses estímulos constantes; e muitos de nós nos perdemos,

esquecendo mesmo quem éramos, até despertarmos mais uma vez para nós mesmos. Grande parte disso é muito automática para nós agora. Em meio às infinitas variedades de consciência, ainda estamos cientes de uma pequena porcentagem de todos os bancos de personalidade que existem. Em nossas “férias,” visitamos formas de vida muito simples, fundindo-nos com elas.

Neste sentido, nós nos entregamos ao relaxamento e ao sono, porque podemos passar um século como uma árvore ou como uma forma de vida muito simples, em outra realidade. Deliciamos nossa consciência com a alegria da existência simples. Podemos criar, vejam vocês, a floresta na qual crescemos. Geralmente, contudo, somos muito ativos, focalizando todas as nossas energias no trabalho e em novos desafios.

Sempre que o desejarmos, poderemos formar outras personalidades a partir de nós mesmos, de nossa própria totalidade psicológica. Elas, entretanto, precisam então se desenvolver de acordo com seu próprio mérito, usando as habilidades criativas que lhes são inerentes. Essas personalidades são livres para seguir seu próprio caminho. Não fazemos isso levianamente, entretanto.

Agora podemos ter um intervalo e depois continuaremos.

(22h02. O transe de Jane fora profundo. Ela disse que estava exausta antes da sessão. Havíamos passado a tarde mudando a posição dos móveis. Nada, entretanto, parecia perturbar Seth esta noite depois que ele começava. Nem mesmo Sean mamando. Reiniciamos no mesmo ritmo rápido às 22h20.)

Agora: Cada leitor é uma porção de sua própria entidade e está se desenvolvendo rumo ao mesmo tipo de existência que eu conheço. Na infância e durante os sonhos, essa personalidade está a par, até certo ponto, da verdadeira liberdade que pertence à sua consciência interior. Essas habilidades das quais falo, entretanto, são características de consciência inerentes, como um todo, em todas as personalidades.

Meu ambiente ou meio, como lhes disse, muda constantemente, mas isso também acontece com o seu. Nesses momentos, vocês afastam, racionalizando, percepções intuitivas muito legítimas. Por exemplo: se uma sala de repente lhes parece pequena e apertada, vocês acham que esta mudança de dimensão é fruto da imaginação, e que a sala não mudou, apesar daquilo que sentem.

O fato é que a sala terá mudado de uma forma muito definida e em aspectos muito importantes, embora as dimensões físicas ainda tenham as mesmas medidas. Todo impacto psicológico da sala terá sido alterado. Seu efeito será sentido por outros além de você. Ela atrairá certos tipos de eventos mais do que outros, e alterará sua própria estrutura psicológica e rendimento hormonal. Você reagirá ao estado alterado da sala até em formas muito físicas, embora sua largura ou comprimento, em centímetros ou metros, possa parecer não variar.

Eu disse a meu bom amigo Joseph que sublinhasse a palavra “parecer,” porque seus instrumentos não mostrariam qualquer alteração física – uma vez que os instrumentos, dentro da sala, já se teriam alterado no mesmo nível.

Vocês estão constantemente mudando a forma, o aspecto, o contorno e o significado de seu corpo físico e contexto mais íntimo, embora façam o melhor que podem para ignorar essas alterações constantes. Nós, por outro lado, deixamos as rédeas soltas, sabendo que somos motivados por uma estabilidade interna

que pode muito bem permitir espontaneidade e criação, e percebendo que a identidade espiritual e a psicológica dependem de mudanças criativas.

Nosso ambiente, portanto, é composto de desequilíbrios requintados, onde a mudança tem total liberdade. Sua própria estrutura de tempo os ilude, levando-os à idéia da permanência relativa da matéria física, e vocês fecham os olhos para as alterações constantes que acontecem dentro dela. Seus sentidos físicos limitam-nos, da melhor forma possível, à percepção de uma realidade altamente formalizada. Somente pelo uso das intuições e dos sonhos podem vocês, de um modo geral, perceber a natureza jovialmente variável de sua própria consciência ou de qualquer outra.

Um de meus deveres é esclarecê-los sobre essas questões. Precisamos usar conceitos que, pelo menos, lhes sejam relativamente familiares. Ao fazer isso, nós usamos, portanto, porções de suas próprias personalidades, com as quais vocês podem, até certo ponto, relacionar-se.

Não há limite para nosso ambiente ou meio. Em seus termos, não haveria falta de espaço nem de tempo no qual atuar. Ora, isto poria uma tremenda pressão sobre qualquer consciência sem conhecimento e desenvolvimento adequados. Nós não temos um universo simples e acolhedor no qual nos escondermos. Ainda estamos alertas para outros sistemas de realidade muito hostis que lampejam nos limites da consciência como nós a conhecemos. Há um número muito maior de espécies de consciência do que há formas físicas, cada uma com seus próprios padrões de percepção, habitando dentro de seu próprio sistema de camuflagem. Contudo, todas elas têm conhecimento interno da realidade que existe dentro de toda camuflagem e que compõe qualquer realidade, seja qual for o nome que lhe dermos.

Agora podem fazer um intervalo.

(22h44 – 22h56.)

Ora, muitas dessas liberdades são bem naturais para vocês durante os sonhos, e vocês formam muitos ambientes de sonhos para exercitar esses potenciais. Mais tarde farei alguns comentários sobre como aprender a reconhecer suas próprias proezas e compará-las com sua eficiência na vida física diária.

Vocês podem aprender a mudar seu ambiente físico, entretanto, aprendendo a mudar e manipular seu ambiente onírico. Podem também sugerir sonhos específicos apresentando uma mudança desejada, e em certas condições, a mudança aparecerá em sua realidade física. Ora, muitas vezes vocês fazem isso sem perceber.

A consciência global adota várias formas. Ela não precisa estar sempre dentro de uma forma. Nem todas as formas são físicas. Algumas personalidades, portanto, nunca foram físicas. Elas evoluíram ao longo de linhas diferentes, e suas estruturas psicológicas seriam estranhas às de vocês.

Até certo ponto, eu também me movimento através desses ambientes e contextos. A consciência, entretanto, precisa mostrar-se. Ela não pode deixar de ser. Ela não é física e, portanto, precisa mostrar sua ativação de outras maneiras. Em alguns sistemas, por exemplo, ela forma padrões matemáticos e musicais, altamente integrados, que são, eles próprios, estímulos para outros sistemas universais. Não estou muito familiarizado com eles, entretanto, e não posso falar sobre eles com familiaridade.

Se o meu ambiente ou meio não é estruturado permanentemente, então, como eu lhes disse, o seu também não é. Assim como tenho consciência de comunicar-me agora através de Ruburt, cada um de vocês,

de modos diferentes, comunica-se telepaticamente com e através de outras personalidades, embora tenham pouco conhecimento disso.

Agora vamos terminar nossa sessão. Eu cantaria uma canção de ninar – isto não é para o livro – para nosso amiguinho aqui. (*Sean Watkins, que estava mamando outra vez*). Mas não estou com voz para isso.

Minhas saudações a todos. Uma boa noite. (*Divertido e enfático*): E este é na verdade (um) primeiro e final esboço.

(*“Boa noite, Seth. Obrigado – foi muito interessante.”*)

(23h08. O último comentário de Seth fora em resposta a uma pergunta. Sue havia perguntado, no início da noite, quanta revisão o livro exigiria. A opinião de Jane, até agora, era que o livro não precisaria de revisão, exceto para arrumar alguma frase ocasional que soasse estranha, etc.)

SESSÃO 515, 22 DE FEVEREIRO DE 1970,

21h20, QUARTA-FEIRA

Boa noite.

(*“Boa noite, Seth.”*)

Voltaremos ao Capítulo Dois.

Agora: Os sentidos que vocês usam, de uma forma muito real, criam o ambiente que vocês percebem. Seus sentidos físicos necessitam da percepção de uma realidade tridimensional. A consciência é equipada com receptores internos, entretanto, inerentes em toda consciência, seja qual for seu desenvolvimento. Esses receptores atuam independentemente daqueles que podem ser assumidos quando uma determinada consciência adota uma forma especializada, como um corpo físico, a fim de atuar em um determinado sistema.

Cada leitor, portanto, tem sentidos internos e, até certo ponto, usa-os constantemente, embora não tenha consciência de fazê-lo em um nível egotista. Ora, nós usamos os sentidos interiores com muita liberdade e consciência. Se vocês o fizessem, perceberiam o mesmo tipo de ambiente em que tenho minha existência. Vocês veriam uma situação sem camuflagem, na qual os eventos e formas são livres e não estão emperrados em um molde gelatinoso de tempo. Vocês veriam, por exemplo, sua sala de visitas atual não apenas como um conglomerado de mobiliário aparentemente permanente, mas mudariam o foco e veriam a dança constante e imensa das moléculas e outras partículas que compõem os vários objetos.

Vocês poderiam ver um brilho fosforescente, a aura da “estrutura” eletromagnética que compõe as próprias moléculas. Poderiam, se o desejassem, condensar sua consciência até que ficasse suficientemente pequena para viajar por uma simples molécula, e do próprio mundo da molécula, olhar para fora e examinar o universo da sala e a gigantesca galáxia de formas estelares inter-relacionadas e em constante movimento. Ora, todas essas possibilidades representam uma realidade legítima. A sua não é mais legítima do que qualquer outra, mas é a única que vocês percebem.

Usando os sentidos internos, tornamo-nos criadores e co-criadores conscientes. Vocês, porém, são co-criadores inconscientes, saibam-no ou não. Se o seu meio lhes parece desestruturado, é apenas porque vocês não compreendem a verdadeira natureza da ordem, que nada tem a ver com forma permanente, mas apenas parece ter, de sua perspectiva.

Em meu meio, não existem quatro horas da tarde nem oito horas da noite. Com isso quero dizer que não estamos restritos a uma seqüência de tempo. Não há nada que me impeça de experienciar essas seqüências, se eu o desejar. Nós experienciamos o tempo, ou o que vocês chamariam de equivalente de sua natureza, em termos de intensidades de experiência: um tempo psicológico com seus próprios altos e baixos.

Isto é um tanto semelhante a seus próprios sentimentos emocionais quando o tempo parece acelerar ou ralentar, mas é muito diferente em pontos muito importantes. Nosso tempo psicológico poderia ser comparado, em termos de contexto, às paredes de uma sala, mas em nosso caso, as paredes mudariam constantemente de cor, tamanho, altura, profundidade e largura.

Nossas estruturas psicológicas são diferentes, falando de um modo prático, pois utilizamos conscientemente uma realidade psicológica multidimensional que vocês possuem inerentemente, mas com a qual não têm familiaridade em um nível egotista. É natural, portanto, que nosso ambiente ou meio tenha qualidades multidimensionais que os sentidos físicos jamais perceberiam.

Ora, ao ditar este livro, eu projeto uma porção de minha realidade para um nível não diferenciado entre sistemas, que está relativamente livre de camuflagens. É uma área inativa, comparativamente falando. Se vocês estivessem pensando em termos de realidade física, esta área poderia ser comparada a uma imediatamente acima da atmosfera de sua terra. Entretanto, estou falando de atmosferas psicológicas e psíquicas, e esta área é suficientemente distante do eu fisicamente orientado de Ruburt, de modo que as comunicações podem ser relativamente compreendidas.

É também distante, de certa forma, de meu próprio meio, pois em meu próprio ambiente eu teria algumas dificuldades para relacionar informações em termos fisicamente orientados. Vocês precisam entender que, por distância, não me refiro a espaço.

Podem fazer um intervalo.

(21h56. O transe de Jane fora bom, mas ela saiu dele quase que imediatamente. Reiniciamos às 22h22.)

A criação e a percepção são muito mais intimamente ligadas do que qualquer de seus cientistas percebeu.

É bem verdade que seus sentidos físicos criam a realidade que eles percebem. Uma árvore é algo muito diferente para um micróbio, um pássaro, um inseto e um homem. Não estou dizendo que a árvore apenas pareça ser diferente. Ela *é* diferente. Vocês percebem sua realidade através de um conjunto de sentidos altamente especializados. Isso não significa que sua realidade exista naquela forma de um modo mais básico do que existe na forma percebida pelo micróbio, inseto ou pássaro. Vocês não podem perceber a realidade extremamente válida daquela árvore em qualquer contexto que não seja o seu. Isto se aplica a qualquer coisa dentro do sistema físico que vocês conhecem.

Não é que a realidade física seja falsa. É que o quadro físico é simplesmente um de um número infinito de maneiras de perceber os vários disfarces pelos quais a consciência se expressa. Os sentidos físicos forçam vocês a traduzir experiências em percepções físicas. Os sentidos internos aumentam o limite de sua percepção, permitindo-lhes interpretar as experiências de uma forma muito mais livre e criar novas formas e novos canais através dos quais vocês ou qualquer consciência pode conhecer a si mesma.

A consciência é, entre outras coisas, um exercício espontâneo de criatividade. Vocês estão aprendendo agora, em um contexto tridimensional, como sua existência física e psíquica pode criar variedades de formas físicas. Vocês manipulam dentro do contexto psíquico, e essas manipulações são depois automaticamente estampadas no molde físico. Ora, nosso ambiente é, em si mesmo, criativo de um modo diferente do seu. O ambiente de vocês é criativo no sentido de que as árvores dão frutos, de que existe um princípio auto-sustentador, de que a terra alimenta os seus, por exemplo. Os aspectos criativos naturais são a materialização das inclinações psíquicas, espirituais e físicas mais profundas da raça, estabelecidas em seus termos há eras, e uma parte do banco racial de conhecimento psíquico.

Nós investimos os elementos de nosso meio com uma criatividade ainda maior, que é difícil explicar. Não temos flores que crescem, por exemplo. A intensidade, a força psíquica condensada de nossas naturezas psicológicas, entretanto, formam novas dimensões de atividade. Se vocês pintarem um quadro dentro da existência tridimensional, a pintura deverá ser feita em uma superfície plana, simplesmente dando a idéia da experiência tridimensional completa que não pode ser inserida ali. Em nosso meio, contudo, podíamos realmente criar os efeitos dimensionais que desejássemos. Todas essas habilidades não são apenas nossas. Elas são a sua herança. Como verão mais tarde neste livro, vocês exercitam seus próprios sentidos internos e habilidades multidimensionais com mais freqüência do que poderia parecer, em outros estados de consciência além do estado normal de vigília.

Como meu próprio ambiente não definiu facilmente os elementos físicos, vocês poderão compreender sua natureza por conclusão, quando mais adiante eu explicar alguns tópicos relacionados.

Seu próprio meio físico lhes aparece da forma que aparece, por causa de sua própria estrutura psicológica. Se vocês tivessem adquirido seu senso de continuidade pessoal através principalmente de processos associativos e não como resultado da familiaridade do eu movendo-se através do tempo, vocês experienciariam a realidade física de uma forma inteiramente diferente. Objetos do passado e do presente poderiam ser percebidos imediatamente, sua presença justificada por meio de conexões associativas. Digamos que seu pai, durante toda a sua vida, tenha oito cadeiras prediletas. Se seus mecanismos perceptivos fossem primeiramente estabelecidos como resultado de uma associação intuitiva em vez de seqüências de tempo, vocês perceberiam todas essas cadeiras ao mesmo tempo; ou, vendo uma, teriam consciência das outras. Assim, o ambiente não é uma coisa separada em si mesma, mas o resultado de padrões perceptivos que são determinados pela estrutura psicológica.

Assim, se desejarem saber como é o meu ambiente, terão que compreender o que eu sou. A fim de explicar, terei que falar sobre a natureza da consciência em geral. Ao fazer isso, acabarei contando-lhes muito a respeito de mim mesmo. As porções internas de sua identidade já têm consciência de muitas das coisas que vou dizer. Parte do meu propósito é familiarizar seu eu egotista com um conhecimento que já é familiar a uma porção maior de sua própria consciência, há muito ignorada por vocês.

Vocês olham para o universo físico e interpretam a realidade de acordo com as informações recebidas de seus “sentidos externos.” Eu me porei, figurativamente falando, na realidade física e olharei para dentro, descrevendo essas realidades de consciência e experiência que vocês estão atualmente fascinados

demais para enxergar. Pois vocês estão fascinados com a realidade física, e encontram-se em transe tão profundo quanto a mulher através de quem eu escrevo este livro.

Toda sua atenção está focalizada em uma forma altamente especializada, em um ponto brilhante e claro que vocês chamam de realidade. Existem outras realidades ao seu redor, mas vocês ignoram sua existência e bloqueiam todos os estímulos que chegam delas. Há uma razão para esse transe, como vão descobrir, mas pouco a pouco vocês precisam despertar. Meu propósito é abrir seus olhos internos.

E termino nossa sessão. Estamos próximos do final do Capítulo Dois. Agora, desejo-lhes boa noite.

(“Boa noite, Seth. Foi muito bom.”)

(23h12. Jane saiu rapidamente do transe profundo. “Não me lembro de nada.”)

SESSÃO 518, 18 DE MARÇO DE 1970,

21h25, QUARTA-FEIRA

(Jane tem descansado um pouco neste último mês. Ela só teve duas sessões regulares – uma para amigos, e uma pessoal para nós – e apenas uma para sua aula de ESP semanal. [As sessões das aulas não são numeradas.] De vez em quando, Jane pensa que efeito, se é que algum, a interrupção terá sobre o livro de Seth. Entretanto, depois de fornecer-me alguns dados muito perspicazes sobre minha pintura, Seth reiniciou o ditado do livro, muito regularmente, às 21h33 – como se não tivesse havido interrupção alguma entre 11 de fevereiro e 18 de março.

(Uma observação: Achei que seria interessante mostrar, registrando periodicamente as datas e os horários, quanto tempo Seth leva para transmitir uma certa quantidade de material pronto de seu livro.)

Esperem um instante. Vou dar as últimas linhas do Capítulo Dois e iniciar o próximo capítulo.

Meu ambiente inclui, naturalmente, essas outras personalidades com quem tenho contato. É praticamente impossível separar comunicação, percepção e ambiente. Portanto, o tipo de comunicação que eu pratico, assim como meus companheiros, é extremamente importante em qualquer discussão de nosso meio.

No próximo capítulo, espero dar-lhes uma idéia de nossa existência, do trabalho em que estamos envolvidos, da dimensão na qual existimos, dos propósitos que nos são importantes; e, mais do que tudo, das questões que formam nossa experiência.

Meu Trabalho e as Dimensões de Realidade

Às Quais Ele Me Leva

(21h43.) Agora: Tenho amigos do mesmo modo que vocês, embora meus amigos tenham uma duração mais longa. Vocês precisam entender que nós experienciamos nossa própria realidade de um modo muito diferente do seu. Sabemos como é que vocês chamariam nossos eus passados, as personalidades que adotamos em várias outras existências.

Como usamos telepatia, podemos esconder pouca coisa uns dos outros, mesmo que desejássemos fazê-lo. Tenho certeza de que isso lhes parece uma invasão de privacidade, mas asseguro-lhes que, até agora, vocês não conseguiram esconder nenhum de seus pensamentos, pois eles são muito claros para sua família e amigos – e, infelizmente, também para os que consideram seus inimigos. Vocês simplesmente não têm noção deste fato.

Isto não significa que eu e meus companheiros sejamos como um livro aberto uns para os outros. Bem ao contrário. Existe o que podemos chamar de ética mental, conduta mental. Estamos muito mais conscientes de nossos próprios pensamentos do que vocês. Compreendemos nossa liberdade de escolher nossos pensamentos, e nós os escolhemos com certo discernimento e *finesse*.

(Pausa às 21h49.) O poder de nossos pensamentos é muito claro para nós, por causa de dificuldades e erros de outras existências. Descobrimos que ninguém pode escapar da vasta criatividade da imagem mental nem das emoções, o que não significa que não sejamos espontâneos, ou que precisemos decidir, preocupados, entre um pensamento e outro, pensando que talvez um deles possa ser negativo ou destrutivo. Em seus termos, já deixamos isso para trás.

Nossa estrutura psicológica significa que podemos comunicar-nos, entretanto, de formas muito mais numerosas do que as que lhes são familiares. Vamos presumir, por exemplo, que vocês encontrem um amigo de infância de quem se haviam esquecido. Ora, vocês podem ter pouco em comum. Contudo, talvez passem uma tarde toda conversando sobre antigos professores e colegas, estabelecendo uma certa concordância.

Assim, quando eu “encontro” um outro, posso relacionar-me muito melhor com ele tomando como ponto de partida uma determinada experiência de uma vida passada, mesmo que no meu “agora” tenhamos pouco em comum. Talvez nos tenhamos conhecido, por exemplo, como pessoas completamente diferentes no século quatorze, e possamos comunicar-nos muito agradavelmente falando dessas experiências, assim como vocês e seu hipotético amigo de infância estabelecem uma ligação baseada em lembranças do passado.

Estaremos muito conscientes, entretanto, de que somos nós mesmos – personalidades multidimensionais que compartilhamos, em um nível de nossa existência, um ambiente mais ou menos comum. Como vocês vão ver, esta analogia é um tanto simples e servirá apenas por agora, porque o passado, o presente e o futuro realmente não existem nesses termos.

Nossas experiências, entretanto, não incluem as divisões de tempo que lhes são familiares. Nós temos muito mais amigos do que vocês, simplesmente porque estamos cômicos de ligações diversificadas no que chamamos, por agora, de encarnações “passadas.”

(22h.) Temos, portanto, mais conhecimentos à mão, por assim dizer. Vocês não poderiam mencionar um período de tempo (em seus termos) no qual alguns de nós não tenham estado, e carregamos em nossa memória a indelével experiência adquirida nesses contextos particulares.

Não sentimos necessidade de esconder dos outros nossas emoções ou pensamentos, porque todos nós, agora, reconhecemos muito bem a natureza cooperativa de toda consciência e realidade, como também nossa parte nela. Somos muito motivados (*com humor*); poderiam os espíritos ser qualquer outra coisa?

(“*Acho que não.*”)

O fato de termos à nossa disposição o pleno uso de nossa energia, não significa que a canalizemos para criar conflitos. Nós não a esbanjamos, mas a utilizamos para os propósitos únicos e individuais que são uma parte básica de nossa experiência psicológica.

Ora, cada eu total, ou personalidade multidimensional, tem seus propósitos, suas missões e esforços criativos, que são partes iniciais e básicas de si mesmo e que determinam as qualidades que o tornam válido eternamente e que o fazem empenhar-se em uma busca eterna. Estamos finalmente livres para utilizar nossa energia nessas direções. Enfrentamos muitos desafios de natureza relativamente significativa, e compreendemos que nossos propósitos não são apenas importantes em si mesmos, mas também o são para as surpreendentes ramificações que brotam de nossos esforços em cumpri-los. Ao trabalharmos por nossos propósitos, compreendemos que somos caminhos muito claros que podem ser utilizados por outros.

Também suspeitamos – certamente eu suspeito – de que os próprios propósitos terão resultados surpreendentes, conseqüências incríveis que jamais imaginamos, e que eles simplesmente irão levar-nos a novas estradas. Esta compreensão nos ajuda a manter nosso senso de humor.

(22h11.) Quando alguém nasce e morre várias vezes, esperando a extinção a cada morte, e quando esta experiência é seguida pela compreensão de que a existência continua, adquire uma percepção da comédia divina.

Estamos começando a aprender a alegria criativa da brincadeira. Acredito, por exemplo, que toda criatividade e toda consciência nasce da brincadeira em oposição ao trabalho, da espontaneidade intuitiva acelerada, que eu vejo como uma constante em todas as existências que tive e na experiência daqueles que conheço.

Comunico-me com sua dimensão, por exemplo, não desejando estar em seu nível de realidade, mas imaginando-me lá. Todas as mortes por que passei teriam sido aventuras se eu tivesse percebido o que sei agora. Por um lado, vocês levam a vida demasiadamente a sério, e por outro, não levam suficientemente a sério a existência divertida.

Nós desfrutamos um sentido de brincadeira que é muito espontâneo, mas que, acredito eu, vocês chamariam de brincadeira responsável. Certamente é uma brincadeira criativa. Nós brincamos, por exemplo, com a mobilidade de nossa consciência, vendo com que “velocidade” podemos impeli-la. Surpreendemo-nos constantemente com os produtos de nossa própria consciência, com as dimensões de realidade através das

quais podemos pular amarelinha. Pode parecer que usamos nossa consciência negligentemente nessas brincadeiras, mas torno a dizer que os caminhos que abrimos continuam a existir e podem ser usados por outros. Deixamos mensagens para qualquer um que apareça: indicadores de caminhos mentais.

Sugiro um intervalo.

(22h25. Jane saiu do transe com facilidade. Ela transmitira o material com regularidade, sem longas pausas, em uma voz normal. Ficou muito surpresa, entretanto, ao saber que se passara uma hora. Jane não recebera imagens nem visões de que se lembrasse, enquanto ditava o material. Reiniciamos em ritmo mais lento às 22h35.)

Podemos, portanto, estar muito motivados e ainda aproveitar e compreender o uso criativo da brincadeira, tanto como método de atingir nossas metas e propósitos, como um esforço surpreendente e criativo em si mesmo.

Agora: Em meu trabalho como professor, viajo para muitas dimensões de existência, assim como um professor itinerante poderia dar aulas em vários estados ou países. A semelhança, porém, termina aqui, uma vez que antes de iniciar o trabalho, eu preciso estabelecer estruturas psicológicas preliminares e aprender a conhecer meus alunos para poder transmitir-lhes instruções.

(A transmissão de Jane estava muito mais lenta agora.)

Eu preciso ter um conhecimento completo do sistema de realidade particular no qual meu aluno atua, de seu sistema de pensamento, dos símbolos que lhe são significativos. A estabilidade da personalidade do aluno precisa ser corretamente medida por mim. As necessidades dessa personalidade não podem ser ignoradas, mas precisam ser levadas em consideração.

O aluno precisa ser incentivado, mas não excessivamente expandido durante o processo. Meu material deve ser apresentado de tal forma que faça sentido no contexto no qual o aluno compreende a realidade, particularmente nos primeiros estágios. É preciso ter muito cuidado, antes mesmo do início de um aprendizado sério, para que todos os níveis da personalidade se desenvolvam em uma proporção mais ou menos constante.

Em geral, o material que eu apresento será dado, no início, sem qualquer sinal de minha presença, aparecendo como uma revelação surpreendente. Pois não importa o cuidado que eu tenha ao apresentá-lo, com certeza irá mudar idéias antigas fortemente arraigadas na personalidade do aluno. O que eu digo é uma coisa, mas o aluno, naturalmente, é impelido para um comportamento e uma experiência psicológicos e psíquicos que podem parecer-lhe muito estranhos em nível consciente.

(Pausa às 22h51.) Os problemas variam de acordo com o sistema no qual meu aluno tem sua existência. Em seu sistema, por exemplo, e em relação à mulher através de quem eu agora escrevo este livro, o contato inicial foi feito muito antes do começo de nossas sessões.

A personalidade nunca teve consciência do encontro inicial. Ela simplesmente experienciou novas idéias, de modo súbito, e como é uma poetisa, essas idéias lhe pareceram inspirações poéticas. Certa vez, alguns anos atrás, em um congresso de escritores, ela envolveu-se em circunstâncias que poderiam tê-la levado a um desenvolvimento psíquico prematuro. O clima psicológico dos envolvidos, naquela época, fez com que, sem perceber o que estava acontecendo, nossa amiga (Jane) entrasse em transe.

(Longa pausa às 23h01. Em 1957, depois de vender suas primeiras histórias, Jane foi convidada para um congresso de escritores de ficção científica em Milford, Pensilvânia. Eu não pude comparecer por causa de meu próprio trabalho, e Jane foi com Cyril Kornbluth [agora falecido], um amigo e escritor muito conhecido que morava perto de nossa casa em Sayre, Pensilvânia.

(Jane entrou em transe uma noite durante um debate. A partir desse episódio – que não compreendemos ter sido um transe até anos mais tarde – formou-se um grupo de escritores, Jane entre eles, que se denominaram “Os Cinco.” Longas cartas foram trocadas entre os membros de Os Cinco, em um sistema “Round Robin” (N. do T. Com assinaturas em forma de círculo, evitando que um nome figure em primeiro lugar.) Os outros quatro membros do grupo eram muito mais conhecidos do que Jane.)

Eu sabia de seus dons paranormais desde sua infância, mas os *insights* necessários foram canalizados através da poesia, até que sua personalidade atingisse a experiência necessária neste caso em particular. Fui informado sobre a ocorrência que acaba de ser mencionada, e providenciei para que o episódio terminasse ali.

Não foi exatamente, entretanto, uma atuação accidental. Quase sem o saber, a personalidade decidiu testar suas asas, falando em sentido figurado. Como parte de meu trabalho, contudo, venho treinando a jovem, de um modo ou de outro, desde sua infância – e tudo isso como preâmbulo do trabalho sério que teve início com nossas sessões.

Existe uma parte normal de minha atividade em muitos níveis de existência. É um trabalho muito diversificado, pois as estruturas de personalidade variam. Enquanto que nos sistemas em que trabalho existem certas semelhanças básicas, em algumas dimensões eu não estaria equipado para ser professor, simplesmente porque os conceitos básicos de experiência seriam estranhos à minha natureza, e os próprios processos de aprendizado não se enquadrariam em minha experiência.

Podem fazer um intervalo.

(23h09. O transe de Jane fora bom. “Não tenho a menor idéia do que foi tudo aquilo.” Seu ritmo aumentara um pouco. Reiniciamos às 23h20.)

Agora: continuaremos nosso livro na próxima sessão.

(Seth ditou alguns parágrafos para uma mulher que recentemente perdera o marido; ela solicitara uma sessão.)

E agora, dou-lhes boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Minhas calorosas saudações – e se não tivesse que tomar notas, falaria com você mais longamente.

(“Obrigado.” Terminamos às 23h30.)

SESSÃO 519, 23 DE MARÇO DE 1970,

21h10, SEGUNDA-FEIRA

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: Suas idéias de espaço são muito incorretas. Assim, em meus contatos com sua esfera de atividade, não penetro em seu reino físico voando rapidamente por céus dourados luminosos, como algum super-homem espiritual.

Tratarei disto em outro capítulo, mas de modo muito real; o espaço, como vocês o percebem, simplesmente não existe. A ilusão de espaço não é causada apenas por seus próprios mecanismos físicos perceptivos, mas também por padrões mentais que vocês aceitaram – padrões que são adotados pela consciência quando ela atinge um certo estágio de “evolução” dentro de seu sistema.

(21h16. Como na última sessão, anotarei a hora periodicamente para mostrar o ritmo do ditado de Seth.)

Quando vocês chegam (ou emergem) à vida física, sua mente *não* é como uma lousa em branco, esperando pelo que a experiência escreverá nela, mas vocês já estão equipados com um banco de memória que sobrepuja qualquer computador. Enfrentam seu primeiro dia no planeta com habilidades já embutidas, embora elas possam ou não ser usadas; e elas não são simplesmente resultado de hereditariedade (como vocês a vêem).

Podem pensar em sua alma ou entidade – embora apenas brevemente e por causa desta analogia – como um computador consciente e vivo, divinamente inspirado, que programa suas próprias existências e vidas. Esse computador, porém, é tão dotado de criatividade, que cada uma das várias personalidades que ele programa aflora como consciência e canto, e, por sua vez, cria realidades com as quais o próprio computador talvez jamais tenha sonhado.

(21h25.) Cada uma dessas personalidades, no entanto, traz embutida sua idéia da realidade na qual irá atuar, e seu equipamento mental é altamente talhado para enfrentar ambientes muito específicos. Ela tem total liberdade, mas precisa atuar dentro do contexto de existência para o qual foi programada. Dentro da personalidade, entretanto, nos recessos mais secretos, está o conhecimento condensado que existe no computador como um todo. Devo salientar que não estou dizendo que a alma ou entidade seja um computador, mas apenas pedindo-lhes que examinem a questão nesta luz, para podermos esclarecer vários pontos.

Cada personalidade tem dentro de si a habilidade não apenas de viver um novo tipo de existência no ambiente ou meio – em seu caso, na realidade física – mas também de acrescentar criatividade à qualidade de sua própria consciência, e ao fazer isso, abrir seu caminho através do sistema específico, quebrando as barreiras da realidade como ela a conhece.

(21h30.) Ora, existe um propósito em tudo isto que também será discutido mais tarde. Eu menciono este assunto aqui, entretanto, porque desejo que vocês vejam que seu ambiente ou contexto não é *real* nos termos que imaginam. Assim, quando vocês nascem, já estão “condicionados” para perceber a realidade de uma certa forma e interpretar a experiência em um âmbito muito limitado, mas intenso.

Preciso explicar isto para poder dar-lhes uma idéia clara de meu ambiente ou contexto, ou dos outros sistemas de realidade nos quais atuo. Não existe espaço entre meu ambiente e o seu, por exemplo, nenhuma fronteira física que nos separe. Falando de um modo muito real, seu conceito de realidade, como visto através de seus sentidos físicos, de instrumentos científicos, ou alcançado por dedução, tem pouca semelhança com os fatos – e os fatos são difíceis de explicar.

(21h34. Seth-Jane curvou-se para frente, enfaticamente, gesticulando, olhos escuros e abertos.)

Seu sistema planetário existe ao mesmo tempo, simultaneamente, tanto no tempo como no espaço. O universo que vocês parecem perceber, seja visualmente ou por meio de instrumentos, parece ser composto de galáxias, estrelas e planetas, a várias distâncias de vocês. Basicamente, entretanto, isto é uma ilusão. Seus sentidos e sua própria existência como criaturas físicas os programam para perceber o universo dessa forma. O universo, como vocês o conhecem, é sua interpretação de eventos que penetram em sua realidade tridimensional. Os eventos são mentais. Isso não significa que vocês não podem viajar a outros planetas, por exemplo, dentro desse universo físico, mais do que significa que não podem usar a mesa para colocar livros, copos e laranjas (*como nossa mesa, no momento*), embora a mesa não tenha qualidades sólidas próprias.

(21h42. *O ritmo de Jane estava agora diminuindo consideravelmente, depois de um início rápido.*)

Quando eu entro em seu sistema, movo-me através de uma série de eventos mentais e psíquicos. Vocês *interpretariam* esses eventos como espaço e tempo, e assim, com frequência eu preciso usar esses termos, pois devo usar sua linguagem mais do que a minha.

Suposições básicas são as idéias de realidade embutidas, que eu mencionei – esses acordos sobre os quais vocês baseiam suas idéias de existência. Espaço e tempo, por exemplo, são suposições básicas. Cada sistema de realidade tem seu próprio conjunto desses acordos. Quando me comunico dentro de seu sistema, preciso usar e compreender as suposições básicas desse sistema. Como professor, faz parte de meu trabalho compreendê-las e usá-las, e eu tive existências em muitos desses sistemas, como uma parte do que vocês podem chamar de treinamento básico, embora, em seus termos, meus companheiros e eu tenhamos outros nomes para elas.

Podem fazer um intervalo.

(21h52. *Jane saiu do transe quase que imediatamente. “Sinto-me como alguém daquele programa de TV,” disse ela, referindo-se a um programa muito popular de ficção científica a que assistíamos mais cedo. Ela tentou descrever uma imagem que recebera pouco antes de Seth começar a falar, embora afirmasse que realmente não podia ser posta em palavras: “Eu vi...um campo de algo como estrelas. Uma idéia era projetada lá por nós, contra esse campo, de modo que ele parecia explodir. Entretanto, na verdade, a idéia estava lá,” disse, indicando com a cabeça as mãos em concha, que ela mantinha logo abaixo do queixo.*

(Durante o intervalo, Jane recebeu uma mensagem breve, mas clara, de Seth: Devemos virar a cabeceira de nossa cama, de modo a apontar para o norte em vez de para o oeste, como agora.

(Reiniciamos em ritmo lento às 22h02.)

A entidade, ou alma, tem uma natureza muito mais criativa e complicada do que jamais o imaginaram até mesmo suas religiões.

Ela utiliza inúmeros métodos de percepção, e tem a seu comando muitos outros tipos de consciência. Sua idéia de alma é, na verdade, limitada por conceitos tridimensionais. A alma pode mudar o foco de sua consciência, e usa a consciência como vocês utilizam os olhos em sua cabeça. Ora, em meu nível de existência, eu simplesmente estou a par do fato, por mais estranho que possa parecer, de que não sou minha consciência. Minha consciência é um atributo a ser usado por mim. Isto se aplica a cada um dos leitores deste livro, embora esse conhecimento possa estar oculto. Alma ou entidade, então, é mais do que consciência.

Assim, quando entro em seu meio, volto minha consciência em sua direção. De certa forma, traduzo o que sou em um evento que vocês, até certo ponto, possam compreender. De um modo muito mais limitado, qualquer artista faz a mesma coisa quando projeta o que ele é, ou uma porção dele, em um quadro. Aqui existe, pelo menos, uma analogia evocativa.

Quando entro em seu sistema, penetro na realidade tridimensional, e vocês precisam interpretar o que acontece à luz de suas próprias suposições básicas. Ora, percebam-no ou não, cada um de vocês penetra em outros sistemas de realidade em seus sonhos, sem a plena participação de seu eu normalmente consciente. Na experiência subjetiva, deixam para trás a existência física e agem, às vezes, com fortes propósitos e criatividade dentro dos sonhos de que vocês se esquecem assim que despertam.

Quando pensam no propósito de sua existência, pensam em termos da vida do dia-a-dia, quando estão despertos; mas vocês também trabalham em seu propósito nessas outras dimensões oníricas, e ficam, então, em comunicação com outras porções de sua própria entidade, fazendo trabalhos tão válidos quanto os que fazem quando estão acordados.

(22h17.) Quando eu contato sua realidade, portanto, é como se eu estivesse entrando em um de seus sonhos. Posso estar consciente de mim mesmo enquanto dito este livro através de Jane Roberts, e ainda ter consciência de mim mesmo em meu próprio meio; pois envio apenas uma porção de minha consciência para cá, como vocês talvez enviassem uma porção de sua consciência ao escrever uma carta a um amigo, continuando cientes, entretanto, da sala em que se encontram. Eu envio muito mais do que vocês enviam em uma carta, pois uma porção de minha consciência encontra-se dentro da mulher em transe enquanto eu dito; mas a analogia é bem próxima.

Meu ambiente, como mencionei antes, não é o de uma personalidade recentemente morta (em seus termos); descreverei mais adiante o que vocês podem esperar nessas condições. Uma grande diferença entre seu ambiente e o meu é que vocês precisam materializar fisicamente atos mentais como matéria física. Nós compreendemos a realidade dos atos mentais e reconhecemos sua brilhante validade. Nós os aceitamos pelo que eles são, e, portanto, estamos além da necessidade de materializá-los e interpretá-los de uma forma tão rígida.

Sua terra me era muito querida. Agora posso voltar para ela o foco de minha consciência e, se desejar, experienciá-la como vocês; mas também posso percebê-la de muitas formas que vocês não podem em seu tempo.

Ora, alguns de meus leitores compreenderão imediata e intuitivamente o que estou dizendo, pois já suspeitaram de estar enxergando as experiências através de lentes figurativas muito distorcidas, embora coloridas. Lembrem-se também de que a realidade física é, em sentido maior, uma ilusão, uma ilusão causada por uma realidade maior. A ilusão em si tem um propósito e um significado.

Podem fazer um intervalo.

(22h31. Jane saiu novamente do transe com muita tranquilidade, mas não se lembrava do material dado.

(Sem esperar uma resposta esta noite, fiz uma pergunta que achava que Jane poderia querer considerar, se e quando ela escrevesse uma introdução para este livro: Ela poderia receber o livro de Seth

em, digamos, um mês de sessões diárias, ou precisaria de uma certa experiência no dia-a-dia, durante um período de meses, talvez, para terminar o livro?

(Reiniciamos no mesmo ritmo lento às 22h45.)

Talvez seja melhor dizer que a realidade física é uma forma que a realidade toma. Em seus termos, entretanto, vocês estão focalizados com muito mais intensidade em um aspecto relativamente pequeno da experiência.

Nós podemos viajar livremente por um número variado dessas realidades. Nossa experiência, neste ponto, inclui trabalho em cada uma. Não quero minimizar a importância de suas personalidades atuais, nem da existência física. Ao contrário.

A experiência tridimensional é um lugar de treinamento inestimável. Sua personalidade (como vocês a conhecem) realmente irá perdurar – e com suas lembranças – mas ela é apenas uma parte de sua identidade total, assim como sua infância, nesta vida, é uma parte extremamente importante de sua personalidade atual, embora agora vocês sejam muito mais do que uma criança.

Vocês continuarão a crescer e desenvolver-se, tornando-se conscientes de outras ambiências, assim como deixaram sua casa de infância. Mas os ambientes ou meios não são coisas objetivas, conglomerados de objetos que existem independentemente de vocês. Pelo contrário: vocês os formam, e eles são, muito literalmente, extensões de vocês, atos mentais materializados, que se estendem a partir de sua consciência.

Vou dizer-lhes exatamente como formam seu ambiente. Eu formo o meu seguindo as mesmas regras, embora vocês acabem com objetos físicos, e eu não.

Agora: Continuarei nosso livro na próxima sessão.

(“Está bem.”)

(Pausa às 22h56.) Agora, em resposta à sua pergunta: O livro poderia ser escrito em noites consecutivas, ou seguindo nosso método atual. Deixamos sempre um certo espaço para a espontaneidade e as surpresas, de modo que qualquer aspecto de sua experiência possa ser usado como exemplo ou ponto de partida para um assunto que, de qualquer forma, eu pretendia apresentar.

Sugiro, simplesmente, que Ruburt tente a disposição da cama durante uma semana, e depois veremos o que ele acha.

(“Está bem.” Nosso quarto é pequeno, sendo difícil alinhar a cama na direção norte-sul; além disso, Jane não poderia olhar pela única janela existente no quarto. Não posicionamos a cama como Seth sugerira.)

Minhas calorosas saudações a ambos, e uma boa noite.

(“Boa noite, Seth. Obrigado.”)

(23h. “Tenho sensações engraçadas,” disse Jane quando saiu do transe. “Sinto-me como se não tivesse passado muito tempo desde que Seth iniciou o livro. Subjetivamente, porém, acho que já existe muita informação nele – que, de alguma forma, eu estou expressando uma quantidade acumulada, ou uma riqueza, de experiências. Talvez eu esteja procurando alguma expressão maluca, como riqueza condensada...”

(Jane usou então a analogia de uma biblioteca, sem sugerir que estava recebendo os dados “de uma biblioteca em algum lugar.”)

SESSÃO 520, 25 DE MARÇO DE 1970,
9h09, QUARTA-FEIRA

(Tanto quanto o sabíamos, Seth iria reiniciar o ditado do Capítulo Três de seu livro esta noite. Um ou dois minutos antes do início da sessão, Jane me disse que tivera um “vislumbre” de Seth – algumas frases. “Então,” disse ela, “vou me sentar e esperar que a sessão seja iniciada. Mas ainda não posso dizer como faço isso.”)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

De volta ao livro.

(Com pausas): Seus cientistas estão finalmente aprendendo o que os filósofos souberam por séculos: que a mente pode influenciar a matéria. Eles terão que descobrir o fato de que a mente cria e forma a matéria.

Ora, seu ambiente mais próximo, fisicamente falando, é seu corpo. Não é como um manequim no qual vocês estão aprisionados, existindo separado de vocês, como um molde. Seu corpo não é bonito ou feio, saudável ou deformado, rápido ou lento simplesmente porque esse é o tipo de corpo que lhe coube, de modo indiscriminado, por ocasião de seu nascimento. Não, sua forma física, seu ambiente pessoal corpóreo, é a materialização física de seus próprios pensamentos, emoções e interpretações.

Muito literalmente, o “eu interior” forma o corpo, transformando, de maneira mágica, pensamentos e emoções em contrapartes físicas. Vocês criam o corpo. Sua condição espelha perfeitamente seu estado subjetivo em qualquer momento determinado. Usando átomos e moléculas, vocês constroem seu corpo, moldando elementos básicos em uma forma que chamam de sua.

Vocês são intuitivamente conscientes de que formam sua imagem e de que são independentes dela. Não percebem que criam seu ambiente maior e o mundo físico (como o conhecem), induzindo seus pensamentos e emoções a formarem a matéria: uma abertura para a vida tridimensional. Individual e coletivamente, o eu interior emana sua energia psíquica, portanto, formando tentáculos que se aglutinam em forma.

(21h23.) As emoções e os pensamentos têm sua própria realidade eletromagnética, absolutamente única, equipada para combinar-se com outras, de acordo com os vários graus de intensidade que vocês possam abranger. Podemos dizer que os objetos tridimensionais são formados, até certo ponto, da mesma forma que as imagens que vocês vêem na tela da televisão, mas com uma grande diferença. E se vocês não estiverem sintonizados naquela frequência particular, não perceberão absolutamente os objetos físicos.

(Como Seth, Jane curvou-se para frente para dar ênfase ao que dizia. Sua transmissão estava um pouco diferente esta noite. Achei que era uma reação a nosso próprio ambiente. Ouvíamos sons acima e abaixo de nós. Jane transmitia uma sentença e depois fazia uma pausa mais longa do que o usual, de modo que seu ritmo costumeiro não estava sendo seguido.)

Cada um de vocês age como um transformador, inconscientemente, transformando de modo automático as unidades eletromagnéticas, altamente sofisticadas, em objetos físicos. Vocês estão no meio de um “sistema concentrado na matéria,” cercados, por assim dizer, de áreas mais fracas nas quais subsiste o que

vocês chamariam de “pseudomátéria.” Cada pensamento e cada emoção existe espontaneamente como uma unidade eletromagnética simples ou complexa – que ainda não foi percebida por seus cientistas.

(21h27.) A intensidade determina tanto a força como a permanência da imagem física na qual o pensamento ou a emoção irá materializar-se. Em meu próprio material, estou explicando isto em profundidade. Aqui, simplesmente desejo que vocês compreendam que o mundo que conhecem é o reflexo de uma realidade interior.

Vocês, basicamente, são feitos dos mesmos ingredientes que uma cadeira, uma pedra, um pé de alface, um pássaro. Em um esforço cooperativo gigantesco, toda a consciência se une para compor as formas que vocês percebem. Ora, como sabemos disso, podemos mudar nossos ambientes e nossas próprias formas físicas como desejarmos, e sem confusão, pois percebemos a realidade subjacente .

Nós também compreendemos que a permanência da forma é uma ilusão, pois toda consciência precisa permanecer em um estado de mudança. Nós podemos estar (em seus termos) em vários lugares ao mesmo tempo, porque compreendemos a verdadeira mobilidade da consciência. Ora, sempre que vocês pensam emocionalmente sobre outra pessoa, emanam uma contraparte de si mesmos, abaixo da intensidade da matéria, mas ainda assim, uma forma definida. Essa forma, projetando-se a partir de sua própria consciência, escapa completamente à sua atenção egotista. Quando eu penso emocionalmente em outra pessoa, faço a mesma coisa, só que uma porção de minha consciência está dentro da imagem e pode comunicar-se.

Podem fazer um intervalo.

(21h37. *Jane saiu do transe rapidamente. Os ruídos na casa continuavam e ela fora perturbada por eles durante sua transmissão. Eles também haviam interferido em minhas anotações. Não obstante, ela ficou surpresa ao ver que quase meia hora se havia passado.*

(Às 21h56, *entretanto, quando estava sentada esperando voltar ao transe, Jane disse: “Ou estou cansada esta noite ou a casa está me dando nos nervos, mas agora está mais difícil continuar...” Reiniciamos às 21h58.*)

Os ambientes são, fundamentalmente, criações mentais da consciência, emanadas em muitas formas. Eu, por exemplo, tenho um estúdio do século quatorze, o meu predileto, que me agrada muito. Em seus termos físicos, ele não existe, e eu sei muito bem que é uma produção mental minha. Contudo, gosto dele, e muitas vezes tomo uma forma física a fim de sentar-me à minha escrivaninha e contemplar a paisagem campestre pela janela.

Ora, vocês fazem a mesma coisa em sua sala de visitas, só que não o percebem; e atualmente estão um pouco limitados. Quando me reúno com meus companheiros, geralmente traduzimos os pensamentos uns dos outros em várias figuras e formas, só pelo puro prazer de praticar. Temos o que vocês poderiam chamar de um jogo, que exige alguma perícia, onde, para nossa própria diversão, vemos qual de nós pode traduzir um determinado pensamento no maior número de formas. (*Pausa.*)

Há tantas qualidades sutis que afetam a natureza de todo pensamento, com tantas graduações emocionais, que nenhum pensamento jamais é idêntico a outro – (*sorriso*) e, por falar nisso, nenhum objeto físico em seu sistema é uma réplica exata de qualquer outro. Os átomos e as moléculas que o compõem – qualquer objeto – têm suas próprias identidades, que colore e qualificam qualquer objeto formado por eles.

Vocês aceitam, percebem e focalizam conexões e semelhanças do mesmo modo que percebem objetos físicos de qualquer tipo, e de uma forma muito importante, ignoram diferenças em um determinado campo de atividade. São, portanto, muito discriminatórios, aceitando certas qualidades e ignorando outras. Seus corpos não mudam completamente apenas a cada sete anos, por exemplo. Eles mudam constantemente com cada respiração.

(22h12.) Dentro da carne, átomos e moléculas morrem constantemente e são substituídos. Os hormônios estão em contínuo movimento e alteração. As propriedades eletromagnéticas da pele e das células sofrem transições e mudanças súbitas, e até mesmo se invertem. A matéria física que compunha seu corpo um momento atrás é diferente, de modo significativo, da matéria que forma seu corpo neste instante.

Se percebessem a mudança constante que ocorre em seu corpo, com tanta persistência como observam sua natureza aparentemente permanente, ficariam admirados de jamais terem considerado o corpo como uma coisa mais ou menos constante, mais ou menos coesiva. Mesmo de uma forma subjetiva, vocês se concentram na idéia de um eu consciente, relativamente estável, relativamente permanente, e até chegam a fabricar essa idéia. Salientam as idéias, pensamentos e atitudes que recordam de experiências “passadas” como sendo seus, ignorando completamente os que uma vez foram “característicos” e agora se desvaneceram – ignorando também o fato de que vocês não podem conservar os pensamentos. O pensamento de um momento atrás (em seus termos) se dissipa.

Vocês tentam manter um eu físico e subjetivo constante, relativamente permanente, a fim de manter um ambiente relativamente constante e relativamente permanente. Assim, estão sempre ignorando essas mudanças. As que vocês se recusam a reconhecer, são precisamente as que lhes dariam uma compreensão muito melhor da verdadeira natureza da realidade, da subjetividade individual e do ambiente físico que parece cercá-los.

(22h23. Os parágrafos acima foram dados em um ritmo muito mais rápido.)

O que acontece a um pensamento quando ele deixa sua mente consciente? Ele não desaparece simplesmente. Vocês podem aprender a acompanhá-lo, mas em geral ficam com medo de desviar a atenção de sua concentração intensa na existência tridimensional. Portanto, parece que o pensamento desaparece. Parece também que sua subjetividade tem uma qualidade desconhecida e misteriosa, e que até sua vida mental tem um ponto de queda insidioso, um despenhadeiro subjetivo pelo qual os pensamentos e as lembranças despencam, desaparecendo no nada. Portanto, para proteger-se, para evitar que sua subjetividade seja levada pela correnteza, vocês levantam várias barreiras psicológicas onde supõem estarem os pontos perigosos. Em vez disso, poderiam seguir esses pensamentos e emoções, simplesmente percebendo que sua própria realidade continua em outra direção, diferente daquela com a qual vocês se identificam em primeiro lugar. Pois esses pensamentos e emoções que deixaram sua mente consciente, irão levá-los para outras ambiências.

(22h29.) Essas aberturas subjetivas através das quais os pensamentos parecem desaparecer, são, na verdade, como teias psíquicas, conectando o eu que vocês conhecem a outros universos de experiência – realidades onde símbolos tomam vida, e aos pensamentos não é negado seu potencial.

Há comunicação entre essas outras realidades e a sua própria durante os sonhos, e uma interação constante entre ambos os sistemas. Se houver um ponto onde pareça que sua própria consciência os iluda ou

lhes escape, ou se houver qualquer ponto onde sua consciência pareça terminar, então esses são os pontos onde vocês mesmos levantaram barreiras psicológicas e psíquicas, sendo essas as áreas, precisamente, que vocês deveriam explorar. De outra forma, vocês se sentem como se sua consciência estivesse fechada dentro de sua cabeça, imóvel e comprimida, e todo pensamento perdido ou lembrança esquecida parece, pelo menos simbolicamente, uma pequena morte. E tal não é o caso.

Sugiro um intervalo.

(22h36. O transe de Jane foi mais profundo desta vez; nenhum tipo de barulho a incomodara.

Reiniciamos às 22h52.)

Agora: Este é o fim do ditado esta noite.

(Seth então discutiu brevemente algumas experiências fora do corpo que Jane tivera ontem à tarde.)

Terminarei, pois, nossa sessão, com minhas mais calorosas saudações a ambos; e quero lembrar novamente a Ruburt a sugestão que fiz a respeito da posição da cama.

Agora, boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

(23h05. Ver a sessão 519, na qual Seth sugere que Jane vire a cabeceira da cama para a direção Norte. Ainda não fizemos isso.

(Jane ainda lê o material de Seth sobre seu livro. Posso dizer que a preocupação dela com o livro diminuiu muito, mas também que seu interesse continua tão vivo quanto antes.)

A REENCARNAÇÃO
SESSÃO 521, 30 DE MARÇO DE 1970,
21h08, SEGUNDA-FEIRA

(Jane começou a falar com uma voz regular, em um bom ritmo, fazendo poucas pausas.)

Agora, boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Iniciaremos agora nosso próximo capítulo. É, creio eu, o Capítulo Quatro.

(“Sim.”)

Seu ambiente ou meio inclui muito mais do que vocês talvez tenham suposto. Anteriormente, mencionei seu ambiente em termos da existência e das circunstâncias físicas diárias de sua vida atual. Na verdade, vocês têm pouca consciência de seu ambiente ou contexto maior, mais extenso. Pensem em seu eu atual como sendo o ator de uma peça; esta é uma analogia comum, mas adequada. A cena se passa no Século Vinte. Vocês criam os acessórios, os cenários, os temas; na verdade, escrevem, produzem e representam durante todo o espetáculo – vocês e todos os outros participantes.

Vocês se encontram tão concentrados em seus papéis, entretanto, tão enredados pela realidade que criaram, tão envolvidos com os problemas, os desafios, as esperanças e tristezas de seus papéis, que se esquecem de que eles são de sua própria criação. Podemos comparar esta obra dramática, intensamente tocante, com todas as suas alegrias e tragédias, à sua vida presente, seu ambiente atual, tanto individual como coletivamente.

Há outras peças, porém, sendo representadas simultaneamente, nas quais vocês também desempenham um papel. Elas têm seu próprio cenário, seus próprios acessórios. Passam-se em diferentes períodos de tempo. Uma pode ser chamada de “Vida no Século Doze d.C.” Outra, “Vida no Século Dezoito,” ou “em 500 a.C.,” ou “em 3000 d.C.” Vocês também criam essas peças dramáticas e atuam nelas. Esses cenários também representam seu ambiente, o ambiente que cerca sua personalidade total.

Estou falando, entretanto, da porção de vocês que está participando desta peça em particular; e esta porção específica de sua personalidade total está tão concentrada neste drama, que vocês não têm consciência dos outros em que também desempenham um papel. Não entendem sua própria realidade multidimensional; portanto, quando digo que vocês vivem muitas existências ao mesmo tempo, isso lhes parece estranho ou mesmo inacreditável. Já é difícil para vocês imaginar que estão em dois lugares ao mesmo tempo, quanto mais em duas ou mais épocas ou séculos.

(Pausa às 21h24.) Ora, simplificando, o tempo não é uma série de momentos. As palavras que vocês pronunciam, os atos que realizam, parecem ocorrer *no* tempo, da mesma forma que uma cadeira ou uma mesa parecem ocupar espaço. Essas formas exteriores, contudo, são uma parte dos complicados acessórios que vocês posicionaram “antecipadamente,” e, dentro da peça, devem aceitá-los como reais.

Quatro horas da tarde é uma referência muito cômoda. Vocês podem dizer a um amigo: “Vamos nos encontrar às quatro horas na esquina,” ou em um restaurante, para uma bebida, um bate-papo ou um lanche, e

seu amigo saberá exatamente onde e quando encontrá-los. Isso acontecerá a despeito do fato de que quatro horas da tarde não tem qualquer significado básico, mas é uma designação combinada – um acordo de cavalheiros, se preferirem. Se vocês forem ao teatro às nove horas da noite, mas o enredo da peça se passar de manhã e os atores aparecerem tomando o café da manhã, vocês aceitarão o horário estabelecido pela peça teatral, fingindo que é de manhã.

Cada um de vocês está agora envolvido em uma produção muito maior, onde todos concordam a respeito de certas suposições básicas que servem como estrutura para o desenrolar dessa peça. As suposições são que o tempo é uma série de momentos, um depois do outro; que um mundo objetivo existe bem independentemente de sua própria criação e percepção; que vocês estão presos dentro dos corpos físicos que assumiram; e que são limitados pelo tempo e pelo espaço.

(21h35.) Outras suposições, aceitas pela mesma razão, incluem a idéia de que toda percepção lhes chega através de seus sentidos físicos; em outras palavras: toda informação vem de fora, e nenhuma informação pode vir de dentro. Vocês, portanto, são forçados a concentrar-se intensamente nas ações da peça. Ora, essas várias peças, esses fragmentos criativos de épocas, representam o que vocês chamariam de reencarnações.

Todas elas existem, basicamente, ao mesmo tempo. Os que ainda estão envolvidos nesses seminários passionais profundamente complicados, chamados de reencarnações, acham difícil enxergar além deles. Alguns, descansando entre produções, por assim dizer, tentam comunicar-se com os que ainda estão participando; mas eles próprios estão simplesmente criando asas, digamos assim, e podem enxergar apenas até uma certa distância.

As peças parecem ocorrer uma antes da outra, e assim, essas comunicações parecem intensificar a falsa idéia de que o tempo é uma série de momentos, seguindo uma única linha que vai de algum ponto inicial inconcebível até um final igualmente inconcebível.

Seus dedos estão cansados?

(“Não.” 21h42.)

Isto os leva a pensar em termos de um progresso muito limitado, tanto em sentido individual como em sentido de espécie. Pensam vocês (aqueles que até consideram a reencarnação): “Bem, com certeza a raça deve ter progredido desde o tempo da Idade Média,” embora temam que isso não tenha acontecido; ou se voltam para o progresso tecnológico e dizem: “Pelo menos caminhamos muito nessa direção.”

Vocês podem sorrir e pensar, por exemplo, que é muito difícil imaginar um senador romano dirigindo-se às multidões por meio de um microfone, com os filhos assistindo ao seu discurso pela televisão. Tudo isso, porém, é muito enganador. Não existe progresso (nos termos em que vocês acreditam existir), assim como não existe tempo.

Em cada peça, tanto individual como coletivamente, apresentam-se problemas diferentes. O progresso pode ser medido pelas formas particulares em que esses problemas foram ou não resolvidos. Grandes avanços ocorreram em certos períodos. Por exemplo: surgiram grandes ramificações que, de seu ponto de vista, talvez não considerem absolutamente como progresso.

Podem fazer um intervalo.

(21h51. Jane saiu rapidamente do transe. “Ora,” disse ela, “Sete vai ter muito o que dizer sobre isso – posso sentir até aqui.” Ela tocou a testa. “De vez em quando, recebo uma enorme onda de algo que não posso colocar em palavras; sabe o que quero dizer? Mas ele vai dar tudo mastigado para nós.

(“É engraçado,” ela continuou. “Eu não me senti particularmente paranormal esta noite, mas o material é bom. Isso já aconteceu antes. Quando há alguém aqui de quem não gosto, ou que me faz sair da sintonia por alguma razão, não acontece uma sessão – o material não chega a mim. Mas não preciso sentir minha paranormalidade quando estamos sozinhos; o material vem de qualquer maneira, e é sempre bom.”)

(Jane reiniciou em ritmo mais lento às 22h15.)

Agora: Incidentalmente (com humor), não precisa registrar isto. Meus “agoras,” quando inicio uma frase, em geral não passam de deixas para você, e não têm, necessariamente, que aparecer em nosso texto.

(“Está bem. Eu entendo.”)

Agora: (com humor e mais alto): Em algumas peças, falando de um modo geral, os atores trabalham cada um em uma porção aparentemente minúscula de um problema maior, que a própria peça deverá resolver.

Embora eu use aqui a analogia de um sonho, essas “peças” são muito espontâneas, no sentido em que os atores têm liberdade total dentro de sua estrutura. E levando em consideração essas suposições que foram expostas, não há ensaios. Há observadores, como verão mais adiante em nosso livro. Como em qualquer boa produção teatral, cada peça gira em torno de um tema geral. Os grandes artistas, por exemplo, não surgiram em um tempo determinado simplesmente por terem nascido nele, ou (porque) as condições eram favoráveis.

(De acordo com Seth, cada indivíduo escolhe o tempo e o lugar de cada “vida” no ciclo de reencarnações.)

A peça em si tinha o objetivo de colocar a verdade intuitiva no que vocês chamariam de forma artística, com uma criatividade de resultados tão grandes e abrangentes que serviriam para despertar habilidades latentes em cada ator, além de servirem como um modelo de comportamento.

Períodos de renascimento – espiritual, artístico ou psíquico – ocorrem porque o intenso foco interior dos envolvidos no drama está voltado para esses fins. O desafio pode ser diferente em cada peça, mas os grandes temas servem de orientação para toda consciência. Eles servem de modelo.

(22h17.) Saibam que o progresso nada tem a ver com o tempo, mas sim com o foco psíquico e espiritual. Cada peça é totalmente diferente das outras. Não é correto, portanto, supor que suas ações nesta vida sejam causadas por uma existência prévia, ou que vocês estejam sendo punidos nesta vida por crimes de uma existência passada. As vidas são simultâneas.

Sua própria personalidade multidimensional é provida de tal forma que pode ter essas experiências e ainda conservar sua identidade. Ela é, naturalmente, afetada pelas várias peças das quais participa. Existe uma comunicação instantânea e, se preferirem, um sistema instantâneo de *feedback* (retroinformação).

Essas peças dificilmente deixam de ter um propósito. Nelas, a personalidade multidimensional aprende através de suas próprias ações, experimentando uma variedade infinita de posturas, padrões comportamentais e atitudes, e, como resultado, mudando outros já existentes.

Vejam que a palavra “resultado” automaticamente sugere causa e efeito – a causa acontecendo antes do efeito, e isto é simplesmente um pequeno exemplo da força dessas distorções e das dificuldades inerentes ao pensamento verbal, que sempre sugere um traçado de uma linha só.

(22h26.) Vocês são o eu multidimensional que tem essas existências, que cria essas peças cósmicas passionais, por assim dizer, e delas participa. É apenas por se concentrarem neste papel particular agora, que identificam com ele todo o seu ser. Vocês estabeleceram essas regras para si mesmos por uma razão. A consciência está em um estado de tornar-se, de vir a ser, e, portanto, este eu multidimensional do qual estou falando não é uma estrutura psicológica já terminada. Ele também está em estado de tornar-se.

Ele está aprendendo a arte da realização e tem, dentro de si, fontes infinitas de criatividade, possibilidades ilimitadas de desenvolvimento. Mas ainda precisa aprender os meios de realização, e precisa encontrar dentro dele mesmo os meios de trazer à existência as criações incontáveis que tem dentro de si.

(22h32.) Assim, ele cria uma variedade de condições dentro das quais atuar, e se impõe desafios, alguns destinados ao fracasso (em seus termos) pelo menos inicialmente, porque ele precisa primeiro criar condições para a realização de novas criações. E tudo isso é feito com muita espontaneidade e infinita alegria. (Pausa.)

Vocês, portanto, criam um número muito maior de ambientes do que percebem. Ora, cada ator, desempenhando seu papel, concentrando-se em sua peça, tem um roteiro interior. Ele não fica, portanto, abandonado dentro de sua própria criação, em uma peça da qual se esqueceu. Tem conhecimentos e informações que lhe chegam através do que eu chamo de sentidos internos.

(22h39. *Pausa longa.*) Ele tem outras fontes de informação, portanto, além das que são dadas estritamente dentro dos limites da produção teatral. Cada ator sabe disso instintivamente, e há períodos estabelecidos e permitidos dentro da própria peça, nos quais cada ator se retira a fim de revigorar-se. Nesses períodos ele é informado, através dos sentidos internos, de seus outros papéis, e compreende que é muito mais do que o eu que aparece em qualquer uma das peças específicas.

Nesses períodos, ele compreende que teve participação na elaboração da peça, e é libertado das suposições que o prendem enquanto está ativamente preocupado com as atividades do enredo. Esses períodos, naturalmente, coincidem com seus estados de sono e sonho; mas há também outras vezes em que cada ator vê muito claramente que está cercado de acessórios, e em que sua visão de repente penetra na realidade aparente da produção.

(22h44.) Isso não significa que a peça não seja real ou que não deva ser levada a sério. Significa, sim, desempenhar um papel – um papel importante. Cada ator deve compreender, entretanto, a natureza da produção e sua parte nela. Ele precisa colocar-se fora dos limites tridimensionais do cenário da peça.

Existe uma grande cooperação por trás dessas produções importantes, e ao desempenhar seu papel, cada ator primeiro se coloca dentro da realidade tridimensional. O eu multidimensional não pode agir dentro da realidade tridimensional até materializar uma porção de si mesmo dentro dela. Estão me seguindo?

(“Sim.”)

Dentro dessa realidade, ele então produz todos os tipos de criatividade e desenvolvimento que, de outra forma, não poderiam aparecer. Deve, entretanto, mover-se para fora desse sistema, por meio de um outro ato, outra efetuação de sua parte, que *seja* tridimensional.

Durante sua existência tridimensional, ele ajudou outros em aspectos que, de outro modo, não poderiam ser ajudados, e ele próprio beneficiou-se e desenvolveu-se em aspectos que, de outro modo, não poderia desenvolver-se.

Sugiro um intervalo.

(22h55. O transe de Jane fora profundo. Reiniciamos às 23h02.)

Agora: O significado da peça, portanto, está dentro de vocês. É apenas a porção consciente de vocês que representa tão bem e está concentrada tão firmemente nos acessórios da produção.

O propósito de qualquer vida específica está ao seu alcance – o conhecimento que fica abaixo da superfície do eu consciente que vocês conhecem. Também estão à sua disposição todos os tipos de indícios e pistas. Vocês têm, prontamente disponível, o conhecimento de sua personalidade multidimensional total. Quando percebem isso, este conhecimento lhes permite, mais rapidamente (em seus termos), resolver os problemas ou enfrentar os desafios que estabeleceram; e também abre outras áreas de criatividade que podem enriquecer toda a peça ou produção.

(23h08.) À medida que vocês permitem que as intuições e o conhecimento do eu multidimensional fluam através do eu consciente, não apenas desempenham mais eficazmente seu papel na peça, mas também acrescentam nova energia, novas percepções e nova criatividade à sua dimensão total.

Ora, parece-lhes, naturalmente, que vocês são a única parte consciente de si mesmos, pois nesta produção específica, estão identificados com o ator. Entretanto, as outras porções de sua personalidade multidimensional, nessas outras peças das reencarnações, também são conscientes. E como vocês são uma consciência multidimensional, “vocês” também são conscientes em outras realidades além desta.

Sua personalidade multidimensional, sua verdadeira identidade, o você real, é consciente de si mesmo, como ele mesmo, em qualquer desses papéis.

Fim do ditado. Agora, vamos fazer uma pausa.

(Depois de uma pausa, Seth continuou, respondendo a algumas perguntas pessoais.)

Vocês têm outras perguntas?

(“Não. Acho que não. Está ficando tarde.”)

Então vou mesmo terminar a sessão, com minhas cordiais saudações a ambos.

(“Boa noite, Seth, e obrigado.”)

(23h24. A produção do livro de Seth passara a ser uma parte natural da estrutura do trabalho. Ele também estava começando a desviar-se um pouco do esboço inicial, dado na sessão 510 de 10 de janeiro de 1970. Isso, porém, já era esperado. Seth fazia isso por iniciativa própria, disse Jane. Muita gente já sabia de seu livro.

(Uma nota acrescentada mais tarde: A não ser uma única vez, Seth iria ditar muitos capítulos, depois desta sessão, antes de Jane tornar a olhar para o livro...)

SESSÃO 522, 8 DE ABRIL DE 1970,
21h13, QUARTA-FEIRA

Agora, boa noite.

(*“Boa noite, Seth.”*)

Vamos continuar.

Estas “peças de períodos,” além de tudo, têm um propósito definido. Pela própria natureza da consciência, ela (a consciência) busca materializar-se em tantas dimensões quantas for possível – para criar novos níveis de percepção a partir de si mesma, novas ramificações. Ao fazer isso, cria toda realidade. A realidade, portanto, está sempre em um estado de tornar-se. Os pensamentos que vocês têm, por exemplo, em seus papéis como atores, são únicos e levam a uma nova criatividade. Alguns aspectos de sua própria consciência não poderiam realizar-se de qualquer outra forma.

Quando vocês pensam em reencarnação, pensam em uma progressão periódica. Entretanto, as várias vidas saem daquilo que é o seu eu interior. Elas não lhes são atiradas por meio de alguma intervenção exterior, mas constituem um desenvolvimento material, que acontece à medida que sua consciência se abre e se expressa em todas as formas possíveis. A consciência não está restrita a uma vida tridimensional, nem restrita apenas à existência tridimensional.

Sua consciência, portanto, toma muitas formas, e essas formas não precisam ser semelhantes, não mais, digamos, do que uma lagarta é semelhante a uma borboleta. A alma ou entidade tem total liberdade de expressão. Ela muda sua forma para ajustar-se à sua expressão, e produz ambientes como cenários e mundos a fim de servir a seus propósitos. Cada cenário traz novos desenvolvimentos.

(*Jane estava fazendo um número muito maior de pausas.*) A alma ou entidade é energia espiritual altamente individualizada. Ela forma o corpo que vocês vestem agora, e é o poder motivador que está por trás de sua sobrevivência física, pois dela vocês obtêm sua vitalidade. A consciência jamais pode ficar estática, mas está sempre em busca de mais criatividade.

(*21h28.*) A alma ou entidade, portanto, investe-se de uma realidade tridimensional, e o eu tridimensional, de suas propriedades particulares. As habilidades da entidade encontram-se dentro do eu tridimensional. O eu tridimensional, o ator, tem acesso a essas informações e a esses potenciais. Ao aprender a usar esses potenciais, ao aprender a redescobrir sua relação com a entidade, o eu tridimensional eleva ainda mais o nível de realização, de compreensão e de criatividade. O eu tridimensional se torna mais do que sabe.

Não apenas é a entidade fortalecida, mas porções dela, tendo sido efetivadas em existência tridimensional, agora contribuem para a própria qualidade e natureza dessa existência. Sem esta criatividade, a vida planetária (em seus termos) seria sempre estéril. A alma ou entidade, portanto, dá alento ao corpo e ao eu tridimensional dentro dele, e o eu tridimensional começa a cumprir seu propósito de abrir novas áreas de criatividade.

As entidades ou almas, em outras palavras, enviam porções de si mesmas para abrir vias de acesso da realidade que talvez não existissem de outra forma. (*Longa pausa às 21h39.*) Os eus tridimensionais, existindo dentro dessas realidades, precisam concentrar nelas toda a sua atenção. Uma percepção interior

fornece-lhes uma fonte de energia e força. Eles precisam, entretanto, compreender seu papel como atores, “finalmente” abandonando esse papel e, por meio de um outro ato de compreensão, retornar à entidade.

Há os que aparecem plenamente conscientes dentro dessas peças. Essas personalidades assumem papéis de bom grado, sabendo que são papéis, a fim de levar os outros à compreensão e ao desenvolvimento necessários. Levam os atores a enxergar além dos eus e cenários que eles criaram. Essas personalidades, de outros níveis de existência, supervisionam a peça, por assim dizer, e aparecem entre os atores. Seu propósito é abrir, nos eus tridimensionais, as entradas psicológicas que lhes propiciarão maior desenvolvimento em outro sistema de realidade.

Agora podem fazer um intervalo e depois continuaremos.

(21h50. O transe de Jane fora relativamente leve. Reiniciamos às 21h58.)

Agora: Vocês estão aprendendo a ser co-criadores. Estão aprendendo a ser deuses, como agora compreendem esse termo. Estão aprendendo responsabilidade – a responsabilidade de qualquer consciência individualizada. Estão aprendendo a trabalhar a energia, que são vocês mesmos, com propósitos criativos.

Vocês terão uma ligação com aqueles que amam e com aqueles que odeiam, mas aprenderão a liberar, perder e dissipar o ódio. Irão aprender a usar até o ódio criativamente e a direcioná-lo para fins mais elevados, transformando-o finalmente em amor. Esclarecerei isto mais adiante.

Os cenários de seu ambiente físico, a parafernália às vezes encantadora, os aspectos físicos da vida como vocês a conhecem, são todos camuflagens, e por isso eu chamo sua realidade física de camuflagem. Contudo, essas camuflagens são compostas da vitalidade do universo. As rochas, as pedras, as montanhas e a terra são camuflagens vivas, teias psíquicas interligadas, formadas por minúsculas consciências que vocês não conseguem perceber como tais. Os átomos e moléculas que estão nelas têm sua própria consciência, como os átomos e moléculas de seu corpo.

(22h07.) Como vocês todos participaram da formação deste cenário físico, e como estão abrigados em uma forma física, então, usando os sentidos físicos, mal irão perceber este fantástico cenário. A realidade que existe tanto dentro como fora dele irá iludi-los. Até o ator, entretanto, não é totalmente tridimensional. Ele faz parte de um eu multidimensional.

Dentro dele existem métodos de percepção que lhe permitem ver através dos cenários da camuflagem, ver além do palco. Ele usa esses sentidos internos constantemente, embora o ator dentro dele esteja tão concentrado na peça que isso lhe escape. De uma forma ampla, os sentidos físicos realmente formam a realidade física que parecem mal perceber. Eles próprios fazem parte da camuflagem, mas são como lentes colocadas sobre as percepções internas naturais de vocês, forçando-os a “ver” um campo acessível de atividades como matéria física; e assim, podem confiar neles apenas para dizer-lhes o que está acontecendo de um modo superficial. Vocês podem ver a posição dos outros atores, por exemplo, ou saber o tempo pelo relógio, mas esses sentidos físicos não lhes dirão que o próprio tempo é uma camuflagem nem que a consciência forma os outros atores, ou que as realidades que vocês não podem ver existem acima e além da matéria física que é tão aparente.

Vocês podem, contudo, usar seus sentidos interiores, perceber a realidade como ela existe, separada da peça e de seu papel nela. A fim de fazer isto, vocês precisam, pelo menos momentaneamente, é claro,

desviar sua atenção da constante atividade que está ocorrendo – desligar os sentidos físicos – e prestar atenção aos eventos que lhes escaparam anteriormente.

(22h20.) Simplificando muito: o efeito seria algo como trocar um jogo de copos por outro, pois, falando basicamente, os sentidos físicos são tão artificiais para o eu interior como um jogo de copos ou um aparelho de surdez para o eu físico. Os sentidos internos, portanto, só raramente são usados de modo totalmente consciente.

Vocês ficariam mais do que desorientados, por exemplo, e muito aterrorizados se, de um momento para outro, seu ambiente familiar, como vocês o conhecem, desaparecesse e fosse substituído por outros conjuntos de informações que vocês não estivessem prontos para compreender; assim, muita informação dos sentidos internos precisa ser traduzida em termos que vocês possam entender. Em outras palavras: essas informações precisam, de algum modo, fazer sentido para vocês, como eus tridimensionais.

Seu conjunto particular de camuflagens não é o único. Outras realidades têm sistemas totalmente diferentes, mas todas as personalidades têm sentidos internos que são atributos de consciência; e comunicações normalmente pouco conhecidas do eu consciente são mantidas por meio desses sentidos interiores. Parte de meu propósito é dar-lhes a conhecer algumas dessas comunicações.

(22h29.) A alma ou entidade, portanto, não é o eu que lê este livro. Seu ambiente não é simplesmente o mundo que o cerca e que você conhece, mas também consiste em ambientes de vidas passadas nos quais vocês não estão se concentrando agora. Seu ambiente real é composto de seus pensamentos e de suas emoções, pois com eles vocês formam não apenas esta realidade, mas cada realidade da qual participam. (Longa pausa.)

Seu verdadeiro ambiente é livre do espaço e do tempo como vocês os conhecem. Em seu ambiente real, vocês não têm necessidade de palavras, pois a comunicação é instantânea. Em seu ambiente real, vocês formam o mundo físico que conhecem.

Os sentidos interiores lhes permitirão perceber a realidade que é independente da forma física. Peço que agora abandonem por um instante seus papéis e experimentem o exercício que darei a seguir.

Agora podem fazer um intervalo.

(22h36. *O transe de Jane fora mais profundo desta vez. “Sei que não entrei tão profundamente da primeira vez,” disse ela, “porque ouvi aquela sirene.” Um carro de bombeiros havia passado a uns dois quarteirões de nossa casa, mais ou menos às 21h30; só agora Jane se lembrou de me contar que ouvira a sirene. “Eu me preocupo quando acontecem coisas assim enquanto Seth está escrevendo seu livro. Não quero confundir nada...”*

(Reiniciamos às 22h53.)

Agora, imaginem que estão em um palco iluminado, sendo o palco a sala em que se encontram neste momento. Fechem os olhos e imaginem que as luzes se apagaram, o cenário desapareceu e vocês estão sozinhos.

Tudo está escuro e silencioso. Imaginem, tão vividamente quanto possível, a existência dos sentidos interiores. Por agora, finjam que eles correspondem a seus sentidos físicos. Afastem da mente todos os

pensamentos e preocupações. Sejam receptivos. Ouçam tranquilamente – não os sons físicos, mas os sons que lhes chegam através dos sentidos internos.

Talvez comecem a surgir imagens. Aceitem-nas como visões tão válidas como as que têm fisicamente. Imaginem que existe um mundo interior, e que ele lhes será revelado quando aprenderem a percebê-lo com esses sentidos internos.

(22h58.) Imaginem que estiveram cegos para esse mundo durante toda a vida, e agora estão vagarosamente adquirindo visão dentro dele. Não julguem todo o mundo interior pelas imagens distorcidas que talvez percebam de início, nem pelos sons que possam ouvir, pois vocês ainda estarão usando seus sentidos internos de maneira muito imperfeita.

Façam este exercício durante alguns momentos antes de dormir ou quando estiverem repousando. Ele pode ser feito até em meio a uma tarefa comum que não lhes roube toda a atenção.

Vocês estarão simplesmente aprendendo a focalizar uma nova dimensão de percepção, tirando rápidas fotografias em um ambiente estranho. Lembrem-se de que estarão percebendo apenas fragmentos. Aceitem-nos simplesmente, mas não tentem fazer qualquer julgamento nem interpretações neste estágio.

Dez minutos por dia são suficientes para começar. Ora, as informações deste livro estão sendo transmitidas, até certo ponto, por meio dos sentidos internos da mulher que fica em transe enquanto eu o escrevo. Esse esforço é resultado de uma precisão interna altamente organizada, além de treinamento. Ruburt não poderia receber de mim estas informações – que também não poderiam ser traduzidas nem interpretadas – enquanto ele estivesse intensamente focalizado no ambiente físico. Assim, os sentidos internos são canais que propiciam comunicação entre várias dimensões de existência. Contudo, mesmo aqui, as informações precisam ser um pouco distorcidas ao serem traduzidas em termos físicos. De outra forma, não seriam absolutamente percebidas.

Fim do ditado. Vocês têm alguma pergunta?

(*“Nada em particular, acho.”*)

Sempre que desejarem uma sessão menos formal, ou tiverem perguntas a fazer, digam-me.

(*“Está certo.”*)

(*Com humor*): Estou disposto a roubar um tempo de meus trabalhos como escritor.

(*“Eu sei.”* _

Minhas cordiais saudações e uma boa noite.

(*“Boa noite, Seth. Muito obrigado.” 23h10.*)

SESSÃO 523, 13 DE ABRIL DE 1970,

21h13, SEGUNDA-FEIRA

Boa noite.

(*“Boa noite, Seth.”*)

Vamos terminar o Capítulo Quatro.

(*“Está bem.”*)

Agora: Passei algum tempo salientando o fato de que cada um de nós forma seu próprio ambiente, porque desejo que vocês entendam que a responsabilidade por sua vida e seu ambiente é sua.

Se acreditarem de outra forma, estarão se limitando; seu ambiente, portanto, representa a soma total de conhecimento e experiência. Enquanto acreditarem que seu ambiente é objetivo e independente de vocês mesmos, em grande parte irão sentir-se impotentes para mudá-lo, para enxergar além dele, ou para imaginarem outras alternativas que possam ser menos aparentes. Mais tarde explicarei vários métodos que lhes permitirão mudar seu ambiente ou contexto benéfica e drasticamente.

(21h23. Observem o ponto e vírgula na primeira sentença do parágrafo acima. Seth solicitou que eu pontuasse a sentença dessa forma. Fez pedidos semelhantes muitas vezes ao ditar este livro.)

Também discuti a reencarnação em termos de ambiente, porque muitas escolas de pensamento dão ênfase demasiada aos efeitos das reencarnações, de modo que muitas vezes explicam circunstâncias da vida atual como resultado de padrões rígidos e inflexíveis, determinados em uma vida “passada.” Vocês se sentirão relativamente incompetentes para lidar com a realidade física atual, para alterar seu ambiente ou meio, ou mesmo para afetar e mudar seu mundo, caso sintam estar à mercê de condições sobre as quais não têm qualquer controle.

As razões dadas para tal sujeição não têm grande importância, afinal de contas, pois as razões mudam com os tempos e com sua cultura. Vocês não estão sujeitos a uma sentença devido ao pecado original, a quaisquer eventos de infância ou a experiências de vidas passadas. Sua vida, por exemplo, pode ser muito menos satisfatória do que vocês gostariam. Vocês podem ser menos, quando poderiam ser mais, mas não estão debaixo de um pálio colocado sobre sua psique, seja pelo pecado original, seja pelas síndromes da infância de Freud, ou mesmo pela influência de vidas passadas. Tentarei explicar as influências de vidas passadas com um pouco mais de clareza. Elas afetam vocês da mesma forma que qualquer experiência. O tempo, entretanto, não é fechado – ele é aberto. Uma vida não está enterrada no passado, desconectada do eu presente nem de qualquer eu futuro.

(O ritmo de Jane nesta transmissão foi relativamente lento.)

Como expliquei antes, as vidas ou as peças estão acontecendo ao mesmo tempo. A criatividade e a consciência nunca são realizações lineares. Em cada vida, vocês escolhem e criam seus próprios cenários ou ambientes, e nesta, vocês escolheram seus pais e os incidentes de infância que fizeram parte de sua experiência. Vocês escreveram o texto.

(21h35.) Como qualquer professor distraído, o eu consciente se esquece de tudo isto, entretanto, de modo que quando aparece no texto uma tragédia, uma dificuldade ou um desafio, ele procura alguém ou algo a quem culpar. Antes de terminar este livro, espero mostrar-lhes precisamente como podem criar cada minuto de sua experiência, a fim de começarem a exercer sua verdadeira responsabilidade criativa em um nível consciente – ou quase.

Enquanto lêem este livro, de vez em quando dêem uma olhada na sala em que se encontram. Cadeiras e mesas, tetos e pisos, podem parecer muito reais e sólidos – muito permanentes – enquanto que vocês, ao contrário, sentem-se altamente vulneráveis, apanhados em um momento entre o nascimento e a extinção. Pode até surgir um sentimento de ciúme ao pensarem nisso, imaginando que o universo físico continuará a existir muito depois de vocês haverem partido. Quando terminarmos nosso livro, entretanto,

espero que já tenham compreendido a validade eterna de sua própria consciência e a impermanência dos aspectos físicos de seu ambiente e de seu universo, que agora parecem tão seguros. Pegou tudo isso?

(*“Sim.”*)

Este é o fim do Capítulo Quatro. Podem fazer um intervalo.

(21h45 – 22h02.)

COMO OS PENSAMENTOS FORMAM A MATÉRIA –
PONTOS DE COORDENAÇÃO

Esperem um momento.

(Seguiu-se uma pausa de dois minutos, que terminou às 22h04.)

Capítulo Cinco: Ao lerem as palavras desta página, perceberão que as informações que estão recebendo não são um atributo das letras que compõem as palavras. As linhas impressas não contêm informações – elas transmitem informações. Onde está, então, a informação transmitida, se não se encontra na página? *(Pausa.)*

A mesma pergunta, naturalmente, aplica-se quando vocês lêem um jornal e quando falam com outra pessoa. Suas palavras transmitem informações, sentimentos e pensamentos. É óbvio que os pensamentos, os sentimentos e as palavras não são a mesma coisa. As letras que estão na página são símbolos, e há uma concordância a respeito dos vários significados que lhes são atribuídos. Vocês aceitam como uma coisa absolutamente natural, sem nem pensar, o fato de que os símbolos – as letras – não são a realidade, ou seja, a informação ou o pensamento que tentam transmitir.

Ora, da mesma forma, digo-lhes que os objetos também são símbolos que representam uma realidade cujo significado transmitem, assim como as letras. A verdadeira informação não está nos objetos, assim como o pensamento não está nas letras nem nas palavras. As palavras são métodos de expressão. Também o são os objetos físicos, em um tipo diferente de comunicação. Vocês estão acostumados com a idéia de que se expressam diretamente por meio de palavras. Podem ouvir a si mesmos pronunciando-as. Podem sentir os músculos da garganta movendo-se, e se ficarem atentos, poderão perceber inúmeras reações dentro de seu próprio corpo: ações que acompanham sua fala.

(22h29.) Os objetos físicos resultam de outro tipo de expressão. Vocês os criam tão certamente como criam as palavras. Não quero dizer que os criam com suas mãos apenas, ou por meio de manufatura. Quero dizer que os objetos são derivados naturais da evolução de sua espécie, assim como as palavras. Examinem por um momento o conhecimento que têm de sua própria fala. Embora ouçam as palavras e reconheçam sua conveniência, e embora elas possam mais ou menos se aproximar da expressão de seus sentimentos, elas não são seus sentimentos, e é necessário um hiato entre o pensamento e a expressão desse pensamento em palavras.

A familiaridade da fala começa a desvanecer-se quando percebem que vocês, vocês próprios, quando iniciam uma sentença, não sabem exatamente como irão terminá-la, nem mesmo como formam as palavras. Conscientemente, não sabem como manipulam uma pirâmide cambaleante de símbolos, selecionando entre eles precisamente os que necessitam para expressar um determinado pensamento. Podemos afirmar que vocês não sabem como pensam.

Vocês não sabem como traduzem os símbolos desta página em pensamentos, armazenando-os ou apoderando-se deles. Uma vez que os mecanismos da fala normal lhes são tão pouco conhecidos em um nível

consciente, não é, portanto, de admirar que vocês sejam igualmente inconscientes das tarefas mais complicadas que também realizam – a criação constante de seu ambiente físico, por exemplo, como método de comunicação e expressão.

É somente deste ponto de vista que a verdadeira natureza da matéria física pode ser compreendida. É somente compreendendo a natureza da tradução constante de pensamentos e desejos – não em palavras, mas em objetos físicos – que vocês podem perceber sua verdadeira independência das circunstâncias, do tempo e do meio ambiente.

Agora podem fazer um intervalo. (*Sorriso, às 22h36.*) Uma observação: Estou muito contente....

(*“Com o quê, Seth?”*)

Estou contente com o início de meu capítulo, pois acho que encontrei uma analogia, bem verdadeira, que libertará o leitor de sua dependência artificial da forma física. Quando ele a enxergar como um método de sua própria expressão, perceberá sua própria criatividade.

(*22h38. O transe de Jane fora bom, seu ritmo um tanto lento. Ela disse que a pausa de dois minutos no início da transmissão fora feita porque ela estava conscientemente “pendente” de como Seth iria começar o Capítulo Cinco. Compreendera, também, que se “apenas ficasse lá sentada,” Seth iria sair-se muito bem sozinho.*)

(*Jane recebeu uma porção de imagens enquanto Seth falava. Disse que Seth tinha a idéia deste capítulo muita clara em sua mente; e, com extraordinária nitidez, estava “estampando” no capítulo a idéia do uso da matéria como meio de comunicação. As imagens que ela recebera, contudo, não conseguiu descrever.*)

(*Enquanto me dizia isso, Jane de repente se lembrou de que, durante parte da transmissão, ela parecera estar de pé ao lado da estante de livros que vai do chão ao teto e que separa nossa sala de estar de seu escritório. A distância entre a cadeira de balanço que ela sempre usa nas sessões e a estante é de mais ou menos dois metros.*)

(*Jane tinha uma “lembança” agora, de transmitir parte das informações de Seth na área da estante, de ver a sala de um ponto de vista diferente. Ela não se lembrava de haver saído do corpo. “Isso voltou como um sonho,” disse. Também não conseguia lembrar-se de mais nada sobre o episódio. Não se lembrava de ver a si mesma sentada na cadeira, por exemplo, nem de ver-me sentado no sofá, tomando notas. Ela estava muito intrigada com a idéia de estar fora do corpo, podendo ver a si mesma transmitindo o material de Seth.*)

(*Reiniciamos às 22h56.*)

Agora: É fácil para vocês ver que traduzem sentimentos em palavras ou em expressões corporais e gestos, mas não é tão fácil compreender que formam seu corpo físico tão sem esforço e tão inconscientemente como traduzem sentimentos em símbolos que se transformam em palavras.

(*Longa pausa às 23h01.*) Tenho certeza de que vocês já ouviram dizer que o ambiente expressa a personalidade de um determinado indivíduo. Digo-lhes que esta é uma verdade literal, e não simbólica. As letras na página têm a realidade apenas da tinta e do papel. As informações que transmitem são invisíveis. Como um objeto, este livro é apenas papel e tinta. É um portador de informações.

Vocês poderiam argumentar que o livro foi manufaturado fisicamente, e que não surgiu de repente, através da cabeça de Ruburt, já impresso e encadernado. Vocês, por sua vez, tiveram de comprá-lo ou tomá-lo emprestado, portanto poderão pensar: “Certamente eu não criei o livro da mesma forma que criei minhas palavras.” Antes, porém, de terminarmos, veremos que, basicamente, cada um de vocês cria o livro que segura nas mãos, e que todo o seu ambiente físico sai tão naturalmente de sua mente interior como as palavras saem de sua boca; e que o homem forma objetos físicos tão inconsciente e automaticamente quanto forma sua própria respiração.

Fim do ditado por esta noite. (*Sorriso.*)

(*“Boa noite, Seth, e obrigado.” 23h14.*)

SESSÃO 524, 20 DE ABRIL DE 1970,

21h18, SEGUNDA-FEIRA

(*Jane não se sentia muito bem esta noite, mas decidiu realizar a sessão para ver o que acontecia. Quando ela começou a falar, seu ritmo estava muito lento; e manteve os olhos fechados a maior parte do tempo.*)

Boa noite.

(*“Boa noite, Seth.”*)

Agora: para nosso livro. Os aspectos peculiares e particulares de seu mundo físico dependem de sua existência e de seu ponto de focalização dentro dele. Por exemplo: o universo físico, para aqueles que não existem dentro dele, não contém objetos físicos com solidez, largura e profundidade.

Outros tipos de consciência coexistem dentro do mesmo “espaço” de seu mundo. Elas não percebem seus objetos físicos, pois a realidade delas é composta de camuflagens diferentes. Vocês não percebem essas consciências, e, falando de um modo geral, elas não percebem vocês. Estou falando de uma forma generalizada, contudo, pois vários pontos de suas realidades podem coincidir e, na verdade, coincidem.

Esses pontos não são reconhecidos como tal, mas eles são pontos do que vocês poderiam chamar de realidade dupla, contendo grande potencial de energia: pontos coordenados, na verdade, onde as realidades se fundem. Existem pontos coordenados principais, matematicamente puros, fontes de uma energia fantástica, e pontos coordenados subordinados, que são em grande número.

(*Longa pausa às 21h29.*) Há quatro pontos coordenados absolutos, onde *todas* as realidades se cruzam. Esses pontos coordenados também agem como canais para o fluxo da energia e como teias, ou caminhos invisíveis, que vão de uma realidade a outra. Agem também como transformadores, fornecendo grande parte da energia geradora que é responsável pela continuidade da criação (em seus termos). (*Muitas pausas.*)

Seu espaço é cheio desses pontos subordinados, e como verão mais tarde, eles são importantes para permitir que vocês transformem os pensamentos e as emoções em matéria física. Quando um pensamento ou uma emoção atinge uma certa intensidade, automaticamente atrai o poder de um desses pontos subordinados, sendo, então, fortemente carregado e, de certa forma, ampliado, embora não em tamanho.

Esses pontos colidem no que vocês chamam de tempo, assim como no espaço. Há certos pontos no tempo e no espaço, entretanto, (torno a dizer, em seus termos), que são mais conducentes que outros, onde tanto as idéias quanto a matéria são mais fortemente carregadas. Falando de um modo prático, isto significa que os edifícios durarão mais, e que as idéias solidificadas na forma serão relativamente eternas em seu contexto. Como exemplo, podemos citar as pirâmides.

(*Vagarosamente às 21h43.*) Esses pontos coordenados – absolutos, principais ou subordinados – representam acúmulos ou traços de pura energia, minúsculos ao extremo, se vocês pensarem em termos de tamanho – menores do que qualquer partícula conhecida por seus cientistas, por exemplo, mas compostos de pura energia. Esta energia, contudo, precisa ser ativada, pois permanece adormecida até que o seja – e não pode ser ativada fisicamente.

(*21h50.*) Agora: algumas indicações aqui para ajudar vocês ou os matemáticos. Existe uma diminuta alteração das forças da gravidade na proximidade de todos esses pontos, mesmo dos subordinados, e todas as leis chamadas de físicas apresentam, até certo ponto, um efeito oscilatório nessas cercanias. Os pontos subordinados também servem, de certo modo, como suportes, como intensificações estruturais dentro do esquema de energia que forma todas as realidades e manifestações. Embora eles sejam traços ou acúmulos de energia pura, há uma grande diferença entre a quantidade de energia disponível nos vários pontos subordinados e entre os pontos principais e absolutos.

Podem fazer um intervalo.

(*21h57. Jane estava melhor agora. Ficou surpresa quando eu lhe contei que a transmissão fora tão lenta. Em transe ela não tem noção de suas pausas nem de quantas faz. “Não tenho qualquer sensação de tempo,” ela disse. “Meu espaço é cheio. Não sei de que outra forma explicar...”*

(*Reiniciamos da mesma forma às 22h17.*)

Há pontos, portanto, de energia concentrada. Os pontos subordinados são muito mais comuns, e falando de modo prático, afetam seus afazeres diários. Há lugares que são melhores que outros para construir casas ou estruturas – pontos onde a saúde e a vitalidade são fortalecidas, onde plantas crescem e florescem, e onde todas as condições benéficas parecem reunir-se.

Algumas pessoas percebem esses lugares instintivamente. Eles ficam dentro de certos ângulos formados por pontos coordenados. Os pontos, obviamente, não são físicos – isto é, não são visíveis, embora possam ser matematicamente deduzidos. Eles são percebidos, entretanto, como energia intensificada.

(*22h23.*) Em um determinado lugar, as plantas crescem mais em uma certa área do que em outras, desde que as áreas contenham os requisitos necessários, como a luz. Todo o seu espaço é permeado por esses pontos de coordenação, de modo que se formam certos ângulos invisíveis.

(*22h26.*) Isto está muito simplificado, mas alguns ângulos ficarão mais “nas bordas” do que outros, e serão menos favoráveis para todas as condições de crescimento e atividade. Ao falar nesses ângulos, iremos tratá-los como tridimensionais, embora eles sejam, naturalmente, multidimensionais. Como a natureza desses ângulos não é o tópico principal deste livro, não posso explicá-los pormenorizadamente aqui. Eles parecerão ser mais fortes durante certas épocas do que em outras, embora essas diferenças nada tenham a ver com a

natureza dos pontos coordenados nem com a natureza do tempo. Outros elementos os afetam, mas não precisamos nos preocupar com isso agora.

(22h31.) Os pontos de energia concentrada são ativados por intensidades emocionais que se encontram bem dentro de seu raio de ação normal. Suas próprias emoções ou sentimentos ativarão essas coordenadas, tenham vocês conhecimento delas ou não. Maior energia será acrescentada, portanto, ao pensamento ou sentimento original, e sua projeção para a matéria física será acelerada. Ora, isso se aplica independentemente da natureza do sentimento; apenas sua intensidade está envolvida aqui.

Esses pontos são como plantas de poder invisíveis; em outras palavras, são ativados quando contatados por qualquer sentimento ou pensamento emocional de intensidade suficiente. Os próprios pontos intensificam tudo aquilo que os ativa, de uma forma muito neutra.

Estamos indo um pouco devagar com este material, uma vez que ele é novo, mas principalmente porque eu gostaria que fosse traduzido nos termos mais precisos possíveis; e sem uma formação científica por parte de Ruburt, preciso usar de engenhosidade.

Podem fazer um intervalo.

(22h39 – 23h14.)

Agora: Isto está muito simplificado, mas a experiência subjetiva de qualquer consciência é automaticamente expressa como unidades eletromagnéticas de energia. Elas existem “abaixo” do âmbito da matéria física. Elas são, se preferirem, partículas incipientes que ainda não emergiram na matéria.

Essas unidades são emanações naturais de todos os tipos de consciência. São formações invisíveis, resultantes de reações a qualquer tipo de estímulo. Muito raramente existem em isolamento, mas se unem sob certas leis. Elas mudam tanto sua forma como sua pulsação. Sua “duração” relativa depende da intensidade original que se encontra por trás delas – isto é, por trás do pensamento, da emoção, do estímulo ou da reação original que as fez existir.

(23h21.) Repito: Simplificando muito, em certas condições elas se coagulam em matéria. Essas unidades eletromagnéticas, de intensidade suficientemente alta, ativam automaticamente os pontos coordenados subordinados dos quais falei. Elas são, portanto, aceleradas e impelidas para a matéria muito mais rapidamente (em seus termos), do que unidades de intensidade menor. Para essas unidades, as moléculas pareceriam grandes como planetas. Átomos, moléculas, planetas e essas unidades eletromagnéticas de energia são simplesmente manifestações diferentes dos mesmos princípios que trazem as próprias unidades à vida. É apenas sua posição relativa (sua focalização dentro de um espaço e tempo aparentes) que faz com que isso lhes pareça tão improvável.

Cada pensamento ou emoção, portanto, existe como uma unidade eletromagnética de energia ou, em certas condições, como uma combinação delas; e em geral, com a ajuda de pontos coordenados, emergem como os blocos de construção da matéria física. Esta emergência na matéria ocorre como “resultado” natural, seja qual for a natureza do pensamento ou da emoção. Imagens mentais, acompanhadas de uma emoção forte, são, portanto, cópias heliográficas (projetos ou plantas) sobre as quais um objeto, condição ou evento físico (em seus termos) aparecerá.

Agora: Fim do ditado. Vocês têm alguma pergunta?

(“Não.”)

Estamos indo muito bem com o Capítulo Cinco. Minhas cordiais saudações e muito boa noite.

(“Boa noite, Seth, e muito obrigado.” 23h32.)

SESSÃO 525, 22 DE ABRIL DE 1970,

21h14, QUARTA-FEIRA

(O ditado de Seth para o livro, esta noite, foi precedido de quatro páginas de material pessoal, que eliminamos. Reiniciamos, após uma pausa, às 22h03.)

A intensidade de um sentimento, pensamento ou imagem mental é, portanto, o elemento importante para determinar sua subsequente materialização física.

A intensidade é o núcleo ao redor do qual se formam as unidades eletromagnéticas de energia. Em seus termos, quanto mais intenso o núcleo, mais rápida a materialização física. Isto se aplica tanto no caso de a imagem mental ser terrível, como no caso de ser jubilosa. Ora, há um problema muito importante aqui: se o seu modo de pensar for muito intenso e vocês pensarem em imagens mentais emocionais e vívidas, elas se transformarão rapidamente em eventos físicos. Se vocês forem também de natureza muito pessimista, dados a pensamentos e sentimentos de possíveis desastres, esses pensamentos também serão muito fielmente reproduzidos em sua experiência.

Quanto mais intensa for sua imaginação e suas experiências internas, portanto, mais importante é que vocês percebam os métodos pelos quais estas experiências físicas se tornam fisicamente reais. Seus pensamentos e emoções começam sua viagem para a realização física no momento da concepção. Se vocês vivem em uma área onde o ambiente coordenado é forte, uma dessas áreas que mencionei como singularmente conducentes, então parecerá que estão submersos em doenças, ou calamidades, caso seja essa a natureza de seus pensamentos, porque *todo* pensamento é muito fértil nesse tipo de ambiente. Se, por outro lado, seus sentimentos e experiências subjetivas forem equilibrados, relativamente otimistas e criativos de um modo construtivo, então lhes parecerá que vocês foram abençoados com uma sorte incomum, pois suas suposições agradáveis se manifestarão rapidamente.

Falando rapidamente sobre seu próprio país, a Costa Oeste, partes da Costa Leste, Utah, os Grandes Lagos, a área de Chicago, a área de Mineápolis e algumas outras áreas do sudoeste, ficam nas proximidades de excelentes atividades coordenadas, pelas razões expostas. A materialização se dá rapidamente, e é grande o potencial de elementos tanto construtivos quanto destrutivos.

(22h20.) Esperem um momento. Esses pontos coordenados ativam o comportamento de átomos e moléculas da mesma forma que, digamos, o sol ajuda o crescimento das plantas. As coordenadas ativam o comportamento gerador dos átomos e moléculas, e incentivam grandemente suas habilidades cooperativas, sua tendência para aglomerar-se, por assim dizer, em organizações e agrupamentos estruturais.

Os pontos coordenados ampliam ou intensificam o comportamento, a espontaneidade latente e inerente nas propriedades da matéria física. Eles agem como geradores psíquicos, impulsionando o que ainda não é físico para a forma física.

Agora podem fazer um intervalo.

(22h25 – 22h38.)

Ora, este não deve ser um livro técnico, portanto não é hora nem lugar para discutir profundamente a ação, o comportamento ou os efeitos desses pontos coordenados nem das unidades eletromagnéticas de energia: as emanções naturais de consciência das quais falei. Desejo que saibam, contudo, que pensamentos e emoções são formados em matéria física por métodos muito definidos e através de leis muito válidas, embora atualmente desconhecidas.

Em outras partes de *The Seth Material*, esses processos serão esclarecidos para os que desejam estudar este assunto mais a fundo, ou para os que possam estar interessados nele de um ponto de vista científico. Aqui, estamos discutindo estas questões apenas porque elas tocam o aspecto multidimensional da personalidade, permitindo materializar certas experiências subjetivas em realidade tridimensional. Antes de abandonar o assunto, entretanto, quero lembrá-los de que essas emanções em vários graus surgem de toda consciência, não simplesmente da sua. Isto inclui também consciência celular, de modo que uma rede invisível de unidades eletromagnéticas permeia toda a sua atmosfera; e as partículas de matéria física são então formadas sobre esta rede e a partir dela.

Agora: Todo um livro poderia facilmente ser escrito sobre este assunto. Informações a respeito da “localização” de pontos coordenados principais e absolutos, por exemplo, poderiam ser muito úteis. Vocês se orgulham de sua tecnologia e da produção de bens duráveis, edifícios e estradas, mas muitos deles são insignificantes quando comparados a outras estruturas dentro do “passado.”

Uma verdadeira compreensão do modo em que uma idéia se torna matéria física resultaria em uma reforma de sua tecnologia supostamente moderna, e em edifícios, estradas e outras estruturas que sobreviveriam aos que vocês têm agora. Enquanto a realidade psíquica que está por trás da matéria física for ignorada, vocês não poderão usar efetivamente esses métodos que realmente existem, nem poderão aproveitá-los. Vocês não podem compreender a realidade psíquica que existe no verdadeiro impulso para a sua existência física, a menos que primeiro entendam sua própria realidade psíquica e sua independência das leis físicas.

Meu primeiro propósito, portanto, é torná-los conscientes da identidade interior de que fazem parte, e eliminar alguns dos entulhos intelectuais e supersticiosos que os impedem de reconhecer sua própria potencialidade e liberdade. Depois, então, talvez comecem a aprender as muitas formas em que essa liberdade pode ser usada.

Este é o fim do ditado. Podemos terminar a sessão ou fazer um intervalo, se preferirem.

(*“Faremos um intervalo, então.”*)

(22h58. *Este acabou sendo o final da sessão. Estávamos ambos cansados. O ritmo de Jane havia sido consideravelmente mais rápido do que na última sessão, e ela conservara os olhos fechados a maior parte do tempo.*)

A Alma e a Natureza de Sua Percepção

SESSÃO 526, 4 DE MAIO DE 1970,

22h, SEGUNDA-FEIRA

(A sessão começou tarde esta noite, por causa de minhas próprias atividades com a pintura; trabalhei até tarde, e precisei descansar um pouco. Jane sentia-se bem. Seu ritmo foi bem rápido – o mais rápido, creio eu, desde que Seth começou seu livro. Jane estava natural e descontraída, a voz regular, mantendo os olhos muitas vezes fechados.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: Teremos uma sessão curta, e começarei a ditar o próximo capítulo.

Com as poucas informações dadas até aqui, podemos pelo menos iniciar a discutir o assunto deste livro: A validade eterna da alma. Mesmo quando estivermos explorando outros assuntos, tentaremos ilustrar o aspecto multidimensional deste eu interior. Há muitos equívocos ligados a ele, e antes de qualquer coisa, tentaremos esclarecer esses equívocos.

Em primeiro lugar: a alma não é algo que vocês têm. É aquilo que vocês são. Eu geralmente uso o termo “entidade” de preferência ao termo “alma,” simplesmente porque esses equívocos particulares não são ligados à palavra “entidade,” e suas conotações são menos religiosas em um sentido organizacional.

O problema é que vocês com frequência consideram a alma ou entidade como uma “coisa” terminada, estática, que lhes pertence, mas que não é vocês. A alma ou entidade – em outras palavras, sua mais íntima e poderosa identidade interior – está, e deve continuar, mudando eternamente. Ela não é, portanto, algo como um objeto herdado que se aprecia. Ela é viva, responsiva, curiosa. Ela forma a carne e o mundo que vocês conhecem, e está em um estado de tornar-se ou vir a ser.

Ora, na realidade tridimensional em que seu ego tem seu foco principal, “tornar-se” pressupõe chegada ou uma destinação: um fim para aquilo que estava em estado de formação. A alma ou entidade, porém, tem sua existência basicamente em outras dimensões, e nelas, a realização não é dependente de chegadas a qualquer ponto, sejam espirituais ou de outro tipo.

A alma ou entidade está sempre em um estado de fluxo, ou aprendendo, e em estados de desenvolvimento que têm a ver com a experiência subjetiva e não com o tempo ou espaço. Isto não é tão misterioso como parece. Cada um de meus leitores participa de um jogo no qual o eu consciente egotista finge não saber o que o eu total definitivamente sabe. Como o ego na verdade faz parte do eu total, ele certamente precisa ter uma consciência básica desse conhecimento. Em sua intensa concentração na realidade física, contudo, ele finge não saber, até que se sinta capaz de utilizar essa informação em termos físicos.

Vocês realmente têm acesso ao eu interior, portanto. Não estão apartados de sua alma ou entidade. O ego prefere considerar-se como o capitão ao leme do navio, por assim dizer, uma vez que é o ego que trata

mais diretamente com os mares às vezes tumultuosos da realidade física, e não deseja ser desviado desse trabalho.

Sempre existem canais psicológicos e psíquicos, que enviam comunicações de um lado para outro através dos vários níveis do eu, e o ego aceita, das porções internas da personalidade, as informações e os dados necessários, sem questionar. A posição dele, na verdade, depende em grande parte dessa aceitação incondicional de dados internos. O ego, ou em outras palavras, o eu “exterior” que vocês consideram como sendo vocês – mantém sua segurança e seu comando aparente precisamente porque camadas internas de sua própria personalidade constantemente o sustentam, conservam o corpo físico em operação e mantêm comunicação com os numerosos estímulos, tanto das condições externas como das condições internas. A alma ou entidade não é diminuída, mas sim expandida, através de reencarnações, pela existência e experiência em realidades prováveis – algo que explicarei mais tarde.

(22h19. Observem a quantidade de material dado desde as 22h.)

É somente porque vocês têm uma noção muito limitada de sua própria entidade, que insistem em que ela é quase estéril em sua singularidade. Há milhões de células em seu corpo, mas vocês chamam o corpo de unidade e consideram-no como seu. Vocês o formam de dentro para fora, e formam-no de substância viva, sendo que cada pequena partícula tem sua própria consciência viva. Há grupos de matéria, e nesse sentido, há grupos de consciência, cada uma individual, com seu próprio destino, habilidades e potencial. Não há limites para sua entidade: dessa forma, como poderia sua entidade ou alma ter fronteiras, se fronteiras a limitariam, não lhe permitindo sua liberdade?

Podem fazer um intervalo.

(22h24. Jane reiniciou no mesmo ritmo rápido às 22h33.)

Agora: Em geral parece que a alma é considerada como uma pedra preciosa, que deve eventualmente ser apresentada como uma dádiva a Deus, ou como algumas mulheres costumavam considerar sua virgindade: algo muito precioso que precisa ser perdido, sendo que sua perda significava uma bela dádiva ao recebedor.

Em muitas filosofias, este tipo de idéia ainda existe: a alma sendo devolvida a um doador primordial, ou sendo dissolvida em um estado nebuloso, em algum lugar entre ser e não ser. Antes de qualquer coisa, a alma é, contudo, criativa. Ela pode ser discutida a partir de muitos pontos de vista. Suas características podem ser dadas até certo ponto e, na verdade, quase todos vocês poderiam descobrir sozinhos essas características, se estivessem suficientemente motivados e caso isto fosse sua principal preocupação. A alma ou entidade é a unidade de consciência mais motivada, mais energizada e mais potente conhecida em qualquer universo.

É energia concentrada a um grau quase inacreditável para vocês. Ela contém potenciais ilimitados, mas precisa trabalhar sua própria identidade e formar seus próprios mundos. Carrega dentro de si a carga de todo o ser. Dentro dela há potenciais de personalidade além de sua compreensão. Lembrem-se de que estou falando de sua própria alma ou entidade, assim como da alma ou entidade em geral. Vocês são uma manifestação de sua própria alma. Quantos de vocês desejariam limitar sua realidade, sua realidade total, à experiência que conhecem agora? É isso que fazem quando imaginam que seu eu atual é sua personalidade inteira, ou insistem em que sua identidade seja mantida inalterada através de uma eternidade infinita.

(22h43.) Tal eternidade seria, na verdade, morta. De muitas maneiras, a alma é um deus incipiente, e mais tarde falaremos sobre o “conceito de deus.” Por agora, entretanto, nós simplesmente nos preocuparemos com a entidade ou alma, o eu maior que sussurra nos recessos ocultos da experiência de cada leitor. Espero, neste livro, não apenas afirmar-lhes a eterna validade de sua alma ou entidade, mas ajudá-los a perceber sua realidade vital dentro de cada um de vocês. Primeiramente, contudo, precisam ter alguma idéia de sua própria estrutura psicológica e psíquica. Quando vocês entenderem, em certo grau, quem e o que vocês são, poderei explicar mais claramente quem e o que eu sou. Espero familiarizá-los com esses aspectos profundamente criativos de seu próprio ser, de modo que possam usá-los para estender e expandir toda a sua experiência.

(Com humor): Este é o fim do ditado. Agora esperem um pouco. *(Pausa.)*

Eu desejava iniciar este capítulo porque isso sempre faz com que Ruburt sintasse-se melhor. Acaba a suspense *(sorrindo)* em relação ao próximo capítulo. Mas esperem um pouco. *(Pausa.)*

Agora: Lembre-se de usar, em seu retrato, o sentido da brincadeira e uma mão leve. De outra forma, perderá suas cores cintilantes e acabará retratando uma tristeza que não programou. Lembre-se de que a alma é visível por trás da fachada que você vê – que até o corpo está em um estado constante de atividade quase mágica, mesmo quando você pinta-o em sua cadeira. É fisicamente imóvel.

(Aqui, inesperadamente, Seth referiu-se a um grande retrato no qual tenho estado trabalhando no último mês e que me deu muito trabalho hoje. É o retrato de um paciente do hospital em que está meu pai. O paciente fica sentado mudo e muito rígido em sua cadeira de rodas. Tudo correu bem até que comecei a ter dificuldades com as cores de suas roupas. Achei isso tão irritante, que finalmente acabei fazendo tudo outra vez.)

(Como de costume, as observações de Seth sobre pintura são excelentes. Eu já disse isso muitas vezes. Nunca ouvi Jane discutir pintura do mesmo jeito que Seth. As duas personalidades abordam o assunto de pontos de vista muito divergentes.)

Você deseja a sensação, dentro do aparente estado de imobilidade, de uma atividade contida, altamente acelerada, que não pode ser expressa fisicamente – que precisa irradiar-se da pintura a despeito da aparência óbvia e ilusória de sua figura.

Talvez você esteja dando muita ênfase aos aspectos da cadeira como elementos de ligação que mantêm sua figura mais ou menos parada. Ele (a pessoa), naturalmente, também cria a cadeira, como você sabe, e, portanto, suas limitações. Acredito que haja uma certa dificuldade, ou que tenha havido *(havia!)* com o canto direito inferior, talvez a necessidade de luzes mais transparentes – aplicadas não obviamente demais, entretanto. Você já está resolvendo essas questões. Tem alguma pergunta?

(“Acho que não. Estou cansado demais para pensar.”)

Então vou terminar nossa sessão. Minhas cordiais saudações e um amável boa noite.

(“Obrigado, Seth. Foi muito bom.”)

Obrigado por anotar o ditado mesmo estando cansado.

(“Bem, acho que não estava tão desligado.”)

(22h58. O ritmo de Jane fora bom até o final da sessão.)

SESSÃO 527, 22 DE MAIO DE 1970,
21h12, SEGUNDA-FEIRA

Boa noite.

(*“Boa noite, Seth.”*)

Agora: Continuaremos com o capítulo que começamos. Muitos indivíduos imaginam a alma como sendo um ego imortalizado, esquecendo-se de que o ego, como vocês o conhecem, é apenas uma pequena porção do eu; assim, esta parte da personalidade é simplesmente projetada *ad infinitum*, por assim dizer. Como as dimensões de sua realidade são tão pouco compreendidas, seus conceitos têm que ser limitados. Ao considerar a “imortalidade,” a humanidade parece esperar um maior desenvolvimento egotista, e contudo, opõe-se à idéia de que esse desenvolvimento possa envolver mudanças. O homem diz, por meio de sua religião, que na verdade tem uma alma, sem ao menos perguntar o que é uma alma, parecendo em geral considerá-la, torno a dizer, como um objeto de sua posse.

Ora, a personalidade, como vocês a conhecem, muda constantemente, e nem sempre de maneiras que se possam prever – na verdade, quase sempre de modos imprevisíveis. Vocês insistem em concentrar a atenção nas similaridades compostas por seu próprio comportamento; e sobre elas, vocês constroem a teoria de que o eu segue um padrão que vocês, na verdade, lhe impuseram. E o padrão imposto evita que vejam o eu como ele realmente é. Vocês também projetam este ponto de vista distorcido em seu conceito da realidade da alma, pensando na alma, portanto, à luz de seus conceitos errôneos a respeito até da natureza de seus eus mortais.

(21h25.) Até o eu mortal, vejam só, é muito mais milagroso e admirável do que vocês percebem, e possui muito mais habilidades do que lhe atribuem. Vocês ainda não compreendem a verdadeira natureza da percepção, até no que diz respeito ao eu mortal, e assim, mal podem compreender as percepções da alma. Pois a alma, acima de tudo, percebe e cria. Lembrem-se novamente de que vocês são uma alma agora. A alma dentro de vocês, portanto, está neste momento percebendo. Seus métodos de percepção são os mesmos de antes de seu nascimento físico, e os mesmos de depois de sua morte física. Assim, basicamente, sua porção interior, a matéria da alma, não mudará subitamente seus métodos de percepção nem suas características depois da morte física.

Vocês podem, portanto, descobrir agora o que é a alma. Não é algo que os espera na morte, nem algo que vocês precisam salvar ou redimir, sendo também algo que vocês não podem perder. O termo “perder ou salvar a alma” foi grosseiramente mal interpretado e distorcido, pois ela é sua parte indestrutível. Voltaremos a este assunto quando tratarmos, neste livro, da religião e do conceito de deus.

Também sua própria personalidade (como vocês a conhecem), essa porção de vocês que consideram tão preciosa, muito exclusivamente vocês, nunca será destruída nem perdida. É uma porção da alma. Não será afetada pela alma, nem apagada nem subjugada por ela; nem, por outro lado, poderá jamais ser separada. Ela é, não obstante, apenas um aspecto de sua alma. Sua individualidade, seja como for que a considerem, continua a existir (em seus termos).

Ela continua a crescer e a desenvolver-se, mas seu crescimento e desenvolvimento são profundamente dependentes de sua compreensão de que, embora distinta e individual, ela é também apenas

uma manifestação da alma. Aprendendo isto, a individualidade aprende a desenvolver sua criatividade e a usar as habilidades que lhe são inerentes.

Ora, infelizmente, seria muito mais fácil apenas dizer-lhes que sua individualidade continua a existir, e parar por aí. Embora isso pudesse ser uma parábola bem razoável, ela já foi contada dessa forma antes, e há perigo na própria simplicidade da história. A verdade é que a personalidade que vocês são agora e a personalidade que vocês foram e serão – nos termos em que vocês compreendem o tempo – todas essas personalidades são manifestações da alma, de sua alma.

(21h42.) Sua alma, portanto – a alma que vocês são – a alma da qual vocês fazem parte – essa alma é um fenômeno muito mais criativo e miraculoso do que vocês supunham. E quando isto não é claramente entendido e o conceito é engolido em nome da simplicidade, a intensa vitalidade da alma não pode jamais ser compreendida. Sua alma, portanto, possui a sabedoria, as informações e o conhecimento que fazem parte da experiência de todas essas outras personalidades; e vocês têm dentro de si acesso a estas informações, mas apenas quando compreendem a verdadeira natureza de sua realidade. Quero salientar mais uma vez que essas personalidades existem, independentemente, dentro da alma e fazem parte dela, e cada uma delas é livre para criar e desenvolver-se.

Existe, portanto, uma comunicação interior, sendo que o conhecimento de uma está disponível para qualquer outra – não depois da morte física, mas agora, neste momento presente. Ora, a própria alma, como dissemos, não é estática. Ela cresce e desenvolve-se até através da experiência dessas personalidades que a compõem, e é, para colocar isto da forma mais simples possível, mais do que a soma de suas partes.

(21h50.) Ora, não existem sistemas fechados na realidade. Em seu sistema físico, a natureza de suas percepções limita, até certo ponto, sua idéia de realidade, porque vocês, propositadamente, decidem concentrar-se em um determinado “local.” A consciência jamais pode ser um sistema fechado, e todas as barreiras dessa natureza são ilusórias. Portanto, a própria alma não é um sistema fechado. Quando consideram a alma, contudo, vocês geralmente pensam nela nessa luz – imutável, uma cidadela psíquica ou espiritual. As cidadelas, porém, não apenas evitam a entrada de invasores, mas também impedem a expansão e o desenvolvimento.

Há aqui muitas questões difíceis de expressar em palavras, pois vocês têm tanto medo de seu senso de identidade que resistem à idéia de que a alma, por exemplo, é um sistema espiritual aberto, uma central elétrica de criatividade que se estende em todas as direções – e, na verdade, é esse o caso.

Digo-lhes isto e, ao mesmo tempo, lembro-lhes de que sua personalidade atual jamais se perde. Outra palavra para alma é entidade. Vejam que não é apenas uma questão de dar-lhes uma definição de alma ou entidade, pois mesmo para ter um lampejo dela em termos lógicos, vocês precisariam compreendê-la em termos espirituais, psíquicos e eletromagnéticos, além de compreender a natureza básica da consciência e também da ação. Vocês, porém, podem descobrir, intuitivamente, a natureza da alma ou entidade, e, em muitos aspectos, o conhecimento intuitivo é superior a qualquer outro tipo de conhecimento.

Um pré-requisito para essa compreensão intuitiva da alma é o desejo de alcançá-la. Se o desejo for suficientemente forte, vocês serão automaticamente guiados a experiências que resultarão em um

conhecimento subjetivo vívido e inequívoco. Há métodos que lhes permitirão fazer isto, e mais para o final do livro mencionarei alguns.

(22h02.) Por agora, eis um exercício muito simples, porém bastante eficaz. Fechem os olhos quando chegarem a este ponto do capítulo e tentem sentir dentro de si a fonte de poder de sua própria respiração e força vital. Alguns conseguirão fazer isso na primeira tentativa. Outros podem levar mais tempo. Quando sentirem dentro de si essa fonte, tentem perceber esse poder fluindo através de todo o seu ser físico, saindo pelos dedos das mãos e dos pés, dos poros de todo o seu corpo, em todas as direções, tendo vocês próprios como centro. Imaginem os raios, sempre intensos, atravessando as folhagens e as nuvens no céu, atravessando o centro da terra abaixo, e estendendo-se aos mais distantes confins do universo.

Agora: não quero que este seja um exercício simplesmente simbólico, pois embora possa ter início com a imaginação, é baseado em fato, e as emanções de sua consciência e a criatividade de sua alma estendem-se para fora dessa maneira. O exercício lhes dará alguma idéia da verdadeira natureza, criatividade e vitalidade da alma da qual podem tirar sua própria energia e da qual vocês são uma porção individual e única.

(Com humor): Podem fazer um intervalo.

(“Obrigado.”)

(22h10. *Jane entrara em transe profundo; seu ritmo fora rápido, com poucas pausas. Seth, disse ela, poderia ter continuado no mesmo ritmo. Ele sugeriu um intervalo só porque eu, deliberadamente, repousara minha mão direita cansada no sofá. Jane estava bem. Ela não tinha noção de que uma hora se passara. Observem a quantidade de material transmitido.*

(Como em geral acontece, Jane disse que não se lembrava da primeira parte do capítulo, dado em 4 de maio. Reiniciamos, da mesma forma, às 22h27.)

Agora: Esta discussão não tem o propósito de se transformar em uma apresentação esotérica, com pouco significado prático em seu dia-a-dia. O fato é que, enquanto os conceitos que têm de sua própria realidade forem limitados, não poderão aproveitar, de modo prático, suas muitas capacidades; e enquanto tiverem um conceito limitado de alma, separam-se, até certo ponto, da fonte de seu próprio ser e criatividade.

Ora, essas habilidades atuam independentemente de vocês o saberem ou não, mas com frequência elas atuam a despeito de vocês, e não com sua cooperação consciente; e, muitas vezes, quando percebem que as estão usando, ficam com medo, desorientados ou confusos. Não importa o que vocês aprenderam, precisam compreender por exemplo que, basicamente, as percepções não são físicas na forma em que o termo é geralmente usado. Se notarem que estão percebendo informações através de sentidos não-físicos, precisam aceitar o fato de que essa é a forma que sua percepção funciona.

O que em geral acontece é que seu conceito de realidade é tão limitado que vocês se apavoram cada vez que percebem qualquer experiência que não se ajuste a esse conceito. Ora, eu não estou falando simplesmente de habilidades vagamente chamadas de “percepção extra-sensorial.” Essas experiências lhes parecem extraordinárias porque, por tanto tempo, vocês negaram a existência de qualquer percepção que não chegasse através de seus sentidos físicos.

A assim chamada percepção extra-sensorial lhes dá apenas uma crua e distorcida idéia das maneiras básicas em que o eu interior recebe informações, mas os conceitos formados ao redor da percepção extra-sensorial estão pelo menos mais próximos da verdade, e, assim, representam um progresso em relação à idéia de que toda percepção é basicamente física.

Ora, é praticamente impossível separar uma discussão da natureza da alma de uma discussão da natureza da percepção. Vamos examinar brevemente alguns pontos. Vocês formam a matéria física e o mundo físico que conhecem. Na verdade, podemos dizer que os sentidos físicos criam o mundo físico, forçando vocês a perceberem um campo disponível de energia, em termos físicos, e impondo-lhes um padrão altamente especializado neste campo da realidade. Usando os sentidos físicos, vocês não podem perceber a realidade de qualquer outra forma.

(22h44.) Esta percepção física não altera de modo algum a percepção nativa, básica, irrestrita, que é uma característica do eu interior, sendo o eu interior a porção da alma que está dentro de vocês. O eu interior conhece sua relação com a alma. Ele é uma porção do eu que age, vocês poderiam dizer, como um mensageiro entre a alma e a personalidade atual. Vocês precisam também compreender que embora eu use termos como “alma” ou “entidade,” “eu interior,” e “personalidade atual,” só faço isso por conveniência, pois um é parte do outro; não existe um ponto em que um termine e o outro comece.

Vocês podem facilmente ver isso por si mesmos, se considerarem a maneira em que os psicólogos usam os termos “ego,” “subconsciente,” e até “inconsciente.” O que parece subconsciente em um instante, pode ser consciente no seguinte. Um motivo inconsciente pode também ser consciente em um determinado ponto. Mesmo nesses termos, sua experiência devia dizer-lhes que as palavras fazem divisões que não existem em sua própria experiência.

Vocês parecem perceber exclusivamente por meio de seus sentidos físicos, e, contudo, têm apenas que esticar a idéia egotista de realidade para ver até mesmo seu eu egotista aceitando muito prontamente a existência de informações não-físicas.

(Pausa às 22h53.) Quando ele fizer isso, as idéias que têm de sua própria natureza mudarão automaticamente e se expandirão, pois vocês terão removido as limitações a seu crescimento. Ora, qualquer ato de percepção muda o percebedor, e assim, a alma, considerada como um percebedor, precisa também mudar. Não há divisões reais entre o percebedor e a coisa aparentemente percebida. De muitas formas, a coisa percebida é uma extensão do percebedor. Isso pode parecer estranho, mas todos os atos são mentais, ou, se preferirem, psíquicos. Esta é uma explicação extremamente simples; mas o pensamento cria a realidade. Então, o criador do pensamento percebe o objeto, e ele não compreende a ligação entre si mesmo e esta coisa aparentemente separada.

Esta característica de materializar pensamentos e emoções em realidades físicas é um atributo da alma. Ora, em sua realidade, esses pensamentos se tornam físicos. Em outras realidades, podem ser “construídos” de um modo totalmente diferente. Assim, sua alma, aquilo que vocês são, constrói sua realidade física diária para vocês, de acordo com a natureza de seus pensamentos e expectativas.

Vocês podem facilmente ver, portanto, quão importante seus sentimentos subjetivos realmente são. Este conhecimento – de que seu universo é construção de idéias – pode imediatamente dar-lhes uma indicação

que lhes permitirá mudar seu ambiente e sua situação beneficemente. Quando vocês não entendem a natureza da alma, e não compreendem que seus pensamentos e sentimentos formam a realidade física, sentem-se impotentes para mudá-la. Em outros capítulos deste livro, espero dar-lhes algumas informações práticas que lhes permitam alterar de modo prático a própria natureza e estrutura da vida diária.

(Jane, como Seth, curvou-se para frente, sorrindo.) Você está cansado?

(“Eu poderia usar um intervalo curto.” Ainda em transe e muito divertida, Jane continuou a olhar para mim. Seus olhos estavam muito escuros. “Eu estou bem,” disse. “Você quer continuar? Eu estou bem.”)

Não quero esse peso em minha consciência. Ora, nós precisamos é de dedos extras para você. Por favor, faça uma pausa. *(Com bom humor):* Não pretendo usá-lo por um tempo demasiadamente longo.

(“Está tudo bem.”)

(De repente, alto e com vigor:) Eu poderia ditar a noite toda, uma noite, e então você poderia anotar três sessões.

(“Acho que você poderia fazer isso.”)

(23h09. Novamente, o transe de Jane foi profundo e eu fiquei com câimbra na mão. Eu não duvidava de que Seth pudesse falar a noite toda; as únicas limitações eram as nossas. Jane sentia uma forte energia.)

(Esta pausa marcou o final do ditado de seu livro nesta noite, anunciou Seth quando voltou às 23h28. Então ditou mais ou menos uma página de material pessoal para Jane e eu, e terminou a sessão em tom jovial às 23h35.)

SESSÃO 528, 13 DE MAIO DE 1970.

21h03, QUARTA-FEIRA

Agora: Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

(Sorriso.) É a hora do escritor, e vamos reiniciar o ditado.

A alma percebe toda experiência diretamente. A maioria das experiências de que vocês têm consciência vem embrulhada em um invólucro físico, e vocês tomam o invólucro pela própria experiência, sem pensar em olhar dentro dele. O mundo que vocês conhecem é uma das materializações da consciência, e como tal, é válido.

A alma, contudo, não precisa seguir as leis e princípios que fazem parte da realidade física, e ela não depende da percepção física. A alma percebe atos e eventos mentais, que se encontram, por assim dizer, na base dos eventos físicos como vocês os conhecem. As percepções da alma não dependem do tempo, porque o tempo é uma camuflagem física e não se aplica à realidade não-física.

Ora, é difícil explicar-lhes como a experiência direta realmente funciona, pois ela existe: um campo completo de percepções, livre dos atributos físicos como cor, tamanho, peso e sentido, dos quais suas percepções físicas se revestem.

(21h19.) Palavras são usadas para contar uma experiência, mas elas obviamente não são a experiência que tentam descrever. Sua experiência física subjetiva está tão envolvida com o pensamento em

palavras, entretanto, que é quase impossível vocês conceberem uma experiência que não seja orientada pelo pensamento-palavra.

Ora, cada evento de que vocês têm consciência já é uma tradução de um evento interior, um evento psíquico ou mental que é percebido diretamente pela alma, mas traduzido pelas porções fisicamente orientadas do eu em termos de sentido físico.

Não é preciso dizer, portanto, que a alma não requer um corpo físico para propósitos de percepção; que a percepção não é dependente dos sentidos físicos; que a experiência continua, estejam vocês ou não nesta vida ou em outra; e também que os métodos básicos de percepção da alma também estão atuando dentro de vocês neste momento exato em que lêem este livro. Também é óbvio que sua experiência dentro do sistema físico é dependente de uma forma física e de sentidos físicos – porque, repito, esses interpretam a realidade e traduzem-na em dados físicos. É também claro que alguns indícios da experiência direta da alma podem ser percebidos desligando-se momentaneamente os sentidos físicos – recusando-se a usá-los como percebedores e voltando-se para outros métodos. Ora, vocês fazem isto, até certo ponto, em seus sonhos, mas mesmo então, em muitos sonhos vocês ainda tendem a traduzir a experiência em termos físicos alucinatórios. A maioria dos sonhos de que vocês se lembram são desta natureza.

Em certas profundezas do sono, entretanto, a percepção da alma atua relativamente desimpedida. Vocês bebem, por assim dizer, do poço puro da percepção. Comunicam-se com as profundezas de seu próprio ser e com a fonte de sua criatividade. Essas experiências, não sendo traduzidas fisicamente, não permanecerão pela manhã. Vocês não se lembram delas como sonhos. Sonhos, entretanto, podem mais tarde, naquela mesma noite, formar-se a partir das informações adquiridas durante o que chamarei de “experiência de profundidade.” Essas experiências não serão traduções exatas nem aproximadas da experiência, mas sim da natureza de parábolas oníricas – uma coisa totalmente diferente.

(21h35.) Ora, este nível particular de consciência, que ocorre durante o sono, não foi identificado por seus cientistas. Durante o sono, é gerada a energia que torna possível o próprio estado do sonho. É verdade que os sonhos permitem ao eu fisicamente orientado digerir a experiência corrente, mas é também verdade que a experiência é então devolvida a seus componentes iniciais. Ela se rompe, por assim dizer. Porções dela são retidas como dados sensoriais físicos “passados,” mas a experiência total volta a seu estado direto inicial.

Ela existe, então, “eternamente,” separada da roupagem física de que vocês necessitam a fim de compreendê-la. A existência física é um modo escolhido pela alma para experienciar sua própria realidade. A alma, em outras palavras, criou um mundo para vocês habitarem, para mudarem: uma esfera de atividade completa, na qual novos desenvolvimentos e, na verdade, novas formas de consciência podem emergir.

Podemos dizer que vocês criam continuamente sua alma, enquanto ela continuamente cria vocês.

Podem fazer um intervalo.

(21h45. *Em alguns momentos, a transmissão de Jane quase atingiu a velocidade da última sessão. Reiniciamos mais vagarosamente às 22h05.*)

Agora: a alma jamais é diminuída, nem o são, basicamente, quaisquer porções do eu.

A alma pode ser considerada como um campo de energia eletromagnético, do qual vocês fazem parte. É um campo de ação concentrada, se a considerarem nesta luz – uma central elétrica de probabilidades

ou ações prováveis, buscando expressar-se; um agrupamento de consciência não-física que, não obstante, conhece a si mesma como uma identidade. Considerem-na desta forma: A jovem através de quem eu falo, afirmou certa vez em um poema que cito: “Estes átomos falam, e chamam a si mesmos pelo meu nome.”

Ora, seu corpo físico é um campo de energia com uma certa forma, entretanto, e quando alguém lhes pergunta seu nome, seus lábios o pronunciam – e, contudo, o nome não pertence aos átomos e moléculas dos lábios que pronunciam as sílabas. O nome tem significado apenas para vocês. Dentro de seu corpo, vocês não podem pôr o dedo sobre sua própria identidade. Se pudessem viajar dentro de seu corpo, não conseguiriam descobrir onde reside sua identidade; contudo, vocês dizem: “Este é meu corpo,” e, “Este é meu nome.”

(22h14.) Se vocês não podem ser encontrados, nem por vocês mesmos, dentro de seu corpo, então onde está essa sua identidade que afirma serem dela as células e os órgãos? Sua identidade obviamente tem alguma ligação com seu corpo, uma vez que vocês não têm dificuldade em distinguir seu corpo do corpo de uma outra pessoa, e vocês não têm problemas para distinguir entre seu corpo e a cadeira, digamos, na qual se sentam.

De um modo mais abrangente, a identidade da alma pode ser considerada do mesmo ponto de vista. Ela sabe quem é, e está muito mais certa de sua identidade, de fato, do que seu eu físico está da identidade dele. E contudo, onde, no campo de energia eletromagnética, pode a identidade ou alma, como tal, ser encontrada?

Ela regenera todas as outras porções de si mesma, e dá a vocês a identidade que lhes pertence. E se lhe perguntassem: “Quem é você?” ela simplesmente responderia: “Eu sou eu,” e também estaria respondendo por vocês.

(Pausa às 22h20.) Agora, em termos de psicologia como vocês a entendem, a alma poderia ser considerada como uma identidade primordial que é, em si mesma, uma gestalt de muitas outras consciências individuais – um eu ilimitado capaz, entretanto, de expressar-se de muitas maneiras e formas, mantendo, contudo, sua própria identidade, a propriedade do “eu sou,” mesmo quando está ciente de que esse “eu sou” pode fazer parte de um outro “eu sou.” Ora, sei que isso talvez lhes pareça inconcebível, mas o fato é que esta propriedade do “eu sou” é mantida, embora ela possa, figurativamente falando, fundir-se com e viajar através de outros campos de energia semelhantes. Existe, em outras palavras, um dar-e-tomar entre almas ou entidades, com possibilidades infinitas, tanto de desenvolvimento quanto de expansão. Torno a repetir que a alma não é um sistema fechado.

É apenas pelo fato de sua existência presente ser tão focalizada em uma área estreita, que vocês colocam limites tão rígidos em suas definições e no eu, projetando-os então sobre seus conceitos de alma. Vocês se preocupam com sua identidade física e limitam a extensão de suas percepções por medo de não poderem controlar mais e conservar a identidade do eu.

A alma não teme por sua identidade. Ela está segura de si. Está sempre buscando. Não tem medo de ser sobrepujada pela experiência ou pela percepção. Se tivessem uma compreensão mais completa da natureza da identidade, vocês não temeriam, por exemplo, a telepatia, pois por trás dessa preocupação está o medo de que sua identidade seja varrida pelas sugestões ou pensamentos de outras pessoas.

Nenhum sistema psicológico é fechado, nenhuma consciência é fechada, a despeito de quaisquer aparências em contrário dentro de seu próprio sistema. A alma *é* um viajante, como tem sido repetido tantas vezes; mas *é* também a criadora de toda experiência e de todas as destinações (em seus termos). Ela vai criando mundos em seu caminho, por assim dizer.

Ora, esta *é* a verdadeira natureza do ser psicológico do qual vocês fazem parte. Como mencionado antes, darei neste livro algumas sugestões práticas que lhes permitirão reconhecer algumas de suas habilidades mais profundas, utilizando-as para seu próprio desenvolvimento, prazer e educação.

A consciência não *é* basicamente edificada sobre os preceitos de bem e mal que presentemente os afetam tanto. Nem a alma. Isso não significa que em seu sistema e em alguns outros, esses problemas não existam, e que o bem não seja preferível ao mal. Significa simplesmente que a alma sabe que o bem e o mal são apenas manifestações diferentes de uma realidade muito maior.

Podem fazer um intervalo.

(22h37 – 22h41.)

Agora: Desejo enfatizar mais uma vez que, embora tudo isto soe difícil quando dito, torna-se muito mais claro intuitivamente quando vocês aprendem a experienciar o que são, pois se não puderem viajar dentro de seu corpo físico para encontrar sua identidade, podem viajar através de seu eu psicológico.

Há um número muito maior de maravilhas a serem percebidas através desta exploração interior do que acreditarão possível até começarem essa jornada. Você *é* uma alma. Vocês são almas, manifestações particulares de uma alma, e *é* puro absurdo pensar que devem permanecer ignorantes da natureza de seu próprio ser. Talvez não sejam capazes de colocar seu conhecimento claramente em palavras, mas isso, de forma alguma, nega o valor ou a validade da experiência que terão quando começarem a olhar para dentro.

Ora, vocês podem chamar isto de exploração espiritual, psicológica ou psíquica, como preferirem. Não estarão tentando encontrar sua alma. Nesse aspecto, não há nada a encontrar. Ela não está perdida, e *vocês* não estão perdidos. As palavras que vocês usam talvez não façam diferença, mas sua intenção faz, sem qualquer dúvida.

Fim do ditado. E agora esperem um pouco, por favor.

(Pausa às 22h51. Como na última sessão, Seth terminou o trabalho da noite transmitindo uma página de material pessoal para Jane e eu. Finalizou às 23h01.

(Jane não tem lido o livro de Seth ultimamente. Depois de ouvir minha descrição desta sessão, contudo, pediu-me uma cópia de algumas páginas depois que eu as datilografar. Ela quer lê-las para sua classe de ESP.)

OS POTENCIAIS DA ALMA
SESSÃO 530, 20 DE MAIO DE 1970,
21h19, QUARTA-FEIRA

Boa noite.

(*“Boa noite, Seth.”*)

Agora: Retomaremos o ditado, e estamos iniciando o Capítulo Oito. (*Observação: Isto aparentemente foi um lapso verbal.*)

Parece-lhes que vocês têm apenas uma forma, a forma física que percebem, e nenhuma outra. Parece também que sua forma pode estar apenas em um lugar ao mesmo tempo. Na verdade, vocês têm outras formas que não percebem, e também criam vários tipos de formas para propósitos variados, embora também não as percebam fisicamente.

Há um envolvimento de seu sentido principal de identidade com seu corpo físico, de modo que é, por exemplo, extremamente difícil vocês se imaginarem sem ele, ou fora dele, ou, de qualquer modo, desligados dele. A forma é resultado de energia concentrada, e seu padrão é gerado por imagens vívidas de idéias emocionais ou psíquicas. A intensidade é muito importante. Se vocês têm, por exemplo, um desejo muito nítido de estar em um outro lugar, então, sem o perceberem conscientemente, uma forma pseudofísica, idêntica à sua própria, pode aparecer naquele ponto. O desejo transporta a estampa de sua personalidade e imagem, embora vocês permaneçam inconscientes da imagem ou de sua aparição em outro lugar.

Embora esta imagem-pensamento em geral não seja vista por outros, é bem possível que, no futuro, instrumentos científicos possam percebê-la. Tal imagem pode ser percebida por aqueles que desenvolveram o uso dos sentidos internos. Qualquer ato mental – pensamento ou emoção – não apenas será construído em alguma matéria física ou psicofísica, mas também carregará, de certo modo, o cunho da personalidade que o concebeu originalmente.

(21h30.) Existem muitas dessas formas incipientes ou latentes. Para ajudá-los a imaginar de que estou falando, podem pensar nelas como imagens fantasmagóricas, ou imagens de sombras (embora isto seja apenas para criar uma analogia), formas, por exemplo, subjacentes, que não emergiram completamente na realidade física que vocês conhecem, mas que são, não obstante, suficientemente vívidas para serem construídas. Na verdade, se pudessem vê-las, achariam que são bem reais.

Toda pessoa, na verdade, emite com frequência essas imagens, réplicas de si mesma, embora o grau de materialização possa diferir: algumas formas, por exemplo, são mais ou menos obscuras do que outras. Essas formas, contudo, não são meras projeções – imagens “planas.” Elas têm um efeito definido sobre a atmosfera. “Abrem espaço” para si mesmas em maneiras muito difíceis de explicar, embora possam coexistir às vezes com objetos ou figuras físicas, e até sobrepor-se a eles. Neste caso, há uma interação definida – um intercâmbio, torno a dizer, abaixo da percepção física.

De repente, por exemplo, vocês podem desejar ardentemente estar em uma praia conhecida, mas distante. Este desejo intenso agirá então como um centro de energia, projetado de sua própria mente, e

receberá uma forma – a sua forma. O lugar que você visualizou atrairá então a forma, que instantaneamente aparecerá lá. Isso acontece com muita frequência.

Ela não seria vista em circunstâncias normais. Por outro lado, se o desejo fosse ainda mais intenso, o centro de energia seria maior, e uma porção de seu próprio fluxo de consciência seria transmitida à forma, de modo que por um momento, você, em seu quarto, poderia de repente cheirar o ar salino, ou, de algum outro modo, perceber o ambiente em que se encontra esta pseudoimagem.

(21h44.) O grau de percepção irá aqui variar muito. Para começar, sua forma física é resultado de grande concentração emocional. A energia fantástica de sua psique não apenas criou seu corpo físico, mas ela o mantém. Ele não é uma coisa contínua, embora lhes pareça muito permanente enquanto dura. Não obstante, está em um constante estado de pulsação, e por causa da natureza da energia e de sua construção, o corpo está, na verdade, piscando, ou melhor, acendendo e apagando continuamente.

Agora: Isto é difícil de explicar, e por enquanto, não é totalmente necessário que vocês compreendam as razões desta pulsação; mas mesmo fisicamente, vocês “não estão aqui” o tempo todo que se encontram aqui. A intensidade e o foco emocional de vocês criam formas além de seu corpo físico, mas a duração e o grau dessas formas dependem da intensidade de sua origem emocional.

Seu espaço é, portanto, cheio de formas incipientes, muito vívidas, que se encontram abaixo da estrutura regular da matéria que vocês percebem.

(Jane, como Seth, apanhou meu copo meio-cheio de cerveja na mesa que ficava entre nós. Anoto isto pelo que vem a seguir):

Ruburt agradece-lhe. Não precisa anotar isto. Diminuímos o ritmo de vez em quando para escolher uma determinada palavra, pois algumas partes deste material são muito difíceis.

(“Muito interessante.” Eu notara as variações mais ou menos regulares na velocidade da transmissão de Jane, pouco depois do início da sessão. Cada segmento deste ditado, às vezes rápido, às vezes lento, parecia cobrir no máximo alguns parágrafos. O efeito foi muito mais aparente esta noite do que de costume.)

Essas projeções, na verdade, são constantes. Alguns instrumentos científicos, mais sofisticados do que os que vocês têm agora, mostrariam claramente não apenas a existência dessas formas, mas também as vibrações em várias ondas de intensidade que cercam os objetos físicos que vocês percebem.

(21h57.) Para tornar isto mais claro, olhem para qualquer mesa de sua sala. Ela é física, sólida, e vocês a percebem facilmente. Agora, fazendo uma analogia, imaginem, se puderem, que atrás da mesa existe uma outra exatamente igual, mas não tão física, e atrás dessa ainda uma outra, e outra atrás daquela – cada uma mais difícil de perceber, desvanecendo-se na invisibilidade. E na frente da mesa está uma outra como ela, só que com aparência um pouco menos física do que a mesa “real” – esta também, tendo uma sucessão de mesas menos físicas emanando dela. E imaginem o mesmo em cada lado da mesa.

Ora, qualquer coisa que aparece em termos físicos, também existe em outros termos que vocês não percebem. Vocês somente percebem as realidades quando elas atingem um certo “grau,” quando parecem aglutinar-se em matéria. Elas, porém, na verdade existem, incontestavelmente, em outros níveis.

Agora podem fazer um intervalo e relaxar em um outro nível.

(22h01 – 22h20.) Também há realidades (*pausa*) que são “relativamente mais válidas” que a sua; apenas como analogia, por exemplo, podemos dizer que a sua mesa física equivaleria, nessas outras realidades, às mesas “fantasmagóricas” que vocês imaginaram. Vocês, nesses termos, teriam uma espécie de “supermesa.” O seu sistema de realidade não é, portanto, formado pela concentração de energia mais intensa. É simplesmente aquele do qual vocês se tornam parte e parcela. Vocês o percebem simplesmente por esta razão.

Outras porções de vocês, das quais não têm consciência, habitam, portanto, o que poderiam chamar de super-sistema de realidade, no qual a consciência aprende a perceber concentrações muito mais fortes de energia e a lidar com elas, passando a construir “formas” de uma natureza diferente.

Sua idéia de espaço é, assim, extremamente distorcida, uma vez que espaço para vocês significa simplesmente o lugar onde nada é percebido. Obviamente, ele é cheio de todo tipo de fenômenos, (*pausa*) que não causam qualquer impressão em seus mecanismos perceptivos. Ora, vocês podem, de várias maneiras e ocasionalmente, sintonizar-se, até certo ponto, com essas outras realidades – e vocês o fazem intermitentemente, embora em muitos casos a experiência se perca por não ser registrada fisicamente.

(*Pausa às 22h30.*) Pensem novamente na forma que enviaram para a praia. Embora ela não estivesse equipada com seus sentidos físicos, ela era, por si mesma e de certo modo, capaz de perceber. Vocês a projetaram sem o saber, mas através de leis muito naturais. A forma surgiu de um desejo emocional extremamente intenso. (*Pausa.*) A imagem então segue suas próprias leis de realidade, e, até certo ponto e em grau menor que vocês, tem uma consciência. (*Pausa.*)

Agora: Vocês são, tornando a usar uma analogia, irradiados por um supereu que, com muita força, desejou existência na forma física. Vocês não são bonecos deste supereu, mas seguem suas próprias linhas de desenvolvimento e, através de meios difíceis demais para explicar aqui, contribuem para a experiência do supereu e ampliam a natureza de sua realidade. Vocês também asseguram seu próprio desenvolvimento e conseguem utilizar as habilidades do supereu.

Vocês não serão jamais engolidos pelo eu que, nesses termos, parece tão superior. Por existirem, vocês se irradiam em projeções próprias, como mencionado antes. Não existe fim para a realidade da consciência nem para os meios de sua materialização. Nem existe qualquer limite para o desenvolvimento possível a cada identidade.

Agora: Queria iniciar este capítulo esta noite para termos um bom começo. Entretanto, nossa sessão vai ser fácil e curta.

(*“Eu estou bem.”*)

Você está bocejando muito.

(*“Não tem importância. Sinto-me muito bem agora.”*)

Vamos ter um intervalo curto, então, e continuaremos.

(22h43. *O transe de Jane fora bom. O ritmo regular da sessão continuara. Reiniciamos em ritmo mais lento às 22h54.*)

Agora: Quero deixar isto bem claro mais uma vez: Sua personalidade atual (como pensam nela) é, na verdade, “indelével” e continua a crescer e a desenvolver-se depois da morte..

Torno a mencionar isto no meio desta nossa discussão para que vocês não se sintam perdidos nem anulados nem insignificantes. Obviamente, há um número infinito de gradações nas espécies e tipos de formas de que estamos falando. Essa energia que é projetada de nosso “supereu,” essa centelha de identidade intensa que resultou em seu nascimento físico, aquele impulso único, de certa forma tem muitas semelhanças com o velho conceito de alma – só que contém apenas uma parte da história.

(Longa pausa às 23h01. Jane estava agora fazendo pausas muito perceptíveis entre frases diversas, na transmissão deste material.)

Enquanto vocês continuam a existir e a desenvolver-se como indivíduos, seu eu total, ou alma, tem um potencial tão vasto que, como foi mais ou menos explicado em um capítulo anterior, nunca poderá ser expresso plenamente através de uma única personalidade.

Ora, por meio de um foco emocional muito intenso, vocês podem criar uma forma e projetá-la para uma outra pessoa que, então, poderá percebê-la. Isto pode ser feito consciente ou inconscientemente, o que é muito importante. Esta discussão não trata daquilo que vocês chamam de forma astral, que é algo completamente diferente. O corpo físico é a materialização da forma astral.

(23h05.) Ela não abandona o corpo por qualquer espaço de tempo, entretanto, e não é isso que é projetado em casos como a analogia da praia, usada anteriormente. Atualmente vocês não estão concentrados apenas em seu corpo físico, mas também em uma frequência particular de eventos que interpretam como tempo. Outros períodos históricos existem simultaneamente, em formas igualmente válidas; e também outros eus reencarnatórios. Repito que vocês simplesmente não estão sintonizados nessas frequências.

Vocês podem saber o que aconteceu no passado e ter uma história, porque, de acordo com as regras do jogo que aceitaram, acreditam que o passado, mas não o futuro, pode ser percebido. Vocês poderiam ter a história do futuro no presente, se as regras do jogo fossem diferentes. Está me seguindo?

(“Sim.”)

(Longa pausa às 23h11.) Em outros níveis de realidade, as regras do jogo mudam. Depois da morte (em seus termos), vocês adquirem grande liberdade de percepção. O futuro aparece tão claramente como o passado. Até isto é muito complicado, entretanto, pois não existe apenas um passado. Vocês aceitam como reais apenas certas classificações de eventos e ignoram outras. Nós mencionamos eventos. Há, portanto, passados prováveis, que existem fora de sua compreensão. Vocês escolhem um grupo específico deles, e consideram este grupo de eventos como os únicos possíveis, não compreendendo que os selecionaram dentre uma variedade infinita de eventos passados.

É óbvio, portanto, que existem futuros prováveis e presentes prováveis. Estou tentando tratar disto em seus termos, uma vez que, basicamente, vocês precisam entender que as palavras “passado,” “presente” e “futuro” não são mais significativas, como experiências verdadeiras, do que as palavras “ego,” “consciente,” “inconsciente.”

Terminarei o ditado desta noite. Nesta noite provável *(com bom humor)*, escolho esta provável alternativa. Minhas saudações a ambos.

(23h20. Depois disso, Seth nos deu duas páginas muito interessantes de material a respeito de um pesquisador-escritor paranormal e sua mulher; eles haviam acompanhado a sessão 529, que consta do livro, na última segunda-feira, 18 de maio. A sessão desta noite realmente terminou, então, às 23h35.)

SESSÃO 531, 25 DE MAIO DE 1970

21h22, SEGUNDA-FEIRA

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: Vamos reiniciar nosso ditado.

Não só vocês fazem parte de outros eus independentes, cada um focalizado em sua própria realidade, como também existe aí uma relação harmoniosa. Por exemplo: por causa dessa relação, sua experiência não precisa ser limitada pelos mecanismos físicos perceptivos. Vocês podem utilizar o conhecimento que pertence a esses outros eus independentes. Podem aprender a desviar sua atenção da realidade física, aprender novos métodos de percepção que lhes permitam ampliar seu conceito de realidade e expandir grandemente sua própria experiência.

(21h28. A transmissão de Jane foi se acelerando pouco a pouco.)

É apenas por acreditarem que a existência física é a única válida, que não lhes ocorre procurar outras realidades. Coisas como a telepatia e a clarividência podem sugerir-lhes outros tipos de percepção, mas vocês estão envolvidos com experiências muito definidas, não só quando acordados, mas também quando estão dormindo.

A assim chamada corrente de consciência é apenas isso mesmo: uma pequena corrente de pensamentos, imagens e impressões que fazem parte de um rio de consciência muito mais profundo e que representa sua muito mais extensa existência e experiência. Vocês passam todo o tempo examinando esta pequena corrente, hipnotizados por seu fluxo e extasiados com seu movimento. Simultaneamente, essas outras correntes de percepção e consciência passam sem que vocês as percebam, mas elas fazem parte de vocês e representam aspectos, eventos, ações e emoções muito válidos, com os quais vocês também estão envolvidos em outras camadas de realidade.

(21h35.) Vocês estão tão ativa e vividamente envolvidos nessas realidades, como estão na realidade que é, no momento, o foco de sua atenção principal. Ora, como vocês, por via de regra, preocupam-se apenas com seu corpo e eu físico, prestam atenção na corrente de consciência que parece estar ligada a ele. Esses outros fluxos de consciência, entretanto, estão ligados a outras formas do eu que vocês não percebem. O corpo, em outras palavras, é simplesmente uma manifestação daquilo que vocês são em uma realidade determinada, mas nessas outras realidades, vocês têm outras formas.

“Vocês” não estão basicamente divorciados dessas outras correntes de consciência; o fato é que somente seu foco de atenção os mantém separados delas e dos eventos em que estão envolvidas. Se vocês pensarem em sua corrente de consciência como sendo transparente, entretanto, poderão aprender a olhar através e debaixo dela para outras que jazem em outras camadas de realidade. Vocês podem também aprender a elevar-se acima de sua corrente atual de consciência e perceber outras que correm (usando uma analogia)

paralelas. O fato é que vocês só ficarão limitados ao eu que conhecem se pensarem que assim é e não compreenderem que aquele eu está longe de sua identidade total.

Ora, em geral vocês entram em sintonia com essas outras correntes de consciência sem o perceber – pois, torno a dizer, elas fazem parte do mesmo rio de sua identidade. Todas são, portanto, conectadas.

Qualquer trabalho criativo envolve vocês em um processo cooperativo no qual aprendem a mergulhar nessas outras correntes de consciência, emergindo com uma percepção que tem muito mais dimensões do que a que emergiria do fluxo de consciência restrito e usual que lhes é conhecido. Por esse motivo, a grande criatividade é multidimensional. Sua origem não está em uma realidade, mas em muitas, e ela traz os matizes da multiplicidade dessa origem.

(21h49.) A grande criatividade sempre parece maior do que sua dimensão e realidade puramente físicas. Comparada ao que é considerado usual, parece quase uma intrusão. Ela tira o fôlego. Essa criatividade automaticamente lembra a cada homem sua própria realidade multidimensional. As palavras “conhece-te a ti mesmo,” portanto, significam muito mais do que a maioria das pessoas supõe.

Ora, em momentos de solidão, vocês podem ter consciência de algumas dessas outras correntes de consciência. Podem às vezes, por exemplo, ouvir palavras, ou ver imagens que pareçam fora de contexto junto a seus próprios pensamentos. De acordo com sua educação, suas crenças e seu passado, poderão interpretá-las de muitas formas. Elas podem emanar de várias fontes. Em muitas ocasiões, contudo, vocês, inadvertidamente, sintonizam-se em uma de suas outras correntes de consciência, abrindo momentaneamente um canal para esses outros níveis de realidade nos quais habitam outras porções de vocês.

Alguns deles podem conter os pensamentos do que vocês chamariam de outra encarnação, focalizando um outro período da história como vocês a conhecem. Vocês podem, por outro lado, “captar” um evento no qual um provável eu esteja envolvido, de acordo com suas inclinações, sua flexibilidade psíquica, sua curiosidade, seu desejo de conhecimento. Em outras palavras: vocês podem tornar-se conscientes de uma realidade muito maior do que aquela que conhecem agora, usar habilidades que não sabiam possuir, descobrir, sem qualquer sombra de dúvida, que sua própria consciência e identidade é independente do mundo no qual focalizam sua atenção imediata. Se todas essas coisas não fossem verdadeiras, *eu* não estaria escrevendo este livro, e vocês não o estariam lendo.

(*Humor leve*): Agora, você deve fazer uma pausa.

(“Obrigado.” 22h01 – 22h10.)

Agora: Essas suas outras existências seguem em frente muito alegremente, estejam vocês acordados ou dormindo, mas em geral as bloqueiam quando estão acordados. Durante os sonhos, vocês ficam muito mais conscientes delas, embora haja um processo final de sonho que em geral mascara experiências psicológicas e psíquicas intensas e, infelizmente, aquilo de que se lembram é apenas a versão final do sonho.

Nesta versão final, a experiência básica é convertida, tanto quanto possível, em termos físicos, sendo, portanto, distorcida. Este processo de retoque final não é, entretanto, realizado por camadas mais profundas do eu, mas é, muito mais do que vocês imaginam, quase que um processo consciente.

Um pequeno ponto poderá explicar o que quero dizer aqui. Se vocês não desejam lembrar-se de um sonho em particular, censuram a lembrança em níveis muito próximos da consciência. Muitas vezes, podem

até surpreender-se no ato de, propositadamente, suprimir a lembrança de um sonho. O processo de retoque ocorre quase que no mesmo nível, embora não exatamente.

Aqui, a experiência básica é vestida rapidamente, tanto quanto possível, com roupas físicas. Isso não acontece porque vocês desejem compreender a experiência, mas porque se recusam a aceitá-la como basicamente não-física. Nem todos os sonhos são dessa natureza. Alguns ocorrem realmente em áreas psíquicas ou mentais, ligadas a suas atividades diárias, e nesse caso não é necessário qualquer processo de retoque. Mas nas profundezas das experiências oníricas – aquelas, conseqüentemente, ainda não tocadas pelos cientistas nos pseudos laboratórios de sonhos – vocês entram em comunicação com outras porções de sua própria identidade e com as outras realidades nas quais elas existem.

(22h20.) Neste estado, vocês também realizam trabalhos e esforços que podem ou não estar ligados a seus interesses (como vocês os conhecem). Vocês estão aprendendo, estudando, jogando; estão fazendo qualquer coisa, menos dormindo (*sorrindo*) como pensam nesse termo. Estão muito ativos (*com humor*), envolvidos com o trabalho subterrâneo, com o âmago real da existência.

Ora, quero salientar aqui que vocês simplesmente não estão inconscientes. Apenas parece que estão, porque, por via de regra, não se lembram de nada disto pela manhã. Até certo ponto, entretanto, algumas pessoas têm consciência dessas atividades, sendo que também existem métodos que lhes permitirão lembrar delas em parte.

Não desejo minimizar a importância de seu estado de consciência: como, por exemplo, vocês lêem este livro. Presume-se que vocês estejam acordados, mas, de muitas formas, quando acordados, estão descansando muito mais do que em seu estado noturno de pseudo-inconsciência. Então, em grande escala, percebem sua própria realidade e estão livres para usar habilidades que, durante o dia, ignoram ou negam.

(22h26.) Em um nível muito simples, por exemplo, a consciência deixa seu corpo muitas vezes durante o sono. Vocês comunicam-se com pessoas em outros níveis de realidade, pessoas que conheceram, mas, muito mais que isso, vocês criativamente mantêm e revitalizam sua imagem física, processam sua experiência diária, projetam-na naquilo que consideram o futuro, escolhem, dentre uma infinidade de eventos prováveis, aqueles que tornarão físicos, e iniciam os processos mentais e psíquicos que os trarão para o mundo da substância.

Ao mesmo tempo, disponibilizam estas informações para todas as outras porções de sua identidade que habitam realidades totalmente diferentes, recebendo delas informações comparáveis. Vocês não perdem contato com seu eu normal desperto – simplesmente não se concentram nele. Desviam dele a atenção. Durante o dia, simplesmente invertem o processo. Se estivessem olhando para seu eu diário normal, do outro ponto de vista (usando aqui uma analogia), poderiam achar esse eu fisicamente acordado um estranho, da mesma forma que consideram agora o eu adormecido. A analogia não é válida, porém, simplesmente porque este eu adormecido tem muito mais conhecimento do que o eu acordado do qual vocês tanto se orgulham.

(22h35.) A aparente divisão não é arbitrária nem lhes é imposta. Ela é simplesmente causada por seu presente estado de desenvolvimento, e varia. Muita gente faz excursões a outras realidades – nadam, por assim dizer, em outros riachos ou correntes de consciência, como parte de sua vida normal quando acordados. Às vezes, peixes estranhos surgem nessas águas!

Ora, obviamente eu sou um desses, em seus termos, nadando através de outras dimensões de realidade e observando uma dimensão de existência que é sua, e não minha. Existem, entretanto, canais entre todos esses rios de consciência, todos eles rios simbólicos de experiências psicológicas e psíquicas, e há percursos que podem ser seguidos a partir de minha dimensão, assim como da sua.

Bem, inicialmente, Ruburt, Joseph e eu fazíamos parte da mesma entidade, ou identidade total, e assim, falando simbolicamente, há correntes psíquicas que nos unem. Todas elas se fundem no que com frequência tem sido comparado a um oceano de consciência, um poço do qual brota toda realidade. Comecem com uma consciência qualquer e, teoricamente, encontrarão todas as outras.

(Pausa às 22h43.) Ora, em geral o ego atua como um dique, represando outras percepções – não porque esse era seu propósito, ou porque é da natureza de um ego comportar-se dessa forma, ou mesmo por ser essa a função principal de um ego, mas simplesmente porque vocês foram ensinados que o propósito do ego é restritivo e não expansivo. Vocês verdadeiramente imaginam que o ego é uma porção muito fraca do eu, que precisa defender-se de outras áreas do eu, muito mais fortes e mais persuasivas, e, na verdade, mais perigosas; e assim, treinaram-no para usar anteolhos, o que vai contra suas inclinações naturais.

O ego deseja, sim, compreender e interpretar a realidade física e relacionar-se com ela. Deseja ajudá-los a sobreviver dentro da existência física, mas colocando-lhe anteolhos, vocês prejudicam sua percepção e flexibilidade original. Então, como ele é inflexível, vocês dizem que esta é a função natural e característica do ego.

Ele não pode relacionar-se com uma realidade que vocês não lhe permitem perceber. Mal pode ajudá-los a sobreviver quando vocês não lhe permitem usar suas habilidades para descobrir as verdadeiras condições em que ele deve atuar. Colocam-lhe vendas e depois dizem que ele não consegue enxergar.

Podem fazer um intervalo.

(22h49. Jane estivera bem dissociada. “Esta noite, estive realmente fora, posso lhe dizer...” Seu ritmo fora bom, com pequenas pausas ocasionais. Reiniciamos às 23h02.)

Esse foi o fim do ditado. Agora espere um pouco.

(Seguindo seu padrão de ultimamente, Seth terminou a sessão com algumas páginas de outro material. Desta vez, tratou das razões por trás dos anos de treinamento de Jane como poetisa e escritora de ficção. Foi uma coisa muito astuta, eu pensei, a explicação de Seth sobre como a poesia de Jane sempre fora “um ramo criativo de seu desejo de compreender a natureza da existência e da realidade, seu modo de investigar psiquicamente...outros reinos...um método de investigação e de exploração dos resultados.”

(A ficção, acrescentou Seth, era a “maneira de Jane investigar probabilidades e de tentar compreender outras pessoas. Todos os seus [escritos] fazem parte de sua vida criativa, mas agora ela está investigando a natureza da realidade muito mais diretamente... Há uma grande unidade nos interesses principais da personalidade. Nada será deixado para trás. O eu criativo está atuando, vejam só – indo exatamente para onde deseja ir.”

(As experiências paranormais de Jane, disse Seth, desencadeariam outros esforços criativos, levando-a a pesquisar reservatórios universais de criatividade mais profundos e, literalmente, infinitos...

(Terminamos às 23h21.)

O SONO, OS SONHOS E A CONSCIÊNCIA

SESSÃO 532, 27 DE MAIO DE 1970,

21h24, QUARTA-FEIRA

Boa noite.

(*“Boa noite, Seth.”*)

A necessidade de sono de cada pessoa varia, e nenhuma pílula jamais permitirá que alguém prescinda totalmente do sono, pois muito trabalho é realizado nesse estado. Entretanto, isso poderia ser feito muito mais eficazmente com dois períodos de sono, em vez de apenas um, com duração menor.

Dois períodos, de três horas cada um, seriam suficientes para a maioria das pessoas, caso as sugestões adequadas fossem dadas antes de a pessoa dormir – sugestões que garantiriam a recuperação total do corpo. Em muitos casos, dez horas de sono, por exemplo, acabam sendo prejudiciais, pois resultam em uma preguiça ou moleza, tanto mental quanto física. Nesses períodos prolongados de sono, o espírito simplesmente fica tempo demais longe do corpo, causando uma perda de flexibilidade muscular.

(*A transmissão de Jane foi bem rápida e permaneceu assim durante a sessão.*)

Assim como seria muito melhor fazer vários lanches leves em vez de três grandes refeições por dia, também vários períodos curtos de sono seriam mais eficazes. E haveria outros benefícios. Na verdade, o eu consciente se lembraria mais das aventuras dos sonhos, e pouco a pouco elas seriam acrescentadas à totalidade da experiência, como o ego a entende.

Como resultado de breves períodos de sono mais frequentes e mais curtos, haveria mais picos de atenção consciente e uma renovação mais regular das atividades físicas e psíquicas. Não existiria uma divisão tão definida entre as várias áreas ou níveis do eu. O resultado seria um uso mais previdente da energia e também um uso mais eficaz dos nutrientes. A consciência (como vocês a conhecem) também se tornaria mais flexível e móvel.

Isso não levaria a um obscurecimento da consciência ou foco. Pelo contrário: essa flexibilidade maior resultaria na perfeição do foco consciente. A grande divisão aparente entre o eu acordado e o eu adormecido é, em grande parte, resultado da divisão na função, os dois sendo muito separados – com um bloco de tempo reservado a um, e um bloco maior de tempo reservado ao outro. Eles são mantidos separados, então, por causa do uso que vocês fazem do tempo.

(*21h36.*) Inicialmente, sua vida consciente seguia a luz do dia. Agora, com a luz artificial, não precisa ser assim. Vemos aqui, oportunidades proporcionadas por sua tecnologia que vocês não estão aproveitando. Dormir o dia todo e trabalhar a noite toda não é a resposta: é simplesmente a inversão de seus hábitos atuais. Seria muito mais eficaz e eficiente, porém, dividir o período de vinte e quatro horas diferentemente.

Há muitas variações, na verdade, que seriam melhores do que seu sistema atual. Dormindo cinco horas de cada vez, vocês tirariam o máximo proveito do sono, e qualquer coisa acima desse tempo não tem a

mesma utilidade. As pessoas que precisam de mais sono dariam então um cochilo de duas horas. Para outras, um bloco de sono de quatro horas e dois cochilos seriam muito benéficos. Com as sugestões adequadas, o corpo pode recuperar-se na metade do tempo agora dedicado ao sono. De qualquer forma, é muito mais estimulante e eficaz ter o corpo físico ativo, em vez de inativo, por, digamos, oito a dez horas.

Vocês treinaram sua consciência para seguir certos padrões que não são, necessariamente, naturais para ela, e esses padrões aumentam o senso de alienação entre o eu desperto, ou em estado de vigília, e o eu no estado de sonho. Até certo ponto, vocês narcotizam o corpo com sugestões, de modo que ele acredita que precisa dormir uma certa quantidade de horas de uma vez só. Os animais dormem quando estão cansados, e acordam de um modo muito mais natural.

Vocês teriam uma memória muito melhor de suas experiências subjetivas, e seu corpo seria mais saudável, se esses padrões de sono fossem mudados. Seis a oito horas de sono, ao todo, seriam suficientes, utilizando-se o padrão de cochilos explicado antes. E mesmo aqueles que acham que precisam dormir mais do que isso, descobririam que não é verdade, se não gastassem todo o tempo em um só bloco. Todo o sistema físico, mental e psíquico seria beneficiado.

As divisões do eu não seriam tão severas. O trabalho físico e mental seria mais fácil, e o próprio corpo ganharia períodos regulares de refrigério e descanso. Agora, por via de regra, ele precisa esperar, independentemente de suas condições, pelo menos cerca de dezesseis horas. Por outras razões relacionadas às reações químicas durante os sonhos, a saúde do corpo melhoraria, sendo que esta programação particular também seria útil em casos de esquizofrenia, além de ajudar pessoas com problemas de depressão ou instabilidade mental.

(21h52.) Seu senso de tempo também seria menos rigoroso e rígido. Haveria um estímulo das habilidades criativas, e o grande problema da insônia, que muita gente tem, seria quase que totalmente vencido, pois o que as pessoas temem, em geral, são os longos períodos de tempo nos quais a consciência (como pensam nela), parece ser extinta.

Pequenas refeições ou lanches seriam então ingeridos depois que a pessoa se levantasse. Este método de comer e dormir sanaria vários problemas metabólicos, além de ajudar o desenvolvimento da habilidade espiritual e psíquica ou paranormal. Por muitas razões, a atividade física durante a noite tem, sobre o corpo, um efeito diferente do da atividade física durante o dia, e, para que seja alcançada a condição ideal, ambos os efeitos são necessários.

Em certos momentos da noite, os íons negativos do ar são muito mais fortes ou numerosos do que durante o dia, por exemplo, e uma atividade durante esse tempo, particularmente uma caminhada ou outra atividade ao ar livre, seria muito benéfica do ponto de vista de saúde.

O período que antecede imediatamente o amanhecer em geral representa um ponto de crise para as pessoas muito doentes. A consciência ficou afastada do corpo por um tempo demasiadamente longo e, ao retornar, tem dificuldade para lidar com os mecanismos do corpo doente. Por essa razão, a prática hospitalar de ministrar remédios aos pacientes, para que durmam toda a noite, é prejudicial. Em muitos casos, a consciência faz um esforço grande demais para reassumir o mecanismo da doença.

Esses medicamentos muitas vezes também impedem certos ciclos de sonhos que são necessários, pois podem ajudar o corpo a se recuperar; a consciência, então, fica muito desorientada. Algumas das divisões entre diferentes porções do eu não são basicamente necessárias, mas resultam de costumes e conveniências.

Em períodos de tempo anteriores, embora não houvesse luz elétrica, por exemplo, o sono não era longo e contínuo à noite, pois os lugares em que as pessoas dormiam não eram muito seguros. O homem das cavernas, por exemplo, ficava alerta aos predadores enquanto dormia. Os aspectos misteriosos da luz natural ao ar livre mantinham-no parcialmente alerta. Ele acordava constantemente e inspecionava os arredores e seu próprio abrigo.

(22h04.) Ele não dormia por períodos muito longos como vocês. Os períodos de sono eram de duas ou três horas, estendendo-se pela noite desde o anoitecer até o amanhecer, mas alternando-se com períodos de vigília e de prontidão. Ele também saía em busca de alimento quando achava que os predadores estavam dormindo.

Isso resultava em uma mobilidade de consciência que, na verdade, garantia sua sobrevivência física, e as intuições que lhe surgiam nos sonhos eram lembradas e aproveitadas quando estava acordado.

Ora, muitas doenças são simplesmente causadas por essa sua divisão, por este longo período de inatividade corporal e pelo foco de atenção prolongado na realidade dos sonhos ou da vigília. Sua consciência normal pode beneficiar-se de incursões e descansos nesses outros campos de realização que são penetrados quando vocês dormem, e a assim chamada consciência do sono também se beneficiará de incursões variadas ao estado de vigília.

Agora podem fazer um intervalo.

(22h10. *O transe de Jane fora profundo, seu ritmo rápido o tempo todo. Contudo, ela se lembrava de parte do material, o que geralmente não acontece. Ela não estivera lendo qualquer material sobre o sono. “Tudo isso está muito avançado para mim,” disse ela. “Não tenho pensado em nada disso, pelo menos conscientemente.” Reiniciamos da mesma forma às 22h22.*)

Agora: Trato desses assuntos aqui porque essas mudanças em padrões habituais resultariam, definitivamente, em maior compreensão da natureza do eu. As porções “sonhantes” da personalidade lhes parecem estranhas, não apenas devido a uma diferença básica de foco, mas porque vocês claramente devotam porções opostas de um ciclo de vinte e quatro horas a essas áreas do eu.

Vocês as separam tanto quanto possível. Ao fazerem isso, dividem muito bem suas habilidades intuitivas, criativas e psíquicas ou paranormais, de suas habilidades físicas, manipuladoras e objetivas. Não faz diferença de quantas horas de sono vocês acham que precisam. Vocês ficariam muito melhor dormindo em vários períodos mais curtos, e, na verdade, passariam a precisar de menos tempo. A unidade de sono mais longa deve ser durante a noite. Repito, entretanto, que a eficiência do sono é diminuída e existem desvantagens depois de seis a oito horas de inatividade física.

As funções dos hormônios, das substâncias químicas e dos processos supra-renais, em particular, seriam muito mais eficientes com períodos alternados de atividades, como mencionei. O desgaste do corpo seria minimizado e, ao mesmo tempo, todos os poderes regenerativos seriam usados ao máximo. Tanto as pessoas, com alto como com baixo metabolismo, seriam beneficiadas.

Os centros psíquicos seriam ativados com mais frequência, e a identidade total da personalidade seria fortalecida e mais bem conservada. A resultante mobilidade e flexibilidade de consciência aumentaria a concentração consciente, e os níveis de fadiga permaneceriam sempre abaixo do ponto de perigo. Haveria um maior equilíbrio, tanto físico quanto mental.

Bem, esses horários poderiam ser adotados com facilidade. Os que estão sujeitos às horas de trabalho dos americanos, por exemplo, poderiam dormir entre quatro a seis horas por noite, de acordo com variações individuais, e tirar um cochilo depois do jantar. Quero deixar claro, entretanto, que qualquer coisa acima de seis a oito horas de sono contínuo trabalha contra vocês, e um período de dez horas, por exemplo, pode ser muito prejudicial. Também ao acordarem, com frequência vocês não se sentem descansados, mas drenados de sua energia. Não estão tratando de armazená-la.

Se não compreendem que, em períodos de sono, sua consciência realmente deixa seu corpo, o que eu disse não terá qualquer significado. Ora, sua consciência retorna às vezes para verificar os mecanismos físicos, e a consciência simples de átomos e células – a consciência do corpo – está sempre com o corpo, de modo que ele não fica vazio. Quando vocês dormem, as porções basicamente criativas do eu deixam o corpo por longos períodos de tempo.

(22h39.) Seus hábitos de sono atuais são a causa de alguns casos de comportamento fortemente neurótico. O sonambulismo, até certo ponto, também tem aqui uma ligação. A consciência deseja voltar ao corpo, mas está hipnotizada pela idéia de que o corpo não deve acordar. O excesso de energia nervosa se apossa dos músculos e estimula-os à atividade, porque o corpo sabe que ficou inativo por um tempo demasiadamente longo e, se agir de modo diferente, terá, como consequência, fortes câibras musculares.

O mesmo se aplica a seus hábitos alimentares. Vocês enchem demais os tecidos e depois fazem-nos passar fome. Isso tem efeitos definidos sobre a natureza de sua consciência, de sua criatividade, de seu grau de concentração. Continuando este raciocínio, por exemplo, vocês literalmente fazem seu corpo passar fome à noite, e contribuem para o envelhecimento do corpo, negando-lhe alimento durante essas longas horas. Tudo isso se reflete na força e na natureza de sua consciência.

Sua comida devia ser distribuída pelo período de vinte e quatro horas e não apenas durante as horas em que vocês permanecem acordados. Assim, comeriam muito menos em qualquer “refeição.” Pequenas quantidades de alimento, ingeridas com muito mais frequência, trariam mais benefícios físicos, mentais e psíquicos do que sua prática atual.

Mudando os padrões do sono, mudariam automaticamente seus padrões de alimentação. Descobririam que são uma identidade muito mais harmoniosa. Vocês se tornariam muito mais conscientes de suas habilidades clarividentes e telepáticas, por exemplo, e não sentiriam a profunda separação que agora sentem entre o eu adormecido e o eu desperto. Em grande parte, a sensação de alienação desapareceria.

Aumentaria também seu prazer com a natureza, pois, por via de regra, vocês não têm familiaridade com a noite. Aproveitariam muito mais o conhecimento intuitivo que ocorre nos sonhos, e o ciclo de sua disposição ou ânimo não variaria de modo tão definido como vem acontecendo. Vocês se sentiriam muito mais seguros em todas as áreas da existência.

Também se reduziria o problema da senilidade, pois os estímulos não ficariam minimizados por tanto tempo. E a consciência, com uma flexibilidade maior, experimentaria com mais vigor seu próprio senso de alegria.

Podem fazer um intervalo. *(De repente, em voz alta)*: E se vocês não experimentarem isto, como poderão esperar que outros o façam?

(Brincando: “Não sei.”)

Seus períodos de trabalho criativo também seriam mais eficazes e eficientes se vocês seguissem o conselho dado aqui.

(“Bem, vamos ver o que podemos fazer.”)

(22h53. O transe de Jane fora profundo outra vez; seu ritmo, rápido. Na verdade, sua velocidade deixara minha mão quase entorpecida. Este intervalo acabou sendo o final da sessão registrada.)

(Pela segunda vez nos últimos tempos, Seth e eu batemos um papo sem que eu tomasse notas. Ele explicou, mais detalhadamente, como um padrão de sono diferente melhoraria consideravelmente minha pintura. Depois me arrependi de não ter anotado a conversa, pois recebi muitas informações que poderiam ser aplicadas em geral. Jane terminou a noite dizendo que ela “nem estava com disposição para uma sessão esta noite.”)

(Desde esta sessão – estou datilografando isto em 1º. de junho – Jane e eu temos tentado alterar nosso padrão de sono, e podemos dizer que as idéias de Seth parecem notavelmente funcionais. Após um período mais curto de sono, nós não temos qualquer dificuldade para acordar, alertas e prontos para trabalhar. Complementamos este padrão com um ou dois períodos de descanso durante o dia. O sistema nitidamente nos faz apreciar melhor todas as nossas atividades.)

SESSÃO 533, 1º. DE JUNHO DE 1970,

21h20, SEGUNDA-FEIRA

(Antes do material que aparece a seguir, Seth transmitiu cinco páginas de informações pessoais para Jane e para mim. Ele reiniciou o ditado do Capítulo Oito de seu próprio livro, depois de um intervalo, às 22h10.)

(Com bom-humor): Ditado.

(“Está bem.”)

Agora: É bem sabido que existem flutuações da consciência e do estado de alerta durante o sono. Alguns períodos de sonho realmente substituem alguns períodos de vigília. Mas também existem flutuações na consciência da vigília normal, ritmos que mostram períodos de atividade intensa, seguidos de períodos de consciência muito menos ativos.

Alguns estados de vigília, naturalmente, chegam muito perto dos estados de sono. Eles se fundem uns com os outros, de modo que o ritmo em geral passa despercebido. Essas gradações de consciência são acompanhadas de mudanças no organismo físico. Nos períodos mais morosos da vigília, nota-se uma falta de concentração, uma diminuição dos estímulos em vários graus, um aumento de acidentes e, em geral, um vigor corporal menor.

(22h28.) Por causa do hábito de dormir por longos períodos, permanecendo depois acordados por um longo período, vocês não aproveitam esses ritmos de consciência. Os picos são, de certa forma, abafados, ou passam até despercebidos. Os pronunciados contrastes e a grande eficiência da consciência natural da vigília mal são utilizados.

Ora, estou apresentando aqui todo este material porque ele irá ajudá-los a compreender e usar suas habilidades atuais. Vocês estão pedindo demais de sua consciência natural da vigília, aplainando altos e baixos de sua atividade, exigindo, em alguns casos, que ela continue a todo vapor quando está, na verdade, em um período mínimo; dessa forma, negam a si próprios a grande mobilidade de consciência que lhes é possível.

(22h33.) As sugestões feitas anteriormente neste capítulo, a respeito de hábitos de dormir, resultarão no uso natural desses ritmos. Os picos serão experienciados com mais frequência. A concentração aumentará, os problemas serão vistos com mais clareza e a capacidade de aprendizado será utilizada de uma forma melhor.

(Eu havia comentado com Jane, no mesmo dia, que o advérbio “mais” estava aparecendo muito no material. Agora Seth-Jane curvaram-se para frente, sorrindo em um tom de zombaria.)

Eu ia dizer “muito mais utilizada.”

(“Sim.”)

Agora: Este período prolongado, concedido à consciência de vigília sem períodos de descanso, aumenta no sangue as substâncias químicas que são liberadas durante o sono. Mas, nesse meio tempo, elas tornam o corpo moroso e retardam a concentração consciente. O longo período de sono a que vocês estão acostumados torna-se, então, necessário. Forma-se um círculo vicioso que força um excesso de estímulos durante a noite, aumentando o trabalho do corpo, fazendo-o atuar continuamente em purificações físicas longas que, de uma forma ideal, aconteceriam em períodos mais breves de descanso. O ego sente-se ameaçado pela “licença” prolongada que precisa tirar, fica cauteloso em relação ao sono e ergue barreiras contra o estado do sonho. Muitas delas são profundamente artificiais.

(22h42.) O resultado é uma dualidade aparente e a desconfiança de uma parte do eu em relação à outra. Muito material criativo de valor extremamente prático se perde no processo. Os procedimentos mencionados permitiriam um acesso muito maior a tais informações, e o eu, quando desperto, seria mais revigorado. O simbolismo dos sonhos apareceria com maior clareza e não se perderia, por exemplo, nas muitas horas que vocês agora dedicam ao sono.

Haveria benefícios para a força muscular. O sangue seria purificado mais eficazmente do que quando o corpo permanece reclinado por tanto tempo. E, mais que tudo, haveria – se me permitem – melhor comunicação entre as camadas subjetivas do eu, uma sensação maior de segurança e, especialmente com as crianças, um desenvolvimento maior das habilidades criativas.

Agora podem fazer um intervalo ou terminar a sessão, como preferirem.

(“Vamos fazer um intervalo.” 22h50 – 23h04.)

Uma consciência clara, ordenada, brilhante e vigorosa, precisa de períodos frequentes de descanso para que sua eficiência seja mantida, e para interpretar corretamente a realidade. De outra forma, ela distorce o que é percebido.

O repouso e a sonoterapia (períodos de sono muito prolongados) são úteis em alguns casos, não porque o sono prolongado seja benéfico em si, mas porque tantas toxinas se acumularam que esse período de sono prolongado torna-se necessário. O processo de aprendizado é prejudicado por seus hábitos atuais, pois há períodos em que a consciência está sintonizada para aprender, mas vocês tentam forçar o aprendizado durante períodos mínimos (que vocês não reconhecem). As habilidades criativas e paranormais são deixadas de lado, simplesmente por causa dessa divisão artificial. Disso resultam dualidades que afetam todas as suas atividades.

Em alguns casos, vocês literalmente se forçam a dormir quando sua consciência poderia estar em um de seus pontos máximos. Isto acontece na madrugada. Em certas horas da tarde, a consciência é reduzida, precisando de um repouso que lhe é, então, negado.

Se examinássemos os estágios em que a consciência está desperta, como estamos examinando os estágios do sono, por exemplo, vocês descobririam um âmbito muito maior de atividade do que suspeitariam. Certos estágios de transição são totalmente ignorados. De muitas formas, pode-se dizer que a consciência realmente palpita, variando de intensidade. Ela não é como um raio de luz uniforme, por exemplo.

Agora terminarei nosso ditado. Minhas calorosas saudações a ambos.

(“O mesmo para você, Seth. Obrigado.”)

(23h15. Jane, fora do transe, ficou surpresa com o rápido final da sessão.)

SESSÃO 534, 8 DE JUNHO DE 1970,

21h05, SEGUNDA-FEIRA

(Não tivemos sessão na quarta-feira passada, 3 de junho.

(Às 20h30 desta noite, Jane e eu discutimos o progresso de Seth em seu livro. Jane estava um pouco preocupada. Ela não tem lido o livro, mas percebeu que Seth não está seguindo literalmente o resumo que apresentou antes de começar a ditar o livro capítulo por capítulo. Eu lhe disse que achava que Seth estava apresentando o material com a rapidez que desejava; ela concordou que devia relaxar e deixar que o livro fosse saindo naturalmente.

(Eu gostaria agora de descrever duas impressões, uma de Jane e outra minha, que ocorreram quase simultaneamente alguns minutos antes da sessão. Além disso, minha experiência fundiu-se com outra que aconteceu depois do início da sessão – mas falaremos disso mais tarde.

(1. Enquanto estávamos sentados, esperando que a sessão começasse, Jane disse-me que o rosto de Joseph, em meu quadro a óleo que mostrava Ruburt e Joseph, sorria para ela do lugar em que estava*

pendurado na parede. Quando Jane tomou consciência do sorriso, afastou os olhos do quadro e então voltou a olhá-lo rapidamente. O efeito ainda estava lá, disse ela, tendo durado talvez uns dois minutos, até pouco antes da sessão às 21h.

(Jane estava de frente para o quadro, sentada em sua cadeira de balanço, mas eu tinha minhas costas voltadas para ele por causa de minha posição no sofá. Nas muitas vezes em que me virei para olhar para o quadro, nada vi de incomum. Jane disse-me que Joseph, representando minha própria entidade, sorriu abertamente para ela de um modo que o quadro, na verdade, não faz. A expressão dos olhos mudou primeiro, o sorriso espalhando-se dos olhos para a boca. A testa não se moveu. Foi como se o quadro de repente se tornasse vivo, embora a cabeça pintada de Ruburt não tivesse mudado.

(Jane não gosta particularmente do quadro, e nunca vira esta mudança nele.

(2. Para mim, o efeito diz respeito a uma interferência em minha visão,

** Para ilustrações do quadro, ver *The Seth Material*, Prentice Hall, Inc., 1970.*

sem uma perda real de visão. Não houve efeitos posteriores nesta noite, como não houvera antes, além de uma ligeira dor de cabeça. Esta noite eu não tive dor de cabeça. Por estranho que pareça, nunca me assustei com este fenômeno. Com minha natureza um tanto reservada, não senti necessidade, nem mesmo quando criança, de falar a meus pais a respeito dele ou de consultar um médico. A ausência de efeitos posteriores e a clareza constante de meus processos mentais, podem ter sido tranquilizadores.

(O efeito, que sempre me lembrava uma enxaqueca, começou com um pequeno e vivo padrão de luz, como um dente de serra, logo à direita de minha linha direta de visão. Agora, com a volta da lembrança de episódios quase esquecidos, eu sabia que esse padrão brilhante e tremeluzente poderia espalhar-se de tal forma que, quando eu olhasse para um objeto, ele seria apagado, embora eu ainda possuísse visão periférica.

(Às vezes, a interferência cobria uma área suficientemente grande para me fazer sentir dificuldade em enxergar o papel de desenho à minha frente, por exemplo, ou o lápis que eu segurava. O tremeluzir variava de intensidade. Certa vez, eu me deitei e fechei os olhos, simplesmente porque era mais fácil fazer isso do que qualquer outra coisa. Esses efeitos duravam no máximo meia hora, em geral menos.

(Agora estava pensando em minha reação serena a isso enquanto cresci – algo cujas origens eu desconhecia completamente. Quando a interferência era forte, cobrindo a maior parte de meu campo visual, eu experimentava uma sensação peculiar, tanto de escuridão como de luz, com o mundo objetivo indistinguível dentro do que eu posso apenas descrever como um campo de padrões alternados de luz e trevas, que possuíam uma profundidade aveludada.

(A experiência desta noite não foi tão intensa. Eu percebi que estava começando mais ou menos às 20h50, e imediatamente comecei a fazer auto-sugestões para minimizá-la, pois não desejava alarmar Jane, atrasando a sessão. Ao mesmo tempo, Jane começou a descrever o sorriso que percebera no quadro. Eu podia ver muito bem o quadro quando ela me pediu que verificasse o que ela estava dizendo, embora o efeito de minha visão continuasse a aumentar. Minhas sugestões foram muito benéficas, entretanto, e no início da sessão, às 21h05, percebi que não apenas minha experiência chegara aonde ia chegar, mas que também estava diminuindo. Às 21h15, os últimos traços desapareceram e minha visão ficou clara.

(Há ainda mais, pois quando esta experiência estava terminando, foi substituída, ou melhor, levou a um tipo diferente de evento, que era novo para mim e muito interessante. Anotações subseqüentes e o próprio Seth explicam o que transpirou no decorrer da sessão. Eu diria que o novo efeito envolvia a perda gradual de minha habilidade, primeiro de soletrar, e depois, de escrever...

(Jane começou a falar por Seth em ritmo muito lento, contrastando com o ritmo rápido das últimas sessões. Quando a sessão teve início, precisei fazer um esforço para enxergar a página claramente, a fim de escrever.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

(Pouco antes da sessão, eu fizera um comentário sobre a noite tranqüila, que estava muito quente.)

Espero não perturbar sua paz.

(“Não.”)

Vamos reiniciar o ditado. *(Pausa, uma de muitas.)* A consciência tem muitas características, sendo que algumas vocês conhecem. Muitas das características da consciência, entretanto, não são tão aparentes, já que atualmente vocês usam sua consciência de uma forma que suas percepções aparecem em roupagens que não são naturais. Em outras palavras, vocês estão cientes de sua própria consciência por meio de seu mecanismo físico. Vocês não têm informações sobre sua própria consciência quando ela não opera principalmente através do corpo, como nos estados fora-do-corpo e algumas condições de dissociação.

(Quando escrevi a última sentença, tive consciência – embora sem me aborrecer – de que estava levando mais tempo do que de costume para escrever abreviaturas ou símbolos simples para palavras como “sim,” “como,” “até.” Isso, naturalmente, deveria ser automático. A interferência visual, entretanto, estava aumentando rapidamente.

(Lá pelas 21h12 eu estava soletrando uma ou outra palavra incorretamente. Para mostrar o que aconteceu, estou incluindo, depois da palavra corrigida, alguns dos erros que encontrei em minhas anotações.)

As características da consciência são as mesmas (same/*seme*. N. do T.: Estamos mostrando as palavras como deveriam ser escritas em inglês, e, em itálico, como foram escritas incorretamente.), estejam vocês em um corpo ou fora de um corpo. Os altos e baixos da consciência, que eu mencionei, existem até certo ponto em toda consciência, a despeito da forma adotada (adopted/*adepted*) depois da morte (death/*deth*). A natureza de sua consciência é muito diferente, basicamente (basically/*bascially*), do que ela é agora, embora vocês possam não estar cientes de muitas de suas características.

(Percebi que omitira a palavra “não” da última sentença, e tinha certeza de que alguma coisa estava acontecendo. Eu precisava, cada vez mais, fazer um esforço deliberado para anotar o ditado corretamente. No material abaixo, não conseguia pensar em alguns dos símbolos que usava e precisei escrever as palavras por extenso.)

Ora, sua consciência é telepática e clarividente, por exemplo, embora vocês possam não o perceber. No sono, quando (when/*whene*) vocês muitas vezes presumem estar inconscientes (unconscious/*unconsious*), podem estar muito mais conscientes do que agora, mas simplesmente usando habilidades de consciência que vocês não aceitam como reais ou válidas (valid/*valed*) quando acordados (waking/*waping*). Assim, eliminam-nas de sua experiência (experience/*experienci*) consciente. A consciência (tanto a sua como a minha) é muito independente, tanto (both/*poth*) do tempo como do espaço. E depois da morte, vocês simplesmente percebem os poderes maiores de consciência que existem dentro de vocês o tempo todo.

(21h21. Foi muito difícil para mim anotar as próximas sentenças. Muitas das palavras estavam erradas, sendo que algumas estavam tão erradas que eu as risquei e rapidamente tentei de novo – com o resultado divertido de que as correções também continham erros. Minha visão estava agora muito clara.

(Pela primeira vez, admiti para mim mesmo que talvez devesse pedir a Seth que diminuísse o ritmo, ao mesmo tempo em que percebia que o ritmo dele já estava mais lento. Não lhe perguntei o que estava acontecendo. Aquela sumidade olhava para mim através dos olhos de Jane, sem dar sinal de que alguma coisa incomum estivesse acontecendo na sessão....)

Como eles existem, naturalmente, vocês podem descobri-los agora e aprender a usá-los. Isso os ajudará diretamente (directly/*dreactly*) na experiência após (after/*agter*) a morte. Vocês ficarão muito menos espantados com a natureza de suas próprias reações (reactions/*reactone*) se compreenderem, antecipadamente, por exemplo, que sua consciência não apenas não se encontra aprisionada em seu corpo físico, mas (but/*bud*) pode criar outras porções, se o desejar. Aqueles que “superidentificam” a consciência com o corpo podem

sofrer um tormento (torment/tortment) autocriado, sem qualquer razão, demorando-se perto do corpo. Na verdade, seria como uma alma abandonada que pensa não ter qualquer outro lugar para onde ir.

(Para “antecipadamente” (beforehand), no parágrafo acima, eu escrevera “byeborehoune,” depois riscara e tentara mais duas vezes. Fiz então um esforço determinado para soletrar corretamente e escrever com clareza. Isso ajudou. Foi mais ou menos como sair de um sono profundo e imediatamente fazer um grande esforço para me concentrar na realidade física.)

Ora, vocês são, como eu disse antes, um espírito; e esse espírito tem uma consciência. A consciência, então, pertence ao espírito, mas os dois não são a mesma coisa. O espírito pode ligar e desligar sua consciência. Por sua natureza, a consciência pode piscar e flutuar, mas o espírito não pode.

Eu não gosto particularmente da palavra “espírito,” por causa de várias implicações que lhe são atribuídas, mas ela (it/ot) serve a nossos propósitos no sentido de que a palavra implica independência da forma física.

A consciência não se revigora durante o sono. Ela é simplesmente virada para outra direção. A consciência não dorme, portanto (nesses termos), e embora possa ser desligada, ela não é como uma luz.

(21h28. A dificuldade que eu estava enfrentando para soletrar as palavras, de repente ficou muito maior. Além dos erros de grafia e dos cortes de palavras, eu agora tinha que me preocupar em acompanhar o ritmo de Seth, que estava bem lento. Pela primeira vez, pensei em pedir um intervalo; ainda não estava alarmado, porém. Tive problemas com o parágrafo todo.)

Desligá-la não significa que se vá extingui-la (extinguish/expetmrise) do mesmo modo que a luz desaparece (disappears/disappeares) quando um interruptor é desligado. Seguindo a analogia (analogy/anelogy), se a consciência fosse (were/werse) como (like/light) uma luz que pertencesse (belonged/belenge) a vocês, mesmo quando a desligassem, haveria um tipo de crepúsculo, mas não escuridão (darkness/darkners).

(A esse ponto, eu estava tenso, na beira do sofá, curvando-me sobre o caderno de anotações que estava em cima da mesa à minha frente. Essa é uma posição que raramente assumo – talvez eu tenha pensado que iria me ajudar a enfrentar a experiência. Pedi a Seth que esperasse um minuto.)

O espírito, portanto, nunca está em um estado de nulidade, com sua consciência extinta. É, portanto, muito importante que isso seja compreendido, pois...

(O resto da sentença está ininteligível em minhas anotações. Com grande surpresa, tornei a pedir a Seth que esperasse um pouco. Eu perdera umas duas sentenças e quase desisti de tomar notas. Resolvi,

entretanto, tentar mais uma vez. Jane, como Seth, permaneceu sentada, de olhos abertos, esperando, sem expressar opinião.)

É muito importante entender que a consciência jamais é extinta....

(21h35. Novamente, logo fiquei atrasado. Quando percebi que escrevera “ichstantale” em lugar de “extinguished,” desisti e pedi um intervalo a Seth. Tivemos um intervalo imediatamente. Eu me sentia perdido. Minha mente estava clara, mas era-me impossível, literalmente, continuar a tomar notas. Entretanto, ainda não estava alarmado.

(Quando comecei a explicar a Jane por que tivera que parar, descobri que, além de tudo o mais, eu não conseguia falar coerentemente. Seth então retornou brevemente, com um sorriso largo. De memória, cito o que ele disse:)

Você esteve representando o material desta noite, Joseph.

(Com essas palavras, a compreensão me veio rapidamente, embora os efeitos não tenham cessado com facilidade. Cometi muitos erros ao falar com Jane, mas a dificuldade vocal não foi tão grande quanto a dificuldade em soletrar e escrever. No início, Jane ficou muito preocupada com minhas experiências antes e depois da sessão; mais tarde, ela me disse que, naquele ponto, quase decidira não continuar a sessão. Finalmente acreditou em minha segurança e percebeu que eu estava bem fisicamente.

(Seth suspendeu o ditado do livro por solicitação minha, mas durante um breve intervalo sugeriu que eu pedisse a Jane que acendesse o resto das luzes da sala quando saísse do transe. Então, eu deveria imaginar minha consciência ficando cada vez mais brilhante, enchendo a sala, como luz; eu descobriria que minhas habilidades logo seriam restabelecidas. Não consegui me lembrar de algumas informações subseqüentes.

(Assim, eu experienciara estados alterados de visão, de escrita e de fala esta noite – todas as facetas, naturalmente, de meus recursos físicos de comunicação. Sentado à luz da sala brilhantemente iluminada, descrevi tudo em detalhes para Jane, incluindo os efeitos de visão de anos passados. Ela ficou imaginando se minha perda de habilidades de comunicação também estava relacionada à senilidade de meu pai e seu próprio recolhimento físico. Eu não sabia. Ultimamente, eu não experimentara nada de incomum que o envolvesse.

(Pouco a pouco, voltei a trabalhar em minhas anotações. Estava ansioso para que Seth explicasse tudo. E ele estava certo: às 22h30 eu já me sentia muito melhor. Atualizei as anotações, finalmente, e disse a Jane que estava pronto para continuar a sessão. Então recebemos os dados mais interessantes de todos: os relacionados à minha tranqüilidade diante dos eventos da noite. Reiniciamos em ritmo mais rápido às 22h47.)

Agora: Na demonstração em que Joseph tão bondosamente nos ajudou, vários pontos foram apresentados para implementar o material que acaba de ser transmitido.

Eu já disse que vocês estão familiarizados apenas com as características de sua própria consciência, que usam através de seu corpo. Vocês confiam no corpo para expressar as percepções de sua consciência. Vocês tendem, torno a repetir, a identificar a expressão de sua consciência com o corpo.

Em nossa demonstração, à qual Joseph naturalmente deu sua permissão, ele deixou que sua consciência se retirasse, e, até certo ponto, começou a eliminar a expressão física. Ele não estava consciente de sua permissão, simplesmente porque este tipo de demonstração não poderia ser realizado com o conhecimento da consciência em estado normal de vigília. Ela ficaria automaticamente amedrontada. Quando eu falei sobre o obscurecimento da consciência, Joseph começou a experienciá-la.

(22h55. Este pode ser um ponto complicado, como também pode não ser. Seth usou a palavra "obscurecimento." Certamente, algumas de minhas habilidades de expressão física haviam diminuído consideravelmente, mas eu permanecera lúcido e alerta, e, por hábito, totalmente ocupado em tentar usá-las....Nunca tivera consciência de qualquer tipo de consciência intensificada, ou de súbitos poderes telepáticos ou clarividentes.

(Agora eu não estava tendo qualquer problema para tomar notas.)

Espere um pouco. Na verdade, esse foi um exercício para a manipulação da consciência. Perto da morte, este mesmo tipo de coisa acontece, em graus variados, quando a consciência percebe que já não pode expressar-se através do corpo. Se a pessoa que está morrendo se identificar demais com o corpo, poderá facilmente entrar em pânico, achando que toda expressão é, portanto, cortada, e (seguindo essa linha de raciocínio) está prestes a ser extinta.

Essa crença na extinção, essa certeza de que a identidade será apagada no momento seguinte, é uma experiência psicológica difícil, que pode provocar reações desastrosas. O que acontece, na verdade, é que vocês percebem que a consciência está bem intacta, e que sua expressão é muito menos limitada do que antes. Joseph decidiu, subconscientemente, interromper os métodos de expressão que estava usando naquele momento, simplesmente para que a interferência deles não roubasse sua atenção.

Agora trataremos, depois do que eu considero informações adequadas, de alguns capítulos sobre a natureza da existência após a morte física, no ponto da morte, e envolvendo a morte física final ao término do ciclo reencarnatório. Era importante que vocês entendessem algo sobre a natureza e o comportamento de sua própria consciência antes de podermos iniciar.

Podem fazer um intervalo.

(23h06. O ritmo de Jane fora consideravelmente mais rápido desta vez. Neste último parágrafo, tive uma certa dificuldade para soletrar apenas duas palavras. Reiniciamos mais devagar às 23h20.)

Agora: Também, Joseph, você recorreu, em nossa demonstração, a um certo conhecimento de experiências passadas, quando, em sua doença final, a função motora foi prejudicada. Isso aconteceu na Dinamarca. A última observação é um aparte, mais do que um ditado.

(Segundo Seth, nós três vivêramos na Dinamarca, nos anos de 1600. Eu era um proprietário de terras, Jane era meu filho, e Seth, um comerciante de especiarias. Ver Capítulo 22.)

Agora: Estou terminando este capítulo e, com ele, terminando a Primeira Parte de meu livro. Espere um momento e terminaremos o ditado.

(Seth, porém, ainda não terminara o trabalho do livro. O material a seguir mostra a relação entre os efeitos sobre minha visão e os eventos da própria sessão. É muito interessante o fato de eu haver escolhido esta noite, de todas as noites, para tentar obter dados visuais, embora, nos últimos dias, eu tenha indagado mentalmente a respeito de temas para meu próximo quadro a óleo. Não dissera nada disto a Jane.)

As experiências anteriores da visão foram tentativas preliminares mal sucedidas, em um nível inconsciente, de captar imagens de modelos para seus quadros. Na porção escura indistinta, os modelos teriam aparecido. Você está me acompanhando?

(“Estou.”)

As áreas obscuras representavam uma confusão de vibrações. Você não conseguia obter o material visualmente, em termos físicos, embora estivesse tentando fazê-lo, mas também, naquele ponto, não conseguia recebê-lo como visão interna. Em vez disso, você acabou quase que com um deslocamento. Havia sempre uma sensação de movimento no fundo, que era interpretado visualmente como uma falta de firmeza, um amontoado de manchas.

Agora: Você concordou com nosso experimento esta noite, antes da sessão, quando você e Ruburt estavam jantando. Ruburt estava telepaticamente consciente do arranjo, embora não em nível consciente. O sorriso no retrato, visto por Jane, era obra sua, de certa forma. Ruburt tinha conhecimento do arranjo para a demonstração, mas também estava um pouco alarmado devido à maneira que você escolhera para interpretar a experiência. O sorriso no retrato foi para tranquilizá-la – agora Jane, mais que Ruburt. Você enviou-lhe confiança. Ruburt recebeu-a de Joseph. Você está me acompanhando?

(“Estou.” E foi um método muito eficiente, pensei eu..)

Agora vou encerrar por hoje.

(“Foi muito interessante.”)

Agradeço-lhe por sua ajuda. Muito boa noite aos dois.

(23h36. “Boa noite, Seth.” Tornei a sentir dificuldade para soletrar algumas palavras depois do último intervalo. Isso foi tudo.)

SEGUNDA PARTE

A EXPERIÊNCIA DA “MORTE”

SESSÃO 535, 17 DE JUNHO DE 1970,

21h, QUARTA-FEIRA

(As sessões regulares de 10 e 15 de junho não se realizaram, para que Jane pudesse descansar. Nós, entretanto, fizemos por nossa conta uma experiência muito bem sucedida com hipnose durante minha visita ao dentista. Jane deu sua aula de ESP na noite passada, mas não tivemos uma sessão.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Iniciaremos a Segunda Parte, Capítulo Nove, que se chamará “A Experiência da Morte.”

O que acontece no ponto da morte? A pergunta é muito mais fácil de ser feita do que respondida. Basicamente, não existe um ponto específico da morte nesses termos, mesmo no caso de um acidente súbito. Tentarei, entretanto, dar uma resposta prática ao que vocês consideram uma pergunta prática. O que a pergunta realmente significa para a maioria das pessoas é isto: O que acontecerá quando eu já não estiver vivo em termos físicos? O que sentirei? Ainda serei eu mesmo? As emoções que me impulsionavam na vida continuarão a fazê-lo? Existe um céu ou um inferno? Serei recebido por deuses ou demônios, inimigos ou seres amados? Mais do que tudo, a pergunta significa: Quando eu estiver morto, ainda serei quem sou agora, e me lembrarei daqueles que agora me são caros?

Eu também responderei às perguntas nesses termos; antes de respondê-las, porém, precisamos fazer algumas considerações (que aparentemente não são práticas) a respeito da natureza da vida e da morte.

Em primeiro lugar, vamos considerar o fato que acabamos de mencionar. Não existe um ponto de morte isolado, indivisível e específico. A vida é um estado de tornar-se, de vir a ser, e a morte faz parte desse processo. Vocês estão vivos agora: uma consciência que conhece a si própria, pulsando entre células mortas e moribundas; uma consciência viva – enquanto os átomos e moléculas de seu corpo morrem e renascem. Vocês estão vivos, portanto, em meio a pequenas mortes; porções de sua própria imagem se desintegram a cada momento, sendo substituídas, e vocês mal tomam conhecimento disso. Portanto, de certa forma, vocês vivem agora em meio à morte de si mesmos – estão vivos a despeito e por causa de numerosas mortes e renascimentos que ocorrem dentro de seu corpo (em termos físicos).

Se as células não morressem e não fossem reabastecidas, a imagem física não continuaria a existir; portanto, no presente (como vocês o conhecem), sua consciência vibra junto à sua imagem corpórea, que está em constante modificação.

De muitas maneiras, vocês podem comparar sua consciência (como vocês a conhecem agora) a um pirilampo, pois embora lhes pareça que ela seja contínua, não é esse o caso. Ela também pisca, acendendo e apagando, embora, como mencionamos antes, nunca se extinga completamente. Seu foco, entretanto, não é, nem de longe, tão constante como vocês supõem. Assim, enquanto vocês estão vivos em meio às suas próprias mortes numerosas, também, embora não o percebam, estão com frequência “mortos” em meio à vida pulsante de sua própria consciência.

Estou usando aqui seus próprios termos. Por “morto,” portanto, quero dizer completamente fora do foco da realidade física. Ora, sua consciência, muito simplesmente, não está fisicamente viva nem é fisicamente orientada exatamente pelo mesmo tempo que permanece fisicamente viva e fisicamente orientada. *(Tendo datilografado isto em 22 de junho, fiquei imaginando se eu transcrevera corretamente o que Seth dissera. Jane e eu decidimos que sim – e faz sentido.)* Isto pode parecer confuso, mas espero tornar mais claro o que afirmei. Existem pulsações de consciência, embora, repito, vocês talvez não as percebam.

Considerem esta analogia: Em um momento, sua consciência está “viva,” focalizada na realidade física. No instante seguinte, está focalizada em outro lugar, totalmente diferente, em um sistema diferente de realidade. Ela está inanimada, ou “morta” em seu modo de pensar. No próximo instante, está novamente “viva,” focalizada em sua realidade, mas vocês não percebem o instante intermediário de “inatividade.” Seu senso de continuidade, portanto, é totalmente construído com base em pulsações alternadas de consciência. Isso está claro?

(“Está.” Pausa às 21h25.)

Lembrem-se de que estamos apresentando uma analogia, de modo que a palavra “instante” não deve ser tomada muito literalmente. Há, então, o que podemos chamar de face inferior da consciência. Ora, da mesma forma, existem átomos e moléculas que estão “mortos” ou inativos dentro de seu sistema, mas que em seguida se tornam vivos e ativos, só que vocês não podem perceber o instante em que eles não existem. Como seus corpos e todo o seu universo físico são compostos de átomos e moléculas, estou dizendo-lhes que toda a estrutura existe da mesma forma. Ela pisca, acendendo e apagando; em outras palavras: pisca em um certo ritmo semelhante ao ritmo da respiração.

Há ritmos gerais, e dentro deles, uma infinidade de variações individuais – quase como um metabolismo cósmico. Nesses termos, o que chamam de morte é simplesmente a inserção de uma pulsação mais longa que vocês não percebem, ou seja, uma pausa longa nessa outra dimensão.

A morte dos tecidos físicos é simplesmente uma parte do processo da vida como vocês a conhecem em seu sistema, uma parte do processo de tornar-se ou vir a ser. E como vocês sabem, desses tecidos surgirá nova vida.

A consciência – consciência humana – não é dependente de tecidos, e, contudo, não existe matéria física que não seja trazida à vida por alguma porção de consciência. Por exemplo: quando sua consciência individual deixa o corpo de uma forma que explicarei em breve, as consciências simples dos átomos e das moléculas permanecem, não sendo aniquiladas.

Podem fazer um intervalo, e depois continuaremos.

(“Você tem um título para a Primeira Parte de seu livro?”)

Ainda não. O título que lhe dei é apenas para o Capítulo Nove. Mas para sermos específicos, darei título aos capítulos um por um.

(21h40. Jane estava bem dissociada. Reiniciamos às 21h57.)

Agora: Em sua situação atual, vocês arbitrariamente se consideram dependentes de uma determinada imagem física: vocês se identificam com seu corpo.

Como mencionei antes, durante toda a sua vida, porções desse corpo morrem, e o corpo que vocês têm agora não contém uma só partícula da matéria física que “ele” continha, digamos, dez anos atrás. Seu corpo é agora completamente diferente, portanto, do que era há dez anos atrás. O corpo que vocês tinham dez anos atrás, meus caros leitores, está morto. Contudo, obviamente, vocês não sentem que estão mortos, e são capazes de ler este livro com olhos compostos de matéria completamente nova. As pupilas, as pupilas “idênticas” que vocês têm agora, não existiam dez anos antes, e, entretanto, não parece haver uma grande solução de continuidade em sua visão.

Este processo, vejam só, continua de um modo tão suave que vocês não o percebem. As pulsações mencionadas antes têm uma duração tão curta que sua consciência salta por cima delas alegremente, mas sua percepção física parece não poder fazer uma ponte entre esses intervalos quando ocorre o ritmo mais longo da pulsação. Esse é, então, o tempo que vocês percebem como morte. O que desejam saber, portanto, é o que acontece quando sua consciência se afasta da realidade física, e quando, momentaneamente, ela parece não ter uma imagem para vestir.

Falando de modo bem prático, não existe uma resposta única, pois cada um de vocês é um indivíduo. Falando de modo geral, naturalmente, há uma resposta que servirá para cobrir os aspectos principais da experiência, mas os tipos de morte têm muito a ver com a experiência vivida pela consciência. Há também o

desenvolvimento da própria consciência e o método geral e característico que ela usa para lidar com a experiência.

As idéias que vocês têm a respeito da natureza da realidade irão colorir fortemente suas experiências, uma vez que as interpretarão à luz de suas crenças, assim como agora interpretam diariamente a vida de acordo com suas idéias do que é possível ou do que não é possível. Sua consciência pode retirar-se de seu corpo vagarosa ou rapidamente, segundo muitas variáveis.

(*Pausa às 22h11.*) Em muitos casos de senilidade, por exemplo, as porções fortemente organizadas da personalidade já deixaram o corpo e estão enfrentando as novas circunstâncias. O medo da morte em si pode causar um tal pânico psicológico que, por um senso de autopreservação e defesa, vocês baixem sua consciência de modo a entrarem em um estado de coma, podendo levar algum tempo para recuperar-se.

A crença no fogo do inferno pode provocar alucinações sobre as condições do Hades. A crença em um céu estereotipado pode resultar em uma alucinação sobre as condições celestiais. Vocês formam sempre sua realidade de acordo com suas idéias e expectativas. Essa é a natureza da consciência, seja qual for a realidade em que se encontrem. Essas alucinações, garanto-lhes, são temporárias.

A consciência precisa usar suas habilidades. O tédio e a estagnação de um céu estereotipado não satisfarão por muito tempo a consciência vivaz. Existem professores para explicar as condições e as circunstâncias. Vocês não ficam sozinhos, portanto, perdidos em labirintos de alucinações. Podem, ou não, perceber imediatamente que estão mortos em termos físicos.

(*22h20.*) Vocês irão encontrar-se em uma outra forma, uma imagem que lhes parecerá física, desde que não tentem manobrar com ela dentro do sistema físico. Nesse caso, as diferenças entre ela e o corpo físico se tornarão óbvias.

Se acreditarem firmemente que sua consciência é um produto de seu corpo físico, poderão tentar apegar-se a ele. Existe, entretanto, uma categoria de personalidades, uma guarda de honra, por assim dizer, que está sempre pronta a prestar assistência e ajuda.

Ora, esta guarda de honra é composta de pessoas (em seus termos) tanto vivas quanto mortas. As que estão vivendo em seu sistema de realidade realizam tais atividades em uma experiência “fora do corpo” enquanto o corpo físico dorme. Elas estão familiarizadas com a projeção da consciência, com as sensações envolvidas, e ajudam a orientar aqueles que não retornarão ao corpo físico.

(*22h26.*) Essas pessoas são particularmente úteis porque ainda estão envolvidas com a realidade física, tendo uma compreensão mais imediata dos sentimentos e emoções que acompanham seu final. Essas pessoas podem ou não ter uma lembrança de suas atividades noturnas. Experiências com projeção de consciência e conhecimento da mobilidade da consciência são, portanto, muito úteis como preparação para a

morte. Vocês podem experienciar o ambiente pós-morte antecipadamente, por assim dizer, e aprender as condições que serão enfrentadas.

Esse, entretanto, não é, necessariamente, um tipo de esforço sombrio, nem são os ambientes pós-morte sombrios em qualquer aspecto. Pelo contrário: são geralmente muito mais intensos e alegres do que a realidade que vocês agora conhecem.

Vocês estarão simplesmente aprendendo a atuar em um novo ambiente em que se aplicam leis diferentes, e as leis são muito menos limitadoras do que as físicas com as quais vocês estão agora envolvidos. Em outras palavras: precisam aprender a compreender e usar novas liberdades.

Essas experiências variam, contudo, pois esse é um estado de tornar-se; muitos continuarão em outras vidas físicas, e alguns existirão e desenvolverão suas habilidades em sistemas de realidade totalmente diferentes e, durante um tempo, permanecerão nesse estado “intermediário.”

Agora podem fazer um intervalo.

(22h35 – 22h48.)

(*Com humor leve:*) Agora: Para aqueles que são preguiçosos, não posso oferecer qualquer esperança – a morte não lhes trará um lugar de descanso eterno. Vocês podem descansar, se o desejarem, durante um tempo. Mas precisam, depois da morte, não apenas usar suas habilidades, como também enfrentar corajosamente a si mesmos em relação às habilidades que não utilizaram durante suas existências prévias.

Os que têm fé na vida após a morte, verão que é muito mais fácil acostumar-se às novas condições. Os que não têm essa fé, podem adquiri-la de um modo diferente, seguindo os exercícios que darei neste livro, pois, se forem persistentes, cheios de esperança e determinados, os exercícios irão permitir-lhes estender suas percepções a essas outras camadas de realidade.

Agora: a consciência, como vocês a conhecem, está acostumada a esses breves intervalos de não-existência física mencionados antes.

Intervalos maiores podem desorientá-la em vários graus, mas não são incomuns. Quando o corpo físico dorme, a consciência muitas vezes deixa o sistema físico por períodos relativamente longos (em seus termos). Como, porém, a consciência não está no estado de vigília físico normal, não tem consciência dessas lacunas e não se preocupa com isso.

(22h50.) Se, em um estado de vigília, normal e fisicamente a consciência desocupasse o corpo pelo mesmo espaço de tempo, ela se consideraria morta, pois não poderia explicar a lacuna na dimensão e na experiência. Durante o sono, portanto, cada um de vocês já passou – em algum grau – pelo mesmo tipo de ausência de consciência da realidade física que experiencia durante a morte.

Em tais casos, vocês retornam ao corpo, mas já atravessaram muitas vezes um portal para essas outras existências; portanto, o processo não será tão desconhecido para vocês como supõem. Lembranças de sonhos e outras disciplinas mentais, que mencionarei mais tarde, tornarão estes pontos muito claros para todos os que se dedicarem aos exercícios sugeridos.

Bem, vocês poderão ou não ser recebidos por amigos ou parentes imediatamente após a morte. Como sempre, esta é uma questão pessoal. Além de tudo, poderão estar muito mais interessados em pessoas que conheceram em vidas passadas, por exemplo, do que nas que lhes são próximas nesta vida atual.

(23h03.) Seus verdadeiros sentimentos em relação a parentes que também estão mortos serão revelados a vocês e a eles. Não existe hipocrisia. Vocês não fingem amar um genitor que pouco fez para conquistar seu amor ou respeito. A telepatia atua sem distorções neste período pós-morte, de modo que precisarão lidar com as verdadeiras relações que existem entre vocês e todos os parentes e amigos que os esperam.

Poderão descobrir que alguém que consideravam simplesmente um inimigo, na verdade merece seu amor e respeito, por exemplo, e então irão tratá-lo adequadamente. Seus próprios motivos ficarão muito claros. Vocês reagirão a essa clareza, entretanto, a seu próprio modo. Não se tornarão automaticamente sábios se não o tiverem sido antes, mas também não haverá uma forma de se esconderem de seus próprios sentimentos, emoções ou motivos. Se vão reconhecer motivos inferiores em si mesmos ou aprender com eles, vai depender de vocês. As oportunidades de crescimento e desenvolvimento são muito ricas, entretanto, e os métodos de aprendizado à sua disposição, muito eficazes.

Vocês examinam a estrutura da existência que deixaram, e aprendem a compreender como suas experiências resultaram de seus próprios pensamentos e emoções, e como afetaram outras pessoas. Até que o exame termine, não terão consciência das porções maiores de sua própria identidade. Quando perceberem o significado e o sentido da vida que acabaram de deixar, estarão prontos para o conhecimento consciente de suas outras existências.

Tornam-se conscientes, então, de uma percepção expandida. O que vocês são começa a incluir o que foram em outras vidas, e iniciam a fazer planos para sua próxima existência física, caso se decidam por uma. Poderão, em vez disso, entrar em um outro nível de realidade, voltando depois a uma existência física, se o desejarem.

(23h15.) Bem, este é o fim do ditado. Vocês poderão fazer perguntas ou terminar a sessão.

(Eu tinha perguntas a respeito de pintura, portanto a sessão só terminou às 23h26.)

SESSÃO 536, 22 DE JUNHO DE 1970,

21h18, SEGUNDA-FEIRA

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: Continuaremos o ditado.

A consciência (como pensam nela) pode, é claro, deixar totalmente o corpo antes da morte física. (Como mencionado antes, não existe um ponto preciso da morte, mas estou falando como se existisse, para que vocês possam compreender melhor.)

Seu eu consciente – Podem fazer um intervalo e cuidar de seus afazeres....

(Eu já estava largando meu caderno de notas. Nosso gato preto, Rooney, estava arranhando a porta da sala. Jane ficou esperando, meio em transe – uma sensação que mais tarde ela descreveu como “estranha” – enquanto eu seguia o gato para o saguão. Antes que eu voltasse para o apartamento, nosso entregador de jornais apareceu; quando terminei de pagá-lo, Jane saíra do transe. Reiniciamos finalmente às 21h27.)

Agora: Sua consciência deixa o organismo físico de várias formas, dependendo das condições. Em alguns casos, o próprio organismo ainda tem capacidade de funcionar em certo grau, embora sem a liderança da organização que existia previamente. Após a partida da consciência principal, a consciência de átomos, células e órgãos continua a existir durante algum tempo.

Vocês podem – ou não – passar por uma desorientação, de acordo com suas crenças e desenvolvimento. Ora, não me refiro, necessariamente, ao desenvolvimento intelectual. O intelecto deve andar de mãos dadas com as emoções e intuições, mas se ele se afastar muito delas, poderão surgir dificuldades quando a consciência recém-libertada apoderar-se de suas idéias sobre a realidade pós-morte, em vez de enfrentar a realidade particular na qual se encontra. Em outras palavras: ela pode recusar-se a sentir e até tentar convencer-se a abandonar sua independência atual do corpo.

(21h32.) Repito que um indivíduo pode estar tão certo de que a morte é o fim de tudo que, embora temporariamente, isso resulte em esquecimento. Em muitos casos, assim que deixa o corpo, há, naturalmente, espanto e um reconhecimento da situação. O próprio corpo, por exemplo, pode ser visto, e muitos funerais têm um convidado de honra em seu cortejo – e ninguém olha para o rosto do morto com mais curiosidade e admiração.

A esse ponto, surgem muitas variações de comportamento, cada uma resultando dos antecedentes, conhecimentos e habitat individuais. O ambiente em que os mortos se encontram varia muito. Alucinações vívidas podem formar experiências tão reais como qualquer uma da vida mortal. Bem, eu disse-lhes que os pensamentos e as emoções formam a realidade física, e eles formam experiências pós-morte. Isso não significa que as experiências não sejam válidas, como também não significa que a vida física não seja válida.

Certas imagens foram usadas para simbolizar essa transição de uma existência para outra, e muitas delas são extremamente valiosas, fornecendo uma estrutura com referências compreensíveis. A travessia do Rio Estige é uma delas. Os moribundos esperavam por certos procedimentos em uma forma mais ou menos ordenada. Os mapas eram conhecidos antecipadamente. Na morte, a consciência tinha uma alucinação vívida do rio. Parentes e amigos já mortos entravam no ritual, que era uma cerimônia profunda também por parte deles. O rio era tão real como qualquer um que vocês conhecem, e igualmente traiçoeiro para um viajante solitário, sem conhecimento adequado. Sempre havia guias junto ao rio para ajudar os viajantes em sua travessia.

Não vale dizer que esse rio é uma ilusão, pois o símbolo é uma realidade. O caminho foi planejado. Ora, de um modo geral, aquele mapa específico já não está em uso. Os vivos não sabem como lê-lo. O cristianismo acreditou em um céu, em um inferno, em um purgatório e em um ajuste de contas; e assim, na morte, para aqueles que acreditam nesses símbolos, outra cerimônia é encenada, com os guias assumindo a aparência dessas figuras amadas de santos e heróis cristãos.

(Pausa às 21h48.) Então, dentro dessa estrutura, e em termos que eles podem entender, a verdadeira situação é contada a essas pessoas. Os movimentos religiosos de massa cumpriram esse papel durante séculos, fornecendo aos homens algum plano a ser seguido. Pouco importava que mais tarde o plano fosse visto como uma cartilha infantil, um livro de instruções com histórias pitorescas, pois o propósito principal era cumprido e havia pouca desorientação.

Nos períodos em que essas idéias não são alimentadas, há mais desorientação, e quando a vida após a morte é totalmente negada, o problema aumenta. Muitos, naturalmente, ficam extremamente felizes ao constatarem que ainda estão conscientes. Outros precisam aprender tudo de novo a respeito de certas leis de comportamento, pois não entendem a potência criativa de seus pensamentos ou emoções.

Uma pessoa assim pode encontrar-se em dez ambientes diferentes em um piscar de olhos, por exemplo, sem qualquer idéia da razão que existe por trás da situação. Ela não perceberá a continuidade de tudo, e poderá sentir-se arremessada de uma experiência a outra, sem qualquer lógica, sem nunca perceber que seus próprios pensamentos a estão, literalmente, impulsionando.

(21h55.) Estou falando agora dos eventos que seguem imediatamente a morte, pois há outros estágios. Os guias irão, de maneira proveitosa, tornar-se parte de sua alucinação a fim de ajudá-los a sair dela, mas primeiro precisam conquistar sua confiança.

Certa vez – em seus termos – eu mesmo atuei como guia; durante o sono, Ruburt agora segue o mesmo caminho. A situação é um tanto complicada do ponto de vista do guia, pois, psicologicamente, é preciso que se use a máxima prudência. O Moisés de um homem, eu descobri, pode não ser o Moisés de outro. Eu mesmo servi como um Moisés muito digno de crédito em várias ocasiões – e uma vez, embora isto seja difícil de acreditar, para um árabe.

(22h.) O árabe era um personagem muito interessante, e para ilustrar algumas das dificuldades envolvidas, vou falar-lhes sobre ele. Ele odiava os judeus, mas, de alguma forma, estava obcecado com a idéia de que Moisés era mais poderoso que Alá, e durante anos isso pesou como um pecado secreto em sua consciência. Ele passara algum tempo em Constantinopla no tempo das Cruzadas. Fora capturado e terminara com um grupo de turcos, sendo depois executado pelos cristãos, neste caso, de uma forma horrível. Eles abriram-lhe a boca e encheram-na de brasas, para começar. Ele clamou por Alá, e depois, com desespero ainda maior, chamou por Moisés, e quando sua consciência deixou o corpo, lá estava Moisés.

Ele acreditava em Moisés mais do que em Alá, e eu não sabia, até o último momento, que forma deveria assumir. Ele era uma pessoa muito simpática, e naquelas circunstâncias, não me importei quando ele pareceu esperar uma batalha por sua alma. Moisés e Alá deviam lutar por ele. Ele não conseguia livrar-se da idéia da força, embora tivesse morrido pela força, e nada poderia persuadi-lo a aceitar qualquer tipo de paz ou contentamento, nem qualquer descanso, até que se realizasse algum tipo de batalha.

Um amigo e eu, juntamente com alguns outros, encenamos a cerimônia, e das nuvens fronteiras, no céu, Alá e eu clamávamos por sua alma – enquanto ele, pobre homem, se encolhia no campo entre nós. E embora eu conte esta história humoristicamente, vocês precisam entender que a crença do homem causou a situação, e então, para libertá-lo, nós fizemos essa encenação.

Eu clamei por Jeová, mas sem resultado, porque nosso árabe nada sabia de Jeová – só de Moisés – e era em Moisés que ele tinha fé. Alá puxou uma espada cósmica, e eu a incendiei, de modo que ele a soltasse. Ela caiu ao solo e incendiou a terra. Nosso árabe gritou novamente. Ele viu grupos de seguidores atrás de Alá, e então grupos de seguidores apareceram atrás de mim. Nosso amigo estava convencido de que um de nós três precisava ser destruído, e ficou com muito medo de que a vítima fosse ele.

Finalmente, as nuvens opostas, onde aparecêramos, aproximaram-se uma da outra. Em minha mão eu segurava uma tábua com a inscrição “Não matarás.” Alá segurava uma espada. Ao nos aproximarmos, trocamos de objetos e nossos seguidores se misturaram. Nós nos unimos, formando a imagem de um sol, e dissemos: “Nós somos um.”

As duas idéias diametralmente opostas precisavam fundir-se, caso contrário, o homem não teria paz; e somente quando esses opostos se uniram, nós tivemos condições de começar a explicar a situação.

Podem fazer um intervalo.

(22h20. O transe de Jane fora profundo, embora ela se lembrasse de partes da aventura de Seth. Ela disse que recebera uma série de imagens paralelas ao material, mas agora não conseguia descrevê-las.

(As Cruzadas consistiram em uma série de expedições militares enviadas pelos poderes cristãos nos séculos onze, doze e treze, para retomar a Terra Santa dos muçulmanos. Enquanto Seth fornecia os dados, Jane disse que pensou o que um árabe estaria fazendo na Constantinopla turca naqueles dias. Expliquei a geografia da região. Provavelmente esse viajante poderia ter alcançado Constantinopla [agora Istambul] atravessando a Turquia, que ficava ao norte das terras árabes, ou navegando pelo Mediterrâneo oriental ao redor da Turquia, através dos Dardanelos, e depois entrando na cidade. As distâncias no Oriente Médio são relativamente menores.

(Jane, literalmente, não tem qualquer senso de geografia nem de distância, o que lhe é vantajoso durante as sessões. Por outro lado, ela tem um infalível senso de direção nos arredores locais e pode indicar os pontos cardeais muito melhor do que eu. Reiniciamos às 22h43.)

Agora: Para ser esse tipo de guia, é preciso muita disciplina e treinamento.

Antes do evento que acabo de mencionar, por exemplo, eu passara muitas vidas agindo como guia, sob a orientação de um outro, em meus estados diários de sono.

É possível, por exemplo, o guia perder-se momentaneamente nas alucinações que estão sendo formadas, e, nesse caso, outro professor precisará libertá-lo. É necessária uma investigação delicada dos processos psicológicos, e a variedade de alucinações nas quais você pode envolver-se é infinita. Pode-se, por exemplo, tomar a forma de um animal muito amado pela pessoa, e que já morreu.

Todas essas atividades alucinatórias ocorrem em geral pouco tempo depois da morte. Algumas pessoas têm plena consciência de sua situação, entretanto, por causa de um treinamento e desenvolvimento prévio, estando prontas, depois de um descanso, para progredirem rumo a outros estágios, se o desejarem.

Podem, por exemplo, tomar conhecimentos de suas muitas vidas, reconhecendo prontamente personalidades que conheceram então, se essas personalidades não estiverem ocupadas com outra coisa. Podem, deliberadamente, criar alucinações ou “reviver” certas porções de vidas passadas. Então há um período de auto-exame, uma apresentação de contas, por assim dizer, na qual podem visualizar todo seu desempenho, suas habilidades e pontos fracos, e decidir se retornarão ou não à existência física.

(22h55.) Qualquer indivíduo pode experienciar qualquer desses estágios; exceto pelo auto-exame, muitos podem ser totalmente evitados. Como as emoções são tão importantes, é muito bom quando amigos os esperam. Em muitos casos, entretanto, esses amigos progrediram para outros estágios de atividade e em geral um guia tomará o lugar de um deles durante um tempo, de modo que vocês se sintam mais seguros.

Naturalmente, é apenas porque a maioria das pessoas acredita que não pode deixar o corpo que, de um modo geral, vocês não têm experiências conscientes freqüentes fora do corpo. Essas experiências, muito mais do que palavras, poderiam dar-lhes alguma compreensão das condições que serão enfrentadas.

Lembrem-se de que, de uma forma, sua existência física é o resultado de alucinações em massa. Grandes abismos existem entre a realidade de um homem e a de outro. Depois da morte, a experiência tem tanta organização e é tão profundamente complexa e emaranhada como a experiência de agora. Atualmente, vocês têm suas alucinações particulares, só que não percebem o que elas são. Essas alucinações de que estou falando, encontros simbólicos intensos, também podem ocorrer enquanto estão dormindo, quando a personalidade está em uma época de grandes mudanças, quando idéias opostas precisam ser unificadas, ou ainda quando uma pessoa precisa ceder lugar a outra. Esses eventos são profundamente intensos, significativamente psicológicos e psíquicos, aconteçam antes ou depois da morte.

(23h05.) Ocorrendo durante o sonho, eles podem mudar o curso de uma civilização. Após a morte, uma pessoa pode visualizar sua vida (física, imediatamente anterior) como um animal com o qual ela precisa chegar a um acordo, e essa batalha ou encontro tem conseqüências de longo alcance, pois o homem precisa entrar em um acordo com todas as porções de si mesmo. Neste caso, termine ele montado no animal, fazendo amizade com ele, domesticando-o, matando-o ou sendo morto por ele, cada alternativa...(Jane tossiu, depois fez uma pausa e tomou um gole de cerveja) será cuidadosamente pesada, e os resultados terão muita relação com seu futuro desenvolvimento.

É melhor fazermos um intervalo por causa de Ruburt.

(“Está bem.” A voz de Jane estava agora muito rouca e fraca. Acredito que ela teria sido forçada a parar dentro de alguns momentos. Essa foi uma das primeiras vezes, em sete anos de sessões, que ela sofreu uma interferência na voz.

(Às 23h11 eu li para ela os últimos dois parágrafos do material, mas ela não conseguiu fazer qualquer ligação emocional que pudesse explicar o problema da voz; eu também não. Jane gosta excessivamente de animais. Talvez o exemplo de Seth tenha causado a reação, eu pensei, mas ela também não reagiu a isso. Reiniciou às 23h20, com uma voz mais forte, mas mais áspera que o normal.)

Agora: Logo terminaremos a sessão.

Esta “simbolização da vida” pode ser adotada por aqueles que pouca importância deram ao exame de si mesmos durante a existência física. É uma parte do processo de auto-exame, portanto, no qual uma pessoa transforma sua vida em imagens e depois as resolve. Esse método não é usado por todos. Às vezes, é necessária uma série de episódios desse tipo....

Este é o final do ditado. Minhas cordiais saudações a ambos e ao monstro querido que está a seu lado.

(“Boa noite, Seth, e obrigado.” Nosso gato, Willy, estava cochilando a meu lado no sofá. 23h25. Jane logo recuperou sua voz normal.)

SESSÃO 537, 24 DE JUNHO DE 1970,

21h24, QUARTA-FEIRA

(John Barclay, um homem de negócios de outra cidade, assistiu à sessão. John trouxe um gravador com ele, como havia prometido, contendo um resumo das informações que Seth lhe dera a respeito de sua vida profissional durante um período de vários anos, e como ela funcionara, ou não. Os resultados foram bons.

(Como sempre acontece quando há testemunhas, Jane começou sua transmissão em ritmo rápido e animado. Seus olhos estavam muito abertos e muito escuros; a voz, mais forte do que o normal. Era como se ela tirasse uma energia extra de John, colocando-a imediatamente em uso.)

Agora: Boa noite.

(John e eu: “Boa noite, Seth.”)

Boa noite a nosso amigo aqui. Espero que você me perdoe por eu ditar um pouco de meu livro. Preciso usá-lo *(apontando para mim)* quando posso, e desejo terminar o livro.

(De muito bom humor:) Agora: Estamos escrevendo uma saga. Retomemos o ditado.

Um dos alunos de Ruburt perguntou se há ou não algum tipo de organização na experiência imediata pós-morte. Como esta é uma pergunta que estará na mente de muitas pessoas, vou tratar dela agora.

Em primeiro lugar, deve ser óbvio, pelo que eu disse até aqui, que não existe uma *única* realidade pós-morte, mas [que] cada experiência é diferente. De um modo geral, entretanto, há dimensões nas quais essas experiências individuais desembocam. Por exemplo: existe um estágio inicial para aqueles que ainda estão concentrados fortemente na realidade física e para os que precisam de um período de recuperação e descanso. Nesse nível, há hospitais e casas de repouso. Os pacientes ainda não perceberam que, absolutamente, nada há de errado com eles.

Em alguns casos, a idéia de doença é tão forte que eles construíram seus anos terrenos em volta deste centro psicológico. Projetam a doença sobre seu novo corpo, como fizeram com o velho. Recebem vários tipos de tratamento de natureza psíquica, e dizem-lhes que a condição de seu corpo é resultado da natureza de suas próprias crenças.

(21h32.) Agora: muitos indivíduos não precisam passar por esse período. Não é preciso dizer que os hospitais e centros de treinamento não são físicos (em seus termos). Na verdade, eles em geral são mantidos pelos guias que executam os planos necessários. Ora, vocês podem chamar isso de alucinação de massa, se o desejarem. O fato é que, para os que encontram tal realidade, os eventos são bastante reais.

Há também centros de treinamento. Neles, a natureza da realidade é explicada de acordo com a capacidade que a pessoa tem de compreendê-la e percebê-la. As parábolas famosas são usadas para alguns pelo menos no início, e depois essas pessoas são, pouco a pouco, afastadas delas. Nesses centros, há certas classes onde são dadas instruções aos que decidem retornar para o ambiente físico.

Em outras palavras: eles aprendem os métodos que lhes permitirão traduzir emoções e pensamentos em realidade física. Não há tempo para demoras entre o início de tais pensamentos e sua materialização, como acontece no sistema tridimensional.

Tudo isso ocorre mais ou menos em um único nível, embora vocês precisem entender que aqui eu estou simplificando as questões. Por exemplo: algumas pessoas não passam por esses períodos, uma vez que, devido a seu desenvolvimento e progresso durante vidas passadas, estão prontas para iniciar programas mais ambiciosos.

Agora: Falei sobre esse desenvolvimento antes. Alguns de meus leitores, talvez não estando conscientes de qualquer habilidade psíquica própria, podem pensar que deverão passar por um longo período de treinamento pós-morte. Apresso-me a dizer-lhes que essas habilidades não são necessariamente conscientes, e que muito ocorre durante o sono, quando vocês simplesmente não o percebem.

Agora: Sugiro um intervalo, e depois voltaremos.

(“Espero que sim,” eu disse, brincando.)

Eu sempre volto. Não pensem que é fácil se livrar de mim.

(“Está bem.” 21h42 – 21h58.) Agora: Após a morte, vocês podem recusar-se a acreditar que estão mortos, continuando a focalizar sua energia emocional na direção daqueles que conheceram em vida.

Se estavam obcecados com um projeto em particular, por exemplo, poderão tentar terminá-lo. Sempre há guias para ajudá-los a compreender sua situação, mas vocês poderão estar tão absortos que não lhes prestem atenção.

Agora: Tratarei do assunto de fantasmas separadamente, em vez de fazê-lo neste capítulo. Basta dizer que grandes campos com foco emocional dirigido para a realidade física, podem impedir seu desenvolvimento.

Quando a consciência deixa o corpo e fica fora por algum tempo, naturalmente a ligação é quebrada. Nos estados fora do corpo, a conexão ainda existe. Ora, é possível que uma pessoa que tenha morrido interprete de modo totalmente errado a experiência e tente reentrar no cadáver. Isso pode acontecer quando a personalidade se identifica quase que exclusivamente com a imagem física.

Isto não é comum, mas, em circunstâncias diversas, essas pessoas tentarão reativar o mecanismo físico, entrando em pânico ao descobrirem a condição de seu corpo. Algumas, por exemplo, choram muito tempo sobre o cadáver, mesmo após a partida das pessoas enlutadas, sem perceber que elas próprias estão totalmente saudáveis – nos aspectos em que o corpo estivera enfermo ou em que os órgãos haviam sido completamente danificados.

Elas são como um cachorro preocupado com um osso. Os que não identificaram completamente sua consciência com o corpo, acham muito mais fácil deixá-lo. Por mais estranho que pareça, os que odiavam o corpo, imediatamente após a morte sentem-se muito atraídos por ele.

(22h07.) Todas essas circunstâncias podem ou não ocorrer, dependendo da pessoa envolvida.

Entretanto, depois de deixar o corpo físico, vocês imediatamente descobrirão que estão em um outro, que tem o mesmo tipo de forma na qual vocês viajaram em projeções fora do corpo. Torno a lembrar-lhes que cada um de vocês deixa o corpo durante algum tempo, todas as noites.

Essa forma parecerá física. Falando de um modo geral, ela não será vista pelos que ainda estão em um corpo físico, mas poderá fazer tudo o que vocês fazem agora em seus sonhos. Portanto ela voa, atravessa objetos sólidos e é movida rapidamente por sua vontade, levando-os, digamos, de um lugar para outro (como vocês pensam nesses lugares).

Se imaginarem o que Tia Maria estará fazendo em Lauro de Freitas, Bahia, irão descobrir que se encontram lá. Entretanto, vocês não podem, por via de regra, manipular objetos físicos. Não podem apanhar uma lâmpada ou atirar um prato. Esse corpo é seu instantaneamente, mas não é a única forma que vocês terão. Nesse sentido, essa imagem não é uma imagem nova. Ela está entrelaçada com seu corpo físico agora, mas vocês não a percebem. Após a morte, será o único corpo do qual vocês terão consciência por algum tempo.

(*Pausa às 22h15.*) Muito mais tarde e em muitos níveis, vocês finalmente aprenderão a tomar, conscientemente, as formas que desejarem. De certa maneira, vocês fazem isso agora, traduzindo sua experiência psicológica – seus pensamentos e emoções – muito literalmente, mas sem ter consciência disso, em objetos físicos. Poderão descobrir que, após a morte, quando se imaginarem como uma criança, subitamente adquirirão a forma da criança que foram. Durante um certo período de tempo, portanto, poderão manipular esta forma de modo que ela tome qualquer aparência que teve quando estava ligada à sua forma física na vida física prévia. Vocês podem morrer aos oitenta e, depois da morte, pensar na juventude e na vitalidade que tinham aos vinte, descobrindo que sua forma se modifica para corresponder a essa imagem interna.

A maioria das pessoas escolhe, depois da morte, uma imagem mais madura que, em geral, corresponde ao auge de suas habilidades físicas, independentemente da idade em que esse auge tenha sido atingido. Outros preferem tomar a forma que tinham no momento em que atingiram seu apogeu mental ou emocional, independentemente da beleza ou idade que caracterizou essa forma. Está me seguindo?

(*“Estou.”*)

Vocês se sentirão à vontade com a forma que escolherem e, em geral, usarão essa forma quando desejarem comunicar-se com outros que conheceram, embora para essas comunicações com os vivos possam adotar a forma que tinham quando eram conhecidos da pessoa que desejarem contatar.

Agora podem fazer um intervalo e tornarei a entrar em contato com vocês.

(*Como Seth, Jane apontou para John Barclay, sentado a meu lado no sofá. Em relação a seus negócios, John participara de uma reunião esta tarde, na qual haviam servido champanhe. Ele agora estava com sono....*)

Ele está em estado de sonho.

(*“Parece que sim.”*)

(*John, sorrindo: “Estou tentando acompanhá-lo, Seth. Vagarosamente.”*)

(*22h25 – 22h37. Seth finalmente tratou de uma longa conversa que Jane, John e eu tivéramos durante nosso intervalo.*)

Agora: Posso continuar o ditado?

Esses ambientes pós-morte não existem necessariamente em outros planetas. Eles não ocupam espaço, portanto a pergunta “Onde tudo isso acontece?” não tem sentido em termos básicos.

Essa pergunta é o resultado de suas próprias interpretações errôneas da natureza da realidade. Não existe um lugar, portanto, nenhum local específico. Esses ambientes ou contextos existem, sem serem percebidos por vocês, em meio ao mundo físico que conhecem. Seus mecanismos perceptivos simplesmente não lhes permitem sintonizar-se nessas frequências. Vocês reagem a um campo altamente específico, mas limitado. Como mencionei anteriormente, outras realidades coexistem com a sua na morte, por exemplo. Vocês simplesmente se despojam da parafernália física, sintonizam-se com diferentes campos e reagem a outros conjuntos de suposições.

(22h43.) Deste outro ponto de vista, podem perceber, até certo ponto, a realidade física. Entretanto, há campos de energia que os separam. Todo o seu conceito de espaço é distorcido, de modo que qualquer explicação verdadeira fica muito difícil. Esperem um momento. *(Pausa.)*

Enquanto seus mecanismos perceptivos insistem que os objetos são sólidos, por exemplo, também insistem que existe uma coisa chamada espaço. Ora, o que seus sentidos lhes dizem sobre a natureza da matéria é totalmente errado, e o que lhes dizem sobre espaço é igualmente errado – errado em termos de realidade básica, mas, naturalmente, está de acordo com os conceitos tridimensionais. *(Com humor:)* Em termos de experiências fora do corpo a partir do estado de vida, surgem muitos problemas em termos de espaço, que serão enfrentados após a morte. E nesses episódios, portanto, a verdadeira natureza do tempo e do espaço torna-se mais aparente. Por exemplo: depois da morte, não se leva tempo para atravessar o espaço. O espaço não existe em termos de distância. Isso é uma ilusão. Há barreiras, mas elas são mentais ou psíquicas. Por exemplo: há intensidades de experiência, que são interpretadas em sua realidade como distâncias em quilômetros.

Após a morte, poderão descobrir que se encontram em um centro de treinamento. Ora, teoricamente, este centro poderia estar no meio de sua sala de visitas, em espaço físico, mas a distância entre você e os membros de sua família ainda viva – sentados, talvez, pensando em você ou lendo um jornal – nada teria a ver com espaço (como vocês o conhecem). Vocês estariam mais separados deles do que se estivessem, digamos, na lua.

Talvez pudessem mudar seu próprio foco de atenção, afastando-o do centro, e, teoricamente, ver a sala e seus ocupantes, mas ainda assim esta distância, que nada tem a ver com quilômetros, existiria entre vocês.

(22h55.) Fim do ditado. Tenho medo de fazer meu amigo ali dormir. *(Jane, como Seth, apontou para John. Ele riu.)*

(John: “Sinto muito ter dado essa impressão, Seth.”)

Foi uma impressão verdadeira.

(John: “Vou me refazer esta noite.”)

Agora: Vocês têm alguma pergunta?

(John: “Somente coisas gerais. Nada específico...” John e Seth passaram a conversar brevemente, e a sessão terminou às 23h04.)

(Minhas anotações originais desta sessão incluíam a longa transmissão de Seth na aula de ESP de Jane na noite passada, 23 de junho de 1970. Seth também falou sobre organização nessa sessão – mas

organização dentro de nossa própria realidade, assim como em outras. Como essa sessão responde a algumas perguntas que nos são feitas com frequência, Jane e eu decidimos incluí-la no Apêndice, quase que integralmente.)

AS CONDIÇÕES DA “MORTE” NA VIDA

SESSÃO 538, 29 DE JUNHO DE 1970,

21h07, SEGUNDA-FEIRA

Boa noite.

*(“Boa noite, Seth.”)**(Com bom-humor:) Agora: Capítulo Dez: “As condições da ‘Morte’ em Vida.” (Seth repetiu o título deste capítulo para certificar-se de que minha pontuação estava correta.)*

As experiências pós-morte não parecerão tão estranhas ou incompreensíveis se vocês perceberem que passam por situações semelhantes em sua existência atual.

No sono e nos sonhos, vocês se envolvem com as mesmas dimensões de existência em que terão suas experiências pós-morte. Vocês não se lembram da parte mais importante dessas aventuras noturnas, e quando se lembram, elas em geral lhes parecem bizarras ou caóticas. Isso acontece simplesmente porque, em seu estado atual de desenvolvimento, vocês não são capazes de manipular conscientemente dentro de mais de um ambiente ou contexto.

Enquanto o corpo físico dorme, vocês existem conscientemente em um estado coerente, executando muitas das atividades que eu lhes disse que encontrarão após a morte. Vocês simplesmente voltam seu foco principal de atenção para uma dimensão diferente de atividade, na qual, na verdade, vêm atuando continuamente.

(21h15.) Agora: Como vocês têm lembrança de sua vida quando acordados, e como conservam grande parte dessas lembranças para encontros físicos diários, e como este manancial de lembranças lhes dá um senso de continuidade diária, também seu eu sonhante tem um conjunto igualmente grande de lembranças. Como existe continuidade em sua vida diária, também existe continuidade em sua vida durante o sono.

Uma porção de vocês, portanto, tem consciência de cada encontro e experiência ocorridos em seus sonhos. Os sonhos não são mais alucinatórios do que sua vida física. Seu eu desperto é o sonhador, no que tange a seu eu “sonhante” (N. do T. : Vamos usar a expressão ‘eu sonhante’ para indicar o eu em estado de sonho.): Vocês são os sonhadores que ele carrega consigo. Suas experiências diárias são os sonhos que ele sonha, de modo que quando vocês olham para seu eu sonhante, fazem-no com um olho profundamente preconceituoso, achando que sua “realidade” é real, e a realidade dele, uma ilusão.

(21h20.) A realidade dele, contudo, é muito mais genuína em relação a seu ser. Se não encontrarem coerência no estado do sonho, é porque vocês se hipnotizaram para acreditar que não existe nenhuma. Depois que acordam, naturalmente tentam traduzir suas aventuras noturnas em termos físicos, procurando encaixá-las em sua distorção – em geral limitada – da natureza da realidade.

Até certo ponto, isso é natural. Vocês estão focalizados em sua vida diária por uma razão. Adotaram-na como um desafio. Dentro, porém, de sua estrutura, vocês também têm o propósito de crescer, de se desenvolver e ampliar os limites de sua consciência. É muito difícil admitir que vocês são, em muitos aspectos, mais eficientes e criativos enquanto dormem do que quando estão acordados, e é um tanto perturbador admitir que o corpo sonhante pode, na verdade, voar, desafiando tanto o tempo quanto o espaço. É muito mais fácil fingir que todas essas experiências são simbólicas e não literais, desenvolvendo complicadas teorias psicológicas, por exemplo, para explicar os sonhos em que se vêem voando.

O fato é que quando vocês sonham que estão voando, em geral estão mesmo. No estado de sonho, vocês atuam mais ou menos nas mesmas condições que são naturais em uma consciência não focalizada na realidade física. Muitas de suas experiências, portanto, são precisamente aquelas que poderão ter após a morte. Vocês podem falar com amigos ou parentes mortos, revisitar o passado, cumprimentar antigos colegas de escola, andar por ruas que existiam cinquenta anos atrás no tempo físico, viajar pelo espaço sem levar qualquer tempo físico para fazê-lo, encontrar guias, receber instruções, ensinar outros, realizar trabalhos importantes, resolver problemas, ter alucinações.

Na vida física, existe uma lacuna entre a concepção de uma idéia e sua construção física. Na realidade do sonho, isso não acontece. A melhor maneira, portanto, de familiarizar-se antecipadamente com a realidade pós-morte, por assim dizer, é explorar e compreender a natureza de seu próprio eu sonhante. Não há muita gente desejando perder tempo ou energia com isso.

Os métodos estão disponíveis, entretanto, e aqueles que os usarem não se encontrarão alienados quando o foco pleno de sua atenção se voltar naquela direção depois da morte.

Agora podem fazer um intervalo.

(21h34 – 21h47.)

Agora: Uma vez que sua memória consciente está tão fortemente ligada à percepção dentro do corpo, embora vocês deixem o corpo quando ele dorme, a consciência desperta em geral não tem lembrança disso.

No estado de sono, vocês têm lembrança de todos os que encontraram em seus sonhos, embora possam ou não ter encontrado algumas dessas pessoas em sua existência cotidiana. No estado de sono, vocês podem ter experiências constantes, através dos anos, com companheiros muito próximos que podem morar em outra parte do mundo e ser estranhos para vocês quando estão acordados.

Assim como seus esforços diários têm significado e propósito, também suas aventuras oníricas, e também nelas vocês atingem várias de suas metas. Isso continuará em sua experiência pós-morte. A vitalidade, força, vida e criatividade que existem por trás de sua existência física são geradas nesta outra dimensão. Em outras palavras: vocês são, em muitos aspectos, uma projeção carnal de seu eu sonhante.

O eu sonhante, como vocês o concebem, entretanto, não passa de uma sombra de sua própria realidade, pois o eu sonhante é um ponto de referência psicológico e, em seus termos, [de] continuidade, que une todas as porções de sua identidade. Somente os mais desenvolvidos têm ciência de sua natureza mais profunda. Ele representa, em outras palavras, uma faceta fortemente unificadora de sua identidade total. Suas experiências são tão vívidas e sua “personalidade” tão rica – na verdade mais rica – em seu contexto quanto a personalidade física que vocês conhecem.

Imaginem, por um momento, que são uma criança, e estou tentando explicar-lhes como seu eu mais desenvolvido, seu eu adulto será – e em minha explicação, digo que este eu adulto já faz, até certo ponto, parte de vocês, e que é um apêndice ou projeção do que vocês são. E a criança diz: “Mas o que vai me acontecer? Preciso morrer para tornar-me esse outro eu? Não desejo mudar. Como poderei ser esse eu adulto quando ele não é o que sou agora, sem morrer como o que sou?”

Estou mais ou menos na mesma posição quando tento explicar-lhes a natureza desse eu interior, pois embora possam ter consciência dele em sonhos, não podem verdadeiramente apreciar sua maturidade nem suas habilidades; contudo, elas são suas, da mesma forma que as habilidades do homem pertenciam à criança. No estado de sonho vocês aprendem, entre outras coisas, como construir sua própria realidade física dia a dia, assim como após a morte aprendem como construir sua próxima vida física.

(22h07.) Nos sonhos, vocês resolvem os problemas. Durante o dia, estão (apenas) conscientes dos métodos de resolução de problemas que aprenderam durante o sono. Nos sonhos, vocês estabelecem suas metas, assim como após a morte estabelecem as metas para outra encarnação.

Agora: nenhuma estrutura psicológica é fácil de descrever em palavras. Para explicar a natureza da personalidade como ela é geralmente conhecida, todos os tipos de termos são usados: id, subconsciente, ego, superego; todos eles são usados para diferenciar os atos interligados que formam a personalidade física. O eu sonhante é igualmente complicado. Assim, podem dizer que certas porções dele tratam da realidade física, da manipulação física e de planos; outras, de níveis mais profundos de criatividade e realização que asseguram a sobrevivência física; outras, da comunicação, com elementos mais amplos da personalidade, em geral desconhecidos; algumas da experiência e existência contínua do que poderiam chamar de alma ou entidade individual total, o verdadeiro eu multidimensional.

A alma cria a carne. O criador mal olha para sua criação. A alma cria a carne por uma razão, e a existência física por uma razão, de modo que nada disto deve levá-los a uma aversão pela vida física nem a uma falta de apreço pelas alegrias sensuais que os cercam. Qualquer viagem interior deve permitir-lhes encontrar um maior significado, uma maior beleza na vida como vocês a conhecem agora, mas total prazer e desenvolvimento também significam o uso de todas as suas habilidades, que exploram dimensões internas com a mesma sensação de maravilha e entusiasmo. Com uma compreensão adequada, portanto, é possível que se tornem muito familiarizados agora com paisagens, ambientes e experiências pós-morte. Descobrirão que

eles são tão vívidos como qualquer um que conhecem. Essas explorações alterarão completamente pré-concepções sombrias sobre a existência após a morte. É muito importante que vocês se dispam de todas as pré-concepções possíveis, entretanto, pois elas impedirão seu progresso.

Podem fazer um intervalo pequeno.

(22h23 – 22h39.)

Falando de um modo geral, se estão relativamente satisfeitos com a realidade física, estão em melhor posição para estudar esses ambientes internos.

Se em sua vida física vêem o mal em toda parte e parece-lhes que ele suplanta o bem, vocês não estão prontos. Não devem embarcar em uma exploração dessas aventuras noturnas se estiverem deprimidos, pois nessa hora seu próprio estado psíquico está predisposto a experiências depressivas, estejam vocês acordados ou dormindo. Não devem embarcar nesse estudo se esperam substituir experiências físicas por experiências interiores.

Caso suas idéias de bem e mal sejam rigorosas, rígidas, então vocês não têm a compreensão necessária para qualquer manipulação consciente na outra dimensão. Em outras palavras: vocês devem ser tão flexíveis mental, física e espiritualmente quanto possível, abertos a idéias novas, criativos, e não dependentes demais de organizações ou dogmas.

Vocês devem ser relativamente competentes e compreensivos. Ao mesmo tempo, devem ser suficientemente expansivos em seu ambiente físico para poderem lidar com a vida como ela é. Precisam de todos os seus recursos. Essa deve ser uma exploração e um esforço ativos, não uma retirada passiva e, certamente, não um recuo covarde. Mais para o fim deste livro, serão fornecidos métodos aos leitores interessados, de modo que possam explorar essas condições pós-morte conscientemente, tendo algum controle sobre suas experiências e progresso.

Aqui, contudo, desejo descrever essas condições um pouco mais profundamente. Ora, na vida física, vocês vêem o que desejam ver. Percebem, no campo disponível da realidade, certos dados – dados que selecionam cuidadosamente, de acordo com suas idéias do que é a realidade. Vocês criam esses dados, em primeiro lugar.

Se vocês acreditam que todos os homens são maus, simplesmente não irão experienciar a bondade neles. Fechar-se-ão completamente para ela. Por sua vez, os homens sempre lhes mostrarão seu pior lado. Vocês, telepaticamente, farão com que os outros não gostem de vocês, e projetarão neles sua antipatia.

(22h54.) Em outras palavras: as experiências que vocês têm seguem suas expectativas. Ora, o mesmo se aplica à experiência pós-morte e à experiência dos sonhos, assim como a qualquer encontro fora do corpo.

Se estiverem obcecados com a idéia do mal, enfrentarão condições do mal. Se acreditarem em demônios, irão encontrá-los. Como mencionei antes, existe maior liberdade quando a consciência não é fisicamente dirigida. Pensamentos e emoções são construídos na realidade, repito, sem o lapso do tempo físico. Assim, se acreditarem que irão encontrar um demônio, criarão sua própria forma-pensamento de um, não percebendo que é sua própria criação.

Se, portanto, vocês se concentrarem nos males da existência física dessa forma, não estarão prontos para tais explorações. Naturalmente é possível, nessas condições, encontrar uma forma-pensamento pertencente a uma outra pessoa, mas se vocês não acreditarem em demônios, em primeiro lugar, sempre reconhecerão a natureza do fenômeno e sairão ilesos.

Se for sua própria forma-pensamento, então, na verdade, poderão aprender com ela, perguntando a si mesmos o que representa, que problemas vocês materializaram daquela forma. Ora, vocês podem criar uma alucinação ou ilusão do mesmo tipo depois da morte, usá-la como símbolo e travar uma batalha espiritual de palavras que, naturalmente, não seria necessária se vocês tivessem uma compreensão maior. Vocês trabalharão suas idéias, problemas ou dilemas em seu próprio nível de compreensão.

Agora: Fim do ditado esta noite. A menos que desejem fazer perguntas, terminarei a sessão.

(“Você sabe o que eu disse ontem a Jane – sobre sair em uma turnê para promover The Seth Material? O que você acha da idéia?”)

Vou tratar disso mais tarde.

(“Está bem.”)

Não muito mais tarde. Minhas cordiais saudações e uma boa noite.

(“Boa noite, Seth. Foi muito interessante.”)

Espero mantê-los interessados em minha saga.

(23h02. O transe de Jane fora bom. “Ele já tem o plano do resto do capítulo,” disse ela quando saiu do transe. “Sinto blocos inteiros do material já prontos. Mas agora estão se apagando, indo...”)

(Aconteceu que nós não tornamos a perguntar sobre a propaganda do trabalho, e ele não mencionou o assunto. The Seth Material foi publicado em setembro de 1970, e nós fizemos uma turnê de divulgação.)

SESSÃO 539, 1 DE JULHO DE 1970,

21h18, QUARTA-FEIRA

Ao final da última sessão, realizada anteontem, Jane disse-me que Seth já tinha o final do Capítulo 10 planejado; esta noite ela disse que não tinha a mínima idéia de como Seth iria terminar o capítulo.

(O dia fora muito quente e abafado. Uma tempestade estava se formando há algumas horas. Finalmente começou a chover muito, com raios e trovões, mais ou menos às 21h. Ficamos pensando se iríamos ter uma sessão, já que Seth nos dissera uma vez que descargas elétricas interferiam nos estados de transe. A sessão, entretanto, teve início normalmente; Seth, pelo menos, parecia não se incomodar.)

Agora: Vamos reiniciar o ditado.

Ambientes pós-morte cercam vocês de todos os lados agora. Ponto final.

É como se sua situação atual e todos os seus fenômenos físicos fossem projetados de dentro de vocês para fora, fornecendo-lhes um filme que roda continuamente, forçando-os a perceber apenas as imagens que estão sendo transpostas. Elas parecem tão reais, que vocês se vêem na posição de reagir a elas constantemente.

(Pausa às 21h23. A tempestade agora estava tão barulhenta que Seth aumentou o volume de sua voz.)

Elas servem para mascarar outras realidades muito válidas que, entretanto, existem ao mesmo tempo; e, na verdade, vocês ganham, dessas outras realidades, o poder e o conhecimento para operar as projeções materiais. Podem “colocar a máquina em ponto morto,” por assim dizer, deter o movimento aparente e voltar sua atenção para outras realidades.

Em primeiro lugar, vocês precisam compreender que elas existem. Como preliminar aos métodos que explicarei mais tarde, seria uma boa idéia perguntarem a si mesmos imediatamente: “De que estou realmente consciente neste momento?” Façam isso com os olhos abertos, e depois, com os olhos fechados.

Quando seus olhos estão abertos, não pensem que apenas os objetos imediatamente percebidos existem. Olhem para onde o espaço parece vazio, e ouçam em meio ao silêncio. Há estruturas moleculares em cada centímetro de espaço vazio, mas vocês ensinaram a si mesmos não percebê-los. Há outras vozes, mas vocês condicionaram seus ouvidos a não ouvi-las. Vocês usam seus sentidos internos quando estão sonhando, e ignoram-nos quando estão acordados.

(As luzes diminuíram de intensidade umas duas vezes.)

Os sentidos internos estão equipados para perceber dados que não são físicos. Eles não são enganados pelas imagens que vocês projetam na realidade tridimensional. Ora, eles podem perceber objetos físicos. Seus sentidos físicos são extensões desses métodos internos de percepção, e depois da morte, é neles que vocês vão se apoiar. Eles são usados em experiências fora do corpo. Atuam constantemente abaixo da consciência normal de vigília...

(Houve um acidente, ou incêndio, ou ambos, em nossa parte da cidade, depois que a tempestade se intensificou. Com suas sirenes tocando, vários carros e caminhões passaram em velocidade pela Rua Walnut. Eu achei que isso iria atrapalhar o transe de Jane, o que não aconteceu; ela fez uma pequena pausa, e depois continuou.)

...de modo que vocês podem até familiarizar-se agora com a natureza da percepção pós-morte. Ponto final.

Em outras palavras: o ambiente, as condições e os métodos de percepção não serão estranhos. Vocês não são subitamente atirados no desconhecido; esse desconhecido faz parte de vocês agora. Fazia parte de vocês antes do nascimento físico, e o fará após a morte física. Em sua maior parte, entretanto, essas condições foram apagadas de sua consciência através da história física. A humanidade teve várias concepções de sua própria realidade, mas parece que se afastou dela, propositadamente, no último século. Há muitas razões para isso, e tentaremos cobrir algumas delas.

Podem fazer um intervalo.

(21h37. O intervalo chegou depressa, considerando-se o horário do início da sessão. “As coisas estão instáveis,” disse Jane. “Senti-me incomodada algumas vezes.” Ela tinha tido consciência das sirenes, especialmente. Disse que seu transe fora “pulsante,” ou ondulado; ela “entrara” bem e depois quase que voltara a seu estado normal de consciência. Tanto quanto eu pude perceber, entretanto, o material foi tão bom como sempre, sua transmissão não mudara nada.

(A chuva, os raios e trovões continuaram com a mesma intensidade, o barulho intermitente sobre a cidade. Foi o tipo de tempestade em que até este prédio grande e sólido estremecia às vezes. A voz de Jane estava mais forte do que o normal quando reiniciamos, às 21h52, embora o ritmo fosse mais lento.)

De muitas formas, então, vocês estão “mortos” agora – e tão mortos como jamais estarão.

Enquanto vivem seu dia-a-dia, tratando de seus afazeres, por baixo de sua consciência normal de vigília vocês também estão constantemente focalizados em outras realidades, reagindo a estímulos que seu eu físico consciente não percebe, mas que são percebidos por seus sentidos internos; vocês estão experienciando eventos que nem são registrados no cérebro físico. Toda essa última parte deve ser sublinhada.

Após a morte, vocês simplesmente ficam conscientes dessas dimensões de atividade que atualmente ignoram. Agora, a existência física predomina. Depois, isso não acontecerá. Ela, entretanto, não ficará perdida para vocês; suas lembranças, por exemplo, serão conservadas. Vocês simplesmente sairão de uma estrutura particular de referência. Em certas circunstâncias, ficarão até livres para usar de modos diferentes os anos que aparentemente lhes foram concedidos.

(22h01.) Por exemplo: Eu lhes disse que o tempo não consiste em uma série de momentos, um atrás do outro, embora vocês o percebam agora dessa maneira. Os eventos não são coisas que lhes acontecem. Eles são experiências materializadas, formadas por vocês de acordo com suas expectativas e crenças. Porções internas de sua personalidade percebem isso agora. Depois da morte, vocês não irão concentrar-se nas formas físicas assumidas pelo tempo e por eventos. Poderão usar os mesmos elementos, como um pintor pode usar as cores.

(22h07. Estávamos agora debaixo de uma fortíssima tempestade.)

Talvez o tempo de sua vida seja de setenta e sete anos. Após a morte vocês podem, em certas condições e se o desejarem, experienciar os eventos desses setenta e sete anos a seu bel prazer, mas não necessariamente em termos de continuidade. Vocês poderão alterar eventos. Poderão manipular dentro da dimensão de atividade específica que representou seus setenta e sete anos.

Se descobrirem erros graves de julgamento, poderão corrigi-los. Em outras palavras: poderão aperfeiçoar, mas não tornar a entrar naquela estrutura de referência como uma consciência totalmente participativa, seguindo, digamos, as linhas históricas do tempo, unindo-se à alucinação de massa que resultou da consciência de seu eu e da de seus “contemporâneos.”

Alguns preferem isso à reencarnação, ou então, como um estudo antes de uma nova encarnação. Essas pessoas em geral são perfeccionistas de coração. Elas precisam voltar e criar. Precisam corrigir seus erros. Usam a vida imediatamente passada como uma tela, e com a mesma “tela,” tentam pintar um quadro melhor. Este é um exercício mental e psíquico, usado por muitos, que exige grande concentração e não é mais alucinatório que qualquer existência.

Agora podem fazer um intervalo.

(22h14. O transe de Jane fora mais profundo, mas ela surpreendeu-se com a transmissão curta; pensava ter estado fora por um tempo mais longo. A chuva diminuíra um pouco e estava mais fresco. “A noite ainda está muito estranha,” disse ela. Reiniciamos às 22h31.)

Vocês podem sentir que desejam “reviver” certos episódios de sua vida, de modo a compreenderem-nos melhor. Sua experiência de vida, entretanto, pertence a vocês. As condições certamente não são estranhas. Na vida comum, vocês muitas vezes se imaginam comportando-se de uma forma diferente do que o fizeram,

ou em sua mente reexperienciam eventos a fim de adquirir maior compreensão deles. Sua vida é uma experiência de perspectiva pessoal, e quando, por ocasião da morte, vocês a tiram do contexto de massa do tempo físico, podem experienciá-la de várias formas. Lembrem-se de que eventos e objetos não são absolutos, mas plásticos. Os eventos podem ser mudados tanto antes como depois de sua ocorrência. Eles nunca são estáveis ou permanentes, mesmo que dentro do contexto da realidade tridimensional possam parecer que são.

Qualquer coisa de que tenham conhecimento dentro da existência tridimensional é apenas projeção de uma realidade maior nessa dimensão. Os eventos de que vocês têm consciência são apenas fragmentos de atividades que se introduzem ou aparecem em sua consciência normal de vigília. Outras porções desses eventos são muito claros para vocês, tanto no estado de sonho como abaixo da consciência de vigília durante o dia.

(22H42. *O ritmo de Jane foi um tanto lento.*) Se esperarem para descobrir como é a morte, perceberão sua própria consciência divorciada das atividades físicas. Descobrirão que ela é muito ativa. Com a prática, poderão descobrir que sua consciência, quando estão acordados, é muito limitada, e aquilo que consideravam como condições da morte, se parece muito mais com as condições da vida. Fim do ditado.

Ora, estamos tendo um pouco de instabilidade esta noite, resultante da atmosfera, mas, de qualquer forma, realizamos a sessão.

(*“Achei que foi boa.”*)

Vamos terminá-la, entretanto. Ruburt sente um pouco mais de tensão nessas circunstâncias, e não há necessidade de prolongarmos o ditado. Muito boa noite.

(*“O mesmo para você, Seth.”* 22h46. *Jane disse que se sentia bem. Embora seus transes tenham variado um pouco esta noite, a única “tensão” a mais que ela sentiu, na verdade, foi uma certa dificuldade para voltar ao transe após os intervalos.*

(*Mais tarde, conversamos sobre a idéia recente de Jane – de realizar, digamos, uma sessão por dia durante seis dias consecutivos, para ver quanto material do livro Seth ditaria nesse período. Seria interessante ver parte dele produzido dessa forma. A idéia, entretanto, nunca se materializou, embora Seth tenha expressado desejo de tentar algo assim em março, quando estava ditando o Capítulo Três. Ver notas do intervalo de 22h31 na sessão 519, e os comentários subseqüentes de Seth. Jane parou de ler o livro na sessão 521 de 30 de março; estamos agora em 1º de julho.*)

SESSÃO 540, 6 DE JULHO DE 1970,

21h29, SEGUNDA-FEIRA

(*“Boa noite, Seth.”*)

Agora: Reiniciaremos o ditado. (*Pausa.*) Essas outras existências e realidades são descritas apenas como coexistindo com a sua própria, e no estado de vigília vocês não têm consciência delas. Ora, muitas vezes, em seus sonhos, vocês são capazes de perceber essas outras situações, mas em geral as dirigem para parafernália oníricas próprias, e nesse caso, quando acordam, pouco se lembram delas.

Da mesma forma, em meio à vida, vocês convivem com os assim chamados fantasmas e aparições, e vocês próprios surgem como aparições para outras pessoas, especialmente quando enviam fortes formas-pensamento de si próprios durante o sono, ou mesmo quando, inconscientemente, viajam fora de seu corpo físico.

Obviamente, há tantos tipos de fantasmas e aparições quanto há pessoas. Eles estão tão alertas, ou não-alertas, para a situação deles quanto vocês para a sua. Eles não se concentram plenamente na realidade física, entretanto, seja na personalidade ou na forma, e essa é sua maior diferença característica. Algumas aparições são formas-pensamento enviadas por personalidades sobreviventes em profunda ansiedade. Elas retratam o mesmo comportamento do tipo compulsivo que pode ser visto em muitos casos de sua experiência comum.

O mesmo mecanismo que faz uma mulher perturbada, digamos, realizar atos repetitivos como lavar e tornar a lavar as mãos, também faz com que um tipo específico de aparição volte várias vezes a um lugar. Nesses casos, o comportamento é geralmente composto de ações repetitivas.

Por razões diversas, essas personalidades não aprenderam a assimilar sua própria experiência. As características dessas aparições seguem as de uma personalidade perturbada – com algumas exceções, contudo. A consciência total não está presente. A própria personalidade parece estar passando por um pesadelo ou uma série de sonhos recorrentes, durante os quais ela retorna ao ambiente físico. A personalidade está “sã e salva,” mas certas porções dela resolvem problemas não solucionados e descarregam energia dessa forma.

(*21h44.*) Elas são bem inofensivas. É somente a sua interpretação de seus atos que pode causar dificuldades. Ora, em meio à vida, às condições de vida, vocês também aparecem de vez em quando como fantasmas em outros níveis de realidade, onde sua “pseudoaparição” causa certos comentários e serve de base para muitos mitos – e vocês nem sabem disso.

Agora estou falando de modo geral. Repito que há exceções onde a memória é mantida, mas por via de regra, fantasmas e aparições não são mais conscientes de seu efeito sobre os outros do que vocês quando aparecem inconscientemente como fantasmas em mundos que lhes seriam muito estranhos.

(A combinação de) pensamento, emoção e desejo cria forma, possui energia, (e) é feita de energia. Irá aparecer de todas as maneiras possíveis. Vocês só reconhecem as manifestações físicas, mas como mencionado anteriormente neste livro, vocês enviam pseudoformas de si mesmos, a partir de si mesmos, das quais vocês não têm conhecimento, e isso é completamente diferente da viagem ou projeção astral, que é um procedimento muito mais complicado.

Vocês aparecem como forma astral em realidades que são, comparativamente, mais avançadas que a sua. Em geral são reconhecidos por causa de sua desorientação. Vocês não sabem como manipular. (*Com humor:*) Vocês não conhecem os costumes. Mas tenham uma forma física ou não, se tiverem emoções e sentimentos, eles tomarão forma. Eles têm uma realidade. Se pensarem fortemente em um objeto, ele aparecerá em algum lugar.

Se pensarem fortemente em estar em outro lugar, uma pseudoimagem de si mesmos será projetada para esse lugar, percebam-no vocês ou não, e estejam vocês ou não conscientes do fato, ou conscientes nele. Isso se aplica (tanto) aos que deixaram seu sistema físico como aos que estão nele.

(21h55.) Todas essas formas são chamadas de construções secundárias, pois, por via de regra, a plena consciência da personalidade não está nelas. Elas são projeções automáticas.

Ora, em construções primárias, uma consciência, em geral plenamente consciente e alerta, adota uma forma – não sua forma “nativa” – e conscientemente a projeta, em geral em outro nível de realidade. Mesmo isto é uma coisa muito complicada e raramente usada para propósitos de comunicação.

Há outros métodos muito mais fáceis. Já explique, de certa forma, como as imagens são construídas a partir de um campo disponível de energia. Vocês percebem apenas suas próprias construções. Se um “fantasma” deseja contatá-los, portanto, ele pode fazê-lo por meio de telepatia, e vocês podem construir a imagem correspondente, se o desejarem. Ou o indivíduo pode enviar-lhes uma forma-pensamento ao mesmo tempo em que, telepaticamente, se comunica com vocês. Seus aposentos estão agora cheios de formas-pensamentos que vocês não percebem, e repito, vocês são agora um fenômeno fantasmagórico tanto quanto o serão após a morte. Só que, simplesmente, não têm conhecimento do fato.

Vocês ignoram certas variações de temperatura e movimentos do ar, considerando-os imaginação, e eles são, pelo contrário, indicativos dessas formas-pensamento. Vocês atiram para o fundo as comunicações telepáticas que muitas vezes acompanham essas formas, e desviam-se de todas as pistas que outras realidades existem com a mesma validade que a sua, e que em meio a uma existência vocês estão cercados de evidências

intangíveis, mas válidas. As próprias palavras “vida” e “morte” servem para limitar sua compreensão, para levantar barreiras onde não existe nenhuma intrinsecamente.

Podem fazer um intervalo.

(22h07. Jane saiu facilmente do transe. Sua transmissão esta noite foi um pouco diferente. A voz estava calma, quase em tom coloquial na maneira e no ritmo, embora a velocidade às vezes variasse. Reiniciamos da mesma forma às 22h18.)

Alguns amigos e parentes mortos os visitam, projetando-se de seu próprio nível de realidade para o de vocês, mas por via de regra vocês não percebem sua forma. Eles não são mais fantasmagóricos, ou “mortos,” entretanto, do que vocês quando se projetam para a realidade deles – como fazem durante o sono.

Em geral, contudo, eles podem percebê-los nessas ocasiões. Vocês costumam esquecer-se de que esses indivíduos estão em diferentes estágios de desenvolvimento. Alguns têm ligações mais fortes com o sistema físico do que outros. O tempo que uma pessoa está morta (em seus termos) pouco tem a ver com o fato de vocês serem ou não visitados dessa forma, mas isso depende da intensidade do relacionamento.

Como mencionado antes, contudo, durante o sono vocês podem ajudar pessoas mortas recentemente, pessoas totalmente estranhas, a aclimatarem-se às condições pós-morte, embora esse conhecimento não esteja disponível para vocês de manhã. Também outros, estranhos, podem comunicar-se com vocês quando estão dormindo, e até guiá-los através dos vários períodos de sua vida.

Não é simples explicar as condições da vida como vocês as conhecem, sendo, portanto, extremamente difícil discutir as complexidades das quais vocês não têm consciência.

O ponto principal que desejo esclarecer neste capítulo é que vocês já estão familiarizados com todas as condições que enfrentarão após a morte, e podem tornar-se conscientes delas para estarem à altura da situação. *(Pausa, sorriso, às 22h29.)* Fim do capítulo.

Agora: Esperem um pouco.

ESCOLHAS PÓS-MORTE E O

MECANISMO DA TRANSIÇÃO

Após a morte, não há limites para as experiências abertas a vocês, sendo que todas são possíveis, mas algumas são menos prováveis que outras, dependendo de seu desenvolvimento. De modo geral, há três áreas principais, embora exceções e casos extraordinários possam levar a outros caminhos.

Vocês podem decidir-se por outra reencarnação. Ou podem preferir focalizar sua vida passada, que servirá de material para uma nova experiência – como mencionado antes – criando variações de eventos anteriores, fazendo as correções que desejarem. Ou podem entrar em um sistema de probabilidades totalmente diferente, e, neste caso, não haverá ligação com uma existência reencarnatória, pois estarão deixando para trás toda a idéia de continuidade de tempo.

Alguns indivíduos ou personalidades, entretanto, preferem uma organização de vida ligada ao passado, ao presente e ao futuro, em uma estrutura aparentemente lógica, e essas pessoas em geral escolhem a reencarnação. Outras, naturalmente, preferem experienciar eventos de uma forma extraordinariamente intuitiva, organizada pelos processos associativos. Elas irão escolher um sistema de probabilidades para sua próxima etapa de trabalho.

Algumas simplesmente acham que o sistema físico não lhes agrada, e, dessa forma, afastam-se dele. Isso, contudo, não pode ser feito até que o ciclo de reencarnações, uma vez escolhido, seja completado; essa última escolha, portanto, existe para os que desenvolveram ao máximo suas habilidades dentro desse sistema, através de reencarnações.

Outras, esgotadas as reencarnações, podem escolher reentrar no ciclo, agindo como professores, e, nesses casos, há sempre algum tipo de reconhecimento da identidade mais elevada desses professores. Existe um estágio intermediário de relativa indecisão, um meio-plano de existência, uma área de descanso, por assim dizer, e é a partir dessa área que ocorre a maioria das comunicações de parentes. Esta é, em geral, a área visitada pelos vivos em projeções durante o sono.

Agora podem fazer um intervalo.

(22h45 – 22h54.)

Antes do momento da escolha, entretanto, há um período de auto-exame, quando as personalidades têm à disposição sua “história” total. Vocês compreendem a natureza da entidade e são aconselhados por outras porções dessa entidade, mais “avançadas” do que vocês.

Terão consciência de seus outros eus nas diferentes encarnações, por exemplo. Haverá ligações emocionais com outras personalidades que conheceram em vidas passadas, e algumas delas poderão suplantar seus relacionamentos da última vida. Este é, entretanto, um lugar de encontro também para indivíduos de seu próprio sistema.

Todas as explicações necessárias são dadas aos que ficam desorientados. Aos que não percebem que estão mortos, é explicada sua condição e fazem-se todos os esforços para revigorar energias e ânimos. É um tempo de estudo e compreensão. É a partir desta área que algumas personalidades perturbadas têm sonhos de retorno ao ambiente físico.

Esse é um lugar de intercâmbio entre sistemas, por assim dizer. As condições e o desenvolvimento são mais importantes do que o período de permanência do indivíduo nessa área. É um passo intermediário, mas muito importante. Em seus sonhos, vocês já estiveram ali.

Agora: Fim do ditado. Eu desejava terminar um capítulo e iniciar outro. Terminarei a sessão, a menos que vocês queiram fazer alguma pergunta.

(“Acho que não.”)

Minhas cordiais saudações aos dois, e uma boa noite.

(“Boa noite, Seth, e muito obrigado.” 23h05.)

SESSÃO 541, 13 DE JULHO DE 1970,

20H40, SEGUNDA-FEIRA

(Não tivemos sessão em 8 de julho, como havíamos programado. Tam Mossman, editor de Jane na Prentice-Hall, telefonou para dizer que os primeiros exemplares do livro dela, The Seth Material, estavam prontos. Ele está enviando um exemplar a Jane hoje.

(Esta tarde, fiz sugestões a mim mesmo de que teria uma projeção quando me deitasse, mas sem sucesso. Então, pouco depois do jantar, tive uma experiência visual como a descrita nas anotações da sessão 534, no Capítulo Oito. Fui contando a Jane enquanto acontecia, e mais uma vez ela ficou preocupada. Eu, contudo, não me alarmei. A experiência durou talvez meia hora.

(No Capítulo Oito, Seth disse que essa era minha forma de tentar ver modelos para meus quadros. Eu esperava ver algo muito bom esta noite, agora que estava preparado, mas nada aconteceu. O único efeito posterior foi uma ligeira dor de cabeça, como acontecera antes, que logo passou.

(Talvez, pensei eu, a experiência fora uma reação retardada às sugestões de projeção. Pouco antes da sessão, fiz algumas perguntas a meu pêndulo – tendo em mente que eu não estava muito certo se essa técnica devia ser usada para explorar dados que não fossem orientados fisicamente. Em geral, consigo resultados excelentes com o pêndulo; aprendi agora que essas interferências visuais haviam sido causadas por minhas tentativas mal-sucedidas de perceber uma forma-pensamento enviada por uma personalidade sobrevivente. Isso apoiou as razões dadas por Seth para o fenômeno visual. Em geral, usamos o pêndulo para alcançar informações que estão logo abaixo da consciência normal de vigília.

(Também descobri que não se tratava de nenhum de meus quadros em particular, nem de meus esforços de projeção desta tarde; que a personalidade sobrevivente me era desconhecida e que o pêndulo não podia me dizer quem era essa personalidade.

(Com esta explicação, não achei necessário inquirir Seth sobre a experiência. Esperava que ele a comentasse, mas não o fez....Jane e eu ficamos prontos para a sessão antes da hora, para variar.

Agora: Dou-lhes boa-noite antes da hora.

(“Boa noite, Seth.”)

Reinício do ditado: A reencarnação envolve muito mais do que uma simples decisão de passar por outra existência física. Nesse período intermediário do qual falo, muitas questões são consideradas.

A maioria das pessoas, quando pensa em reencarnação, pensa em termos de progressão linear, na qual a alma se aperfeiçoa em cada vida sucessiva. Essa é uma simplificação muito grande. Há infinitas variedades deste tema, variações individuais. O processo da reencarnação é usado de muitas formas, portanto, e nesse tempo de descanso, as pessoas devem decidir qual a forma específica em que a reencarnação será útil.

(20h45.) Alguns, por exemplo, decidem isolar várias características em uma determinada vida e trabalhar nelas quase que exclusivamente, baseando uma determinada existência, digamos, em um tema principal. Visto de um ponto de vista físico, essa personalidade pareceria muito unilateral, e estaria longe de ser um indivíduo bem desenvolvido.

Em uma vida, o intelecto pode ser, propositadamente, muito forte, e os poderes da mente, levados tão longe quanto o indivíduo o conseguir. Essas habilidades são então estudadas detalhadamente pela personalidade total, e tanto os benefícios quanto os aspectos perniciosos do intelecto são pesados com cuidado. Por meio de experiências em outra vida, este mesmo tipo de indivíduo pode especializar-se no desenvolvimento emocional e, propositadamente, minimizar as habilidades intelectuais.

Torno a dizer que o quadro físico não seria necessariamente o de uma personalidade bem desenvolvida ou equilibrada. Habilidades criativas específicas podem ser limitadas da mesma forma. Se vocês

olhassem para essas vidas como uma série de progressões em termos comuns, muitas de suas perguntas ficariam sem resposta. Não obstante, o desenvolvimento realmente ocorre, mas as pessoas escolhem a maneira na qual preferem que ele ocorra.

(20h51.) Digamos que, negando a si mesmas o desenvolvimento intelectual em uma determinada vida, as personalidades também aprendem o valor e o propósito daquilo que não possuem. O desejo do que não possuem nasce então dentro delas – podemos dar, como exemplo, o fato de antes não terem compreendido os propósitos do intelecto. Assim, na hora da escolha, as personalidades decidem a maneira de se desenvolverem na encarnação seguinte.

Algumas escolherão o progresso de um modo mais fácil e de uma forma mais equilibrada. Elas ajudarão a manter todos os fios da personalidade trabalhando ao mesmo tempo, por assim dizer, e até encontrarão, repetidas vezes, pessoas que conheceram em outras vidas. Resolverão problemas de um modo um tanto fácil e não, digamos, de forma explosiva. Elas seguirão um ritmo, como os dançarinos.

Durante esse tempo de descanso e escolha, a pessoa recebe todos os conselhos possíveis. Algumas personalidades reencarnam antes que isso lhes seja aconselhado, por muitas razões. A curto prazo, essa escolha é desastrosa, pois o planejamento necessário não ocorreu. Mas, a longo prazo, grandes lições serão aprendidas com o “erro.” Não existe uma programação, mas é muito raro um indivíduo esperar durante mais de três séculos entre vidas, pois isso torna a orientação muito difícil e enfraquece os elos emocionais com a terra.

Os relacionamentos para a próxima vida devem ser decididos, o que inclui comunicação telepática com todos os que estarão envolvidos. Esse é um tempo, portanto, de muitas projeções. Há os que são simplesmente solitários, que reencarnam sem grandes sentimentos pelos períodos históricos da terra. Outros gostam de voltar quando seus contemporâneos de algum passado histórico vão fazê-lo, e, assim, há padrões de grupos que incluem ciclos reencarnatórios nos quais muitos, mas não todos, estão envolvidos.

(A mim, agora, às 21h02.) Você, por exemplo, não atuou dentro de um ciclo nesses termos. Agora: Há ciclos pessoais, naturalmente, nos quais famílias podem reencarnar, assumindo diferentes relacionamentos uns com os outros, e você esteve envolvido em vários deles.

Há profundidades diferentes a serem sondadas nas reencarnações. Alguns decidem “ir até o fundo.” Essas personalidades especializam-se em existências físicas, e seu conhecimento deste sistema é muito abrangente. Para esses, há um movimento através de cada um de seus tipos raciais – requisito que não é aplicado à maioria. Existe uma grande preocupação com períodos históricos. Muitas dessas personalidades vivem vidas comparativamente curtas, mas muito intensas, e experienciam mais vidas do que a maioria dos outros indivíduos. Elas voltam, em outras palavras, no maior número possível de épocas históricas, ajudando a moldar o mundo como vocês o conhecem.

Podem fazer um intervalo.

(21h08. O ritmo de Jane fora relativamente rápido, e sua voz, baixa. Ao sair do transe, nós ouvimos o entregador de jornais subindo a escada. Paguei-lhe.

(Pouco depois do início destas sessões, vários anos atrás, Seth disse a Jane e a mim que nós três havíamos tido vidas na Dinamarca nos anos de 1600. Comecei então a pensar se meu interesse pela arte da Europa Ocidental naquele mesmo período, incluindo o trabalho de Rembrandt e Vermeer, Van Dyke e Rubens, et al., seria mais do que uma coincidência. Mencionei a Jane a curiosidade que sentia a respeito de minha carreira artística ter alguma ligação com minha vida na Dinamarca. Desejava também saber qual fora a duração de minha vida então.)

(Reiniciamos em ritmo mais lento às 21h20.)

Agora: Ditado. De uma forma ou de outra, vocês são todos viajantes antes de iniciarem seu primeiro ciclo de reencarnações. A fim de tornar isto o mais fácil possível, direi que vocês não têm os mesmos antecedentes ou experiências, necessariamente, quando entram no sistema físico de realidade. Como mencionei antes, a experiência terrena é um período de treinamento e, contudo, tanto quanto possível, gostaria que vocês se esquecessem de suas idéias costumeiras de progresso.

As idéias de bom, melhor, o melhor, por exemplo, podem enganá-los. Vocês estão aprendendo a ser, tão completamente quanto possível. Por um lado, estão aprendendo a criar a si mesmos. Ao fazerem isso durante o ciclo de reencarnações, estão focalizando suas principais habilidades na vida física, desenvolvendo qualidades e características humanas, abrindo novas dimensões de atividade. Isto não significa que o bem não exista, ou que, em seus termos, vocês não “progridam;” mas seus conceitos de bem e progresso são extremamente distorcidos.

Ora, muitas personalidades têm talentos extraordinários em áreas específicas, que podem aparecer repetidamente em existências sucessivas. Eles podem ser ajustados, usados em várias combinações, mas ainda, no todo, permanecer como a marca mais forte da individualidade e da singularidade. Embora a maioria das pessoas adote profissões, ocupações e interesses diferentes, por exemplo, durante o ciclo reencarnatório, algumas manterão uma linha de continuidade muito marcada. Essa linha pode ser quebrada ocasionalmente, mas está sempre presente. Uma pessoa poderá ser sacerdote ou professor, por exemplo, quase que exclusivamente.

Tratarei especificamente da reencarnação em outras partes deste livro, mas agora desejo dizer que, no período de escolhas entre vidas, estão em jogo muitas outras questões além de uma simples proposta de renascimento.

Às vezes, algumas personalidades podem ter a oportunidade de experimentar uma exceção à regra geral e tirar uma licença sabática (*com humor*) das reencarnações, uma viagem secundária, por assim dizer, a outra camada de realidade, retornando depois. Tais casos, entretanto, não são comuns. Essas questões também são decididas nesse período. Os que escolhem deixar este sistema e cujos ciclos reencarnatórios terminaram, têm muitas outras decisões a tomar.

A entrada no campo das probabilidades pode ser comparada à entrada no ciclo de reencarnações. Haverá um foco constante de percepção e existência em um tipo totalmente diferente de realidade. Poderes latentes, mal percebidos na personalidade multidimensional, são evocados e usados quando essa escolha é feita.

A experiência psicológica varia consideravelmente daquela que vocês conhecem, e, contudo, há vestígios dela dentro de sua própria psique. Aqui, a personalidade precisa aprender a agrupar eventos de um modo totalmente diferente, sem qualquer dependência da estrutura do tempo (como vocês o conhecem).

(21h40.) Nesta, como em nenhuma outra realidade, as habilidades intelectuais e intuitivas finalmente funcionam tão bem juntas que existe pouca distinção entre elas. O eu que decide sobre a existência reencarnatória é o mesmo eu que escolhe experiências dentro do sistema provável. A estrutura de personalidade, contudo, dentro do sistema, é muito diferente. As estruturas de personalidade com as quais vocês estão familiarizados são apenas variações de muitas formas de percepção que vocês têm à sua disposição.

O sistema provável, portanto, é tão complicado quanto o da reencarnação. Ora, eu já lhes disse que toda ação é simultânea; assim, por um lado vocês existem em ambos os sistemas ao mesmo tempo. Entretanto, para explicar a vocês que há decisões envolvidas e para separar esses eventos, eu preciso simplificá-los de alguma forma. Digamos assim: uma porção do eu total focaliza os ciclos de reencarnação e trata dos desenvolvimentos ligados a eles. Outra porção focaliza as probabilidades e trata dos desenvolvimentos ligados a elas.

Entre parênteses: (Há também um sistema provável, naturalmente, no qual não existem ciclos reencarnatórios, e um ciclo de reencarnações no qual não existem probabilidades.) A abertura e flexibilidade da personalidade é muito importante. Portais para existências podem ser abertos, mas a personalidade pode recusar-se a vê-los.

Por outro lado, toda existência provável está aberta, e a consciência pode construir uma porta onde não havia nenhuma (nesses termos). Há guias e professores, durante este tempo de escolha e decisão, que apontam alternativas e explicam a natureza da existência. Nem todas as personalidades estão no mesmo nível de desenvolvimento. Há, portanto, professores adiantados e professores de níveis “mais baixos.”

(21h51.) Esse, porém, não é um tempo de confusão, mas sim de grande iluminação e de desafios inacreditáveis. Mais adiante, neste livro, vocês encontrarão material sobre o conceito de deus que poderá ajudá-los a compreender algumas coisas que não são mencionadas neste capítulo.

Ora, para aqueles que preferem recombinar, “misturar ou ajustar” eventos da vida imediatamente anterior – tentar novamente de maneiras novas, por exemplo, também há necessidade de lições. Em muitos desses casos há um sério problema e uma certa rigidez aliada às características de perfeccionismo mencionadas antes.

Os anos terrenos tornarão a ser experienciados, mas não necessariamente dentro de uma continuidade. Os eventos podem ser usados de qualquer forma que o indivíduo desejar: podem ser alterados, passados outra vez da maneira que aconteceram, a fim de serem comparados; é como se um ator assistisse várias vezes a um filme antigo no qual trabalhou, a fim de estudá-lo. Só que neste caso, naturalmente, o ator pode mudar seu desempenho ou o final do filme. Ele tem toda liberdade em relação aos eventos daqueles anos.

Os outros atores, entretanto, são formas-pensamento, a menos que alguns contemporâneos se unam a ele no evento.

Agora podem fazer um intervalo.

(22h. Durante a última transmissão, alguém começou a mudar-se para o apartamento acima do nosso. Saindo do transe, Jane disse que o barulho no andar de cima a perturbava, mas que se “mantivera firme no transe” até o intervalo. Reiniciamos no mesmo ritmo lento às 22h12.)

Agora: Nessas condições, a personalidade manipula eventos conscientemente, é claro, e estuda seus vários efeitos. A atenção requerida é muito intensa.

É revelada ao indivíduo a natureza dos que participam com ele. Ele compreende que são formas-pensamento, por exemplo, dele mesmo; mas, repito, formas-pensamento possuem uma certa realidade e consciência. Elas não são atores de papelão que ele simplesmente manipula a seu bel-prazer. Precisa, portanto, levá-las em consideração, e tem uma certa responsabilidade em relação a elas.

As formas-pensamento crescerão em consciência e continuarão suas próprias linhas de desenvolvimento em diferentes níveis. Até certo ponto, nós todos somos formas-pensamento, e isso será explicado no material sobre o conceito de deus. Compreendam, contudo, que não estou dizendo que temos falta de iniciativa própria para ação, individualidade ou propósito – e lembrem-se também de que vocês vivem de dentro para fora. Assim, talvez esta afirmação faça mais sentido.

Ora, nesse período de escolha, todas essas questões são consideradas e fazem-se os preparativos adequados, mas o planejamento em si faz parte da experiência e do desenvolvimento. Os intervalos entre existências, portanto, são tão importantes quanto o período escolhido. Em outras palavras: vocês aprendem a planejar sua existência. Também fazem amigos e conhecidos nesses períodos de descanso, e encontram-nos repetidas vezes – mas apenas, talvez, durante os intervalos entre existências.

Com eles vocês podem discutir sua experiência durante ciclos de reencarnação. Eles são como velhos amigos. Os professores, por exemplo, estão eles próprios dentro de um ciclo. Os mais adiantados já enfrentaram os sistemas de reencarnação e probabilidades, e estão eles mesmos decidindo sobre a natureza “futura” de sua própria experiência. As escolhas deles, entretanto, não são as de vocês. Embora em um capítulo posterior eu possa mencionar alguns outros reinos de existência abertos a eles, não trataremos do assunto aqui.

Agora esperem um instante. Fim do ditado. (*Pausa às 22h27.*)

(*Eu bocejei. Divertido:*) Você está acordado e alerta?

(*“Estou.”*)

Então espere um pouco....Temos dois períodos separados para você. Um muito breve, de 1611 a 1615. Esse foi na Dinamarca. Depois, de 1638 a 1674. Em um deles, a informação é a que eu dei (vários anos atrás). Eu era um mercador de especiarias que viajava muito. Também tinha corantes de tinta, ou o que veio a ser corante. Agora espere um pouco. (*Pausa.*)

Havia um grupo de três pintores. Vamos conseguir o que pudermos. A pronúncia é pobre. Estamos procurando um nome que soa como *M. A.* Depois Daimeer (*minha interpretação fonética*). Não sei se era Madameer. (*Com gestos.*) Existe uma ligação aqui com a música e uma suíte Peer Gynt. Você está me acompanhando?

(*“Estou.”*)

Madeiras e carvão. Fogueiras de carvão. Você, acredito, trabalhando no chão de uma cabana, no processo final da produção de carvão. (*Pausa longa.*)

Uma ligação com Van Elver, embora eu não esteja certo de sua extensão.

(*Eu pintei o retrato de Van Elver, que é o artista do século catorze [dinamarquês ou norueguês] de quem Seth recebe informações sobre técnicas de pintura.**)

*Uma ilustração deste quadro aparece em *The Seth Material*. O nome Van Elver não consta da legenda, mas o quadro é facilmente identificável.

O nome Wedoor (*fonético*) e de uma firma alemã que fornecia material para artistas, e era também famosa por tingir fazendas e roupas.

Montar este material já é difícil. Muito mais difícil ainda é recebê-lo.

Van Elver, o jovem. (As cidades estavam) abrindo as casas para artistas rurais, mas um número muito maior de pintores fazia retratos de fazendeiros ricos e de suas terras e estabelecimentos. Esses quadros eram pendurados, naturalmente, em lugares de honra nas casas.

Até os camponeses e fazendeiros mais pobres compravam retratos de si mesmos, entretanto, talvez de pintores menos talentosos, e muitos desconhecidos recebiam hospedagem como forma de pagamento, pintando muito mais vagarosamente.

(*Jane, como Seth, sorriu e curvou-se para frente.*) Agora: você foi um desses artistas menores durante um período. Não o foi, entretanto, durante toda a vida. Você recebia mais do que simples hospedagem, e comprou terras onde desejava estabelecer-se.

Dois amigos continuaram a viajar e a pintar, entretanto, visitando-o ocasionalmente, e você os invejava. Um deles tornou-se bem conhecido na época. Seu nome era Van Dyck, mas não aquele famoso. Você amava suas terras, mas também as culpava, pensando que talvez se tivesse tornado famoso como pintor se não as tivesse comprado.

Achou que iria instalar-se e pintar em sua bela fazenda, mas, em vez disso, transformou-se em um fazendeiro lascivo. Existe aqui uma certa ligação com seus sentimentos ambíguos de agora a respeito de dinheiro e bens.

Sobrenome, o mais próximo que posso chegar: Raminkin, ou Ra-man-ken (*ambos minha interpretação fonética*). As letras H. E. I. M. Elas formam o nome ou estavam incluídas no nome que foi dado agora. (*Enfaticamente:*) Naquela época, você também fez meu retrato.

(*“Isso é interessante.” Como Seth, Jane apontou para o retrato que pinte de Seth; estava na parede atrás de mim, de modo que ela ficava de frente para ele quando em sua cadeira de balanço.*)

Você se saiu melhor desta vez.

(*“Ainda bem.”*)

Espere um momento. Essa foi minha última reencarnação plena, adotada então porque eu amava o mar, e serviu para espalhar idéias de um país a outro. Os homens que viajavam comigo também participaram da disseminação de idéias. Nós as espalhamos pelo mundo como era então conhecido.

Frank Withers era um fragmento de minha personalidade. Ele continuará a reencarnar, seguindo seu próprio caminho. Muitos de nós abandonamos fragmentos da personalidade como vocês abandonam crianças. Você está me seguindo?

(“Estou.” Frank Withers foi o nome original que nos foi dado quando as sessões começaram no fim de 1953.)

E agora, desejo-lhes uma boa noite.

(“Boa noite, Seth. Muito obrigado.”)

E você precisa fazer uma fogueira de carvão para mim um dia destes.

(“Está bem.”)

Eu posso até aparecer para falar com você, embora brevemente.

(“Está bem.”)

(22h57. O transe de Jane fora profundo. Recebemos poucas informações a respeito de nossas vidas passadas, preferindo esperar, por várias razões pessoais. Achamos interessantes os dados a respeito da Dinamarca. Jane e eu acabamos incertos a respeito de eu ter vivido duas vidas curtas ou uma mais longa, dividida em duas esferas de atividade.

(Isso, então, me fez pensar se a sessão desta noite contradizia uma outra realizada vários anos atrás, quando Seth declarou que eu vivera até uma idade avançada em minha vida na Dinamarca. Jane fora meu filho. Na verdade, não havia contradição – simplesmente uma interpretação errônea de nossa parte. Seth entra em mais detalhes a respeito disto na sessão 595, no Apêndice.

(Eu também faço muitos desenhos a carvão nesta vida.)

SESSÃO 546, 19 DE AGOSTO DE 1970,

21h20, QUARTA-FEIRA

(Seth suspendeu o ditado de seu livro nas últimas cinco semanas. Duas semanas foram para nossas férias, mas, além disso, também estivemos muito ocupados. Das quatro sessões regulares realizadas no tempo restante, grandes porções tratam de assuntos relativos à publicação, em 4 de setembro, do livro de Jane, do The Seth Material, e uma série de programas de rádio e televisão.

(Agora que podíamos relaxar um pouco, entretanto, tínhamos certeza de que Seth voltaria facilmente a trabalhar no Capítulo Onze de seu livro, embora Jane não tivesse olhado para ele durante um bom tempo. As coisas estavam nesse pé.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: Retomaremos o ditado.

O tempo de escolha depende das condições e circunstâncias do indivíduo após a transição da vida física. Alguns levam mais tempo do que outros para compreender a verdadeira situação.

Como explicamos antes, alguns precisam despir-se de muitas idéias e símbolos que retardam seu progresso. O tempo de escolha pode acontecer quase imediatamente (em seus termos) ou pode ser adiado durante o período de treinamento. Os principais impedimentos são, naturalmente, as idéias errôneas da pessoa.

A crença no céu ou no inferno, em certas situações, pode ser igualmente prejudicial. Alguns se recusam a aceitar a idéia de mais trabalho, desenvolvimento e desafios, acreditando que o céu convencional é a única possibilidade. Durante algum tempo, eles aprendem através de sua própria experiência que a existência exige desenvolvimento, e que um tal céu seria estéril, enfadonho e, na verdade, “mortal.”

Então estão prontos para o tempo da escolha. Outros insistem que, devido a suas transgressões, serão atirados no inferno, e por causa da força dessa crença, podem, durante algum tempo, vivenciar essas condições. Em ambos os casos, contudo, há sempre professores disponíveis. Eles tentam vencer essas crenças falsas.

Nas condições do Hades, os indivíduos caem em si mais rapidamente. Seus próprios medos impulsionam dentro deles a libertação. Suas necessidades, em outras palavras, abrem mais rapidamente as portas interiores do conhecimento. Entretanto, em geral esse estado não dura tanto quanto o estado celeste.

Ambos os estados, contudo, retardam o tempo da escolha e a próxima existência. Há um ponto que gostaria de mencionar aqui: em todos os casos, a pessoa cria sua experiência. Torno a dizer isto com o risco de me repetir, porque este é um fato básico de toda consciência e existência. Não existem “lugares” ou situações especiais reservados para o período pós-morte, no qual uma determinada personalidade tem que ter uma experiência.

Os suicidas, como uma classe, por exemplo, não sofrem uma “punição” particular, nem, *a priori*, sua situação é pior. Eles são tratados como indivíduos. Quaisquer problemas que não foram enfrentados nesta vida serão, entretanto, enfrentados em uma outra. Isto se aplica apenas aos suicidas.

Um suicida pode causar sua própria morte por rejeitar a existência em quaisquer termos que não sejam especificamente os escolhidos por ele. Se for este o caso, naturalmente ele precisará aprender que não é assim. Muitos outros, entretanto, escolhem negar a experiência enquanto se encontram no sistema físico, cometendo suicídio de maneira igualmente eficaz enquanto fisicamente vivos.

(21h38.) As condições ligadas a um ato suicida também são importantes, assim como a realidade interior e a compreensão do indivíduo. Menciono isto aqui porque muitas filosofias ensinam que os suicidas enfrentam um tipo de destino especial, quase vingativo, e isso não é verdade. Entretanto, se uma pessoa se mata, acreditando que o ato irá aniquilar sua consciência para sempre, então esta idéia falsa poderá impedir seu progresso, pois será intensificada pela culpa.

Repito que há professores para explicar a verdadeira situação. Usam-se várias terapias. Por exemplo: a personalidade pode ser levada de volta aos eventos que antecederam a decisão, tendo permissão, aí, de mudar a decisão. Ela é induzida a um tipo de amnésia, de modo que o próprio suicídio seja esquecido. Somente mais tarde será informada do ato, quando puder enfrentá-lo e compreendê-lo melhor.

Obviamente, contudo, essas condições também constituem impedimentos para o tempo da escolha. Não é preciso dizer que a obsessão com questões terrenas tem o mesmo efeito. Nesses casos, muitas vezes a personalidade insistirá em focalizar suas habilidades e energias perceptivas na direção da existência física. Esta é uma recusa psíquica em aceitar a face da morte. A pessoa sabe muito bem que está morta (em seus termos), mas se recusa a completar a separação psíquica.

Agora: Há casos em que, naturalmente, os indivíduos em questão não percebem o fato da morte. Não é uma questão de recusar-se a aceitá-la, mas de uma falta de percepção. Nesse estado, as pessoas também ficam obcecadas com problemas físicos e vagueiam, talvez desorientadas, por sua própria casa ou arredores. O tempo de escolha será, naturalmente, adiado.

O mecanismo da transição é, portanto, muito variável, assim como o mecanismo da vida física é muito variável. Muitos dos impedimentos que mencionei prejudicam o progresso não apenas após a morte, mas durante sua própria existência física. Isto, certamente, deve ser levado em consideração. Uma identificação exageradamente forte com as características sexuais também pode impedir o progresso. Se um indivíduo considera a identidade muito fortemente em termos de masculino ou feminino, pode recusar-se a aceitar o fato das mudanças sexuais que ocorrem em sucessivas encarnações. Este tipo de identificação sexual, entretanto, também impede o desenvolvimento da personalidade durante a vida física.

Podem fazer um intervalo e depois continuaremos.

(21h53. *O transe de Jane fora bom, seu ritmo um tanto rápido, sua voz, tranqüila. Ela não estava tão ativa nem tão forte quanto na noite passada, quando realizou uma sessão para sua classe de ESP. Reiniciamos às 22h11.*)

Agora: Embora, de um modo geral, as questões que acabo de mencionar atuem como impedimentos, sempre há exceções. A crença no céu, quando não é obsessiva, pode ser usada como uma estrutura útil, como base de operações para uma pessoa aceitar com facilidade as novas explicações que lhe serão oferecidas.

Até mesmo a crença em uma hora de julgamento é útil em muitos casos, pois embora não haja punição em seus termos, o indivíduo está, nesse caso, preparado para algum tipo de exame e avaliação espiritual.

Os que entendem totalmente que a realidade é autocriada, terão menos dificuldade. Os que aprenderam a compreender e agir dentro dos mecanismos dos sonhos, terão grande vantagem. A crença em demônios é muito prejudicial após a morte, como o é durante a existência física. Uma teologia de opostos, sistematizada, também é perniciosa. Se vocês acreditam, por exemplo, que todo bem deve ser contrabalançado com o mal, estão presos a um sistema de realidade que é muito restritivo e que contém sementes de grandes tormentos.

Em tal sistema, até o bem se torna suspeito, porque um mal equivalente deverá segui-lo. Deus-versus-demônio, anjos-versus-demônio – o abismo entre animais e anjos – todas essas distinções são impedimentos. Em seu sistema de realidade, vocês estabelecem grandes contrastes e fatores opostos, que atuam como suposições básicas dentro de sua realidade.

Elas são extremamente superficiais e resultam de habilidades intelectuais mal usadas. O intelecto sozinho não pode compreender o que as intuições certamente sabem. Ao tentar fazer sentido da existência física (em seus termos), o intelecto estabeleceu esses fatores opostos. O intelecto diz: “Se existe o bem, certamente deve existir o mal,” pois ele deseja uma explicação para as coisas que vêm em pacotes bem acondicionados. Se existe em cima, deve existir embaixo. É preciso haver equilíbrio. O eu interior, entretanto, percebe que, em termos muito mais amplos, o mal é simplesmente a ignorância, que “em cima” e “embaixo” são termos aplicados a um espaço que não conhece essas direções.

(22h25.) Uma crença forte nessas forças opostas, portanto, é muito prejudicial, pois impede a compreensão dos fatos: os fatos da unidade interior e da singularidade, das interligações e da cooperação. Uma crença obsessiva nesses fatores opostos, portanto, talvez seja o elemento mais prejudicial não apenas após a morte, mas durante qualquer existência.

Há certos indivíduos que nunca experimentaram, durante a vida física, essa sensação de harmonia e unidade na qual os fatores opostos se fundem. Essas pessoas precisam passar por muitos estágios após a transição, e, em geral, têm muitas outras vidas físicas “diante” de si.

Individual e coletivamente, vocês formam sua existência física, e assim, após o tempo de escolha, juntam-se a outros que decidiram seguir mais ou menos o mesmo tipo de experiência. Inicia-se então uma aventura profundamente cooperativa e fazem-se os preparativos. Esses preparativos irão variar de acordo com

o tipo de existência escolhido. Há padrões gerais, entretanto. A realidade de um indivíduo jamais é idêntica à de outro, mas, ainda assim, formam-se grupos.

Podem fazer um intervalo.

(22h34. No início pensei que o intervalo fora anunciado porque nosso gato, Willy, pulara no colo de Jane enquanto ela falava. Ela vacilara, e então pensei que ele a interrompera, mas depois de sair do transe, Jane disse que mal se lembrava do incidente. Seu ritmo fora novamente rápido. Reiniciamos da mesma forma às 22h44.)

Dito muito simplesmente, uma crença no bem sem uma crença no mal talvez não pareça muito realista para vocês. Essa crença, contudo, é o melhor tipo de garantia que podem ter, tanto durante a vida física quanto depois.

Talvez ela seja ofensiva para seu intelecto, e a evidência de seus sentidos físicos pode gritar que ela não é verdadeira; contudo, uma crença no bem sem uma crença no mal é uma coisa muito realista, uma vez que, na vida física, ela manterá seu corpo mais saudável, evitará, psicologicamente, muitos temores e dificuldades mentais, e lhe dará uma sensação de bem-estar e espontaneidade que propiciará um maior desenvolvimento de suas habilidades. Após a morte, isso irá liberá-los da crença em demônios e inferno, e em punição forçada. Vocês estarão mais bem preparados para compreender a natureza da realidade como ela é. Eu entendo que o conceito realmente ofenda seu intelecto, e que seus sentidos pareçam negá-lo. Entretanto, já devem ter percebido que seus sentidos lhes dizem muitas inverdades; e eu afirmo que seus sentidos físicos percebem uma realidade que é resultado de suas crenças.

Acreditando no mal, ele naturalmente será percebido por vocês. Seu mundo ainda não tentou a experiência que o libertará. O cristianismo não passou de uma distorção desta verdade principal – isto é, o cristianismo organizado, como vocês o conhecem. Não estou falando aqui simplesmente dos preceitos originais. Eles não tiveram nenhuma oportunidade, e ainda vamos discutir este assunto.

A experiência que transformaria seu mundo deveria ter por base a idéia de que vocês criam sua própria realidade de acordo com a natureza de suas crenças; de que toda existência foi abençoada; e de que o mal não existia nela. Se essas idéias fossem seguidas, individual e coletivamente, a evidência de seus sentidos físicos não apresentaria qualquer contradição. Seus sentidos perceberiam o mundo e a existência como bons.

Essa é a experiência que não foi testada, e essas são as verdades que vocês precisam aprender após a morte física. Alguns, após a morte, compreendem tais verdades, decidem retornar à existência física e explicá-las. Esse tem sido o caminho através dos séculos. No sistema de probabilidades que se origina dentro da realidade física, acontece o mesmo.

Existem sistemas de probabilidades que não estão ligados a seu próprio sistema, que são mais avançados que qualquer um imaginado por vocês atualmente, e onde as verdades que venho explicando são bem conhecidas. Neles os indivíduos, com criatividade e propósito, criam realidades, sabendo como fazê-lo e deixando soltas as rédeas das habilidades criativas da consciência.

(22h59.) Menciono isto aqui simplesmente para mostrar que há muitas outras condições pós-morte não ligadas a seu sistema. Quando tiverem aprendido tudo o que puderem nesse período intermediário, estarão prontos para progredir. O próprio período intermediário, entretanto, tem muitas dimensões de atividades e divisões de experiências. Como podem ver – dizendo isto da maneira mais simples possível – uns não “conhecem” todos os outros.

Em vez de países ou divisões físicas, vocês têm estados psicológicos. Para alguém que se encontra em um deles, os outros podem parecer muito estranhos. Em muitas comunicações, através de médiuns, com os que se encontram nesses estados de transição, as mensagens transmitidas podem soar muito contraditórias. As experiências dos “mortos” não são as mesmas. As condições e situações variam. Um indivíduo, ao explicar suas realidade, pode apenas explicar o que ele conhece. Repito que este tipo de material costuma ofender o intelecto, que exige respostas e descrições simples, claras e concordantes.

A maioria dos que estão nesses estágios e se comunica com parentes “vivos,” ainda não alcançou o tempo de escolha nem terminou seu treinamento.

(23h06.) Eles ainda podem estar percebendo a realidade segundo suas velhas crenças. Quase todas as comunicações vêm desse nível, particularmente no caso de relacionamento em uma vida prévia imediata. Mesmo nesse nível, contudo, essas mensagens servem a um propósito. Os comunicadores podem informar a parentes vivos que a existência continua, e podem fazê-lo em termos que os vivos entendam.

Eles podem relacionar-se com os vivos, pois muitas vezes suas crenças ainda são as mesmas; em circunstâncias favoráveis, podem comunicar seu conhecimento ao mesmo tempo em que aprendem. Pouco a pouco, entretanto, seus próprios interesses mudam, pois formam relacionamentos em sua nova existência.

No tempo da escolha, portanto, a personalidade já está se preparando para partir rumo a uma outra existência. Em seus termos, em relação ao tempo, esse período intermediário pode durar séculos. Pode durar apenas alguns anos. Torno a repetir que existem exceções. Há casos em que uma personalidade entra muito rapidamente em outra vida física, talvez em uma questão de horas. Isso em geral é desastroso, sendo causado pelo desejo obsessivo de voltar à fisicalidade.

Um regresso tão rápido, entretanto, pode também ser feito por uma personalidade encarregada de um grande propósito, que desconsidera ou descarta um velho corpo físico, e renasce quase que imediatamente em um corpo novo a fim de terminar um projeto importante e necessário já iniciado.

Agora terminaremos nossa sessão, a menos que você queira fazer alguma pergunta.

(“Acho que não.”)

Muito boa noite aos dois.

(“Boa noite, Seth.”)

Você deveria ter estado presente à sessão da classe de ESP ontem à noite. Teria gostado –

(“Eu vou lê-la.” Eu estivera datilografando uma sessão em meu estúdio enquanto a classe se reunia em nossa sala de visitas. A sessão foi gravada por um aluno, como de costume, e teremos uma transcrição dela dentro de alguns dias.)

e você não teria precisado tomar notas. *(Pausa.)* Agora, estou aqui com você esta noite, com muita força, e se der sugestões a si mesmo, eu o ajudarei a sair de seu corpo. Diga a si mesmo para lembrar-se.

(“Está bem. Gostaria de projetar-me.”)

Então, até mais tarde.

(“Boa noite, Seth, e obrigado.” 23h18. O transe de Jane fora bem profundo, e ela levou mais tempo do que o normal para voltar. Na última parte da sessão, consegui sentir facilmente a presença imediata de Seth.

(Jane disse-me que “no final da sessão” apanhara esta idéia de Seth: Eu podia gravar a sessão e, enquanto a sessão se realizava, eu faria uma série de esboços de Jane falando por Seth. Pelos esboços eu poderia então pintar um quadro a óleo dela. Jane estava certa de que a idéia partira de Seth. Ela nunca pensara nisso antes, e eu também não.

(Depois de nos deitarmos, tentei as sugestões de projeção mencionadas por Seth, mas pela manhã, nada tinha a relatar. Se deixo para depois que estou na cama, em geral acho difícil fazer sugestões a mim mesmo. Caio no sono com muita rapidez. Jane, por sua vez, faz isso de uma forma muito mais vagarosa.)

SESSÃO 547, 24 DE AGOSTO DE 1970,

21h10, SEGUNDA-FEIRA

Agora: Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Vamos reiniciar o ditado. (*Jane, como Seth, dirigiu-me um olhar inquiridor.*) A menos que você tenha perguntas preliminares...

(*“Não.”*)

Há alguns pontos que gostaria de acrescentar aqui. Esse tempo de escolha é um pouco mais complicado se o último ciclo de reencarnações (em seus termos) foi completado.

Antes de tudo, vocês precisam entender, repito, que agora não percebem sua verdadeira identidade. Vocês se identificam com seu ego atual, e assim, quando pensam em termos de vida após a morte, realmente estão considerando uma vida futura do ego que conhecem. Ao final do ciclo de reencarnações, cada um compreende muito bem que ele, a identidade básica, o centro de seu ser, é mais do que a soma de suas personalidades encarnadas.

Podem dizer, então, que as personalidades não passam de divisões de seu eu aqui. Não existe competição entre elas. Nunca houve uma divisão real, mas apenas uma divisão aparente, na qual vocês desempenharam vários papéis, desenvolveram habilidades diferentes, aprenderam a criar de modos novos e diversos. Essas personalidades reencarnatórias continuam a desenvolver-se, mas compreendem que a identidade principal delas também é sua.

Quando o ciclo termina, portanto, vocês têm total conhecimento de suas vidas passadas. As informações, experiências e habilidades encontram-se totalmente disponíveis. Isso simplesmente significa que vocês compreendem sua realidade multidimensional em termos práticos. Usei com frequência a palavra multidimensional, e vocês vêem que a usei muito literalmente, pois sua realidade existe não apenas em termos de reencarnações, mas também nas realidades prováveis mencionadas anteriormente.

Quando chega o tempo da escolha, portanto, as escolhas disponíveis são muito mais diversas do que as oferecidas ou possíveis a personalidades que precisam ainda reencarnar. Sempre existe a oportunidade de ensinar, caso vocês tenham a inclinação e a capacidade para isso; o ensino multidimensional, entretanto, é muito diferente do ensino que vocês conhecem agora, e exige um treinamento rigoroso.

Esse tipo de professor precisa ser capaz de instruir várias porções de uma entidade (em seus termos) ao mesmo tempo. Digamos, por exemplo, que uma entidade particular tenha encarnações no século catorze, [em] 3 a.C., no ano 260 d.C. e no tempo da Atlântida. O professor estaria em contato simultâneo com essas várias personalidades, comunicando-se com elas em termos que elas pudessem entender. Esse tipo de comunicação exige um conhecimento completo das suposições básicas dessas eras, e do conhecimento filosófico e científico da época.

(*21h26.*) A entidade talvez esteja também explorando vários sistemas prováveis, e essas personalidades também precisariam ser alcançadas e contatadas. O conhecimento e o treinamento necessários

tornam essa carreira de professor/comunicador extremamente exigente, mas é um dos cursos disponíveis. O aprendizado de tais informações irá aumentar o desenvolvimento e as habilidades do professor. É necessária uma manipulação delicada de energia, além de viagens constantes através de dimensões. Uma vez feita essa escolha, inicia-se imediatamente o treinamento, sempre sob a liderança de um especialista prático. A vocação – pois é uma vocação – leva tal professor a outros domínios de realidade, diferentes daqueles que ele sabia existirem.

Agora: Outros, de uma natureza geral diferente, podem, terminadas as reencarnações, começar a longa viagem que leva ao trabalho de criador. Em um plano muito diverso, isso pode ser comparado, dentro de sua própria realidade física, aos gênios dos campos criativos.

Em vez de tintas, pigmentos, palavras, notas musicais, os criadores começam a fazer experiências com dimensões de realidade, comunicando conhecimentos em todas as formas possíveis – e eu não estou me referindo a formas físicas. O que vocês chamam de tempo é manipulado do mesmo jeito que um pintor manipularia as cores. O que chamariam de espaço é reunido de modos diferentes.

A arte é criada, então, usando-se o tempo – por exemplo – como estrutura. Usando termos de vocês, o tempo e o espaço podem ser misturados. As belezas das várias épocas, as belezas naturais, as pinturas e edifícios são todos recriados, como método de aprendizado para esses iniciantes. Uma de suas principais preocupações é criar beleza no maior número possível das variadas dimensões de realidade.

Esse trabalho seria percebido em seu sistema como uma determinada coisa, por exemplo, mas também seria percebido em realidades prováveis, embora talvez de um modo totalmente diferente: uma arte multidimensional tão livre e natural que apareceria simultaneamente em muitas realidades.

É impossível descrever em palavras esse tipo de arte. É um conceito que não tem equivalente verbal. Esses criadores, contudo, também estão envolvidos na inspiração dos que se encontram em todos os níveis de realidade à sua disposição. Por exemplo: em seu sistema, a inspiração é, em geral, trabalho desses criadores.

Podem fazer um intervalo e depois continuaremos.

(21h44 – 22h.)

Agora: Essas “formas de arte” são muitas vezes representações simbólicas da natureza da realidade. Elas serão interpretadas de várias maneiras, segundo as habilidades dos que as percebem.

(Em seus termos) elas podem ser dramas vivos. Sempre serão estruturas psíquicas, entretanto, existindo separadamente de qualquer sistema de realidade, mas, pelo menos parcialmente, são percebidas por muitos. Algumas existem no que vocês poderiam chamar de plano astral, e vocês as percebem em visitas durante o sono.

(22h03. Nosso gato, Willy, de repente pulou no colo de Jane – como fizera na última sessão. Instintivamente, eu o repreendi em voz alta, com medo de que ele tirasse Jane do transe com um choque. Os olhos dela piscaram ao som de minha voz, mas ela continuou falando. Willy saiu do colo dela.)

Outras são percebidas em lampejos, porções ou pedaços por sua mente temporal, enquanto vocês estão meio-adormecidos e meio-acordados, ou em outros períodos de dissociação. Há vários tipos de arte multidimensional e, portanto, muitos níveis em que os criadores trabalham. Toda a história de Cristo foi uma criação desse tipo.

(Pausa às 22h06. Eu espirrei. Não foi a primeira vez desde que a sessão começou.)

Também há os que escolhem ser curadores, e, naturalmente, esse trabalho envolve muito mais do que a cura com a qual vocês estão familiarizados. Esses curadores devem ser capazes de trabalhar com todos os níveis de experiência da entidade, ajudando diretamente as personalidades que fazem parte dela. Repito que isso envolve uma manipulação através de padrões de reencarnação, e, também neste caso, grande diversificação. O curador começa trabalhando em eus reencarnatórios com dificuldades variadas...

(Eu espirrei três vezes.) Você quer fazer uma pausa?

(“Acho que sim.” Embora eu tivesse que pensar um pouco.)

A cura é sempre psíquica e espiritual, e esses curadores estão disponíveis para ajudar cada personalidade de seu sistema (como vocês o conhecem em seu tempo atual) e de outros sistemas.

Em um contexto maior e com mais treinamento, os curadores avançados lidam com doenças espirituais de um vasto número de personalidades. Há os que combinam as qualidades de professor, criador e curador. Outros escolhem linhas de desenvolvimento particularmente adequadas a suas próprias características.

Sugiro um intervalo.

(22h15. Willy começara a agitar-se novamente, e eu então o coloquei em outro aposento, fechando a porta. Jane disse que o gato e meus espirros haviam-na perturbado. Tinha uma vaga lembrança do grito que eu dera com Willy. Minhas próprias energias, disse ela, estavam muito dispersas esta noite; ela percebera isso. Certamente era verdade que eu não estava em minha melhor forma. Continuei a espirrar depois que recomeçamos às 22h25.)

Não desejo, neste capítulo, discutir o propósito da existência ou do desenvolvimento contínuo da consciência; entretanto, desejo deixar claro que há grandes possibilidades de progresso, salientando também o fato de que cada personalidade tem liberdade plena.

Os desenvolvimentos da consciência são atributos naturais, estágios naturais. Nenhuma compulsão é aplicada. Todos os desenvolvimentos posteriores são inerentes na personalidade que vocês conhecem, assim como o adulto é inerente na criança.

Ora, essas descrições de eventos pós-morte podem soar muito complicados, especialmente se vocês estiverem acostumados a uma história simples sobre céu ou descanso eterno. Infelizmente, as palavras não conseguem descrever muitos dos pontos básicos que eu gostaria que entendessem. Vocês têm dentro de si, entretanto, a habilidade de liberar suas intuições e receber conhecimento interior.

As palavras deste livro têm o objetivo de liberar suas habilidades intuitivas. Quando vocês estiverem lendo o livro, seus próprios sonhos lhes trarão mais informações, permanecendo claros em sua mente ao acordarem, caso permaneçam alertas. Não existe um fim simples para a vida que vocês conhecem, [tal como] a história do céu. Existe liberdade para entenderem sua própria realidade, desenvolverem mais suas habilidades e sentirem profundamente a natureza de sua própria existência como parte de Tudo Que É.

(22h34.) Este é o fim do capítulo e o fim de nossa sessão, a menos que você tenha alguma pergunta.

(“Não, acho que não.” Eu estava cansado demais e não me sentia bem.)

Minhas cordiais saudações a ambos e uma boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: Uma pequena nota. Uma porção de você foi projetada hoje ao hospital onde se encontra seu pai. Ruburt sentiu a ausência dessa sua parte. Você estava simplesmente tentando fazer-lhe uma visita rápida. No fundo, imaginava se ele já sabia que tivera a febre do feno, e foi isso que provocou sua projeção inconsciente.

Seu eu inconsciente é uma parte forte de nossas sessões, e foi por essa razão que Ruburt percebeu a ausência. E agora, boa noite.

(“Boa noite, Seth. Obrigado.”)

(22h39. A sessão terminou relativamente cedo, por razões óbvias. As informações de Seth sobre minha projeção inconsciente foram muito interessantes. Um evento desse tipo poderia facilmente ter causado meus espirros. Há fortes ligações envolvendo meu pai, minha pessoa e a febre do feno.

(Esta é a época da febre do feno. Embora isso agora não me afete muito, em anos passados sofri bastante com ela. Tive meu primeiro surto aos três anos de idade. Mais ou menos na mesma época, meu pai sarou da febre para sempre. Seth me disse, algum tempo atrás, que meu pai me transmitira a febre, e que, por razões pessoais, eu aceitara o “presente.”

(Meus sintomas foram diminuindo pouco a pouco no decorrer da noite.)

12

OS RELACIONAMENTOS NAS REENCARNAÇÕES

SESSÃO 550, 28 DE SETEMBRO DE 1970,

21h35, SEGUNDA-FEIRA

(De 7 a 19 de setembro, Jane e eu fizemos um circuito de rádio e televisão por sete cidades para divulgar o livro de Jane, The Seth Material. Achamos que a experiência foi estimulante e educativa; Seth falou na televisão em Boston e foi muito bem recebido.

(Realizamos duas sessões depois de nossa volta, para responder a perguntas e tratar de outros assuntos que surgiram durante a viagem. Agora, encerrada essa parte, Jane estava ansiosa para que Seth retomasse o trabalho do livro.

(Carl e Sue Watkins assistiram à sessão. Ela trouxe uma lista de perguntas, que juntamos a outras que já tínhamos conosco.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

E boa noite a meus amigos viajantes aqui presentes. Vamos iniciar nosso próximo capítulo, que deverá chamar-se “Os Relacionamentos nas Reencarnações.”

Agora: Durante as reencarnações, vocês expandem sua consciência, suas idéias, suas percepções, seus valores. Deixam de lado as restrições auto-adotadas e crescem espiritualmente ao aprenderem a abdicar de concepções e dogmas limitadores.

Seu nível de aprendizado, entretanto, depende totalmente de vocês. Conceitos de bem e mal restritivos, dogmáticos ou rígidos podem impedir seu desenvolvimento. Idéias muito estreitas sobre a natureza da existência podem acompanhá-los através de muitas vidas, se vocês não decidirem ser espiritual e psicologicamente flexíveis.

Essas idéias rígidas realmente podem agir como correntes, de modo que vocês são forçados a andar em círculos como um cachorrinho preso, movimentando-se em um raio muito pequeno. Nesses casos, através talvez de existências sucessivas, vocês se perceberão batalhando contra idéias de bem e mal, correndo em círculos de confusões, dúvidas e ansiedades.

Seus amigos e conhecidos estarão preocupados com os mesmos problemas, pois vocês atraem para si pessoas que têm preocupações semelhantes. Torno a dizer-lhes, portanto, que muitas de suas idéias sobre bem e mal são profundamente distorcidas, empanando todo o entendimento que vocês têm da natureza da realidade.

Se formarem uma culpa em sua mente, ela será uma realidade para vocês, e precisarão resolvê-la. Muitos, porém, formam culpas para as quais não existe uma causa adequada, sobrecarregando-se com essas

culpas sem razão. Em sua dimensão de atividade, parece haver um incrível sortimento de males. Quero dizer-lhes que aquele que odeia um mal, simplesmente cria outro.

(21h45.) Agora: Partindo de seu ponto de referência, geralmente é difícil perceber que todos os eventos levam à criatividade, ou confiar na criatividade espontânea de sua própria natureza. Dentro de seu sistema, matar é obviamente um crime moral, mas quando matam uma pessoa como punição, apenas aumentam o erro original. Alguém muito conhecido, que estabeleceu uma igreja – ou mesmo uma civilização – disse certa vez: “Quando te atacarem, oferece a outra face.” O significado original dessa afirmação, entretanto, precisa ser bem entendido. Vocês devem dar a outra face por perceberem que, basicamente, o atacante apenas atacou a si próprio.

Então vocês ficarão livres, e a reação será positiva. Se derem a outra face sem esta compreensão, entretanto, e houver ressentimentos, ou se derem a outra face por um sentimento de superioridade pseudomoral, a reação estará longe de ser adequada.

Ora, tudo isso pode ser aplicado aos relacionamentos que tiveram em suas encarnações, e, naturalmente, também é aplicável à sua experiência diária atual. Se vocês odiarem uma pessoa, esse ódio poderá ligá-los a ela através de muitas vidas, enquanto permitirem que o ódio os consuma. Vocês atraem para si, nesta existência e em todas as outras, as qualidades que são alvo de sua atenção. Caso se preocupem intensamente com as injustiças que sentem ter sofrido, irão atrair ainda mais esse tipo de experiência, e se continuarem a concentrar-se nessas injustiças, isso irá refletir-se em sua próxima existência. É verdade que, entre vidas, há “tempo” para compreensão e reflexão.

Os que não aproveitam as oportunidades nesta vida, em geral não o fazem quando ela termina. A consciência irá expandir-se. Ela irá criar. Ela irá virar-se do avesso para conseguir fazê-lo. Não há nada fora de vocês que os force a compreender essas questões ou encará-las.

É, portanto, inútil dizer: “Quando esta vida terminar, olharei para trás, para minhas experiências, e endireitarei meus caminhos.” Isso é o mesmo que um jovem dizer: “Quando eu ficar velho e me aposentar, usarei todas as habilidades que não estou desenvolvendo agora.” Vocês estão, neste presente, preparando o cenário para sua “próxima” vida. Os pensamentos que vocês têm hoje, de uma forma ou de outra, transformam-se na estrutura de sua próxima existência. Não existem palavras mágicas para torná-los sábios, para enchê-los de entendimento e compaixão, para expandir sua consciência.

(21h58.) Seus pensamentos e experiências do dia-a-dia contêm as respostas. Quaisquer sucessos nesta vida, quaisquer habilidades, foram desenvolvidos por meio de experiências passadas. Eles lhes pertencem por direito. Vocês trabalharam para desenvolvê-los. Se observarem seus parentes, amigos, conhecidos e companheiros de trabalho, verão também que tipo de pessoas vocês são, pois foram atraídos para eles, e eles para vocês, através de semelhanças interiores muito básicas.

Se examinarem seus pensamentos durante cinco minutos, em vários momentos durante o dia, várias vezes por mês, receberão uma impressão correta do tipo de vida que prepararam para si mesmos na próxima existência. Se não ficarem satisfeitos com o que descobrirem, é melhor começar a mudar a natureza de seus pensamentos e sentimentos.

Como verão mais adiante, neste livro, vocês podem fazê-lo. Não existe regra dizendo que em cada uma de suas vidas terão de reencontrar aqueles que conheceram antes, mas devido à natureza da atração, em geral é isso que acontece.

Podem fazer um intervalo.

(“Obrigado.” Eu estava brincando.)

(Com humor:) Eu não o mantenho ocupado o tempo todo porque você é um bom amigo.

(“Muitíssimo obrigado.”)

(22h04. O ritmo de Jane fora bom, com poucas pausas. Durante o intervalo, nós quatro conversamos sobre nossas atividades do último sábado à noite: depois de dançarmos, terminamos a noite com sanduíches de lingüiça e pimentão no Toby’s Bar and Grill. Reiniciamos às 23h15.)

Agora: Não posso competir com um sanduíche de lingüiça – mas, também, não há um sanduíche de lingüiça aqui. Vamos continuar o ditado.

Vocês podem ter nascido em sua família atual por várias razões. Poderão, depois da morte, ter um relacionamento emocional muito mais forte com uma personalidade de uma vida passada. Se forem casados, por exemplo, e não tiverem uma harmonia verdadeira com seu cônjuge, poderão encontrar um cônjuge de uma outra vida esperando por vocês.

Muitas vezes, os membros de um grupo – grupo de militares, grupo de igrejas, grupo de caça, formarão relacionamentos familiares em uma outra vida, resolvendo, então, velhos problemas de formas novas. As famílias podem ser consideradas como gestalts de uma atividade psíquica; elas possuem uma identidade subjetiva, da qual talvez nenhum membro do grupo tenha consciência.

As famílias têm propósitos subconscientes, embora seis membros, individualmente, possam perseguir essas metas sem conhecimento consciente. Tais grupos são formados com antecipação, por assim dizer, entre existências físicas. Muitas vezes, quatro ou cinco indivíduos estabelecem um determinado desafio para si mesmos, e a cada um é designado um determinado papel. Então, em uma existência física, esses papéis serão desempenhados.

O eu interior está sempre consciente dos mecanismos ocultos dessas gestalts familiares. Os que foram muito ligados por laços emocionais, em geral preferem permanecer em relacionamentos físicos íntimos – ou menos íntimos – que continuam através de várias vidas. Entretanto, incentivam-se sempre relações novas, pois vocês podem ter “famílias” reencarnatórias presas em um círculo vicioso. Muitas delas formam organizações físicas que, na verdade, são manifestações de agrupamentos interiores.

Falei anteriormente sobre conceitos rígidos a respeito do certo e do errado. Existe apenas um meio de evitar este problema. Somente a verdadeira compaixão e o verdadeiro amor levarão a um entendimento da natureza do bem, e somente essas qualidades servirão para aniquilar os errôneos e distorcidos conceitos do mal.

(22h28.) O fato é que enquanto vocês acreditarem no conceito do mal, ele será uma realidade em seu sistema, e vocês o verão sendo manifestado. Sua crença nele, portanto, parecerá altamente justificada. Se carregarem este conceito através de gerações sucessivas, através de reencarnações, estarão aumentando sua realidade.

Tentarei lançar alguma luz sobre o que estou tentando dizer-lhes. Em primeiro lugar, o amor sempre envolve liberdade. Se um homem diz que ama uma mulher, mas nega-lhe sua liberdade, ela acabará por odiá-lo. Contudo, por causa das palavras dele, ela não sentirá que sua emoção é justificada. Este tipo de emaranhado emocional pode levar a complicações continuadas através de várias vidas.

Se vocês odeiam o mal, cuidado com sua concepção da palavra. O ódio é restritivo. Ele restringe sua percepção. Na verdade, é um vidro escuro que empana toda sua experiência. Vocês descobrirão mais e mais coisas para odiar, trazendo os elementos odiados para sua própria experiência.

Agora: Se, por exemplo, vocês odeiam um genitor, torna-se muito fácil odiar quaisquer genitores, pois em seus rostos vocês vêem e projetam o ofensor original. Em vidas subseqüentes, poderão também ser atraídos para uma família e descobrir que têm as mesmas emoções, pois as emoções são o problema, e não os elementos que parecem causá-las.

Se vocês odiarem a doença, poderão trazer sobre si uma vida de doenças, porque seu ódio as atraiu. Se, por outro lado, sentirem...

(22h35. Jane, como Seth, interrompeu o ditado. Nosso gato, Willy, despertando de um cochilo, pulou no colo dela. Peguei-o, mas as unhas dele na perna de Jane tiraram-na do transe. Levei Willy para fora da sala. Jane esperou em silêncio e depois retomou o ditado.)

Agora: Se vocês expandirem sua percepção do amor, da saúde e da existência, serão atraídos, nesta vida e em outras, para essas qualidades; repito que isso acontecerá porque são essas as qualidades nas quais vocês se concentram. Uma geração que odeie a guerra (*Jane olhou para Carl*) não trará a paz. Uma geração que ame a paz, trará a paz.

Morrer com ódio de qualquer pessoa ou causa, ou de qualquer outra coisa, constitui uma grande desvantagem. Vocês têm todos os tipos de oportunidades agora para recriar sua experiência pessoal de maneiras mais proveitosas, e de mudar seu mundo.

Na próxima vida, vocês estarão trabalhando com suas atitudes de agora. Se insistirem em abrigar ódios dentro de si nesta vida, é muito provável que continuem a fazê-lo depois. Por outro lado, as centelhas de verdade, intuição, amor, alegria, criatividade e realização adquiridas agora, irão trabalhar a seu favor, como o fazem atualmente.

Elas são as únicas realidades verdadeiras. Elas são as únicas bases reais da existência. É bobagem, como Ruburt disse certa vez, odiar uma tempestade, cerrar os punhos contra ela ou xingá-la. Vocês riem quando pensam em crianças ou nativos fazendo isso. É inútil personificar uma tempestade e tratá-la como um demônio, concentrando-se em seus elementos destrutivos ou nos elementos que lhes parecem destrutivos.

A mudança de forma não é destrutiva. A energia explosiva de uma tempestade é muito criativa. A consciência não é aniquilada. Uma tempestade faz parte da criatividade. Vocês a consideram de sua própria perspectiva, e, assim, um indivíduo sente, dentro da tempestade, o ciclo infinito da criatividade, e um outro a personifica como obra do demônio.

Através de todas as suas vidas, vocês irão interpretar, à sua própria maneira, a realidade que vêem, e essa maneira terá seus efeitos sobre vocês, e depois, sobre os outros. O homem que literalmente odeia,

imediatamente se coloca desta forma: ele pré-julga a natureza da realidade de acordo com sua própria compreensão limitada.

Agora: Estou enfatizando a questão do ódio, neste capítulo sobre a reencarnação, porque seus resultados podem ser muito desastrosos. Um homem que odeia, sempre se acha justificado. Ele nunca odeia qualquer coisa que acredite ser boa. Acha, portanto, que está sendo justo em seu ódio, mas o próprio ódio cria uma reivindicação muito forte que o seguirá através de suas vidas, até que ele aprenda que somente o ódio é o destruidor.

Agora podem fazer um intervalo. Comecem a conversar, que eu ficarei ouvindo.

(“Está bem.”)

Você está me acompanhando neste material?

(“Claro. Por que pergunta?”)

(Com humor, curvando-se para frente): Você é meu primeiro leitor.

(22h51. Chegou o intervalo, Sue e Carl dando boas risadas. O ritmo de Jane fora rápido a maior parte do tempo. Reiniciamos às 23h08, da mesma forma.)

Agora: Longe de mim interromper sua edificante conversa. Lembrem-se daquilo em que se concentram, e pararemos por aqui. Agora reiniciaremos o ditado.

Gostaria de esclarecer que também nada se ganha odiando o ódio. Vocês cairiam na mesma armadilha.

O que é necessário é uma confiança básica na natureza da vitalidade, e fé de que todos os elementos da experiência serão usados para um bem maior, percebam vocês ou não a maneira na qual o “mal” é transmutado em criatividade. O que vocês amam também fará parte de sua experiência nesta vida e em outras.

A idéia mais importante a ser lembrada é que ninguém joga sobre vocês a experiência de qualquer uma de suas vidas. A experiência é formada fielmente de acordo com suas próprias emoções e crenças. *(Como Seth, Jane transmitiu o material vigorosamente, em ritmo rápido.)* O grande poder e a energia do amor e da criatividade estão aparentes no simples fato de sua existência. Esta é a verdade tantas vezes esquecida: que [a combinação de] consciência e existência continua e absorve os elementos que lhes parecem tão destrutivos.

(Pausa às 23h13.) O ódio é poderoso quando vocês acreditam nele, mas embora odeiem a vida, continuarão a existir. Vocês assumiram compromissos, cada um de vocês, dos quais se esqueceram. Eles foram assinados, por assim dizer, antes de vocês nascerem nesta existência. Em muitos casos, seus amigos de hoje foram seus amigos íntimos muito antes de conhecê-los nesta vida atual.

Isso não significa que conheceram antes todas as pessoas que conhecem agora, e com certeza não significa a repetição de um disco monótono, pois cada encontro é um novo encontro, à sua própria maneira. Lembrando-se do que eu disse a respeito de famílias, perceberão que cidades e povoados também podem ser compostos por antigos habitantes de outras cidades e povoados semelhantes, transpostos com novas experiências e conhecimentos, enquanto o grupo tenta experiências diferentes.

Ora, algumas vezes, há variações em que os habitantes de uma determinada cidade de agora são os habitantes renascidos que viveram, digamos, em 1632, talvez em um pequeno povoado irlandês. Eles podem ter sido transpostos para uma cidade de Idaho.

Pessoas que desejavam viajar do Velho para o Novo Mundo podem renascer no Novo. É preciso que vocês se lembrem também de que as habilidades de vidas passadas estão à sua disposição, para serem usadas atualmente. Vocês colhem suas próprias recompensas. Em geral recebem informações a respeito delas durante o sono, e existe um tipo de gestalt do sonho, um sonho-raiz, pelo qual aqueles que se conheceram em vidas passadas se comunicam agora.

Nesses sonhos, fornecem-se informações coletivas gerais, que os indivíduos podem então usar como desejarem. Elaboram-se planos gerais de desenvolvimento quando os membros do grupo de uma cidade, digamos, decidem seu destino. Alguns indivíduos sempre escolhem nascer como parte de algum grupo – enquanto outros, menoscabando tais empreendimentos, retornam em posições muito mais isoladas.

(23h25.) Esta é uma questão psicológica. Alguns se sentem mais à vontade, mais seguros e capazes, trabalhando com outros. Consideremos uma analogia em que José da Silva segue sua classe de jardim da infância até o segundo grau. Em suas reencarnações, ele sempre escolheria voltar com seus colegas. Alguns, contudo, preferem pular de escola em escola, aparecendo sozinhos (falando relativamente), com maior liberdade, mais desafios, mas sem a estrutura confortadora da segurança, escolhida por outros.

Em cada caso, o indivíduo é o juiz não apenas de cada vida sucessiva, do tempo, ambiente e data histórica dessa vida, mas também de seu caráter geral e métodos de realização. Há muitos modos diferentes de reencarnar, portanto, como há eus interiores, e cada eu interior escolherá seus próprios métodos característicos.

Terminarei nossa sessão agora que o capítulo começou. Sinto que, de qualquer forma, teremos algumas sessões extras. Desejo uma boa noite a meus amigos aqui; e na próxima vez que vocês dois viajarem, (*Seth está ajudando Carl e Sue em viagens astrais*), espero que tragam suas lembranças consigo e (*para mim*) você também.

(*“Está bem. Boa noite, Seth, e obrigado.”*)

(23h34. *O transe de Jane fora profundo, seus olhos permaneceram muito abertos e escuros. “Seth ainda está por perto,” ela nos disse.*

(*Uma conversa animada começou entre nós quatro. Sue mencionou a superpopulação. Se um certo número de entidades era responsável pela criação de nosso mundo físico, perguntou ela, de onde vinham os seres humanos extras? Eu lhe disse que, de acordo com Seth, cada personalidade que formava uma entidade poderia manifestar-se fisicamente com a frequência que desejasse. Seth então nos interrompeu às 23h40.*)

Agora: Esperem um pouco. (*Pausa.*) Antes de qualquer coisa, como raça, em seu contexto normal, vocês se consideraram como sendo separados do resto da natureza e da consciência.

A própria sobrevivência como espécie foi sua maior preocupação. Vocês consideraram outras espécies apenas segundo o uso que fazem delas, sem ter um conceito verdadeiro da grande santidade de toda consciência nem de sua relação dentro dela. Não estavam percebendo esta grande verdade.

Nas circunstâncias atuais, vocês estão levando esta idéia adiante: a sobrevivência racial independente das conseqüências, a idéia de mudar o ambiente para acomodar seus propósitos; e isso os levou a desconsiderar as verdades espirituais.

Na realidade física, portanto, vocês estão vendo os resultados. Ora, essas personalidades que estão retornando o fazem por razões variadas. Algumas delas voltam para a vida física por causa desse tipo de atitude. São as que, no passado (em seus termos), lutaram pela existência física sem consideração pelos direitos das outras espécies. Elas são levadas a retornar devido a seus próprios desejos.

A raça precisa aprender o valor do homem individual. A raça também está aprendendo sua dependência de outras espécies e começando a compreender sua parte na estrutura total da realidade física.

Agora: Algumas pessoas estão renascendo nesta época simplesmente para ajudá-los a compreender. Elas estão forçando a questão e forçando a crise, pois vocês ainda têm tempo para mudar seus caminhos. Vocês estão trabalhando em dois problemas principais, mas ambos envolvem a santidade do indivíduo e a relação do indivíduo com outros e com toda consciência orientada fisicamente.

Mais cedo ou mais tarde, os problemas da guerra irão ensinar-lhes que quando vocês matam outro homem, basicamente acabarão matando a si mesmos. O problema da superpopulação irá ensinar-lhes que se vocês não se preocuparem de modo amoroso com o ambiente em que vivem, esse ambiente não mais os sustentará – pois não serão dignos dele. Vocês não estarão destruindo o planeta, vejam bem. Não estarão destruindo os pássaros ou as flores, os grãos ou os animais. Simplesmente não serão dignos deles, e eles os destruirão.

Vocês criaram o problema para si mesmos dentro da estrutura de sua referência, e não compreenderão sua parte dentro da estrutura da natureza até que vejam que correm o perigo de destruí-la. Vocês não destruirão a consciência. Não aniquilarão a consciência nem mesmo de uma folha, mas em seu contexto ou ambiente, se o problema não for resolvido, essas coisas desaparecerão de sua experiência.

A crise, entretanto, é um tipo de terapia. É um método didático que vocês estabeleceram para si mesmos por necessitarem dele. E precisam dele agora, antes de sua raça embarcar em viagens para outras realidades físicas. Vocês precisam aprender suas lições agora, em seu próprio quintal, antes de viajarem para outros mundos. Assim, trouxeram tudo isso sobre si com este propósito, e vão aprender. (*Fim da sessão às 23h55.*)

SESSÃO 551, 30 DE SETEMBRO DE 1970,
21h17, QUARTA-FEIRA

Agora, boa noite.

(*“Boa noite, Seth.”*)

Vamos reiniciar o ditado.

Em cada vida, vocês devem verificar o ambiente exterior a fim de aprenderem a respeito de sua condição interior. O exterior é um reflexo do interior.

Vocês devem compreender a natureza de seu eu interior e manifestá-lo externamente. Quando isso for feito, as circunstâncias externas deverão mudar para melhor, pois o eu interior se tornará mais consciente de sua natureza e de suas capacidades. Teoricamente, portanto, em cada vida vocês deveriam tornar-se mais fortes, mais saudáveis, mais ricos e mais sábios, só que, por razões variadas, isso não acontece. Como mencionado anteriormente, muitas personalidades adotam diferentes tipos de experiência, concentrando-se no desenvolvimento de certas áreas específicas e ignorando outras, talvez em uma série de vidas.

Nenhuma consciência tem as mesmas experiências ou interpreta-as da mesma forma, e, assim, cada indivíduo utiliza as oportunidades de reencarnação à sua própria maneira. Mudanças de sexo, por exemplo, são necessárias. Algumas pessoas alternam seu sexo em cada vida (sucessiva). Outras têm uma série de vidas femininas e depois uma série de vidas masculinas, ou vice-versa, mas a estrutura das reencarnações precisa conter ambas as experiências.

As habilidades não podem desenvolver-se seguindo a linha de um sexo apenas. É preciso que haja experiências na maternidade e na paternidade. Quando chegarem no ponto de compreender que estão formando sua existência diária e a vida que conhecem, começarão a alterar seus próprios padrões mentais e psíquicos e a mudar seu ambiente no dia-a-dia.

(21h25.) Esta percepção, contudo, deve andar de mãos dadas com um profundo conhecimento intuitivo das capacidades do eu interior. Esses dois fatores, juntos, podem liberá-los de quaisquer dificuldades surgidas em vidas passadas. Toda a estrutura de sua existência começará a mudar com essas percepções, e haverá uma aceleração do crescimento espiritual e psíquico.

Existe uma lógica interna em seus relacionamentos, atitudes e experiências atuais. Se em uma vida, por exemplo, alguém detestava as mulheres, poderá ser uma mulher na vida seguinte. Somente desta forma poderia passar pela experiência do sexo feminino e perceber como uma mulher enfrenta as atitudes que ele próprio teve contra as mulheres no passado.

Se não tinha simpatia pelos doentes, poderá nascer com uma moléstia grave (neste caso, também escolhida pela própria pessoa), e enfrentar as atitudes que uma vez foram as suas atitudes. Tal existência, entretanto, em geral também inclui outras questões. Nenhuma existência é escolhida por apenas uma razão, mas também por servir a muitas outras experiências psicológicas.

Uma existência cronicamente doente, por exemplo, pode também ser uma medida de disciplina, permitindo que o indivíduo use habilidades mais profundas que ignorou em uma vida saudável. A vida perfeitamente feliz, por exemplo, pode, na superfície, parecer esplêndida, mas pode também ser basicamente vazia e pouco fazer para o desenvolvimento da personalidade.

A existência verdadeiramente feliz, portanto, é uma vida profundamente satisfatória, que inclui sabedoria espontânea e alegria espiritual. Não estou dizendo, em outras palavras, que o sofrimento leve, necessariamente, à realização espiritual, nem que todas as doenças sejam aceitas ou escolhidas com tal propósito, pois isso não é verdade.

(21h35.) A doença em geral é resultado da ignorância e de hábitos mentais preguiçosos. Essa disciplina, entretanto, pode ser adotada por certas personalidades que precisam tomar medidas severas em relação a si mesmas, devido a outras características. Existe um padrão geral nos relacionamentos dentro das vidas, e, entretanto, isto não significa que você viaje através de várias existências com o mesmo número limitado e familiar de amigos e conhecidos, meramente trocados como atores que mudam de rosto ou traje.

Grupos de indivíduos se reúnem em várias vidas por certos propósitos, separados, e podem ou não se juntar outra vez em um tempo ou lugar diferente. Repito, contudo, que não existe uma regra rígida. Algumas famílias são, literalmente, reencarnações de seus ancestrais, mas isso não é, de modo algum, a regra geral. De uma forma ou de outra, os relacionamentos profundos continuarão. Outros, simplesmente desaparecerão.

O que desejo deixar claro é que a oportunidade de desenvolvimento e conhecimento está tão presente neste momento, nesta vida, como jamais estará. Se ignorarem as oportunidades de desenvolvimento do dia-a-dia agora, ninguém poderá forçá-los a aceitar e utilizar habilidades maiores após a morte, ou entre vidas. Há professores na experiência pós-morte, mas também há professores em sua existência aqui e agora.

Algumas famílias são reunidas em uma determinada vida não por causa da grande atração ou amor entre seus membros em uma existência passada, mas por razões opostas. As famílias podem, portanto, ser compostas de indivíduos que não gostavam uns dos outros no passado, e que se reúnem em um relacionamento íntimo para trabalhar juntos na busca de uma meta, aprender a compreender melhor uns aos outros e resolver problemas em um tipo diferente de contexto.

Em conjunto, cada geração tem seu próprio propósito, que é o seguinte: aperfeiçoar o conhecimento interior e materializá-lo tão fielmente quanto possível para o mundo. A cena física que vai mudando no decorrer dos séculos (como vocês os conhecem) representa as imagens internas que vibraram na mente dos indivíduos que, através das várias épocas, viveram no mundo.

Agora podem fazer um intervalo.

(21h48. A transmissão de Jane fora rápida, mas mesmo assim, disse ela, seu transe não havia sido tão profundo quanto de costume. Os sons de pessoas andando para cá e para lá no corredor do prédio haviam-na perturbado. Em geral, ela não nota coisas desse tipo. Reiniciamos às 22h05.)

Agora: Não é necessário que vocês tenham conhecimento de suas vidas passadas, embora possa ser útil compreender que escolheram as circunstâncias de seu próprio nascimento desta vez.

Se examinarem atentamente sua vida agora, os desafios que estabeleceram para si próprios irão tornar-se claros. Isso não é uma coisa fácil de fazer, mas está ao alcance de todo indivíduo. Se vocês se libertarem do ódio, automaticamente se libertarão desses relacionamentos no futuro – ou de quaisquer experiências baseadas no ódio.

É inútil conhecer seus antecedentes reencarnatórios e não conhecer a verdadeira natureza de seu eu atual. Vocês não podem justificar nem racionalizar as circunstâncias presentes, dizendo: “Isto é consequência de alguma coisa que eu fiz em uma vida passada,” pois dentro de vocês existe a habilidade de mudar as influências negativas. Podem ter trazido influências negativas à sua própria vida por um determinado motivo, mas as razões sempre têm a ver com a compreensão, e a compreensão remove essas influências.

Vocês não podem dizer: “Os pobres são pobres simplesmente porque escolheram a pobreza, e, portanto, não preciso ajudá-los.” Essa atitude pode facilmente atrair a pobreza para vocês na próxima experiência.

(22h13. Mais uma vez, o transe de Jane foi interrompido quando nosso gato, Willy, pulou no colo dela. Mais uma vez, tirei-o da sala enquanto Jane olhava para mim como que dizendo “oh, bem,” Na verdade, Willy não nos interrompe com muita frequência; mas agora eu fiz uma anotação mental de que, depois disto, voltaremos à nossa velha rotina, deixando-o em um outro aposento durante a sessão. Willy costumava reagir com muita força às sessões, quando elas começaram em 1963. Reiniciamos às 22h15.)

As pessoas não estão no mesmo nível de realização, mesmo ao final do ciclo de reencarnações. Algumas possuem determinadas qualidades que não encontram contraparte dentro da experiência humana. A

própria existência física tem um efeito diferente sobre os vários indivíduos. Alguns a consideram um excelente meio de expressão e desenvolvimento e se ajustam a ela. Eles têm a habilidade de expressar-se de maneiras físicas e externar fielmente sentimentos interiores. Outros acham isso difícil, mas esses mesmos indivíduos podem sair-se muito melhor em outros níveis de realidade.

Há “almas fortes,” que prosperam na realidade física e podem ter dificuldades para aclimatar-se em outras áreas não-físicas de atividade. Em todas essas áreas, contudo, jamais são negados contextos espirituais e emocionais profundos. Amigos muito íntimos de vidas passadas, que estão em posição de fazê-lo, em geral se comunicam com vocês quando estão sonhando, e os relacionamentos continuam, embora vocês não o percebam conscientemente.

Em uma base inconsciente, vocês sabem do nascimento, na vida física, de alguém que conheceram no passado. Naturalmente, os estranhos que encontram em seus sonhos são, em geral, pessoas que estão vivas – contemporâneos – que vocês também conheceram em vidas passadas.

Existem, igualmente, os relacionamentos passageiros, contatos que logo são abandonados. O cônjuge de uma determinada vida, por exemplo, pode ou não representar alguém com quem vocês têm um profundo e duradouro laço, mas repito que também podem casar-se com alguém devido a sentimentos profundamente ambíguos de uma vida passada, e escolher uma relação conjugal que não seja baseada em amor, embora o amor possa surgir.

Entre gêmeos existe quase sempre um relacionamento psíquico duradouro, de natureza forte, às vezes até obsessiva. Estou falando aqui de gêmeos idênticos.

Sugiro um intervalo.

(22h29. Esta, evidentemente, não era nossa noite. Outra vez, ao sair do transe, Jane disse que tivera consciência dos passos de pessoas no corredor. Eu tinha esperado que seu transe fosse mais profundo desta vez. Reiniciamos às 22h37.)

As metas das reencarnações também variam muito. Desejo salientar que a reencarnação é uma ferramenta usada pelas personalidades. Cada uma usa-a à sua própria maneira. Algumas apreciam existências femininas, ou têm preferência por vidas masculinas. Embora ambas devam ser vivenciadas, há uma vasta classe de escolhas e atividades. Algumas personalidades sentem dificuldade ao longo de certas linhas, mas se desenvolvem com relativa facilidade em outras.

Nunca existe predeterminação, pois os desafios e as circunstâncias são escolhidos. Certos problemas podem ser adiados, por exemplo, durante várias existências. Algumas personalidades querem resolver seus problemas maiores e livrar-se deles, talvez em uma série de existências um tanto difíceis e em circunstâncias extremas.

Outras, de uma natureza mais plácida, enfrentam os problemas um de cada vez. Podem também ser usados períodos de descanso, que são muito terapêuticos. Por exemplo: uma vida excelente, satisfatória, com um mínimo de problemas, pode ser escolhida como prelúdio de uma vida de desafios concentrados, ou como recompensa auto-adotada devido a uma vida prévia difícil. Os que apreciam plenamente o veículo físico, sem, entretanto, terem obsessão por ele, saem-se muito bem. As “leis” da reencarnação são adaptadas pelas personalidades individuais para atenderem a seus propósitos.

Sugiro que terminemos a sessão, a menos que desejem fazer perguntas.

(“Não.”)

Minhas cordiais saudações.

(“Boa noite, Seth.”)

(22h47. Finalmente, o transe de Jane havia melhorado. “Eu começara a sentir que estava entrando em um estado mais profundo,” disse ela. “Pelo menos não tive consciência de nada – mas agora terminou....”)

REENCARNAÇÕES, SONHOS, E O MASCULINO E O FEMININO OCULTOS NO EU

SESSÃO 555, 21 DE OUTUBRO DE 1970,

21h30, QUARTA-FEIRA

(Desde 30 de setembro, Seth realizou duas sessões da classe de ESP; uma sessão para nosso amigo John Barclay, que está mudando para Nevada; duas sessões a respeito do trabalho que eu e Jane estamos começando por causa deste material; e tornou a falar através de Jane na televisão – desta vez durante outra visita a uma estação de Washington, D.C.

(No início deste mês, Jane e eu compramos uma antologia contendo uma longa seção de Carl Jung, o psicanalista suíço que morreu em 1961. Jane ainda não acabara de ler essa parte do livro quando Seth sugeriu, na sessão 554 de 19 de outubro, que ela deixasse o livro de lado: “Deixe Jung para lá por enquanto.” Ele não deu explicações. Esse não fora, de maneira nenhuma, o primeiro contato de Jane com Jung.

(É interessante observar, entretanto, como Seth “parte” de materiais como o de Jung, desenvolvendo-os de modo a incluir suas próprias idéias e interpretações, como acontece neste capítulo.

(Choveu o dia todo. Jane fora ao quiroprático e estava muito descontraída – tão descontraída que lhe perguntei se estava disposta a realizar uma sessão. Ela disse que sim. Ao iniciarmos a sessão, seus olhos estavam meio abertos, a voz tranqüila, quase em tom de conversa.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: Vamos iniciar o ditado.

(Eu queria saber a reação de Seth ao estado físico de Jane. “Como você se sente?”)

Eu estou ótimo. Um ponto para nosso amigo. É melhor que ele não vá ao quiroprático quando estiver chovendo.

(“Por que?”)

Em parte por causa da reação muscular mencionada pelo quiroprático, e em parte porque os mecanismos de cura do corpo atuam mais eficazmente quando o tempo está bom. Ele voltará à ativa mais rapidamente depois de um tratamento. E o benefício é que ele descansou durante todo o tempo especificado [uma hora] desta vez, porque sentiu ser necessário.

(“Você prefere não realizar a sessão esta noite?”)

Estamos bem para realizar a sessão. Ela será curta, mas boa. Eu gostaria de falar mais, entretanto, sobre essas afirmações.

Esse tratamento [quiroprático] causa, naturalmente, uma manipulação da estrutura atômica que compõe as vértebras. As reações elétricas são diferentes, dependendo do tempo e das condições atmosféricas. Quando está chovendo, há um acréscimo de resistência elétrica dentro das próprias estruturas atômicas – um tipo de reação retardada, mal perceptível em termos físicos – um período de espera antes que as vértebras voltem a descansar, por assim dizer, na posição desejada.

Quando elas tomam a posição desejada, essa atividade continua a existir. Quando o tempo está bom, a reação retardada é muito menor, e os átomos ativados voltam a descansar com mais rapidez.

Agora: Nosso próximo capítulo será intitulado “Reencarnação, Sonhos e o Masculino e o Feminino Ocultos no Eu.”

(O ritmo de Jane se acelerara bastante.)

Como mencionei antes, cada pessoa vive vidas tanto masculinas como femininas. Por via de regra, a memória consciente dessas vidas não é conservada. A fim de evitar uma superidentificação do indivíduo com seu sexo atual, dentro do masculino reside uma personificação interior do feminino. Essa personificação do feminino no masculino é o verdadeiro significado do que Jung chama de “anima.”

A anima no masculino é, portanto, a memória e a identificação psíquica de todas as existências femininas prévias em que o eu interior esteve envolvido. Ela contém o conhecimento das histórias femininas passadas do masculino atual, e a compreensão intuitiva de todas as qualidades femininas com as quais a personalidade é dotada por natureza.

A anima, portanto, é uma proteção importante para evitar que o masculino se identifique demasiadamente com as características masculinas culturais, sejam elas quais forem, impostas a ele por sua criação, ambiente e educação. A anima serve também como ponte, tanto para comunicar-se com mulheres em relações familiares, como para comunicar-se através das artes e da verbalização.

O homem muitas vezes sonha consigo mesmo, portanto, como mulher. A maneira particular em que isso acontece pode revelar-lhe muito sobre as vidas passadas em que atuou como mulher. A masculinidade e a

feminilidade, obviamente, não se opõem uma à outra, mas unem tendências. A sacerdotisa, a mãe, a jovem feiticeira, a esposa e a sábia anciã – esses tipos gerais são arquétipos, simplesmente porque constituem “elementos-raiz” que representam, simbolicamente, os vários tipos das assim chamadas qualidades femininas, como também os vários tipos de vidas femininas que foram vividas por homens.

Elas, naturalmente, também foram vividas por mulheres. As mulheres, entretanto, não precisam ser lembradas de sua feminilidade, mas para que não se identifiquem demais com seu sexo atual, há o que Jung chamou de “animus,” ou seja, o masculino oculto na mulher.

Repito, entretanto, que isso representa as vidas masculinas com as quais o eu estive envolvido: o menino, o sacerdote, o agressivo “homem da floresta” e o sábio ancião. Esses são protótipos, que representam, de um modo geral e simbolicamente, vidas masculinas passadas vividas por mulheres atuais. As mulheres, portanto, podem aprender muito sobre suas encarnações passadas como homens, estudando os sonhos em que esses tipos aparecem ou em que elas próprias aparecem como homens.

Por meio da *anima* e do *animus*, as personalidades atuais são capazes de extrair o conhecimento, as intuições e as experiências derivados de existências passadas como sexo oposto. Em algumas ocasiões, por exemplo, a mulher pode exacerbar e exagerar as características femininas, e nesse caso, o animus ou masculino interior vem em sua ajuda, trazendo, por meio de sonhos, um fluxo de conhecimento que resultará em reações masculinas compensatórias.

O mesmo se aplica ao homem quando ele se superidentifica com o que acredita serem características masculinas, seja qual for a razão disso. A anima ou mulher dentro dele irá levá-lo a ações compensatórias, causando um fluxo de habilidades intuitivas, trazendo um elemento criativo que contrabalança a agressividade.

De maneira ideal, essas operações resultam em um equilíbrio individual e coletivo, em que a agressividade é sempre usada criativamente, como na verdade pode e deve ser.

Vamos fazer um intervalo.

(22h02. “Muito bem,” eu disse a Jane quando ela saiu do transe. “É,” respondeu ela, “eu percebi que foi bom porque ele ainda tem muito mais a dizer.” Entretanto, ela parecia debilitada e sonolenta, tão exausta e ainda tão descontraída, que eu fiquei imaginando se conseguiria permanecer acordada para continuar. Reiniciamos da mesma forma às 22h21.)

Agora: O animus e a anima são, naturalmente, muito carregados psiquicamente, mas a origem desta carga psíquica e a fascinação interior resultam de uma identificação interior muito legítima com essas características personificadas do outro-sexo.

(Ritmo mais lento.) Eles não apenas têm uma realidade na psique, entretanto, como também estão embutidos em dados geneticamente codificados pelo eu interior: uma memória genética de eventos psíquicos passados, transpostos para a memória genética das próprias células que compõem o corpo.

Cada eu interior, adotando um novo corpo, impõe a esse corpo e a toda a composição genética, memórias das formas físicas passadas em que esteve envolvido. Ora, as características presentes em geral se sobrepõem às passadas. Elas são dominantes, mas as outras características estão latentes e presentes, embutidas no padrão. O padrão físico do corpo atual, portanto, é uma memória genética das formas físicas passadas do eu, bem como de seus pontos fortes e fracos. *(22h29. Jane esfregou os olhos; ela estava falando devagar, com muitas pausas.)*

Tentarei dizer isto da maneira mais simples possível. Atualmente há camadas invisíveis dentro do corpo; a camada superior que vocês vêem representa, naturalmente, a forma física atual. Mas dentro dela existem o que podemos considerar camadas invisíveis, “sombras,” camadas latentes que representam imagens físicas prévias que pertenceram à personalidade.

Elas são mantidas em suspenso, por assim dizer. São ligadas eletromagneticamente à estrutura atômica do corpo atual. Segundo seu modo de pensar, elas estariam fora de foco. Entretanto, fazem parte de sua herança psíquica. Em geral, vocês podem invocar um determinado ponto forte de um corpo prévio do passado, para ajudar a compensar uma fraqueza do atual. O corpo, nesta vida, não apenas carrega biologicamente lembranças de suas condições passadas, mas nele, indelevelmente e até fisicamente, existem lembranças de outros corpos que a personalidade formou em encarnações prévias.

A alma e o animus estão intimamente ligados a essas imagens corporais interiores. Essas imagens corporais são muito carregadas psiquicamente e também aparecem nos sonhos. Elas atuam como compensações e lembretes que evitam uma superidentificação sua com seu corpo físico atual.

Elas são, naturalmente, tanto masculinas como femininas. Quando vocês estão doentes, muitas vezes, nos sonhos, têm experiências em que parecem ser uma outra pessoa, com um corpo totalmente sadio. Muitas vezes tais sonhos são terapêuticos. Um corpo “mais antigo” de outra encarnação veio em seu socorro, e dele retiram força por meio da memória de saúde dele.

(22h44.) Vamos terminar a sessão e continuar nosso material da próxima vez, a menos que desejem fazer perguntas.

(“Não.”)

Minhas cordiais saudações a ambos, então, e uma boa noite.

(“Boa noite, Seth. Muito obrigado.”)

(22h45. Uma vez fora do transe, Jane disse que agora se sentia tão bem, ou melhor, do que antes do início da sessão. Surpreendeu-se com o final súbito. Sentira-se “realmente passiva” durante a sessão, e seu ritmo fora se tornando cada vez mais lento.

SESSÃO 556, 26 DE OUTUBRO DE 1970,

21h08, QUARTA-FEIRA

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: Vamos reiniciar o ditado.

As experiências das reencarnações fazem parte da estrutura do eu, sendo uma faceta da realidade multidimensional da psique viva. Essas experiências irão, portanto, refletir-se não apenas nos sonhos, mas também em outras camadas de atividade.

A estrutura do eu atual está entrelaçada com esses “passados” reencarnatórios, e deles o eu presente tira, inconscientemente, atividades e percepções de seu próprio banco de características de personalidade. Em geral, lembranças de vidas passadas vêm à superfície, mas não são reconhecidas como tal, uma vez que aparecem em forma de fantasias ou são projetadas em criações artísticas.

Muitos escritores de obras históricas, por exemplo, estão escrevendo a partir de experiências diretas com aquelas épocas. Esses casos representam uma relação de trabalho excelente entre o eu presente e o inconsciente, que traz essas lembranças à superfície de uma tal forma que elas enriquecem a vida atual. Com frequência, uma percepção verdadeira da situação torna-se quase consciente, e logo abaixo dessa percepção, o indivíduo sabe qual é a fonte de seu material autêntico.

Nos sonhos, esse material reencarnatório é, da mesma forma, lançado muitas vezes em um molde dramático. Abaixo de tudo isso, a anima e o animus trabalham juntos, repito, sem fazer oposição um ao outro, mas fundindo características. Juntos, naturalmente, eles representam a fonte da criatividade, tanto psíquica quanto fisicamente.

A anima representa a “interiorização” necessária inicial, as características meditativas, cuidadosas, intuitivas, interiores, a focalização “para dentro” da qual surge a criatividade.

A palavra “passiva” é muito pobre para descrever as características da anima, pois sugere uma falta de movimento, e esse não é absolutamente o caso. É verdade que a anima permite uma ação sobre ela, mas o motivo por trás disso é o desejo e a necessidade de sintonizar-se com outras forças que são predominantemente poderosas. O desejo de “voar,” portanto, é tão forte na anima quanto o desejo oposto de

descansar. As características do animus fornecem o impulso agressivo que leva a personalidade de volta para o exterior, para atividades físicas, mantendo triunfalmente os frutos da criatividade que as características da anima asseguraram.

O eu total é, obviamente, a soma dessas características, e mais ainda. Depois da encarnação final, o tipo físico, sexual, de criatividade, simplesmente não é necessário. Em outras palavras: vocês não precisam reproduzir fisicamente. Em termos simples, o eu total contém características masculinas e femininas, muito bem ajustadas, combinadas de modo que a verdadeira identidade possa então surgir – pois ela não pode fazê-lo quando um grupo de características precisa ser salientado em detrimento de outro, como acontece durante sua existência física atual.

(21h30.) Há muitas razões pelas quais a separação foi adotada dentro de sua dimensão. As razões estão ligadas a um modo particular que a humanidade escolheu para evoluir e usar suas habilidades; e eu falarei mais sobre isto, mas não neste capítulo.

A projeção da anima do homem (ou eu feminino oculto) sobre [suas] relações é muito natural, permitindo-lhe não apenas compreendê-las melhor, mas também se relacionar com outras existências femininas próprias. O mesmo é verdadeiro quanto à projeção que a mulher faz da anima sobre parentes e amigos masculinos. A realidade da anima e do animus é muito mais profunda do que Jung supôs. Falando de um modo simbólico, os dois juntos representam o eu total com suas diversas habilidades, desejos e características.

Juntos, eles agem como um fator embutido, inconscientemente estabilizador, operando por trás das faces de sua civilização não apenas individualmente, mas também culturalmente.

A personalidade, como vocês a conhecem, não pode ser compreendida a menos que o verdadeiro significado da anima e do animus seja levado em consideração. O padrão de reencarnações é, falando de maneira geral, aberto, no sentido de que, dentro dele, existe espaço para a diversidade. Cada eu total tem suas próprias características individuais. Ele pode viver suas vidas como achar adequado, dentro das diretrizes. Pode haver uma série de existências masculinas ou femininas ininterruptas. Tal escolha tem suas desvantagens.

Não há, entretanto, qualquer regra ditando o desenvolvimento do sexo em encarnações variadas, exceto que são necessárias experiências com ambos os sexos, e características variadas precisam ser desenvolvidas. Isso não significa que seja preciso passar por um número igual de vidas masculinas e femininas. Alguns, por exemplo, acham muito mais fácil desenvolver-se como um dos sexos, e precisarão de mais experiências com o sexo em relação ao qual encontram dificuldade.

O animus e a anima tornam-se ainda mais importantes nesses casos, quando uma série de vidas de um só sexo é escolhida. O padrão original do animus e da anima vem do eu total antes das reencarnações. O

animus e a anima nascem no indivíduo com a primeira vida física e servem como um padrão interior, lembrando à personalidade sua unidade básica. Aqui temos mais uma razão para a forte carga psíquica que existe por trás desses símbolos e da qualidade divina que eles podem transmitir e projetar.

(21h48.) O masculino anseia pela anima porque ela representa, para o inconsciente profundo, as outras características do eu total que, por um lado, estão latentes, e que, por outro lado, lutam para libertar-se. A tensão entre os dois leva-o a temperar a agressividade com a criatividade, ou usar a agressividade criativamente.

Ora, há correlações profundas entre esses símbolos e a luta na qual a humanidade está envolvida. Sua consciência (como vocês a conhecem), seu tipo atual de consciência, é uma afirmação da percepção causada por um tipo particular de tensão: um tipo específico de foco que surge do verdadeiro inconsciente do eu total.

(Jane, falando como Seth, não fizera uma pausa desde o início da sessão às 21h08. Agora eram 21h54.)

Sei que você está cansado.

(“Eu estou bem.”)

O verdadeiro inconsciente não é inconsciente. Pelo contrário: ele é tão profunda e indescritivelmente consciente, que fervilha. A vida que vocês conhecem é simplesmente uma das muitas áreas nas quais ele é consciente. Em cada faceta da consciência do inconsciente, é preciso manter, literalmente, um enorme poder e equilíbrio, a fim de que esta experiência particular da consciência se mantenha acima de todas as outras.

(21h58.) Sua realidade existe em uma área particular de atividade, na qual qualidades agressivas, características voltadas para fora, são extremamente necessárias para evitar uma volta às possibilidades infinitas das quais vocês emergiram apenas recentemente. Contudo, desta base inconsciente de possibilidades, vocês derivam sua força, sua criatividade e o frágil, mas poderoso, tipo de consciência individual que possuem.

A divisão de dois-sexos foi adotada, separando e equilibrando essas tendências muito necessárias, mas aparentemente opostas. Somente a consciência iniciante necessita desses tipos de controle. A anima e o animus, portanto, estão profundamente imbuídos de suas tendências complementares, mas aparentemente opostas, que são muito importantes para manter a própria natureza da consciência humana.

Descansem um momento.

(22h03. Jane, ainda em transe, ficou quieta por um momento. Eu descansei minha mão. Reiniciamos às 22h04.)

Há também uma tensão natural entre os sexos, baseada em causas muito mais profundas do que as físicas. A tensão resulta da natureza da consciência que surge da alma, mas que depende, para sua continuação, da “agressividade” do animus. Já expliquei, até certo ponto, a fascinação que um tem pelo outro, como resultado do conhecimento interior do eu total, que se esforça para atingir uma identidade verdadeira ao lutar para combinar e executar as tendências aparentemente opostas que fazem parte dele.

Ao final do ciclo de reencarnações, o eu total está muito mais desenvolvido do que estava antes. Ele compreendeu e experienciou a si mesmo em uma dimensão de realidade que lhe era desconhecida, e ao fazê-lo, naturalmente ampliou seu ser. Não é, portanto, uma questão de o eu total separar-se em dois e depois simplesmente voltar para si mesmo.

(Pausa longa às 22h12.) Ora, há muitas questões concernentes à natureza da concepção, que deveriam ser tratadas aqui. Repito, entretanto, que existe liberdade de movimento (*leeway*) e muitas variações. Em geral, entre vidas vocês escolhem, antecipadamente, seus filhos, e eles os escolhem como pais.

(22h15.) Se devem nascer como homem, a mãe servirá de estímulo para ativar o símbolo da alma em vocês, de modo que o padrão de suas vidas femininas se torne uma porção de sua próxima existência. Sua mãe, se a conheceram no passado, terá, em seu nascimento, um fluxo de sonhos envolvendo outras existências nas quais vocês dois estiveram juntos.

Esses sonhos talvez nem sejam registrados conscientemente, mas em muitos casos eles o são, sendo depois esquecidos. As próprias vidas masculinas da mãe irão ajudá-la a relacionar-se com vocês como seus filhos. Em alguns casos, as mães novatas podem sentir-se muito agressivas e nervosas. Essas sensações são, às vezes, devidas ao fato de que o filho homem causa nela uma ativação do animus, resultando em uma carga de sentimentos agressivos.

Podem fazer um intervalo. Eu quis explicar tudo isso enquanto estávamos indo tão bem.

(“Acho que é muito interessante.”)

(22h22. “Eu estava mesmo fora... Não consigo abrir os olhos,” disse Jane, tentando abri-los. Depois de várias tentativas frustradas, ela afundou-se na cadeira de balanço. Eu achei que ela estava quase dormindo. Chamei-a várias vezes, depois sugeri que se levantasse e caminhasse um pouco quando, finalmente, ela começou a olhar em volta. Colocou os óculos, levantou-se e andou um pouco pela sala.

(O ritmo de Jane fora muito rápido, exceto quando anotei o contrário. Ela tinha apenas uma idéia geral vaga do material. Disse-lhe que achava todo o material excelente e que as últimas páginas eram ainda melhores.

(O intervalo acabou marcando o final do ditado para o livro de Seth esta noite. Ele, então, ditou quatro páginas de material para mim, tendo o ritmo de Jane continuado bom. A sessão produziu muito mais informações do que em geral, e terminou às 23h11 – com um bom trabalho tendo sido feito aquele dia.)

SESSÃO 557, 28 DE OUTUBRO DE 1970,

21h19, QUARTA-FEIRA

(Eu queria fazer duas perguntas que expliquei a Jane, sem necessariamente esperar que Seth tratasse delas esta noite.

1. Na sessão 556, Seth disse que muitos escritores de obras históricas estão escrevendo a partir de experiências diretas de vidas passadas. Minha pergunta referia-se a um hipotético experimento no qual, digamos, uma centena desses escritores seria hipnotizada sem saber o propósito da experiência; uma vez hipnotizados, esses escritores seriam questionados a respeito de lembranças de vidas passadas. Eu imaginava que percentagem deles recordaria alguma delas, e se esse teste poderia fornecer evidências da reencarnação.

2. Que procedimentos a personalidade não-física tem à sua disposição quando decide encarnar fisicamente pela primeira vez? Como é a vida inicial? A tendência é que ela seja selvagem, ou, até certo ponto, mais “refinada”? Ou existe algum tipo de padrão predeterminado?

(Como eu já sentia curiosidade a respeito dessas perguntas havia algum tempo, achei que os leitores do livro de Seth também poderiam ter a mesma curiosidade. Aconteceu, porém, que Seth não prestou a menor atenção à primeira pergunta, partindo para a segunda de um modo muito interessante.

(Pouco antes do início da sessão desta noite, perguntei em voz alta como teria sido este Capítulo Treze, caso Jane não tivesse começado a ler, no início do mês, a antologia contendo a longa seção de Carl Jung, psicanalista suíço. Como mencionei, Seth sugeriu que Jane deixasse o livro de lado em 19 de outubro, antes que ela tivesse tempo de terminá-lo. Ver as notas no início da sessão 555 de 21 de outubro. Nenhum de nós olhou mais para o livro.

(Uma infusão de Jung surgiu neste capítulo, embora transmitida à maneira de Seth. Mas esses eventos, em nossas próprias vidas, também influenciaram metade dos capítulos do livro. A forma particular de um capítulo podia ser afetada, até certo ponto, pelo momento em que as sessões eram realizadas, assim como por seu tema intrínseco. Até as interrupções, portanto, tinham sua influência....)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

(Contente e divertido:) Ora, estou feliz por você aprovar meu livro.

(“Acho que é ótimo.”)

Tem muito mais a caminho.

(“Que bom.”)

Agora: Este é um esforço vivo, e, portanto, aproveitamos os acontecimentos de suas próprias vidas; e fui eu quem induziu Ruburt a pegar o livro *(contendo material de Jung)*.

(“Eu não pensara nisso.” Nem Jane, tenho certeza.)

Então eu queria que ela o abandonasse por algum tempo, depois de tê-lo lido até esse ponto. *(Pausa.)* Vamos reiniciar o ditado.

(Neste ponto, entretanto, Seth solicitou que eu deixasse de lado meu caderno de notas por um tempo, dizendo que sentia muito que eu ficasse tão ocupado, escrevendo durante as sessões. Tivemos uma conversa breve, uma troca muito agradável. Os olhos de Jane estavam grandes e escuros, sua transmissão foi viva. Era fácil sentir a presença de Seth. O interlúdio durou menos de um minuto. Reiniciamos o ditado às 21h20.)

Os átomos que compõem o feto têm seu próprio tipo de consciência. A percepção-consciência volátil, que existe independentemente da matéria, forma a matéria de acordo com sua habilidade e grau. O feto, portanto, tem sua própria consciência, um componente simples formado pelos átomos que o compõem. Isso existe antes que qualquer personalidade reencarnatória entre nele. A consciência da matéria está presente em qualquer matéria: um feto, uma pedra, uma folha de grama, uma unha.

A personalidade que reencarna entra no novo feto de acordo com suas próprias inclinações, desejos e características, com alguma proteção embutida. Não existe regra, contudo, dizendo que a personalidade que reencarna precisa assumir sua nova forma no momento da concepção, ou nos primeiros meses de crescimento do feto, ou mesmo no ponto do nascimento.

O processo é gradativo, individual e determinado pela experiência em outras vidas. Depende, particularmente, de características emocionais – não necessariamente do último eu encarnado, mas das tensões emocionais presentes como resultado de um grupo de existências passadas.

(Pausa às 21h32.) Vários métodos de entrada são adotados. Se houver uma forte relação entre os pais e a criança que vai nascer, a personalidade pode entrar no ponto da concepção, se estiver muito ansiosa para reunir-se a eles. Mesmo assim, entretanto, grandes porções de autoconsciência continuam a atuar na dimensão entre-vidas.

No início, o ventre, nessas condições, é um estado de sonho, com a personalidade ainda focalizada principalmente na existência entre-vidas. Pouco a pouco, a situação se reverte, até que se torna mais difícil conservar uma concentração clara nesse período entre-vidas.

Em tais circunstâncias, quando a personalidade se fixa no momento da concepção, há, quase sem exceção, fortes ligações de vidas passadas entre os pais e a criança, ou um desejo incessante e quase obsessivo de voltar para a situação terrena – seja por um propósito específico ou porque a personalidade reencarnada está, no momento, obcecada com a existência terrena. Isso não é, necessariamente, prejudicial. A personalidade pode simplesmente perceber que se dá bem com a experiência física, *estar* atualmente voltada para a terra, e achar a atmosfera terrena uma rica dimensão para o crescimento de suas próprias habilidades.

Algumas personalidades são levadas a entrar no momento da concepção, como resultado de motivos aparentemente menos dignos: cobiça, por exemplo, ou um desejo obsessivo, parcialmente composto de problemas não-resolvidos. Outras personalidades que nunca se sentiram atraídas para a existência terrena podem adiar sua entrada plena durante algum tempo, e mesmo então, permanecer sempre a uma certa distância do corpo. Do outro lado da balança, antes da morte acontece o mesmo, quando alguns indivíduos removem a atenção da vida física, deixando nela apenas a consciência corporal. Outros permanecem com o corpo até o último momento. Nos primeiros dias da infância, a personalidade não focaliza firmemente o corpo, seja qual for o caso.

Façam um intervalo e depois continuaremos.

(21h47 – 22h.)

Ora, como já lhes disse, em todos os casos as decisões são tomadas antecipadamente. A personalidade que reencarna está consciente, portanto, de quando ocorre a concepção pela qual estivera esperando. E embora escolha ou não entrar nesse instante, ela é atraída irresistivelmente para aquele momento e para aquele ponto no espaço e na carne.

Às vezes, muito antes de a concepção ocorrer, a personalidade que se tornará a futura criança é atraída para o ambiente dos futuros pais e visita-o. Isso é muito natural.

Um indivíduo pode, entre vidas, ter lampejos da existência futura, não necessariamente de eventos determinados, mas experienciando a essência do novo relacionamento, e, nessa expectativa, lembrar a si mesmo o desafio que estabeleceu. Nesses termos, os fantasmas do futuro são tão reais em suas casas quanto os fantasmas do passado.

Vocês não possuem recipientes de matéria completamente vazios, prestes a serem preenchidos, pois a nova personalidade paira por ali, especialmente após a concepção, e com mais frequência e intensidade a partir de então. O choque do nascimento tem várias conseqüências, portanto, que em geral atraem a

personalidade, com força total, por assim dizer, para a realidade física. Antes disso, as condições são um tanto uniformes. A consciência corporal é nutrida quase que automaticamente, reagindo com vigor, mas em condições profundamente controladas.

No nascimento, tudo isso de repente acaba, e [novos] estímulos [são] introduzidos com uma rapidez que a consciência corporal nunca experimentou até aquele ponto.

(22h10.) Ela precisa muito de um fator estabilizador. Antes, a consciência corporal era enriquecida e sustentada por uma identificação biológica e telepática profunda com a mãe. A comunicação das células vivas é muito mais profunda do que vocês imaginam. A identificação é quase completa antes do nascimento, no que concerne apenas à consciência corporal.

Até a entrada da nova personalidade, o feto considera-se parte do organismo da mãe. Essa sustentação é subitamente negada por ocasião do nascimento. Se a nova personalidade já não tiver entrado inteiramente, em geral o fará por ocasião do nascimento, a fim de estabilizar o novo organismo. Em outras palavras: ela conforta o novo organismo. A nova personalidade, portanto, experienciará o nascimento em vários graus, dependendo do momento em que entrou nesta dimensão.

Quando ela entra no momento do nascimento, é razoavelmente independente, não estando ainda identificada com a forma em que entrou, e age em um papel de sustentação. Se a personalidade entrou no momento da concepção ou em qualquer momento antes do nascimento, então, de certa forma, identificou-se com a consciência corpórea, com o feto. Já começou a dirigir a percepção – embora a percepção tenha começado, seja ou não assim dirigida – e irá experimentar o choque do nascimento em termos imediatos, diretos.

(22h19.) Não haverá, então, distância entre a personalidade e a experiência do nascimento. A personalidade, recém-entrada, palpita como uma consciência, uma vez que há um intervalo antes de ocorrer a estabilização. Por exemplo: Quando a criança, especialmente a criança pequena, está dormindo, muitas vezes a personalidade simplesmente sai do corpo. Pouco a pouco, a identificação com a situação entre-vidas diminui, até que o foco total permanece quase que só no corpo físico.

Obviamente, há uns que se identificam muito mais com o corpo do que outros. Em geral, existe um ponto ideal de focalização na realidade física, um período de intensificação que nada tem a ver com duração. Pode durar uma semana ou trinta anos, e daí em diante, começa a decrescer, iniciando imperceptivelmente a mudar para outras camadas de realidade.

Agora: Uma crise, particularmente em um período muito inicial ou muito avançado da vida, pode danificar a identificação da personalidade com o corpo de tal forma que ela se retire dele temporariamente. Ela pode fazer uma de muitas coisas: pode deixar tão completamente o corpo que ele entre em coma, se a consciência corporal também tiver sofrido um choque. Se o choque for psicológico e a consciência corporal

ainda estiver atuando mais ou menos normalmente, poderá reverter para a personalidade de uma reencarnação anterior.

Em tal caso, isso é simplesmente uma regressão que, em geral, irá passar. Aqui nos preocupamos outra vez com o animus e a anima. Se uma personalidade acredita que está fazendo mal seu trabalho em uma vida masculina, pode ativar as qualidades da anima, assumindo as características de uma existência passada feminina, na qual se saiu bem. Invertendo o quadro, o mesmo pode acontecer a uma mulher.

(22h30.) Por outro lado, se a personalidade descobrir que se identificou tão excessivamente com o sexo atual a ponto de ameaçar profundamente sua individualidade, poderá provocar um quadro oposto, chegando a identificar-se com uma personalidade passada do sexo oposto.

A influência da personalidade sobre o corpo é tênue nos primeiros anos, mas vai aumentando. A personalidade, por suas próprias razões, pode escolher um corpo que não seja esteticamente agradável. Ela talvez nunca se relacione com ele, e embora a existência sirva aos propósitos que ela tinha em mente, sempre haverá uma distância básica percebida entre o corpo e a personalidade dentro dele.

Aqueles que entram no momento da concepção, como mencionamos antes, em geral estão muito ansiosos pela existência física. Eles irão, portanto, desenvolver-se mais plenamente e mostrar suas características individuais muito cedo. Apoderam-se do novo corpo e já o moldam. O controle sobre a matéria é vigoroso, e eles em geral permanecem dentro do corpo, morrendo em acidentes em que a morte é imediata, ou durante o sono, ou com uma doença que ataque rapidamente. Por via de regra, são manipuladores da matéria.

(22h40.) Eles são emocionais. Resolvem seus problemas de maneiras imediatas, às vezes de modo impaciente e palpável. Trabalham bem com materiais da terra, e traduzem suas idéias com grande força em termos físicos. Constroem cidades, monumentos. São arquitetos. Preocupam-se em dar forma à matéria e em moldá-la segundo seus desejos.

Por via de regra, os que não entram em seu plano de existência até o nascimento são manipuladores menos hábeis nesse particular. Eles são o meio-termo, se é que tal expressão pode ser usada, ou a média.

Agora: Há alguns que resistem tanto quanto possível à nova existência, embora a tenham escolhido. De certa forma, eles precisam estar presentes ao nascimento, mas ainda podem escapar de qualquer identificação plena com o recém-nascido. Eles pairam acima e ao redor da forma, mas um tanto relutantemente. Há várias razões para esse tipo de comportamento. Algumas personalidades simplesmente preferem existências entre-vidas e estão muito mais preocupadas com a solução teórica de problemas do que com a aplicação prática envolvida. Outros descobriram que a existência física não atende a suas necessidades tão bem quanto pensavam, e que progredirão muito mais em outros campos de realidade e existência.

(22h48.) Devido às suas próprias características, entretanto, alguns preferem estabelecer uma certa distância entre eles mesmos e suas existências físicas. Estão muito mais preocupados com símbolos. Eles olham para a vida terrena como sendo profundamente experimental. Abordam-na quase que com um olho preconceituoso, por assim dizer. Não se encontram tão interessados em manipular a matéria como se acham curiosos quanto às maneiras em que as idéias aparecem dentro dela.

Tornando a falar de um modo geral, eles sentem-se sempre mais à vontade com idéias, filosofias e realidades não-tangíveis. São pensadores sempre um pouco à parte, seus tipos físicos mostrando falta de desenvolvimento muscular. Poetas e artistas, embora sejam um pouco dessa natureza, em geral apreciam mais profundamente os valores físicos da existência terrena, embora tenham muitas das mesmas características.

A atitude em relação ao corpo, portanto, sempre irá variar. Diversos tipos de corpo podem ser escolhidos, mas sempre haverá preferências por parte do eu total, além de características que o guiarão, de modo que, de uma forma geral, as várias vidas vividas terão seu próprio sabor individual.

É quase impossível falar de quando a personalidade entra no corpo físico, sem discutir as maneiras em que ela o deixa, pois tudo isto depende muito das características e atitudes pessoais em relação à realidade física. Decisões quanto a vidas futuras podem ser tomadas não apenas nos intervalos entre vidas, mas também em estados de sonho em qualquer vida específica.

Vocês já podem ter decidido, por exemplo, a respeito das circunstâncias de sua próxima encarnação. Embora (em seus termos) seus novos pais possam ser crianças agora, ou em sua escala de tempo nem tenham ainda nascido, os arranjos já podem ter sido feitos.

Agora vamos fazer um intervalo.

(*"Foi muito bom."*)

(23h. *O transe de Jane fora profundo. Ela teve dificuldade para manter os olhos abertos. "Eu gosto quando ele faz assim – quando fico fora," disse ela. "Mas quando volto, não sei o que está acontecendo....Eu estava bem fora."*)

(*Este intervalo marcou o final do ditado do livro esta noite. Seth terminou a sessão dando várias páginas de material pessoal para Jane e para mim.*)

HISTÓRIAS DO PRINCÍPIO,

E O DEUS MULTIDIMENSIONAL

SESSÃO 559, 9 DE NOVEMBRO DE 1970,

21h18, SEGUNDA-FEIRA

(Trechos da sessão 558, de 5 de novembro, foram incluídos no Apêndice.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora, o ditado. Iniciaremos o próximo capítulo. O título será “Histórias do Princípio, e o Deus Multidimensional.” *(Curvando-se para frente, sorrindo, mas concentrado:)* Que tal isso?

(“Foi muito bom.”)

Assim como a vida atual de qualquer indivíduo surge de dimensões ocultas que estão além das facilmente acessíveis em termos físicos, e assim como ela tira de fontes inconscientes sua energia e seu poder para agir, também o universo físico atual (como vocês o conhecem) vem de outras dimensões. Ele também tem sua fonte em realidades mais profundas e delas deriva sua energia.

A história (como a conhecem) representa apenas uma única luz na qual vocês estão concentrados. Vocês interpretam os eventos que vêm nela e projetam sobre essa luz sua própria visão do que possa vir a ocorrer. Tão focalizada é sua concentração, que quando pensam sobre a natureza da realidade, automaticamente limitam suas perguntas a este pequeno momento tremeluzente que vocês chamam de realidade física. Quando ponderam os aspectos de Deus, falam irrefletidamente sobre o criador dessa luz específica. A luz é única, e se vocês compreendessem realmente o que ela é, compreenderiam a natureza da verdadeira realidade.

A história (como pensam nela) representa apenas uma linha tênue de probabilidades na qual estão agora imersos. Não representa a vida total de sua espécie nem é um catálogo de atividades físicas – nem mesmo começa a contar a história das criaturas físicas, suas civilizações, guerras, alegrias, tecnologias ou triunfos. A realidade é muito mais diversa, muito mais rica e indizível do que vocês podem supor ou compreender atualmente. A evolução, como vocês a vêem e como é categorizada por seus cientistas, representa apenas uma linha provável de evolução, aquela na qual, repito, vocês estão imersos atualmente.

(21h35.) Há, portanto, muitas outras linhas igualmente válidas, desenvolvimentos evolutivos igualmente reais que ocorreram, estão ocorrendo e irão ocorrer, tudo isso dentro de outros prováveis sistemas de realidade física. As possibilidades diversas e infindáveis de possíveis desenvolvimentos nunca poderiam aparecer dentro de uma estrutura limitada de realidade.

Com esplêndida inocência e exuberante orgulho, a humanidade imagina que o sistema evolutivo que vocês conhecem é o único, que fisicamente não pode haver nenhum outro. Ora, dentro da realidade física que vocês conhecem, há indícios da natureza de outras realidades igualmente físicas. Há sentidos latentes, dentro de suas próprias formas físicas, que não são usados, que poderiam ter se manifestado, mas que, dentro de suas probabilidades, não o fizeram. Ora, estou falando de desenvolvimentos terrenos, realidades, portanto, reunidas em aspectos terrenos (como vocês os conhecem).

Nenhuma linha evolutiva está morta. Assim, caso uma desapareça de seu sistema, emergirá em outro. Todas as materializações prováveis da vida e da consciência têm seu dia e criam as condições nas quais podem florescer; e o dia delas, em termos humanos, é eterno.

Estou falando agora, neste capítulo, especialmente de seu próprio planeta e sistema solar, mas o mesmo se aplica a todos os aspectos de seu universo físico. Vocês estão cômicos, portanto, de apenas uma única porção da existência física: específica, sutilmente equilibrada, mas única. Vocês não são apenas criaturas corpóreas, formando imagens de carne e sangue, incrustadas em um tipo particular de espaço e tempo; vocês são também criaturas surgidas de uma dimensão de probabilidades particularizada, nascidas de dimensões de realidade magnificamente adequadas a seu próprio desenvolvimento, enriquecimento e progresso.

(21h53.) Se já têm qualquer compreensão intuitiva da natureza da entidade ou eu total, verão que ela os colocou em uma posição na qual certas habilidades, percepções e experiências podem ser realizadas, e na qual seu tipo único de consciência pode ser alimentado. Suas experiências mais ínfimas repercutem muito mais dentro desse ambiente multidimensional do que o cérebro físico pode conceber. Pois se estão intensamente preocupados com o que possa parecer um aspecto infinitesimal da realidade, e embora pensem estar totalmente mergulhados nela, apenas os elementos mais “da superfície” do eu se envolvem dessa forma. Eu não gosto do termo “superfície” neste sentido, embora eu o tenha usado para sugerir as porções numerosas do eu que estão ocupadas de outra maneira – algumas tão envolvidas na realidade delas quanto vocês na sua.

A entidade, o verdadeiro eu multidimensional, é consciente de todas as suas próprias experiências, e este conhecimento está, até certo ponto, à disposição das outras porções do eu, incluindo, naturalmente, o eu físico (como vocês o conhecem). As várias porções do eu irão, finalmente (em seus termos), tornar-se totalmente conscientes. Ponto final. Essa consciência irá alterar, automaticamente, o que agora parece ser sua natureza, e contribuir para a multiplicidade da existência.

Podem fazer um intervalo.

(22h03. O ritmo de Jane foi muito lento durante longos períodos da transmissão. Eu bocejei um pouco durante o intervalo. Reiniciamos às 22h15.)

Agora: Teremos uma sessão breve.

(“Eu estou bem.”)

Agora que iniciei nosso próximo capítulo, desejo fazer alguns comentários. Espere um pouco.

(Seth continuou transmitindo material pessoal para Jane e um dos alunos da classe de ESP.)

Você tem outras perguntas?

(“Não, acho que não.”)

Demos início a um material muito bom. Uma boa noite.

(“Para você também, Seth.”)

E minhas calorosas saudações a ambos.

(“Obrigado. Boa noite.” 22h34.)

SESSÃO 560, 23 DE NOVEMBRO DE 1970,

21h10, SEGUNDA-FEIRA

(Jane tem descansado das sessões, a não ser por umas duas realizadas na aula de ESP.)

Agora: Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Reiniciaremos o ditado.

Há, portanto, muitos sistemas prováveis de realidade nos quais predominam os dados físicos, mas essas probabilidades físicas representam apenas uma porção pequena. Cada um de vocês também existe em sistemas não-físicos, e eu já expliquei que seus menores pensamentos ou emoções manifestam-se de muitas formas diferentes das de seu próprio campo de existência.

Como sabem, somente uma porção de sua identidade total lhes é familiar “presentemente.” Quando vocês consideram a questão de um ser supremo, portanto, imaginam uma personalidade masculina com as habilidades que vocês possuem, dando grande ênfase às qualidades que admiram. Este deus imaginado tem mudado através de seus séculos, espelhando as idéias variáveis que o homem tem de si mesmo.

Deus foi visto como cruel e poderoso quando o homem acreditava que essas eram características desejáveis, necessárias particularmente em sua batalha pela sobrevivência física. Ele projetou essas características em sua idéia de um deus, porque as invejava e temia. Vocês lançaram sua idéia de deus, portanto, sobre sua própria imagem.

Em uma realidade que é incompreensivelmente multidimensional, os velhos conceitos de deus são relativamente sem sentido. Até mesmo o termo – um ser supremo – é deturpado, pois naturalmente vocês projetam nele as qualidades da natureza humana. Se eu lhes afirmasse que Deus é uma idéia, não entenderiam o que quero dizer, pois não compreendem as dimensões nas quais uma idéia tem sua realidade nem a energia que ela pode originar e impulsionar. Vocês não acreditam na idéia da mesma forma que acreditam nos objetos físicos; portanto, se eu lhes disser que Deus é uma idéia, vocês interpretarão minhas palavras como significando que Deus é menos do que real – nebuloso, sem realidade, sem propósito e sem ação motriz.

Ora, sua própria imagem física é a materialização da idéia que têm de si mesmos dentro das propriedades da matéria. Sem a idéia de si mesmos, sua imagem física não existiria; contudo, muitas vezes é só disso que vocês têm consciência. O poder e a energia iniciais dessa idéia de si mesmos é que mantêm sua imagem viva. As idéias, portanto, são muito mais importantes do que imaginam. Se tentarem aceitar a idéia de que sua própria existência é multidimensional, que vocês vivem no meio de probabilidades ilimitadas, poderão ter um pequeno vislumbre da realidade que existe por trás da palavra “deus,” e poderão entender por que é quase impossível captar seu verdadeiro sentido em palavras.

Deus, portanto, é, antes de qualquer coisa, um criador, não de um universo físico, mas de uma variedade infinita de existências prováveis, uma variedade muito mais vasta do que os aspectos do universo físico com o qual seus cientistas estão familiarizados. Ele não enviou simplesmente um filho para viver e morrer em um pequeno planeta. Ele faz parte de todas as probabilidades.

Contam-se parábolas e histórias sobre os princípios. Todas elas foram tentativas de transmitir conhecimento em termos tão simples quanto possível. Muitas vezes deram-se respostas a perguntas que, literalmente, não têm qualquer significado fora de seu sistema de realidade.

Por exemplo: Não houve princípio e não haverá fim, mas existem parábolas falando-lhes sobre princípios e fins, simplesmente porque, com suas idéias distorcidas sobre tempo, princípios e fins parecem ser eventos inseparáveis e válidos. Quando aprenderem a desviar o foco de sua atenção da realidade física e, assim, experimentar alguma leve evidência de outras realidades, sua consciência apegar-se-á a velhas idéias

que tornam as verdadeiras explicações impossíveis de vocês entenderem. A percepção multidimensional, contudo, está à sua disposição em sonhos, em alguns estados de transe, e muitas vezes até sob a consciência comum em seu dia-a-dia.

A percepção fornece experiências pessoais com a riqueza multidimensional que existe não separada de seu mundo físico dos sentidos, mas entrelaçada com ele, dentro dele, através dele e em todo ele. Dizer que a vida física não é real é negar que a realidade permeia toda aparência e faz parte de toda aparência. Da mesma forma, Deus não existe separado de ou à parte da realidade física, mas existe dentro dela e como parte dela, como existe dentro e faz parte de todos os outros sistemas de existência.

(21h46.) A figura de seu Cristo representa, simbolicamente, sua idéia de Deus e os relacionamentos dele. Houve três indivíduos separados cujas histórias se misturaram, e eles se tornaram conhecidos, coletivamente, como Cristo – eis o motivo de tantas discrepâncias em seus registros. Eles eram todos masculinos, porque naquela época de seu desenvolvimento, vocês não teriam aceitado uma contraparte feminina.

Esses indivíduos faziam parte de uma entidade. Vocês não poderiam deixar de imaginar Deus como um pai. Nunca lhes teria ocorrido imaginar um deus em termos que não fossem humanos. Componentes terrenos. Essas três figuras elaboraram um drama, profundamente simbólico, impulsionado por energia concentrada de grande força.

(Pausa longa às 21h52.) Os eventos, como registrados, não ocorreram na história, entretanto. A crucificação de Cristo foi um evento psíquico, mas não físico. Representaram-se idéias de magnitude quase inimaginável.

(Pausa às 21h55.) Judas, por exemplo, não foi um homem (em seus termos). Ele foi – como todos os outros Discípulos – um “fragmento de personalidade” criado e abençoado, formado pela personalidade do Cristo. Ele dramatizou uma porção da personalidade de cada indivíduo que se concentra na realidade física de uma forma ávida, negando o eu interior por cobiça.

Cada um dos doze representava qualidades de personalidade que pertencem a um indivíduo, e Cristo, como vocês o conhecem, representava o eu interior. Os doze, portanto, mais o Cristo como vocês o conhecem (uma figura composta dos três), representava uma personalidade terrena individual – o eu interior – e doze características principais ligadas ao eu egotista. Assim como o Cristo estava cercado pelos Discípulos, também o eu interior está cercado por essas características fisicamente orientadas, cada uma exteriorizada na direção da realidade diária, mas ainda orbitando o eu interior.

(22h03.) Aos Discípulos, portanto, foi dada realidade física pelo eu interior, assim como todas as características terrenas que vocês possuem saem de sua natureza interior. Essa foi uma parábola viva, feita

carne entre os homens – uma peça cósmica representada para seu benefício, expressa em termos que vocês podiam entender.

As lições tornaram-se claras quando todas as idéias por trás delas foram personificadas. Se me perdoarem o termo, foi como uma peça com fundo moral, representada em seu canto do universo. Isso não significa que foi menos real do que vocês supunham anteriormente. Na verdade, as implicações do que estou dizendo aqui deviam, claramente, sugerir os mais vigorosos aspectos da divindade.

(22h07.) Quando eu vou devagar, você consegue ler nas entrelinhas.

(“É verdade.” Observem que Seth ainda não fizera uma pausa. O ritmo de Jane fora muito lento algumas vezes.)

As três personalidades de Cristo nasceram em seu planeta e, na verdade, tornaram-se carne entre vocês. Nenhuma delas foi crucificada. Os doze Discípulos eram materializações provenientes das energias dessas três personalidades – suas energias combinadas. Elas, contudo, foram totalmente investidas de individualidade, mas sua tarefa principal era manifestar claramente dentro de si certas habilidades inerentes em todos os homens.

(22h12.) Os mesmos tipos de dramas foram apresentados de modos diversos, e embora a história seja sempre diferente, é sempre a mesma. Isso não significa que um Cristo apareceu dentro de cada sistema de realidade. Significa que a idéia de Deus manifestou-se dentro de cada sistema de um modo compreensível aos habitantes.

Este drama continua a existir. Ele não pertence, por exemplo, a seu passado. Foram vocês que o puseram lá. Isso não significa que ele torne a ocorrer sempre. O drama, portanto, não foi absolutamente sem sentido, e o espírito de Cristo, em seus termos, é legítimo. É a história-de-Deus que vocês decidiram perceber. Outras também foram percebidas, mas não por vocês, e há outros dramas semelhantes ocorrendo agora.

Podem fazer um intervalo.

(22h16. O transe de Jane fora profundo. Seus olhos estavam pesados na hora do intervalo, abrindo-se devagar. “Eu sabia que ele estava me mantendo em transe até que eu recebesse uma parte bem grande do material,” disse ela. Uma hora e seis minutos: esse fora um de seus transes mais longos. Disse-lhe achar o material excelente.

(Ao conversarmos, Jane lembrou-se de uma imagem que ela captara durante a transmissão. Não conseguia explicá-la muito bem, nem mesmo com gestos. “Algo como Cristo sendo um mastro central, com doze bolas revolvendo ao seu redor, mas irradiando-se para fora ao mesmo tempo,” disse ela. “Cristo criou os doze...”

(Até aqui, Seth nomeou duas das três personalidades que formam a entidade Cristo – o próprio Cristo, obviamente, e João o Batista. Reiniciamos às 22h37.)*

Agora: Tenha a Crucificação ocorrido ou não fisicamente, ela foi um evento psíquico e existe da mesma forma que todos os outros eventos ligados a esse drama.

Muitos foram físicos, mas outros, não. O evento psíquico afetou seu mundo tanto quanto o físico, como é óbvio. Toda a história ocorreu como resultado das necessidades da humanidade, brotou delas, mas não se originou dentro de seu sistema de realidade.

(Pausa às 22h41.) Outras religiões basearam-se em dramas diferentes, nos quais as idéias eram representadas de uma forma compreensível para várias culturas. Infelizmente, as diferenças entre os dramas em geral levavam a interpretações errôneas, que eram usadas como desculpas para guerras. Esses dramas também são representados particularmente no estado de sonho. As figuras de Deus-personificado foram primeiramente introduzidas ao homem no estado de sonhos, sendo então preparado o caminho.

*Ver o Capítulo Dezoito de *The Seth Material*.

Por meio de visões e inspirações, os homens sabiam que o drama de Cristo seria encenado e, portanto, reconheceram-no pelo que era quando ocorreu fisicamente. O poder e a força desse drama retornaram, então, para o universo dos sonhos. A história havia aumentado seu vigor e sua intensidade com a materialização física. Em seus sonhos, os homens relacionavam-se com as principais figuras desse drama e, nesse estado de sonho, reconheciam seu verdadeiro significado.

Agora: Deus é mais do que a soma de todos os sistemas prováveis de realidade. Ele foi criado, e, entretanto, está dentro de cada um deles, sem exceção. Ele está, portanto, dentro de cada homem e de cada mulher. Também está em cada aranha, sombra e rã, e é isso que o homem não gosta de admitir.

Deus pode apenas ser vivenciado, e vocês O vivenciam, percebam-no ou não, através de sua própria existência. Ele não é masculino nem feminino, entretanto, e eu uso os termos apenas por uma questão de conveniência. Na verdade mais inescapável, Ele não é absolutamente humano (em seus termos), nem é uma personalidade. Suas idéias de personalidade são limitadas demais para conter as numerosas facetas de Sua existência multidimensional.

(22h55.) Por outro lado, Ele é humano, uma vez que é uma porção de cada indivíduo; e dentro da vastidão de Sua experiência, Ele contém uma “idéia-forma” de Si mesmo como humano, com a qual vocês podem se relacionar. Literalmente, ele foi feito carne para habitar entre vocês, pois Ele forma a sua carne (de vocês), sendo responsável pela energia que dá vitalidade e validade a seu eu particular multidimensional, que, por sua vez, forma a sua imagem (de vocês) de acordo com as próprias idéias de cada um.

Este eu particular multidimensional, ou a alma, tem, portanto, uma validade eterna. Ele é preservado, sustentado e mantido pela energia, pela vitalidade inconcebível de Tudo Que É.

(23h) Ele não pode, portanto, ser destruído, este seu eu interior, nem pode ser diminuído. Ele participa das habilidades inerentes em Tudo Que É. Precisa, portanto, criar como foi criado, pois essa é a grande dádiva que está por trás de todas as dimensões de existência, a caudal proveniente da fonte de Tudo Que É.

Agora vamos terminar a sessão.

(*“Está bem. Foi muito bom.”*)

O corpo do material vem como um padrão, e nós acrescentaremos outros a ele. Terminei o ditado e vou encerrar a sessão, a menos que desejem fazer alguma pergunta....

(*Eu tinha algumas perguntas relativas a Jane e seus sonhos. Seth respondeu-as e depois terminou a sessão às 23h09.*)

SESSÃO 561, 25 DE NOVEMBRO DE 1970,

21h55, QUARTA-FEIRA

(*Quando a sessão estava prestes a ser iniciada, às 21h15, Jane disse achar que, de alguma forma, seríamos interrompidos ou receberíamos visitas. Cerca de quinze segundos depois alguém bateu à porta. Era Carl Jones. Ele dá um curso na escola secundária, intitulado “Espaço Interior e Exterior”, em uma cidadezinha de Connecticut; a classe usa o livro de Jane, The Seth Material, como texto principal. Carl estava a caminho de um lugar perto das Cataratas de Niagara, em Nova York, para os feriados de Ação de Graças.*)

Agora: Boa noite.

(*“Boa noite, Seth.”*)

E boa noite a nosso amigo aqui; e anotarei que você (Carl) está sorrindo esta noite. Agora: Vamos reiniciar o ditado de nosso livro, portanto (*com humor, para Carl*) você pode ver um autor trabalhando – um autêntico escritor-fantasma, se preferir.

No tempo devido, identificarei a figura da terceira personalidade do Cristo. Agora, entretanto, estou preocupado com os aspectos multidimensionais de Tudo Que É. Essa realidade pode apenas ser experienciada. Não existem fatos que possam retratar com alguma fidelidade os atributos de Tudo Que É.

Tal realidade e tais atributos aparecem dentro de vários sistemas de realidade que estão de acordo com os dados de camuflagem de qualquer sistema específico. A experiência interior com o Deus multidimensional pode acontecer em duas áreas principais: Primeiro, por meio da percepção de que esta força motriz primordial está inserida em tudo que vocês podem perceber com seus sentidos. Segundo, pela compreensão de que esta força motriz fundamental tem uma realidade independente de sua ligação com o mundo das aparências.

Todos os contatos pessoais com o Deus multidimensional, todos os momentos legítimos de consciência mística terão sempre um efeito unificador. Eles não irão, portanto, isolar o indivíduo envolvido, mas, pelo contrário, irão ampliar suas percepções até que ele experiencie a realidade e a unicidade de todos os outros aspectos de realidade de que seja capaz.

(22h05.) Ele sentir-se-á, portanto, menos isolado e menos separado. Não se considerará superior aos outros por causa da experiência. Pelo contrário: será arrebatado em uma gestalt de compreensão, na qual entenderá sua própria unidade com Tudo Que É.

Assim como existem porções da realidade que vocês não percebem conscientemente, e outros sistemas de probabilidades de que também não têm consciência, há, igualmente, aspectos da divindade primordial que vocês não podem entender neste momento. Há, entretanto, deuses prováveis, cada um refletindo, à sua própria maneira, os aspectos multidimensionais de uma identidade primordial tão grandiosa e esplêndida que nenhuma forma de realidade ou tipo particular de existência poderia conter.

(22h10.) Tentei dar-lhes uma idéia dos efeitos criativos de longo alcance de seus próprios pensamentos. Com isso em mente, é impossível imaginar as criatividades multidimensionais que podem ser atribuídas a Tudo Que É. O termo ‘Tudo Que É’ pode ser usado como uma designação que inclui todos os deuses prováveis em todas as suas manifestações.

Ora, talvez seja mais fácil para alguns de vocês compreender as histórias e parábolas simples a respeito de inícios ou princípios. Chegou a hora, contudo, de a humanidade dar vários passos adiante, expandir a natureza de sua própria consciência, tentando compreender uma versão mais profunda da realidade. Vocês já superaram a época dos contos infantis. Uma vez que seus próprios pensamentos têm uma forma e uma realidade que vocês não percebem, não é difícil compreender por que outros sistemas de probabilidades também são afetados pelos pensamentos e pelas emoções de vocês – nem por que os atos dos deuses prováveis não são afetados pelo que acontece em outras dimensões de existência.

Agora podem fazer um intervalo.

(22h15. O ritmo de Jane fora bom. Depois de uma pausa, recebemos um material que não foi registrado, em que Seth respondeu especialmente a perguntas de Carl. Ele mencionou alguns pontos, entretanto, que eu gostaria de ter registrado. [Geralmente acontece isso quando eu não tomo notas.] Um desses pontos relacionava-se à afirmação de Seth de que sempre que uma pessoa pensa muito fortemente sobre outra pessoa, uma porção do “pensador” vai para o “objeto-pensado,” etc.

(Fizemos mais um intervalo. Carl foi embora durante o intervalo, a fim de continuar sua viagem rumo ao oeste....Eu andava preocupado por achar que Jane estava exagerando no trabalho psíquico dos fins-de-semana, incluindo sessões para visitantes. Conversamos sobre isso agora – sem esperar que Seth discutisse o assunto – e concordamos que ela devia diminuir essas aventuras extracurriculares, por mais interessantes que fossem as “provocações.”)

(Reiniciamos às 23h10.)

Agora: Tenho algo a dizer. Sua sugestão sobre os fins-de-semana é boa, e Ruburt está preparado para segui-la. Quando vocês estiverem realizando sessões regulares, um visitante ocasional não o incomodará, mas essas visitas devem ser marcadas antecipadamente.

Na maioria dos casos, Ruburt sabe delas subconscientemente, mas quase nunca traz esse conhecimento à tona, sendo apenas uma sensação de inquietude por parte dele. Ele sente que vai ser interrompido, mas não está consciente do fato.

Agora sugiro que nossas sessões regulares sejam realizadas, durante algum tempo, em um de seus aposentos do fundo (*onde fica meu estúdio*), por duas razões: Saberão que o telefone não vai interrompê-los, com as duas portas fechadas. Simplesmente ignorem-no. Que todos saibam que aqueles que desejarem uma sessão privada deverão marcá-la com antecedência. Não fazendo isso, não serão atendidos.

A idéia do aposento dos fundos, entretanto, servirá para reforçar a natureza particular das sessões. Todo trabalho ligado a outras pessoas será, em geral, feito nas sessões realizadas durante as aulas.

A idéia da mudança de aposento também será uma forma psicológica de afastar as preocupações físicas e materiais costumeiras e as relações com terceiros. Não estou dizendo que não devam permitir que algumas pessoas participem às vezes de uma sessão particular. Também não estou sugerindo que realizemos duas sessões regulares; digo isto sabendo que Ruburt é capaz de seguir minhas sugestões e deseja fazê-lo.

Durante o verão, os aposentos dos fundos podem ou não ser vantajosos. Ocorreram mudanças naturais em nosso trabalho e, de um modo geral, Ruburt saiu-se muito bem ao lidar com elas. A falta de regularidade em nossas sessões foi resultado do fato de que, em geral, três sessões regulares estavam sendo esperadas de Ruburt, em vez de duas.

Em geral, tivemos sessões espontâneas durante as aulas, e vocês devem ter notado que, muitas vezes, ele pulava a sessão seguinte, pois achava que duas sessões eram suficientes. Nossas sessões regulares serão sempre a fonte principal de material, sendo sempre enfatizadas. Não obstante, as sessões das aulas servem a um propósito importante. Elas são subsidiárias ou ramificações, mas não substituem nosso próprio trabalho.

Por enquanto, e até que eu determine, não deverão ser realizadas mais de três sessões por semana. Ora, poderá parecer-lhe que é simplesmente por eu não estar disponível que digo que Ruburt não deve realizar uma sessão extra. *(Eu não acho isso de jeito nenhum.)* Lembre-se, entretanto, do que eu lhe disse antes. Às vezes, estou diretamente interessado em uma determinada sessão, e às vezes vocês têm uma sessão programada. Estou colocando isto de um modo muito simples, mas você sabe o que quero dizer.

Assim, usando a ponte psicológica nessas ocasiões, Ruburt pode realizar uma sessão. Deixei claro e especifiquei o que penso. Agora: O trabalho que ele faz com impressões é uma coisa totalmente diferente. Ele não está usando o mesmo tipo de energia. Não é uma questão de a sessão tirar alguma coisa de Ruburt. É uma questão de sintonizar o tipo de energia que ele sintoniza em nossas sessões, e devido às circunstâncias atuais, três vezes por semana é suficiente.

Nossas duas sessões devem ser mantidas sempre, acrescentando-se as sessões das aulas, desde que não esgotem os recursos de Ruburt. O telefone não deve ser atendido. As pessoas estranhas que escreverem poderão ser convidadas para as aulas de terça-feira. Em algumas ocasiões, usando seu próprio discernimento, vocês podem receber convidados em nossas sessões, mas isso só de vez em quando, o que não será um problema caso sigam os procedimentos que apresentei.

Você deseja fazer alguma pergunta?

(“Não.”)

Vamos terminar a sessão, ou fazer um intervalo, como preferirem.

(“Podemos terminar, então.”)

(23h30. Este não foi o término da sessão, afinal de contas. Seth voltou após um pequeno intervalo e tivemos uma discussão sobre as sessões nas classes e outras coisas, que durou até 23h50.)

(Seth fez uma predição: Jane irá escrever um livro excelente sobre as sessões em classe, e isso levará muita gente a ler o Material de Seth regular. Seth acrescentou que o próprio material, no formato de sessões, será publicado um dia em sua totalidade. Esta é uma meta pessoal que tenho.)

CIVILIZAÇÕES QUE REENCARNAM, PROBABILIDADES, E MAIS INFORMAÇÕES SOBRE
O DEUS MULTIDIMENSIONAL

SESSÃO 562, 7 DE DEZEMBRO DE 1970,

21H05, SEGUNDA-FEIRA

(Seguindo a sugestão de Seth de 25 de novembro, realizamos a sessão em meu estúdio, nos fundos do apartamento, onde se tem mais privacidade, mas menos calor, especialmente quando as portas estão fechadas.

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: Reiniciaremos o ditado com o próximo capítulo, que se chamará: “Civilizações Que Reencarnam, Probabilidades, e Mais Informações Sobre o Deus Multidimensional.”

Podemos dizer que vocês têm civilizações que reencarnam, assim como indivíduos que reencarnam. Cada entidade que nasce na carne procura desenvolver as habilidades que possam ser mais bem cultivadas e postas em prática no ambiente físico. Ela tem uma responsabilidade para com cada civilização em que vive, pois ajuda a formá-la por meio de seus próprios pensamentos, emoções e atos.

A entidade aprende com o fracasso e também com o sucesso. Vocês pensam na história física como tendo começado com o homem das cavernas, continuando até o presente; existiram, porém, outras grandes civilizações científicas – algumas lembradas em lendas, outras, completamente desconhecidas – todas (em seus termos) desaparecidas.

Parece-lhes que vocês, como espécie, talvez tenham apenas uma oportunidade de resolver seus problemas a fim de não serem destruídos por suas próprias agressões, por sua falta de entendimento e espiritualidade. Da mesma forma que vocês recebem muitas vidas para desenvolver e aplicar suas habilidades, foi concedida à espécie (nesses termos) mais do que essa única linha de desenvolvimento histórico que vocês conhecem atualmente. A estrutura de reencarnações é apenas uma faceta do quadro total de probabilidades. Nela, vocês literalmente terão o tempo de que precisarem para desenvolver os potenciais que necessitam desenvolver antes de deixar o ciclo de reencarnações. Grupos de pessoas, em vários ciclos de atividades reencarnatórias, enfrentaram crise após crise para chegar a seu ponto de desenvolvimento físico, ultrapassando-o ou destruindo sua civilização particular.

Neste caso, tiveram mais uma oportunidade, retendo o conhecimento inconsciente não apenas de seu fracasso, mas também das razões que se encontram por trás dele. Ao formarem novos agrupamentos primitivos, já tinham, portanto, uma vantagem psicológica. Alguns, resolvendo os problemas, deixaram o

planeta físico de vocês por outros pontos no universo físico. Quando alcançaram esse nível de desenvolvimento, já estavam espiritual e psiquicamente amadurecidos, sendo capazes de utilizar energias das quais vocês ainda não têm conhecimento prático.

(Pausa às 21h22.) A Terra é para eles, agora, seu lar legendário. Eles formaram novas raças e espécies, que já não podiam ajustar-se fisicamente a suas condições atmosféricas. Entretanto, continuaram no nível reencarnatório enquanto habitaram uma realidade física. Alguns deles, contudo, passaram por mutações e deixaram há muito o ciclo de reencarnações.

Os que o deixaram, evoluíram, passando à condição de entidade mental que sempre foram, deixando de lado a forma material. Este grupo de entidades ainda se interessa muito pela Terra, dando-lhe suporte e energia. De certa forma, poderiam ser agora considerados como deuses da terra.

(21h28.) Em seu planeta, eles participaram de três civilizações particulares, muito antes da Atlântida, quando seu planeta, na verdade, estava em uma posição um tanto diferente.

(“Você quer dizer em uma ‘órbita’ diferente>”)

Por agora, vamos deixar a palavra “posição.” Particularmente em relação a três dos outros planetas que vocês conhecem. Os pólos foram invertidos – como aconteceu durante três longos períodos da história de seu planeta. Essas civilizações eram altamente tecnológicas; a segunda, na verdade, foi muito superior à sua nesse aspecto.

O som era utilizado, com muito mais eficácia, não apenas para curar, mas também em guerras, em veículos de locomoção movidos a força e para produzir o movimento da matéria física. O som era um transportador de peso e massa.

(21h34. Quando Jane pronunciou a palavra “guerras,” seu tom de voz e sua expressão facial traduziram a conotação da palavra.)

A força dessa segunda civilização ficava principalmente nas áreas agora conhecidas como África e Austrália, embora, naquela época, não apenas o clima fosse totalmente diferente, mas também as áreas territoriais. Havia uma atração diferente da massa de terra, relacionada à alteração da posição dos pólos. Falando de uma forma relativa, entretanto, a civilização se concentrava em uma área específica, sem tentar expandir-se. Crescia muito para dentro e habitava o planeta simultaneamente com uma cultura primitiva grande, desorganizada e dispersa.

Ela não fazia qualquer tentativa de “civilizar” o resto do mundo, mas envidava todos os esforços possíveis – que foram consideráveis durante um longo período de tempo – para impedir tal progresso.

Os membros dessa civilização pertenciam, em sua maioria, a um grupo periférico da bem sucedida civilização anterior, tendo a maior parte decidido continuar a existência em outras áreas de seu universo físico. Estavam, entretanto, particularmente enamorados da vida terrena, achando também que poderiam aperfeiçoar a última experiência na qual haviam estado envolvidos, embora fossem livres para seguir rumo a outras camadas de existência.

(21h42.) Não estavam interessados em recomeçar do zero, em outras áreas, como uma civilização-criança. Assim, a maioria de seus conhecimentos era instintiva, e este grupo em particular atravessou muito rapidamente o que vocês chamariam de vários estágios tecnológicos.

No início, estavam preocupados especialmente com o desenvolvimento de um ser humano com proteções embutidas contra a violência. Neles, o desejo de paz era quase o que vocês chamariam de instinto. Houve mudanças no mecanismo físico. Quando a mente sinalizava uma forte agressão, o corpo não reagia. Psicologicamente, vocês ainda podem ver vestígios disso em certos indivíduos, que desmaiam ou até atacam seu próprio sistema físico antes de se permitirem fazer a outros o que consideram violência.

Os membros desta civilização não perturbavam os nativos que viviam em suas cercanias. Enviavam elementos de seu próprio grupo, entretanto, para viver com os nativos e misturar-se a eles pelo casamento, esperando, pacificamente, alterar assim a fisiologia da espécie.

A energia, que em seu tempo em geral é transferida para a violência, era dedicada a outras atividades; começou, porém, a voltar-se contra eles. Eles não estavam aprendendo a lidar com a violência ou agressão. Estavam tentando fazê-la entrar fisicamente em curto-circuito, e descobriram que isso trazia complicações.

Podem fazer um intervalo.

(21h52 – 22h05.)

Agora: É preciso que a energia possa fluir livremente por todo o sistema físico, controlada e dirigida mentalmente, ou psiquicamente, se preferirem.

A alteração física pressionava todo o sistema. A função criativa e a base criativa que haviam sido distorcidas, levando à idéia da agressão – o impulso de agir – não eram compreendidas. Podemos até dizer que a própria respiração é uma violência. A inibição embutida resultou em um sistema fechado de controles mútuos, no qual o impulso necessário da ação tornou-se literalmente impossível.

Desenvolveu-se um estado mental e físico consciente e restritivo, em que a necessidade física natural de sobrevivência foi prejudicada em todos os sentidos. Mentalmente, a civilização progrediu. Sua tecnologia

foi extremamente ativada e impulsionada, quando se esforçaram para desenvolver, por exemplo, alimentos artificiais, de modo que não precisassem matar, de nenhuma forma, para sobreviver.

(22h13.) Ao mesmo tempo, essa civilização tentava deixar o meio-ambiente intacto. Abandonou totalmente o estágio de automóveis e veículos a vapor, e muito cedo se concentrou no som. O som não podia ser ouvido por ouvidos físicos.

A civilização era chamada de Lumania, (*soletrado*) e o próprio nome passou a ser legendário e foi novamente usado em tempos posteriores.

Os lumanianos eram um povo fisicamente muito magro e fraco, mas, psiquicamente, ou eram brilhante ou totalmente desprovido de talentos. Em alguns, os controles embutidos causavam tantos bloqueios de energia em todas as direções, que prejudicavam até suas habilidades telepáticas, naturalmente fortes.

Eles formavam campos de energia ao redor de sua própria civilização. Ficavam, portanto, isolados de outros grupos. Não permitiam, contudo, que a tecnologia os destruísse. Um número cada vez maior deles percebia que o experimento não era um sucesso. Alguns, após a morte física, uniam-se aos integrantes da civilização prévia bem sucedida, que haviam migrado para outros sistemas planetários dentro da estrutura física.

Grandes grupos, entretanto, simplesmente deixavam suas cidades, destruía os campos de força que os haviam circundado e uniam-se aos muitos grupos de povos relativamente incivilizados, casando-se com eles e tendo filhos. Esses lumanianos morriam rapidamente, pois não podiam suportar a violência nem reagir a ela violentamente. Sentiam, entretanto, que seus filhos mutantes poderiam conservar a falta de inclinação para a violência, mas sem as proibitivas reações de controle dos nervos de que eram dotados.

(*Pausa de um minuto às 22h24.*) Na forma física, a civilização simplesmente morreu. Mais tarde, alguns dos filhos mutantes formaram um pequeno grupo, e no século seguinte viajavam pela área como itinerantes, com grandes bandos de animais. Cuidavam uns dos outros, e muitas das antigas lendas a respeito de seres metade-homens, metade-animais, atravessaram o tempo por meio da lembrança dessas antigas associações.

Esse povo, na verdade remanescente da primeira grande civilização, sempre carregou dentro de si fortes lembranças subconscientes de sua origem. Estou falando dos lumanianos agora. Isso esclarece seu rápido desenvolvimento, tecnologicamente falando. Mas como seu propósito era tão específico – evitar a violência – mais do que, digamos, o desenvolvimento pacífico construtivo do potencial criativo, sua experiência foi muito unilateral. Eles foram levados por um tal medo da violência, que não ousaram permitir nem mesmo que o sistema físico tivesse liberdade de expressá-la.

(22h33.) A vitalidade da civilização era, portanto, fraca – não porque a violência não existisse, mas porque a liberdade de energia e expressão era automaticamente bloqueada em aspectos específicos, e, fisicamente, de fora para dentro. Eles compreendiam muito bem os males da violência em termos terrenos, mas negavam ao indivíduo o direito de aprender isso à sua própria maneira, impedindo, assim, que o indivíduo utilizasse seus próprios métodos criativamente para transformar a violência em coisas construtivas. O livre-arbítrio, nesse aspecto, era descartado.

E como, durante algum tempo após sair do ventre materno, a criança é fisicamente protegida de algumas doenças, também por um breve período após o nascimento, ela é protegida de alguns desastres psíquicos, e carrega consigo, ainda para seu conforto, lembranças de existências e lugares passados. Assim, os lumanianos, durante algumas gerações, foram apoiados por profundas lembranças subconscientes da civilização anterior. Finalmente, contudo, essas lembranças começaram a se desvanecer. Eles haviam-se protegido da violência, mas não do medo.

Eram, portanto, sujeitos a todo tipo de temores humanos comuns, que eles exageravam, uma vez que, fisicamente, não podiam reagir nem mesmo à natureza com violência. Se fossem atacados, deveriam fugir. O princípio de lutar como última saída não se aplicava. Eles possuíam apenas um recurso.

(22h41.) O símbolo de seu deus era masculino – uma figura masculina forte, fisicamente poderosa, que os protegeria já que eles não podiam proteger a si mesmos. Essa figura evoluiu através dos tempos, assim como suas crenças, e nela projetaram as qualidades que não podiam eles mesmos expressar.

Muito mais tarde, apareceria como o velho Jeová, o Deus da Ira que protegia o Povo Escolhido. Inicialmente, o temor das forças da natureza era, portanto, muito forte neles pelas razões apresentadas, causando um sentimento de separação entre o homem e as forças naturais que o alimentavam. Eles não podiam confiar na terra, uma vez que não lhes era permitido proteger a si mesmos contra as forças violentas que nela existiam.

Sua vasta tecnologia e sua grande civilização eram, em grande parte, subterrâneas. Nesses termos, eles foram os homens da caverna originais, e saíram de suas cidades também através de cavernas. As cavernas não eram apenas lugares de proteção nos quais nativos inexperientes se acoravam. Com frequência, eram portais de entrada e saída das cidades dos lumanianos. Muito depois de as cidades terem sido abandonadas, os próximos nativos, que não eram civilizados, encontraram essas cavernas e aberturas.

No período que vocês agora consideram como a Idade da Pedra, os homens que vocês acham que foram os seus ancestrais, os homens das cavernas, geralmente encontravam abrigo não em cavernas acidentadas, de formação natural, mas em canais mecanicamente criados, que se estendiam por trás delas, e em cidades desertas onde os lumanianos haviam morado. Algumas das ferramentas dos homens das cavernas eram versões distorcidas das que eles haviam encontrado.

Agora podem fazer um intervalo – e aquecer-se.

(22h44. O ritmo de Jane fora um tanto vagaroso o tempo todo. O estúdio esfriara bastante – o que deu origem ao comentário de Seth. Três páginas de material não divulgado foram transmitidas após o intervalo, e a sessão terminou às 23h25.)

SESSÃO 563, 9 DE DEZEMBRO DE 1970,

21H15, SEGUNDA-FEIRA

(Novamente, a sessão foi realizada no estúdio. Nós nos acomodamos, como de costume, mais ou menos às 21h, mas Jane não “sentiu Seth por perto” imediatamente. Não que ela estivesse particularmente cansada ou aborrecida de qualquer forma...)

Agora: Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Vamos reiniciar o ditado.

Embora a civilização dos lumanianos fosse muito concentrada, pois não se entregavam a conquistas nem tentavam aumentar suas áreas, com o correr dos séculos eles estabeleceram postos avançados dos quais podiam sair para observar os outros povos nativos.

Esses postos avançados eram construídos subterraneamente. Partindo das cidades originais e grandes colônias havia, naturalmente, ligações subterrâneas, um sistema de canais muito intrincado e bem construído. Sendo eles um povo estético, as paredes eram cobertas de pinturas e desenhos, e também havia esculturas ao longo desses caminhos internos.

Havia vários sistemas de escadas, alguns para o transporte de pessoas a pé, outros para o transporte de mercadorias. Entretanto não era prático construir esses túneis que levavam aos muitos postos avançados, comunidades relativamente pequenas que se auto-sustentavam; muitos ficavam a uma boa distância das principais áreas de comércio e atividade.

(21h21.) Esses postos avançados podiam ser encontrados em muitas áreas espalhadas, mas havia um número bem grande deles onde agora ficam a Espanha e os Pirineus. Eram muitas as razões para isso, sendo que uma delas estava relacionada à existência de homens gigantesco nas áreas montanhosas. Devido à natureza tímida desse povo [os lumanianos], eles não apreciavam a vida nos postos avançados, e apenas os mais valentes e mais confiantes recebiam essa designação, que, antes de tudo, era temporária.

(Uma nota, acrescentada mais tarde: Seth não fornece datas para a civilização lumaniana. É interessante observar, entretanto, que no final de julho de 1971, cerca de oito meses depois desta sessão, os jornais publicaram a história – com fotografias – da descoberta de um crânio sub-humano “pesado”, em uma caverna nas Montanhas dos Pirineus Franceses, muito próxima da fronteira espanhola.

(O crânio tem pelo menos duzentos mil anos de idade e representa uma raça não identificada antes. Pensa-se agora que existiram várias raças primitivas na Europa naquela época. O período é anterior ao Homem do Neandertal e marca o início da penúltima Idade do Gelo. Essa região, no sul da França, é conhecida por suas muitas cavernas formadas de leitos de pedra calcária que sofreram erosão pela água. Jane não tem formação paleontológica.)

As cavernas, repito, serviam como portais para o exterior, e, com freqüência, o que parecia ser a parte posterior de uma caverna era, na verdade, construída de um material que se mostrava opaco do lado de fora, mas que era transparente do lado de dentro. Usando essas cavernas como abrigo natural, os nativos da área podiam ser observados sem perigo. Essa gente reagia a sons que não são percebidos por seus ouvidos. O medo peculiar da violência intensificava incrivelmente todos os seus mecanismos. Estavam constantemente alertas e em guarda.

(21h29.) Isto é difícil de explicar, mas eles podiam, mentalmente, emitir um pensamento ao longo de certas freqüências – uma arte notável – e então transmitir o pensamento para um determinado lugar, de várias maneiras, em forma ou cor, por exemplo, ou até em um certo tipo de imagem. Sua linguagem era extremamente discriminatória, em formas que vocês não podem entender, simplesmente porque as gradações de tom, freqüência e espaçamento eram muito precisas e complicadas.

A comunicação, de fato, era um de seus pontos fortes, desenvolvendo-se em grau tão elevado simplesmente por eles temerem tanto a violência e estarem constantemente alertas. Reuniam-se em grandes grupos familiares, também por necessidade de proteção. Os contatos entre filhos e pais eram de alto nível, e as crianças sentiam-se muito inquietas quando ficavam longe da vista de seus pais por qualquer período de tempo.

(21h34.) Por essas razões, as pessoas que dirigiam os postos avançados sentiam estar em uma situação muito desconfortável. Seu número era limitado, e elas ficavam afastadas das áreas principais de sua própria civilização. Desenvolviam, por causa disso, uma atividade telepática ainda maior e uma relação com a terra que ficava acima de suas cabeças, de modo que percebiam imediatamente o mais leve tremor ou barulho de passos, bem como os mais leves movimentos que não lhes fossem familiares.

Dando para a superfície, havia muitos orifícios de observação, por assim dizer, dos quais eles podiam observar o exterior, além de câmeras que mantinham quadros precisos não apenas da terra, mas também das estrelas.

Naturalmente, eles tinham registros completos das áreas gasosas subterrâneas e um grande conhecimento das crostas internas, observando com atenção e prevendo os tremores e falhas da terra. Sentiam-se tão jubilosos por terem descido para a terra, como já se sentiu qualquer raça que deixou a terra.

(21h40.) Essa foi, como lhes disse, a segunda, e talvez a mais interessante das três civilizações. A primeira seguiu, de um modo geral, sua própria linha de desenvolvimento e enfrentou muitos dos problemas que vocês enfrentam agora. Situava-se, em grande parte, no que vocês chamam de Ásia Menor, mas eles também se expandiram e viajaram para outras áreas. Esse é o povo que mencionei antes, que finalmente foi para outros planetas em outras galáxias, e que deu origem à civilização lumaniana.

Agora sugiro um intervalo.

(21h43. Jane disse que seu transe não fora muito bom. Ela fumara e o ar do estúdio não estava muito limpo, portanto abrimos as portas que davam para o resto do apartamento. Geralmente deixamos as janelas fechadas porque a voz de Seth tem a habilidade peculiar de ser bem forte. Além disso, a noite estava fria. Reiniciamos às 21h55.)

Agora: Antes de falarmos sobre a terceira civilização, há alguns pontos que gostaria de esclarecer a respeito da segunda.

Isto diz respeito à comunicação como aplicada a seus desenhos e pinturas, e aos canais muito distintos que suas comunicações criativas podiam seguir. De várias maneiras, sua arte era muito superior a de vocês, e não tão isolada. As inúmeras formas de arte, por exemplo, eram ligadas de um modo que lhes é quase desconhecido, sendo difícil, portanto, explicar-lhes o conceito.

(22h) Considerem, por exemplo, algo muito simples – digamos o desenho de um animal. Vocês o perceberiam meramente como um objeto visual, mas esses indivíduos eram grandes sintetizadores. Uma linha não era simplesmente uma linha visual, mas, de acordo com uma variedade quase infinita de distinções e divisões, ela também representava certos sons que seriam automaticamente traduzidos.

Caso o desejasse, um observador podia traduzir automaticamente os sons antes de ser importunado com a imagem visual. No que pareceria ser o desenho de um animal, também se encontrava toda a história e passado do animal. Curvas, ângulos, linhas representavam, além de sua função objetiva óbvia no desenho, uma série complicada de variações em calibre, tom e valor; ou, se preferirem, palavras invisíveis.

(22h07.) As distâncias entre linhas eram traduzidas como pausas sonoras, e às vezes também como distâncias no tempo. A cor era usada em termos de linguagem na comunicação, em desenhos e pinturas; de certa forma, como suas próprias cores, representavam gradações emocionais. A cor, entretanto, com seu valor em intensidade, servia para melhor refinar e definir –: reforçando, por exemplo, a mensagem já dada pelo

valor objetivo das linhas, ângulos e curvas, e pelas mensagens de palavras invisíveis já explicadas; ou ainda, modificando tudo isso em um número de formas. Você está me seguindo aqui?

(“Estou.” Pausa às 22h12.)

O tamanho desses desenhos também transmitia sua própria mensagem. De certa forma, essa era uma arte muito estilizada, permitindo, contudo, tanto uma grande precisão de expressão em termos de detalhes, quanto uma grande liberdade em termos de extensão. Obviamente, era muito condensada. Essa técnica foi mais tarde descoberta pela terceira civilização, e ainda existem alguns vestígios de desenhos feitos em seu início. As chaves para sua interpretação, porém, foram completamente perdidas; portanto, tudo que se poderia ver seria um desenho destituído dos elementos multi-sensoriais que lhes conferiam uma grande variedade. Ele existe, mas vocês não poderiam trazê-lo à vida.

Talvez eu deva mencionar aqui que algumas das cavernas, especialmente em certas áreas da Espanha e dos Pirineus, e algumas anteriores na África, eram construções artificiais. Ora, esse povo movia massa com som, e, como eu disse antes, na verdade transportava a matéria através de um grande domínio do som. Foi assim que, no início, se formaram seus túneis, sendo esse também o método usado para formar algumas das cavernas nas áreas onde, originalmente, havia poucas. Os desenhos nas paredes das cavernas eram, muitas vezes, informações muito estilizadas, quase como as informações (em seus termos) encontradas na fachada de seus edifícios públicos, retratando o tipo de animais e seres de uma determinada área.

Esses desenhos mais tarde foram usados como modelos pelos primeiros homens das cavernas, nos tempos históricos aos quais vocês em geral se referem.

Deseja fazer um intervalo?

(“Sim. Acho que sim.” _

(22h20. Eu começara a tossir durante a transmissão de Jane por causa da fumaça de seus cigarros. Ela disse que tivera consciência disso, mas que mesmo assim seu transe fora melhor desta vez. Arejamos o estúdio apesar da temperatura externa. Reiniciamos às 22h33.)

Agora: Suas habilidades de comunicação e, portanto, suas habilidades criativas, eram mais vitais, vívidas e responsivas do que as de vocês. Quando vocês ouvem uma palavra, podem perceber uma imagem correspondente em sua mente. Para essas pessoas, entretanto, os sons construíam, automática e instantaneamente, uma imagem incrivelmente vívida que, sendo internalizada, não era de jeito nenhum tridimensional, mas que, apesar disso, era muito mais vívida do que as imagens mentais costumeiras de vocês.

Certos sons, repito, eram utilizados para indicar distinções incríveis em termos de tamanho, forma, direção e duração, tanto de espaço como de tempo. Em outras palavras: os sons produziam imagens brilhantes

automaticamente. Por essa razão, fazia-se facilmente a distinção entre o que era chamado de visão interior e de visão exterior, e para eles era muito natural fechar os olhos quando se sentavam, conversando, a fim de se comunicarem mais claramente, usufruindo as imagens interiores imediatas, que mudavam o tempo todo e que acompanhavam seus intercâmbios verbais.

(22h41.) Eles aprendiam com rapidez e a educação era um processo emocionante, pois essa facilidade multi-sensorial imprimia-lhes automaticamente as informações, não apenas através de um canal de mão única, mas através de muitos canais simultaneamente. Por tudo isso, entretanto, e pelo imediatismo de suas percepções, eles tinham uma fraqueza inerente. A falta de habilidade para enfrentar a violência e aprender a vencê-la significava, naturalmente, sério prejuízo em relação a uma certa característica propulsora. A energia era bloqueada nessas áreas, de modo que a eles faltava, na verdade, um certo ímpeto ou senso de poder.

Não estou necessariamente me referindo ao poder físico, entretanto, mas grande parte de sua energia era usada para evitar qualquer confronto com a violência, de maneira que eles não eram capazes de canalizar sentimentos comuns de agressividade, por exemplo, para outras áreas.

Agora vou terminar a sessão, ou podem fazer um intervalo, se preferirem. Sugiro, entretanto, que terminemos.

(Acenei com a cabeça, concordando.) Minhas cordiais saudações e uma boa noite.

(“O mesmo para você, Seth, e muito obrigado. Boa noite.”)

(22h48. O transe de Jane fora muito variável desta vez, e eu continuava a tossir. Ela disse que Seth finalmente encerrou a sessão porque seu transe oscilava quando eu tossia. O material, disse Jane, era de um tipo difícil de captar enquanto lutava contra tantas distrações.)

SESSÃO 565, 1^o. DE FEVEREIRO DE 1971,

21H05, SEGUNDA-FEIRA

(Durante as últimas semanas, Jane fez apenas algumas sessões para a classe de ESP e umas duas pessoais para nós. Isso foi tudo, embora eu tivesse esperado, em várias ocasiões, que se pudesse trabalhar no livro de Seth. Muitas coisas fizeram-nos deixar o livro de lado: outro trabalho, os feriados, a simples necessidade de uma mudança de ritmo, viagens e a aproximação da morte de meu pai...

(Jane disse que estava nervosa, agora, por recomençar o ditado depois dessa pausa. Seus sentimentos eram semelhantes aos que tivera antes de iniciar o livro. Ela não o lera além da primeira parte do Capítulo

Quatro, embora eu lhe tenha dado um pequeno trecho do Capítulo Seis para ler em sua aula de ESP. Eu não tinha dúvidas de que quando Seth reiniciasse o ditado, seria impossível detectar qualquer sinal de uma quebra na continuidade.

(Tínhamos voltado a realizar as sessões na sala de visitas.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: Voltaremos a nosso livro esta noite e quarta-feira, e na segunda-feira e na quarta-feira seguinte, até terminá-lo.

Agora, o ditado.

Estou falando detalhadamente sobre os lumanianos porque eles fazem parte de sua herança psíquica. As outras duas civilizações foram, em muitos aspectos, mais bem sucedidas, e, contudo, a forte intenção que fundamentava o experimento dos lumanianos era extremamente volátil. Embora eles não fossem capazes de resolver o problema da violência como a compreendiam em sua realidade, seu desejo apaixonado de fazê-lo ainda ecoa através do próprio ambiente psíquico de vocês.

Devido à verdadeira natureza do “tempo,” os lumanianos ainda existem como eram (em seus termos). Muitas vezes há vazamentos na atmosfera psíquica. Eles não ocorrem por acaso, mas quando os efeitos de algum tipo de harmonia eliminam o lapso entre sistemas que, de outra forma, pareceriam muito separados. Tais vazamentos têm ocorrido entre sua própria civilização e a dos lumanianos.

(21h13.) Várias religiões antigas adotaram a idéia do deus ameaçador dos lumanianos, por exemplo, em quem conseguiam projetar seus conceitos de força, poder e violência. Era esse deus que devia protegê-los quando a não-violência os impedisse de proteger a si mesmos.

Um vazamento está agora sendo formado, por assim dizer, o que fará com que os conceitos multidimensionais de arte e comunicação dos lumanianos sejam vislumbrados por seu povo, mas em forma rudimentar.

Devido à natureza das probabilidades, há também, naturalmente, um sistema de realidade no qual os lumanianos são bem sucedidos em sua experiência com a não-violência, e no qual emergiu um tipo completamente diferente de ser humano.

(21h19.) Tudo isto pode lhes parecer muito estranho, simplesmente porque seus conceitos de existência são muito específicos e limitadores. Idéias de realidades prováveis e de homens e deuses prováveis podem soar-lhes muito absurdas; entretanto, quem está lendo este livro é apenas um dos vocês prováveis.

Outros vocês prováveis não o considerariam real, naturalmente, e alguns poderão questionar sua existência, indignados. Não obstante, o sistema provável de realidade não é apenas uma questão filosófica. Se estiverem interessados na natureza de sua própria realidade, ela se tornará uma questão muito pessoal e relevante.

Assim como as várias qualidades dos lumanianos ainda estão presentes em sua atmosfera psíquica, e assim como as cidades deles ainda coexistem em áreas terrestres que vocês chamam de suas, também outras identidades prováveis coexistem com as identidades que vocês agora chamam de suas. No próximo capítulo falaremos sobre vocês e seus eus prováveis.

(Uma nota: De acordo com Seth, os lumanianos foram a segunda de um grupo de três civilizações altamente tecnológicas que existiram em nosso planeta muito antes do tempo da Atlântida. Na sessão 563, Seth afirmou que logo iria falar sobre a terceira dessas culturas. Esse material nunca foi recebido. Poderia ter sido, mas devido ao longo intervalo entre as duas últimas sessões sobre o livro de Seth, nós simplesmente não nos lembramos de perguntar sobre isso....)

SISTEMAS, HOMENS E DEUSES PROVÁVEIS

(21h24.) E agora vamos iniciar o próximo capítulo: “Sistemas, Homens e Deuses Prováveis.”

Em qualquer momento de sua vida diária, vocês têm uma escolha multidimensional de ações, algumas triviais e outras extremamente importantes. Podem, por exemplo, espirrar ou não espirrar, tossir ou não tossir, andar em direção à porta ou à janela, coçar o cotovelo, suicidar-se, ferir uma pessoa ou voltar-lhe a outra face.

Parece-lhes que a realidade é composta dessas ações que vocês decidem praticar. As que preferem rejeitar, são ignoradas. O caminho que não é seguido, parece ser um não-ato; contudo, todos os pensamentos são realizados e todas as possibilidades, exploradas. A realidade física é construída a partir do que parece ser uma série de atos físicos. Uma vez que esse é o critério de realidade para vocês, os atos não-físicos em geral escapam à sua atenção, a seu entendimento e julgamento.

(21h30.) Vamos usar um exemplo. Vocês estão lendo este livro quando o telefone toca. Um amigo deseja encontrá-los às cinco horas. Vocês consideram a possibilidade. Em sua mente, vêem a si mesmos (A) dizendo não e ficando em casa, (B) dizendo não e indo a um outro lugar, ou (C) dizendo sim e indo ao encontro do amigo. Neste ponto, nem todas essas ações possíveis têm uma realidade. Todas elas têm a capacidade de serem postas em prática em termos físicos. Antes de tomarem uma decisão, todas as possibilidades são igualmente válidas. Vocês escolhem uma delas e, segundo sua decisão, a tornam física. Este evento é devidamente aceito como uma porção dos acontecimentos em série que compõem sua existência normal.

As outras ações prováveis, entretanto, são igualmente válidas, embora tenham decidido não colocá-las em prática fisicamente. Elas são realizadas tão eficazmente como aquela que decidiram aceitar. Se havia uma forte carga emocional por trás de uma das ações prováveis rejeitadas, ela poderá ter uma validade ainda maior, como ato, do que a escolhida.

Todas as ações são, inicialmente, atos mentais. Essa é a natureza da realidade. É impossível exagerar na ênfase dada a esta sentença. Todos os atos mentais, portanto, são válidos. Eles existem e não podem ser negados.

Pelo fato de vocês não aceitarem todos como eventos físicos, não percebem sua força nem sua durabilidade. Essa falta de percepção não pode, contudo, destruir-lhes a validade. Se vocês desejavam ser médicos e estão agora em outra profissão, então, em alguma outra realidade provável, vocês são médicos. Se possuem habilidades que não estão usando aqui, elas estão sendo usadas em outro lugar.

Ora, repito que essas idéias podem parecer impossivelmente exageradas para seu mental, pois vocês têm propensão para pensamentos em série e atitudes tridimensionais.

(Com humor): Podem fazer um intervalo tridimensional.

(“Obrigado.” 21h43 – 21h55.)

Ora, esses fatos não negam a validez da alma; pelo contrário: acrescentam-lhe muitíssimo.

A alma pode ser descrita, neste aspecto, como um ato multidimensional, infinito, cada ínfima probabilidade sendo levada, em algum lugar, à realização e existência; um ato criativo infinito, que cria para si próprio dimensões infinitas em que a realização é possível.

A tapeçaria de sua existência é de tal monta que o intelecto tridimensional não consegue contemplá-la. Esses eus prováveis, contudo, fazem parte de sua identidade ou alma, e se vocês não estão em contato com eles é apenas porque se concentram nos eventos físicos e aceitam-nos como critérios da realidade.

(22h01.) De qualquer ponto específico de sua existência, entretanto, podem vislumbrar outras realidades possíveis e perceber, por baixo das decisões físicas que tomam, as reverberações de ações prováveis. Algumas pessoas fazem isso espontaneamente, em geral durante os sonhos. Aqui, as suposições rígidas da consciência de vigília muitas vezes se desvanecem, e vocês podem encontrar-se realizando essas atividades rejeitadas fisicamente, sem perceber, no entanto, que vislumbraram uma existência própria provável.

Se existem eus individuais prováveis, então, naturalmente, existem terras prováveis, todas seguindo estradas que vocês não abraçaram. Começando com um ato de imaginação no estado de vigília, às vezes vocês podem tomar um atalho para uma “estrada não seguida.”

Voltemos ao homem que recebeu um telefonema. Digamos que ele respondeu ao amigo que não iria ao seu encontro. Ao mesmo tempo, se ele imaginar que escolheu outra alternativa e concordou com o encontro, poderá experimentar um súbito rompimento de dimensões. Caso tenha sorte e as circunstâncias sejam favoráveis, de repente poderá sentir a plena validade dessa aceitação com tanta força como se a escolha tivesse sido física. Antes de perceber o que está acontecendo, talvez realmente sinta que está saindo de sua casa e empreendendo essas ações prováveis que, fisicamente, decidira não realizar.

(22h12.) No momento, entretanto, sentirá plenamente a experiência. A imaginação terá aberto a porta para ele, dando-lhe liberdade para perceber; não se trata, portanto, de alucinação. Este é um exercício simples que pode ser experimentado quase que em qualquer circunstância, embora seja importante a pessoa estar só.

Essa experiência não os levará longe demais, entretanto, e o eu provável que escolheu a ação que vocês negaram é, em aspectos importantes, muito diferente do eu que vocês conhecem. Todo ato mental abre uma nova dimensão de realidade. De certa forma, seus pensamentos mais insignificantes dão nascimento a mundos.

Esta não é uma afirmação metafísica árida. Ela deve fazer surgir dentro de vocês os mais fortes sentimentos de criatividade e especulação. A esterilidade é impossível em qualquer ser, como também é impossível a morte de qualquer idéia, ou a não-realização de qualquer habilidade.

(22h19.) Todo sistema de realidade provável cria, então, outros sistemas do mesmo tipo, e qualquer ato, quando realizado, acarreta um número infinito de atos “não-realizados” que também irão encontrar sua realização. Todos os sistemas de realidade são abertos. As divisões entre eles são arbitrariamente decididas por uma questão de conveniência, mas todos existem simultaneamente, cada um apoiando e melhorando os

outros. Assim, o que vocês fazem também se reflete, até certo ponto, na experiência de seus eus prováveis e vice-versa.

Na medida em que vocês são abertos e receptivos, podem beneficiar-se enormemente das várias experiências de seus eus prováveis, como também de seus conhecimentos e de suas habilidades. Muito espontaneamente, repito, vocês em geral fazem isso durante os sonhos, e, muitas vezes, o que lhes parece uma inspiração é um pensamento vivenciado, mas não realizado por parte de outro eu. Vocês, então, sintonizam-no e o realizam.

Da mesma forma, idéias que vocês tiveram e não usaram, podem ser captadas por outros vocês prováveis. Cada um desses eus prováveis se considera o você real, naturalmente, mas por meio dos sentidos internos, todos vocês têm consciência de sua parte nesta gestalt.

Podem fazer um intervalo.

(22h26 – 22h41.)

Agora: A alma não é um produto terminado.

Na verdade, nesses termos, não é absolutamente um produto, mas sim um processo de tornar-se. O Tudo Que É também não é um produto, seja terminado ou de qualquer outra forma. Há deuses prováveis, assim como há homens prováveis; esses deuses prováveis, porém, fazem, todos eles, parte do que vocês poderiam chamar de alma ou identidade de Tudo Que É, assim como todos os seus eus prováveis fazem parte de sua alma ou entidade.

As dimensões de realização possíveis a Tudo Que É naturalmente excedem em muito as que atualmente estão disponíveis para vocês. De certa forma, vocês criaram muitos deuses prováveis por meio de seus próprios pensamentos e desejos. Eles tornaram-se entidades psíquicas muito independentes, válidas em outros níveis de existência. O único Tudo Que É tem consciência não apenas de Sua própria natureza e da natureza de toda consciência, mas também de Seus infinitos eus prováveis. Estamos indo aqui na direção de assuntos em que as palavras perdem o significado.

A natureza de Tudo Que É pode apenas ser percebida diretamente através dos sentidos internos, ou, em uma comunicação mais fraca, por meio de inspiração ou intuição. A complexidade miraculosa dessa realidade não pode ser traduzida verbalmente.

Agora, espere um momento. Fim do ditado.

(Pausa às 22h49. O ritmo de Jane fora mais lento depois do intervalo. Seth passou então a transmitir algum material para ela a respeito de seus escritos.)

(“Obrigado.”)

E teremos ditado do livro na quarta-feira, sendo que qualquer material pessoal será dado depois.

(“Está bem. Boa noite, Seth.” Terminamos às 23h02.)

SESSÃO 566, 15 DE FEVEREIRO DE 1971

21h19, SEGUNDA-FEIRA

(Nas duas últimas semanas estivemos ocupados com assuntos relacionados à morte recente de meu pai.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: Para variar, vamos ditar um pouco, embora eu talvez faça alguns comentários para vocês dois ao final da sessão.

Vamos ao ditado: As probabilidades são uma porção sempre presente de seu ambiente psicológico invisível. Vocês existem no meio do sistema provável de realidade. Ele não é algo separado de vocês. Até certo ponto, é como um mar no qual vocês têm seu ser atual. Vocês estão nele e ele, em vocês. Ocasionalmente, em níveis superficiais de consciência, podem imaginar o que teria acontecido se tivessem tomado decisões diferentes das que tomaram, escolhido um cônjuge diferente, por exemplo, ou ido morar em outras partes do país. Podem pensar no que teria acontecido se tivessem enviado uma carta importante que decidiram não enviar; e foi só ao imaginarem o que teria acontecido é que chegaram a questionar a natureza das probabilidades. Há ligações profundas entre vocês e todos os indivíduos com quem se relacionaram e com quem se envolveram em decisões importantes.

(21h28.) Esses relacionamentos não são nebulosos. São interconexões psicológicas intensas, que ligam cada um de vocês aos outros, particularmente em uma estrutura telepática, embora isso possa ficar abaixo da consciência normal. As ligações físicas que poderiam ter ocorrido, mas que não ocorreram, são resolvidas em outras camadas de realidade.

O ambiente ou contexto invisível que está dentro de sua mente não é tão solitário como vocês podem pensar, e seu aparente isolamento interior é causado pela defesa persistente do ego. Ele não vê razão, por exemplo, para informá-los daquilo que não considera pertinente a suas atividades do dia-a-dia.

(21h31.) Eu não gosto do termo “avançar;” entretanto, em seus termos, “avançar” como consciência é tornar-se cada vez mais ciente dessas outras materializações de sua própria identidade. Os eus prováveis devem adquirir consciência dos outros eus prováveis, compreendendo que todos são manifestações variadas da identidade verdadeira.

Eles não estão “perdidos,” enterrados ou anulados em algum supereu, sem livre-arbítrio, autodeterminação ou individualidade. Pelo contrário: a identidade é o que eles são, com plena liberdade de expressar todas as ações e desenvolvimentos prováveis, tanto nesta realidade como em outras que vocês não conhecem.

Enquanto estão sentados, lendo este livro neste momento de seu tempo atual, acham-se posicionados no centro de uma teia cósmica de probabilidades, que é afetada por seu mais ínfimo ato mental ou emocional.

(Pausa às 21h36.) Seus pensamentos e emoções, portanto, não se lançam apenas em todas as direções físicas, mas também em direções que são completamente invisíveis para vocês, aparecendo em dimensões que hoje vocês não entenderiam. Ora, vocês também são o receptáculo de sinais que vêm de outras probabilidades ligadas às suas próprias, mas escolhem quais dessas ações prováveis desejam tornar reais ou físicas em seu sistema, assim como outros também têm liberdade de escolha nos sistemas deles.

Vocês dão origem a idéias e recebem idéias, mas não são forçados a efetivar os atos prováveis não-realizados que lhes chegam de outros eus prováveis. Ora, existe uma atração natural entre vocês e outros eus prováveis, ligações eletromagnéticas relacionadas a propulsões simultâneas de energia. Estou falando de energia que aparece simultaneamente, tanto para vocês quanto para eus prováveis em outras realidades; ligações psíquicas relacionadas a uma reação emocional unificadora e concordante, e a uma conexão que aparece com muita força durante os sonhos.

Nesse estado, com as funções do ego aquietadas, dá-se uma comunicação considerável entre várias porções da identidade total. Em sonhos, vocês podem vislumbrar caminhos prováveis que poderiam ter seguido. Talvez pensem que isso é fantasia, mas, pelo contrário, poderão estar percebendo um quadro legítimo de eventos que realmente ocorreram dentro de outro sistema de probabilidades.

Agora podem fazer um intervalo.

(21h45. Jane ficou surpresa com a “pequena” quantidade de material transmitida. Disse que achava que “realmente voara,” com um material novo excelente. Reiniciamos às 22h.)

Agora: Um evento pode, entretanto, ser realizado por mais de um eu provável, e vocês se parecerão mais com alguns eus prováveis do que com outros. Por estarem envolvidos em uma gestalt psicológica intrincada como esta, e porque as conexões mencionadas antes realmente existem, vocês podem, em parte, beneficiar-se das habilidades e conhecimentos possuídos por essas outras porções prováveis de sua personalidade.

As conexões são responsáveis por “vazamentos” constantes. Estando conscientes do sistema provável, entretanto, vocês aprenderão a ficar alertas para o que chamaremos aqui de “impulsos intrusos benignos.” Pode parecer que esses impulsos nada tenham a ver com seus próprios interesses ou atividades correntes; eles são intrusos porque chegam rapidamente à consciência, acompanhados de uma sensação de estranheza, como se não fossem realmente seus. Muitas vezes eles podem oferecer indícios de vários tipos. Talvez vocês não saibam absolutamente nada sobre música, por exemplo, mas uma tarde, em meio a uma atividade corriqueira, de repente irão sentir o impulso de comprar um violino.

(Pausa às 22h06.) Esse impulso poderia ser indicação de que uma outra porção provável de sua identidade é talentosa com aquele instrumento. Não estou dizendo que vocês devam correr para comprar um violino, mas poderiam seguir seu impulso, desde que isso fosse razoavelmente possível: alugar um violino, procurar conhecer concertos para violino, etc.

Vocês aprenderiam muito mais rapidamente a tocar o instrumento se o impulso tivesse origem em um eu provável. Não é preciso dizer que os eus prováveis existem em seu “futuro” e também em seu passado. Não é bom ficar pensando negativamente em aspectos desagradáveis do passado que vocês conhecem, porque algumas porções do eu provável podem ainda estar envolvidas com aquele passado. A concentração pode permitir maiores “vazamentos” e uma identificação prejudicial, porque aquela parte será um antecedente que vocês terão em comum com quaisquer eus prováveis que emergiram daquela fonte em particular.

(22h12.) Ficar pensando na possibilidade de doença ou desastre é igualmente pernicioso, pois vocês estabelecem teias negativas de probabilidades que não precisam ocorrer. Teoricamente, podem alterar seu

próprio passado como vocês o conheceram, pois o tempo não está mais separado de vocês do que as probabilidades.

O passado existiu em grande número de formas. Vocês vivenciaram apenas um passado provável. Mudando esse passado em sua mente agora, em seu presente, poderão mudar não apenas a natureza dele, mas também seus efeitos, e não somente seus efeitos sobre vocês mesmos, mas também sobre outras pessoas.

Façam de conta que ocorreu um evento que muito os perturbou. Em sua mente, imaginem-no não apenas apagado, mas substituído por outro evento de natureza mais benéfica. Isso, porém, precisa ser feito com grande vivacidade e força emocional, e repetido muitas vezes. Não é uma auto-ilusão. O evento substituto será automaticamente um evento provável, que na verdade aconteceu, embora não seja o evento que vocês decidiram perceber nesse determinado passado provável.

(22h24.) Se o processo for feito corretamente, sua idéia também irá afetar, telepaticamente, as pessoas ligadas ao evento original, embora elas possam rejeitar ou aceitar sua versão.

Este não é um livro de técnicas, portanto não tratarei muito especificamente do método, fazendo apenas menção dele. Lembrem-se, no entanto, de que, de um modo extremamente legítimo, muitos eventos que não são fisicamente percebidos ou vivenciados, têm a mesma validade dos que o são, sendo igualmente reais dentro de seu próprio contexto psicológico invisível.

Em seus termos, portanto, há eventos futuros prováveis ilimitados, cujos alicerces vocês estão estabelecendo agora. A natureza dos pensamentos e sentimentos que vocês originam, e os que geralmente ou caracteristicamente recebem, estabelecem um padrão, de modo que vocês irão escolher, dentre futuros prováveis, os eventos que farão parte de sua experiência física. (*Pausa.*)

Como há vazamentos e interconexões, é possível vocês sintonizarem um “evento futuro,” digamos, de uma natureza infeliz, um evento na direção do qual vocês estão indo caso continuem em seu curso atual. Um sonho sobre ele, por exemplo, pode ser tão assustador que os faça evitar o evento e não vivenciá-lo. Caso isso aconteça, tal sonho será uma mensagem de um provável eu que passou pelo evento.

(22h30.) Também uma criança pode, em sonhos, receber comunicações de um eu futuro provável, de tal natureza que sua vida seja totalmente mudada. A identidade total está “sendo” agora. Todas as divisões são simplesmente ilusões; portanto, um eu provável pode ajudar outro, e através dessas comunicações interiores, os vários eus prováveis (em seus termos) começam a entender a natureza de sua identidade.

Ora, isto leva a outras aventuras nas quais civilizações inteiras podem estar envolvidas, pois assim como os indivíduos têm seus destinos prováveis, também os têm as civilizações, as nações e os sistemas planetários habitados. Sua terra histórica (como vocês a conhecem) desenvolveu seus muitos e diferentes caminhos, e há uma ligação inconsciente profunda que une todas essas manifestações.

À sua própria maneira, até os átomos e as moléculas retêm um conhecimento das formas pelas quais passaram, e também os indivíduos que compõem qualquer civilização retêm, profundamente dentro de si, o conhecimento interior de experimentos e provas, sucessos e fracassos em que as raças também estiveram envolvidas em outros níveis de realidade. Podem fazer um intervalo.

(22h39 – 22h55.)

Em certas realidades prováveis, o Cristianismo (como vocês o conhecem) não floresceu. Em algumas, os machos não dominaram. Em outras, a constituição da matéria física simplesmente seguiu linhas diferentes. Ora, todas essas probabilidades estão no ar que os envolve, por assim dizer, e descrevo-as tão fielmente quanto me é possível, mas preciso relacioná-las com conceitos que lhes sejam mais ou menos familiares. Até certo ponto, portanto, a “verdade” precisa ser peneirada através de seus próprios padrões conceituais a fim de que vocês a compreendam.

Basta dizer que estão cercados por outras influências e eventos. Alguns deles vocês percebem em sua realidade tridimensional, aceitando-os como reais, sem perceber que são apenas porções de outros eventos. Onde sua visão falha, vocês acham que a realidade cessa, de modo que, repito, precisam treinar-se para olhar entre-eventos, entre-objetos, dentro de vocês mesmos, quando parecem não estar fazendo nada. Observem as coisas que parecem não fazer sentido, pois em geral são indícios de eventos invisíveis maiores.

Fim do ditado.

(Seth então respondeu brevemente a algumas perguntas pessoais.)

Então, se não tiverem outras perguntas ou comentários... *(Eu balancei a cabeça.)* Pretendo terminar este capítulo quarta-feira. Minhas calorosas saudações e uma boa noite; e quando terminarmos, começarei a dar material para vocês.

(“Está bem. Muito obrigado, Seth. Boa noite.” 23h06.)

SESSÃO 567, 17 DE FEVEREIRO DE 1971,

21h14, QUARTA-FEIRA

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: Reiniciaremos o ditado.

A natureza da própria matéria não é compreendida. Vocês percebem-na a um certo “estágio.” Usando agora seus termos e falando tão simplesmente quanto possível, há outras formas de matéria além das que vocês vêem. Essas formas são muito reais e vívidas, muito “físicas” para aqueles que reagem a essa esfera específica de atividade.

Em termos de probabilidades, portanto, vocês escolhem certos atos, transformam-nos inconscientemente em eventos físicos ou objetos, e depois os percebem. Os eventos que não são escolhidos, entretanto, também se projetam nessas outras formas. Ora, aqui está envolvido o comportamento de átomos e moléculas, pois repito que eles estão presentes em seu universo apenas durante certos estágios. Sua atividade é percebida apenas dentro da extensão de determinados ritmos vibratórios. Quando, por exemplo, seus cientistas os examinam, não examinam, digamos, a natureza de um átomo. Exploram apenas as características de um átomo como ele atua ou se mostra dentro de seu sistema. Sua realidade maior escapa-lhes completamente.

(21h24.) Vocês entendem que existem espectros de luz. Da mesma forma, existem espectros de matéria. Seu sistema de realidade física não é denso em comparação com alguns outros. As dimensões que vocês dão à matéria física mal começam a sugerir as variedades de dimensões possíveis.

Alguns sistemas são muito mais pesados ou mais leves do que o seu, embora isto possa não envolver peso no sentido que lhes é familiar. Assim, ações prováveis emergem em sistemas-matéria tão incontestavelmente como em seu próprio sistema, sendo igualmente consistentes. Vocês estão acostumados a pensar em linha única, portanto pensam em eventos que conhecem como coisas ou ações completas, não entendendo que aquilo que percebem não passa de uma fração de sua total existência multidimensional.

(21h30.) Em termos mais amplos, é impossível separar um evento físico de eventos prováveis, porque todos são dimensões de uma ação. Pela mesma razão, é basicamente impossível separar o “você” que vocês conhecem dos prováveis vocês dos quais não têm consciência. Existem sempre caminhos interiores, entretanto, manobrando entre eventos prováveis; uma vez que todos eles são manifestações de um ato em seu processo de tornar-se, as dimensões entre eles são, portanto, ilusões.

O cérebro físico não pode, com muito sucesso, captar sozinho essas conexões. Às vezes a mente, que é a contraparte interior do cérebro, consegue perceber as dimensões maiores de um evento específico por meio de uma explosão súbita de intuição ou compreensão, impossível de ser descrita adequadamente no nível verbal.

(Pausa às 21h35.) Como já afirmei muitas vezes, o tempo, segundo o seu entendimento, não existe; contudo, a verdadeira natureza do tempo poderia ser compreendida se a natureza básica do átomo lhes fosse dada a conhecer. De certa forma, o átomo poderia ser comparado a um microssegundo.

Pareceria que um átomo “existe” uniformemente durante um certo período de tempo. Em vez disso, ele tem fases de entrada e saída, por assim dizer, podendo ser percebido dentro de seu sistema somente em certos pontos dessa flutuação; por causa disso, parece aos cientistas que o átomo está regularmente presente. Eles não têm consciência de qualquer solução de continuidade no que concerne ao átomo.

(21h41.) Nesses períodos de projeção não-física – períodos de “saída” ou ausência dentro dessa flutuação – os átomos “aparecem” em outro sistema de realidade. Nesse outro sistema, eles são percebidos nos pontos de “entrada” ou de presença na flutuação, e ali (no outro sistema) os átomos também (parecem) ser constantes. Há muitos desses pontos de flutuação, mas seu sistema, naturalmente, não tem consciência deles nem das ações, universos e sistemas que existem dentro deles.

Ora, o mesmo tipo de comportamento ocorre em um nível psicológico básico, profundo, secreto e inexplorado. A consciência orientada fisicamente, respondendo a uma fase da atividade do átomo, toma vida e desperta para sua existência singular, mas, entretanto, ocorrem outras flutuações, nas quais a consciência focaliza outros sistemas totalmente diferentes de realidade, cada um deles despertando e reagindo, sem ter qualquer senso de ausência, lembrando-se apenas das flutuações específicas às quais reage.

Agora podem fazer um intervalo.

(21h47 – 22h06.)

Agora: Reiniciaremos o ditado. Essas flutuações são na verdade simultâneas. Pareceria a vocês que existem lacunas entre as flutuações, e a descrição que usei é a melhor para nossos propósitos; mas os sistemas prováveis existem todos simultaneamente, e, seguindo esta explicação, o átomo está, basicamente, em todos esses outros sistemas ao mesmo tempo.

Ora, estivemos falando em termos de pulsações ou flutuações fantasticamente rápidas, tão suaves e “breves” que vocês não as notam. Entretanto, de sua perspectiva, há também flutuações “mais lentas,” “mais vastas” e “mais longas.”

(22h14.) Elas afetam sistemas de existência inteiramente diferentes de qualquer um intimamente ligado ao seu. A experiência de tais tipos de consciência está muito distante de vocês. Uma dessas flutuações pode levar vários milhares de seus anos, por exemplo. Esses vários milhares de anos seriam experienciados, digamos, como um segundo de seu tempo, sendo que os eventos que ocorrem dentro dele são percebidos simplesmente como um “período atual.”

Ora, a consciência de tais seres também conteria a consciência de um grande número de eus e sistemas prováveis, vivenciados muito vívida e claramente como presentes múltiplos. Esses presentes múltiplos podem ser alterados em qualquer um de um número real de pontos infinitos, sendo que o infinito não existe em termos de uma linha indefinida, mas em termos de inúmeras probabilidades e possíveis combinações que brotam de cada ato de consciência.

(22h25.) Esses seres, com seus múltiplos presentes, podem ou não ter consciência do sistema específico de vocês. Seu presente múltiplo pode ou não incluí-lo. Vocês podem fazer parte do presente múltiplo deles sem nem mesmo terem conhecimento disso. Em termos muito mais limitados, suas realidades prováveis são presentes múltiplos. *(Longa pausa.)* Como analogia, a imagem de um olho *(soletrado)* dentro de um olho dentro de um olho, repetida infinitamente, pode ser útil aqui. Fim do capítulo.

(Pausa às 22h29. A transmissão de Jane fora regular e fácil, não parecendo ter exigido esforço. Disse-lhe que o material era excelente. Achei que afirmações como “de certa forma, um átomo pode ser comparado a um microssegundo,” foram particularmente evocativas.

(Depois de um intervalo muito curto, Jane transmitiu várias páginas de material para nós. A sessão terminou mais ou menos às 23h25.)

17

PROBABILIDADES, A NATUREZA DE DEUS E DO MAL, E O SIMBOLISMO RELIGIOSO

SESSÃO 568, 27 DE FEVEREIRO DE 1971,

21h19, SEGUNDA-FEIRA

(Jane sentiu-se muito descontraída e sonolenta na hora da sessão, mas não quis deixar de fazê-la. Começou a falar em um ritmo mais lento do que o costumeiro.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: Ditado.

O título do capítulo é: “Probabilidades, a Natureza de Deus e do Mal, e o Simbolismo Religioso.

Os dogmas cristãos falam da Ascensão de Cristo, sugerindo, naturalmente, uma ascensão vertical ao céu, e o desenvolvimento da alma é com frequência discutida em termos de direção. Progredir é, supostamente, ascender, enquanto que o horror da punição religiosa, o inferno, é visto como o fundo de todas as coisas.

Em termos cristãos, o desenvolvimento é, portanto, considerado apenas em uma direção unilinear. Raramente, por exemplo, ela é considerada em termos horizontais. A idéia da evolução, em seu sentido popular, promulgou esta teoria, como se, através de uma progressão gradativa em uma direção única, o homem tivesse saído do macaco. (*Com humor*): Cristo poderia, da mesma forma, ter desaparecido lateralmente.

(*Pausa às 21h26.*) A realidade interior da mensagem foi transmitida de acordo com as suposições básicas do homem da época, em termos que ele pudesse entender. O desenvolvimento se abre em todas as direções. A alma não está subindo uma série de degraus, cada um representando um ponto novo e mais elevado de desenvolvimento.

Pelo contrário: a alma está no centro de si mesma, explorando, estendendo suas capacidades em todas as direções ao mesmo tempo, envolvida em questões de criatividade, todas muito legítimas. O sistema de realidade provável abre a natureza da alma para vocês. Ele deve mudar consideravelmente as idéias correntes sobre religião. Por esta razão, a natureza do bem e do mal é um ponto muito importante.

(*21h30.*) Por um lado, de um modo muito simples, mas que vocês ainda não podem compreender, o mal não existe. Entretanto, é óbvio que vocês confrontam efeitos aparentemente malignos. Ora, já se disse muitas vezes que, se existe um deus, precisa haver um demônio – ou, se existe o bem, precisa existir o mal. Isto é como dizer que, como a maçã tem um topo, precisa ter um fundo – mas sem qualquer compreensão do fato de que ambos fazem parte da mesma maçã. (*Pausa; uma de várias.*)

Voltemos à nossa questão básica: vocês criam a realidade por meio de seus sentimentos, pensamentos e ações mentais. Alguns deles são materializados fisicamente, outros são realizados em sistemas prováveis. Parece que, em qualquer ponto, vocês são introduzidos a uma série infinita de escolhas: algumas mais, ou menos, favoráveis do que outras.

Precisam entender que cada ato mental é uma realidade pela qual vocês são responsáveis. É para isso que estão neste sistema específico de realidade. Enquanto acreditarem em um demônio, por exemplo, irão criar um que seja suficientemente real para vocês e para os outros que continuarem a criá-lo.

(*21h35.*) Por causa da energia que recebe de outros, ele terá uma certa consciência própria, mas esse falso demônio não terá nenhum poder, nem realidade, para aqueles que não acreditarem em sua existência e que não lhe derem energia através de sua crença. Ele é, em outras palavras, uma alucinação superlativa. Como já mencionei, as pessoas que acreditam em um inferno e se designam para ele por meio de sua própria crença, na verdade podem vivenciá-lo, mas certamente não em termos eternos. Nenhuma alma permanece ignorante para sempre.

Ora, os que possuem tais crenças na verdade não têm uma confiança profunda na natureza da consciência, da alma e de Tudo Que É. Não se concentram no que consideram o poder do bem, mas, medrosamente, naquilo que consideram o poder do mal.

(21h40.) A alucinação é, portanto, criada pelo medo e pela restrição. A idéia do demônio é simplesmente uma projeção em massa de certo temores – em massa, porque é produzida por muitas pessoas, mas também limitada, porque sempre houve quem rejeitasse esse princípio.

Algumas religiões muito antigas entendiam a natureza alucinatória do conceito de demônio, mas mesmo no tempo dos egípcios, as idéias mais simples e mais distorcidas prevaleciam, especialmente entre as massas. De algumas formas, os homens daquela época não podiam entender o conceito de um deus sem o conceito de um demônio.

As tempestades, por exemplo, são eventos muito criativos, embora também possam causar destruição. Os homens primitivos viam apenas a destruição. Alguns, intuitivamente, compreendiam que todos os efeitos são criativos a despeito de sua aparência, mas poucos conseguiam convencer seus semelhantes.

(Pausa às 21h47.) O contraste de luz-e-trevas nos apresenta o mesmo tipo de quadro. O bem era visto como luz, pois os homens sentiam-se mais seguros durante o dia. Assim, o mal foi relacionado ao cair da noite. Dentro da distorção em massa ou coletiva, contudo, oculta sob os dogmas, sempre havia uma sugestão da criatividade básica de cada efeito.

Não existem, portanto, demônios esperando para levá-los, a menos que vocês mesmos os criem. Neste caso, o poder está em vocês e não nos demônios ilusórios. A Crucificação e a história que a acompanhou fizeram sentido dentro da realidade da época. A Crucificação surgiu no mundo da realidade física brotando de uma realidade interior da qual também brotam suas intuições e percepções mais profundas.

(21h52.) A raça, portanto, provocou os eventos que melhor iriam transmitir, em termos físicos, este conhecimento não-físico mais profundo da indestrutibilidade da alma. Este drama particular não teria feito sentido em outros sistemas com suposições básicas diferentes das suas.

Podem fazer um intervalo.

(21h54. *O transe de Jane fora bom. Sua transmissão seguiu um ritmo crescente. E, naturalmente, eu tenho visto sua reação a essas infusões de energia e vivacidade, aparentemente vindas de uma fonte que está além dela como eu a conheço. Sua transformação é mais pronunciada quando ela não se sente totalmente bem antes do início da sessão.... Reiniciamos às 22h07.*)

Agora: O simbolismo de ascensão ou queda, ou de luz e trevas, nada significaria em outras realidades com diferentes mecanismos de percepção. Embora suas religiões sejam construídas ao redor de uma semente de verdade permanente, o simbolismo usado foi habilmente selecionado pelo eu interior, de acordo com o conhecimento das suposições básicas que vocês consideram válidas no universo físico. Falando de um modo geral, outras informações também lhes serão dadas – nos sonhos, por exemplo – com o mesmo simbolismo. O próprio simbolismo, entretanto, foi simplesmente usado pelo eu interior. Ele não é inerente à realidade interior.

(22h13.) Muitos sistemas prováveis têm mecanismos perceptivos muito diferentes dos seus. Na verdade, alguns são baseados em gestalts de percepção completamente estranhas a vocês. Quase sem percebê-lo, seu ego, por exemplo, é um resultado da consciência coletiva; a consciência que mais diretamente enfrenta o mundo exterior depende da consciência minúscula que reside dentro de cada célula viva de seu corpo; e, por via de regra, vocês estão conscientes apenas de um ego – pelo menos de cada vez.

Em alguns sistemas, o “indivíduo” tem bastante consciência de possuir mais de um ego (em seus termos). Toda a organização psicológica é, de certo modo, mais rica do que a sua. Um Cristo que não tivesse consciência disto não apareceria em tal sistema. Há tipos de percepção com os quais vocês não estão familiarizados, mundos em que sua idéia de luz não existe, onde gradações quase infinitas de qualidades térmicas são absorvidas em termos de sensação, e não de luz.

(22h21.) Em qualquer desses mundos, a história de Cristo jamais poderia aparecer do modo que apareceu dentro do seu. Ora, a mesma coisa se aplica a cada uma de suas grandes religiões, embora eu tenha dito no passado que, falando de um modo geral, os budistas chegam mais perto de uma descrição da natureza da realidade. Eles, entretanto, não entenderam a validade eterna da alma em termos de sua invulnerabilidade extraordinária, nem são capazes de manter um sentimento por seu caráter singular. Mas Buda, como Cristo, interpretou o que ele quase conhecia em termos de sua própria realidade – não apenas de sua realidade física, mas também de sua realidade física provável.

(22h28.) Os métodos, os métodos secretos que estão por trás de todas as religiões, tinham o objetivo de conduzir o homem a um domínio de compreensão separado dos símbolos e histórias, de conduzi-lo a realizações interiores que o levariam tanto para dentro como para fora do mundo físico que ele conhecia. Ainda há muitos manuscritos de velhos monastérios, especialmente na Espanha, que ainda não foram descobertos e que falam de grupos secretos dentro de ordens religiosas. Tais grupos mantinham vivos esses segredos, enquanto outros monges copiavam antigos manuscritos latinos.

Havia tribos, na África e na Austrália, que nunca aprenderam a escrever, mas que também conheciam esses segredos, e homens chamados de “*Speakers*” (Oradores), que os memorizavam e espalhavam para o norte, até mesmo pelo norte da Europa, antes do tempo de Cristo.

(“*Você poderia ditar um desses manuscritos dos Speakers?*”)

É possível, mas levaria muito tempo em circunstâncias favoráveis.

(“*Bem, naturalmente gostaria de ver isso um dia.*”)

Informalmente, o trabalho poderia levar cinco anos, pois existiram várias versões, além de um grupo de líderes que ensinavam seu povo, cada um indo em uma direção diferente. Por causa desses grupos, o mundo estava muito mais maduro para o Cristianismo do que se pensa. As idéias já estavam “enterradas” em toda a Europa.

(Pausa às 22h36. “*Enterradas*” é a palavra que Seth queria aqui. Eu perguntei, para ter certeza.

(Uma nota: Seth havia mencionado os *Speakers* apenas uma vez, inesperadamente, na Sessão 558 de 5 de novembro de 1970. A parte pertinente daquela sessão, que foi realizada para amigos a fim de resolver certos problemas, aparece no Apêndice, com notas. Jane e eu achamos a idéia dos *Speakers* muito interessante. Gostaríamos de saber mais sobre o assunto, fazendo disso um projeto para o futuro.)

Muitos conceitos importantes, entretanto, foram perdidos. Dava-se ênfase a métodos práticos de vida – muito simplesmente – regras que podiam ser entendidas; as razões para elas, contudo, foram esquecidas.

Os druidas obtiveram alguns de seus conceitos com os *Speakers*. Os egípcios também. Os *Speakers* antecederam o surgimento de qualquer religião que vocês conheçam, e as religiões dos *Speakers* surgiram espontaneamente em muitas áreas espalhadas, crescendo rapidamente a partir do coração da África e da

Austrália. Mais tarde, houve um grupo separado em uma área habitada pelos astecas, embora a massa de terra fosse um tanto diferente naquela época e algumas das cavernas que serviam de habitação às vezes ficassem submersas.

(22h41.) Grandes grupos de *Speakers* continuaram através dos séculos. Como eram muito bem treinados, as mensagens deles conservaram sua autenticidade. Eles acreditavam, entretanto, que era errado colocar palavras em forma escrita, e assim, não as registravam. Também usavam símbolos terrenos naturais, mas entendiam claramente as razões disso. Os *Speakers*, individualmente, existiram em seu período da Idade da Pedra e eram líderes. Suas habilidades ajudaram os homens das cavernas a sobreviver. Naqueles dias, contudo, havia pouca comunicação física entre os vários *Speakers*, e alguns não tinham conhecimento da existência de outros.

Sua mensagem era tão “pura” e sem distorções quanto possível. Foi por esse motivo que, através dos séculos, muitos que a ouviram traduziram-na em parábolas e contos. Grandes partes das escrituras judaicas carregam traços da mensagem desses primeiros *Speakers*, mas mesmo nesse caso, as mensagens foram ocultas por distorções.

Podem fazer um intervalo.

(22h44. *Jane disse que depois de minhas perguntas, sentiu-se “voltar, e voltar e voltar,” ao falar sobre os Speakers.*

(É interessante notar aqui que um trabalho atual sobre referências bíblicas, ao tratar da história mais antiga de Israel, menciona várias vezes as “tradições orais” que precederam de muitos séculos a palavra escrita – e assim ajudaram a formá-la. Durante esse longo período oral, muitas distorções, omissões, etc., ocorreram por uma variedade de razões. Um trabalho recente mostrou que as primeiras coleções e escritos das tradições datam mais ou menos do Séc. 12 a.C. Isto, por sua vez, levou aos livros bíblicos. Reiniciamos às 23h02.)

Como a consciência forma a *matéria*, não acontecendo o contrário, podemos afirmar que o pensamento existe antes do cérebro e depois dele. Uma criança pode pensar coerentemente antes de aprender vocabulário – mas ela não pode estampar o universo físico em seus termos. Assim, este conhecimento interior sempre esteve disponível, mas deve manifestar-se fisicamente – fazer-se carne, literalmente. Os *Speakers* foram os primeiros a estampar este conhecimento interior no sistema físico, tornando-o fisicamente conhecido. Às vezes, durante vários séculos, havia apenas um ou dois *Speakers*. Outras vezes, havia muitos. Eles olhavam ao seu redor e sabiam que o mundo brotava de sua realidade interior. Diziam isso aos outros. Sabiam (*pausa*) que os objetos naturais aparentemente sólidos que os cercavam eram compostos de muitas consciências minúsculas.

Compreendiam que, a partir de sua própria criatividade, transformavam a idéia em matéria, e que a essência da matéria era, ela própria, consciente e viva. Estavam, portanto, intimamente familiarizados com a relação natural existente entre eles e seu meio-ambiente, e sabiam que podiam alterar esse ambiente por meio de seus próprios atos.

Agora vou terminar por esta noite, e continuarei a falar sobre os *Speakers* em nossa próxima sessão.

(“Ruburt ou Jane foi um Speaker?”)

Ela tinha sido.

(“E você?”)

Também fui. Havia outros dois que você conhece. O mencionado no material de classe (*na sessão 558*) e você mesmo. (*Isso foi uma surpresa para mim.*) Agora: os próprios *Speakers*, no processo de reencarnações, podem usar ou não suas habilidades em qualquer de suas vidas, e ter ou não consciência delas. Desejo-lhes uma boa noite.

(“O mesmo, Seth. Muito obrigado.”)

(Pausa.) Você deve lembrar, como um postscript, que houve milhões de *Speakers*.

(“Sim.” 23h13. Jane disse que se lembrava de Seth dizer que nós dois havíamos sido *Speakers*. Ela teve uma reação rápida, quase de descrença: “Ora, isso é muito bom.” Então, quando Seth voltou mencionando os milhões de *Speakers*, ela sentiu que era uma resposta que eliminava qualquer idéia de primazia no fato de que ambos havíamos sido *Speakers* e estávamos agora produzindo o Material de Seth.

(Depois da sessão, fiquei pensando se o próprio Material de Seth poderia ser uma versão distorcida das mensagens dos *Speakers*. Jane disse que era possível. Na verdade, ela sentia que o material dos *Speakers* era “provavelmente mais poético.”)

SESSÃO 569, 24 DE FEVEREIRO DE 1971,
21h25, QUARTA-FEIRA

Agora –

(“Boa noite, Seth.”)

Ditado: Falando de um modo geral (*sorriso*), uma vez *Speaker*, sempre um *Speaker* (em seus termos). Em algumas encarnações, as habilidades podem ser usadas com tanto vigor, que todos os outros aspectos da personalidade permanecem em segundo plano. Outras vezes, as capacidades podem ser usadas timidamente. Os *Speakers* possuem uma extraordinária vivacidade de sentimentos e projeção de pensamentos.

Suas comunicações causam grande impressão nas pessoas. Eles podem passar da realidade interior para a exterior com muita habilidade. Usam o simbolismo instintivamente. São muito criativos em um nível inconsciente, e estão sempre formando estruturas psíquicas sob a consciência normal. Essas estruturas podem ser usadas tanto neles mesmos como em outras pessoas, em sonhos e estados de transe. Muitas vezes aparecem aos outros em sonhos, ajudando-os na manipulação da realidade interior. Eles formam imagens com as quais as pessoas que estão sonhando podem relacionar-se, imagens que podem ser usadas como pontes e depois como portais para tipos de consciência mais distantes da de vocês.

(21h30.) O simbolismo dos deuses, a idéia dos deuses do Olimpo, por exemplo, o ponto de travessia no Rio Estige – esse tipo de fenômeno foi originado pelos *Speakers*. Os simbolismos e as estruturas da religião, portanto, precisavam existir não apenas no mundo físico, mas também no mundo inconsciente. Fora de sua própria estrutura, casas ou moradas não são necessárias com a finalidade que vocês conhecem, e, contudo, em transe ou encontros oníricos com outras realidades, essas estruturas aparecem com freqüência. Elas são transformações de dados em termos que possam ter um significado para vocês.

Após a morte, por exemplo, um indivíduo (ou grupos de indivíduos) pode continuar a criá-las, até perceber que as estruturas já não são necessárias. Os *Speakers*, portanto, não estavam confinados, em suas atividades, à consciência de vigília. Em todos os períodos de seu tempo, eles cumpriram seus deveres tanto no estado de vigília como no sono. Na verdade, a maioria das informações pertinentes foi memorizada por aprendizes durante sonhos, sendo transmitida da mesma forma. Esses manuscritos não-escritos, portanto, também foram ilustrados, por assim dizer, por excursões durante os sonhos ou viagens a outros tipos de realidade. Esses treinamentos ainda continuam. A estrutura psíquica ou da história pode variar. Por exemplo: imagens convencionais do Deus cristão e dos santos podem ser utilizadas pelos *Speakers* muito vividamente. É possível a pessoa que sonha, ou o sonhante, encontrar-se em um magnífico harém, ou então em um campo ou céu brilhantemente iluminado. Alguns *Speakers* limitam suas habilidades aos sonhos e, quando acordados, quase não têm consciência de suas próprias habilidades ou experiência.

(*Pausa às 21h40.*) Ora, não faz sentido chamar esses sonhos, ou os lugares que aparecem nos sonhos, de alucinações, pois eles são representações de realidades definidas, “objetivas,” que vocês ainda não podem perceber na aparência que elas têm. A religião egípcia era, em grande parte, baseada na obra dos *Speakers*, e o treinamento deles realizava-se com muito cuidado. As manifestações exteriores dadas às massas tornaram-se tão distorcidas, entretanto, que a unidade original da religião acabou se deteriorando.

Na época, contudo, eles se esforçaram para mapear a realidade interior de algumas formas que não foram tentadas a partir de então. É verdade que nos sonhos e em alguns outros níveis de existência próximos ao seu, vemos atuações individuais vigorosas na criação de imagens, sendo o simbolismo usado magnificamente; repito que tudo isso, porém, ocorre em um ambiente definido, “objetivo,” um ambiente cujas características tornam possíveis tais fenômenos: um campo de atividade, portanto, que tem suas próprias regras. Ora, os *Speakers* estão familiarizados com essas regras, e muitas vezes servem como guias. Às vezes atuam dentro de organizações, como no Egito, onde trabalhavam através dos templos, envolvendo-se com as estruturas do poder. Em geral, contudo, eles são muito mais solitários.

Devido à natureza verdadeiramente simultânea do tempo, eles estão, naturalmente, falando a todas as suas épocas ao mesmo tempo, através de suas várias manifestações. De vez em quando, também servem como mediadores, apresentando, uma à outra, duas encarnações de uma mesma personalidade, por exemplo.

Podem fazer um intervalo.

(*21h51 - 22h04.*)

Agora: As regras dentro da realidade física dizem que os objetos parecem ser estacionários e permanentes. Entretanto, as regras de outras realidades são, muitas vezes, bem diferentes. A natureza das atividades mentais seguirá linhas diversas, e não existirá “continuidade” em termos de tempo. Haverá uma organização perceptiva pelo uso de diferentes arranjos psicológicos. (*Pausa.*)

Vistos de fora, tais sistemas pareceriam sem sentido para vocês, mesmo que conseguissem percebê-los. Vocês não seriam capazes de observar os pontos centrais em que as ações ocorrem. As regras muito definidas desses sistemas lhes pareceriam obscuras.

Ora, os *Speakers* estão familiarizados com as regras de muitos sistemas. Em termos mais abrangentes, entretanto, a maioria desses sistemas está bem ligada ao tipo de realidade de vocês. Há um

número infinito de universos interiores. Somente os muito elevados, consciências gestálticas mais desenvolvidas, podem ter noção de sua totalidade. Neste contexto maior, os *Speakers* devem ser considerados locais. Existe algo como um gráfico, mapeando muitos dos sistemas de realidade próximos, e eu espero que algum dia (em seus termos) eu possa dá-los a vocês. Para que isso aconteça, Ruburt deve ser treinado com mais intensidade. Há pontos de consciência onde, em certas condições, pode-se passar de um desses sistemas para outro. Eles não precisam, é óbvio, existir separadamente no espaço como vocês o conhecem.

(22h19.) Eles são chamados de pontos de coordenação, onde uma camuflagem funde-se com outra. Alguns deles são geográficos em seu sistema, mas em todos os casos existe, preliminarmente, a necessidade de uma harmonização de consciência. Essas entradas só podem ser feitas fora do corpo. Cada indivíduo, em seus sonhos, tem acesso a informações possuídas pelos *Speakers*. Há estados adjacentes de consciência, que ocorrem dentro do padrão do sono e não podem ser percebidos por seus EEGs – “corredores” adjacentes pelos quais sua consciência viaja.

(Um EEG, ou aparelho para eletroencefalograma, traça um gráfico dos padrões das ondas cerebrais.)

Os centros mais elevados da intuição são ativados, enquanto as porções da consciência orientada fisicamente permanecem com o corpo. A porção “ausente” do eu não pode ser traçada por meio de padrões cerebrais, embora o ponto de sua partida e o ponto de seu retorno possam mostrar um padrão particular. O “tempo de ausência,” entretanto, não será detectado de jeito nenhum, e os traçados mostram apenas os padrões característicos apresentados imediatamente antes da partida.

Ora, isso acontece todas as noites, durante o sono. Duas áreas de atividade estão envolvidas: uma muito passiva e outra acentuadamente ativa. Em um estado, esta porção da consciência é passiva, recebendo informações. No próximo estágio, é ativa, participando através da ação – os conceitos que recebe são então vividamente percebidos por meio de participação e exemplos. Esta é a área mais protegida do sono. É aqui que entram as características rejuvenescedoras, e é durante este período que os *Speakers* agem como professores e guias.

(Pausa.) Esta informação é, então, muitas vezes interpretada na volta por outras camadas do eu, como a consciência do corpo e o subconsciente, onde ela se transforma em sonhos que terão significado para essas áreas do eu e onde os ensinamentos gerais, por exemplo, podem ser traduzidos em conselhos práticos a respeito de um assunto específico.

Podem fazer um intervalo.

(22h34 – 22h43.)

Agora: Há vários estágios bem definidos de sono, e todos eles realizam vários serviços para a personalidade. Há também sinais para diferentes camadas de consciência, realização e atividade. Eles são acompanhados de algumas variações físicas, havendo também variações ligadas à idade.

No próximo capítulo, falarei sobre isso com mais detalhes. Por agora, é suficiente compreender que passos específicos, alterações definidas, ocorrem quando a consciência é mudada da realidade exterior para a interior, e essas mudanças não são aleatórias; e compreender que a consciência parte para seus vários graus por um caminho muito previsível. Através das eras, os *Speakers* ensinaram aos sonhantes como atuar nesses

outros ambientes. Ensina-los como trazer de volta informações que possam ser usadas para o bem da personalidade atual. De acordo com a intenção, com o propósito atual e o desenvolvimento, um indivíduo pode ter consciência dessas viagens em vários graus. Alguns têm excelente lembrança, por exemplo, mas geralmente interpretam erroneamente suas experiências por causa de idéias conscientes.

É muito possível que um *Speaker*, dentro de seu próprio sonho, vá ajudar outro indivíduo que esteja tendo alguma dificuldade em uma realidade interior dentro do sonho. A idéia de anjos da guarda, naturalmente, tem uma forte ligação aqui. Um bom *Speaker* é tão eficiente dentro de uma realidade quanto de outra, criando estruturas psíquicas dentro da realidade física e de ambientes interiores. Muitos artistas, poetas e músicos são *Speakers*, traduzindo um mundo em termos de outro, formando estruturas psíquicas que existem em ambos – estruturas que podem ser percebidas a partir de mais de uma realidade ao mesmo tempo.

(*Pausa às 22h57.*) Fim do ditado. Agora podem terminar a sessão ou fazer perguntas, se preferirem.

(*“Você tem alguma coisa que gostaria de dizer?”*)

Não especificamente.

(*“Bem, podemos terminar, então.”*)

Minhas calorosas saudações a ambos e uma boa noite.

(*“O mesmo para você, Seth. Muito obrigado.”*)

Ruburt devia preparar alimentos de que gosta. Sim, e dar um pouco mais de importância à sua mesa. Diga-lhe para pensar na comida e sua preparação em termos criativos. Para ele, a comida vem por último. Ele come porque precisa. Faça-o pensar mais em termos de preparação criativa de alimentos agradáveis de que ele goste, dando ênfase a um velho padrão esquecido. Ele apreciará cozinhar quando pensar nesses termos.

Que ele se deixe tentar por alimentos agradáveis. Assim, não sentirá que está sendo forçado a alimentar-se. Ele gosta de batatas com molho, mas não prepara esse prato por sua causa. Ele apreciará o creme. Há padrões para serem trabalhados aqui.

Um *hobby* menor. Em circunstâncias diferentes, a cozinha poderia ser um *hobby* dele; portanto, aposte nisso. A ênfase deve ser física, como nos exercícios físicos. E agora, boa noite.

(*“Boa noite, Seth.” 23h03.*)

SESSÃO 570, 1º DE MARÇO DE 1971,

21H10, SEGUNDA-FEIRA

(*Como na última sessão, Jane começou a falar sem pressa, mas de um modo muito metódico.*)

Agora: Boa noite.

(*“Boa noite, Seth.”*)

Ditado: No estado de vigília, também existem vários estados de consciência em que vocês não se concentram e que em geral ignoram. Cada estado conhece sua própria condição e está familiarizado com um tipo diferente de realidade.

“Vocês” atualmente têm uma consciência centralizada, no sentido de que “vocês” isolam de sua experiência esses outros estágios de consciência em que outras porções de sua identidade total estão intimamente envolvidas. Esses outros estágios de consciência criam suas próprias realidades, assim como

vocês criam a sua. As realidades são, portanto, subprodutos da própria consciência. Se tivessem consciência delas, essas realidades poderiam parecer a vocês que eram outros lugares, em vez de áreas de diferentes tipos de atividades. Se investigassem essas áreas, seriam forçados a percebê-las com as suposições básicas de seu próprio sistema, traduzindo sensações de calor e conforto, por exemplo, em imagens de abrigos ou edifícios aquecidos, ou sentimentos de medo em imagens de demônios.

Às vezes, mesmo no dia-a-dia, uma personalidade pode, espontaneamente, mudar de marcha, por assim dizer, e encontrar-se, de repente, dentro de outros domínios semelhantes durante um segundo ou, talvez, alguns momentos. Nesse caso, em geral ocorre uma desorientação. Há quem, com treinamento, faça isso muito deliberadamente, mas em geral a pessoa não percebe que está interpretando essas experiências com os valores de sua consciência “familiar.”

(*Pausa às 21h23.*) Isso não é tão esotérico quanto possa parecer. Quase todo indivíduo teve experiências bizarras com a consciência e sabe, por intuição, que sua experiência maior não é limitada à realidade física. Em sua maioria, os sonhos são como cartões postais animados, trazidos de uma viagem da qual vocês quase já se esqueceram. Sua consciência já está novamente orientada para a realidade física; o sonho é uma tentativa de traduzir as experiências mais profundas em formas reconhecíveis. As imagens do sonho são também muito codificadas, constituindo sinais para eventos subjacentes basicamente indecifráveis.

Os *Speakers* ajudam vocês na formação de sonhos que são, na verdade, produções artísticas multidimensionais de um certo tipo – os sonhos existindo em mais de uma realidade, com efeitos que dissecam vários estágios de consciência reais (em seus termos) tanto para os vivos como para os mortos, e dos quais tanto vivos como mortos podem participar. É por este motivo que as inspirações e as revelações fazem, tantas vezes, parte de um sonho.

Separados do foco físico, vocês estão em uma posição melhor para ouvir os *Speakers*, para traduzir suas instruções, para praticar a criação de imagens e para serem guiados nos métodos de manutenção da saúde do corpo físico. Nas áreas mais protegidas do sono, as barreiras aparentes entre muitas camadas de realidade desaparecem. Vocês ficam conscientes, por exemplo, de algumas realidades prováveis. Escolhem quais os atos prováveis que desejam realizar em seu sistema. Realizam outros atos prováveis durante os sonhos. Fazem isso individualmente, mas também o fazem coletivamente em níveis nacional e global.

Agora vamos a um intervalo.

(*21h34. O intervalo foi um pouco cedo. Jane surpreendeu-se, pois achava que muito mais tempo se passara. Eu lhe disse que o material era muito interessante. Reiniciamos, da mesma forma deliberada, às 21h40.*)

A consciência, em diferentes níveis ou estágios, percebe diferentes tipos de eventos. A fim de perceber alguns deles, vocês precisam apenas aprender a mudar o foco de sua atenção de um nível para outro. Alterações químicas e eletromagnéticas mínimas acompanham esses estágios de consciência, além de ocorrerem certas mudanças físicas, dentro do próprio corpo, na produção de hormônios e na atividade pineal.

Em geral vocês deslizam do estado de vigília para o sono sem jamais notar as várias condições de consciência pelas quais passam; contudo, elas são várias. Primeiro, é óbvio, a consciência se volta para o interior, com vários graus de espontaneidade, afastando-se das condições físicas, das preocupações e

interesses do dia. Depois, há um nível indiferenciado entre a vigília e o sono, quando vocês agem como receptores – passivos, mas abertos, recebendo mensagens telepáticas e clarividentes com grande facilidade.

Sua consciência pode parecer flutuar. Há várias sensações físicas: às vezes lhes parece que estão ficando maiores, às vezes, que estão caindo. Ambas as sensações são características de momentos em que vocês quase se tornam conscientes desta área indiferenciada, e depois traduzem algumas de suas experiências em termos físicos. A sensação de ficar maior, por exemplo, é uma interpretação física da expansão psíquica. A sensação de queda é uma interpretação da volta súbita da consciência ao corpo.

(Pausa às 21h50.) Este período pode durar apenas alguns momentos, meia-hora, ou pode repetir-se. É um estágio de consciência amortecedor, sustentador e expansível. As sugestões feitas durante este período são muito eficazes. Após este período, pode ocorrer um estado ativo de pseudo-sonho, quando a mente se ocupa das coisas físicas que conseguiram atravessar os dois primeiros estágios.

Se elas são muito vigorosas, o indivíduo pode despertar. Este estágio é vívido, intenso, mas em geral é breve. Segue-se uma outra camada indiferenciada, desta vez marcada muito precisamente por vozes, conversas ou imagens, quando a consciência sintoniza-se mais firmemente com outras comunicações. Várias delas podem competir pela atenção da pessoa. Neste ponto, o corpo está relativamente quieto. O indivíduo seguirá um ou outro desses estímulos internos até um nível mais profundo de consciência, e transformará em sonhos leves as comunicações que está recebendo.

Em algum momento, durante esse tempo, ele entrará em uma área de sono profundamente protegida, ficando no limiar de outras camadas de realidade e de probabilidades. Neste ponto, suas experiências estarão fora de qualquer contexto de tempo (como vocês o conhecem). Ele pode vivenciar anos, embora apenas alguns minutos tenham se passado. Voltará, então, para a realidade física em uma área marcada como sono REM por seus cientistas, onde criará as produções oníricas orientadas fisicamente, colocando em uso o conhecimento que adquiriu.

(22h.) O ciclo seria então repetido. Entretanto, quase que os mesmos tipos de flutuações e estágios ocorrem quando vocês estão acordados, embora tenham menos consciência deles porque, então, o eu egotista encobre, propositadamente, essas outras áreas de experiência.

Os estágios definidos estão presentes na consciência de vigília, entretanto, e com as mesmas flutuações químicas, eletromagnéticas e hormonais. Vocês simplesmente não percebem o que sua consciência está fazendo. Não conseguem manter contato com ela durante cinco momentos completos de seu tempo. Suas dimensões podem ser percebidas apenas por pessoas suficientemente determinadas a dedicar o tempo e o esforço requeridos para viajar através de suas próprias realidades subjetivas. Contudo, intuitivamente, cada pessoa sabe que uma parte de sua experiência está sempre lhe escapando. Quando não conseguem se lembrar de um nome que deveriam saber, vocês têm, em essência, o mesmo tipo de sensação da qual estão sempre subconscientemente conscientes.

O propósito dos *Speakers* é ajudá-los a correlacionar e entender esta existência multidimensional, trazendo o mais possível dela para sua atenção consciente. Somente aprendendo a sentir ou perceber intuitivamente as profundezas de sua própria experiência, podem vocês vislumbrar a natureza de Tudo Que É. Tornando-se mais atentos à sua consciência quando ela atua na vida física, podem aprender a observá-la

quando manobram através dessas outras áreas menos familiares. As realidades prováveis são prováveis para vocês apenas porque não estão conscientes delas.

Agora podem fazer um intervalo.

(22h11. O transe de Jane fora bom. Sua transmissão esta noite, sem efeitos vocais, com apenas pausas curtas e um mínimo de gestos, foi do tipo que, parece, poderia continuar indefinidamente. Durante o intervalo, perguntei se Seth daria um título para os primeiros oito capítulos de seu livro, como começara a fazer a partir do Capítulo Nove. Reiniciamos da mesma forma às 22h26.)

Agora: Todos esses estágios de consciência fazem parte de sua própria realidade. Conhecê-los pode ser muito útil. Vocês podem aprender a “mudar de marcha,” ficar do lado de fora de sua própria experiência e examiná-la de uma perspectiva muito melhor. Podem preparar perguntas ou problemas, sugerindo que sejam resolvidos para vocês durante o sono. Podem sugerir que irão falar com amigos distantes, ou transmitir mensagens importantes que talvez não possam transmitir verbalmente. Podem, por exemplo, promover reconciliações em outra camada de realidade, embora não possam fazê-lo nesta.

Podem dirigir a cura de seu corpo, dizendo a si mesmos que isso será realizado por vocês em um dos outros níveis de consciência do sono, e podem pedir a ajuda de um *Speaker* para que ele lhes dê as orientações psicológicas necessárias que sejam importantes para manter a saúde. Se vocês têm metas conscientes específicas e estão razoavelmente certos de que elas são benéficas, podem sugerir sonhos em que elas ocorram, pois os próprios sonhos apressarão sua realidade física.

Ora, inconscientemente, vocês fazem muitas dessas coisas. Muitas vezes voltam no tempo, por assim dizer, e “revivem” um evento específico de modo a fazê-lo ter um fim diferente, ou dizem coisas que desejariam ter dito. O conhecimento de um estado de consciência pode ajudá-los em outros estados. Em um transe leve, vocês podem receber, se o pedirem, o significado dos símbolos dos sonhos. Os símbolos poderão depois ser usados como métodos de sugestão talhados para sua personalidade. Se descobrirem, digamos, que a fonte que apareceu em um sonho significava repouso, quando estiverem cansados ou deprimidos pensem em uma fonte. Em outra camada de realidade, naturalmente, estarão criando uma.

(22h35.) Nas áreas mais protegidas do sono, vocês lidam com experiências que são puro sentimento ou conhecimento, desligadas de palavras e de imagens. Como já foi mencionado, essas experiências mais tarde se traduzem em sonhos, necessitando de um retorno às áreas de consciência mais familiarizadas com dados físicos. Aqui ocorrem uma grande síntese e uma grande diversificação criativas, em que qualquer imagem específica de um sonho tem significado para várias camadas do eu – representando, em um nível, uma verdade como vocês a viveram, e em outros níveis, essa verdade como é mais especificamente aplicada a várias áreas de experiências ou problemas. Haverá uma metamorfose, portanto, de um símbolo transformando-se em muitos, e a mente consciente pode apenas perceber um caos de várias imagens oníricas, porque a organização e a unidade interiores ficam parcialmente ocultas nas outras áreas de consciência que a mente racional não pode acompanhar.

As áreas inconsciente e subconsciente, entretanto, têm uma percepção muito maior dessas informações do que o ego, pois, por via de regra, ele recebe apenas o resíduo ínfimo do material do sonho. Os

Speakers, portanto, podem aparecer dentro de sonhos como personagens históricos, como profetas, como velhos amigos de confiança, ou em qualquer disfarce que possa impressionar a personalidade.

(*Pausa.*) Na experiência original, entretanto, a verdadeira natureza do *Speaker* torna-se aparente. A produção de sonhos é um esforço tão “sofisticado” quanto a produção da vida objetiva de um determinado indivíduo. Está, simplesmente, vivendo em termos diferentes.

Bem, este é o fim do ditado, e mais ou menos o fim do capítulo, embora não exatamente.

(*Pausa.*) Não se preocupe com os títulos dos (oito primeiros) capítulos – vamos chegar a eles. Terminaremos a sessão ou responderemos a suas perguntas, se o preferir.

(*“Acho que não, Seth.”*)

Então, minhas cordiais saudações a ambos – e diga a nosso amigo Ruburt que experimente as sugestões dadas no material desta noite.

(*“Eu já pensara nisso.”*)

Três noites seguidas. E agora uma boa noite.

(*“Boa noite, Seth. Muito obrigado.”*)

Que bom que você gosta de meu livro.

(*“Eu gosto.” Terminamos às 22h45.*)

SESSÃO 571, 3 DE MARÇO DE 1971,
21h17, QUARTA-FEIRA

(*A transmissão de Seth-Jane logo fez com que eu escrevesse em um ritmo muito rápido a fim de acompanhá-los.*)

Boa noite.

(*“Boa noite, Seth.”*)

Agora: Vamos reiniciar o ditado.

(*“Está bem.”*)

Esses vários estágios de consciência e as flutuações da atividade psíquica também podem ser examinados por meio de experiência direta no estado de vigília. No próximo capítulo, permitiremos que vocês se tornem mais conscientes dessas porções sempre ativas de sua própria realidade. Fim do capítulo.

(*Seth dissera-nos, na última vez, que ele se aproximava do final deste capítulo, mas não imagináramos que ele o terminaria com uma ou duas sentenças na sessão seguinte. Nem sabíamos o motivo de ele escolher este método. Foi como se o intervalo entre sessões não existisse para ele.*)

(*Eu pretendia questioná-lo a respeito disso esta noite, mas infelizmente não o fiz. Como Jane não lê o livro, não tem a possibilidade de lembrar-me desses pontos, a menos que eu os discuta com ela, e eu também me esqueci de fazer isso.*)

VÁRIOS ESTÁGIOS DE CONSCIÊNCIA, SIMBOLISMO E FOCO MÚLTIPLO

O próximo capítulo irá chamar-se: “Vários Estágios de Consciência, Simbolismo e Foco Múltiplo.”

Dentro de sua personalidade, todas as facetas de sua consciência convergem, estejam ou não conscientes disso.

(Longa pausa; neste ponto, o ritmo ainda era lento.) A consciência pode voltar-se para muitas direções, obviamente, tanto para dentro como para fora. Vocês têm ciência das flutuações em sua consciência normal, e se prestassem um pouco mais de atenção, isso ficaria muito claro. Vocês estão constantemente ampliando ou diminuindo o âmbito de sua atenção. Às vezes, podem se concentrar em um único objeto, excluindo quase tudo o mais, e até perdendo, literalmente, consciência do aposento em que se encontram.

Vocês podem estar “conscientes” de um evento de que se lembrem, reagindo a ele com tanta intensidade, que fiquem relativamente inconscientes daquilo que se passa a seu redor. Vocês consideram essas flutuações normais. Elas não os perturbam. Quando se absorvem em um livro e ficam momentaneamente inconscientes de seu ambiente imediato, não temem que ele tenha desaparecido quando desejarem voltar-lhe sua atenção. Quando estão devaneando, não costumam preocupar-se com uma volta segura ao momento presente.

Até certo ponto, estes são pequenos exemplos da mobilidade de sua consciência e da facilidade com que pode ser usada. Estranhamente, os símbolos podem ser considerados como exemplos de sua percepção em vários níveis de consciência. Seus aspectos variáveis podem ser usados como indicadores de caminhos. O fogo, por exemplo, é um símbolo que se tornou físico, e assim, um fogo real lhes diz, obviamente, que estão percebendo a realidade com a consciência sintonizada fisicamente.

(21h33.) Um quadro mental do fogo mostra-lhes que não há nenhum outro tipo de consciência envolvido. Quando visto mentalmente, um fogo quente, mas que não destrua, obviamente significará uma outra coisa. Todos os símbolos indicam tentativas de expressar sentimentos que não podem ser expressos adequadamente pela linguagem. Os símbolos representam as infinitas variações dos sentimentos e, em vários estágios de consciência, aparecerão em termos diferentes; mas estarão sempre os acompanhando.

Há várias exceções, entretanto, em que o conhecimento puro ou o sentimento puro não tem necessidade de símbolos. Tais estágios de consciência não são freqüentes e raramente se traduzem em termos conscientes normais.

Vamos usar um determinado sentimento e acompanhar sua expressão em vários níveis de consciência. *(Pausa.)* Começemos com uma sensação de alegria. Na consciência normal, o ambiente imediato irá ser percebido de um jeito muito diferente do que seria, digamos, caso o indivíduo estivesse com depressão. A alegria transforma os próprios objetos, pois a pessoa os vê em uma luz muito mais brilhante. Ela cria os objetos com muito mais vivacidade e com maior clareza. Em uma avaliação retroativa, o ambiente parecerá então reforçar sua alegria.

(21h41.) O que ele vê, entretanto, ainda é físico: os objetos do mundo material. Imaginemos, agora, que comece a fantasiar e caia em um estado de devaneio. Vêm-lhe à mente figuras ou símbolos de objetos materiais, de pessoas ou eventos talvez do passado e também do presente, além de imaginações futuras, sendo que agora a alegria é expressa com maior liberdade mental, mas com símbolos.

A alegria se estende, por assim dizer, ao futuro, espalhando também sua luz pelo passado, e pode cobrir maiores áreas de expansão do que seria mostrado em termos físicos naquele momento. Agora, imaginem que essa pessoa, de seu devaneio, caia em transe ou adormeça. (*Longa pausa.*) Ela poderá ver imagens de alegria ou exuberância que lhe sejam profundamente simbólicas. Talvez haja pouca ligação entre elas, mas, intuitivamente, as ligações são claras. A pessoa agora entra em suas experiências mentais com muito mais profundidade do que em seu devaneio, e pode ter uma série de sonhos nos quais consiga expressar sua alegria e compartilhá-la com outros.

O indivíduo, contudo, ainda estará lidando com símbolos de orientação física. Ora, uma vez que estamos usando esta discussão para demonstrar um ponto, vamos levá-la mais longe. Ele pode formar, nos sonhos, imagens de cidades ou pessoas de natureza muito alegre, traduzir a própria emoção em símbolos que lhe pareçam pertinentes. A exuberância pode ser traduzida em imagens de animais brincando, pessoas voando, ou animais e paisagens de grande beleza. Repito que faltarão ligações lógicas, mas a ligação de todo o episódio será estabelecida por essa emoção.

(21h51.) O corpo físico é muito beneficiado todo o tempo, porque os sentimentos positivos automaticamente renovam e reabastecem sua capacidade de recuperação. A alegria agora poderá levar a imagens de Cristo, Buda, ou profetas. Esses símbolos são os cenários variáveis característicos da consciência em estágios diversos. As experiências devem ser consideradas como criações: atos criativos, inerentes à consciência em vários estágios.

Depois, surgem os estados em que os próprios símbolos começam a se apagar, tornam-se indistintos, distantes. Aqui vocês iniciam a entrar em regiões de consciência onde os símbolos se tornam cada vez menos necessários, e essa é, na verdade, uma área pouco populosa. As imagens se acendem e apagam e, finalmente, desaparecem. A consciência vai perdendo sua orientação física. Nesse estágio de consciência, a alma fica sozinha com seus próprios sentimentos, destituída de simbolismos ou representações, e começa a perceber a realidade gigantesca de seu próprio conhecimento.

Ela sente a experiência direta. Se usarmos a alegria como nosso exemplo, todos os seus símbolos e imagens mentais finalmente desaparecerão. Eles nasceram dela, e afastam-se dela, pois são apenas subprodutos e não a experiência original. A alma então começará a explorar a realidade dessa alegria em termos que mal podem ser explicados, e ao fazer isso, aprende métodos de percepção, expressão e realização que antes lhe seriam totalmente incompreensíveis.

(20h01. *O ritmo de Jane fora muito bom. Disse-lhe que achava que a sessão fora ótima.*

(*No intervalo, cada um de nós fez uma pergunta. Eu desejava certificar-me de que, até agora, o material a respeito dos Speakers tratara de seus métodos de comunicação com as pessoas, tanto no estado de vigília como em sonhos. Eu queria saber mais a respeito do treinamento dos Speakers, de quem o dirigia e de suas experiências com intuições e sonhos.*

(A pergunta de Jane surgiu de um material da sessão 560, no Capítulo Quatorze; ela queria saber o nome da terceira personalidade que formava a entidade de Cristo, que Seth havia postulado. [No Capítulo Dezoito do livro de Jane, Seth mencionou, como membros dessa entidade, Cristo, naturalmente, e João Batista.] Eu disse achar que Seth pretendia tratar desse assunto muito mais profundamente em capítulos posteriores do livro.

(Reiniciamos em ritmo mais rápido às 22h19.)

Agora: Os objetos físicos são os mais óbvios de seus símbolos e, justamente por essa razão, vocês não percebem que eles são símbolos.

Em níveis diferentes, a consciência trabalha com diferentes tipos de símbolos. Os símbolos são um método de expressar a realidade interior. Trabalhando em uma direção, a alma, usando sua consciência, expressa a realidade interior através de todos os símbolos possíveis, de um simbolismo vivo e variável. Cada símbolo é, portanto, em seu próprio nível, consciente, individual e perceptivo.

Ao fazer isso, a alma cria continuamente novas variações da realidade interior a serem exploradas. Trabalhando na direção contrária, por assim dizer, ela se despoja de todos os símbolos, de todas as representações, e usando a consciência de um modo diferente, aprende a esquadrihar sua própria experiência direta. Sem símbolos entre ela e a experiência, a alma se aperfeiçoa em um tipo de realização significativa que vocês atualmente só podem compreender simbolicamente.

Ora, esses esforços acontecem estejam vocês acordados ou dormindo. Estando conscientes destas atividades, entretanto, é possível perceberem a si mesmos em vários estágios de consciência, e às vezes, até mesmo seguir seu próprio progresso, particularmente nos sonhos. Neste ponto, seu corpo é seu símbolo mais íntimo, e, repito, o mais óbvio.

(22h23.) Vocês usam a idéia de um corpo na maioria dos estágios de consciência. Quando deixam seu corpo físico em qualquer tipo de experiência fora-do-corpo, vocês realmente o deixam em um outro corpo que é apenas ligeiramente menos físico. Este, por sua vez, “mais tarde” é descartado em benefício de outro ainda menos físico, mas a idéia da forma é um símbolo tão importante, que vocês o exibem através de toda a sua literatura religiosa e de histórias do além.

Em um certo ponto, ele vai desaparecer com os outros símbolos. Houve um tempo (usando seus termos), antes da criação de símbolos, um tempo tão divorciado de sua idéia da realidade, que apenas nas áreas mais protegidas do sono qualquer lembrança dele retorna. Parece-lhes que sem símbolos não haveria ser, mas esta é uma dedução suficientemente natural, já que vocês são tão voltados para os símbolos.

(A transmissão de Jane fora rápida desde o intervalo, e continuou assim.)

Todos esses estágios de consciência que ocorrem depois da morte lidam com símbolos, embora com muito mais liberdade e maior compreensão de seu significado. Em estágios mais elevados, porém, os símbolos já não são necessários, e a criatividade ocorre sem que eles sejam absolutamente usados.

É claro que vocês não podem perceber esse estágio de consciência agora, mas podem acompanhar o modo em que os símbolos lhes aparecem, tanto no dia-a-dia como durante os sonhos, e aprender a ligá-los aos sentimentos que representam. Vão aprender que certos símbolos lhes aparecerão em vários estágios de

consciência, podendo servir como pontos de reconhecimento em suas próprias explorações. Quando Ruburt está prestes a deixar o corpo no estado de sonho, por exemplo, ele geralmente se vê em uma casa ou apartamento estranho que oferece oportunidades de exploração.

As casas ou apartamentos serão sempre diferentes; o símbolo, contudo, é sempre uma indicação de que ele atingiu um ponto particular de consciência e está pronto para entrar em outro estado de consciência. Cada pessoa tem certos símbolos, muito individuais, que servem ao mesmo tipo de propósito. A menos que vocês façam um esforço de auto-exploração, entretanto, essas indicações simbólicas não terão nenhum sentido consciente.

(22h36.) Alguns desses símbolos acompanham vocês durante toda a vida. Em períodos de grandes mudanças, alguns símbolos que lhes são familiares mudam suas propriedades, e essa transformação pode causar-lhes uma certa desorientação. O mesmo tipo de coisa se aplica à sua vida física. Um cachorro pode ser para vocês um símbolo de alegria natural ou de liberdade, por exemplo. Após presenciarem um acidente fatal com um cão, eles poderão passar a significar algo completamente diferente.

Isto, naturalmente, é óbvio, mas o mesmo tipo de mudança do símbolo pode ocorrer dentro dos sonhos. O acidente envolvendo o cão pode até ser uma experiência onírica, que então mudará, no estado de vigília, seu sentimento simbólico consciente em relação a esse animal. Uma pessoa pode simbolizar o medo como um demônio, como um animal inamistoso, ou até como algum objeto simples, totalmente comum e inofensivo; se, porém, vocês souberem o que seus próprios símbolos significam, poderão usar esse conhecimento não apenas para interpretar seus sonhos, mas também como indicações do estado de consciência em que geralmente ocorrem.

Esses símbolos mudarão, portanto, em vários estágios de consciência. Repito que não existe uma seqüência lógica, mas a criação intuitiva mudará os símbolos mais ou menos da forma que um pintor muda suas cores.

Podem fazer um intervalo.

(22h44. *Reiniciamos no mesmo ritmo rápido às 22h58.*)

Todos os símbolos representam realidades interiores, portanto, e quando vocês jogam com os símbolos, estão jogando com essas realidades. Todos os seus movimentos externos são realizados dentro do ambiente interno, dentro de todos os ambientes internos com que estão envolvidos.

Os símbolos são partículas altamente carregadas, e isso inclui objetos físicos que possuem fortes características de atração e expansão, que representam realizações e realidades interiores que não foram percebidas por meio de conhecimento direto. (Por conhecimento direto quero dizer percepção e compreensão instantâneas, sem simbolização.)

Até os símbolos, portanto, aparecerão de modo diferente em vários estágios de consciência, alguns procurando ter estabilidade e permanência, como seus objetos físicos, seguindo os princípios das suposições básicas da realidade corpórea, e outros mudando muito mais rapidamente, como nos sonhos, sendo que os últimos são indicadores de sentimentos mais imediatos e sensíveis. Vários estágios de consciência parecem ter seus próprios ambientes onde esses símbolos aparecem, repito, como os objetos que aparecem em um ambiente físico.

Aparentemente, objetos mentais não-estáveis aparecem nos sonhos em certos níveis. Os símbolos, portanto, seguem regras em ambos os casos. Como já mencionei, o universo dos sonhos é tão “objetivo” quanto o corpóreo. Os objetos e símbolos que se encontram dentro dele são representações tão fiéis dentro dos sonhos quanto os objetos físicos o são no dia-a-dia.

A natureza do símbolo, portanto, não serve apenas como indicação de seu ambiente, mas também de seu estado de consciência dentro dele. Em um sonhar normal dentro do contexto de um sonho comum, os objetos lhes parecem muito permanentes. Vocês os tomam como uma coisa natural, pois ainda estão orientados fisicamente. Projetam sobre as imagens dos sonhos o simbolismo do tempo em que estão acordados.

(23h10.) Em outros estados de consciência onírica, entretanto, as coisas podem desaparecer repentinamente. Um edifício moderno de repente substitui uma tapera. Uma criança pode transformar-se em uma tulipa. Ora, os símbolos estão, obviamente, comportando-se de um modo diferente. Nesse ambiente, a permanência não é uma suposição básica. Não existe uma sequência lógica.

Os símbolos que se comportam desta forma podem indicar que vocês estão agora em um outro estágio de consciência e dentro de um ambiente interior totalmente diferente. As expressões de sentimentos e de experiências não estão limitadas à estrutura rígida de objetos, presas em momentos consecutivos. Os sentimentos são automaticamente transformados e expressos de uma forma nova, variável e imediata. De certo modo, o ajuste da consciência é mais rápido.

A realização não precisa esperar horas ou dias. A experiência não está presa ao contexto do tempo. Neste domínio de consciência, pode-se escrever um livro inteiro ou examinar detalhadamente os planos de uma vida. Seu tempo presente é uma de muitas dimensões que ajudam a formar esse estágio particular de consciência. Portanto, seu passado, presente e futuro existem dentro dele, mas apenas como porções do ambiente interior. Vocês precisam aprender a movimentar-se nele, pois os estados de consciência e seus ambientes espalham-se à sua própria maneira, da mesma forma que seu mundo se espalha, vamos dizer, no espaço. Não é difícil, entretanto, ter consciência de si mesmo neste estágio, fazendo auto-sugestões adequadas antes de dormir. (*Pausa.*) Fim do ditado. Temos um bom começo...

(*“Acho que é muito bom. Muito evocativo.”*)

A menos que desejem fazer perguntas, terminarei a sessão.

(*“E minha pergunta a respeito dos Speakers?”*)

Trataremos dela. (*Um pouco brincalhão*): E se houver qualquer coisa que desejem discutir comigo, não se acanhem. (*Mais alto e com mais ênfase*): Minhas cordiais saudações, e sinto que você não tenha participado de nossa aula de sensibilidade (ESP) ontem à noite.

(*“Eu também sinto, Seth, mas você sabe que eu estava ocupado. Obrigado e boa noite.”*)

(23h24. O ritmo fora rápido mais uma vez. Minha mão que o diga.)

SESSÃO 572, 8 DE MARÇO DE 1971,

21h40, SEGUNDA-FEIRA

(A sessão demorou para começar, porque precisamos sair depois do jantar. Foi bom para Jane sair de casa e conversar com outras pessoas. Ela iniciou a sessão em um ritmo adequado.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora: Reiniciaremos o ditado, e mais tarde terei algumas palavras para você.

Até certo ponto, esta transmutação do símbolo pode ser observada em vários estágios da consciência de vigília. Quando vocês estão repousando, despertos, mas com os olhos fechados, muitas vezes imagens e figuras aparecem a seu olho interno. Algumas serão materializações de aparência física, imagens de árvores, casas ou pessoas. Outras serão simplesmente formas que mudam rapidamente e parecem fundir-se umas nas outras. Por via de regra, até as imagens reconhecíveis são depressa substituídas por outras, em um caleidoscópio de formas que variam constantemente.

Pode parecer que não existe lógica nessas figuras interiores, nem qualquer ligação entre elas e o que vocês estavam pensando um momento atrás. Até certo ponto, elas parecem desligadas de vocês e parecem não ser de sua autoria. Mas, em geral, representam as características mostradas pela consciência quando está um pouco afastada dos estímulos físicos. A forma dos símbolos muda com a mudança dos estados de consciência.

(Pausa às 21h48.) As imagens que vocês vêem nestas circunstâncias representam os pensamentos e sentimentos experienciados pouco antes de fecharem os olhos, ou que se destacaram em sua mente em um momento anterior. No instante em que seus olhos se fecham, os pensamentos e sentimentos se expressam através deste simbolismo. Como as imagens não parecem ter uma ligação direta lógica com esses pensamentos e sentimentos, vocês não as reconhecem como suas, nem são capazes de ligá-las ao que elas representam.

Estou falando de um modo muito simples. *(Pausa.)* No campo da imaginação, vocês têm maior liberdade de expressar sentimentos do que na prática. Um medo específico anterior, sentido durante o dia, envolvendo, digamos, a perda de um emprego, pode, quando vocês fecham os olhos, ser traduzido em uma série de símbolos aparentemente sem qualquer relação com aquele medo específico, mas na verdade ligados a ele.

Talvez vocês vejam, em uma série rápida de imagens, um buraco profundo no chão, que poderá ser substituído por um moleque de rua, obviamente pobre e vindo de um outro século. É possível que apareça um esquife, ou uma carteira preta voando pelo ar. Talvez vocês vejam uma cena sóbria, escura, inernal. A figura de um personagem de livro antigo, esquecido há muito tempo, pode aparecer e desaparecer. No intervalo, é possível que surja um arranjo de símbolos opostos, representando sua esperança: uma flor primaveril, uma mesa cheia de comida, um traje novo, qualquer sinal de abundância que tenha significado para vocês. Em nenhum lugar entraria a idéia da possível perda do emprego. Pareceria até que vocês haviam esquecido disso.

(21h57.) Pelo uso de símbolos, entretanto, seus sentimentos teriam toda liberdade, cada imagem surgindo e desaparecendo segundo o fluxo de sentimentos que, até aqui, eram subconscientes: poças de emoções de que vocês não tinham consciência. Eles formariam essas imagens automaticamente. Por meio de reflexão, vocês poderiam ligá-las à sua origem, mas, em geral, essa ligação passa despercebida.

Se permanecessem deitados, com os olhos fechados, o simbolismo continuaria a mudar sua natureza, talvez perdendo algumas de suas características vitais e tornando-se mais intenso em outras direções. Vocês poderiam, por exemplo, ter a impressão de que estavam sentindo um cheiro particular que lhes fosse desagradável (acompanhando a situação). Por outro lado, poderiam traduzir o medo em uma sensação física assustadora, e, de repente, sentir que estavam caindo ou que algo desagradável os estava tocando.

Essas características variáveis dos símbolos devem alertá-los para o estado alterado de sua consciência. Se, neste ponto, tornassem a adormecer, provavelmente fabricariam dois ou três sonhos simbolizando o medo, sonhos nos quais vocês considerariam e experimentariam soluções possíveis dentro de seu contexto. Naturalmente, a situação no trabalho talvez nunca aparecesse como tal dentro de qualquer desses sonhos.

Ainda assim, para o inconsciente, o problema foi estabelecido e apresentado. Nas áreas seguintes do sono, profundas e protegidas, os centros superiores do eu interior têm permissão para funcionar e auxiliar a porção de sua personalidade orientada para a terceira dimensão. Este eu mais liberado vê a situação com muito mais clareza, sugere uma determinada linha de ação (mas não a ordena) e informa o eu sonhante. O eu sonhante, então, fabrica um grupo de sonhos em que a solução é fornecida dentro de uma situação simbólica.

(22h11.) A interpretação final e mais específica é feita nas áreas do sonho mais próximas do eu desperto, quando os símbolos se tornam cada vez mais específicos. Existe um aspecto muito mais estreito no simbolismo, portanto: quanto mais vocês se aproximam da vigília, mais limitado e estreito é o símbolo. Quanto mais acessível em uma determinada circunstância física, menos valioso é como símbolo característico da vida do dia-a-dia.

Até certo ponto, quanto mais preciso é um símbolo, menos significado pode conter. No trabalho mais importante realizado durante os sonhos nos períodos profundos e protegidos do sono, os símbolos são suficientemente poderosos e, ainda, suficientemente condensados para poderem ser divididos e usados como conectivos em uma série de sonhos aparentemente sem relação. Eles retêm sua força original apesar de aparecerem em diferentes formas, e tornam-se cada vez mais específicos em cada camada sucessiva de sonho.

Agora: Sua consciência flutua até no dia-a-dia, e se adquirirem o hábito de observar, mas não de interpretar, o estado de sua mente, poderão surpreender-se “simbolizando” nas diferentes maneiras mencionadas. Cada evento físico em que se envolvem é arquivado em sua psique como um grupo definido de símbolos. Esses símbolos não representam a experiência – eles contêm a experiência. Representam seu banco pessoal de símbolos no que concerne à sua vida atual.

(Pausa às 22h20.) Existe uma grande unidade entre seus símbolos diurnos e os símbolos que aparecem em seus sonhos. Em uma estenografia miraculosa, muitos símbolos contêm, obviamente, a carga de mais de uma experiência; assim, um símbolo não evoca apenas uma determinada experiência, mas também experiências do mesmo tipo. A associação pessoal, portanto, está muito envolvida com seu banco pessoal de símbolos e atua nos sonhos precisamente como na vida diurna – só que com maior liberdade, e recorrendo ao futuro (em seus termos), assim como ao passado.

Para vocês, portanto, há mais utilidade no simbolismo dos sonhos, pois vocês estão conscientes de símbolos passados e futuros. Eles variam de intensidade e, em geral, se agrupam. Esses símbolos

multidimensionais aparecerão de muitas formas, não apenas visualmente. Eles não afetarão apenas sua realidade física, mas todas as realidades nas quais vocês estão envolvidos. De certa forma, os símbolos que vocês conhecem são apenas uma ponta dos símbolos maiores.

Podem fazer um intervalo.

(22h28. O transe de Jane foi profundo. Ela estava muito descontraída e comentou que em geral não sabia se mantinha os olhos abertos ou fechados durante os transes. Eu disse-lhe que quase sempre ela olhava diretamente para o quer que fosse que Seth estivesse tratando, e que usava uma extensão de movimentos físicos e de efeitos de voz que podia variar consideravelmente. Reiniciamos às 22h43.)

Agora: Reiniciemos o ditado. Quando me referi a seu banco pessoal de símbolos, quis especificar que esse banco foi seu desde o dia de seu nascimento, e até mesmo antes. Ele continha os símbolos de suas existências passadas, em seus termos (e, em seus termos, vocês acrescentam-lhe esta vida). Este banco de símbolos, contudo, precisa ser ativado. Por exemplo: vocês têm imagens visuais quando nascem, imagens visuais internas, símbolos que são ativados no momento em que abrem os olhos pela primeira vez. Elas servem como mecanismos de aprendizado. Vocês continuam tentando utilizar seus olhos adequadamente até que as imagens exteriores se igualem aos padrões interiores. Isto é extremamente importante, mas não é compreendido por seus cientistas.

A abertura dos olhos ativa os mecanismos interiores. Se houver algo errado com os olhos, se a pessoa for cega, por exemplo, este mecanismo particular não é ativado nesse momento. A personalidade pode ter escolhido nascer cega por suas próprias razões. Se essas razões mudarem, ou se o desenvolvimento interior ocorrer, *(pausa)* então os olhos físicos serão curados e o mecanismo interno, ativado. Há inumeráveis variações de comportamento ao longo dessas linhas. Os bancos internos de símbolos, contudo, operam como uma conta corrente, que permanece inativa a menos que vocês resolvam usá-la. Como mencionei anteriormente neste livro, vocês pensam antes de aprender a falar, mas já têm, na ponta de seus dedos psíquicos, experiências passadas de outras vidas para guiá-los.

(Pausa às 22h49.) As pessoas que nascem com a mesma nacionalidade duas vezes seguidas, aprendem a falar muito mais rapidamente na segunda vez. Algumas crianças pensam na língua de uma vida passada antes de aprenderem a nova língua. Tudo isto está ligado ao uso de símbolos.

O próprio som é um símbolo. Vocês compreendem que, de um determinado ponto de silêncio, o som se inicia e vai aumentando. O que vocês não entendem é que, a partir desse ponto determinado de silêncio, que é seu ponto de não-percepção, também se iniciam sons que vão se aprofundando cada vez mais no silêncio, mas que, mesmo assim, têm significado e tanta variedade quanto os sons que vocês conhecem; eles também são símbolos. O pensamento não expresso tem um “som” que vocês não ouvem, mas que é muito audível em outro nível de realidade e percepção.

(23h.) As árvores também são um som que vocês, repito, não percebem. Em seus sonhos, e especialmente além desses sonhos de que vocês se lembram, existem áreas de consciência onde esses sons são automaticamente percebidos e traduzidos em imagens visuais. Eles atuam como um tipo de taquigrafia. A partir de certos sons, vocês poderiam recriar seu universo como o conhecem inconscientemente, e qualquer

símbolo multidimensional pode conter toda a realidade que lhes é conhecida. Fim do ditado. *(Pausa.)* Agora, alguns comentários.

(Recebemos mais ou menos uma página de informações pessoais. Terminamos às 23h06.)

SESSÃO 573, 10 DE MARÇO DE 1971,
21h37, QUARTA-FEIRA

(A sessão foi presenciada por Patty Middleton, que veio quarta-feira de Ottawa, no Canadá, para participar da aula de ESP de Jane aqui em Elmira.. Conhecemos Patty em Filadélfia, na Pensilvânia, em setembro de 1970, quando estávamos divulgando o livro de Jane, The Seth Material.

(Hoje Patty conversou com Jane a respeito de seu trabalho sobre condicionamento operante; como, com uma técnica simples, semelhante à Ioga, monitorada por um eletroencefalograma, ela aprendera a “ligar” suas ondas cerebrais Alfa. Isso fez com que alcançasse um certo estado de consciência descontraída, em que as percepções e os sentimentos são mantidos em um equilíbrio ideal.

(Patty contou com entusiasmo que o material de Seth sobre os vários estágios de consciência, nas sessões 569 e 570 do Capítulo Dezessete, corroboravam os estudos que ela vem fazendo. Além disso, seus comentários e informações estavam tão de acordo com este capítulo atual, que eu comecei a imaginar se algo mais do que uma simples coincidência levava-a a visitar-nos neste momento. Nós não estávamos nos correspondendo com ela.

(Observação: Patty leu os últimos capítulos do livro de Seth, mas Jane não o fez. As duas, entretanto, discutiram o material.

Agora.

(“Boa noite, Seth.”)

(Para Patty, com humor): Eu acho que sua imitação de minha voz não foi muito boa. Certamente eu não tenho uma voz tão ruim assim....Quero fazer alguns comentários.

Agora: O estado Alfa é um portal, um estado preliminar entre as porções da personalidade orientadas fisicamente e o eu interior. Ruburt muitas vezes entra, através desse estado, em estados mais profundos, mas não está muito familiarizada com ele.

Quando Ruburt deixa o corpo, em geral faz a mesma coisa, quase não parando no limiar do estado Alfa, mas usando-o como ponto de partida.

Desejo continuar ditando, embora eu possa fazer alguns comentários mais tarde; portanto, esperem um pouco.

(Pausa às 21h42.) Agora: Fisicamente, o cheiro, a visão e o som se combinam para dar-lhes os principais dados sensoriais e compor seus sentidos físicos. Em outros níveis, entretanto, eles são separados. Assim, os odores têm uma realidade visual, e, como sabem, dados visuais também podem ser percebidos em termos de outras percepções sensoriais. Os símbolos podem aparecer juntos ou separados, ser percebidos separadamente ou como uma unidade. Uma vez que cada evento tem para vocês seu próprio símbolo, vocês têm um modo característico de combiná-los. Esses símbolos podem ser traduzidos e percebidos em muitos

termos, como uma série de notas, por exemplo, como uma combinação de sentidos, como uma série de imagens. Em estágios diferentes de consciência vocês perceberão os símbolos em termos diferentes. O símbolo multidimensional, em sua totalidade, tem uma realidade não só em outros estados de consciência, mas também em outros níveis de realidade.

(21h45.) Vocês agem como se seus pensamentos fossem secretos, embora já devam saber que não o são. Seus pensamentos não se tornam aparentes apenas pela telepatia, por exemplo, mas, sem que vocês o percebam conscientemente, eles também formam o que poderiam chamar de pseudoimagens “abaixo” do nível da matéria física como vocês a percebem normalmente em alguns casos, ou “acima” desse mesmo nível.

É, portanto, como se seus pensamentos aparecessem na forma de objetos dentro de outras realidades: vivos e vitais em si mesmos, crescendo em outros sistemas, como as flores ou as árvores crescem, aparentemente do nada, dentro da realidade física. Podem, então, ser usados como matéria prima, por assim dizer, em alguns outros sistemas. Eles são “dados naturais”, a matéria prima da criatividade nas realidades que vocês ajudam a semear, mas não percebem.

Seus pensamentos, nesta linha de raciocínio, seguem leis. O comportamento deles segue leis, e também suas atividades, que vocês não compreendem, embora chamem seus pensamentos de “seus”. Eles são depois manipulados, independentemente de vocês, por outros tipos de consciência, como fenômenos naturais variáveis. A consciência nativa desses sistemas não sabe da origem de tais fenômenos nem da realidade de vocês. E como a maioria das pessoas, toma como realidade a evidência que aparece para seus sentidos. Não lhes ocorreria que tal fenômeno teve origem fora de seu próprio sistema.

Se eu devesse afirmar a mesma coisa, por exemplo, a qualquer de meus leitores, seria acusado de dizer que a realidade física é composta dos refugos do universo.

Não estou dizendo isso, nem sugerindo isso no caso que acabo de mencionar. Em seu sistema, vocês têm um papel direto na formação da realidade física. Os dados que recebem, naturalmente resultam de pensamentos, sentimentos e emoções individuais e coletivos materializados. Seu sistema, neste particular, é mais criativo do que os sistemas que acabo de mencionar. Por outro lado, dentro desses outros sistemas há uma consciência de grupo forte e inovadora se desenvolvendo, na qual a identidade é mantida, mas onde se permite um jogo interior maior entre indivíduos, um grande intercâmbio criativo de símbolos, com mais facilidade de acesso a símbolos mentais e psíquicos. Devido a isso, esses indivíduos reconhecem mais claramente a ligação entre imagens criativas e dados sensoriais. Eles alteram e modificam propositadamente os dados e fazem experiências com eles.

(Pausa às 22h.) Tudo isso envolve um trabalho muito íntimo com símbolos. Em certos níveis de sua personalidade, vocês têm consciência de todas as maneiras diferentes em que os símbolos são usados, não apenas em seu sistema, mas também em outros. Como foi mencionado anteriormente, nenhum sistema de realidade é fechado. Seus pensamentos, imagens e sentimentos, portanto, alteram dados sensoriais em outros sistemas.

Os padrões inovadores desenvolvidos nesses sistemas, contudo, podem ser, até certo ponto, percebidos dentro do seu. Há vazamentos constantes. Em seus vários estágios de consciência, vocês atravessam áreas que podem ser correlacionadas com muitos desses sistemas. Alguns estágios que vocês

atravessam são estágios naturais para outros tipos de consciência, e, ao atravessarem-nos, vocês se encontrarão usando símbolos da forma que é característica daquele nível.

Agora pode fazer um intervalo e descansar os dedos. (*Para Patty*): E se você tiver um pensamento bonito, poderá fazer com que uma flor cresça aí (*na sala*) em algum lugar.

(22h03. *O transe de Jane foi bom, com um ritmo rápido e a voz tranqüila. Durante o intervalo, enquanto nós três tentávamos estados Alfa, Jane de repente se encontrou projetando.*

(*Em uma propriedade perto de nosso apartamento, havia uma pereira magnífica, com uma altura de mais de dois andares. Costumávamos admirá-la da janela de nossa sala. No ano passado, o dono da casa vizinha mandou cortar a árvore para fazer um estacionamento. Jane disse que parecia ter usado o estado Alfa como base para uma projeção no passado e nessa árvore; encontrou-se, por um momento, entre as folhas da árvore, olhando para fora....*)

(*Reiniciamos às 22h24.*)

Agora: Os símbolos devem ser fluidos, variando sempre de forma. Alguns podem ser usados como arcabouços, abrigando experiências originais, como métodos enganosos, portanto, e não de iluminação. Quando isso acontece, o medo está sempre presente.

O medo, levado a variados estágios de consciência, atua como uma lente de distorção, escondendo as dimensões naturais de todos os símbolos, agindo como barreira e impedimento ao fluxo livre. Os símbolos de natureza explosiva servem como agentes liberadores, soltando aquilo que foi preso. Sem tempestades físicas, vocês enlouqueceriam.

A natureza agressiva dos símbolos é pouco compreendida, assim como a relação entre a agressão e a criatividade. Elas estão longe de ser características opostas, e sem um impulso agressivo, os símbolos não teriam sua alta mobilidade. Eles existiriam em um tipo permanente de ambiente.

Tanto o aspecto criativo quanto o aspecto agressivo da consciência permitem-lhes usar símbolos e mover-se por vários níveis de experiência, o mesmo acontecendo com a natureza agressiva do pensamento que, a despeito do conhecimento que vocês tenham, impele a consciência para realidades que vocês não compreendem.

Por trás dos símbolos do nascimento estão a agressividade e a passividade, pois ambas são necessárias. Elas encontram-se, igualmente, na base dos símbolos da morte, embora isso não seja compreendido. A inércia acontece quando a agressividade e a criatividade não estão na proporção adequada, quando a consciência pende demais em uma ou outra direção, quando o fluxo de símbolos é rápido ou lento demais para o ambiente psicológico que vocês habitam.

(22h32.) Aí ocorrem pausas. Falando da maneira mais simples possível, há um momento quase inconcebível no qual ocorre uma não-realidade, quando um símbolo é apanhado entre o movimento e o não-movimento, um tempo de incerteza. Isso, naturalmente, é traduzido e refletido de muitas formas. Nesses períodos, certos símbolos podem ser perdidos para toda intenção e propósito, abandonando a experiência da pessoa e deixando lacunas de inércia.

Essas lacunas existem, literalmente, em vários sistemas. Vocês as encontram em muitos níveis. Podem vivenciar um estado de consciência, por exemplo, no qual nada pareça acontecer, não ocorrendo

nenhum panorama psicológico nem símbolos reconhecíveis. Elas existem não apenas psicológica ou psiquicamente, mas como áreas vazias em termos de espaço. Os espaços podem finalmente ser preenchidos com novos símbolos. Se vocês forem suficientemente perceptivos, poderão às vezes se deparar com tais estados de realidade em que nada aparece e onde não se vê nenhum sinal de consciência além da sua própria.

Esses pontos vazios podem ser semeados com novos símbolos, e muitas vezes são usados como canais por onde se inserem novas idéias e invenções criativas. Tais lacunas são reconhecidas por outros, portanto, e vistas como espaços escuros. Elas também representam áreas de não-resistência para os que estão sondando mentalmente realidades interiores. Representam áreas desobstruídas e também canais abertos, inativos por si mesmos, mas em espera passiva. Alguns símbolos também esperam, passivamente, ser ativados.

Eles representam experiências futuras (em seus termos) que, atualmente, estão latentes. Vemos então que os pontos vazios de inércia são, de certa forma, criativos, uma vez que esses outros símbolos podem surgir dentro deles.

Agora pode fazer um intervalo e depois retornaremos.

(22h43. O ritmo de Jane fora rápido a maior parte do tempo. Minha mão começava a render-se. Reiniciamos às 23h12.)

Agora: Terminaremos o ditado. Espere um pouco. *(Pausa.)*

O nível Alfa não é diferenciado. A energia ali pode ser usada do modo que vocês desejarem. Ele é o manancial ou receptáculo em que as reservas de energia são armazenadas, ficando entre o eu mais interior e o exterior. Para essa área se dirigem os sinais e presságios dos níveis mais profundos da personalidade.

Por ser tão localizada, tem também um uso específico na manipulação do organismo físico. Como vocês estão aprendendo, a espontaneidade é extremamente importante aqui. Sua intenção antes de entrar no estado alfa determina, em grande parte, o tipo de experiência que vocês terão, focalizando automaticamente sua atenção nas áreas especificadas.

Também é bom mergulhar nessas áreas sem qualquer propósito determinado, pois aí, qualquer informação necessária que vocês precisem, sem ter consciência disso, torna-se disponível. Quando aprenderem a explorar esta região, poderão usá-la como plataforma de lançamento para outras atividades. Ao fazer isso, deixarão seu corpo físico em boas mãos.

Quando sua consciência abandona o corpo, o estado Alfa o mantém em boas condições para vocês. Naturalmente, ele faz isso em qualquer caso. A resposta a vidas passadas, entretanto, fica em um nível mais profundo. Vocês podem “fiscá-la” a partir do estado Alfa, se preferirem.

(Patty: “Descobrirei a mim mesma apenas experimentando esses vários estados?”)

(Sorriso): Você sabe que sim, ou não teria feito essa pergunta.

(Patty: “Essa foi uma boa resposta.”)

(Seguiram-se mais umas duas páginas de material para Patty. Depois disso, com minha mão direita praticamente dormente, deixei de lado meu caderno e uni-me a Patty e Seth em uma discussão improvisada. A energia e a vitalidade de Seth pareciam inexauríveis – seu ritmo até se acelerou. A sessão terminou depois das 23h37. Estávamos todos muito cansados.)

PRESENTES ALTERNADOS E FOCO MÚLTIPLO

SESSÃO 574, 12 DE MARÇO DE 1971

21h26, QUARTA-FEIRA `

(Não houve sessão segunda-feira, pois Jane precisava de um descanso. Ela estava com muito sono e descansou antes da sessão desta noite, mas não quis deixar de realizá-la. Depois de começar a falar por Seth, entretanto, pareceu bem ativa e sua voz tornou-se muito clara e precisa, um pouco alta.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: Reiniciaremos o ditado com nosso próximo capítulo que se chamará “Presentes Alternados e Foco Múltiplo.”

Vamos partir da consciência normal de vigília que vocês conhecem. Um passo além dela existe um outro nível de consciência para o qual todos vocês escorregam sem saber. Vamos chamá-lo de “A-1.” É adjacente à sua consciência normal, dela separado apenas ligeiramente; neste estado podem surgir efeitos muito definidos que não aparecem em seu estado usual.

Neste nível, muitas habilidades podem ser usadas, e o momento presente pode ser vivenciado de várias formas diferentes, tomando por base os dados físicos com os quais vocês já estão familiarizados. Em seu estado normal, vocês vêem o corpo. No A-1, sua consciência pode entrar no corpo de outra pessoa e curá-la. Da mesma forma, vocês podem perceber o estado de sua própria imagem física. Podem, de acordo com suas habilidades, manipular conscientemente a matéria a partir de seu interior, com lucidez e precaução.

A-1 pode ser usado como uma plataforma lateral, por assim dizer, de onde é possível enxergar os eventos físicos de um ponto de vista mais claro. Usando-o, vocês ficam momentaneamente livres das pressões corporais e, com essa liberdade, podem mover-se para liberá-las. Os problemas que parecem não ter solução podem muitas vezes, mas não sempre, ser resolvidos. As sugestões feitas são muito mais eficazes. É mais fácil formar imagens e elas têm uma mobilidade maior. A-1 é, portanto, um pequeno afastamento lateral, mas é um nível importante.

(Pausa às 21h33. Jane já descobrira que tem habilidades muito boas quando usa A-1 como uma “plataforma lateral.” Esse método é natural para ela, que assim o descreve: “Logo ao lado de minha face direita fica esta pequena figura, este eu pequenininho que eu posso enviar a lugares e com o qual posso fazer algumas coisas.” Quando lhe é pedido, ela consegue entrar no corpo das pessoas com este eu minúsculo para verificar doenças, suas causas, etc. Tentando minha própria versão desta técnica, consegui entrar no joelho de Jane, por exemplo.

(O interesse de Jane por essas possibilidades começou a crescer depois que eu lhe descrevi a sessão 570 do Capítulo Dezesete – lembremo-nos de que Seth sugeriu que eu fizesse isso – e meu progresso foi acelerado pela visita de Patty Middleton na semana passada, com suas informações sobre estados Alfa.)

Agora: A-1 pode ser usado como o primeiro de uma série de passos que levam a estados de consciência “mais profundos.” Pode também ser usado como o primeiro de uma série de passos adjacentes. Cada uma das camadas mais profundas de consciência também pode ser usada como o primeiro passo rumo a outros níveis próximos. É simples entrar no A-1. Quando ouvem músicas que apreciam, quando se ocupam de algo agradável e tranquilo, podem perceber esta sensação diferente, às vezes indicada por características físicas particulares. Vocês podem tamborilar os dedos de uma certa forma, fazer um determinado gesto ou olhar sonhadoramente para a esquerda ou para a direita.

Todas essas indicações físicas podem ajudá-los a distinguir este estado de consciência do estado predominante usual. Precisam apenas aprender a reconhecê-lo, a mantê-lo, começando então a fazer experiências com ele. Como via de regra, esse estado ainda é orientado fisicamente, no sentido de que as habilidades são em geral dirigidas para a percepção interior e a manipulação da matéria ou ambiente físico. Vocês podem assim perceber o momento presente de uma variedade de pontos de vista singulares que, em geral, não se encontram disponíveis.

Podem perceber a realidade do momento como ela existe para seu intestino, ou sua mão; e, com prática, perceber a paz e a agitação interiores que coexistem dentro de seu corpo físico. Isso provoca um grande sentimento de apreço e deslumbramento, uma sensação de unidade com o material corpóreo vivo do qual vocês são compostos fisicamente. Com prática, podem tornar-se tão intuitivamente conscientes de seu ambiente físico interno como [de] seu ambiente físico externo.

(Pausa às 21h43.) Com mais prática ainda, o conteúdo de sua própria mente irá ficar disponível com a mesma rapidez. Vocês verão seus pensamentos com a mesma clareza com que verão seus órgãos. Neste caso, talvez os percebam simbolicamente, através de símbolos que irão reconhecer; É possível que vejam pensamentos confusos, por exemplo, como ervas daninhas que poderão simplesmente descartar.

Podem pedir que o teor de seu pensamento seja traduzido em uma imagem intensa, que represente simbolicamente pensamentos individuais e o panorama mental completo, quando então é possível tirar aquilo de que não gostam e substituir por imagens mais positivas. Isto não significa que esse panorama interno precise sempre ser completamente ensolarado, mas significa que deve ser bem equilibrado.

Um panorama interior escuro e muito sombrio deve alertá-los para que vocês comecem imediatamente a mudá-lo. Nenhuma dessas realizações está além do alcance de meus leitores, embora alguns possam achar que determinada ação é mais difícil do que outra. Vocês também precisam entender que eu estou falando em termos práticos. Podem corrigir uma condição física, por exemplo, da forma que acabei de indicar. Nesse caso, examinando o panorama interior dos pensamentos, descobririam a fonte que inicialmente provocou o mal físico. *(Pausa.)*

Os sentimentos podem ser examinados do mesmo modo. Eles aparecerão diferentemente, com muito mais mobilidade. Os pensamentos, por exemplo, podem aparecer como estruturas fixas, como flores ou árvores, casas ou paisagens. Os sentimentos aparecerão com mais frequência na mobilidade variável da água,

do vento, do tempo, dos céus e das cores. Qualquer mal físico, portanto, pode ser percebido e descoberto neste estado, olhando-se para dentro do corpo; depois, mudando o que vocês vêem, podem descobrir-se entrando no próprio corpo ou no corpo de outra pessoa, como uma miniatura muito pequena, ou um ponto de luz, ou simplesmente sem qualquer substância, mas ainda, consciente do ambiente interior do corpo.

(21h54.) Vocês mudam o que precisa ser mudado, de qualquer maneira que lhes ocorra – dirigindo então a energia do corpo naquela direção, entrando na carne e unindo certas porções que precisam desse ajuste, manipulando áreas da espinha. Depois, desta plataforma adjacente da consciência A-1, percebem seus próprios padrões mentais de pensamento ou os da outra pessoa, fazendo isso de qualquer forma que lhes seja característica.

Podem perceber os padrões de pensamento como sentenças em rápidos lampejos, ou como palavras em sua mente ou na outra mente, ou ainda como letras negras formando palavras. Talvez ouçam as palavras e pensamentos sendo expressos, ou vejam o “panorama” mencionado antes, onde os pensamentos formam um quadro simbólico.

Isso lhes mostrará como os pensamentos causaram a doença física, e quais os envolvidos. A mesma coisa deve então ser feita com o padrão de pensamentos, que pode ser percebido como explosões de cores escuras ou claras em movimento, ou simplesmente como uma forte emoção específica. Se for muito vigorosa, a emoção pode ser sentida em muitas dessas formas. No caso de pensamentos e também de emoções, vocês irão, com grande confiança, arrancar as que estiverem ligadas à doença. Deste modo, vocês fizeram ajustes em três níveis.

A-1 pode também ser uma grande moldura para a criatividade, a concentração, o estudo, o descanso e a meditação. Vocês podem desenvolver sua própria imagem deste estado, o que irá ajudá-los, imaginando-o como um aposento, uma paisagem ou plataforma agradável. Vão descobrir, espontaneamente, seu próprio símbolo para este estado.

Podem fazer um intervalo.

(22h02. O transe de Jane fora profundo, e minha mão era testemunha da transmissão rápida. Apesar de estar com sono antes da sessão, ela disse que “ouvira Seth com a clareza de um sino.” Na verdade, Jane falara com uma clareza maior do que de costume. Também tivera consciência do que Seth estava dizendo, o que geralmente não acontece.

(Este material foi mais um exemplo de como Seth desenvolve uma idéia de modo original. No início imaginei se o A-1 simplesmente repetiria as informações sobre o estado Alfa que nos foram dadas por Patty Middleton, mas logo se tornou evidente que ele estava usando o estado Alfa simplesmente como ponto de partida. Seth estava muito além dele.

(Reiniciamos no mesmo ritmo rápido às 22h21.)

Agora: Este estado pode também ser usado como um passo para o próximo estado de consciência, levando a um transe mais profundo, mas ainda relacionado ao sistema de realidade que vocês compreendem.

Ou pode ser usado como passo para um nível adjacente de consciência, dois passos além, portanto, do nível da realidade normal. Neste caso, não os levará a um exame e a uma percepção mais profunda do

momento presente, mas sim a uma consciência e a um reconhecimento do que chamarei de momentos presentes alternados.

Vocês estarão dando passos fora do presente que conhecem, o que os levará à exploração de probabilidades, mencionada anteriormente neste livro. Este estado pode ser extremamente vantajoso quando estiverem tentando resolver problemas referentes a providências e decisões que irão afetar o futuro – a quaisquer questões, na verdade, em que importantes decisões para o futuro precisem ser tomadas. Neste estado, vocês podem tentar várias decisões alternativas e alguns prováveis resultados, não apenas por meio da imaginação, mas em termos muito práticos. (*Pausa.*)

Essas probabilidades são realidades, independentemente das decisões que vocês tomem. Digamos, por exemplo, que tenham três escolhas e que seja importante se decidirem por uma. Usando este estado, escolhem a primeira. O presente alternativo é o momento em que vocês fazem essa escolha. Feita a escolha, o presente é mudado e vocês percebem, com muita clareza, o modo exato em que ele é mudado e que ações e eventos resultarão dessa mudança no futuro que pertence a esse presente alternado específico.

(22h30.) Vocês fazem o mesmo com as outras escolhas, sempre a partir da estrutura desse estado de consciência. Os métodos usados em cada caso são os mesmos. Vocês tomam a decisão, tornando-se então conscientes, seja qual for a escolha feita, de seus efeitos físicos em seu corpo. Entram no corpo da forma que expliquei anteriormente para cura. Com grande sensibilidade, conseguem ver os efeitos físicos que a decisão trará – se o estado do corpo permanecerá o mesmo, se haverá uma grande sensação de saúde, ou se será o início de grandes dificuldades.

Da mesma forma, vocês exploram os aspectos mental e emocional, depois voltam sua atenção “para fora,” para o ambiente resultante desse presente alternado. Em sua mente, surgirão eventos que vocês poderão vivenciar com muita intensidade, ou simplesmente visualizar. Eles podem tornar-se tão vívidos que vocês se esqueçam de si momentaneamente, mas mantendo seu contato com este nível de consciência, isso raramente acontecerá. Por via de regra, vocês permanecem muito conscientes do que estão fazendo.

Dependendo da situação, vocês podem usar o mesmo procedimento para descobrir o efeito da decisão sobre outras pessoas. Podem então retornar à consciência normal, passando pelo estado A-1 que usaram como preliminar. Após um período de descanso, voltem e repitam o processo com a segunda decisão, e depois com a terceira, usando o mesmo método. Então, naturalmente em seu estado normal de consciência, tomem a decisão que desejarem, baseando-se nas informações e experiências recebidas.

(22h36.) Os nomes fazem pouca diferença. A fim de simplificar as coisas, chamem este nível de consciência de A-1-a.

Existe um A-1-b próximo deste, ainda tendo início em um presente alternado que pode ser usado para muitos outros propósitos.

(*Pausa.*) Não é igualmente fácil para uma pessoa comum entrar nele. Este nível trata de presentes em grupo, probabilidades coletivas, questões raciais, movimentos da civilização. É um estado que seria mais útil para políticos e estadistas, podendo também ser usado para sondar prováveis passados. Serviria para vocês aprenderem a respeito de velhas ruínas, por exemplo, e de civilizações desaparecidas, mas somente se o passado provável específico em que elas existiram fosse pesquisado.

O próximo nível adjacente seria A-1-c, que é uma extensão do nível que acabei de mencionar, onde há grande liberdade de ação, mobilidade e experiências. Aqui existe uma certa participação nos eventos percebidos. Não há necessidade de entrar profundamente em qualquer nível além deste ponto, porque, em geral, vocês não irão envolver-se com eles, e eles levam a realidades que pouco têm a ver com a sua. São estados de consciência dissociados demais, e em circunstâncias normais, este é o ponto máximo que sua consciência conseguiria atingir nesta direção específica.

O primeiro estado, A-1-a, é o mais prático e o mais fácil para vocês, mas em geral é preciso ter grande sensibilidade em relação ao nível A-1 para desejar empreender o próximo passo adjacente. Ele permite grande expansão, entretanto, dentro de seus limites. Usando-o, vocês podem descobrir, por exemplo, o que teria acontecido se “eu tivesse feito isto ou aquilo.” Lembrem-se de que esses são todos níveis adjacentes, na direção horizontal.

(22h47.) Diretamente abaixo do A-1, vocês terão o A-2, que é um estado ligeiramente mais profundo, usando a analogia de para cima e para baixo. Ele é menos orientado fisicamente que o A-1. Nele vocês ainda têm grande lucidez e consciência. Este estado pode ser usado para explorar o passado (em seus termos de referência), dentro do sistema provável que vocês conhecem.

Reencarnações passadas são reveladas aqui, e caso alguma doença pessoal não possa ser resolvida no nível A-1, talvez precisem entrar no A-2, descobrindo que ela teve origem em outra existência. Este estado se distingue por um padrão de respiração mais lento e, a menos que outras orientações sejam dadas, por uma temperatura mais baixa e ondas Alfa mais longas: uma frequência mais lenta.

É mantida a relação com o ambiente e a consciência dele, o que pode ser bloqueado em benefício de maior eficiência; isso, entretanto, não é necessário. Em muitos casos, os olhos podem permanecer abertos, por exemplo, embora talvez seja mais fácil fechá-los. A sensibilidade é acelerada. Sem que vocês sigam necessariamente os métodos dados no nível A-1, os aspectos mental, físico e emocional de personalidades passadas irão surgir.

(22h55.) Eles poderão ser percebidos de várias formas, segundo as características do indivíduo que estiver neste estado. Este é um estado que pode ser usado para descobrir a origem de uma idéia no passado, ou para descobrir qualquer coisa que foi ali perdida, desde que esteja dentro de seu sistema de probabilidades.

Diretamente abaixo deste nível fica o A-3, cuja extensão lhes permite tratar de questões coletivas: os movimentos de terra, a história de seu planeta, o conhecimento das raças que o habitaram, a história dos animais, as camadas de gás e carvão, e as várias eras que varreram o planeta e o transformaram.

Podem fazer um intervalo.

(22h59. *O transe de Jane fora muito bom. Ela vivenciou muitas imagens, mas não conseguiu pô-las em palavras. Minha mão estava fraca, o que fez com que não retomássemos a sessão, apesar de eu desejar muito fazê-lo.*

(*Seth, disse Jane, já tinha outras “direções” em mente, envolvendo a direita e a esquerda; embora ainda não tivesse entrado muito nestas áreas via analogias, ele tinha tudo planejado. Jane conseguia “ver” essas direções. Elas estavam ligadas a probabilidades.*

(Jane disse-me que se a sessão tivesse continuado, Seth ia dizer que a visita de Patty Middleton na semana passada começara quando a conhecêramos em Filadélfia, em setembro de 1970. Seth sabia que era grande a probabilidade de ela nos visitar quando ele estivesse trabalhando na sessão do livro que iria tratar dos estágios de consciência. Isto confirma minhas próprias especulações sobre a época da visita dela; ver as notas que prefaciam a sessão 573 do Capítulo Dezoito.

(Isso não quer dizer que a viagem de Patty tenha sido preordenada. O livre-arbítrio é sempre soberano. Ela simplesmente “percebeu” que aquele era um bom momento para visitar-nos e decidiu fazer a viagem. Seth então usou as informações dela a respeito do estado Alfa como ponto de partida para seu próprio material sobre A-1, A-1-a, A-2, etc.)

SESSÃO 575, 24 DE MARÇO DE 1971,
21h05, QUARTA-FEIRA

(Comparada à intensidade das últimas sessões, longas partes da transmissão de Jane esta noite foram tranquilas e leves.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: Retomaremos o ditado.

O A-4 leva a um nível que fica abaixo da formação da matéria, um nível em que as idéias e conceitos podem ser percebidos, embora suas representações não apareçam na realidade física atual que vocês conhecem.

Desta camada surgem muitas inspirações profundas. Essas idéias e conceitos, tendo sua própria identidade eletromagnética, não obstante aparecem neste nível de consciência como “o panorama simbólico.” Isto é difícil de explicar. Os pensamentos não aparecem como pseudoimagens, por exemplo, nem assumem qualquer pseudomaterialização, sendo, contudo, sentidos vividamente, percebidos e apanhados por porções do cérebro – as porções que aparentemente não são usadas e para as quais a ciência não encontrou solução.

Essas idéias e conceitos obviamente vieram da consciência. Entretanto, eles representam desenvolvimentos incipientes latentes, que podem ou não ocorrer na realidade física. Eles podem ou não ser percebidos pelas pessoas. O interesse e as habilidades da personalidade envolvida terão muito a ver com o fato de ela reconhecer ou não as realidades dentro desta camada de consciência.

(Pausa às 21h16. Jane, como Seth, fez uma longa pausa enquanto um carro de bombeiros passava pela casa, tocando a sirene.)

O material disponível, entretanto, representa blocos de construção para muitos sistemas prováveis. É uma área aberta, que permite o acesso de muitas outras dimensões. Em geral fica disponível durante o sono. Inovações importantes, invenções revolucionárias – estão todas esperando, por assim dizer, neste enorme reservatório. Fortes “conversões” pessoais são, muitas vezes, efetuadas a partir deste nível. *(Pausa.)*

Agora: qualquer indivíduo pode atravessar esses níveis e permanecer relativamente intocado e inconsciente – pode viajar por eles sem percebê-lo. As intenções e características globais da personalidade

irão determinar a qualidade da percepção e da compreensão. O material mencionado está disponível em cada um desses níveis de consciência, mas precisa ser buscado, seja por meio de desejo consciente ou de forte desejo inconsciente. Se não o for, os dons disponíveis e os potenciais simplesmente não serão usados nem reclamados.

(21h25.) Os estados de consciência também se fundem uns com os outros, e é óbvio que estou usando os termos de profundidade para tornar a explicação mais fácil. Começando com o ego ou com a consciência de vigília como o eu externo focalizado na realidade exterior, esses estados são amplos, mais como planícies a serem exploradas. Cada um, portanto, também se abre em grandes áreas adjacentes, e há muitos “caminhos” a serem tomados, de acordo com seu interesse e desejo.

Assim como o estado normal de vigília percebe todo um universo de dados físicos, também cada um desses outros estados de consciência percebe realidades igualmente complicadas, variadas e vívidas. É por este motivo que é tão difícil explicar as experiências possíveis dentro de qualquer um deles. (Pausa longa.)

A-5 abre uma dimensão na qual a consciência vital de qualquer personalidade pode, pelo menos teoricamente, ser contatada. Isso não envolve apenas comunicação com personalidades passadas (em seus termos), mas também futuras. É um nível de consciência alcançado muito raramente. Não é, por exemplo, a camada usada pela maioria dos médiuns. É um campo comum, onde personalidades de qualquer tempo ou lugar, ou de qualquer sistema provável, podem comunicar-se umas com as outras em termos claros, compreendidos por todas.

Como o passado, o presente e o futuro não existem, este é um nível claríssimo de comunicação de consciência. Naturalmente, os envolvidos possuem um excelente conhecimento de seus próprios antecedentes e histórias, mas, neste estado, eles também têm uma perspectiva muito mais ampla que lhes permite perceber antecedentes particulares e históricos como uma porção de um todo maior.

(21h35.) Neste nível, mensagens literalmente reverberam através dos séculos, de um grande homem ou mulher para outro. O futuro fala ao passado. Os grandes artistas sempre foram capazes de comunicar-se neste nível, e enquanto vivos, literalmente atuaram neste nível de consciência durante grande parte do tempo. Apenas as porções mais externas de suas personalidades curvaram-se aos ditames do período histórico.

Para os que alcançam este estado e utilizam-no, a comunicação é extremamente clara. É preciso compreender que esta comunicação funciona em ambas as direções. Leonardo da Vinci sabia de Picasso, por exemplo. Há grandes homens e mulheres que passam despercebidos, sendo ignorados por seus contemporâneos. Suas realizações podem ser mal compreendidas ou fisicamente perdidas, mas neste nível de consciência eles participam dessas comunicações, e, em outro nível de existência, suas realizações são reconhecidas.

Não estou dizendo, entretanto, que apenas os grandes participam desta comunicação de consciência. (Pausa.) É necessária uma grande simplicidade, e por causa dela, muitos dos mais humildes (em termos dos homens) também participam. Há uma conversa interminável acontecendo em todo o universo, uma conversa muito significativa. (Pausa longa.) Pessoas de seu passado e de seu futuro estão envolvidos em seu mundo presente, e nesse nível estão sendo discutidos os problemas já enfrentados e os por enfrentar. Este é o cerne da

comunicação. Em geral acontece em um nível profundo e protegido do sono, ou em um transe súbito e espontâneo. Grande energia é gerada.

Agora podem fazer um intervalo.

(21h47. Jane tinha consciência de que seu ritmo fora lento a maior parte do tempo. Reiniciamos em um ritmo mais rápido às 22h05.)

Agora: As informações recebidas em qualquer desses estados de consciência precisam ser interpretados para a consciência normal de vigília, a fim de que seja mantida uma lembrança física delas.

Em muitos casos, a memória permanece inconsciente no que diz respeito ao eu desperto, mas as experiências em si podem mudar completamente a estrutura da vida de uma pessoa. Por meio dessas comunicações e iluminações interiores, rumos desastrosos podem ser evitados, o ego esteja ou não consciente delas.

As experiências nesses vários níveis podem ser interpretadas simbolicamente. Elas podem aparecer na forma de fantasia, ficção ou arte, sem que o eu consciente perceba sua origem. Ora, em qualquer um desses vários estágios de consciência, outros fenômenos também podem ser percebidos: formas-pensamento, por exemplo, manifestações de energia, projeções do subconsciente pessoal e projeções do inconsciente coletivo. Qualquer um deles, ou todos eles podem tomar forma simbólica, podendo parecer benéficos ou ameaçadores, de acordo com a atitude da personalidade envolvida. Eles devem ser considerados como fenômenos muito naturais, em geral com intenção neutra.

Muitas vezes, são formas incipientes que recebem uma atividade da personalidade que as encontra. A natureza de sua atividade, portanto, será projetada para fora, partindo da personalidade para uma materialização relativamente passiva. A pessoa que encontra essas formas tem apenas que desviar sua atenção para “desativar” o fenômeno. Isso não significa que o fenômeno não seja real. Sua natureza é simplesmente de um tipo e grau diferentes.

Ele tem alguma energia própria, mas, para que ocorra uma inter-relação, precisa da energia adicional de uma pessoa perceptiva. Se uma tal materialização parecer ameaçadora, simplesmente deseje-lhe paz e retire dela sua atenção. Ela tira a maior parte de sua energia ativadora de focalização da pessoa, e, de acordo com a intensidade e a natureza de seu foco. É preciso que, ao viajarem através desses níveis de consciência, vocês não levem consigo as suposições básicas da existência física. Mantenham-se afastados do maior número possível dessas suposições, pois ela podem fazer com que vocês interpretem erroneamente suas experiências. *(Pausa.)*

Há outras camadas de consciência abaixo desta, mas aqui existe uma tendência muito maior de uma fundir-se com a outra. No próximo nível, por exemplo, é possível uma comunicação com vários tipos de consciência que nunca foram manifestados fisicamente (em seus termos): personalidades que não têm uma realidade física nem em seu presente nem em seu futuro, mas que estão ligadas a seu sistema de realidade, seja como guardiães, seja como zeladores.

Quase todas as experiências deste nível serão representadas simbolicamente, pois, de outra forma, não teriam significado para vocês. Todas as experiências terão relação, de uma forma ou de outra, com a vida não-física, com a consciência e as formas não-corpóreas, e com a não-dependência da matéria pela

consciência. Essas experiências sempre serão sustentadoras e, em geral, envolvem experiências fora-do-corpo, nas quais a pessoa que projeta se encontra em um ambiente misterioso ou de grande beleza e magnificência.

As “coisas” do ambiente terão sua origem na mente daquele que projeta, sendo simbólicas da idéia que ele tem, por exemplo, da vida após a morte. Um *Speaker* ou *Speakers* aparecerão com o aspecto que seja mais aceitável para a pessoa, podendo ser o aspecto de um deus, de um anjo ou de um Discípulo. Este é o tipo mais característico da experiência neste nível. (*Pausa.*)

De acordo com as habilidades e a compreensão de quem projeta, entretanto, mensagens mais completas podem ser transmitidas, e parece óbvio que os *Speakers* sejam, na verdade, apenas símbolos de identidades maiores. Alguns conseguirão compreender as comunicações com mais clareza. A verdadeira identidade dos *Speakers* não-físicos poderá, então, ser dada a conhecer.

Nesse ambiente tornam-se possíveis projeções mais profundas, além de grandes visões de passados e futuros históricos. Todos esses níveis de consciência são preenchidos pela variedade de comunicações que se completam de acordo com o propósito da personalidade envolvida.

(22h33.) As estruturas moleculares enviam suas próprias mensagens, e a menos que vocês estejam sintonizados para percebê-las, poderão interpretá-las como estática ou barulhos sem significado. Qualquer um desses níveis de consciência pode ser coberto em um piscar de olhos sem que a pessoa o perceba; ou, pelo menos teoricamente, ela pode passar toda uma vida explorando qualquer deles.

Vocês podem ter várias experiências muito válidas no nível quatro, por exemplo, sem qualquer consciência dos primeiros três. Os estágios existem para aqueles que sabem o que eles são, e como usá-los. Muita gente encontra o caminho espontaneamente. Vocês são envolvidos em várias realidades alternadas, cada uma mais distante que a outra de sua realidade, por outros níveis adjacentes na linha horizontal. Muitos deles incluem sistemas onde a vida e a morte (como vocês as conhecem) não ocorrem, onde o tempo é sentido como pesos; sistemas em que as suposições básicas são diferentes das suas, e qualquer experiência nesses níveis seria aceita por vocês apenas como fantasia.

Por esse motivo, vocês são muito menos capazes de viajar nessas direções. Em algumas, há impedimentos embutidos. Até a projeção a partir de seu universo para um universo de antimatéria, por exemplo, é muito difícil. A composição eletromagnética de seus próprios pensamentos seria afetada adversamente, e, contudo, isto é possível a partir de um desses níveis adjacentes de consciência.

Sugiro um intervalo.

(22h42. *O transe de Jane fora excelente, sua transmissão mais rápida ainda. Reiniciamos às 22h55.*)

Em sonhos, vocês visitam essas áreas de consciência com frequência, caindo nelas espontaneamente, lembrando-se, pela manhã, de um sonho fantástico. A consciência deve usar todas as suas partes e atividades, como também o corpo. Quando vocês estão dormindo, sua consciência volta-se em muitas dessas direções, em geral percebendo, vacilante, pedaços de realidade que estão disponíveis para ela em seus diferentes estágios. Isso também acontece, até certo ponto, abaixo de seu foco físico normal, mesmo durante suas atividades diárias. Os presentes alternados de que falei não são simplesmente métodos alternados de perceber um presente objetivo. Há muitos presentes alternados, mas vocês focalizam apenas um deles.

Quando deixam sua atenção oscilar, entretanto, podem cair em um estado no qual momentaneamente percebem lampejos de outro presente alternado. O eu total, a alma, sabe de sua realidade em todos esses sistemas, e vocês, como parte dele, estão trabalhando rumo ao mesmo estado de autoconsciência e desenvolvimento.

Quando estiverem preparados, não serão varridos, independentemente de sua vontade, para outros estágios de consciência enquanto dormem, mas serão capazes de compreender e dirigir essas atividades. A consciência é um atributo da alma, uma ferramenta que pode ser voltada para muitas direções. Vocês não são sua consciência. Ela é algo que pertence a vocês e à alma. Vocês estão aprendendo a usá-la. À medida que compreenderem e utilizarem os vários aspectos da consciência, aprenderão a compreender sua própria realidade, e o eu consciente irá verdadeiramente tornar-se consciente.

Vocês serão capazes de perceber a realidade física porque o desejam, sabendo que ela é uma de muitas realidades. Não serão forçados, por ignorância, a percebê-la como única.

(23h02.) Fim do ditado. Agora poderão fazer as perguntas que desejarem ou terminar a sessão, como preferirem.

(“Espero que você cubra, neste livro, a pergunta que Jane e eu estávamos discutindo à mesa do jantar esta noite, que é o que você realmente vê quando está falando a um grupo de pessoas, – focalizando cada um de nós como indivíduos neste tempo e lugar.”)

Farei com que isso seja respondido. Tratei do assunto de minhas percepções nos primeiros capítulos, mas não exatamente dessa forma...

(Na sessão da aula de ESP de 9 de fevereiro de 1971, Seth fez um excelente relato do aspecto particular de suas percepções às quais eu estava me referindo agora. Desde aquela época eu queria pedir-lhe que falasse mais sobre isso em seu próprio livro. Eis um trecho da sessão que, como sempre, foi registrada:

(“Agora (com humor): ninguém me perguntou como é quando eu entro em transe. Entrar em transe é simplesmente focalizar intensamente uma área específica de realidade. Portanto, jogo ou projeto aqui uma parte do que eu sou, porque consigo utilizar áreas de minha personalidade maiores do que aquelas de que vocês têm conhecimento em si mesmos. Posso fazer isso de maneira consciente, mas ainda, como mencionei, quando estou aqui encontro dificuldade em olhar para vocês e relacionar-me com os eus que vocês pensam ser dentro de seu momento específico de tempo, pois vejo os compostos. Portanto é preciso algum treinamento de minha parte para identificá-los no tempo e espaço com que estão familiarizados.

(“Vocês têm consciência dos eus que estão sentados nesta sala em uma noite de tempestade, com a presença de certos membros da classe e ausência de outros, e com algumas pessoas novas. Estou familiarizado com as porções interiores de vocês que vocês não conhecem, mas que o eu egotista lhes escondeu, e assim preciso dizer a mim mesmo constantemente: ‘Oh, sim, nossa Senhora de Veneza [termo afetuosos com que Seth chama uma pessoa da classe] pensa que está sentada nesta sala específica, nesta hora específica, e que está usando uma roupa azul.’

(“Mas tenho consciência de uma Senhora de Veneza, vejam só, em várias manifestações diferentes, em várias existências, todas ocorrendo ao mesmo tempo. Devo lembrar-me de que ela não tem consciência

disso, e quando lhe dirijo a palavra, preciso usar uma designação que faça sentido para ela neste tempo específico.

(“De certa forma, eu sirvo como comunicador de um nível de seus eus a outros níveis de seus eus, pois faço com que vocês se lembrem do que são. Vocês estão pensando muito em morte esta noite. Ora, eu tenho sido um cadáver muito vivo muitas vezes; mas também vocês. As porções interiores de seus eus sabem muito bem disto. Vocês saíram de mais sepulturas do que se podem lembrar – e, na verdade, muitos ainda sairão de outras. Por que, então, se preocuparem em justificar sua própria existência nesta hora?”

(A transmissão de Seth acelerou-se consideravelmente, e nós, muito animadamente, trocamos idéias sobre o assunto que acabara de ser mencionado. Não fiz nenhum esforço para registrar a conversa.)

Tenho certeza de que gostará de meu livro quando lê-lo.

(“Gosto dele agora.” Depois de outra conversa rápida):

Agora lhes desejo uma boa noite....

(“Boa noite, Seth, e muito obrigado.” 23h05.)

SESSÃO 576, 29 DE MARÇO DE 1971

21h17, SEGUNDA-FEIRA

(De 26 a 28 de março, Jane pôs um anúncio no Elmira Star Gazette sobre sua intenção de formar uma classe de composição literária criativa. Há tempos ela deseja fazer isso. Hoje recebeu vários telefonemas em resposta ao anúncio, um deles esta noite, às 9 horas, quando nos sentávamos para a sessão.

(Seth fez alguns comentários, embora não lhe tivéssemos pedido nada.)

Agora: Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

No que concerne a auxiliar outras pessoas, [Ruburt] pode ajudar muito mais em sua classe de ESP ou em uma outra classe. Não estou lhe dizendo para não dar uma aula de composição literária criativa. Ele pode fazer o que desejar. De qualquer forma, estará usando as mesmas idéias, mas métodos diferentes. As pessoas que telefonaram a respeito da aula de composição estão apenas usando isso como desculpa. Elas sentem necessidade de se desenvolverem em muitas áreas.

(Estranhamente, o anúncio sobre a aula de composição literária deu origem a telefonemas sobre a classe de ESP. Jane ficou preocupada com o influxo de gente para a última, já que não havia mais espaço no apartamento. Ela me disse que os problemas a deixavam “nervosa, mas feliz.”)

Agora: Espere um momento. *(Pausa.)* Suas sugestões a respeito das sessões e a de Ruburt a respeito de outras experiências – ambas as idéias são boas.

Suas classes regulares não podem ficar maiores. Existem limitações físicas. Há outras limitações menos tangíveis, entretanto, relacionadas às interações das pessoas envolvidas. Há também outras possibilidades aqui nas quais vocês não pensaram.

(Pausa longa às 21h27.) Agora: Espere um pouco e retomaremos o ditado. Mais tarde você poderá fazer perguntas sobre aquele material.

Os vários níveis de consciência discutidos aqui podem parecer muito distantes dos níveis da consciência de vigília. As divisões são arbitrárias. Todos esses estágios representam diferentes atributos e direções inerentes à sua própria alma; indícios e sinais, sombras e reflexos deles aparecem até na consciência que vocês conhecem. Mesmo a consciência normal de vigília não é, portanto, inocente em relação a todos os outros traços de existência nem destituída de outros tipos de percepção. É somente porque em geral vocês a usam de maneiras limitadas, que não percebem esses indícios com regularidade.

Eles estão sempre presentes. Seguindo-os, vocês podem ter uma idéia dessas outras direções e desses outros níveis de que falamos. Muitas vezes, por exemplo, símbolos ou imagens, aparentemente sem relação uns com os outros, podem surgir em sua mente. Em geral, vocês os ignoram. Se, pelo contrário, os reconhecessem e voltassem para eles sua atenção, poderiam segui-los a outras camadas, como, por exemplo, A-1 e A-2, com facilidade.

(21h35.) Os símbolos ou imagens podem mudar quando vocês mudam, de modo que percebem pouca semelhança entre, digamos, a imagem inicial e a seguinte. A ligação, entretanto, pode ser muito intuitiva, associativa e criativa. Com frequência, com alguns momentos de reflexão, vão perceber por que uma imagem fundiu-se com a outra. Uma simples imagem pode, de repente, abrir-se em toda uma paisagem mental, mas vocês nada saberão a respeito disto se não reconhecerem os primeiros indícios que se encontram logo abaixo da percepção atual e que, se estiverem dispostos a olhar, são quase transparentes..

Foco alternado é simplesmente um estado em que vocês voltam sua consciência para uma direção diferente da habitual, a fim de perceber realidades muito legítimas que existem simultaneamente com a sua. Precisam alterar sua percepção para perceber qualquer realidade que não seja direcionada, praticamente, para a forma material. É mais ou menos como olhar com o rabo dos olhos ou da mente em vez de olhar diretamente para frente. (*Pausa.*)

Usando foco alternado é possível, com prática, perceber as formações físicas diferentes que preenchem qualquer espaço determinado, ou que o preencherão (em seus termos). Em alguns estados de sonho, vocês podem visitar uma localidade específica e então percebê-la como era, digamos, três séculos atrás e cinco anos para frente, sem nunca compreenderem o significado do sonho. Parece-lhes que o espaço pode ser preenchido apenas por um determinado item de cada vez, que é preciso remover um para dar lugar a outro.

O fato é que vocês percebem apenas desta forma. No foco alternado, podem dispensar as suposições básicas que em geral guardam, dirigem e limitam sua percepção. São capazes de afastar-se do momento, como o conhecem, e voltar para ele, encontrando-o ali. A consciência apenas finge curvar-se à idéia do tempo. Em outros níveis, ela gosta de brincar com esses conceitos e perceber grande unidade em eventos que ocorrem fora do contexto de tempo – misturando, por exemplo, eventos de vários séculos, encontrando harmonia e pontos de contato, examinando ambos os ambientes, histórico e particular, tirando-os da estrutura do tempo.

Repito que vocês fazem isso até durante o sono. Se não o fazem no estado de vigília, é porque seguram sua consciência com rédeas muito curtas. Agora podem fazer um intervalo.

(21h48. *O ritmo fora rápido. Reiniciamos às 22h05.*)

Agora: Como mencionei antes, embora sua consciência normal de vigília lhes pareça contínua e em geral vocês não estejam cômicos de quaisquer pontos vazios, há grandes flutuações. Em grande parte, ela tem lembrança apenas de si mesma e de suas percepções. Na consciência normal, então, é como se não existissem outros tipos reais de consciência nem outras áreas ou níveis. Quando ela encontra “pontos vazios” e “volta,” bloqueia a percepção da ocorrência do momento de não-atividade.

Ela se esquece do lapso. Não pode ter percepção de tipos alternados de consciência enquanto está sendo ela mesma, a menos que se empreguem métodos que lhe permitam recuperar-se desta amnésia.

(22h13. Havíamos nos esquecido de tirar Willy, nosso gato, da sala antes da sessão. Agora ele pulou para o colo de Jane, de modo que precisei largar meu caderno de notas. Ele rosnou enquanto eu o levava para o estúdio. Jane esperou pacientemente em transe.)

A consciência pula amarelinha, entrando e saindo da realidade. Às vezes desaparece e vocês não têm consciência disso. Nessas ocasiões, sua atenção está focalizada em outro lugar, no que poderiam chamar de mini-sonhos ou alucinações, ou processos associativos e intuitivos de pensamento que vão muito além do foco normal.

Nesses lapsos, vocês estão percebendo outros tipos de realidade – com uma consciência de vigília diferente da normal. Quando voltam, perdem o fio. A consciência normal de vigília finge que nunca houve qualquer interrupção. Isso acontece com alguma regularidade e em vários graus, de quinze a cinquenta vezes por hora, dependendo de suas atividades.

Muita gente às vezes percebe isso, e a experiência é tão vívida que salta a lacuna, por assim dizer, com uma percepção tão intensa que até a consciência de vigília normal toma consciência do acontecido. Esses intervalos são muito necessários para a consciência física. Eles se entrelaçam na sua percepção, com tanta clareza e tão intimamente que colorem sua atmosfera psíquica e sensorial. *(Pausa.)*

A consciência normal de vigília se entrelaça, entrando e saindo, nesta trama sustentadora infinita. Sua experiência interior é tão intrincada que, verbalmente, é quase impossível de descrever. A consciência normal de vigília, embora tenha lembrança de si mesma, obviamente não retém toda memória todo tempo. Dizem que a memória de eventos passados cai no subconsciente. Mas ainda é intensamente viva, e por viva quero dizer animada e ativa, embora vocês não a focalizem.

As porções internas de sua personalidade também têm memória de todos os seus sonhos. Eles existem simultaneamente e ficam suspensos, por assim dizer, como luzes sobre uma cidade escura, iluminando várias porções da psique. Esses sistemas de memória são todos interconectados. Ora, do mesmo modo, vocês têm suas lembranças de vidas passadas, todas bem completas e atuando em todo o sistema da memória.

(Pausa às 22h23.) Em períodos de “pontos vazios” conscientes, ou de certas flutuações, esses sistemas de memória são muitas vezes percebidos. Por via de regra, a mente consciente, com seu próprio sistema de memória, não os aceita. Quando uma personalidade compreende que essas outras realidades existem e que outras experiências com a consciência são possíveis, ela ativa certos potenciais dentro de si mesma, potenciais que alteram ligações eletromagnéticas dentro da mente, do cérebro, e até dos mecanismos perceptivos. Eles reúnem reservatórios de energia e estabelecem caminhos de atividade, permitindo que a

mente consciente aumente seu grau de sensibilidade a essas informações. A mente consciente livra-se de si mesma. Em grande parte, passa por uma metamorfose, adotando funções maiores. Ela é capaz de perceber, pouco a pouco, alguns dos conteúdos que antes lhe eram barrados. Já não precisa perceber, medrosamente, os “pontos vazios” momentâneos como evidência de não-existência.

As flutuações mencionadas anteriormente são, em geral, muito pequenas, mas extremamente significativas. A mente consciente conhece muito bem seu próprio estado de flutuação. Quando é levada a encarar isto, não encontra um caos, ou pior, uma não-existência, mas a fonte de suas próprias habilidades e força. A personalidade então começa a usar seu próprio potencial.

Agora podem fazer um intervalo.

(22h35. Embora seu transe tivesse sido profundo, Jane percebera sua transmissão mais lenta. Ela disse que era porque Seth desejava que ela usasse as palavras exatas. Também recebera muitas imagens, que não conseguia verbalizar agora. Podia apenas dizer coisas como “sistemas de luzes para lembranças,” etc. Disse-lhe que achava o material muito rico e evocativo. Reiniciamos às 22h47.)

Agora: Períodos de devaneio e momentos criativos de consciência representavam ambos excelentes entradas para essas outras áreas. No estado de consciência criativo usual, a consciência de vigília regular é subitamente apoiada pela energia dessas outras áreas. Apenas a consciência de vigília não lhes dá o estado criativo. Na verdade, a consciência de vigília normal pode ter tanto medo dos estados criativos quanto dos estados vazios, pois ela pode sentir que o Eu está sendo deixado de lado, pode perceber o impulso de energia que talvez não entenda.

É precisamente nos pontos baixos da flutuação que tais experiências se originam, pois a consciência normal está momentaneamente em um estado de fraqueza e em um período de descanso. Todo o organismo físico tem essas flutuações normais, que em geral passam despercebidas. Esses períodos também oscilam, seguindo ritmos que têm relação com a personalidade característica. Em alguns, as ondas de movimento são comparativamente longas e lentas, os vales internos são inclinados; em outros, acontece o contrário.

Em alguns, os lapsos são mais óbvios, fora do padrão. Se a situação não for compreendida, a personalidade pode achar difícil relacionar-se com os eventos físicos. Se ela conseguir perceber as outras áreas de consciência, talvez se encontre em dificuldade ainda maior, não compreendendo que ambos os sistemas de realidade são válidos.

(22h55.) As flutuações também seguem mudanças sazonais. Os eventos de qualquer camada de consciência refletem-se em todas as outras áreas, cada um se realizando de acordo com as características da camada correspondente. Assim como um sonho é semelhante a uma pedra atirada em uma poça de consciência onírica, também qualquer ato aparece nessa poça com seu aspecto próprio. O foco alternado permite-lhes perceber as muitas manifestações de qualquer ato específico, a realidade multidimensional verdadeira de um determinado pensamento. Ele enriquece a consciência normal.

Saibam-no ou não, vocês são ativos nessas outras camadas. Vocês não aprendem apenas na vida física e no estado onírico, mas nessas existências interiores das quais não têm lembrança. As habilidades criativas de uma natureza específica, ou as habilidades de cura são muitas vezes treinadas desta forma, só então emergindo na realidade física.

Seus pensamentos e atos futuros são tão reais nessas dimensões como se já tivessem ocorrido, fazendo, igualmente, parte de seu desenvolvimento. Vocês não são formados apenas por seu passado, mas por seu futuro e por existências alternadas. Essas grandes interações são apenas parte da estrutura de sua alma. Vocês podem, portanto, mudar a realidade presente, como a compreendem, a partir de qualquer uma dessas outras camadas de consciência.

Fim do ditado e quase fim do capítulo.

(Pausa às 2 3h04. Seth então transmitiu algumas coisas pessoais para Jane, a respeito de sua classe de composição e outros assuntos. Terminamos às 23h12.)

SESSÃO 577, 31 DE MARÇO DE 1971,
9h13, QUARTA-FEIRA

(Esta tarde, Jane deu sua primeira aula de composição criativa.)

Agora: Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Iniciaremos o ditado.

Qualquer uma dessas várias camadas de consciência pode ser usada como a consciência atuante normal, a realidade sendo vista desse ponto de vista específico.

A realidade física é, portanto, vislumbrada por outros tipos de personalidade em outros sistemas, de seu ponto de vista único. Observando-a deste ângulo, por assim dizer, vocês podem não reconhecê-la como seu próprio sistema doméstico. De alguns destes pontos de vista, a matéria física tem pouca ou nenhuma perpetuidade, enquanto que, para outros, seus próprios pensamentos têm uma forma que é percebida por observadores, mas não por vocês mesmos.

Atravessando esses estados de consciência, outras personalidades tentariam conseguir algum foco e perceber seu ambiente, tentando fazer sentido de dados com que não estão absolutamente familiarizadas. Uma vez que muitas delas não têm conhecimento de sua idéia de tempo, achariam difícil compreender que vocês percebem os eventos com intervalos, e não captariam a organização interior que vocês forçam sobre seu ambiente normal. O sistema de vocês é obviamente um sistema provável para outros campos também tocados pelo campo de probabilidades.

(21h20.) Como esses sistemas são adjacentes ao seu, também seu sistema é adjacente; o foco alternado permite que personalidades de outras realidades percebam a de vocês, como pode, teoricamente pelo menos, permitir-lhes um vislumbre da existência de outras realidades.

Fim do capítulo.

E agora eu tenho um trabalho para você, com a oportunidade de participar de meu livro. Você pode usar o resto da sessão para fazer uma excelente — é para sublinhar duas vezes — (*com humor*) lista de perguntas que irá aparecer no próximo capítulo de perguntas e respostas.

Se tiver perguntas que já foram feitas por outros, não deixe de incluí-las. Elas, porém, devem ser perguntas suas, e não perguntas apresentadas por mim. Assim, serão mais pertinentes para o leitor.

Depois, em nossa próxima sessão, apresente-as a mim, uma ou duas de cada vez, como preferir, e serão respondidas. Pode organizar as perguntas por títulos, mas isso não é necessário. Se várias delas tratarem de um mesmo assunto, poderá colocá-las sob o mesmo título por questão de conveniência.

(“Ruburt também pode fazer perguntas?”)

Vocês dois podem preparar a lista. Não é preciso apresentar a lista pronta na próxima sessão. Uma resposta pode levar muito tempo.

(“É isso que eu estava pensando.”)_

Sugiro, então, que vocês dois comecem a trabalhar.

(O telefone começou a tocar enquanto eu escrevia. Jane ainda estava em transe, mas não pareceu perturbar-se. Ligeiramente irritado, deixei que tocasse até parar.)

Estarei por perto para inspirá-los.

(21h30. Esta foi a sessão mais curta em vários anos. Eu ainda estava surpreso diante do rápido final. Nem disse boa noite a Seth. Já estava pensando se devíamos fazer perguntas que achávamos que seriam de interesse para os outros, ou apenas as que surgissem em nossa mente espontaneamente.

(Jane verificou o esboço que Seth apresentara para o livro na sessão 510 de 19 de janeiro de 1970. Lá estava. Ele mencionara um capítulo de perguntas e respostas. Eu me esquecera disso. Por alguma razão, sentia-me inquieto agora, talvez pensando que não seria uma boa idéia interromper o fluxo do livro dessa forma.

(Jane não lera nada do livro de Seth desde a sessão 521, no Capítulo Quatro; apesar das tentações, ela sempre sentira que era melhor não se preocupar com ele. Não achamos que o fato de ela não o ter lido a impedisse de fazer perguntas. Naturalmente ela tivera contato com o livro, não levando em conta sua memória imperfeita. Dei-lhe algumas passagens a fim de serem lidas na aula de ESP. Ela discutiu o livro com Patty Middelton recentemente, e eu falei algumas vezes sobre ele, embora sem consultar a página datilografada.

(Uma hora depois do término da sessão, já tínhamos quinze perguntas alistadas. Prepararemos uma lista maior para a sessão de segunda-feira, 5 de abril.)

PERGUNTAS E RESPOSTAS

SESSÃO 578, 5 DE ABRIL DE 1971,

21h30, SEGUNDA-FEIRA

(Seguindo instruções de Seth na última sessão, eu preparara uma lista de perguntas para o capítulo. Não estava completa, mas, surpreendentemente, já ocupava cinco páginas datilografadas e cerca de cinquenta e dois itens. Eu contribuí com muitas delas, mas também consultei Jane. A lista incluía muitas das interessantes perguntas formuladas por Sue Watkins; nós guardáramos essas perguntas, juntamente com algumas levantadas por nós próprios e por outras pessoas em várias sessões antigas. Achemos que todas as perguntas estavam fora de um contexto de tempo.

(Hoje eu disse a Jane que tinha medo de que as perguntas não fossem muito representativas do livro de Seth, e que para formular uma lista realmente relevante seria necessário um estudo minucioso de cada capítulo. É claro que não fizemos isso, parte devido ao limite de tempo e parte porque Jane não deseja envolver-se muito com o livro conscientemente. Esperávamos que, seguindo a intuição, prepararíamos uma lista adequada.

(Acomodamo-nos para a sessão às 21h, como sempre, mas Seth não apareceu com a rapidez costumeira. O tempo foi passando e Jane disse que se sentia um pouco tensa por causa das perguntas. Ela as lera depois do jantar. A sessão foi realizada em meu estúdio para que tivéssemos mais privacidade. Finalmente, Jane tirou os óculos.)

Agora: Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

(Com humor): *Comece com sua famosa lista de perguntas.*

(“Bem, primeiro vou ler o parágrafo que introduz a lista. Algumas destas perguntas talvez tratem de assuntos que você vai cobrir nos próximos capítulos. Se for esse o caso, diga-nos e deixaremos essas perguntas de lado.”)

Está certo.

(“Bem, eis a pergunta número um: Você nos disse que falaria sobre o terceiro Cristo. Também, precisamos saber mais a respeito das outras duas personalidades pertencentes à entidade do Cristo: O Próprio Cristo e João o Batista?”)

Deixemos as perguntas religiosas de lado por enquanto.

(“Isso inclui informações sobre os *Speakers*?” Eu planejava fazer várias perguntas sobre os *Speakers*.)

Não – apenas as perguntas sobre as religiões do mundo, as referentes ao terceiro Cristo e assuntos correlacionados.

(“Está bem. Pergunta número dois: Estava correta a afirmação de Jane, enquanto falava por você, de que havia milhões de *Speakers*? Ou foi distorcida?” Ver a sessão 568, no Capítulo Dezessete.)

Não foi distorcida. Os Speakers são dotados de acordo com seu próprio caráter, alguns tendo um número muito maior de habilidades do que outros, mas todos desempenhando papéis na comunicação de dados internos. Em seus termos, portanto, alguns Speakers seriam mais completos que outros. Por exemplo: houve um número muito menor de Speakers verdadeiramente proeminentes do que o número dado.

Houve menos de trinta grandes Speakers. Espere um pouco agora.

(Pausa às 21h35. O ritmo de Jane estava muito lento.) *A entidade do Cristo foi um. Buda foi outro. Esses Sepakers são tão ativos quando não estão na fisicalidade como quando estão. A entidade do Cristo teve muitas reencarnações antes do surgimento da “personalidade” do Cristo como é conhecido; também a de Buda.*

Os maiores Speakers não apenas traduzem e comunicam dados internos, como também penetram muito mais fundo nesses reinos de realidade do que outros ligados a seu sistema físico. Eles aumentam, portanto, os dados internos básicos. Os maiores Speakers não precisaram do treinamento intensivo necessário à maioria. A combinação singular de suas características tornou o treinamento desnecessário. (Pausa. Uma de muitas.)

Em outro nível, Emerson foi um Speaker.

Um homem chamado Marbundu... (Minha interpretação fonética.)

(“Você quer soletrar isso?”)

M-A-U-B-U-N-D-U; na África, 14 a.C. Os Speakers, mais do que a maioria, são muito ativos em todos os aspectos da existência, seja física ou não-física, no estado de vigília ou durante o sono, entre vidas ou em outros níveis de realidade. Como certos dados físicos estão presentes na estrutura dos genes; estas informações internas são codificadas dentro de qualquer estrutura psicológica habitada pelos Speakers, só que com muito mais disponibilidade do que para outras personalidades. Em geral são necessários pontos de precipitação para liberá-las. Isso pode ocorrer no estado de vigília ou durante o sonho, servindo para abrir os reservatórios de conhecimento e disponibilizar treinamentos passados.

Sei que uma de suas perguntas tem a ver com um primeiro Speaker.

(“É, tem. Número quatro: É possível nomear ou descrever um primeiro *Speaker*?”)

Agora: Em termos mais amplos, não houve um primeiro Speaker. Imaginem que gostariam de estar em dez lugares ao mesmo tempo, e que realmente enviassem uma porção de si mesmos para cada um desses dez lugares. Imaginem que se poderiam espalhar nessas dez direções, e que cada uma das dez porções fosse consciente, alerta e perceptiva.

Vocês, sendo as dez porções, teriam consciência da existência em cada um dos dez lugares. Seria impossível perguntar qual das dez chegou primeiro, a não ser para dizer que todas começaram com a original, que decidiu visitar os dez locais. É assim com os Speakers, que da mesma forma não tiveram origem nas localidades ou no momento em que apareceram.

Vocês têm mais perguntas sobre os Speakers?

(“Bem, isso me leva à pergunta número três, que você já começou a tratar: Qual a fonte original das informações dos *Speakers*? De onde vieram e quando?”)

A fonte original das informações dos Speakers é o conhecimento interior da natureza da realidade que está dentro de cada indivíduo. Os Speakers devem manter as informações vivas em termos físicos, para que os homens não as enterrem e obstruam, para trazê-las – as informações – à atenção do eu consciente.

Em outras palavras, eles falam os segredos interiores. Em algumas civilizações, como mencionado anteriormente neste livro, eles desempenharam uma parte muito mais forte, falando praticamente. Às vezes eles estavam consistente, perceptiva e egotisticamente conscientes destas informações. Elas eram, então memorizadas. Eles perceberam que elas estavam sempre disponíveis em um nível inconsciente.

Elas as imprimiram, entretanto, no cérebro físico por meio do uso da memória. Havia sempre grande interação entre a existência interior e a exterior para eles, assim como hoje. Informações válidas recebidas no estado de sonho eram memorizadas pela manhã. Um Speaker ouvia a lição de outro durante um sonho. Por outro lado, dados físicos pertinentes também eram comunicados de uns para os outros durante os sonhos, e ambos os estados eram utilizados em grande escala. (Pausa.)

Vocês têm mais perguntas sobre os Speakers?

(“Número cinco: Algum dos Discípulos era *Speaker*?”)

Deixarei essa para o capítulo religioso. Poderá ser tratada com mais simplicidade.

(“Número seis: Podem os *Speakers* trabalhar conosco enquanto se encontram entre vidas físicas?”)

Acho que isso já foi respondido.

(“Sim.” Ver a informação às 21h35. Eu estava tão ocupado escrevendo, que não percebi que a pergunta já fora tratada.)

Elas podem, e realmente o fazem. Vocês dois estão sendo treinados por outros Speakers que estão entre vidas, isto ocorrendo em seus sonhos. Os próprios Speakers, obviamente, atingem diferentes graus de eficiência.

(E, naturalmente, as informações acima fazem surgir mais perguntas, como: quem está nos treinando? Nós os conhecemos em vidas passadas? etc. Não sabendo como proceder, eu não fiz perguntas...)

Grande parte do trabalho deles é realizada em um estado não-físico, as existências terrenas sendo mais ou menos como importantes viagens de campo.

(“Número sete. Você vai falar sobre Seth II neste livro?”)

Vou, sim. Mas vamos deixar isso de lado por enquanto.

(Aqui houve uma troca entre mim e Seth, e não precisei tomar notas. Seth disse que este capítulo devia ser uma mudança de ritmo dos longos trechos incluídos no livro. Também era destinado a fazer o leitor pensar em suas próprias perguntas. “Acho que você quer tratar da questão número oito mais tarde, também: Você é um médium para Seth II?”)

Também mais tarde.

(“Número onze: No Capítulo Dezesete, você disse que Jane precisaria de mais treinamento para poder transmitir um manuscrito de um *Speaker*, e que mesmo assim, o trabalho envolvido poderia levar anos. Que tipo de treinamento?”)

Eu estava falando especificamente do que vocês chamariam de um manuscrito antigo dos Speakers, e pensei que você estivesse se referindo a isso.

(“Sim.”)

Ruburt não estaria familiarizado com muitas das palavras e frases usadas, mesmo que se fizesse uma tradução das línguas originais. Existe uma diferença até em alguns conceitos básicos. A fim de manter qualquer pureza de tradução, seria necessário um treinamento em diferentes tipos de percepção interior. Algumas dessas línguas usavam gravuras mais do que palavras. Em algumas, os símbolos tinham significados multidimensionais. Transmitir essas informações através de Ruburt seria uma tarefa imensa, mas é possível. Muitas vezes as palavras eram ocultas dentro das gravuras, e as gravuras dentro de palavras. Falamos de manuscritos, mas a maioria deles não eram escritos.

Alguns o eram, mas em épocas muito posteriores, e porções existem subterraneamente e em cavernas – na Austrália, partes da África e em uma área dos Pirineus.

Agora sugiro um intervalo.

(22h12. O ritmo de Jane se acelerara consideravelmente, como se ela tivesse perdido certo nervosismo. Ela disse que agora se sentia muito melhor a respeito das perguntas-e-respostas. Eu também. O estúdio esfriara muito. Jane disse que não sentira frio durante o transe, mas agora, sim.

(Eu disse a ela que a pergunta número nove era a próxima da lista. Tratava das percepções de Seth enquanto falava por meio dela, e foi inspirada na sessão da aula de ESP de 9 de fevereiro de 1971; trechos dela aparecem na sessão 575, no Capítulo Dezenove. Enquanto isso, pensei em outra pergunta sobre os *Speakers*, e tomei nota. Reiniciamos às 22h40.)

Agora: qual das duas perguntas você quer que eu responda primeiro?

*(“Vamos chamá-la de onze-a: Você não diria, então, que estas sessões são treinamentos dos *Speakers* para Jane e eu, elevados a um nível consciente?”)*

Realmente são. As informações interiores precisam ser reconhecidas conscientemente. Em seus termos, quando um indivíduo está em sua última vida física (pausa), todas as porções da personalidade estão familiarizadas com ela no momento da morte. A personalidade não é varrida vacilantemente de volta a uma outra existência terrena, como seria o caso de outra forma.

As porções conscientes do eu, orientadas fisicamente, tomam conhecimento das informações interiores. Até certo ponto, a realidade do pensamento é conscientemente percebida como o inovador por trás da matéria física. Esse indivíduo pode, então, compreender a natureza das alucinações no ponto da morte, e com plena percepção consciente, entrar no próximo plano de existência. As informações que se tornaram conscientes são então transmitidas a outros, onde podem ser fisicamente reconhecidas e aplicadas.

Agora, a próxima pergunta.

(“Número nove: Você disse que iria explicar melhor o que percebia quando estava falando por meio de Jane a uma sala cheia de gente. Naquela aula de ESP, você mencionou entrar em transe você mesmo, e o esforço requerido para identificar-nos em nosso tempo e espaço.”)

Percebo as pessoas em uma sala de um modo muito diferente daquele em que elas se percebem: percebo suas várias personalidades reencarnadas, passadas e futuras, mas não seus eus prováveis.

Eu “vejo” os aspectos reencarnados, as várias manifestações tomadas nesse particular. Em seus termos, seria como se você visse uma série de gravuras movendo-se rapidamente, todas representando várias poses de uma personalidade. Preciso lembrar-me, em todas as comunicações com as pessoas que se encontram na sala, de limitar meus comentários e focalizar o “eu presente” específico reencarnado.

Vejo esta imagem composta. Ela não é registrada pelos olhos de Ruburt (pausa), que não têm a percepção da profundidade multidimensional necessária. Vejo a imagem composta claramente, esteja eu ou não olhando através dos olhos de Ruburt. Uso seus olhos porque eles limitam o foco para mim a um eu “presente” do qual o indivíduo tem consciência.

A comunicação desta forma com seu sistema exige grande diligência e maior discriminação, de acordo com a “distância” do comunicador do sistema físico. Eu não estou fundado no sistema físico, por exemplo. A discriminação influencia a precisão necessária para entrar em sua realidade no momento preciso, no ponto preciso do tempo e espaço em que vocês estão concentrados.

Tenho acesso às experiências passadas e futuras das pessoas presentes na sala, de uma forma tão real como suas experiências presentes. Portanto preciso lembrar-me do que eles pensam que já aconteceu, ou que ainda não ocorreu, pois para mim é uma coisa só. Esses padrões de atividade, contudo, também mudam constantemente. Eu digo, por exemplo, que tenho conhecimento de suas ações e pensamentos passados e futuros, mas do que eu tenho consciência, na verdade, é de padrões que mudam constantemente, tanto no futuro quanto no passado.

(23h.) Alguns dos eventos que vejo ligados com muita clareza a essas pessoas no futuro, talvez não ocorram em seu sistema físico. Eles existem como probabilidades, como potenciais realizados em pensamentos, mas não transformados em formas físicas definidas. Disse-lhes que nenhum evento é predeterminado. Eu teria que me sintonizar em uma data futura (em seus termos), e esquadrinhá-la com todas as suas manifestações a fim de determinar quais das prováveis ações que vi em seu antes seriam realizadas em seu depois.

Os métodos de comunicação podem variar muito. Uma personalidade baseada na realidade física, entre vidas, por exemplo, encontraria um portal de muitas formas com mais facilidade. As informações que ele conseguiria transmitir, entretanto, também seriam limitadas, por causa de sua experiência. Eu não tenho lembrança da existência física entretanto, e isto automaticamente me ajuda a traduzir seus dados mentais em forma física. Eu percebo objetos, por exemplo. Usar o mecanismo de Ruburt é de grande ajuda aqui também. Às vezes eu vejo a sala e as pessoas como ele, ou, melhor dizendo, como seus mecanismos perceptivos o fazem.

Neste caso, traduzo ou leio as informações e uso-as como vocês poderiam usar as de um computador. Isso responde à sua pergunta?

(“Excelente.”)

Estou pronto para a próxima.

(“Número dez: Você vai falar-nos a respeito de algumas formas em que contatou Jane antes de as sessões terem início?”)

Mencionei algo sobre isso em um capítulo anterior. Grande parte de seu treinamento como Jane ocorreu durante sonhos. Eles eram projeções fora-do-corpo, nas quais ela freqüentava classes, ensinadas no início por vários Speakers. As informações adquiridas eram com freqüência trazidas para camadas conscientes por meio da poesia. (Pausa longa às 23h15.)

Houve um treinamento concentrado, que lhe permitindo uma focalização interna; um ambiente externo que a forçou a olhar para dentro em busca de perguntas; e uma estrutura religiosa forte em que o crescimento inicial pôde ocorrer. Isso é suficiente.

(Uma longa pausa enquanto eu examinava as próximas três perguntas: doze, treze e quatorze.)

Se for o material sobre reencarnação, deixe de lado por enquanto.

(Era. Eu pulei para a pergunta número dezenove, uma pergunta que eu quase não me preocupara em escrever. “Você tem qualquer interesse em perceber nossas vidas diárias quando não está falando através de Jane? Isso é possível?”)

Eu não costumo observar. Estamos ligados, entretanto, em nossa gestalt psicológica, e assim tenho consciência de quaisquer sentimentos intensos de sua parte, ou reações fortes de qualquer tipo. Isto não significa que eu esteja necessariamente consciente de todos os eventos de suas vidas, ou que eu sempre analise detalhadamente os sentimentos que recebo de vocês.

(Pausa às 23h25.) Em geral tenho consciência de sua condição. Se algo aborrece Ruburt, ele automaticamente me envia uma mensagem a respeito. Tenho consciência, dentro dos limites mencionados, de eventos futuros na vida de vocês. (Pausa.) Preocupo-me muito mais com sua vitalidade espiritual global do que com o que vocês comeram no café da manhã.

Acho que essa está respondida.

(“Está bem. Foi muito interessante. Não sei se peço um intervalo ou o final da sessão.”)

Provavelmente tratarei das perguntas sobre evolução e fragmentos ao mesmo tempo, e sugiro que esperem pela próxima sessão. Pode terminar a sessão ou fazer um intervalo, como preferir.

(“Acho que seria melhor terminá-la, sinto dizer.”)

Foram boas perguntas, como eu sabia que seriam.

(“Eu estava um pouco preocupado sobre elas.”)

Espero que agora esteja mais tranqüilo.

(“Muito contente, sim.”)

Minhas cordiais saudações e uma boa noite.

(“Muito obrigado, Seth, e boa noite.” 23h30.)

SESSAO 580, 12 DE ABRIL DE 1971,
21h13, SEGUNDA-FEIRA76

(A sessão de quarta-feira foi realizada para um casal que tem um sério problema com um dos filhos. A família mora em outro estado e nunca nos havíamos encontrado antes. Mais tarde, soubemos que o material de Seth foi muito útil.

(Antes da sessão desta noite, conversei com Jane sobre duas perguntas que eu queria fazer a Seth. Também desejávamos algum material para nós. A sessão foi, mais uma vez, realizada em meu estúdio.)

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: Vocês querem começar pelas perguntas ou pelo material pessoal?

(“ Que tal uma pergunta primeiro?”)

Pode fazê-la, então.

(Número vinte: “Se tudo existe agora, ou ao mesmo tempo, como as coisas podem ser melhoradas por meio de criação e expansão constantes? Ou, em outras palavras: Se estamos constantemente criando, como pode Tudo Que É existir completo agora?”)

Tudo Que É nao está feito e terminado.

(Pausa longa. O ritmo de Jane era ora rápido, ora lento.)

Dentro de seu sistema tridimensional, tudo ocorre simultaneamente. Cada ação cria outras possibilidades de si mesma, ou outras ações a partir da energia infinita do universo, que nunca está parado. A resposta é que o todo é mais que a soma de suas partes. (Pausa.)

Tudo Que É cria a Si mesmo simultânea e infinitamente. É apenas dentro de sua estrutura particular de referência que parece haver contradição entre uma ação que é simultânea, mas que, contudo, é infinita. Isso está relacionado principalmente com as distorções necessárias que têm origem em seu conceito de tempo e em sua idéia de duração; pois duração, para vocês, pressupõe existência contínua dentro de uma estrutura de tempo – predispondo a inícios e finais.

As experiências fora dessa referência nao dependem de duração (em seus termos). Nao existe um “ final perfeito,” nenhuma perfeição completada, alem da qual outras experiências sejam impossíveis ou não tenham significado. (Longa pausa.) Tudo Que É é uma fonte de ação infinita e simultânea. Tudo acontece ao mesmo tempo e, entretanto, não existe início nem fim para todas as coisas (em seus termos); portanto, em seus termos, nada se completa em algum ponto específico.

(21h25.) *Sua idéia de desenvolvimento e crescimento, torno a dizer, implica em uma marcha unilinear rumo à perfeição; seria difícil, portanto, vocês imaginarem o tipo de ordem que permeia todas as coisas. No final, um Deus, ou Tudo Que É, completo ou terminado, acabaria sufocando Sua criação. Pois a*

perfeição pressupõe um ponto além do qual o desenvolvimento torna-se impossível e a criatividade atinge seu final.

Haveria uma ordem em que apenas a predestinação poderia reinar, cada parte encaixando-se em uma determinada ordem, sem liberdade de mudar o padrão estabelecido. Existe ordem, mas dentro dessa ordem existe liberdade: a liberdade da criatividade, a característica de Tudo Que É que permite o Seu infinito tornar-Se.

Ora, nesse infinito tornar-se, há estados que vocês chamariam de perfeitos, mas se a criatividade estivesse morta dentro deles, toda experiência estaria destinada a chegar a um ponto de parada. Contudo, esta grande complexidade não é de difícil manejo; ela é tão simples, na verdade, quanto uma semente.

(21h32.) Tudo Que É é inexaurível. O infinito está dentro da ação simultânea, de um modo que vocês ainda não podem entender.

Esperem um momento. (Pausa longa.) Tudo Que É está vivo dentro de Sua mínima porção, consciente, por exemplo, em cada molécula. Ele reveste todas as Suas partes – ou Suas criações – de Suas próprias habilidades que, por sua vez, agem como inspiração, impulso, diretrizes e princípios pelos quais essas partes então procuram continuar criando a si mesmas, criando seus próprios mundos e sistemas. Isto é dado gratuitamente.

(Pausa longa as 21h37.) Tais poderes e habilidades serão usados por essas criações de várias maneiras. No caso de vocês, a humanidade está formando sua realidade pelo uso desses dons. O homem está aprendendo a usá-los eficazmente e bem. Usa-os para existir. Eles formam a base de sua realidade. Sem essa estrutura, individualmente e como um todo, pode parecer que a humanidade comete erros, atrai a doença, a morte ou a desolação, mas o homem está, sim, usando essas habilidades para criar um mundo.

Observando suas criações, ele aprende como usar melhor suas habilidades. Verifica seu progresso interno vendo a materialização física de sua obra. A obra, a realidade, é uma realização criativa, embora possa retratar uma tragédia ou indizível terror (em seus termos) em qualquer momento determinado.

(“Bem, você está entrando na próxima pergunta. Número vinte e um: Qual sua explicação para a dor e o sofrimento no mundo? Muita gente nos fez esta pergunta.”)

Na verdade, estou. O quadro de uma cena de batalha, por exemplo, pode mostrar a habilidade do artista ao projetar, em toda a sua incrível dramaticidade, as condições desumanas, mas ainda profundamente humanas, da guerra. O artista está usando suas habilidades. Da mesma forma, o homem está usando suas habilidades, que se tornam aparentes quando ele cria uma guerra real.

O artista que pinta esta cena pode fazê-lo por várias razões: porque espera, ao retratar tal desumanidade, despertar as pessoas para suas conseqüências, fazê-las recuar e mudar seus caminhos; porque ele próprio está em tal estado de aflição e tumulto, que dirige suas habilidades nessa direção; ou porque está fascinado pelo problema da destruição e da criatividade, e usa a criatividade para retratar a destruição.

Em suas guerras, vocês estão usando a criatividade para criar destruição, mas não conseguem deixar de ser criativos.

(21h48.) *A doença e o sofrimento não lhes são atirados por Deus ou por Tudo Que É, nem por um agente externo. Eles são um subproduto do processo de aprendizado, criado por vocês, e são, em si mesmos, muito neutros. Por outro lado, sua própria existência, a natureza e realidade de seu planeta, a existência total em que vocês têm estas experiências, também são criadas por vocês, usando as habilidades de que falei.*

A doença e o sofrimento são resultados do direcionamento errôneo da energia criativa, mas fazem parte da força criativa. Eles não vêm, portanto, de uma fonte diferente da fonte da saúde e da vitalidade. O sofrimento não é bom para a alma, a menos que lhes ensine como parar de sofrer. Esse é o seu propósito.

Dentro de seu plano específico de atividade, e falando de um modo prático, ninguém pode, plena ou completamente, usar toda a energia disponível nem materializar completamente a identidade interior, que é multidimensional. Esta identidade interior, entretanto, é o padrão pelo qual vocês, em última instância, julgam suas ações físicas. Vocês tentam expressar, da melhor forma possível, todo o potencial que têm dentro de si.

(21h58.) *Nessa estrutura, é possível ter mentes sadias dentro de corpos sadios, ter um planeta sadio. É impossível conceber que a liberação e o uso da energia criativa tenham simplesmente a finalidade de manter seu planeta e sua existência. O uso da grande quantidade de energia que vocês têm à sua disposição lhes dá uma grande liberdade de movimento.*

Já mencionei que todos os que se encontram em seu sistema estão aprendendo a lidar com esta energia criativa, e como vocês ainda estão neste processo de aprendizado, muitas vezes dirigem mal a energia. A confusão resultante leva-os de volta, automaticamente, a perguntas interiores.

Agora podem fazer um intervalo.

(22h02. Este foi o fim do material do livro de Seth. O resto da sessão foi dedicado a material pessoal. Terminamos às 23h06.)

SESSÃO 581, 14 DE ABRIL DE 1971,

21h16, QUARTA-FEIRA

(Na quinta-feira à noite, 8 de abril, Jane e eu recebemos a visita de três mulheres de Rochester, Nova York. Elas estavam muito interessadas em conversar sobre o livro de Jane, *The Seth Material*. Elas também me deram várias perguntas para serem respondidas por Seth em seu próprio livro, caso ele desejasse fazê-lo. Jane e eu examinamos as perguntas brevemente antes da sessão.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: Vamos iniciar com a primeira pergunta que vocês estavam discutindo.

(De M.H. Sua pergunta baseia-se em uma teoria que, por acaso, eu também ouvira. Um grupo de cientistas postulou a existência de uma classe de partículas subatômicas chamadas “tachyons” ou “meta-partículas,” que sempre viajam em uma velocidade maior que a da luz.

(Segundo a teoria da relatividade, nenhuma partícula pode ser acelerada à velocidade da luz, porque sua massa iria tornar-se infinitamente grande ao seu aproximar da velocidade da luz; esta barreira, porém, foi

ultrapassada pela afirmação de que as partículas em questão têm uma massa própria imaginária – não massa em repouso – que nunca é menor do que a velocidade da luz. M.H. perguntou então: “Essas partículas mais rápidas-que-a-luz são o mesmo que, ou semelhantes à energia eletromagnética ou unidades EE mencionadas por Seth no Apêndice de *The Seth Material*? ”)

Eu lhes disse há um tempo atrás que havia muitas gradações de matéria ou forma que vocês não percebiam. Em seus termos, muitas das partículas que formam essas construções movem-se mais velozmente que a sua luz.

Sua luz, repito, representa apenas uma porção de um spectrum ainda maior do que aqueles de que vocês têm conhecimento; e quando seus cientistas estudam suas propriedades, podem apenas investigar a luz como ela se introduz no sistema tridimensional. Naturalmente, o mesmo se aplica ao estudo da estrutura da matéria ou forma.

Existem, na verdade, universos compostos dessas partículas mais rápidas-que-a-luz. Alguns deles (em seus termos) ocupam o mesmo espaço que seu próprio universo. Vocês simplesmente não percebem essas partículas como massa. Quando elas diminuem suficientemente de velocidade, vocês as experienciam como matéria.

Algumas dessas partículas alteram drasticamente sua velocidade, aparecendo às vezes no ritmo mais lento de vocês, geralmente de modo cíclico. O vórtice interno de algumas dessas partículas tem uma velocidade muito maior do que as porções de sua órbita. As unidades EE são formadas espontaneamente da realidade eletromagnética de sentimentos emitidos a partir de cada consciência, como, por exemplo, a respiração que automaticamente sai do corpo físico.

(21h27.) As unidades EE são, portanto, emanções de consciência. A intensidade do pensamento ou emoção determina as características das próprias unidades. Quando alguns níveis são alcançados, elas são impulsionadas para a realização física. Ocorra isso ou não em seus termos, elas existirão em pequenas partículas de matéria – como, digamos, matéria latente ou pseudomateria.

Algumas delas cairão nos grupos de mais-rápidas-que-a-luz e têm uma vitalidade perceptível dentro dessa estrutura. Essas partículas mais-rápidas-que-a-luz naturalmente existem em seu próprio tipo de forma. Há muitos níveis e muitas variedades dessas unidades, todas existindo além de seu alcance perceptivo. Agrupá-las dessa forma, entretanto, pode levar-nos a uma compreensão errada, pois dentro de todas elas existe grande ordem.

(21h33.) Vocês não são completamente inconscientes da existência de algumas dessas unidades, embora não as experienciem como massa. Vocês interpretam algumas delas como eventos, sonhos, pseudo alucinações; e às vezes, certos níveis dessas unidades são interpretados por vocês como movimento-através-do-tempo.

Todas elas lançam certas “condições atmosféricas” ou reflexos que coloreem os eventos físicos como vocês os conhecem. Alguns de seus próprios sentimentos são impulsionados para uma realidade dentro desses sistemas, adotando, dentro dessa estrutura, sua própria massa e forma. Na criação e na conservação de sua realidade normal, vocês focalizam sua consciência diária de vigília de modo que ela se torne efetiva dentro dos níveis necessários. Idéias e sentimentos que vocês desejam tornar físicos, carregam dentro de si os

mecanismos que os colocarão no nível adequado, bem dentro do campo eletromagnético necessário ao desenvolvimento físico.

(Pausa às 21h40.) Sua consciência, contudo, é equipada para criar realidades também em outros campos. Ora, em certos sonhos e em experiências fora-do-corpo, sua consciência move-se mais depressa do que a velocidade da luz, e nessas condições vocês são capazes de perceber algumas dessas outras formas de “massa de matéria.”

As unidades EE são, muito simplesmente, formas incipientes de realidades: sementes que nascem automaticamente, adequadas para ambientes diferentes, algumas aparecendo dentro da estrutura física, e algumas não se adequando absolutamente a seus pré-requisitos. Ora, alguns sistemas de realidade são “ligados” a centros de partículas mais-rápidas-que-a-luz. Elas começam a ralentar rítmicamente rumo às periferias, cobrindo grandes distâncias (em seus termos), até que as partículas externas mais lentas aprisionam, de certa forma, as massas centrais, embora se movam muito mais rapidamente, mas dentro de uma área confinada.

(21h45.) Os comportamentos dessas unidades, como vocês podem ver agora, formam uma camuflagem particular dentro de qualquer sistema, enquanto as atividades periféricas estabelecem, eficientemente, identidades internas e limites externos, que são variações – falando de um modo geral e muito simplesmente – da matéria como vocês pensam nela. O mesmo se aplica, entretanto, à matéria negativa ou antimatéria, que vocês não percebem em nenhum dos casos. As gradações de atividade dentro de tais sistemas, entretanto, são igualmente diversas.

Basicamente, entretanto, nenhum sistema é fechado. A energia flui livremente de um para outro, ou melhor, permeia cada um. É apenas a estrutura da camuflagem que dá a impressão de que os sistemas são fechados, e a lei da inércia não se aplica. Parece ser uma realidade apenas dentro da estrutura de vocês e devido a seu foco limitado.

Ora, a duração e a estabilidade relativa dessa “matéria,” dentro de outros sistemas, varia consideravelmente, sendo que a intensidade determina a força de todas essas manifestações. As unidades EE invisíveis formam sua matéria física e representam as unidades essenciais e básicas a partir das quais aparece toda partícula física.

(21h52.) Ela não será percebida fisicamente. Vocês vêem apenas seus resultados. Uma vez que a consciência pode viajar mais rapidamente que a luz, quando não está aprisionada pelas partículas mais lentas do corpo pode tornar-se consciente de algumas dessas outras realidades. Sem treinamento, entretanto, não saberá interpretar o que vê. O cérebro físico é o mecanismo pelo qual o pensamento ou a emoção se transforma automaticamente em unidades EE de alcance e intensidade adequados ao uso do organismo físico.

Agora pode fazer um intervalo.

(21h56. A transmissão de Jane foi ora lenta, ora rápida, mas seu transe foi profundo. Quando eu lhe disse que o material era uma ótima resposta à pergunta, ela afirmou: “Só sei que eu estava muito longe....

“(Uma nota relativa aos efeitos mais-rápidos-que-a-luz. No domingo seguinte a esta sessão, um jornal importante de Nova York relatou que astrônomos observaram dois componentes de um quasar voando

separados a, aparentemente, dez vezes a velocidade da luz. Esta é uma descoberta surpreendente, impossível segundo as leis da física.

(Quasars – quasi-stellar radio sources – são fontes extraordinariamente poderosas de ondas de luz e rádio. A maioria dos cientistas acredita que eles existem no limiar de nosso universo observável. Se for este o caso, eles estão tão distantes que sua energia levou bilhões de anos para nos alcançar. Reiniciamos às 22h20.)

Essas unidades EE são, portanto, os blocos de construção psíquicos da matéria. Agora: Podem passar a outra pergunta.

(“Número vinte e três: Você está em contato com, ou falando através de, outros humanos, como com Jane?”)

Não. Como mencionei antes neste livro, tenho, entretanto, contatos em outros níveis de realidade.

(Seth fez uma pausa e eu apresentei a segunda pergunta de M.H.: “Vivenciar o toque vibratório interior é como ler uma aura?”*)

Não. O toque vibratório interior é uma experiência muito mais pessoal, mais semelhante ao que você percebe como “tornar-se parte de,” mais do que, por exemplo, a leitura de uma aura. (Pausa.)

(“Pronto para a próxima pergunta?”)

Estou esperando.

(“Número vinte e quatro: Jane alguma vez impede que você se comunique quando deseja?”)

Em várias ocasiões eu comuniquei meu desejo em circunstâncias particulares. Eu sabia mais sobre essas circunstâncias do que Ruburt. Algumas dessas ocasiões ocorreram bem no começo de nossas sessões, quando Ruburt estava preocupada a respeito de transe espontâneos, por isso, depois de fazê-lo saber de minha presença, eu concordei com a decisão dele na ocasião. Algumas vezes, certas condições eram desfavoráveis. Em geral Ruburt reagiu negativamente – isto é, a interferência era tal que atrapalharia a situação dela e não a minha.

** Toque vibratório interior é um de nossos sentidos internos, dos quais Seth apresenta uma lista no Capítulo Dezenove de The Seth Material. Usando este sentido, um observador que estivesse parado em uma rua típica sentiria a experiência de ser qualquer coisa que desejasse dentro de seu campo visual: pessoas, árvores, insetos, folhas. Ele conservaria sua própria consciência e perceberia sensações mais ou menos como experimentamos o frio e o calor. Este sentido é como empatia, só que muito mais vital.*

(Muitas sessões atrás, Seth nos disse que ainda mantinha a personalidade fragmentada de um cachorro aqui na Terra. Ele, entretanto, não quis dizer onde. “Número vinte e cinco: Você ainda tem algum fragmento físico, de qualquer tipo, aqui na terra?”)

Agora, não. Meu cachorro partiu.

(Número vinte e seis: “Os cães são fragmentos de seres humanos?”)

(Sorriso.) *É uma boa pergunta, e vocês precisam conceder-me um momento para explicar isto com clareza.*

(22h30.) *Falando de certa forma, vocês são fragmentos de sua entidade. Vocês, entretanto, consideram-se muito independentes, e não eus de segunda-mão, jogados fora; assim, os cães e outros animais não são simplesmente manifestações, por parte de seres humanos, de energia psíquica perdida.*

Os animais têm vários graus de autoconsciência, como as pessoas. A consciência que está neles é tão válida e eterna como a sua. Não existe nada que impeça uma personalidade de investir uma porção de sua própria energia em uma forma animal. Isto não é transmigração de almas. Não significa que um homem possa reencarnar em um animal. Significa que a personalidade pode enviar uma porção de sua energia para vários tipos de forma.

(22h35.) *Talvez as encarnações tenham terminado para um determinado indivíduo, por exemplo, mas dentro dele ainda existe algum desejo pela terra natural com a qual esteve tantas vezes envolvido. Assim, ele pode projetar um fragmento de sua consciência em uma forma animal. Quando isso acontece, a terra é vivenciada do modo natural para aquela forma. Um homem não é um animal, portanto, nem invade, digamos, o corpo de um.*

Ele simplesmente acrescenta uma porção de sua energia à energia presente no animal, misturando esta vitalidade com a do animal, o que não significa, contudo, que todos os animais sejam fragmentos desse tipo. Os animais, como qualquer dono de um bichinho sabe, têm sua própria personalidade e características, além de maneiras individuais de perceber a realidade que está à sua disposição. Sua consciência pode ser enormemente avivada por contato com humanos amigáveis, desenvolvendo-se muito seu envolvimento emocional com a vida.

Os mecanismos de consciência permanecem os mesmos e isso vale tanto para animais quanto homens. Portanto, não há limites para o desenvolvimento de qualquer consciência individual ou crescimento de qualquer identidade. A consciência, tanto dentro quanto fora do corpo, encontra seu próprio âmbito, seu próprio nível. Um cachorro, portanto, não fica limitado a ser cachorro em outras existências.

Repito que um certo nível de consciência é necessário, um certo tipo de conhecimento, uma certa compreensão da organização da energia, para que a identidade possa manipular um organismo físico complicado.

(22h45.) *Como vocês sabem, a consciência tem uma grande tendência para manter a individualidade e, ao mesmo tempo, unir-se a gestalts. Uma consciência animal pode, após a morte, formar uma gestalt com outras consciências semelhantes, onde as habilidades se unem e a cooperação combinada torna possível, por exemplo, uma mudança de espécie.*

Nesses e em outros casos, entretanto, a individualidade inata não se perde, mas permanece indelevelmente impressa. A consciência, por sua própria natureza, precisa mudar, e assim, identidades também precisam mudar – não uma bloqueando a outra, mas uma construindo sobre a outra, enquanto cada degrau sucessivo é mantido, e não descartado.

Nessas inter-relações, os degraus, ou identidades, são imensamente enriquecidos pela percepção ampliada dos outros. Como mencionado anteriormente, os pensamentos, contendo sua própria realidade eletromagnética, têm forma, vocês a percebiam ou não. Com cada pensamento, portanto, vocês enviam, a

partir de si mesmos, formas e imagens que podem ser realidades muito legítimas para aqueles que se encontram dentro do sistema de realidade para os quais são impelidas.

Da mesma forma, personalidades de outros sistemas podem enviar energia para o seu. Como esses eventos não têm origem em seu sistema, vocês não compreendem seu significado.

Agora pode fazer um intervalo.

(22h54. O transe de Jane fora novamente bom, sua transmissão, variável. Este foi o fim do material do livro de Seth esta noite. O restante da sessão foi usado para assuntos pessoais. Terminamos às 23h20.)

SESSÃO 582, 19 DE ABRIL DE 1971,

21h20, SEGUNDA-FEIRA

(Antes da sessão, nós tornamos a ler uma carta que Jane havia recebido em 16 de março de 1971, da Sra. R. O filho dela desaparecera em 28 de junho de 1970. Jane escrevera-lhe em 4 de abril, prometendo alguma informação para breve.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: Comece com seu programa. O que tem para mim primeiro?

(“Pode responder primeiro à carta da Sra. R.?” Como Seth, Jane estendeu a mão para pegar a carta.)

Dê-me a carta. Agora, espere um pouco.

(De olhos fechados, Jane recostou-se na cadeira de balanço com a carta dobrada na mão direita.)

O rapaz esteve em vários locais, passando um breve período em um hospital. Ele parecia ter um problema de pulmão, ou pulmões. Acredito que tenha estado em Detroit. (Pausa.) Também no estado da Flórida, perto de uma pequena cidade cujo nome começa com um P e é bem longo.

Ele também tinha em mente, com muita força, a Califórnia. Trinta e seis. (Pausa.) Trabalhou no que parece ser uma fábrica, em um ambiente meio escuro, com fileiras do que presumo ser maquinário, e grandes janelas, tratadas de uma forma que a luz do sol não pudesse brilhar fortemente através delas.

Era isso, ou o lugar ficava um pouco abaixo do nível do solo. O nome “George,” ligado a ele. Talvez um amigo. Ele também enviou um telegrama, acredito, para outra pessoa, ou vai enviar um à sua mãe.

Há uma ligação com duas jovens. (Pausa longa.) A mãe vai ter notícias dele. Isso é tudo que tenho por agora.

(As informações acima foram transmitidas em um ritmo rápido. Não temos maneira de saber se a resposta de Seth a uma indagação como a da Sra. R. será longa. Seja qual for o tamanho – uma, cinco ou dez páginas – assim que a sessão é datilografada, nós enviamos uma cópia a quem nos consultou. Pedimos que a pessoa nos responda, para ver se é possível conferir o material. Neste caso, não tivemos notícias da Sra. R.)

Tentaremos explicar sua pergunta a respeito da natureza da evolução.

(Número vinte e sete: A evolução, como é comumente considerada, é um fato, ou algo muito distorcido?

(Em relação a esta pergunta, oito dias mais tarde, na aula de ESP, Seth disse o seguinte a respeito de Charles Darwin e a teoria da evolução:

(“Ele passou seu último ano de vida provando-a, mas a teoria ainda não tem uma validade real. Tem validade apenas dentro de perspectivas muito limitadas; a consciência, na verdade, evolui a forma. A forma não evolui a consciência. Toda consciência existe simultaneamente, e, portanto, não evoluiu nesses termos. Depende de quando vocês entram neste quadro e o que decidem observar, e que parte da peça vocês decidem observar. O contrário é mais verdadeiro, no sentido de que a consciência evoluída forma a si mesma em muitos padrões diferentes e se lança para a realidade. A consciência não veio de átomos e moléculas espalhados por acaso pelo universo. A consciência não chegou porque matéria inerte voou de repente para a atividade e a melodia. A consciência existiu primeiro, e evoluiu a forma na qual começou então a se manifestar.

(“Agora, se vocês todos tivessem realmente prestado atenção ao que eu venho dizendo durante algum tempo sobre a natureza simultânea do tempo e da existência, saberiam que a teoria da evolução é um conto tão belo como a teoria da criação bíblica. Ambos são muito cómodos, ambos são métodos de contar histórias e ambos podem parecer concordar com seus próprios sistemas; contudo, em aspectos maiores, não podem ser realidades.... Não – nenhuma forma de matéria, por mais potente que seja, tem uma auto-evolução rumo à consciência, mesmo que outros pedaços de matéria lhes sejam acrescentados. Sem a consciência, a matéria não existiria no universo, flutuando por aí, esperando que outro componente lhe dê sua realidade, consciência, existência, ou melodia.”

(Um membro da classe: “Toda porção de matéria já tem consciência?”)

(“Sim, e a consciência veio primeiro. Você está correto. Agradeço-lhe por trazer essa matéria para discussão. [Sorriso.] Há muitas maneiras de ‘trazer’ matéria.”)

(21h30.) *Com o risco de me repetir, quero dizer que o tempo, como vocês o conhecem, basicamente não existe, e que todas as criações são simultâneas. (Divertido.) Isso deve responder à sua pergunta.*

(“Eu já pensei nisso,” disse eu. Como comentei com Jane em nosso primeiro intervalo, o conhecimento de que o tempo na verdade é simultâneo, às vezes confunde, quando uma pessoa faz certos tipos de perguntas; este conhecimento responde à metade da pergunta, mas nós queremos que o resto da pergunta seja considerado.)

Vamos explicar melhor.

(“Está bem.”)

Todas as eras da Terra, tanto passadas como presentes (em seus termos), existem, assim como as eras futuras. Ora, vocês podem fazer disso um agora fundamental. Algumas formas de vida estão sendo desenvolvidas no que vocês consideram o tempo presente. Elas não aparecerão fisicamente até que vocês alcancem seu tempo futuro. Está me seguindo?

(“Estou.”)

Elas existem agora, entretanto, tão certamente quanto, digamos, os dinossauros. Só que vocês escolhem focalizar sua atenção em um campo altamente específico de coordenadas de espaço-tempo, aceitando-o como realidade presente e fechando-se para todas as outros. Especificamente, formas físicas complicadas não resultam de formas anteriores mais simples. Elas todas existem (em termos mais amplos) ao mesmo tempo.

Por outro lado, organizações mais complicadas de consciência são necessárias para formar, penetrar e vitalizar as estruturas físicas mais complicadas. Toda estrutura é formada de consciência. Definido em seus termos, um fragmento é uma consciência não tão desenvolvida quanto a sua. As porções vivas da natureza são resultado de sua própria criatividade, projeções e freagmentos de sua própria energia; a energia que chega para vocês proveniente de Tudo Que É projeta-se, a partir de vocês, formando suas próprias manifestações de imagens, como vocês formam as suas.

(Pausa às 21h42.) Como não percebem o futuro e não compreendem que a vida se movimenta em todas as direções, parece-lhes apenas lógico supor que as formas presentes precisam ser baseadas em formas passadas. Vocês fecham os olhos para as evidências que não apóiam esta teoria. (Com força, sorrindo): E, naturalmente, não estou falando sobre você pessoalmente, Joseph.

Em outras palavras: não existe um desenvolvimento unilinear. Os elementos-fragmentos dirigidos para fora por vocês como espécie, também ampliam, naturalmente, sua realidade física, pois se o equilíbrio não fosse mantido e não houvesse esta cooperação, seu tipo particular de ambiente não seria possível.

Já lhes disse muitas vezes que vocês cometem uma grave injustiça limitando sua concepção do eu. Seu senso de identidade, liberdade, poder e amor seria imediatamente melhorado se pudessem compreender que o que vocês são não termina nos limites de sua pele, mas continua através do ambiente físico que parece ser impessoal, ou não-eu.

Biologicamente, deveria ser fácil compreender que vocês são, fisicamente, uma parte da terra e de tudo que existe nela. Vocês são feitos dos mesmos elementos, respiram o mesmo ar. Não podem manter o ar que respiram dentro de vocês e dizer: “Isto sou eu, cheio deste ar. Não deixarei que ele saia,” pois descobririam com muita rapidez que não são tão independentes assim.

Vocês estão ligados biologicamente, ligados quimicamente, à Terra que conhecem; mas como ela também é formada, natural e espontaneamente, da própria projeção da energia psíquica de vocês, como vocês e as estações têm uma interação psíquica, o eu precisa ser compreendido em um contexto muito maior. Esse contexto deveria permitir-lhes participar das experiências de vida de muitas outras formas que seguem padrões de energia e emoções que vocês mal concebem, e também perceber uma consciência do mundo na qual vocês têm sua própria parte independente.

Pode fazer um intervalo.

(21h54. Disse a Jane que ela transmitira esta excelente resposta à minha pergunta em um ritmo consideravelmente mais rápido. Reiniciamos às 22h04.)

Agora: Terminei a última pergunta, portanto pode continuar.

(“Número vinte e oito: Eu já pintei algum quadro retratando Speakers?”)

Na verdade, já. Um foi o quadro comprado por Carl e Sue Watkins (que, meio brincando, havíamos chamado de Moisés); outro, o meu retrato (pausa); e outro, aquele que você ainda não terminou – sobre o qual o Deão (título amigável que Seth dera a Tom M., um dos membros da classe de ESP) perguntou recentemente, de uma mulher. E seu homem azul. (Pausa.) Eis sua resposta.

(No Capítulo Dezessete, Seth disse a Jane e a mim que nós dois fôramos *Speakers*. Como não pintei nenhum auto-retrato, não podia estar incluído na lista, mas Seth deixou de mencionar o quadro que fiz de Jane. Não percebi a omissão, por isso não perguntei sobre ele....

(Quando Seth me diz que fiz o quadro de um *Speaker*, traduzo isso como significando que eu sintonizei apenas uma personalidade das muitas que formam a entidade daquele *Speaker*.

(Após o início das sessões, comecei uma série de retratos de pessoas que não “conheço” conscientemente. A princípio, eu compreendia muito pouco a respeito de possíveis fontes de inspiração; simplesmente seguia meu impulso de pintar aquelas pessoas. Idéias para os retratos “chegam” espontaneamente quando estou mentalmente ocupado com alguma outra coisa. Isso sempre me surpreende. Às vezes tenho uma visão direta, muito objetiva, e a cores. A visão é do quadro terminado ou da pessoa que deve ser retratada. Em várias ocasiões, eu “soube” que a pessoa estava morta. Poucos quadros são de *Speakers*, obviamente, e em nenhum caso eu percebi que estava trabalhando com esse tipo de personalidade.

(Recentemente, terminei o homem azul mencionado por Seth. Pinte um homem com roupas modernas, mas, na realidade, de acordo com um Seth divertido, o sujeito era uma clarividente que vivera em Constantinopla no século quatorze; distorções inconscientes em minha própria percepção levaram-me à figura masculina. Seth deu-lhe o nome de Ianodiala. O quadro faz muito sucesso, e é pintado em azul e verde.

(Não suspeitara, de modo algum, em anos anteriores, dessas fontes de inspiração. Acredito agora que elas estão geralmente presentes em níveis inconscientes; mas a fim de expandir os potenciais do ato criativo tanto quanto possível, eu gostaria de ver outros aprenderem a cultivar essas visões e percepções em base deliberada e consciente. Parece-me que os benefícios seriam muitos. Há muito que se aprender aqui.

(“Você quer tratar agora da questão dos Pergaminhos do Mar Morto e Yahoshua?” Eu me referia a uma carta que Jane recebera em 12 de abril, referente ao terceiro Cristo mencionado por Seth em *The Seth Material*.)

Vamos deixar essa para o capítulo religioso. Nele responderemos a suas outras perguntas relacionadas ao assunto.

(“Número cinquenta e dois: Na sessão 429 de 14 de agosto de 1968, você disse: ‘Minutos e horas também têm sua própria consciência. Você não explicou.’”)

(Sorriso.) *E agora você quer que eu explique.*

(“Bem, eu não sei. Estou pensando que talvez a pergunta seja complicada demais para uma resposta rápida.”)

Espere um momento. (Pausa.) O que vocês percebem como tempo é uma porção de outros eventos que se intrometem em seu próprio sistema, em geral interpretados como movimento no espaço, ou como algo que separa eventos – se não no espaço, pelo menos de um modo impossível de definir sem usar o conceito de tempo.

O que separa eventos não é tempo, mas sua percepção. Vocês percebem eventos “um de cada vez.” O tempo, como aparece a vocês, é, na verdade, uma organização psíquica da experiência. O início e o fim aparentes de um evento; o nascimento e a morte aparentes são, simplesmente, outras dimensões de

experiência, como, por exemplo, altura, largura, peso. Em vez disso, parece-lhes que vocês correm em direção a um fim, quando o fim é parte de uma experiência particular, ou, se preferirem, pessoa-evento.

(22h26.) Estamos, pois, falando de realidade multidimensional. O eu total da entidade ou alma não pode nunca ser completamente materializado em forma tridimensional. Uma parte dele pode ser projetada nessa dimensão, entretanto, estendendo-se tantos anos no tempo, ocupando tanto espaço, e assim por diante.

A entidade vê o evento total, a pessoa-evento total, e o elemento tempo, ou idade em seus termos, como simplesmente outra característica ou dimensão. A pessoa-evento não é eliminada, entretanto. Sua realidade maior simplesmente não pode aparecer dentro de três dimensões. É, em vez disso, composta de átomos e moléculas que vocês não percebem, tanto acima como abaixo do nível físico de intensidade – e todos eles, à sua própria maneira, possuem consciência.

Em termos mais amplos, segundos e momentos também não existem, mas a realidade que está por trás do tempo, ou que vocês percebem como tempo, os eventos “do tempo de fora,” são compostos de unidades que também têm seu próprio tipo de consciência. Eles formam o que aparece para vocês como tempo, na forma de átomos e moléculas que lhes aparecem como espaço. (Pausa.)

Agora: há unidades movendo-se mais rapidamente que a velocidade da luz, fontes excelentes de energia que se introduzem e se impõem à matéria sem jamais se materializar. Elas serão interpretadas de modo diferente em outros sistemas. Este é o final. (Sorrindo.)

(22h35. Quer dizer, do ditado do livro. Este foi, na verdade, um intervalo. Seth terminou a sessão com várias páginas de material tratando de outros assuntos. Terminamos às 23h16.)

SESSÃO 583, 21 DE ABRIL DE 1971,

21h30, QUARTA-FEIRA

(Na noite passada, terça-feira, fui para a cama enquanto Jane estava dando sua aula de ESP na sala de visitas. Era mais ou menos 23h30. Quando estava meio adormecido, fiz sugestões a mim mesmo de que me lembraria de meus sonhos pela manhã e iria escrevê-los. Estranhamente, não mencionei “projeções astrais.”

(Dormi um tanto agitado, despertando várias vezes ainda durante o período da aula. Finalmente, percebi, meio dormindo, o barulho dos carros dos alunos saindo do estacionamento próximo à casa. Então adormeci. Jane disse mais tarde que ela foi para a cama à meia-noite e quarenta e cinco.

(A próxima coisa de que tive conhecimento foi que eu estava pairando no ar, em nosso banheiro, com a luz apagada. Eu me encontrava sem-corpo, o que absolutamente não me aborreceu.

(O banheiro fica no centro de nosso apartamento; a sala de visitas fica de um lado dele, o quarto e meu estúdio, do outro. A fim de manter Willy, nosso gato, fora de nossa cama à noite, nós o colocávamos na sala e fechávamos a porta daquele lado do banheiro. Agora eu me via pairando na frente daquela porta, incapaz de passar por ela.

(Não senti pânico nem medo. Meus olhos astrais estavam funcionando. Uma luz fraca atravessava uma janela estreita, aberta à minha direita. A porta fechada estava no escuro, mas eu sabia que me encontrava diante dela. Embora meu corpo estivesse dormindo ao lado de Jane, no quarto “atrás” de mim, não me

preocupei. Não percebi, a princípio, que me estava projetando – não tive a presença de espírito, digamos, de ordenar a mim mesmo que atravessasse a porta para a sala de visitas. Mas o fato de que eu estava fora de meu corpo, e em um estado muito agradável, sem peso, foi vagarosamente entrando em minha mente. Não me lembrava de ter deixado o corpo e de me dirigir ao banheiro.

(Essa foi a primeira vez que nenhum elemento de medo esteve presente em uma de minhas infrequentes projeções. Acredito, entretanto, que a idéia consciente de que portas não podem ser penetradas me deteve. Adormeci novamente, logo depois desse impasse da porta fechada. Quando me tornei outra vez consciente, alguns momentos mais tarde, encontrei-me flutuando bem acima de meu corpo físico que estava deitado na cama.

(Aconteceu que eu estava deitado de costas, com os braços ao lado do corpo. Meu corpo astral estava mais ou menos na mesma posição, talvez quinze centímetros acima. Meu estado era incrivelmente regular e agradável. Sentia-me desperto, consciente do que estava fazendo, e muito livre e leve. Ouvi a mim mesmo roncando, sem ainda prestar muita atenção ao fato. Sabia que não estava sonhando. Até me lembrava de ter lido várias vezes que quando uma pessoa se projeta, ela sabe a diferença entre esse estado e o estado de sonho. Agora eu podia confirmar isso por experiência direta. Fiquei muito contente.

(Eu tive um tipo diferente de visão desta vez. De algum modo, estava muito consciente de minhas pernas, especificamente, suspensas acima de minhas pernas físicas. Senti grande prazer em mexê-las, sacudindo-as para baixo e para cima, usufruindo sua maravilhosa sensação de liberdade e leveza. Sabia que minhas pernas físicas não podiam mover-se com aquela liberdade, embora estejam em boa forma. Minhas pernas astrais tinham uma sensação mais ou menos de borracha, tão flexíveis e soltas estavam – e, de alguma forma, de minha posição privilegiada, eu via que elas tinham uma cor clara e translúcida dos joelhos para baixo!

(Uma vez que minha projeção parecia ser tão confiável, comecei a pensar que me oferecia grandes oportunidades. Eu não sentia medo, repito, apenas confiança. Pensei que aquela seria uma grande ocasião para uma bela aventura. Disse a mim mesmo que estava pronto para tentar qualquer coisa – uma visita a outra realidade, um mergulho através da porta que dava para a sala, uma viagem pela rua de minha casa...

(Todo esse tempo, Jane continuava deitada a meu lado. Mais tarde, disse que eu estava roncando alto quando ela foi para a cama. Minha atenção agora começou a mudar seu foco; pela primeira vez, eu realmente ouvi a mim mesmo. Fiquei surpreso diante da altura dos sons que vinham de minha cabeça física, bem abaixo de “mim.” Eu não conseguiria duplicá-los estando acordado.

(Sem sucesso, fiz várias tentativas conscientes e deliberadas de “ir “ me afastando de meu corpo. Meus esforços não quebraram o encanto da projeção. Eu simplesmente permaneci onde estava. Então tive uma idéia: Usaria o som de meus roncamentos como impulso para enviar-me voando para outras dimensões, deixando meu corpo muito para trás, na cama.

(Deliberadamente, comecei a roncar ainda mais alto, se possível. Queria conseguir um impulso sonoro maciço, que pudesse ser usado como um propulsor, embora eu não soubesse como isso devia funcionar. O estranho é que eu apreciei ambas as sensações: a de estar pouco acima de meu corpo físico, e

minha habilidade de usá-lo para produzir sons. Isto indica uma consciência dual, já que eu tinha consciência dos dois corpos.

(Eu ouvia meus roncos aumentando de volume, ou então estava me concentrando neles mais agudamente. Minhas idéias não estavam funcionando. Eu não sei se acabaria conseguindo lançar-me, porque Jane me disse naquele momento: “Querido, você está roncando. Mude de posição,” como geralmente faz quando se cansa de meus roncos. Eu ouvi a voz dela claramente. Parei imediatamente de roncar, mas não me mexi. Não me lembro de voltar para o corpo físico. Finalmente, cutuquei-a e, com esforço, contei-lhe o que havia acontecido. Ela achou que eu parecia estar ainda em transe.

(Senti-me como se fosse me projetar outra vez, por isso continuei tentando enquanto Jane permanecia deitada em silêncio ao meu lado. Não consegui, embora a aura muito agradável que cercou todo o episódio tenha permanecido comigo muito fortemente. A projeção, por pequena que tenha sido, parecera tão fácil e natural que eu me perguntei por que não era uma coisa comum. Eu sabia, todo o tempo, que era possível realizar muito mais – que se eu conseguisse quebrar aquela barreira, logo além de minhas habilidades do momento havia outras possibilidades maravilhosas. Não senti nenhum pânico e em nenhum momento eu vi, ou senti, o “cordão prateado astral.” Finalmente adormeci.

(Esta experiência levantou algumas perguntas que eu acrescentei à lista do Capítulo Vinte: 1. Minha própria projeção fora tão agradável, mas o mais importante é que continha tantas possibilidades que eu fiquei pensando por que o homem ocidental não tem mais consciência de suas habilidades. 2. Por que ele não as cultiva e usa? Esperava que Seth comentasse isso esta noite.)

Agora: Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

E parabéns.

(“Obrigado.”)

Isto é para você. Você tentou a experiência naquele momento porque tinha um ás na manga, por assim dizer, pois caso tivesse ficado com medo, sabia que Ruburt iria para a cama. Você estava pronto para tentar de novo, entretanto, e usou um método lento e fácil, um ambiente agradável, para facilitar as coisas, de modo a poder familiarizar-se com a sensação antes de realmente se entregar a uma aventura grande demais.

(“Eu tentei isso antes de Jane ir para a cama?”)

Não. Você começou suas tentativas antes, mas não obteve sucesso até Ruburt ir para a cama. O sentido de tempo fora do corpo pode ser muito diferente do que no corpo. Você sabia que, com uma experiência bem sucedida, seria muito mais livre, e assim, escolheu as melhores circunstâncias.

Você poderia realmente ter deixado o apartamento. Os roncos também tinham a finalidade de dar um sinal a Ruburt. Você sabia que ela iria acordá-lo. Essa foi a motivação original. Se você não gostasse da experiência, ela teria sido terminada. Enquanto isso, sentia-se encantado e decidiu usar o barulho como um propulsor, mas Ruburt reagiu ao barulho como costuma fazer.

Agora, você deverá lembrar-se de muitas experiências semelhantes.

(É domingo, 25 de abril, e estou datilografando esta sessão com base em minhas anotações. Desde 21 de abril tenho esperado ansiosamente, mas em vão, por outra projeção. Em outra ocasião, tive uma pequena saída do corpo, seguida, durante quase duas semanas, por uma série de projeções incompletas ou experiências em sonhos, contendo elementos distorcidos desse fenômeno. Estranhamente, poderíamos usar como analogia os abalos que seguem um terremoto...)

Agora, em resposta a suas perguntas: Os ocidentais decidiram focalizar sua energia externamente, ignorando em grande parte realidades internas. Os aspectos social e cultural, e mesmo os religiosos, automaticamente inibem essas experiências a partir da infância. Em sua sociedade, não existe benefício social ligado a projeções, mas existem muito tabus em relação ao assunto.

(21h40.) Isso, naturalmente, é decidido pelas pessoas envolvidas nesta civilização. Também são feitos balanços antes que a moderação e a compreensão sejam alcançadas. Algumas personalidades escolhem reencarnar em sociedades orientadas externamente, como compensação por vidas que foram vividas com grande concentração interior e uma manipulação física muito pobre. O homem aprende que a realidade interior e a realidade exterior devem ambas ser compreendidas e usadas construtivamente.

Naturalmente, durante o sono ocorrem projeções constantes, sejam ou não lembradas. Elas são relembradas quando existe alguma razão para fazê-lo, algum mérito ou realização óbvia envolvida, como em sociedades onde é considerado altamente vantajoso usar sonhos e projeções.

Se no presente vocês estão experienciando uma vida em que escolheram grande ênfase na locomoção física, por exemplo, então, por meio de vagas lembranças de sonhos onde estavam voando, vocês podem ser inspirados, digamos, a inventar aviões ou mísseis; mas se na verdade compreenderem o fato de que sua própria consciência pode viajar fora do corpo, o impulso para o desenvolvimento físico na locomoção não é tão intenso.

Agora: Que perguntas você tem?

(“Número cinquenta e quatro: Esta pergunta vem da resposta que você deu ao número onze, quando eu lhe perguntei sobre o treinamento que Jane necessitaria a fim de transmitir um dos manuscritos do *Speakers*. Você disse que algumas dessas línguas antigas envolviam gravuras e símbolos. Com sua ajuda enquanto está em transe, poderia Jane fazer figuras de algumas gravuras-palavras ou símbolos? Estou apenas curioso para ver se ela poderia aproximar-se de uma das línguas dos *Speakers*.”)

Isso é possível.

(“Seria muito interessante.” Seth fez uma pausa, então perguntei: Ela poderia fazer isso agora?”)

Este não é o momento. (Pausa.) Há muitas ligações interiores distorcidas entre elas. Alguns hieróglifos e os símbolos foram usados pela civilização Mu.

Eu sugiro um intervalo enquanto vocês conferem suas perguntas.

(“Está bem.”)

(22h. Jane e eu repassamos algumas das perguntas restantes, mas como parecia que ela estava ficando cansada, eu sugeri que terminássemos esta parte da sessão. O resto foi dedicado a material pessoal. Terminamos às 22h58.)

SESSÃO 584, 3 DE MAIO DE 1971,
21h35, SEGUNDA-FEIRA

(Exceto pela aula de ESP, na semana passada Jane descansou do trabalho psíquico.)

Agora: Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Eu responderei a perguntas que não tratem de reencarnação nem de religião.

(Estivéramos conversando sobre esses assuntos pouco antes da sessão, embora eu não tivesse planejado referir-me a eles esta noite. “Número cinquenta e oito: Há outras leis do Universo Interno, além das que você mencionou na sessão 50 de 4 de maio de 1964?”)

Há, mas como não vou tratar delas neste livro, posso dá-las a você uma outra hora.

(Fiz a pergunta porque achei que a resposta de Seth à pergunta quarenta e seis, na última sessão, tocou em uma destas proposições: “A Lei da Mutabilidade e da Transmutação Infinitas.” Diante da resposta dele agora, entretanto, não continuei o assunto.)

(“Número quarenta e quatro: Se você não tivesse podido falar através de Jane, teria tentado fazê-lo através de outra pessoa – ou está fazendo isso de qualquer jeito.”)

Eu já falei através de outros. Os arranjos “desta vez” já estavam feitos. É verdade que Ruburt não precisava aceitar o arranjo. Se isso tivesse acontecido, o material seria dado, mas de um modo diferente.

Eu não teria falado da mesma forma, pois este trabalho requer uma certa concordância específica e características definidas por parte da personalidade envolvida. O material poderia ter sido dado de um modo muito mais simples através de outra pessoa, mas eu queria um mínimo de distorções e que o material fosse o mais dimensional possível. Se Ruburt não estivesse disponível, o material teria sido dado a um Speaker, vivendo em seus termos, que também estivesse envolvido no campo criativo.

Não existe ninguém mais, vivo atualmente, com quem eu tenha tido uma grande harmonia no passado, exceto vocês dois. Esse Speaker teria recebido as informações principalmente durante os sonhos, escrevendo-as em uma série de tratados e narraivas de ficção.

Se Ruburt não tivesse aceito, entretanto, é muito provável que ele tivesse escolhido uma outra vida no qual cumprir a tarefa, e, nesse caso, eu teria esperado. A decisão foi sempre dele, entretanto, e se ele não tivesse aceitado de jeito nenhum, outros arranjos teriam sido feitos.

(Para mim): *Agora: você previu sua participação nestas sessões, bem como nosso trabalho. Um dos quadros que você fez muitos anos atrás, antecipava claramente o desenvolvimento de seus esforços psíquicos. É aquele que você vendeu, o homem que ficou pendurado durante algum tempo no lugar em que hoje se encontra meu retrato. Era um retrato de Joseph; em outras palavras, de sua própria identidade interior, como você percebeu intuitivamente na época. Você não estava consciente da ligação, mas estava consciente do forte impacto do quadro.*

(Eu sei qual é o quadro, naturalmente. Pinte-o na Flórida em 1954, antes de Jane e eu nos casarmos. Tenho fotos dele e pretendo repintá-lo algum dia. Isto significa, é claro, que eu estarei pintando uma nova

versão do antigo. Seria impossível duplicá-lo verdadeiramente. Entretanto, não me arrependo de tê-lo vendido.)

Ele também representou a porção de você que estava buscando, que estava criativamente insatisfeita, procurando maior compreensão e conhecimento. A relação peculiar existente entre você e Ruburt também foi um pré-requisito, e, assim, sua permissão e aceitação também foram necessárias.

Se você tivesse ficado à parte, as sessões não poderiam ter começado. Você esteve ligado à mesma entidade, embora se tenha separado dela, mas a relação interna aumenta a disponibilidade do poder. Você ajuda a estabilizar o circuito, por assim dizer. Você também gerou a energia e o impulso iniciais para ajudar a energia e o impulso de Ruburt.

Este tipo de trabalho não precisa apenas que um indivíduo seja escolhido, mas é também um esforço em que muitos outros elementos são levados em consideração. Sabia-se, por exemplo, que Ruburt precisaria de seu apoio, como também se sabia que o próprio trabalho ajudaria suas habilidades criativas.

Tudo isso foi decidido por vocês dois e por mim, antes de você começar esta vida específica. Mesmo o questionamento intelectual de Ruburt e sua relutância profunda e freqüente eram conhecidos e adaptados para ajudar o trabalho envolvido.

As informações não deviam ser dadas a “crentes,” mas a pessoas inteligentes e a um veículo que as questionasse, não apenas por si mesmo, mas por todas as pessoas dadas ao mesmo tipo de questionamento. À medida que Ruburt cresce em entendimento, portanto, e à medida que ele continua a desenvolver-se, o triunfo não é apenas seu, mas de todos os que acompanham suas aventuras. E, contudo, desejávamos também um equilíbrio, e aí está você: um homem que intuitivamente reconheceu o valor das informações interiores e a importância do material, mesmo não estando familiarizado com estas idéias.

(22h.) Não é preciso dizer que em muitos níveis mais profundos, não existe relutância por parte de Ruburt; caso contrário, estas habilidades não se teriam desenvolvido desta forma. Suas críticas no início serviram também como confirmação para o ego, em suas primeiras experiências, de que ele não seria afastado nem prejudicado de nenhum jeito.

As características necessárias à “mediunidade” são muito semelhantes às necessárias a qualquer pessoa muito criativa. É importante um ego fortemente sustentador, especialmente nos estágios iniciais. Em períodos de graves distúrbios de personalidade, que podem ocorrer simultaneamente com grandes efusões de criatividade, o ego se aterroriza diante da força da habilidade criativa, temendo ser esmagado.

Nesses casos, o ego é rígido demais, e não se expande com a natureza da experiência criativa total da personalidade. Naturalmente, isto pode acontecer com a mediunidade, como com qualquer outra atividade do gênero. Neste caso, entretanto, o ego de Ruburt foi pouco a pouco abandonando sua rigidez, em um processo gradual que permitiu à personalidade total, incluindo o próprio ego, expandir-se.

Fim do ditado, por agora, e uma nota pessoal. Você pode ver onde a informação acima se liga a Ruburt. A idéia de abandonar a armadura muscular, como em sua leitura atual, é boa.

Pode fazer um intervalo, e depois reiniciaremos a sessão.

(22h09. O transe de Jane fora profundo, sua transmissão, rápida. Ela disse que pôde ver o quadro de 1954 muito claramente enquanto Seth falava sobre ele, incluindo sua moldura larga, em dourado antigo.

Inicialmente, disse-me ela, havia esquecido como era a moldura, mas agora a descreveu corretamente. É claro que o quadro foi vendido antes de termos qualquer consciência de sua importância. Isso aconteceu não apenas antes do início das sessões, mas antes mesmo de suspeitarmos de tais possibilidades. O resto da sessão foi eliminado do registro. Terminamos às 22h28.)

O SIGNIFICADO DA RELIGIÃO

SESSÃO 585, 12 DE MAIO DE 1971,

21h35, QUARTA-FEIRA

(Antes da sessão, Jane e eu revisamos as perguntas restantes na lista que havíamos preparado para o Capítulo Vinte. “Espero que Seth transmita esses capítulos sobre religião e reencarnação e encerre este assunto,” ela disse. Já percebemos, há algum tempo, que Jane é sensível a esses assuntos, especialmente religião; quando jovem, ela recebera um treinamento rígido neste campo. Ao mesmo tempo, entretanto, desenvolveu um impulso religioso muito forte, literal, por própria conta. Ela tem consciência de que esse tipo de envolvimento na juventude deixa suas marcas, embora tenha abandonado a igreja aos dezenove anos....

(Um pouco para minha surpresa, Seth começou o Capítulo Vinte e Um esta noite, mas eu logo percebi que ele não ia deixar nossas perguntas para trás. A sessão foi mais uma vez realizada em meu estúdio, e como o espaço é pequeno, Jane decidiu não fumar. Chovera o dia todo, e ainda chovia.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: As perguntas sobre religião e reencarnação serão respondidas no momento devido, como já afirmei. Tratarei de várias de suas outras perguntas também. Portanto, iniciaremos o próximo capítulo, “O Significado da Religião.”

Há percepções internas sempre presentes no eu total. Há compreensão do significado de toda existência dentro de cada personalidade. O conhecimento da existência multidimensional não está apenas no fundo de sua atividade consciente atual, mas cada homem sabe, dentro de si mesmo, que sua vida consciente depende de uma dimensão maior de realidade. Esta dimensão maior não pode ser materializada em um sistema tridimensional, mas o conhecimento desta dimensão maior se derrama do coração mais íntimo do ser e transforma tudo que toca.

Esse derramamento imbui certos elementos do mundo físico de um brilho e uma intensidade que ultrapassam muito aqueles conhecidos. As pessoas tocadas por esse brilho e essa intensidade são transformadas, em seus termos, em algo mais do que eram. Este conhecimento interior tenta encontrar um lugar para si mesmo dentro do panorama físico, traduzir-se em termos físicos. Cada homem, então, possui este conhecimento interior e, de um jeito ou de outro, também procura confirmação dele no mundo.

(Pausa às 21h45. O parágrafo acima é uma excelente descrição dos resultados que fluíram da própria iniciação psíquica de Jane em Setembro de 1965. Essa experiência transcendente deu origem a seu manuscrito, *The Physical Universe as Idea Construction*, que, por sua vez, levou a estas sessões. Ver a Introdução dela a este livro.

(Uma nota: Fiquei surpreso, agora, ao ver Jane acender um cigarro enquanto ainda em transe.)

O mundo exterior é um reflexo do interior, embora esteja longe de ser perfeito. O conhecimento interior pode ser comparado a um livro sobre a terra natal que um viajante leva consigo para um país desconhecido. Cada homem nasce com o desejo de tornar reais estas verdades para si mesmo, embora veja uma grande diferença entre elas e o ambiente em que vive.

Todo indivíduo carrega uma história interior, um drama psicológico que é finalmente projetado externamente, com grande força, sobre o campo da história. O nascimento de grandes eventos religiosos surge do drama religioso interior. A história em si é, de certa forma, um fenômeno psicológico, pois cada eu orientado fisicamente sente-se atirado, sozinho, em um ambiente estranho, sem saber suas origens nem seu destino, ou mesmo a razão de sua existência.

Este é o dilema do ego, particularmente em seus primeiros estágios. Ele procura respostas fora, pois esta é sua natureza: manipular dentro da realidade física. Ele também percebe, entretanto, uma profunda e segura conexão, que não compreende, com outras porções do eu que não estão sob seu domínio. Ele também tem consciência de que este eu interior possui conhecimentos em que sua própria existência se baseia.

Ao crescer (em seus termos) ele olha para fora, buscando a confirmação deste conhecimento interior. O eu interior sustenta o ego com seu apoio. Ele transforma suas verdades em dados orientados fisicamente, com os quais o ego pode lidar. Projeta-as então para fora, na área da realidade física. Vendo estas verdades assim materializadas, o ego acha mais fácil aceitá-las.

Assim, vocês lidam muitas vezes com eventos em que os homens são tocados por grande iluminação, isolados das massas da humanidade e investidos de grandes poderes – períodos da história que parecem quase que estranhamente brilhantes em comparação com outros; profetas, gênios e reis mostrados em proporções mais-do-que-humanas.

(22h.) Agora: essas pessoas são escolhidas por outras para manifestar externamente as verdades interiores que todos sabem intuitivamente. Vemos aqui muitos níveis de significado. Por um lado, esses indivíduos recebem suas habilidades e seu poder não-terrenos de seus companheiros, absorvem-nos, exibem-nos no mundo físico para que todos os vejam. Eles desempenham o papel do eu interior abençoado, que na verdade não pode agir dentro da realidade física sem o manto da pele. Esta energia, contudo, é uma projeção muito válida do eu interior. (Pausa longa.)

A personalidade que é assim tocada, na verdade se torna, em certos termos, o que parece ser, emergindo como um herói eterno no drama religioso externo, assim como o eu interior é o herói eterno do drama religioso interno.

(22h08.) Esta projeção mística é uma atividade contínua. Quando a força de uma grande religião começa a diminuir e seus efeitos físicos passam a ser menores, então o drama interno começa novamente a ativar-se. A mais elevada das aspirações do homem, portanto, será projetada sobre a história física. Os próprios dramas ou histórias irão diferir. Lembrem-se de que eles são construídos primeiro internamente.

Eles serão formados para impressionar as condições do mundo em um tempo determinado e, portanto, apóiam-se em símbolos e eventos que mais possam impressionar o povo. Isto é feito habilmente, pois o eu interior sabe exatamente o que impressiona o ego e que tipos de personalidade poderão melhor personificar a mensagem em qualquer época específica. Quando tal personalidade aparece na história, ela é

intuitivamente reconhecida, pois o caminho já foi aberto há muito tempo, e, em muitos casos, já se transmitiram profecias anunciando essa chegada.

Os indivíduos assim escolhidos não aparecem por acaso entre vocês. Eles não são escolhidos ao acaso. São indivíduos que tomaram sobre si a responsabilidade deste papel. Após seu nascimento, eles têm consciência de vários graus de seu destino, e certas experiências tipo gatilho podem, às vezes, despertar-lhes plenamente a memória.

Eles servem muito claramente como representantes humanos de Tudo Que É. Ora, uma vez que todo indivíduo é parte de Tudo Que É, até certo ponto cada um de vocês serve nesta mesma capacidade. Em um drama religioso assim, entretanto, (longa pausa), a personalidade principal fica muito mais consciente de seu conhecimento interior, mais perceptiva em relação a suas habilidades, muito mais capaz de usá-las, e exultantemente familiarizada com sua relação com toda a vida.

Agora pode fazer um intervalo.

(22h25. Após o intervalo, Seth-Jane transmitiram cinco páginas excelentes de informações sobre minha pintura e assuntos correlatos. A sessão terminou às 23h03.)

(Jane, sabendo que Seth iniciara seu capítulo sobre religião, estava aliviada e muito curiosa. Eu finalmente lhe dei uma cópia do material, a fim de responder a todas as suas perguntas. Elas gostou tanto que o leu em sua classe de ESP, como fez com alguns segmentos anteriores do livro.)

SESSÃO 586, 24 DE JULHO DE 1971,

21h01, SÁBADO

(Esta é a primeira sessão regular desde 12 de maio. Muitos fatores estão por trás dessa longa pausa: a necessidade evidente que Jane tinha de descansar; problemas e perguntas nossas que desejávamos tratar, mas que havíamos adiado durante um longo tempo; algum trabalho com outras pessoas; umas férias; e a aquisição de várias salas do outro lado do corredor de nosso apartamento original. Jane deu aulas de ESP parte desse tempo, entretanto, e realizou algumas sessões dentro daquele esquema.

(Jane preferiu que Seth simplesmente iniciasse onde havia parado no capítulo – uma coisa que eu estava certo de que ele poderia fazer. “Mas não me importa o que ele faça, riu ela, “desde que tenhamos uma sessão.” De alguma forma, ela estava nervosa por causa do intervalo nos ditados, apesar de minhas palavras tranquilizadoras. Estava muito interessada em ver Seth terminar o livro, embora ainda precisasse ler a maior parte dele.

(A sessão realizou-se em nosso antigo quarto que, tendo sido esvaziado, é agora um anexo de meu estúdio. O espaço extra que conseguimos foi muito bem-vindo.)

Agora: Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

(Sorrindo): *E bem-vindo de volta...Agora espere um momento e retomaremos nosso capítulo sobre religião.* (Pausa.)

Idéias sobre bem e mal, deuses e demônios, salvação e perdição, são simples símbolos de valores religiosos mais profundos, valores cósmicos, podemos dizer, impossíveis de se traduzir em termos físicos.

Essas idéias tornam-se os temas-motriz desses dramas religiosos dos quais falei. Os atores podem “retornar” repetidamente, em diferentes papéis. Em qualquer drama religioso histórico, portanto, os atores podem já ter aparecido na cena história de seu passado, o profeta de hoje sendo o traidor de ontem.

Essas entidades psíquicas, contudo, são reais. Podemos dizer que a realidade delas não consiste apenas no cerne de sua própria identidade, mas é também reforçada pelos pensamentos e sentimentos projetados pela platéia terrena para quem o drama é representado.

(21h05.) *A identificação psíquica ou psicológica é de grande importância aqui, e está, na verdade, no centro de todos esses dramas. Em um certo sentido, vocês podem dizer que o homem se identifica com os deuses que ele próprio criou. O homem, entretanto, não compreende a qualidade magnificante de suas próprias invenções e poder crativo. Então, dizendo que os deuses e os homens criam um ao outro, chegam ainda mais perto da verdade; mas apenas se forem muito cuidadosos em suas definições – pois no quê, exatamente, os deuses diferem dos homens?*

Os atributos dos deuses são os inerentes no próprio homem, magnificados e levados a uma atividade vigorosa. Os homens acreditam que os deuses vivem para sempre. Os homens vivem para sempre, mas, tendo esquecido disto, lembram-se apenas de investir seus deuses com essa característica. É óbvio, portanto, que além desses sonhos históricos e religiosos terrenos, das histórias aparentemente recorrentes de deuses e homens, há realidades espirituais.

(21h10.) *Atrás dos atores nas peças, há mais entidades poderosas que estão muito além da representação. As próprias peças, então, as religiões que varrem as eras – são meramente sombras, embora úteis. Além da estrutura do bem e do mal, existe um valor espiritual muito mais profundo. Todas as religiões, portanto, enquanto tentam captar a “verdade,” precisam temer que esta lhes escape.*

O próprio eu interior, em repouso, em meditação, pode às vezes vislumbrar porções dessas realidades interiores que não podem ser expressas fisicamente. Esses valores, intuições ou percepções são dados de acordo com a compreensão da pessoa, e, assim, as histórias contadas sobre eles variam muito.

Por exemplo: o personagem principal de um drama histórico-religioso pode ou não, conscientemente, saber como essas informações lhe são passadas. E pode parecer-lhe que ele realmente sabe, pois a natureza da origem de um dogma é explicada em formas que este personagem principal possa

entender. O Jesus histórico sabia quem Ele era, mas Ele também sabia que era uma das três personalidades que compunham uma entidade. De forma ampla, Ele partilhou da memória das outras duas.

A terceira personalidade, que mencionei várias vezes, ainda não apareceu (em seus termos), embora sua existência tenha sido profetizada como a “Segunda Vinda” (Mateus 24). Ora, essas profecias foram dadas em termos da cultura corrente na época, e embora o palco tenha sido preparado, as distorções são deploráveis, pois este Cristo não virá no fim de seu mundo, como afirmam as profecias.

(21h20.) Ele não virá para recompensar os justos e enviar os malfeitores para a perdição eterna. Ele iniciará, entretanto, um novo drama religioso. Será mantida uma certa continuidade histórica. Como já aconteceu uma vez, entretanto, Ele não será conhecido de um modo geral por quem na verdade é. Não haverá nenhuma proclamação gloriosa diante da qual todo o mundo se curve. Ele retornará para consertar o cristianismo, que estará vacilando na época de Sua vinda, e para estabelecer um novo sistema de pensamento em um momento em que o mundo estará dolorosamente necessitando de um.

(21h25.) Nesta época, todas as religiões estarão em crise. Ele minará as organizações religiosas – não irá uni-las. Sua mensagem será a do indivíduo em relação a Tudo Que É. Ele estabelecerá métodos claros para cada indivíduo poder atingir um estado de contato íntimo com sua própria entidade; a entidade, de certa forma, será o mediador entre o homem e Tudo Que É.

Em 2075, tudo isso já terá sido realizado.

Você pode mencionar aqui que Nostradamus viu a dissolução da Igreja Católica Romana como o fim do mundo. Ele não podia imaginar a civilização sem ela, portanto muitas de suas predições posteriores devem ser lidas com esse fator em mente.

A terceira personalidade de Cristo será, na verdade, conhecida como um grande paranormal, pois é Ele que ensinará à humanidade como usar os sentidos interiores que, por si só, tornam possível a verdadeira espiritualidade. Assassinos e vítimas trocarão de papel quando memórias de reencarnações vierem à superfície da consciência. Pelo desenvolvimento dessas habilidades, a sacralidade de toda vida será intimamente reconhecida e apreciada.

Agora: antes desse tempo, nascerão muitos que, de várias formas, tornarão a reavivar as expectativas do homem. Um desses já nasceu na Índia, em uma pequena província perto de Calcutá, mas o ministério dele será comparativamente local durante sua vida.

Um outro nascerá na África, um negro cuja obra principal será realizada na Indonésia. As expectativas foram estabelecidas muito tempo atrás (em seus termos) e serão alimentadas por novos profetas até que a terceira personalidade de Cristo surja verdadeiramente.

Ele liderará homens por trás do simbolismo sobre o qual as religiões se apoiaram por tantos séculos. Ele salientará a experiência espiritual individual, a expansão da alma, e ensinará o homem a reconhecer os aspectos multidimensionais de sua própria realidade.

Agora pode fazer um intervalo.

(“Obrigado.”)

(21h37. Seth falou com humor sobre o intervalo, uma vez que o ritmo fora rápido a maior parte do tempo, com poucas pausas. O transe de Jane fora bom. Eu tive que me esforçar mais do que o normal para tomar notas, já que estava fora de forma. Também descobri que esquecera temporariamente alguns dos símbolos que usava em minha própria versão de estenografia.

(Durante o intervalo, Jane leu partes do Capítulo Dezoito de *The Seth Material*, e então anunciou que pensava haver uma contradição entre aquele material – originalmente da sessão 491 de 2 de julho de 1969 – sobre os três Cristos, e as informações dadas por Seth esta noite. Eis os parágrafos em questão, das páginas 246-47 do capítulo sobre “O Conceito de Deus”:

(Houve três homens cujas vidas foram confundidas na história e que se fundiram, e cuja composição histórica tornou-se conhecida como a vida de Cristo....Todos eles eram muito dotados psiquicamente, sabiam de seu papel e aceitaram-no de bom grado. Os três homens faziam parte de uma entidade que adquiriu existência física em uma determinada época. Eles não nasceram na mesma data, entretanto. Há motivos para a entidade não ter retornado como uma pessoa. Um dos aspectos foi que a plena consciência de uma entidade seria forte demais para um veículo físico. Outro foi que a entidade desejava um ambiente mais diversificado do que o que poderia ser provido de outra forma.

(“A entidade nasceu uma vez como João Batista, e depois nasceu em outras duas formas. Uma delas continha a personalidade a que a maioria das histórias sobre Cristo se refere....Eu lhes falarei a respeito da outra personalidade mais tarde. Havia comunicação constante entre essas três porções de uma entidade, embora elas tenham nascido e sido enterradas em datas diferentes. A raça convocou essas personalidades a partir de seu próprio banco psíquico, do conjunto de consciência individualizada que se encontrava disponível.”

(Eu também havia começado a pensar. Todo o tempo nós acreditávamos que as três personalidades que formavam a entidade do Cristo já haviam vivido e morrido, mas agora Seth estava falando sobre a terceira personalidade, que voltaria no próximo século. Qual a explicação? Nós não estávamos aborrecidos; contudo, estávamos inquietos quando a sessão foi reiniciada às 21h37.)

Agora: Vamos recomeçar.

Esta terceira personagem histórica, já nascida em seus termos, e uma porção da personalidade total do Cristo, tomaram sobre si o papel de um zelote.

Esta pessoa tinha energia e poder superiores e grandes habilidades organizacionais, mas foram os erros que ela cometeu inadvertidamente que perpetuaram algumas distorções perigosas. Os registros daquele período histórico estão espalhados e são contraditórios.

O homem, falando agora historicamente, era Paulo ou Saulo. Foi-lhe dado estabelecer uma estrutura. Devia, porém, ser uma estrutura de idéias, não de regulamentos; de homens, não de grupos. Aqui ele caiu, mas voltará em seu futuro como a terceira personalidade que acabamos de mencionar.

Nesse aspecto, entretanto, não há quatro personalidades.

(“Entendo.”)

Agora: Saulo esforçou-se muito para estabelecer-se como uma identidade separada. Suas características, por exemplo, eram aparentemente muito diferentes das do Cristo histórico. Ele foi “convertido” em uma experiência pessoal intensa – um fato cujo propósito era imprimir nele os aspectos pessoais e não organizacionais. Contudo, algumas proezas anteriores de sua vida foram atribuídas a Cristo – não quando jovem, mas antes.

(22h05.) Todas as personalidades têm livre arbítrio e trabalham seus próprios desafios. O mesmo se aplicou a Saulo. As “distorções” organizacionais, entretanto, também foram necessárias dentro da estrutura da história, como os eventos são compreendidos. As tendências de Saulo eram conhecidas, portanto, em outro nível. Elas serviram a um propósito. É por este motivo, entretanto, que ele tornará a aparecer, desta vez para destruir tais distorções.

Ora, ele não as criou sozinho, atirando-as sobre a realidade histórica. (Jane fez uma pausa e levou a mão aos olhos.) Ele as criou no sentido de que foi forçado a admitir certos fatos: No mundo, naquela época, o poder terreno era necessário para manter as idéias cristãs separadas das inumeráveis outras teorias e religiões, para mantê-las em meio a facções opostas. O trabalho dele era formar uma estrutura física; e mesmo então, ele teve medo de que a estrutura estrangulasse as idéias, mas não viu outra saída.

(“Por que os dois nomes, Paulo e Saulo?”)

Ele era chamado por ambos. (Pausa.) Quando a terceira personalidade reemergir historicamente, entretanto, ele não será chamado de velho Paulo, mas carregará dentro de Si as características de todas as três personalidades.

(Jane tornou a fazer uma pausa. “Posso fazer uma pergunta muito boba?”)

Pode.

(Seguiu-se uma rápida troca entre Seth e Jane, que não foi registrada verbatim porque foi rápida demais. Eu estava interessado em saber se, e quando, as três personalidades da entidade do Cristo haviam se encontrado como seres físicos. Parecia que uma interação superior psíquica teria ocorrido entre eles, e eu desejava saber mais sobre isso. Jane, como Seth, ouviu polidamente minhas perguntas tateantes.)

É fácil ver que você não tem nenhum conhecimento da Bíblia –

(“É verdade.”)

pois isso seria bem óbvio para quem tivesse.

Paulo tentou negar que sabia quem era, até sua experiência com a conversão. Alegoricamente, ele representou uma facção guerreira do eu que luta contra seu próprio conhecimento e é orientado de uma forma profundamente física. Parecia que ele passava de um extremo a outro, sendo contra Cristo e depois a Seu favor. A veemência interior, entretanto, estava sempre presente: o fogo interior e o reconhecimento que ele tentou esconder por tanto tempo.

Ele era a parte que devia lidar com a realidade e a manipulação físicas, e essas qualidades, portanto, eram fortes neles. Até certo ponto, elas o dominavam. Quando o Cristo histórico “morreu,” Paulo devia implementar as idéias espirituais em termos físicos, levá-las adiante. Ao fazer isso, contudo, plantou as sementes de uma organização que iria sufocar as idéias. Ele veio depois de Cristo, [assim como] João Batista veio antes. Juntos, os três cobriram um certo período de tempo.

Tanto João quanto o Cristo histórico desempenharam seus papéis e ficaram satisfeitos por tê-lo feito. Apenas Paulo ficou insatisfeito no final, e, por causa disso, é sobre sua personalidade que se formará o futuro Cristo.

A entidade da qual essas personalidades fazem parte, essa entidade que vocês podem chamar de entidade do Cristo, tinha consciência desses problemas. As personalidades terrenas não tinham consciência delas, embora em períodos de transe e exaltação muito lhes tenha sido dado a conhecer.

Paulo também representava a natureza militante do homem, que tinha de ser levada em consideração paralelamente ao desenvolvimento do homem na época. Essa qualidade militante mudará completamente sua natureza (como vocês a conhecem) e será abandonada pelo homem quando a próxima personalidade do Cristo emergir. É, portanto, adequado que Paulo esteja presente.

(22h27.) Com esses desenvolvimentos, no próximo século a natureza interior do homem libertar-se-á de muitas limitações que a bloquearam. Uma nova era realmente terá início – não um céu na terra, mas um

mesmo mundo muito mais sensato, no qual o homem estará muito mais consciente de sua relação com o planeta e de sua liberdade dentro do tempo.

Agora pode fazer um intervalo no tempo.

(22h30. O ritmo de Jane fora bom mais uma vez a maior parte do tempo, mas ela saiu facilmente do transe. Sentiu-se aliviada por Seth haver fornecido o nome da terceira personalidade da entidade de Cristo. Embora ela dissesse que não estava preocupada com este dado, eu sabia que estava mais preocupada do que de costume a respeito do assunto.

(Nossa conversa durante o intervalo tratou de vários outros pontos em que eu achava que os leitores estariam interessados. Um deles foi a designação de zelote que Seth aplicou a Paulo. No início eu achei que ele ia dizer que havia uma ligação entre Paulo, ou Saulo, e os zelotes, uma das seitas religiosas em que os judeus se haviam dividido na Judéia no primeiro século d.C. Na época, a Terra Santa estava ocupada pelos romanos, e Paulo era judeu e cidadão romano. Eu andara lendo sobre essas seitas recentemente, em um livro sobre os Pergaminhos do Mar Morto, e me surpreendera com meu próprio interesse tanto pelos pergaminhos quanto pelas seitas; mas depois de ouvir Seth esta noite, presumi que ele não iria dizer muita coisa sobre esses assuntos.

(Outra pergunta era a respeito de um nome e do país do aparecimento do terceiro Cristo no próximo século. Também: Seth podia ou desejava dar informações sobre a figura religiosa já nascida na Índia, e o negro a ser nascido na África?

(Enquanto conversávamos durante o intervalo, Jane disse que sabia as respostas das perguntas que eu fizera. As respostas haviam “vindo” a ela. Ela não obteve estas informações em palavras exatas, afirmou, mas sentiu-as e precisava traduzi-las:

1. Seth pretendia que a palavra zelote, com respeito a Paulo, descrevesse seu temperamento – não fora uma referência à seita dos zelotes. Uma nota acrescentada mais tarde: Mais coisas a respeito de Paulo e dos zelotes estavam para vir.
2. O país – com um nome e datas – que veria o aparecimento do terceiro Cristo no próximo século, não nos seria dado agora, mas talvez em anos posteriores. Seth, disse ela, não fora mais específico deliberadamente, a fim de evitar reações exageradas a cada personagem nascido em um determinado país, que parecesse encaixar-se nas descrições e datas fornecidas. Isso seria injusto e levaria a falsas interpretações.
3. Pela mesma razão, Seth nada mais diria a respeito da figura religiosa indiana nem sobre o africano que iria nascer e que trabalharia na Indonésia.)

(Reiniciamos às 22h50.)

Agora: vamos continuar.

Ruburt estava certo a respeito das respostas que lhe deu. Eu gostaria de esclarecer certos pontos aqui. A “nova religião” que seguirá a Segunda Vinda não será cristã em seus termos, embora a terceira personalidade de Cristo lhe dê início.

Esta personalidade irá referir-se ao Cristo histórico, reconhecerá Sua relação com aquela personalidade; mas dentro dele, as três personalidades irão formar uma nova entidade psíquica, uma gestalt psicológica diferente. Quando esta metaformose ocorrer, uma metaformose terá início também no nível humano, (enfaticamente) à medida que as habilidades interiores do homem forem sendo aceitas e desenvolvidas.

O resultado será um tipo diferente de existência. Muitos de seus problemas atuais resultam da ignorância espiritual. Nenhum homem desprezará o indivíduo de uma outra raça, quando ele próprio reconhecer que sua existência também faz parte do mesmo grupo.

(22h55.) Um sexo não será considerado melhor que o outro nem o será qualquer papel na sociedade, quando cada indivíduo tiver consciência de sua própria experiência em muitos níveis de sociedade e em muitos papéis. Uma consciência aberta sentirá sua ligação com todos os outros seres vivos. (Pausa.) A continuidade da consciência irá tornar-se aparente. Como resultado de tudo isso, as estruturas social e governamental mudarão, pois elas se baseiam em suas crenças correntes.

A personalidade humana alcançará benefícios que agora pareceriam inacreditáveis. Uma consciência aberta implicará em uma liberdade muito maior. Desde o nascimento, as crianças aprenderão que a identidade básica não depende do corpo, e que o tempo, como vocês o conhecem, é uma ilusão. A criança saberá de muitas de suas existências passadas, e será capaz de identificar-se com o ancião ou anciã que, em seus termos, ela irá tornar-se.

(23h02.) Muitas das lições “que chegam com a idade” estarão disponíveis para os jovens, mas os velhos não perderão a elasticidade espiritual de sua juventude. Isto é muito importante. Durante algum tempo, porém, futuras encarnações continuarão ocultas por razões práticas.

Quando estas mudanças ocorrerem, novas áreas serão ativadas no cérebro a fim de ajudá-las fisicamente. Fisicamente, então, será possível mapear o cérebro, e esse mapeamento evocará lembranças de vidas passadas. Todas essas alterações são mudanças espirituais em que o significado da religião escapará dos limites organizacionais, tornando-se uma parte viva da existência individual, e então as estruturas psíquicas, e não as físicas, formarão as bases da civilização. (Pausa, olhos fechados, às 23h05.)

As experiências do homem serão tão ampliadas, que a vocês parecerá que a raça se transformou em outra raça. Isto não significa que não haverá problemas. Significa que o homem terá muito mais recursos à

sua disposição. Isto também pressupõe uma estrutura social muito mais rica e diversificada. O homem e a mulher irão relacionar-se com seus irmãos não apenas como as pessoas que são, mas também como as pessoas que foram.

Talvez as relações familiares sofram as maiores mudanças. Dentro da família, haverá espaço para interações emocionais que agora parecem impossíveis. A mente consciente perceberá melhor o material inconsciente.

Estou incluindo estas informações neste capítulo sobre religião porque é importante vocês perceberem que a ignorância espiritual se encontra na base de muitos de seus problemas, e que, na verdade, suas únicas limitações são as espirituais.

(23h14.) A metamorfose mencionada anteriormente por parte da terceira personalidade terá tanta força e poder, que fará com que a humanidade extraia de dentro de si essas mesmas qualidades. As qualidades sempre estiveram presentes. Elas finalmente romperão os véus da percepção física, ampliando-a de maneiras novas.

Agora: a humanidade não tem esse ponto de convergência, que será representado pela terceira personalidade. Já que estamos tratando deste assunto, não haverá nenhuma crucificação neste drama. Esta personalidade será, na verdade, multidimensional, consciente de todas as suas encarnações. Ela não será orientada em termos de um sexo, uma cor, ou uma raça.

(23h20.) Pela primeira vez, portanto, ela abrirá caminho entre os conceitos terrenos de personalidade, liberando a personalidade. Terá a habilidade de mostrar esses efeitos diversos da maneira que desejar. Muitos terão medo de aceitar a natureza de sua própria realidade, ou de que lhes sejam mostradas as dimensões da verdadeira identidade.

Por várias razões, como mencionou Ruburt, eu não desejo dar informações mais pormenorizadas sobre o nome que será usado, ou a terra de seu nascimento. Um número demasiadamente grande de pessoas poderia tentar saltar, prematuramente, para dentro dessa imagem.

Os eventos não são predestinados. Entretanto, a estrutura para este aparecimento já foi montada dentro de seu sistema de probabilidades. O surgimento desta terceira personalidade afetará diretamente o drama histórico original de Cristo como é agora conhecido. Há e precisa haver interações entre eles.

Pode fazer um intervalo, ou terminar a sessão, como preferir.

(“Vamos fazer um intervalo.”)

(23h25. Escolhi um intervalo na esperança de obter mais informações para o capítulo. Jane disse não conseguir lembrar-se das informações transmitidas desde o último intervalo. Ela não tivera nenhuma sensação do correr do tempo enquanto em transe.

(Nós dois estávamos cansados. Também estávamos com fome, por isso pensamos em terminar a sessão e assistir a um velho filme de mistério ou de horror na televisão enquanto comíamos alguma coisa. Então me lembrei de que Seth não fornecera os títulos dos primeiros oito capítulos de seu livro. No Capítulo Dezessete, ele nos dissera para não nos preocuparmos com isso. Poderia ele dar-nos os títulos agora, ou Jane teria que examinar esse material primeiro? Por incrível que pareça, fazia mais de um ano que Jane parara de ler o livro, sessão por sessão, ainda no Capítulo Quatro. Reiniciamos às 23h39.)

Agora: Vou dar-lhes boa noite após alguns comentários em resposta à sua pergunta. Repito que Ruburt recebeu isto de mim esta tarde: quando me desviei do esboço original que forneci (na sessão 510 de 19 de janeiro de 1970), dei títulos a capítulos. Caso contrário, as instruções dadas no esboço se aplicam. Você poderá simplesmente acrescentá-las, se preferir. Eu inseri muitos capítulos onde nenhum foi mencionado, e usei os títulos a partir daí.

Agora: Vocês têm alguma pergunta?

(“Sim, mas acho que perguntarei mais tarde.”)

(Com humor, olhos bem abertos e muito escuros): *Você não foi à aula [de ESP], portanto não deve ter sentido muito minha falta.*

(“Senti muito.”)

Também teremos uma sessão pessoal, e continuaremos com nosso livro. E eu senti falta de nossas sessões particulares.

(“Eu também.”)

Uma noite você poderá gravar e conversar comigo, sem anotações, para ter mais liberdade

(“É por isso que mandei consertar nosso gravador.”)

Minhas cordiais saudações e boa noite.

(“Muito obrigado, Seth. Foi um prazer.”)

É sempre um prazer.

(Eu ri da ênfase bem humorada. “Boa noite.” Terminamos às 23h45.)

SESSÃO 587, 28 DE JULHO DE 1971

21h17, QUARTA-FEIRA

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: Vamos reiniciar o ditado.

As histórias ou dramas religiosos exteriores são, naturalmente, representações imperfeitas das realidades espirituais interiores que estão sempre se desvelando. As várias personagens, os deuses e profetas dentro da história religiosa – esses absorvem as projeções interiores coletivas expelidas por aqueles que habitam um período específico de tempo.

Esses dramas religiosos focalizam, dirigem e, espera-se, esclarecem aspectos da realidade interior que precisam ser representados fisicamente. (Pausa longa, olhos fechados.) Eles não aparecem só em seu próprio sistema. Muitos também são projetados em outros sistemas de realidade. A religião por si só, entretanto, é sempre a fachada externa da realidade interior. Apenas a existência espiritual primária dá sentido à existência física. Nos termos mais reais, a religião deveria incluir todos os esforços do homem em sua busca pela natureza do significado e da verdade. A espiritualidade não pode ser uma atividade ou característica isolada, especializada.

Os dramas religiosos exteriores são importantes e valiosos apenas na medida em que refletem fielmente a natureza da existência espiritual particular de cada um. Se o homem sentir que sua religião expressa essa experiência interior, achará que ela é válida. A maioria das religiões, entretanto, estabelece como permissíveis certos grupos de experiências, proibindo outros. Elas limitam a si mesmas, aplicando os princípios da sacralidade da vida apenas à sua própria espécie e, em geral, a grupos extremamente limitados dentro dela.

(Pausa às 21h30.) Em nenhum momento uma igreja será capaz de expressar a experiência interior de todos os indivíduos. Em nenhum momento, qualquer igreja se encontrará em posição de poder, efetivamente, restringir a experiência interior de seus membros – ela fará isso apenas aparentemente. As experiências proibidas simplesmente serão expressas inconscientemente, reunirão força e vitalidade e se erguerão para formar uma contraprojeção que, por sua vez, formará outro drama religioso exterior mais novo.

Essas histórias ou dramas expressam, em si, certas realidades interiores, servindo de lembretes superficiais para os que não confiam na experiência direta com o eu interior. Essas pessoas tomam os

símbolos por realidade. Quando descobrem que isso não é verdade, sentem-se traídos. Cristo falou em termos do pai e do filho porque, em seus termos, na época, esse era o método usado – a história que Ele contou para explicar a relação entre o eu interior e o indivíduo fisicamente vivo. Nenhuma religião nova realmente surpreende uma pessoa, pois o drama já foi representado subjetivamente.

O que eu disse, naturalmente, aplica-se tanto a Buda como a Cristo: ambos aceitaram as projeções interiores e depois tentaram representá-las fisicamente. Eles foram mais, entretanto, do que a soma dessas projeções. Isto também deve ser entendido. O islamismo ficou atrás. Neste caso, as projeções foram predominantemente violentas. O amor e a similaridade tornaram-se secundárias no que realmente se limitou a batismo e comunhão por meio de violência e sangue.

Nesses dramas religiosos exteriores contínuos, os hebreus desempenharam um papel estranho. Sua idéia de um deus não era nova para eles. Muitas religiões antigas acreditavam em um deus acima de todos os outros. Este deus acima de todos os outros era um deus muito mais leniente, entretanto, do que aquele que os hebreus seguiram. Muitas tribos acreditavam, muito justamente, no espírito interior que permeia cada coisa viva. E referiam-se com freqüência, digamos, ao deus na árvore, ou ao espírito na flor. Eles também aceitavam, porém, a realidade de um espírito acima de tudo, do qual esses espíritos menores faziam. Todos trabalhavam juntos harmoniosamente.

Os hebreus concebiam um deus supervisor, zangado e justo, e às vezes cruel; e muitas seitas negavam, portanto, a idéia de que outros seres viventes além do homem possuísssem espíritos interiores. As crenças mais antigas representavam muito melhor a realidade interior, na qual o homem, observando a natureza, deixava que ela falasse e revelasse seus segredos.

(21h45.) O deus hebraico, contudo, representava uma projeção de um tipo muito diferente. O homem estava ficando cada vez mais consciente do ego, de um sentido de poder sobre a natureza, e muitos dos últimos milagres são apresentados de tal forma que a natureza é forçada a comportar-se diferentemente do habitual. Deus torna-se o aliado do homem contra a natureza.

O deus hebraico tornou-se um símbolo do ego indomado. Deus comportava-se exatamente como uma criança enraivecida, caso tivesse ela esses poderes, enviando trovões, raios e fogo contra seus inimigos e destruindo-os. O ego emergente do homem, portanto, trouxe problemas e desafios emocionais e psicológicos. O sentido de separação da natureza cresceu. A natureza tornou-se uma ferramenta para ser usada contra terceiros.

Pouco antes do surgimento do deus hebraico, essas tendências já eram aparentes. Em muitas religiões tribais, agora esquecidas, recorria-se também aos deuses para voltar a natureza contra os inimigos. Antes daquela época, contudo, o homem sentia que era parte da natureza, não separado dela. Ela era

considerada como uma extensão de seu ser, e ele se sentia como uma extensão de sua realidade. Uma pessoa não pode usar a si mesma como arma contra si mesma, nesses termos. (Pausa.)

Naquela época, os homens falavam com os espíritos dos pássaros, das árvores e das aranhas, confiando neles e sabendo que na realidade interior abaixo, a natureza dessas comunicações era conhecida e compreendida. Naqueles tempos, não se temia a morte (em seus termos) como agora, pois o ciclo de consciência era compreendido.

O homem desejava, por um lado, sair de si mesmo, da estrutura em que tinha sua existência psicológica, para tentar novos desafios, passar de um modo de consciência para outro. Ele desejava estudar o processo de sua própria consciência. De certa forma, isso significava uma separação gigantesca da espontaneidade interior que lhe dera tanto paz quanto segurança. Por outro lado, oferecia-lhe uma nova criatividade, em seus termos.

Sugiro um intervalo antes de entrar neste assunto.

(22h01. O ritmo de Jane fora acelerado consideravelmente depois de um início lento. Eu lhe disse que o material era excelente. A sessão desta noite estava sendo realizada em nossa sala de visitas, sendo que a casa estava vazia. O ar condicionado estivera ligado desde antes da sessão, mas Jane sentiu calor durante o intervalo. Em transe, disse ela, não fora perturbada por qualquer tipo de desconforto físico.

(Durante o intervalo, examinei algumas perguntas sobre as relações entre os três membros da entidade do Cristo – João Batista, Jesus Cristo e Paulo. Depois de ouvir durante um tempo, Jane pediu-me que não tratasse deste assunto naquele momento; sugeriu que eu fizesse essas perguntas ao final do capítulo, caso Seth não tivesse dado as respostas espontaneamente até então. Reiniciamos às 22h13.)

Agora: Naquele ponto, o deus interno tornou-se o deus externo.

O homem tentou formar um novo domínio, atingir um tipo diferente de foco e percepção. Sua consciência deu um passo para fora de si mesma. A fim de fazer isto, ele concentrou-se cada vez menos na realidade interior e, portanto, iniciou o processo da realidade interior apenas quando ela foi projetada exteriormente para o mundo físico.

Antes, o ambiente era criado e percebido sem esforço pelo homem e por todas as coisas vivas, que conheciam a natureza de sua unidade interior. A fim de iniciar esta nova aventura, foi necessário fingir que esta unidade interior não existia. De outra forma, o novo tipo de consciência correria sempre de volta para o lar, buscando segurança e conforto. Assim, parecia que todas as pontes deveriam ser derrubadas, embora, naturalmente, isso fosse apenas um jogo, porque a realidade interior sempre permanecia. O novo tipo de consciência precisava simplesmente desviar o olhar a fim de manter, no início, um foco independente.

Estou falando mais ou menos em termos históricos para vocês. É preciso que compreendam, entretanto, que o processo nada tem a ver com o tempo como vocês o conhecem. Este tipo particular de aventura na consciência (sorriso) havia ocorrido antes e, em seus termos, tornará a fazê-lo.

(Aqui Seth estava fazendo uma pequena brincadeira, pois Jane andara escrevendo, ultimamente, o que queria chamar de “Adventures in Consciousness.”)

A percepção do universo exterior então mudou, entretanto, e ele parecia estar alheio ao indivíduo que o percebia e ser separado dele.

(22h24.) Deus, portanto, tornou-se uma idéia projetada para fora, independente do indivíduo, divorciado da natureza. Ele tornou-se o reflexo do ego emergente no homem, com todo o seu brilho, selvageria, poder e desejo de domínio. A aventura foi muito criativa, a despeito das desvantagens óbvias, e representou uma “evolução” de consciência que enriqueceu a experiência subjetiva do homem, e que, na verdade, ampliou as dimensões da própria realidade.

Para serem organizadas eficazmente, entretanto, as experiências interiores e exteriores precisavam aparecer como eventos separados, desconectados. Historicamente, as características de Deus mudaram à medida que o ego do homem mudou. Essas características do ego, entretanto, foram apoiadas por mudanças interiores vigorosas.

(Jane, como Seth, gesticulou enfática e seguidamente enquanto falava. Seu ritmo fora rápido desde o intervalo.)

A propulsão original de características internas para fora, para a formação do ego, poderia ser comparada ao nascimento de inumeráveis estrelas – um evento de conseqüências imensuráveis, que se originou em um nível subjetivo e dentro da realidade interior.

O ego, tendo seu nascimento a partir do interior, precisa, portanto, gabar-se continuamente de sua independência, embora mantenha sempre a certeza incômoda de sua origem interior.

(Pausa às 22h30. Ainda em transe, Jane bebericou uma cerveja e acendeu um cigarro. Então):

Teremos um bom capítulo.

(“Ótimo.”)

O ego temia por sua posição, achando que iria voltar para o eu interior do qual saíra, dissolvendo-se nele. Contudo, em seu surgimento, forneceu ao eu interior um novo tipo de informações, uma visão diferente não só de si mesmo; mas com isso, o eu interior foi capaz de vislumbrar possibilidades de

desenvolvimento de que não tivera consciência antes. Em seus termos, na época de Cristo o ego estava suficientemente seguro de sua posição, de modo que a figura projetada de Deus poderia começar a mudar.

O eu interior está em um estado de constante crescimento. A porção interna de cada homem, portanto, projetou este conhecimento externamente. A necessidade, a necessidade psicológica e espiritual da espécie, exigiu alterações muito importantes, tanto internas como externas. Qualidades como a misericórdia e a compreensão, que haviam sido enterradas, podiam agora se manifestar. Não apenas em particular, mas coletivamente, elas se manifestaram, acrescentando um novo ímpeto e dando uma “nova” direção natural – começando a reunir todas as porções do eu, como ele conhecia a si mesmo.

(22h38.) Assim, o conceito de Deus começou a mudar enquanto o ego reconhecia sua dependência da realidade interior, mas o drama teve que ser resolvido dentro da estrutura corrente. O islamismo era basicamente tão violento precisamente porque o cristianismo era basicamente tão suave. Ora, aquele cristianismo não estava misturado à violência, nem aquele islamismo era destituído de amor. Mas enquanto a psique passava por seus desenvolvimentos e lutava consigo mesma, negando alguns sentimentos e características e salientando outros, também os dramas religiosos históricos exteriores representavam e seguiam essas aspirações, lutas e buscas interiores,

(Mais vagarosamente agora): Todo este material dado agora precisa ser considerado juntamente com o fato de que, por baixo desses desenvolvimentos, há aspectos eternos e características criativas de uma força inegável e íntima. Tudo Que É, em outras palavras, representa a realidade da qual todos nós emergimos. (Pausa, uma de várias.) Tudo Que É, por Sua natureza, transcende todas as dimensões de atividade, de consciência ou de realidade, embora faça parte de cada uma.

(22h45.) Por trás de todas as faces existe uma face, mas isto não significa que a face de cada homem não seja a sua própria. O outro drama religioso de que falei, que, em seus termos, ainda está para acontecer, representa outro estágio – tanto do drama interno como do externo – em que o ego emergente torna-se consciente de grande parte de sua herança. Embora mantendo seu próprio status, ele será capaz de fazer um intercâmbio muito maior com outras porções do eu, oferecendo também ao eu interior oportunidades de percepção que ele, sozinho, não poderia conseguir.

Os percursos dos deuses, portanto, representam os percursos da própria consciência do homem projetada para fora. Tudo Que É, entretanto, está dentro de cada uma dessas aventuras. Ele é consciência e é realidade, está dentro de todo homem e dentro dos deuses que ele criou. Estes últimos trazem letra minúscula, pois deuses estarão sempre em letras minúsculas. Tudo Que É traz letras maiúsculas.

Os deuses atingem, naturalmente, uma realidade psíquica. Não estou dizendo que eles não sejam reais, mas estou definindo, de certa forma, a natureza de sua realidade. Até certo ponto, está certo dizer: “Cuidado com os deuses que escolhem, porque vocês se reforçarão mutuamente.”

Agora: Faça um intervalo.

(22h55. O ritmo fora sempre rápido, e minha mão o sentira. Como Seth havia prometido, era um bom capítulo. Jane disse que às vezes podia perceber que ele fazia uma breve pausa para certificar-se de que ela escolhia a palavra exata enquanto transmitia o material. Ela ainda estava em transe e falando, mas Seth esperava. Contudo, no intervalo ela não se lembrava de nenhuma parte do material. Reiniciamos às 23h08, com o ar condicionado ainda ligado.)

Agora: Esse tipo de aliança estabelece certos campos de atração. Um homem que se liga a um dos deuses está necessariamente ligando-se, em grande parte, a suas próprias projeções. Alguns, em seus termos, são crativos, e alguns, destrutivos, embora os últimos sejam raramente reconhecidos como tais.

O conceito aberto de Tudo Que É, entretanto, liberta vocês, em grande parte, de suas próprias projeções, permitindo um contato mais válido com o espírito que está por trás da realidade que vocês conhecem.

Neste capítulo, também gostaria de mencionar vários outros pontos pertinentes.

Através dos séculos, surgiram algumas histórias a respeito de vários deuses e demônios que guardam os portões, por assim dizer, de outros níveis de realidade e estágios de consciência. Níveis astrais são estabelecidos, numerados e categorizados cuidadosamente.

Há testes a serem vencidos antes da entrada. Há rituais a serem realizados. Agora, tudo isto é muito distorcido. Qualquer tentativa de expressar a realidade interior, tão rigorosa e precisamente, tende a ser abortiva, enganosa e, em seus termos, às vezes perigosa; pois vocês criam sua própria realidade e vivem-na de acordo com suas crenças interiores. Portanto, cuidado também com as crenças que aceitam.

Quero tornar a dizer que não existem diabos nem demônios, exceto quando vocês os criam a partir de sua própria crença. Como mencionei antes, efeitos bons e maus são basicamente ilusões. Em seus termos, todos os atos, independentemente de sua natureza aparente, fazem parte de um bem maior. Não estou dizendo que um bom fim justifique o que vocês considerariam uma ação má. Enquanto vocês ainda aceitarem os efeitos do bem e do mal, será melhor escolherem o bem.

(23h25.) Estou dizendo isto tão simplesmente quanto possível. Há complicações profundas, entretanto, por trás de minhas palavras. Os opostos têm validade apenas em seu próprio sistema de realidade. Eles fazem parte de suas suposições básicas e, assim, precisam lidar com eles.

Entretanto, eles representam unidades profundas que vocês não compreendem. Sua concepção do bem e do mal resulta, em grande parte, do tipo de consciência que atualmente adotaram. Vocês não percebem o todo, só as partes. A mente consciente focaliza-se com uma luz rápida, limitada, mas intensa,

percebendo, em um determinado campo de realidade, apenas certos “estímulos.” Ela então reúne esses estímulos, formando uma ligação de analogia. Qualquer coisa que a mente consciente não aceite como uma porção da realidade, ela não percebe.

O efeito dos opostos, então, resulta de uma falta de percepção. Uma vez que vocês devem atuar dentro do mundo como o percebem, vai parecer que os opostos são condições da existência. Estes elementos, entretanto, foram isolados por uma determinada razão. Vocês estão sendo ensinados (e estão ensinando a si mesmos) a manipular a energia, a tornarem-se conscientes cocriadores com Tudo Que É, e um dos “estágios de desenvolvimento,” ou processo de aprendizado, inclui lidar com opostos como realidades.

Em seus termos, as idéias de bem e mal ajudam vocês a reconhecerem a sacralidade da existência, a responsabilidade da consciência. As idéias de opostos também são diretrizes necessárias para o ego em desenvolvimento. O eu interior conhece muito bem a unidade que existe.

Agora: Fim do ditado e quase fim do capítulo. E ao final do capítulo, faça as perguntas que tem em mente.

(“Está bem.” À medida que o capítulo se adiantava, entretanto, Seth foi respondendo automaticamente a muitas das perguntas sobre religião; a princípio, havíamos incluído estas em nossa lista para o Capítulo Vinte.)

Desejo-lhes uma boa noite; e (com ênfase, sorrindo) estávamos em muito boa forma a noite passada.

(“Vocês certamente estavam. Obrigado, Seth, e boa noite.”)

(23h57. Seth referiu-se à aula de ESP de Jane. Havia gravado uma longa sessão durante a aula, como acontece com frequência. E podemos acrescentar que Seth estava em grande forma também esta noite.)

SESSÃO 588, 2 DE AGOSTO DE 1971,

21h01, SEGUNDA-FEIRA

(Jane e eu anotamos perguntas, separadamente, antes da sessão desta noite.

(Na sessão 586, no início deste capítulo, Seth disse que pelo ano 2075, o terceiro Cristo – Paulo ou Saulo – teria representado a Segunda Vinda, exercendo, naturalmente, um profundo efeito sobre a religião e a história do mundo. Jane achou que um período de menos de um século era muito curto para abranger tantas mudanças dramáticas. Ela queria que eu perguntasse a Seth se ela havia distorcido as informações ao transmiti-las.

(Quando, por exemplo, a personalidade nasceria a fim de ter tempo para efetuar essas enormes mudanças? Nós achávamos que era possível que tivesse ocorrido uma distorção.

(Minhas perguntas eram a respeito das relações entre as três personalidades da entidade do Cristo: João Batista, Jesus Cristo e Paulo. Que tipo de interações psíquicas haviam ocorrido entre elas de algum modo vigoroso ou excepcional? Seus sonhos e outras experiências psíquicas – além dos eventos registrados – haviam acontecido em uma base regular enquanto eles viviam seu dia-a-dia?

(Todas as datas históricas a seguir são muito aproximadas, mas mostram um padrão de superposição das vidas físicas das três personalidades que formavam a entidade do Cristo.

(João Batista nasceu entre 8 e 4 a.C. e morreu em 26 ou 27 d.C. Jesus Cristo nasceu entre 8 e 5 a.C. e morreu em 29 ou 30 d.C. Paulo [Saulo] de Tarso nasceu entre 5 e 15 d.C. e morreu em 67 ou 68 d.C.

(Isabel, mãe de João Batista, era prima de Maria, mãe de Cristo. João batizou Cristo no início de Seu ministério em 26 a 27 d.C., quando Ele tinha mais ou menos trinta anos. João já estava ativo em seu próprio ministério, e com frequência chamava a si mesmo de “precursor daquele que seria mais nobre e mais forte.” Logo depois de batizar Jesus, João foi preso por Herodes Antipas na fortaleza de Maqueria, perto do Mar Morto.

(Não se sabe ao certo se Cristo e Paulo chegaram a se encontrar. Paulo foi convertido vários anos após a morte de Cristo; antes disso ele fora um zeloso perseguidor dos cristãos. Também não parece que João e Paulo tenham se conhecido.

(De acordo com a história, todos os três membros da entidade de Cristo tiveram um fim violento. Cristo foi crucificado perto de Jerusalém, por ordem de Pôncio Pilatos; Herodes mandara decapitar João; e Paulo foi decapitado perto de Roma durante o reinado de Nero.

(Leitores de *The Seth Material* pediram que Seth explicasse melhor os dados sobre os três Cristos apresentados no Capítulo Dezoito, “O Conceito de Deus.” Alguns desejavam saber se um dos três Cristos poderia ter sido o Mestre da Retidão; esta personagem foi o líder da seita dos zelotes na Judéia no início do primeiro século d.C. Tem-se conhecimento de quatro seitas judaicas florescendo lá no início do cristianismo.

(Outras perguntas foram a respeito de uma variedade de nomes para o Próprio Cristo. Jane e eu estávamos guardando estas perguntas, e demos uma olhada nelas antes da sessão. O ritmo de Jane, quando a sessão começou, foi bem mais lento do que o usual.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: Espere um pouco, e reiniciaremos.

Em qualquer período histórico, uma determinada história religiosa pode finalmente emergir como uma representação exterior, mas também haverá muitos dramas ou histórias menores, “projeções” que não despertam a atenção. Elas representam, naturalmente, eventos prováveis. Qualquer uma delas poderia substituir o drama exterior real. Na época de Cristo, houve vários desses desempenhos, pois muitas personalidades sentiram a força da realidade interior e tentaram alcançá-la.

Houve Cristos prováveis, em outras palavras, vivendo na época (em seus termos). Por várias razões que não tratarei aqui, essas projeções não espelharam eventos interiores com fidelidade suficiente. Houve, entretanto, um grupo de homens na mesma área, fisicamente, que reagiu ao clima psíquico interior e sentiu sobre si a atração e a responsabilidade do herói religioso.

(Pausa às 21h.) Alguns desses homens estavam muito influenciados, muito enredados no tormento e fervor do período para se erguerem o suficiente acima da situação, e foram usados pelas culturas. Eles não podiam usar as várias culturas como campo de lançamento para as novas idéias. Em vez disso, ficaram perdidos na história dos tempos.

Alguns continuaram, seguindo o mesmo padrão usado pelo Cristo, realizaram feitos e curas psíquicas, tiveram grupos de seguidores, mas não foram capazes de manter aquele foco vigoroso de atenção psíquica que era tão necessário.

O Senhor da Retidão, como era chamado um deles, foi uma dessas pessoas, mas sua natureza excessivamente zelosa o deteve.

(Na literatura que andei lendo sobre o assunto, o líder zelote era sempre chamado de Mestre da Regidão. A interpretação dos raros registros, incluindo os Pergaminhos do Mar Morto, suscitou debates, mas parece que ele era Menahem ben Judah, morto em 66 d.C. em Jerusalém, ou um sobrinho, que sobreviveu e o sucedeu.)

Sua rigidez impediu a espontaneidade necessária para qualquer grande liberação religiosa verdadeira. Ele caiu, pelo contrário, na armadilha do provincialismo. Tivesse ele desempenhado o papel que lhe era possível, poderia ter sido útil a Paulo. Ele era uma personalidade provável da parte de Paulo na entidade do Cristo.

(Pausa longa às 21h17. O ritmo de Jane ainda estava lento.)

Esses homens entenderam intimamente sua parte neste drama, como também sua posição dentro de Tudo Que É. Eles eram todos grandes clarividentes e telepatas, que tinham visões e ouviam vozes.

Faziam contatos em seus sonhos. Paulo lembrava-se, conscientemente, de vários desses sonhos, até que se sentiu perseguido por Cristo. Foi por causa de uma série de sonhos recorrentes que Paulo perseguiu os cristãos. Ele sentia que Cristo era um tipo de demônio que o perseguia durante o sono.

Em um nível inconsciente, contudo, ele sabia o significado dos sonhos, e sua “conversão,” naturalmente, foi apenas um evento físico que seguiu uma experiência interior.

João Batista, Cristo e Paulo conectavam-se durante os sonhos, e João já tinha consciência da existência de Cristo antes de Cristo nascer.

Paulo precisava da mais vigorosa força egotista, por causa de seus deveres específicos. Por esta razão, ele tinha muito menos consciência de seu papel. O conhecimento interior, naturalmente, explodiu na experiência da conversão física.

Este material foi dado em resposta a suas perguntas.

(“Muito interessante.”)

(Jane fez uma longa pausa às 21h25. Ainda em transe, ela acendeu um cigarro e bebericou um pouco.)

Agora, em resposta à pergunta de Ruburt: O nascimento ocorrerá no tempo determinado (no ano 2075). As outras mudanças ocorrerão em geral durante o período de um século, mas os resultados aparecerão muito antes desse tempo.

Devido à natureza maleável do futuro, em seus termos, a data não pode ser considerada final. Todas as probabilidades apontam em sua direção, entretanto, pois o ímpeto interior já está formando os eventos.

A menos que tenham outras perguntas, este é o final do capítulo.

(“Por uma questão de curiosidade, você pode dizer qual foi o fim do Mestre da Retidão?” Esta é uma das perguntas que nossos correspondentes fizeram.)

Espere um momento.

O nome dado está correto, embora seja uma tradução. Ele morreu com um pequeno grupo de homens em uma caverna que usava como refúgio no meio de uma batalha. Foi morto por membros de outra seita. Os assassinos levaram com eles certos manuscritos que encontraram lá; mas outros não foram encontrados e ainda não vieram à luz.

O lugar final de refúgio ficava perto de Damasco. Durante algum tempo, o Senhor da Retidão tentou esconder-se dentro da cidade. Sua identidade foi descoberta, entretanto, e ele e um bando de homens tomaram o rumo das cavernas que ficavam entre Damasco e outra cidade vizinha, muito menor, que havia sido usada, certa ocasião, como fortaleza. Eles estavam indo para lá.

Agora pode fazer um intervalo e depois iniciarei o próximo capítulo.

(21h35. Mas em vez de fazer um intervalo, Jane continuou sentada calmamente, ainda em transe.)

Uma pequena nota para os interessados: A seita dos zelotes também se dividiu em dois grupos principais, um saindo do outro. Mais documentos serão encontrados e esclarecerão várias questões importantes a respeito da época histórica. (Pausa.) Durante um curto período de sua vida, Paulo uniu-se a um grupo de zelotes. Este fato não é conhecido. Não foi registrado.

(Jane ficou sentada, em transe, por tanto tempo, que eu comecei a fazer uma pergunta, mas ela levantou a mão, mostrando que eu deveria esperar.)

Na verdade, durante um período, ele teve uma vida dupla como membro dos zelotes. Ele voltou-se contra eles veementemente, entretanto, como mais tarde iria virar-se contra os romanos para unir-se aos cristãos. Antes de sua conversão, ele sabia que tinha uma propósito e uma missão, e quando achava que havia encontrado sua resposta, atirava-se a ela com toda a paixão.

Agora faça um intervalo.

(21h40. O ritmo de Jane fora lento a princípio, mas se acelerara no decorrer da transmissão. Seu transe fora profundo. Ela disse que realmente ficara fora quando Seth começara a falar sobre as informações bíblicas.

(Eu estava achando as informações de Seth incrivelmente interessantes. Era inevitável em muitos casos, mas Jane disse que preferia não saber nada sobre o período histórico que Seth iria discutir. Ela não lera nada sobre os Pergaminhos do Mar Morto, por exemplo, embora várias vezes eu lhe tivesse explicado um pouco sobre eles. Ela também não está familiarizada com a Bíblia.

(Naturalmente, nós não sabíamos como Seth iria apresentar seu material sobre o terceiro Cristo e dados relacionados no capítulo a respeito de religião. Nós dois ficamos surpresos ao ouvi-lo afirmar que houvera uma ligação entre Paulo e os zelotes. Muitas perguntas vieram-nos à mente automaticamente; mas precisávamos parar em algum ponto, por isso decidimos, relutantemente, não fazê-las.

(A atitude de Jane sobre a história bíblica está de acordo com sua atitude a respeito de algumas outras facetas de suas habilidades: ela muitas vezes me disse que sentia muito mais liberdade fazendo uma

leitura para uma pessoa quando não a conhecia. O mesmo acontecia quando tentava adivinhar o conteúdo de envelopes fechados. Preferia não saber quem os havia preparado, sua origem, etc.)

Um até logo e uma introdução: Aspectos da Personalidade Multidimensional como Vista Através de Minha Própria Experiência

(Reiniciamos às 22h. A voz de Jane, como Seth, estava um pouco diferente da usual. Mais controlada, talvez, não tão jovial nem tão à vontade.)

Agora: Iniciaremos o próximo capítulo, e vamos chamá-lo de “Um Até Logo e uma Introdução: Aspectos da Personalidade Multidimensional como Vista Através de Minha Própria Experiência.”

(“O título do capítulo é só isso?”)

Sim, com dois pontos separando as duas divisões. E agora espere um momento. (Pausa.)

No tempo histórico de Cristo, eu era um homem chamado Millenius, em Roma. Naquela vida, minha ocupação principal era a de mercador, mas eu era um homem muito curioso, e minhas viagens davam-me acesso a muitos grupos diferentes de pessoas.

Fisicamente, eu era redondo e baixo, nada aristocrata em minha aparência, e vestia-me mal. Nós tínhamos uma espécie de rapé feito de um certo tipo de palha. Eu usava-o constantemente, em geral derrubando um pouco em minha roupa.

Minha casa ficava na parte mais movimentada da cidade, na direção noroeste, logo depois do que vocês chamariam de centro da cidade. Entre minhas atividades, eu vendia sinos para burricos. Isso pode não parecer um produto muito bom, mas para as famílias das fazendas fora de Roma, era considerado muito útil. Cada um tinha um som especial, e uma família podia distinguir, pelo som do sino, seu próprio jumento de uma porção de outros.

(22h08.) Os burricos também eram usados em muitos outros negócios dentro de Roma como carregadores de carga, particularmente nas ocupações mais humildes. O número de sinos, seu tom específico, até as cores, tinham significado. No tumulto da cidade, os sinos podiam ser reconhecidos, portanto, pelos pobres e pelos escravos que esperavam para comprar mantimentos – em geral alimentos murchos das carroças sobrecarregadas.

Os sinos eram apenas uma pequena porção de meu negócio, que abrangiam, em grande parte, roupas e tinturas, mas eles me fascinavam. Devido a meu interesse por eles, eu viajava mais pelo campo e pela região do que era prudente. Os sinos tornaram-se meu passatempo. Minha curiosidade levou-me a

viajar em busca de diferentes tipos de sinos, e a entrar em contato com muita gente que, de outra forma, não teria conhecido.

(22h11.) Embora eu não fosse um literato, era esperto e vivo. Descobri que sinos especiais eram usados por várias seitas de judeus, tanto dentro de Roma quanto fora. Embora eu fosse romano e um cidadão, minha cidadania significava pouco, a não ser para dar-me um mínimo de segurança no meu dia-a-dia, e em meu negócio conheci tantos judeus quanto conheci romanos. Eu não estava muito acima deles socialmente. (Este foi o primeiro indício de humor demonstrado por Seth no capítulo.)

Os romanos não tinham uma idéia clara do número de judeus que se encontravam em Roma na época. Estavam tentando adivinhar. Os sinos usados nos burricos pertencentes aos zelotes traziam o símbolo de um olho (Jane, como Seth, apontou para um de seus próprios olhos). Eles entravam secretamente na cidade, escondendo-se tanto dos outros judeus como dos romanos. Eram bons barganhadores e muitas vezes tiraram de mim mais do que eu merecia perder.

Aprendi a respeito do Senhor da Retidão com um primo dele chamado Sheraba –

(“Você pode soletrar isso?” Seth soletrou o nome e aconteceu que nossas versões combinaram.

(Pode-se ver, pelos parágrafos acima, que Seth muda sua localização física de Roma para a Judéia sem dizer como ou quando isso aconteceu. Eu queria saber mais sobre os mecanismos da transferência, mas decidi não interrompê-lo neste momento.)

- que era, tanto quanto pude perceber, um assassino “sagrado.” Ele estava bêbado na noite em que conversei com ele em uma tenda mal cheirosa fora de Jerusalém. Foi ele quem me falou sobre o símbolo do olho. Ele também me disse que o homem, Cristo, fora seqüestrado pelos essênios. Eu não acreditei nele. E também, quando ele me disse isso, eu não sabia quem era Cristo.

(Pausa às 22h28. O ritmo de Jane fora lento. As quatro seitas judaicas principais, conhecidas na Terra Santa no início do primeiro século, eram os saduceus, os fariseus, os zelotes e os essênios.)

Na época em que Cristo teve sua existência, poucos o conheciam, comparativamente. Para falar claro (e com humor) eu sabia que alguém estava dando as cartas, mas não tinha certeza de quem era. Em sonhos, tive finalmente conhecimento da situação, assim como muitos outros.

Os cristãos, falando de modo geral, não desejavam conversos romanos. Mais tarde tornei-me um deles, e por causa de minha nacionalidade, nunca confiaram em mim. Minha parte nesta história foi simplesmente me familiarizar com suas bases físicas; ser um participante, por menor que fosse, daquela era. Muito mais tarde (em seus termos), eu terminaria como um Papa menor no Século Três, tornando a

encontrar-me com alguns que conhecera – e, se me perdoarem a observação humorística, mais uma vez familiarizado com o som de sinos.

(A primeira referência de Seth à sua encarnação como um Papa menor, foi na sessão da classe de ESP de Jane, em 15 de maio de 1971. Cerca de dezoito pessoas estavam presentes. A sessão foi gravada, portanto as citações que seguem são verbatim. Seth estava de bom humor, talvez um pouco vulgar:

(“...pois fui um Papa em 300 d.C. Eu não fui um Papa muito bom.

(“Eu tive dois filhos ilegítimos *[risadas da classe]*, uma amante que se esgueirava para meu estúdio particular, um mágico que eu mantinha no caso de não conseguir me sair muito bem sozinho, uma empregada que ficou grávida todos os anos em que trabalhou para mim, e três filhas que foram para um convento porque eu não as queria – e fui mencionado apenas em três linhas insignificantes, pois meu reinado não durou muito.

(“Agora: eu tinha uma família grande – isto é, eu viera de uma família grande, e era ambicioso como todos os jovens inteligentes daquela época. Eu não me tornei militar, portanto nada mais havia a fazer a não ser entrar para a igreja.

(“Por um tempo eu não fiquei em Roma, mas atendi a meus chamados religiosos em outro lugar. Eu escrevi duas leis da Igreja. Isso deve mostrar-lhes que de tudo se tira algum proveito. Morri de problemas de estômago, porque era um glutão. Meu nome não era Clemente *[em resposta a uma pergunta da classe]*, embora Clemente seja um belo nome.

(“Inicialmente eu era chamado de Protonius. Agora espere um pouco. O sobrenome não está tão claro, e este não foi meu nome papal, mas meu – se me perdoarem o termo – nome comum: Meglemanius Terceiro. De um pequeno lugarejo.

(“A menos que eu convoque o eu que eu era na época, as lembranças dos detalhes não são muito claras, mas é assim que me lembro delas agora, sem conferir diretamente com nosso amigo Papa que, vocês precisam compreender, seguiu seu próprio caminho. Estou chegando tão perto quanto possível. Não tínhamos tantos guardas na época, mas tínhamos muitos quadros roubados e jóias de grande valor. Ora, algumas dessas jóias, assim como o dinheiro, serviram para patrocinar expedições das quais vocês não têm conhecimento, ligadas ao comércio e a barcos enviados para a África; e este interesse teve a ver com minha vida posterior, quando me envolvi com o orégano *[como mercador de especiarias na Dinamarca, nos anos de 1600]*. Meus espirros têm séculos.

(“Havia dois irmãos fortemente unidos no controle da Itália, na época. Talvez eu deva dizer dois homens, um em uma capacidade mais elevada e o outro, seu chanceler, com quem eu me envolvi como Papa; e eu também enviei exércitos para o Norte.

(“Nós ainda não havíamos começado a insistir sobre indulgências, de modo que eu não tinha o dinheiro extra que as indulgências trariam. Acreditava e não acreditava, como você *[para um membro da classe]* antes acreditava e não acreditava, e eu fiz um bom trabalho, escondendo de mim mesmo o que eu acreditava e o que eu não acreditava. E quanto mais longe no poder chega uma pessoa, mais difícil fica esconder essas coisas de si própria.

(“Eu gostava muito de minha primeira amante, cujo nome era Maria. E não havia as mesmas regras saudáveis que vocês têm agora, e não havia governos tão seguros como os que vocês têm agora.

(“Eu acreditava implicitamente no Deus em que fora criado, e naquela crença. Foi só mais tarde que comecei a pensar como aquele Deus me escolhera para uma tal posição, – e então comecei a duvidar. Eu tive quatro vidas, seguindo aquela, nas mais adversas circunstâncias, para que eu entendesse a diferença entre luxo e pobreza, orgulho e compaixão. E houve dias, em outros séculos, em que andei pelas ruas em que andara como Papa. Eu tocara ligeiramente aquelas ruas como Papa; mas como camponês, trilhei-as pesadamente, até aprender as lições que precisava aprender, assim como todos vocês terão que aprender as suas.”

(Não sabemos a que Papa Seth se referia. Quando eu datilografei esta sessão, imaginei se a menção de Seth-Jane sobre o terceiro século poderia ser um erro. [Nesse caso, eu não fora suficientemente rápido para captá-lo. Eu deveria ter perguntado sobre isso imediatamente.] Como Seth disse 300 d.C. na sessão da aula de maio passado, eu pessoalmente acho muito provável que sua encarnação papal tenha seguido essa data, ocorrendo no quarto século. O quarto século abrangeu os anos 301 a 400 d.C., uma vez que nossa computação moderna do tempo baseia-se na data presumida como nascimento de Cristo. A *Enciclopédia Britânica* alista onze papas e dois antipapas entre 296 e 401 d.C. Alguns dos reinados foram muito curtos, algumas datas de mandatos, incertas ou presumidas.

(Naturalmente, gostaríamos de saber mais sobre essa encarnação. Como Seth já havia indicado, há uma riqueza de informações aqui esperando para ser descoberta. Isto apresenta um dilema que Jane muitas vezes enfrentou: o que investigar entre as várias possibilidades disponíveis em qualquer período específico; depois, feita a escolha, como encontrar tempo para levar a efeito o estudo.)

Não é meu propósito entrar em existências passadas com detalhes, mas usá-las para demonstrar alguns pontos. Primeiramente, fui muitas vezes homem e mulher, e mergulhei em várias ocupações, mas sempre com a idéia de aprender a fim de poder ensinar. Tive uma formação firme na existência física, portanto, como pré-requisito para meu “trabalho” atual.

Eu não desempenhei o papel de alguma personalidade de grande valor histórico, mas tornei-me experiente nos detalhes corriqueiros e íntimos da vida do dia-a-dia, da luta normal pela realização, da necessidade de amor. Aprendi o anseio indizível do pai pelo filho, do filho pelo pai, do marido pela mulher,

da mulher pelo marido, e caí de cabeça nas teias das relações humanas. Antes de sua idéia de história, eu fui um lumaniano, e mais tarde nasci na Atlântida.

Usando sua referência histórica, voltei no tempo dos homens das cavernas, atuando como Speaker. Ora, eu sempre fui um Speaker, independentemente de minha ocupação física. Fui mercador de especiarias na Dinamarca, quando conheci Ruburt e Joseph. Em várias vidas eu fui negro – uma vez no que agora é chamado de Etiópia, e uma vez na Turquia.

Minhas vidas como monge seguiram minha experiência como papa, e em uma delas, fui vítima da Inquisição Espanhola. Minha experiência com vidas femininas variou de uma solteirona holandesa a uma cortesã no tempo do bíblico David, passando por várias existências como humilde mãe de filhos.

Ora, quando comecei a contatar Ruburt e Joseph, escondi deles o fato de minhas numerosas vidas. (Sorriso.) Ruburt, em particular, não aceitava a reencarnação, e a idéia de experiências múltiplas de vida teriam soado escandalosas para ele.

Os tempos, os nomes e as datas não são tão importantes como as experiências, e estas são numerosas demais para serem mencionadas aqui. Entretanto, providenciarei para que um dia estejam totalmente disponíveis. Algumas foram dadas nas sessões da classe de Ruburt, e algumas, embora poucas, apareceram no próprio The Seth Material.

Em um livro sobre a reencarnação, espero que cada uma de minhas personalidades prévias fale por si mesma, pois elas devem contar sua própria história. Vocês devem entender, portanto, que essas personalidade ainda existem e são independentes. Embora o que eu fui uma vez pareça estar contido nessas personalidades, eu fui apenas a semente delas. Em seus termos, posso lembrar-me de quem eu era; em termos mais amplos, entretanto, essas personalidade devem falar por si próprias.

Talvez vocês vejam aqui uma analogia, quando compararem a situação com regressão sob hipnose. Essas personalidades não estão trancadas dentro do que eu sou, entretanto, e progrediram à sua própria maneira. Elas não estão anuladas. Em meus termos, coexistem comigo, mas em outro nível de realidade.

Agora, vamos fazer um intervalo.

(22h56. Jane disse que realmente estivera fora. Como acontecia muitas vezes, a memória e as imagens ligadas ao material começaram a voltar enquanto ela falava. Ela experimentata uma sensação de expansão, uma impressão de grandes multidões. Então se lembrara de um cheiro desagradável de palha suja, e “três homens usando mantos sujos, de cor marrom, de um tecido muito áspero.”

(Jane estava meio em transe, “vendo mais coisas agora do que na própria sessão.” Era como se uma luz dentro dela focalizasse uma pequena área. Ela viu gordura ou cera de uma vela caindo sobre um dos

mantos e manchando-o. No estábulo, havia fardos de palha, longos e ovais, empilhados uns sobre os outros “quase até o teto, para mantê-los secos. Cada fardo está amarrado, mas não coberto.

(Agora ela sentia um cheiro rançoso. “Seth tinha algum tipo de sabão entre seus produtos – uma mistura horrível de lixívia e água de rosas,” ela disse, admiradíssima, torcendo o nariz. “Estava em um tipo de saco tecido: um saco duplo, como você jogaria sobre um cavalo....Quase posso vê-lo na minha frente. Eu poderia desenhar sua forma, embora não seja uma grande coisa.

(“É isso – tudo isso se abriu depois que você começou a falar sobre ele,” disse ela finalmente. “Não tive nenhuma visão maior, e não sabia até onde chegar. Vi um saco duplo, foi só isso que vi....”

(Jane obviamente estava muito mais descontraída agora do que quando iniciou o capítulo. Estava bocejando muito, com os olhos molhados. Eu sugeri terminarmos a sessão, mas ela queria continuar. Reiniciamos às 23h19.)

Em muitas vidas eu tive plena consciência de minhas “existências passadas.” Uma vez, como monge, encontrei-me copiando um manuscrito que eu próprio escrevera em outra vida.

Muitas vezes fui afeiçoado ao peso, e pesava muito. Duas vezes morri de inanição. Sempre achei minhas mortes muito educativas – em seus termos, posteriormente. Era sempre uma lição entre vidas seguir os pensamentos e eventos que “levaram a um certo fim.”

Nenhuma de minhas mortes surpreendeu-me. Durante o processo, sentia a inevitabilidade, o reconhecimento, até um sentido de familiaridade. “Naturalmente, esta morte é minha e de ninguém mais.” E aceitava até mesmo as circunstâncias mais bizarras, percebendo nelas quase que uma perfeição. A vida não poderia terminar adequadamente sem a morte.

Há um grande sentido de humildade, e, contudo, um grande senso de exaltação, quando o eu interior percebe sua liberdade por ocasião da morte. Todas as minhas mortes foram complementos de minhas vidas, já que me parecia não poder ser de outra forma.

(Pausa longa às 23h29.) *Se eu decidisse, (em seus termos) poderia reviver qualquer porção dessas existências, mas aquelas personalidades seguem seu próprio caminho. Você me entende?*

(“Entendo.”)

Em um nível subjetivo, atuei como professor e Speaker em cada uma de minhas vidas. Em existências muito intuitivas, tive consciência desse fato. Vocês ainda não entendem a importância extrema da face inferior da consciência. Ao lado de seu papel em cada vida, seus desafios nas reencarnações também envolvem seus sonhos, os ritmos da criatividade nos fluxos e refluxos abaixo do dia-a-dia que vocês

conhecem. Assim, tornei-me muito versado como Speaker e professor em várias vidas que, em contraste, foram externamente desinteressantes.

Minha influência, meu trabalho e minhas preocupações em tais casos foram muito mais vastos do que minhas silenciosas buscas objetivas. Forneço-lhes estas informações esperando ajudá-los a compreender a verdadeira natureza de sua própria realidade. Minhas reencarnações não definem o que eu sou, entretanto, como as suas também não os definem.

Agora podem fazer um intervalo ou terminar a sessão, como preferirem.

(“Bem, vamos fazer um intervalo.” 23h35. Quando achei que Jane poderia preferir terminar a sessão, pedi um intervalo em vez de encerrar a sessão. A transmissão havia sido lenta, e Jane sabia que não estivera fora por muito tempo.

(“Não sei o que fazer agora, sobre continuar,” ela disse depois que conversamos brevemente. “Eu sei o que Seth havia planejado, mas não sei como ele vai fazer.”

(“O que está acontecendo? Não entendo –“

(“Ele vai deixar que Seth Dois apareça.”

(Seth Dois é tratado pormenorizadamente no Capítulo Dezessete do livro de Jane *The Seth Material*. Esta personalidade fala ocasionalmente nas aulas de ESP, mas muito raramente em nossas sessões privadas. No esboço que Seth forneceu para este livro, antes do início dos ditados, ele disse que Seth Dois seria explicado. Algumas de nossas perguntas para o Capítulo Vinte também tratavam de Seth Dois. Eu havia esquecido ambos os pontos no momento – por isso fiquei surpreso.

(Mas agora, às 23h40, Jane não sabia se devia terminar a sessão, como eu sugerira anteriormente, ou continuar. Por fim, decidi “sentar-se em silêncio durante um minuto.” Então: “Eu não sei se devo ou não encerrar – poderia continuar por mais uma hora...” Eu disse a ela que estava pronto, se ela estivesse. Seth reiniciou às 23h45.)

Agora: A alma conhece a si mesma, e não é confundida por termos ou definições. Abrindo para vocês a natureza de minha própria realidade, espero ensinar-lhes a natureza da sua.

Vocês não estão limitados a qualquer categoria ou recanto da existência. Sua realidade não pode ser medida, assim como a minha. Espero ilustrar a função da consciência e da personalidade, escrevendo este livro e ampliando seus conceitos.

Agora: eu comecei dizendo-lhes que estava ditando este material através dos auspícios de uma mulher de quem eu gostava muito. Quero dizer-lhes agora que há outras realidades envolvidas. Os próximos

parágrafos serão escritos por uma outra personalidade, que está mais ou menos na mesma posição, em relação a mim, que eu estou em relação à mulher através de quem falo neste momento.

(Pausa às 23h51. Agora comecei a notar uma transformação em Jane, quando nosso Seth familiar retirou-se e Seth Dois começou a entrar. Ao mesmo tempo, eu sabia que, subjetivamente, Jane estava experimentando a sensação de um “cone” ou “pirâmide” descendo sobre o topo de sua cabeça. Jane dissera-me muitas vezes que sempre que percebia Seth aproximar-se dela de um modo muito caloroso, vivo e amigável, sentia sua consciência sair dela para encontrar-se com Seth Dois-“ subindo a pirâmide invisível como a corrente de uma chaminé.” Ela não sabe para onde vai nem como volta. Parece que seu corpo é deixado para trás.

(Jane sentou-se muito formalmente em sua cadeira de balanço, os braços sobre os braços da poltrona, os pés no tapete. A noite estava quente e úmida; as janelas de nossa sala de visitas estavam abertas, e eu então me tornei consciente do barulho do trânsito. Ouvi alguém se movendo no apartamento de cima.

(Os olhos de Jane estavam fechados, mas de vez em quando se abriam ligeiramente. Ela sorria um pouco ao falar por Seth Dois. A voz que começou a sair dela era muito alta, muito distante e formal, com pouco volume ou ênfase. Cada palavra era pronunciada cuidadosa e deliberadamente, quase com delicadeza. Era como se Seth Dois não estivesse familiarizado com cordas vocais ou palavras, e fosse difícil para ele usar os mecanismos da maneira correta. O contraste entre os dois Seths não poderia ser mais completo.)

Nós somos as vozes que falam sem línguas próprias. Somos as fontes da energia da qual vocês vêm. Somos os criadores, mas também fomos criados. Nós semeamos seu universo, como vocês semeiam outras realidades.

Não existimos em seus termos históricos, nem conhecemos a existência física. Nossa alegria criou a exaltação de onde vem seu mundo. Nossa existência é tal, que a comunicação com vocês precisa ser feita por outros.

Símbolos verbais não têm significado para nós. Nossa experiência não é traduzível. Esperamos que nossa intenção o seja. No vasto escopo infinito da consciência, tudo é possível. Existe significado em todo pensamento. Percebemos seus pensamentos como luzes. Eles formam pa-drões. (Cada sílaba era pronunciada cuidadosa e separadamente.)

Por causa das dificuldades de comunicação, é quase impossível para nós explicar-lhes nossa realidade. Saibam apenas que nós existimos. Enviamos imensurável vitalidade a vocês e apoiamos todas as estruturas de consciência que lhes são familiares. Vocês nunca estão sozinhos. (Pausa.) Sempre lhes enviamos emissários que entendem suas necessidades. Embora não nos conheçam, nós os estimamos.

Seth é um ponto de minha referência, de nossa referência. Ele é uma porção antiga de nós. (Pausa.) Somos separados, mas unidos. (Pausa longa.) O espírito sempre forma a carne.

(0h06. Este foi o fim da sessão. Como sempre, quando Seth Dois fala, o fim não é anunciado e chega sem a saudação calorosa e emocional que em geral envolve Seth, Jane e eu.

(Os olhos de Jane estavam pesados. Por alguns minutos, ela teve dificuldade para mantê-los abertos. Ela não havia mudado de posição durante a transmissão, e experienciara os mesmos efeitos de cone. Eu precisei pedir que uma ou duas palavras fossem repetidas quando o barulho dos carros interferira.)

SESSÃO 589, 4 DE AGOSTO DE 1971,

21h04, QUARTA-FEIRA

(Nós ficamos prontos para a sessão bem cedo, para variar. Eu disse a Jane que esperava que Seth comentasse um sonho que ela tivera na noite passada, envolvendo nós dois, e que fora muito otimista. Eu tinha certeza de que em termos simbólicos, tratava de nosso trabalho. Seth analisou o sonho ao final da sessão, e esse material foi retirado do ditado deste livro.

(Com a aproximação das 21h, Jane começou a adotar uma certa postura. Foi ficando quieta enquanto esperava, sentada, e começou a olhar para os lados com os olhos baixos; ela parecia estar alerta, esperando um certo sinal subjetivo. Então me disse que Seth estava “por perto” e que a sessão iria começar em um minuto. Quando tirou os óculos e colocou-os na mesa diante dela, estava em transe. Seu ritmo foi bem lento no início.)

Agora: Continuaremos. Há tipos de consciência que não podem ser decifrados em termos físicos. A “personalidade” que deu origem aos parágrafos que vocês acabaram de ler, é um desses casos.

Como foi mencionado, existe entre aquela personalidade e eu o mesmo tipo de ligação que existe entre Ruburt e eu. Mas em seus termos, Seth Dois está muito mais distante de minha realidade do que eu da de Ruburt. Vocês podem imaginar Seth Dois como uma porção futura de mim, se preferirem, e, contudo, há muito mais envolvido.

Eu sou eu mesmo, usando termos simples aqui para tentar tornar mais claras estas idéias. Em estado de transe, Ruburt pode contatar-me. Em estados de alguma forma semelhantes a um transe, eu posso contatar Seth Dois. Nós estamos ligados de modos muito difíceis de explicar, unidos em teias de consciência. Minha realidade inclui, portanto, não apenas identidades reencarnatórias, mas também outras gestalts de seres que não têm, necessariamente, quaisquer conexões físicas.

O mesmo se aplica a cada leitor deste livro. A alma é aberta, portanto. Ela não é um sistema espiritual ou psíquico fechado. Eu tentei mostrar-lhes que a alma não é uma coisa separada, à parte de vocês. Ela não é mais separada de vocês do que Deus (maiúscula).

Não há necessidade de criar um deus à parte, que exista fora de seu universo e separado dele, como não há necessidade de pensar em uma alma como uma entidade distante. Deus, ou Tudo Que É, é uma parte íntima de vocês. A energia “Dele” forma a sua identidade, e sua alma, da mesma forma, faz parte de vocês.

(21h18.) Minhas próprias personalidades reencarnatórias, eus prováveis, e até Seth Dois, existem dentro de mim agora, como eu existo dentro deles. Em seus termos, Seth Dois é mais avançado. Em seus termos, ele é mais estranho, uma vez que não pode relacionar-se com sua existência física tão bem como eu, por causa de meus antecedentes nela.

Ainda assim, minha experiência enriquece Seth Dois, e suas experiências me enriquecem na proporção em que eu sou capaz de percebê-las e traduzi-las para meu próprio uso. Da mesma forma, a personalidade de Ruburt é expandida por meio da experiência, assim como o melhor dos professores aprende com cada uma das dimensões de atividade.

Em termos mais amplos, minha alma inclui minhas personalidades reencarnatórias, Seth Dois e eus prováveis. Estou tão consciente de meus eus prováveis, por falar nisso, como de minhas reencarnações. Seu conceito de alma é simplesmente muito limitado. Não estou realmente falando em termos de almas agrupadas, embora esta interpretação possa também ser feita.

Cada “parte” da alma contém o todo – um conceito que, estou certo, irá surpreendê-los. Quando se tornarem mais perceptivos de sua própria realidade subjetiva, irão familiarizar-se com porções maiores de sua própria alma. Quando pensam na alma como um sistema fechado, percebem-na como tal, fechando-se para o conhecimento de sua criatividade e de suas características maiores.

(21h27.) Seth Dois representa aquilo em que me tornarei, de certa forma e em seus termos; contudo, quando eu me tornar o que ele é, ele será algo diferente. Nos mesmos termos, somente agora, Ruburt pode tornar-se o que eu sou, mas então eu serei algo muito diferente.

Cada um de vocês está envolvido no mesmo tipo de relacionamentos, estejam ou não conscientes deles. Embora lhes pareça que as reencarnações envolvem eventos passados e futuros, elas são existências paralelas ou adjacentes à sua própria vida e consciência atuais. Falando de um modo relativo, outros aspectos de sua identidade maior existem perto e ao redor delas.

(Jane estava falando intensamente como Seth, os olhos abertos e muito escuros. Ela fez uma série de movimentos circulares no ar.)

As respostas à natureza da realidade, o conhecimento infinito de Tudo Que É que vocês todos buscam, está dentro de sua experiência presente. Elas não serão encontradas fora de vocês, mas por meio de uma viagem dentro de vocês mesmos, através de vocês e através do mundo que conhecem.

Espere um momento. (Pausa de um minuto, olhos fechados, às 21h32.)

Certa vez eu fui uma mãe com doze filhos. Ignorante em termos de educação, longe de ser bonita, especialmente nos anos mais avançados, com um gênio difícil e voz rouca. Isso foi em Jerusalém, no século seis. As crianças tinham muitos pais e eu fazia o melhor que podia para sustentá-las.

Meu nome era Marshaba. Morávamos onde podíamos, acorados nas soleiras das portas e, finalmente, todos esmolando. Contudo, naquela existência, a vida física tinha um contraste, uma agudeza maior do que eu jamais conhecera. Uma crosta de pão me era muito mais deliciosa do que qualquer pedaço de bolo, com uma ótima cobertura, jamais fora em vidas anteriores.

Quando meus filhos riam, eu ficava extasiada de alegria, e apesar de nossa pobreza, cada manhã era uma surpresa triunfante o fato de não termos morrido durante o sono, de não haveremos sucumbido à fome. Escolhi aquela vida deliberadamente, assim como cada um de vocês escolheu a sua, e fiz isso porque minhas vidas prévias me haviam deixado demasiadamente entediado. Eu tivera muito conforto e já não focalizava com clareza as delícias e experiências físicas verdadeiramente espetaculares que a terra pode proporcionar.

Embora eu gritasse com meus filhos e às vezes gritasse irada contra os elementos, fui atingida pela magnificência da vida, e aprendi mais sobre a verdadeira espiritualidade do que o fizera como monge. Isto não significa que a pobreza leve à verdade, ou que o sofrimento seja bom para a alma. Muitos que enfrentaram as mesmas condições comigo, pouco aprenderam. Significa que cada um de vocês escolheu suas condições de vida por seus próprios propósitos, sabendo de antemão quais eram suas fraquezas e pontos fortes. (Pausa.)

Na gestant de minha personalidade, quando em seus termos eu vivi vidas posteriores mais ricas, aquela mulher tornou a viver em mim – como, por exemplo, a criança está viva no adulto - cheia de gratidão ao comparar circunstâncias posteriores com existências anteriores. Ela me instigou a usar melhor minhas vantagens.

Também com vocês, suas várias reencarnações em grande parte ocorrem simultaneamente. Tornando a usar a analogia da vida adulta, é como se a criança dentro de vocês fizesse parte de sua lembrança e experiência, e, contudo, de uma outra forma, os tivesse deixado, ou se separado de vocês, como se vocês fossem apenas um adulto com quem a criança “sintonizou-se.” Assim, as pessoas que eu fui seguiram seu próprio caminho e, contudo, fazem parte de mim, e eu, delas.

Eu estou vivo na memória de Seth Dois, como um eu do qual ele brotou. Entretanto, o eu que eu sou agora não é o eu do qual ele brotou. Somente suas idéias rígidas de tempo e consciência fazem com que estas afirmações lhes pareçam estranhas, pois repito que, em um contexto maior, eu posso lembrar-me de Seth Dois. Todas essas ligações, portanto, estão abertas. Cada evento psicológico afeta todos os outros.

Pode fazer um intervalo.

(Para mim, mais alto): Se você não entender claramente alguma coisa, avise – porque se não o fizer, o leitor também não entenderá.

(“Está bem.” 21h55. Jane não tinha imagens da mulher que Seth estava discutindo. Ela se lembrava como, em sessões anteriores, Seth falara sobre um mínimo de três existências para a maioria das entidades, e como ela se escandalizara quando Seth afirmou ter tido muitas vidas. Agora ela acha a idéia da simultaneidade de várias “reencarnações” bem aceitável, pois se harmoniza com seu temperamento emocional e intelectual. Quando as sessões começaram, Jane ficou especialmente aborrecida com o que ela chamou de idéias triviais e populares sobre a reencarnação, misturadas, como eram, às idéias de bem e mal, punição, etc.

(“Eu concordo com a idéia de Seth de que a reencarnação é tanto um mito como um fato,” ela disse agora, referindo-se à sessão da aula de ESP. Naquela sessão, em 4 de maio de 1971, Seth disse em parte: “Assim, o que vocês entendem por reencarnação e os termos temporais envolvidos, é um conto na verdade muito simplificado....A reencarnação, à sua própria maneira, também é uma parábola. Parece muito difícil para vocês compreender que vivem em muitas realidades – e muitos séculos – tudo ao mesmo tempo....” 22h22. Reiniciamos em um ritmo lento.)

Todas as existências e toda a consciência são interligadas. Somente quando vocês pensam na alma como algo diferente, separado e, portanto, fechado, são levados a considerar um deus separado – uma personalidade que parece ser separada da criação.

Tudo Que É é uma parte da criação, mas é mais do que a criação. Há gestalts piramidais de seres impossíveis de descrever, cuja percepção inclui conhecimento e experiência do que pareceria, para vocês, um vasto número de outras realidades. Nos termos de que estou falando para seu benefício, seu presente pode, por exemplo, incluir a vida e a morte de seu planeta em um momento do “tempo” deles. A existência de Seth Dois encontra-se nas bordas externas de uma galáxia de consciência desse tipo.

(Pausa às 22h30.) Quando Seth Dois fala, Ruburt inicialmente percebe o seguinte: sua consciência esforça-se para subir, seguindo um caminho interior psíquico, um funil energizado, até que, simplesmente, não pode ir adiante. Parece-lhe então que sua consciência sai do corpo através de uma pirâmide invisível, cujo topo aberto se estende para longe, no espaço.

Aqui ele parece fazer contato com símbolos impessoais cuja mensagem às vezes é traduzida automaticamente em palavras. Na verdade, este ponto representa uma urdidura nas dimensões, um lugar entre sistemas que tem muito mais a ver com energia e realidade psicológica do que com espaço, pois espaço não tem significado.

Eu estou quase sempre presente como tradutor nessas ocasiões. Meu conhecimento da ambas as realidades é necessário para a comunicação.

(Pausa longa.) Seth Dois está familiarizado com um conjunto de símbolos e significados totalmente diferentes, de modo que, neste caso, duas traduções estão sendo dadas – uma por mim e outra por Ruburt.

Espero que alguns conceitos sejam transmitidos desta forma, pois não poderiam ser transmitidos de outra. Essas fusões de realidade e experiência, essas mensagens de um sistema para outro, ocorrem continuamente de várias formas, surgindo em seu mundo com uma roupagem ou outra – como inspirações de muitos tipos. Em outras palavras, vocês estão sendo ajudados.

Vocês, entretanto, também estão usando suas habilidades, pois suas próprias características determinam, em grande parte, a quantidade de ajuda que recebem. O simbolismo aparente para Ruburt quando Seth Dois fala, funciona bem, mas para fora é também para dentro, e assim, a consciência viaja tanto para dentro quanto parece a Ruburt viajar para fora.

Esses contatos e esse conhecimento estão à disposição de cada indivíduo. Tudo Que É fala a todas as Suas partes, não com sons, trombetas e fanfarras a partir de fora, mas comunicando Suas mensagens através do material vivo da alma existente em cada consciência.

Agora: Caso desejem algo sobre o sonho, sugiro que terminemos o ditado por esta noite. Vamos fazer um intervalo ou iniciar a interpretação, como preferirem.

(22h45. “Acho que você pode começar.”)

Espere um pouco. (Pausa.)

(Seth então transmitiu duas páginas excelentes, explicando o sonho de Jane. A sessão terminou às 23h05.)

SESSÃO 590, 9 DE AGOSTO DE 1971,

22h05, SEGUNDA-FEIRA

(A sessão começou tarde esta noite porque Jane e eu fomos primeiro a uma festa-surpresa para comemorar as bodas de prata de um membro da aula de ESP. O evento foi um grande sucesso.

(Durante o jantar, falamos sobre os períodos que Seth mencionara em relação à sua vida como Papa, tanto na sessão da aula de ESP em 15 de maio de 1971, quanto na sessão 588 deste capítulo. Quando pensei se estava certo ao achar provável que a encarnação papal de Seth ocorrera no século quatro, Jane disse que “captara” o ano 325 d.C. Isso me pareceu uma confirmação. Para nossa surpresa, Seth acrescentou informações sobre sua vida na sessão desta noite.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Foi nos anos 300.

(“Obrigado.”)

Alguns comentários extras para seu conhecimento. Os registros daquele tempo e de algum tempo depois, muitas vezes não eram confiáveis. Eles foram adulterados. Às vezes, o nome de um homem era dado como um reinado que cobria um período de anos.

O homem original podia ter sido assassinado, e outro tomado seu lugar, continuando como se não tivesse havido mudança no que concernia ao populacho. Veneno era o método comum, e até os que suspeitavam da verdade não ousavam falar.

Os registros mostravam o reinado de um papa; mas um, dois ou até três homens diferentes podem ter ocupado aquela posição. Uma mudança de normas é o indício nesses casos; oscilação.

Agora espere um pouco. (Pausa às 22h11.) Também havia homens chamados de “Pequenos Papas,” de natureza ambiciosa, treinados e bem supridos. Se eles tivessem uma change séria, haveria grandes recompensas para seus seguidores. As ações desses homens não eram piores, particularmente, que as do resto do populacho. Sua posição simplesmente lhes dava mais espaço.

As datas 325 e 375 me vêm à mente em ligação com minha própria vida nessa época. Repito que os nomes e datas pouco significado têm para mim agora. Naquela vida eu aprendi a compreender a interação dos homens e suas ambições, o abismo que em geral existe entre ideais e ações práticas.

Vocês também precisam compreender que a política era um braço legítimo da igreja naqueles dias, e esperava-se que um clérigo fosse um excelente político. Parece que eu passei algum tempo em um lugar que soa como Caprina, também durante aquela existência.

(Pausa longa às 22h20.) *Um primo ou irmão era importante para mim. Ele acabou tendo sérias dificuldades, sendo apanhado em algum negócio de contrabando com os espanhóis.*

Na época, havia um grupo secreto chamado “Seguidores da Maternidade de Deus.” Eles eram considerados hereges, e muitas vezes recebi petições contra eles. Tratava-se da posição da “Virgem” dentro dos dogmas da Igreja.

Agora terminamos estas observações e você pode fazer um intervalo.

(22h25. “Eu sabia que ele estava fazendo isso,” disse Jane, acrescentando que apenas o acompanhara. Seu ritmo fora um tanto lento, mas ficou mais rápido quando reiniciamos às 22h32.)

Agora vamos reiniciar o ditado.

Vocês não estão fadados a dissolver-se em Tudo Que É. Os aspectos de sua personalidade, como vocês a entendem atualmente, serão conservados. Tudo Que É é o criador da individualidade, não o meio de sua destruição.

Minhas próprias personalidades “prévias” não estão dissolvidas em mim, mais do que suas personalidades “passadas.” Todas estão vivendo e são vitais. Todas seguem seu próprio caminho. Suas personalidades “futuras” são tão reais como as passadas. Depois de um tempo, isto já não lhes dirá respeito. Fora da estrutura das reencarnações, não existe morte como vocês pensam nela.

Minha própria estrutura de referência, entretanto, já não está focalizada em minhas reencarnações. Voltei minha atenção em outras direções.

Uma vez que todas as vidas são simultâneas, todas acontecendo ao mesmo tempo, qualquer separação é uma separação psicológica. Eu existo como sou enquanto minhas reencarnações – em seus termos – ainda existirem. Contudo, agora não estou preocupado com elas, mas concentro-me em outras áreas de atividade.

(22h41.) *A personalidade muda, seja dentro ou fora de um corpo, portanto vocês mudarão após a morte, assim como mudam antes dela. Nesses termos, é ridículo insistir em permanecer como vocês são agora depois da morte. Seria o mesmo que uma criança dizer: “Vou crescer, mas nunca vou mudar as idéias que tenho agora.” As qualidades multidimensionais da psique permitem que ela vivencie um domínio infinito de dimensões. A experiência em uma dimensão de modo algum impede a existência em outra.*

Vocês têm tentado espremer a alma dentro de conceitos limitados sobre a natureza da existência, fazendo-a seguir suas crenças limitadas. A porta que dá para a alma está aberta, e leva a todas as dimensões de experiência.

(22h30.) *Se vocês acham, entretanto, que o eu como vocês o conhecem é o fim ou somatização de si mesmos, então também imaginam sua alma como uma entidade limitada, presa por suas aventuras presentes em apenas uma vida, para ser julgada depois da morte pelo desempenho de alguns poucos anos triviais.*

De muitas formas, este é um conceito confortável, embora, para alguns, possa ser um tanto amedrontador, com suas conotações de castigo eterno. É uma idéia muito mais interessante, portanto, sugerir as ricas belezas que se encontram no centro da criatividade divina. A alma se encontra tanto dentro como fora da estrutura da vida física que vocês conhecem. Vocês não estão separados dos animais e do resto da existência porque possuem uma consciência interior eterna. Tal consciência está presente em todos os seres vivos e em todas as formas.

Pode fazer um intervalo.

(22h55. Este provou ser o fim da sessão.)

SESSÃO 591, 11 DE AGOSTO DE 1971,

21h03, QUARTA-FEIRA

(Esta foi também uma sessão curta. Jane e eu nos havíamos acostumado a viver com a produção do livro de Seth; passáramos a esperar por cada um de seus desenvolvimentos. Agora, porém...”Eu quase não quero realizar a sessão,” disse Jane enquanto esperávamos pelas 21h. “É uma sensação muito engraçada – quase nostálgica. Eu posso sentir – eu sei – que Seth vai terminar seu livro logo, provavelmente esta noite, e não quero que isso aconteça, acho eu.” Ela mencionara esse sentimento algumas vezes, desde que Seth começara a trabalhar nos dois últimos capítulos do livro.)

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: Reiniciaremos o ditado. (O ritmo de Jane era bastante rápido, sua voz, baixa.) Boa noite.

Eu chamei este capítulo de ‘Um Até Logo e uma Introdução.’ O até logo é meu, uma vez que estou agora terminando este livro. A introdução aplica-se a cada leitor, pois espero que agora possam olhar para si mesmos com uma compreensão maior de quem e do quê vocês são.

Eu gostaria, portanto, de apresentá-los a si mesmos.

Vocês não vão se encontrar correndo de professor em professor, de livro em livro. Não vão se encontrar seguindo um método especializado de meditação. Somente olhando com tranquilidade para dentro

do eu que vocês conhecem, pode sua própria realidade ser vivenciada, com as ligações que existem entre o eu presente ou imediato e a identidade interior que é multidimensional.

É preciso que haja uma vontade, uma aquiescência, um desejo. Se vocês não examinarem seus próprios estados subjetivos, não poderão reclamar caso muitas respostas parecerem escapar-lhes. Não podem jogar o peso da prova sobre outra pessoa, nem esperar que um homem ou professor lhes prove a validade de sua própria existência. Tal procedimento irá levá-los de uma armadilha subjetiva a outra.

Enquanto lêem este livro, as portas interiores permanecem abertas. Vocês têm apenas que vivenciar o momento, como o conhecem, tão plenamente quanto possível – como ele existe fisicamente dentro da sala, ou fora, nas ruas da cidade em que moram. Imaginem a experiência presente em um determinado momento do tempo no globo, depois tentem apreciar sua própria experiência subjetiva no momento, mas ainda escapando a esse momento – e isto multiplicado por cada pessoa viva.

Este exercício, por si só, abrirá sua percepção, aumentará sua consciência e, automaticamente, expandirá seu apreço por sua própria natureza.

O “você” que é capaz desta expansão precisa ser uma personalidade muito mais criativa e multidimensional do que antes imaginaram. Muitos dos pequenos exercícios sugeridos, apresentados anteriormente neste livro, também os ajudarão a familiarizar-se com sua própria realidade, proporcionando-lhes uma experiência direta com a natureza de sua própria alma ou entidade e colocando-os em contato com essas porções de seu ser das quais brota sua própria vitalidade. Vocês podem ou não ter seus próprios encontros com eus de encarnações passadas ou eus prováveis. Podem ou não se perceber no ato de mudar níveis de consciência.

Certamente, a maioria de meus leitores terá sucesso com alguns dos exercícios sugeridos. Eles não são difíceis, e estão dentro da capacidade de todos.

Cada leitor, entretanto, deve, de um jeito ou de outro, perceber sua própria vitalidade de uma forma muito nova para ele, encontrando caminhos para a expansão, que estão abertos dentro de si, dos quais não tinha conhecimento. A própria natureza deste livro, o próprio método de sua criação e transmissão devem indicar claramente o fato de que a personalidade humana tem muito mais habilidades do que geralmente lhe são imputadas. Vocês já devem ter entendido que nem todas as personalidades são fisicamente materializadas. Da mesma forma que este livro foi concebido e escrito por uma personalidade não-física, e então tornado físico, também cada um de vocês tem acesso a habilidades e métodos de comunicação maiores do que os geralmente aceitos.

Espero que, de uma forma ou de outra, este meu livro tenha servido para dar a cada um de vocês uma introdução à identidade interior multidimensional que lhes pertence.

(Mais alto): *E este, meu querido amigo, é o final do ditado; e o livro está terminado.*

(“Excelente, Seth.”)

Agora pode fazer um intervalo. Um intervalo muito merecido.

(21h30. O final do livro parecia ter chegado abruptamente, embora estivéssemos preparados para ele. Uma vez fora do transe, Jane tornou a expressar seu pesar diante do final do livro de Seth, embora fosse para isso que estivéramos trabalhando. “O que ele vai fazer agora?” ela perguntou. “Eu não posso acreditar que tenha acabado, você sabe.”

(“Nós temos que esperar para ver,” eu respondi. Fizemos vários comentários brincalhões sobre o que viria em seguida nas sessões, mas eu percebi que, na verdade, Jane não estava achando graça. O livro de Seth continha tantas idéias para futuras sessões, que nosso problema seria o que explorar primeiro – e teríamos a incomum oportunidade de empreender esses estudos quando quiséssemos.

(Finalmente, Jane disse: “Estou apenas tentando relaxar....Ele tem algo para você, acho eu, sobre aqueles tempos bíblicos; a Crucificação...Eu sei o que Seth vai começar a lhe dizer, mas está confuso. Não soa bem.”

(“Bem, é bom saber que você não ficou sem palavras,” eu disse. O seguinte material foi incluído porque complementa as informações de Seth dadas no Capítulo Vinte Um. Depois que Seth iniciou aquele capítulo, Jane e eu percebemos que poderíamos ficar muito interessados na história bíblica, mas nosso tempo para aprender fora breve. Reiniciamos às 21h50, em um ritmo mais lento.)

Agora: Para sua instrução:

Cristo, o Cristo hitórico, não foi crucificado....Aqui você vai ter que esperar um pouco. (Pausa.)

Ele não tinha nenhuma intenção de morrer daquela forma, mas outros sentiram que, a fim de cumprir as profecias em todos os aspectos, a crucificação era necessária.

Cristo não participou dela. (Pausa.) Houve uma conspiração em que Judas desempenhou um papel, numa tentativa de fazer de Cristo um mártir. O homem escolhido estava drogado – daí a necessidade de ajuda para carregar a cruz (ver Lucas 23) – e disseram-lhe que ele era o Cristo.

Ele acreditou que era. Foi um dos enganados, mas também acreditou que ele, e não o Cristo hitórico, devia cumprir as profecias.

Maria compareceu por sentir pena do homem que acreditava ser o filho dela. Ela compareceu por compaixão. O grupo responsável queria que parecesse que uma certa parte dos judeus crucificara Cristo, mas eles nunca sonharam que todo o povo judeu iria ser “responsabilizado.”

(Pausa às 22h.) Isto é difícil de explicar, e até de deslindar....A tumba estava vazia porque este mesmo grupo levou o corpo. Maria Madalena viu o Cristo, entretanto, imediatamente depois (ver Mateus 28). (Pausa longa.) Cristo era um grande paranormal. Ele fez com que aparecessem feridas em Seu próprio corpo e mostrou-Se a Seus seguidores tanto fisicamente como fora do corpo. Tentou, contudo, explicar o que acontecera, explicar Sua posição, mas os que não sabiam da conspiração não compreenderam e interpretaram Suas declarações erroneamente.

Pedro negou o Senhor três vezes (Mateus 26), dizendo que não O conhecia, porque viu que aquela pessoa não era Cristo.

A pergunta “Pedro, por que me abandonaste?” foi feita pelo homem que acreditava ser o Cristo, a versão drogada. Judas apontou para aquele homem. Ele sabia da conspiração e temia que o Cristo real fosse capturado. Entregou, portanto, às autoridades um homem conhecido como um messias auto-instituído, a fim de salvar, e não de destruir, a vida do Cristo histórico.

(22h05. O ritmo de Jane aumentou consideravelmente.)

Simbolicamente, contudo, a própria idéia da crucificação abrangia dilemas e significados profundos da psique humana, e assim, a crucificação tornou-se uma realidade muito maior que os eventos físicos reais que ocorreram na época.

Somente os iludidos correm o perigo ou são capazes de um auto-sacrifício dessa monta, ou acham-no necessário. Somente os que ainda estão envolvidos com idéias de crime e punição achariam atraente este tipo de drama religioso, encontrando nele ecos profundos de seus próprios sentimentos subjetivos.

Cristo sabia, entretanto, por meio de Sua clarividência, que de um jeito ou de outro esses eventos iriam ocorrer, e tinha conhecimento dos prováveis dramas que poderiam resultar. O homem envolvido não podia ser desviado de sua decisão subjetiva. Ele seria sacrificado para que as velhas profecias judaicas se tornassem realidade, e nada o dissuadiria disso.

(22h10.) Na Última Ceia, quando Cristo disse “Este é meu corpo, e este é meu sangue,” quis mostrar que o espírito estava dentro de toda matéria, interconectado, e ainda separado – que Seu próprio espírito era independente de Seu corpo; e também, à Sua própria maneira, quis dar a entender que Ele já não deveria ser identificado com Seu corpo, pois sabia que o corpo morto não seria o Seu.

Tudo isto foi mal compreendido. Cristo então mudou Seu comportamento, aparecendo muitas vezes a Seus seguidores em estados fora do corpo. (Ver João 20, 21; Mateus 28; Lucas 24.) Até então, não fizera isso nessa proporção. Tentou dizer-lhes, entretanto, que Ele não estava morto, nas preferiram interpretar Suas palavras simbolicamente. (Pausa de um minuto.)

Sua presença física já não era necessária, transformando-se até em um embaraço naquelas circunstâncias. Ele simplesmente saiu dela por vontade própria.

Agora pode fazer um intervalo.

(“Obrigado. É muito interessante.”)

(22h17. “Que coisa,” disse Jane depois de sair do transe, “ninguém vai gostar disso. Mas eu tentei relaxar e deixar tudo isso sair, porque eu mesma tinha muitas perguntas a respeito daquela época....”

(Em resposta a uma minha pergunta, Jane disse que não havia retido nenhuma imagem nem podia acrescentar qualquer coisa ao material dado. A curta transmissão que se seguiu responde a alguns dos pontos que discutimos durante o intervalo. Reiniciamos às 22h28.)

Agora: Ele sabia que, sem as chagas, não acreditariam que Ele era Ele mesmo, porque estavam convencidos de que Ele morrera com aquelas chagas. (Ver João 20.) Elas deveriam servir como identificação, até que Ele explicasse a verdadeira situação.

Ele comeu, para provar que estava vivo, por exemplo, (João 21, Lucas 24, etc.) mas eles acharam que isso significava que o espírito podia comer. Desejavam acreditar que Ele fora crucificado e ressurgira.

Agora: Terminarei nossa sessão por hoje. Desejo-lhes uma boa noite.

(“Está bem. Obrigado.”)

Diga a Ruburt que haverá outros livros. E agradeço a você sua ajuda, cooperação e paciência.

(“Foi um prazer.”)

Teremos uma sessão particular na próxima vez.

(“Está bem. Boa noite e obrigado.” Terminamos às 22h30.

(Nos últimos dois capítulos, Seth respondera praticamente a todas as perguntas que restavam na lista que havíamos preparado originalmente para o Capítulo Vinte.)

(Uma nota: Por baixo de uma concordância maior, existem muitas diferenças nos detalhes dos Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. Por exemplo: João 19 diz que Cristo carregou Sua própria cruz; Lucas 23 afirma que Simão Cirineu carregou a cruz para Cristo. Aventaram-se muitas perguntas e razões complicadas em relação aos vários aspectos dos Evangelhos: sua possível base em tradições orais e fontes comuns literárias ou documentárias mais antigas; se qualquer delas abrangeria o relato de uma testemunha ocular da vida de Cristo [muito recentemente, foi afirmado que o evangelho de Marcos foi escrito apenas alguns anos após Sua morte, por exemplo], se os Evangelhos deveriam simplesmente ser considerados como expressão de uma tradição única, o próprio fato da existência de Cristo e o Seu ambiente, independentemente de qualquer outra coisa, etc.)

(Com muita expectativa e nenhum nervosismo, Jane agora começou a ler o livro de Seth desde a primeira página. Ela está maravilhada.)

APÊNDICE

Seth dedicou três sessões completas e partes de duas outras a este Apêndice. Ele inclui informações adicionais sobre vários tópicos já mencionados no próprio livro, como pontos de coordenação, tempos e registros bíblicos, símbolos, reencarnação e expansão de consciência. As sessões 592 e 594 são particularmente interessantes, no sentido de que os eventos que ocorreram durante a sessão salientaram e ilustraram o material ditado.

Nós também acrescentamos trechos de seis outras sessões. Cinco são sessões da classe; uma foi incluída por ser relevante para o material discutido no Capítulo Nove sobre a organização pós-vida. Outra contém uma descrição excelente da verdadeira espiritualidade. Nos trechos de aula restantes, Seth responde a perguntas que também poderiam estar na mente dos leitores.

Estas sessões também mostram a relação pessoal de Seth com outras pessoas. A um engenheiro, ele explica as pulsações do átomo, discute saúde mental com uma enfermeira, e agressão com um pastor – todos membros da classe. A sexta apresentação é de uma sessão realizada para um aluno, quando Seth mencionou os Speakers pela primeira vez.

SESSÃO 592, 23 DE AGOSTO DE 1971,

21h35, SEGUNDA-FEIRA

(Como eu sabia muita pouco sobre a época de Cristo, levei um tempo lendo o necessário para poder anotar adequadamente as sessões. Sue Watkins, membro da classe de ESP e nossa amiga pessoal, ajudou muito; ela me emprestou livros sobre o período, para que eu pudesse conferir as referências históricas.

(Jane e eu estávamos cansados devido a nossas atividades recentes e poderíamos ter deixado de realizar a sessão, mas ela não queria interromper o ritmo que conseguíamos. Sue compareceu como testemunha. Todos nós esperávamos uma sessão tranqüila – uma que tratasse de eventos atuais envolvendo nós três, que fosse desde um gato muito doente, digamos, ao imprevisto da noite de sexta-feira sobre nossos “dramas reencarnatórios.” Mas certamente não esperávamos que Seth continuasse o material relativo aos tempos bíblicos, que havia iniciado em seu livro.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Eu devia assustá-los, dizendo: “Capítulo Um,” mas não o farei. E boa noite à nossa amiga aqui (Sue). Logo poderão ler meu livro em sua totalidade. (Para mim): Tenho algumas notas para sua edificação.

(“Está bem.” O ritmo de Seth era um tanto rápido.)

Esperem um momento. Agora: Os essênios tinham raízes profundas em algumas das Religiões de Mistérios dos gregos. Alguns dos essênios, usando subterfúgios, fundaram escolas que não eram o que pareciam ser. Os iniciados precisavam passar por vários testes para poderem chegar perto das doutrinas internas. (Pausa.) Havia outros grupos de essênios, entretanto, além daquele mencionado em geral.

(O grupo de essênios geralmente mencionado seria a seita judaica na Terra Santa, durante a época de Cristo, no início do primeiro século. Historicamente, eles são considerados um grupo pacífico.)

Os essênios, como são conhecidos, eram formados por um grupo sobrevivente de uma fraternidade maior e mais antiga. Havia alguns na Ásia Menor. Esforçavam-se para infiltrar-se em culturas nacionais ou de grupos. Certas idéias básicas uniam os essênios, portanto, embora muitas vezes eles usassem nomes diferentes. (Pausa.) Havia três grupos básicos: o geralmente conhecido, um ramo na África, e o grupo da Ásia Menor já mencionado. Pouco contato existia entre esses grupos, entretanto, e pouco a pouco, as próprias doutrinas internas foram mostrando variações importantes.

As escolas com frequência simulavam estar dando uma educação em outras áreas. As pessoas de fora eram mantidas nesses grupos externos. Alguns freqüentavam essas escolas sem jamais saberem dos iniciados internos, sendo o trabalho mais importante realizado camufladamente.

Alguns dos membros da seita dos zelotes foram originalmente essênios. Os essênios eram anteriores a eles. João Batista era essênio em todas as formas importantes; mas um homem que avança daquela forma, automaticamente sai de seu grupo, e foi isso que aconteceu com seu amigo João.

(Aqui Seth se referiu com humor a meu recente interesse por João Batista. Os zelotes eram uma seita judaica muito mais agressiva, semipolítica, que também existiu na Terra Santa no início do primeiro século – como descobri em minhas recentes leituras.)

(21h46.) Alguns essênios sentiam ciúme do progresso de João. Certa vez, João tentou unir vários grupos divergentes em uma fraternidade, mas falhou. O fracasso foi muito pesado para ele. O fogo raramente é suave, e João Batista era tão cheio de fogo quanto Paulo.

Ele era um homem muito mais gentil, e, contudo, à sua própria maneira, tão fanático como qualquer dos outros personagens principais daquela época. Era muito mais contra o que era contra, do que a favor do que era a favor. Cristo devia transmitir a mensagem, e João devia preparar o caminho para ela.

João tinha um compromisso com uma prima, quando jovem, mas fugiu dessa experiência durante toda a vida, acreditando que fosse pecaminosa.

Ora, esses homens enchiam-se como velas com a energia de seus papéis, mas precisavam ter as características de personalidade de sua época. Precisavam aparecer como homens diante de homens, para que Cristo pudesse proclamar-se como qualquer coisa além de um homem natural.

Essas complicações eram necessárias no contexto daquele drama religioso. Elas eram criativas no sentido de que traziam dentro de si apenas sementes que podiam crescer naquele lugar e naquele tempo (em seus termos). (Mais forte): Agora, não precisamos ser tão formais. Ditado do livro encerrado.

(“Encerrado?”)

Sim.

(“Está bem.”)

Você pode fazer uma pergunta ou um intervalo, como preferir.

(“Então vamos fazer um intervalo.”)

(Para Sue): Falo muitas vezes a esta aqui em sonhos. Além disso, não quero tomar todo o seu tempo quando está acordada.

(21h56 a 22h.)

Agora: Os registros muitas vezes eram falsificados; com frequência se plantavam registros falsos e adulterados. A religião era política. Implicava em influência e poder sobre as massas. Cabia aos dirigentes saber em que direção os ventos religiosos sopravam. Houve falsificações deliberadas de fatos, tanto naquela época quanto mais tarde. Algumas seitas mantinham registros falsos propositadamente, como subterfúgios, de modo que, se fossem roubados, os ladrões pensariam ter levado aquilo que buscavam.

Em alguns casos, os registros falsificados foram encontrados – os embustes – enquanto que os registros verdadeiros por trás deles ainda não foram descobertos.

(Pausa.) É melhor se lembrarem da sessão em que esta informação foi transmitida.

(“Não sei exatamente o que você quer dizer.”)

Logo você poderá comprovar o que eu disse, pois surgirão registros que parecerão contradizer os anteriores – como na verdade irão contradizer – e devido às razões que acabo de mencionar.

Os essênios mantinham conjuntos de registros para confundir os zelotes, um outro para confundir os romanos, e os registros internos, com todos os fatos, eram cuidadosamente guardados. Os essênios não eram tão violentos como os outros grupos, mas eram igualmente astutos.

(22h06.) Havia várias marcas, entretanto, que distinguiam os vários conjuntos de registros verdadeiros e falsos. (Jane, como Seth, fez uma pausa e levou uma mão aos olhos.) Agora, eu não sei se podemos ou não transmitir isto claramente...Dê um pedaço de papel a Ruburt, e juntos veremos.

(Estávamos realizando a sessão em nossa sala de estar. Jane estava sentada em sua cadeira de balanço, de frente para Sue, e eu, no sofá. Nossa mesa comprida nos separava. Havia uma luz à esquerda de Jane e uma a meu lado. Sue deu a Jane um pedaço de papel e uma caneta, enquanto eu continuava a tomar notas.

(Esta foi a primeira vez que Jane escreveu alguma coisa durante um transe. Na verdade, ela estava fazendo algum tipo de diagramas ou símbolos, movimentando a caneta muito deliberadamente, olhando para o papel.

(Sue estava sentada de frente para Jane, e eu fiz sinal para ela numerar os símbolos quando Jane largou a caneta e começou a descrevê-los por Seth. Passara-se cerca de um minuto. Mostramos a seguir os desenhos dos símbolos, numerados na sequência em que foram produzidos por Seth-Jane.

1. 2. 3. 4. 5.

Estas são versões insatisfatórias. Eles pareciam mais uma cobra, uma serpente.

(Falando enfaticamente por Seth, Jane apontou para o último símbolo, segurando o papel para que Sue e eu pudéssemos ver.

(A respeito de símbolos...Em 1947, estudiosos começaram a obter os sete agora famosos Pergaminhos do Mar Morto. Eles foram encontrados em uma caverna situada acima do geralmente seco uádi Qumran, ou leito do rio que leva ao Mar Morto, mais ou menos a um quilômetro e meio de distância. Excavações no deserto da Judéia, perto dali, logo revelaram as ruínas de um monastério que fora ocupado por um grupo judeu divergente, em vários períodos entre 180 a.C. e 68 d.C. A colônia de Qumran ficava a apenas vinte e dois quilômetros de Jerusalém e Belém. Foi ligada à pacífica seita dos essênios por algumas autoridades, enquanto outras, com a mesma força, associam-na aos mais agressivos zelotes.

(Algumas semanas depois desta sessão, Jane e eu ficamos interessados ao ler que o Pergaminho de Isaías de São Marcos, encontrado em Qumran, continha símbolos, nas margens, que ainda não haviam sido decifrados na década de 1960, segundo as referências que consultamos. Alguns dos símbolos ilustrados têm muita semelhança com os desenhados por Seth-Jane, especialmente o último.),

Seria quase impossível alguém, exceto alguém do círculo mais íntimo, fazer uma distinção entre algumas das versões apresentadas. Esses sinais não apareciam isolados, mas de modo que só aqueles que soubessem como procurá-los poderiam encontrá-los. Eles não eram escritos em ouro na página-título. (Com humor.)

Também havia outras pistas que apareciam nos textos, outros sinais a serem considerados juntamente com estes.

(22h17.) *Agora: Em alguns desses registros, a data, por exemplo, diferia apenas o suficiente para que apenas uma pessoa muito experiente reconhecesse a discrepância. Alguns incluíam um erro óbvio. Os bem informados reconheceriam imediatamente a falsidade do registro.*

Alguns dos registros distorcidos foram considerados como fatos, e é uma boa piada o fato de o Vaticano ter a posse de alguns deles. Na época, a igreja acreditava que esses registros poderiam feri-la. No caso desses erros específicos, os registros poderiam, pelo contrário, ter ajudado os clérigos, mas eles não sabiam distinguir os verdadeiros dos falsos.

Agora podem fazer um intervalo. (Um gesto na direção de Sue): Ela não está acostumada comigo falando tão lentamente.

(22h20. Sue está acostumada a ouvir Seth falar mais rapidamente na classe de ESP, onde são usados gravadores. Em geral eu não gravo Seth, mas tomo notas verbatim, usando uma estenografia particular; isso

economiza muito tempo quando, mais tarde, datilografo o material. Ainda assim, Seth em geral fala com suficiente rapidez em nossas sessões para manter-me escrevendo em velocidade máxima.

(Sem dúvida, o divertimento de Seth com o fato de que o Vaticano possui registros falsos vem de seu breve reinado como Papa em uma de suas vidas.

(Seth voltou enquanto Sue e eu comentávamos os desenhos que Jane tinha feito em transe.)

Como eles não significam nada para Ruburt, é difícil passar-lhe o simbolismo com clareza. Eles deviam ser desenhados muito mais firmemente, por exemplo, não tão soltos. Na verdade, os sinais deviam aparecer como símbolos rigidamente concentrados, com linhas mais grossas.

(22h24. No intervalo, Jane nos disse que não podia desenhar versões dos símbolos baseando-se nos que fizera em transe. “Eu os vi com muita clareza, mentalmente, quando os estava desenhando,” ela disse. “Agora, entretanto, não vejo nada.” Olhando para o último desenho, o número cinco, Jane disse que a cauda da serpente devia ser representada pelo elo mais baixo. Reiniciamos às 22h45.)

Agora: Esperem um momento. (Pausa.) Em muitos casos, os registros foram fielmente reproduzidos, mas com os nomes mudados para proteger os inocentes.

Pensem na linguagem usada atualmente por governos e diplomatas. Pensem nas diferenças entre o que seu governo sabe e o que é dito ao povo. Em geral, quando vocês ouvem uma negação, imediatamente saltam para a conclusão correta: que em um mês ou pouco mais, uma resposta afirmativa será dada à mesma pergunta.

Palavras, portanto, muitas vezes são usadas para acobertar, não só para revelar. Envidam-se grandes esforços para que o conhecimento seja mantido fora do alcance da maioria e dado apenas a alguns. Nos tempos bíblicos, isso era ainda mais verdadeiro. Os próprios esquemas literários serviam como métodos formalizados para a aparente transmissão de certas informações, enquanto, na verdade, o que estava sendo oferecido eram dados falsos. Nenhuma pergunta, naquela época, era respondida diretamente (com ênfase) – não pelos letrados.

Responder diretamente a uma pergunta significava ser simplório e não apreciar a inteligência maior de quem dirigira a pergunta; mas as pessoas raramente faziam uma pergunta que realmente desejavam ver respondida. Esse era um comportamento altamente ritualizado, mas compreendido nesses termos.

Em outras palavras: não se sabe como traduzir o material de muitos desses registros adequadamente, mesmo quando as traduções em si são corretas.

Vocês chamariam páginas inteiras dos Pergaminhos [do Mar Morto] de tremendas fraudes, uma vez que páginas inteiras, em termos literais, não são verdadeiras. Esses, porém, eram exageros e floreios esperados, que precediam a transmissão de informações.

(22h55.) Todas as profissões, de um modo ou de outro, apresentavam esses aspectos. Os registros significavam vida ou morte, caso fossem descobertos no momento errado. As falsificações em geral eram incluídas simplesmente para desorientar os leitores, caso os livros caíssem em mãos erradas.

Repito que os que estavam a par das coisas não tinham preocupações, pois não eram desencaminhados. As informações eram claras para eles, e as distorções, óbvias. Ora, os Pergaminhos estão cheios dessas distorções protetoras. Os sinais mencionados eram apenas algumas das indicações usadas. Eles apareciam de muitas maneiras, às vezes entrelaçados com assinaturas.

Essa gente usava muitos códigos; até a disposição das letras na página (o que vocês entendem por página) tinha seu significado. O peso ou espessura de vários traços indicava a ênfase. Havia até maneiras de tratar uma palavra para que ela se tornasse uma pista de que a palavra seguinte era falsa. Naturalmente, só os que sabiam disso eram capazes de reconhecer esses códigos, e os outros meramente digeriam as informações falsas.

Descrições de indivíduos importantes eram mudadas para assegurar sua segurança, e antecedentes eram em geral fictícios pela mesma razão. Essas eram questões de vida ou morte. Alguns dos registros falsificados traziam veneno nos manuscritos – material de leitura mortal, na verdade.

(Apesar do humor, Seth-Jane foi muito enfático e estava muito sério ao transmitir este material. O ritmo foi rápido. Pausa às 23h.)

Muitos dos homens envolvidos levavam vida dupla, sendo conhecidos em sua cidade por um nome, e em sua fraternidade por outro. Em alguns casos, suas identidades mais mundanas jamais eram divulgadas, a não ser para uns poucos. Mais tarde, quando os cristãos estavam sendo perseguidos, muitos cuidados foram tomados – especialmente por aqueles que acreditavam ter a responsabilidade de viver o bastante para fazer com que o novo Credo fosse plantado em solo fértil.

Muitas vezes Paulo, ou Saulo, parecia estar onde não estava, por exemplo. Mandavam notícia de que ele viajaria para tais e tais lugares, e espalhavam histórias sobre sua chegada, enquanto, na verdade, ele viajava para um lugar completamente diferente.

Agora pode fazer um intervalo ou terminar a sessão, como preferir.

(“Vamos fazer um intervalo, obrigado.”)

(23h05. O ritmo de Jane fora rápido durante toda a transmissão. “Ora, ele certamente tem muita energia,” ela disse quando saiu do transe. “Senti-me como se estivesse atravessando a parede....” Reiniciamos de modo divertido às 23h15.)

Agora, não quero atrapalhar seu sono de beleza.

(“Obrigado. Eu preciso dele....Não, não preciso. Já sou suficientemente belo.”)

Acredito que você esteja incluindo isto na sessão para uso de futuros historiadores.

(“Não, não estou.” Embora, obviamente, eu continue escrevendo por força do hábito.)

Você deveria estar conseguindo mais material sobre reencarnação, por conta própria.

(“Sinto que agora está disponível.”)

É facilmente acessível. Também abrirá a porta para uma maior atividade em experiências fora do corpo.

(“Isso deve ser interessante.”)

Vou deixá-los ir. (Para Sue): Estou contente por você ter comparecido à sessão.

(Sue: “Eu também.”)

Você deve estar pronta para mais experiências com probabilidades. (Mais alto): Preciso economizar minha voz, porque talvez tenhamos uma sessão na aula de amanhã à noite. (Com humor, para mim): Você quer ser capaz de me ouvir lá, não quer?

(“Claro. Em geral eu sou.”)

(“Nosso apartamento é dividido por uma longa parede. Quando a aula de ESP é realizada na sala de estar, em geral estou datilografando material em um dos cômodos do outro lado do corredor. Às vezes, posso ouvir Seth através de duas portas fechadas.)

(Para Sue): Repito que estou contente por você ter vindo, e boa noite aos dois.

(Sue: Obrigada.”)

(“Boa noite, Seth. Muito obrigado.”)

(23h20. A referência de Seth ao meu material sobre reencarnação tratava dos dramas de reencarnação que Jane, Sue e eu, além de alguns outros, decidimos experimentar por conta própria, em geral em nossas

reuniões de sexta-feira à noite. Esta é uma atividade relativamente nova para nós, que foi surpreendente e muito recompensadora e é fruto de experiências que Seth iniciou na aula de ESP.)

SESSÃO 593, 30 DE AGOSTO DE 1971,

21h06, SEGUNDA-FEIRA

(A sessão programada regularmente para quarta-feira, 25 de agosto, não se realizou.

(Este material veio depois do segundo intervalo desta sessão. Primeiro, recebemos várias páginas sobre um desenvolvimento muito interessante nas faculdades psíquicas de Jane: sua habilidade crescente para perceber um “ajudante” benéfico, como ela o está chamando...Há muito para ser aprendido aqui.

(No começo da semana, Jane soube que seu editor desejava uma Introdução sua para o livro de Seth, e um Apêndice. Ela ficou pensando se a sessão 592 seria adequada, e eu lhe disse que achava que era isso que Seth havia planejado. Ela ficou surpresa, mas concordou. Decidimos deixar o assunto inteiramente por conta de Seth, para que ele produzisse o material que desejava para o Apêndice.

(O ritmo de Jane, ao continuarmos a sessão às 22h30, foi bem rápido, animado e enfático.)

Agora: Para nosso Apêndice.

As grandes religiões do mundo nasceram todas perto dos principais pontos de coordenação. (Ver Capítulo Cinco.)

Nessas localidades, as mudanças aparecem rapidamente, pois idéias e emoções são impulsionadas para a realidade física com grande vigor. As idéias alastram-se como fogo entre o povo. A atmosfera psíquica é fértil.

A criatividade brota com facilidade, e assim esses locais não são necessariamente pacíficos, embora sejam o melhor solo para o desenvolvimento da paz. Qualquer idéia para o bem ou para o mal se materializa com tanta força, entretanto, que os sentimentos contraditórios da humanidade ficam mais aparentes perto desses pontos de coordenação.

Nessas áreas, aparecem efeitos que ainda não foram percebidos por seus cientistas; efeitos que eram conhecidos, contudo, no tempo da Atlântida e também utilizados pelos lumanianos. De um modo estranho, perto desses pontos de coordenação o espaço encolhe em graus inobserváveis por seus instrumentos.

Alguns de meus leitores talvez estejam familiarizados com os “buracos” negros ou brancos no espaço, descobertos recentemente por seus cientistas.

(Alguns teóricos da física postularam, recentemente, que quando as chamas nucleares de estrelas muito maciças finalmente se extinguem, sua enorme gravidade faz com que sofram um colapso tão completo que elas literalmente se espremam para fora da existência. Um “buraco negro” é, então, deixado no espaço, e a matéria que o cerca pode desaparecer dentro dele.

(Também foi sugerido que esta matéria desaparecida pode surgir em outro lugar, seja em nosso universo, seja em outros, através de “buracos brancos.” Haveria um fluxo de matéria em nosso universo e também entre universos, mantendo o equilíbrio das coisas.)

Estes pontos têm mais ou menos as mesmas qualidades. Os aspectos eletromagnéticos de pensamentos e emoções, os entusiasmos, são puxados através de pontos que podem ser comparados a buracos negros minúsculos. Aí, essa energia desaparece momentaneamente de seu sistema, mas é imensuravelmente acelerada e devolvida através do que vocês poderiam chamar de buracos brancos minúsculos – concentrada e mandada de volta a seu sistema de realidade.

Isto é apenas uma analogia, mas com a finalidade de trabalho, é válida. Existe, repito, uma ondulação nesses pontos, embora vocês ainda não consigam observá-la, onde parece que o próprio espaço anseia por desaparecer dentro do primeiro ponto. Há outras distorções nas leis físicas. Algumas delas foram observadas, mas ignoradas como sinais pertinentes. (Com gestos, olhos bem abertos.) As atividades dos átomos e moléculas tornam-se mais aceleradas quando eles se aproximam desses pontos, mas a distância entre os átomos e moléculas permanece o mesmo. Isto é importante.

(Pausa às 22h45.) *Estes pontos de coordenação também servem para dar a seu sistemas fontes adicionais de energia. A lei da entropia não se aplica, portanto. Os pontos de coordenação são, na verdade, fontes de energia adicional. Eles, entretanto, só se abrem quando concentrações de energia se formam dentro de seu sistema. Gostaria de deixar esta idéia clara. Um veículo físico, uma espaçonave, por exemplo, jamais poderia sobreviver a este tipo de saída e reentrada em seu sistema.*

(Pausa longa às 22h50. A transmissão de Jane fora muito animada.

(Uma nota: A segunda lei da termodinâmica nos diz que enquanto a energia total em um sistema como o nosso universo permanece constante, a quantidade de energia disponível para o trabalho útil diminui constantemente. Um fator matemático que mede a energia não-disponível é chamado de entropia. Seth tem insistido, desde o início de nossas sessões, que a lei da entropia não se aplica e que não existem sistemas fechados.)

Na Atlântida, havia quem utilizasse este conhecimento, acelerando certos pensamentos por meio de concentração, reforçando certos sentimentos de modo a enviá-los através destes pontos de coordenação. Havia grande estabilidade, portanto, em relação a estradas, edifícios, etc. Esses projetos eram executados levando muito em conta sua posição entre vários pontos de coordenação.

Estes bolsões de espaço podem ser percebidos em certos estados de transe.

(“Ruburt pode fazer isso?”)

(Achei que Seth não me ouvira, pois havia muito barulho de trânsito entrando por nossa janela aberta no momento que fiz a pergunta. A resposta, entretanto, veio com facilidade.)

Isto quase pode ser comparado a um chumaço de ar.

Agora, sente-se em silêncio, com os olhos fechados, e tente determinar a proximidade direcional de pontos de coordenação principais ou subordinados. Eis algumas coisas para ajudá-lo.

Com esta intenção em mente, você vai perceber sua visão interior voltando-se para uma direção específica da sala, e até seus pensamentos parecerão seguir na mesma direção. Uma linha imaginária irá ajudá-lo a identificar adequadamente o lugar, em qualquer posição bem próxima de um ponto de coordenação. Imagine uma linha que vá do ponto de sua visão interior, saindo do olho interior que você parece estar usando. Deixe que ela se una a uma linha imaginária saindo do topo de sua cabeça e seguindo a mesma direção do fluxo de seus pensamentos.

Neste caso, você tem uma linha imaginária, então, daqui e daqui. Existe um ângulo, e depois ambas as linhas têm uma formação única. Elas apontarão, sem erro, para a direção mais próxima de um ponto de coordenação.

(Para ilustrar isto enquanto falava por Seth, Jane tocou os olhos com uma mão e o topo da cabeça com a outra. Estendeu as mãos, a partir desses pontos, até que elas se encontraram na distância de um braço, um pouco para sua direita. Eu estava sentado mais ou menos para o sul de onde ela se encontrava, e ela estava de frente para mim, portanto isto significa que ela indicou o canto oeste de nossa sala de estar.)

Os pontos subordinados permeiam o espaço. Ruburt será capaz de lhe dizer, por exemplo, qual o ponto mais próximo nesta sala. Às vezes, o ângulo será mais longo, mas as duas linhas apontarão para a direção certa. A energia é, portanto, muito eficaz nessas áreas.

(Pausa longa.) *Agora pode fazer um intervalo, ou terminar a sessão, como preferir.*

(“Vamos fazer um intervalo.”)

(23h02. Jane ficou silenciosa, depois de sair de um transe profundo. Eu perguntei, em voz alta, onde seria o ponto de coordenação mais próximo. Isso trouxe uma torrente de informações por parte dela – esquecidas até meu comentário lembrar-lhe o que havia acontecido.

(Jane disse que enquanto falava por Seth, sabia que as duas linhas que estava indicando encontravam-se no canto oeste-sul de nossa sala. Ela caminhou para o lugar com muita firmeza. Ficava dentro da parede, entre duas de nossas janelas e atrás de um antigo cachimbo a vapor. Infelizmente, estava espremido entre um aquecedor e uma estante de livros, e não era um lugar que pudéssemos usar com facilidade.

(Andando pela sala, Jane disse sentir seus pensamentos “inclinando-se” naquela direção. Agora que ela sabia onde era o ponto de coordenação, parecia difícil acreditar que ela não tivesse sempre sabido de sua localização. Ela disse que, mentalmente, não conseguia inclinar-se em qualquer outra direção. Virou de costas para o ponto e anunciou, alegremente, que sentia as “linhas” indo para lá a partir da parte posterior de sua cabeça. Reiniciamos às 23h10.)

Agora: Usando esta analogia do buraco branco e do buraco negro: para tornar isto mais claro, o buraco branco encontra-se dentro do buraco negro. Está me acompanhando?

(“Estou.”)

Propriedades eletromagnéticas são atraídas para o buraco negro e aceleradas além da imaginação. A aceleração e as atividades dentro do buraco negro atraem proporções (confirmei esta palavra com Seth) inacreditáveis de energia de outros sistemas.

Esta aceleração maior muda a própria natureza das unidades envolvidas. Entrementes, as características do próprio buraco negro são mudadas por esta atividade. Em outras palavras: um buraco negro é um buraco branco virado do avesso. A “matéria” eletromagnética pode tornar a emergir através do mesmo “buraco” ou “ponto” que é agora um buraco branco.

A reemergência, entretanto, torna a alterar suas características. Ele se torna “faminto” uma vez mais e, novamente, um buraco negro. O mesmo tipo de atividade acontece em todos os sistemas. Os buracos, portanto, ou pontos de coordenação, na verdade são grandes acelerações que reenergizam a própria energia.

Vamos terminar o assunto por esta noite.

(Um final brusco, então, após uma longa pausa. Mas Seth voltou):

Coloque uma anotação após o material sobre pontos de coordenação, indicando Apêndice. Este não é o nosso livro (com humor), este é o Apêndice do livro.

(“Está bem.”)

Minhas calorosas saudações e uma boa noite.

(Muito obrigado, Seth.”)

E quando encontrar tempo para o gravador, eu encontrarei tempo para você.

(“Está bem. Boa noite, então.”)

(23h21. Após a sessão, Jane mais uma vez tentou o método de Seth para encontrar pontos de coordenação. Novamente, viu-se apontando para o canto oeste-sul da sala. “Consegui muita coisa da outra vez,” ela disse, significando que recebera algumas informações extras após o transe. “Essas linhas compõem formas triangulares que contêm energia. É por isso que os paranormais falam sobre formas piramidais – essas linhas mantêm a concentração da energia.”

(“Claro: é por isso que eu percebo o efeito do triângulo com Seth Dois,” ela exclamou. “Só que quando estou em um transe com Seth Dois, o ponto de coordenação fica em uma direção diferente. Sobe do topo de minha cabeça para fora da sala e da casa para uma realidade diferente.”

(Jane então pensou em fazer com que seus alunos de ESP experimentassem o método de Seth. Queria ver se eles localizariam o mesmo ponto que ela.)

SESSÃO 594, 13 DE SETEMBRO DE 1971,

21h40, SEGUNDA-FEIRA

(Somente uma sessão foi realizada na semana passada, e essa sessão fora prometida a amigos há muito tempo.

(Sue Watkins assistiu à sessão desta noite. Ela pretendia partir antes da sessão, mas às 20h30 Jane convidou-a a ficar. A presença inesperada de Sue é um ótimo exemplo de como eventos espontâneos podem influenciar uma sessão de modo muito criativo – como será mostrado pelas anotações de Sue, citadas mais tarde.

(Como de costume, Jane não tinha idéia do que seria incluído na sessão. “Material para o Apêndice, espero,” ela disse. Ela estava de ótimo humor, até um pouco hilária. Esta disposição também esteve presente na sessão, nas solicitações divertidas e muito elaboradas de Seth para que eu usasse apenas a pontuação e os parágrafos corretos.

(Começamos tarde por causa de meu próprio trabalho no estúdio. Falando e rindo, Jane e Sue esperaram por mim e meu caderno de notas na sala. A transmissão de Jane foi animada, com uma pequena pausa ocasional.)

Agora: Boa noite a vocês e à nossa amiga (Sue). Eu teria alguns comentários interessantes para fazer a respeito do relacionamento de vocês, mas precisamos tratar de nosso Apêndice; vamos, portanto, continuá-lo. As outras informações virão no devido tempo.

Os objetos são símbolos.

Vocês geralmente pensam neles como realidades. Acham que pensamentos, imagens e sonhos às vezes são simbólicos de outras coisas, mas a verdade é que os objetos físicos são, eles mesmos, símbolos. São os símbolos exteriores que representam a experiência interior.

Há, portanto, símbolos físicos coletivos sobre os quais todos concordam, assim como símbolos particulares, símbolos pessoais.

A totalidade da natureza e da estrutura da vida física (como vocês a conhecem) é uma afirmação simbólica de grupos de entidades que preferem trabalhar com o simbolismo físico. Assim, o corpo é um símbolo do que vocês são, ou do que pensam que são – na verdade, o que são e o que pensam que são podem ser duas coisas diferentes.

(Seth fez uma solicitação esmeradamente humorística de um travessão na última sentença. Jane, com os olhos muito escuros, inclinou-se sobre a mesa e falou comigo muito suavemente.)

Toda doença física simboliza uma realidade ou manifesto interior. Toda sua vida é um manifesto em termos físicos, escrito no tempo (como vocês o entendem).

Novo parágrafo. (Muito tranquilamente): Quando vocês entenderem a natureza simbólica da realidade física, já não se sentirão ludibriados por ela. Vocês formaram os símbolos e, portanto, podem mudá-los. Precisam, naturalmente, aprender o significado dos vários símbolos em sua própria vida e como traduzir esse significado.

Para isso, devem primeiro lembrar a si mesmos, com frequência, que a condição física é simbólica – não é uma condição permanente. Depois precisam procurar dentro de si a realidade interior representada pelo símbolo. Este mesmo processo pode ser seguido independentemente da natureza do problema, ou de seu desafio.

(21h50.) *Seu ambiente físico íntimo é, portanto, um manifesto simbólico de uma situação interior. A situação interior é fluida, pois vocês estão sempre em um estado de tornar-se. Além disso, irão traduzir*

automaticamente para a realidade física os eventos interiores espontâneos, que se movimentam livremente, alterando assim seu ambiente e mudando os símbolos.

Se, contudo, imaginarem que o ambiente ou a condição física é a realidade, poderão sentir que estão presos nela como em uma armadilha, passando a lutar contra um dragão de papel. O ambiente é sempre alterado a partir do interior. Há uma troca constante de informações entre as condições interiores e as exteriores, mas a mobilidade, a necessidade e o método de mudança do ambiente físico sempre acontecerão de dentro para fora.

Novo parágrafo. (Novamente uma indicação tranqüila, cordial e sorridente. “Estou muito à sua frente desta vez, Seth.”)

Muitas das idéias apresentadas neste livro podem ser melhor usadas para resolver problemas pessoais. Se estes conceitos forem entendidos, o indivíduo deverá perceber a liberdade que tem para agir deliberadamente dentro da estrutura de sua vida física. Muitos de vocês estão tão acostumados a olhar para fora – e a aceitar o mundo físico como norma da realidade – que nunca lhes ocorreu olhar para dentro. Toda a estrutura de sua existência, entretanto, está constantemente fluindo de dentro para fora e sendo projetada nos símbolos físicos que vocês interpretam, erroneamente, como realidade.

(Para Sue, que estava a meu lado no sofá): *Também sou muito bom nos detalhes. Novo parágrafo.*

(Seth abriu-se em estrondoso e enfático humor, desta vez por causa do trabalho que Jane e eu fizemos nas últimas semanas revisando as provas deste livro, verificando minhas anotações que foram incluídas, e assim por diante.)

O drama interior, portanto, é sempre importante. A “história de sua vida” é escrita por vocês, por cada leitor deste livro. Vocês são os autores. Não há motivo, portanto, para se sentirem aprisionados pela história, pois têm poder para mudar suas próprias condições. Basta apenas exercitá-lo.

Para alguns outros tipos de consciência, sua realidade física é claramente compreendida em sua forma simbólica. Os objetos, como símbolos, ajudam a construir a própria estrutura de sua existência. Eles, os objetos, podem então ser manipulados com muita liberdade.

Hora do intervalo.

(“Obrigado.”)

(22h. O ritmo de Jane foi bom, mas manteve os olhos fechados a maior parte do tempo, o que não é comum.

(A primeira coisa que ela quis saber quando saiu do transe foi se a sessão continha material novo. Eu tive que dizer que não sabia. Estivera ocupado demais, escrevendo. Também não podia guardar na memória todo o livro de Seth, embora estivesse atualmente trabalhando no manuscrito. Jane disse que ela também não, embora tivesse acabado de ler todo o material.

(Uma nota: Jane estava na metade da Introdução para o livro de Seth quando esta sessão foi realizada.

(Sue disse que o material tinha muito significado para ela, e que agora compreendia que não fora por “acaso” que aparecera esta noite. Ela tinha muito mais a dizer, especialmente a respeito de suas impressões sobre Jane, Seth e a grande energia envolvida nas sessões. Sue havia começado a experimentar e a expor algumas impressões, antes da sessão e no seu decorrer.

(Os comentários de Sue foram tão bons que eu lhe pedi que os escrevesse, o que ela fez durante o resto do intervalo; depois foi acrescentando outros comentários durante a sessão. Eles são apresentados a seguir, um pouco resumidos:

(“Enquanto estava sentada aqui antes da sessão,” Sue escreveu, “tive uma sensação em relação a Seth que nunca tivera antes. Foi como se, enquanto conversávamos, Jane, Rob e eu estivéssemos viajando a uma certa velocidade que nos era familiar, embora isso nada tivesse a ver com movimento. Quando Seth “apareceu” pouco antes do início da sessão, foi como se algo dentro de Jane começasse a ser acionado, a girar ou a se acelerar em um ritmo cada vez mais rápido, até que uma outra velocidade inacreditável foi atingida – uma parte da consciência de Jane que é chamada de Seth.

(“Neste ponto, a velocidade estava correta e as coisas, de alguma forma, encaixaram-se. Jane tirou os óculos, como sempre faz. Eu quase consegui ouvir o ato. Então a personalidade de Seth começou a comunicar-se. A experiência com Seth Dois seria uma aceleração ainda maior da velocidade, alcançada no ponto do efeito pirâmide que Jane descreve.

(“Enquanto contava a Jane a respeito disto durante o intervalo, senti o reinício da aceleração, quando a consciência dela se preparava para continuar a comunicação. Foi quase como um processo de dentro para fora quando ela entrou em transe, e enquanto observava Seth, alguns minutos mais tarde, pareceu-me que a consciência de Jane estava passando por seus olhos abertos, em uma velocidade além da minha compreensão. Agora devo pensar como a comunicação consegue passar para as palavras.

(“Eu não quero dizer que acho que Seth e Jane sejam a mesma personalidade; pelo contrário: sinto que esta aceleração conecta porções da mesma consciência que são normalmente tão diversas a ponto de serem duas personalidades separadas para todos os propósitos práticos. Percebo a mesma aceleração quando estou escrevendo bem ou quando falo entusiasticamente; mas a sensação de rapidez enorme e

incompreensível por trás dos olhos de Seth vai além disso. Pude perceber muito claramente a noção de velocidades, tanto em Jane como em Seth, e senti-me parcialmente arrastada com eles.

(“Quando Jane saiu do transe, a experiência foi novamente quase audível para mim – uma sensação de desaceleração de um queixume etéreo para nosso “som” ou velocidade normal. Houve uma grande sensação de mudança. Foi que se parte desta aceleração estivesse ligada a uma dimensão onde o som fosse mais do que uma coisa audível. É uma sensação incrível, vital. Pude senti-la começando com a aproximação de cada intervalo.”

(Jane reiniciou às 22h25, em um ritmo mais lento.)

Agora: As observações de nossa amiga Sue chegaram muito perto de uma excelente descrição dos sentimentos subjetivos de Ruburt, como ele relatou durante o intervalo.

Os leitores devem ler a Introdução de Ruburt, na qual ele compara suas próprias experiências criativas, como escritor, às que sente nas sessões. Há muitos pontos que ele não entendeu, e assim, gostaria de esclarecê-los agora. (Com uma pausa): Novo parágrafo.

Em nossas sessões ele não percebe, conscientemente, o trabalho criativo que está sendo feito, precisamente porque sai da faixa que a mente consciente pode seguir. Ele projeta uma porção de si mesmo em um tipo totalmente diferente da realidade subjetiva, uma dimensão de atividade totalmente diferente.

Tornando a mencionar sua Introdução, ele comenta que perde a excitação da caça que encontra em seu próprio trabalho criativo. Aqui, a aceleração é tão rápida e intensa que ele não é conscientemente capaz de segui-la. O assim chamado inconsciente tem pouco a ver com este fenômeno, que está, entretanto, fortemente ligado às qualidades inerentes em cada consciência. Essa habilidade quase nunca é aproveitada totalmente. As ligações são feitas tão rapidamente que o cérebro físico não as percebe.

(Pausa, uma de muitas, às 22h30.) Ruburt, na verdade, sempre possuiu esta habilidade em alto grau. Por várias razões, reencarnatoriamente falando, na porção inicial de sua vida ele se permitiu permanecer ignorante quanto às maneiras em que a habilidade poderia ser usada. Durante as sessões, contudo, todas as características do ser interior são aceleradas; o conhecimento, as habilidades criativas intuitivas trabalham em um ritmo muito mais intenso do que aquele que vocês chamariam de normal.

Quando não é orientada fisicamente, entretanto, esta é uma dimensão de existência natural para a consciência. Ruburt pode, e vai, aprender a explorar esta dimensão ainda mais. Apenas a falta de confiança dele no passado o detém.

A aceleração impulsiona-o para um estado em que ele pode atuar muito bem, ultrapassando todas as realidades psicológicas normais que pessoalmente chamaria de suas. (Pausa.)

Neste estado, ele literalmente usa um poder inacreditável em termos de energia; e o volume da voz, em muitos casos, é uma tentativa de ajudá-lo a usar uma parte desse poder e depois descarregá-lo, enquanto aprende como usá-lo e até descobrir outros propósitos para ele. O volume, naturalmente, também pode ser usado como uma demonstração excelente da vitalidade contatada por ele.

Agora pode fazer um intervalo. Termine suas anotações.

(“Está bem.”)

E darei um descanso à Super-Jane. (Pausa, apontando para Sue): Esta aqui deseja que ela volte, para poder sentir a diferença.

(22h37. Sue estava na beirada do sofá, observando muito atentamente Jane sair do transe. Mais uma vez, ela falou sobre a mudança nas “velocidades” de Jane. “Há um som que acompanha essas velocidades, que não consigo descrever,” disse Sue. “É como estar em uma dimensão onde a música é a realidade – onde o som é mais do que coisas audíveis. Então, quando você a deixa –” Sue assobiou, imitando o efeito do apito de um trem desaparecendo à distância.

(Quando Sue e Jane me perguntaram sobre isso, precisei dizer-lhes que não senti nada fora do normal, mas eu raramente sinto durante as sessões. Concentrado em escrever, é fácil fechar-me para outros efeitos. Estou sempre escrevendo, parece – assim como escrevi durante quase todo este intervalo.

(Sue, na expectativa, observava Jane enquanto esperávamos a volta de Seth. “Ora, a aceleração é incrível,” Sue exclamou; e pouco antes de entrar novamente em transe, Jane nos disse sentir a cadeira vibrando debaixo dela... Reiniciamos, com pausas, às 22h57.)

Agora: Muitas das experiências que Ruburt tem durante nossas sessões, não consegue recordar depois. Assim como objetos físicos são símbolos, existindo como realidades dentro de certas frequências, também há outras realidades, naturalmente, em diferentes frequências; mas nelas, os objetos não são os principais símbolos.

A experiência dentro de uma tal dimensão é extremamente difícil de traduzir quando Ruburt volta para o sistema físico. De minha parte, também há ajustes a serem feitos. Eu desço vários níveis, por exemplo, para poder fazer contato.

Depois tento o que, na verdade, é um esforço criativo, com a participação de Ruburt: o ato de traduzir esses dados interiores para termos físicos, levando para sua realidade as chaves que posso levar-lhes destas outras realidades de que vocês fazem parte.

(Pausa às 23h. De um modo divertido e tranqüilo agora, Seth estava dando instruções freqüentes a respeito de pontuação, etc. Os olhos de Jane ficaram fechados muitas vezes.)

Vistos ou observados de minha perspectiva natural, seus objetos não existem. Sua realidade interior, sim. Ora, o sistema de Ruburt passa fisicamente por algumas mudanças, embora elas sejam muito naturais para sua constituição. (Com humor): Ele providenciou isso antes do início de sua vida.

Ele usa conexões nervosas de uma forma incomum e para um propósito seu. Sua pulsação é normal. A aceleração, entretanto, começa em um nível físico, com o uso de hormônios e substâncias químicas, e parte dali. Ambos os lados do cérebro cintilam, e falando agora em termos físicos, a aceleração é iniciada a partir dessas conexões, sendo eliminados seus efeitos sobre o corpo.

Muitos casos de pessoas desaparecidas podem ser explicados, de uma certa forma, da mesma maneira: quando a aceleração é suficientemente forte, suficientemente inesperada para varrer toda a personalidade para fora de seu sistema.

Agora, para nossa amiga, estou aumentando a aceleração para ver se ela pode percebê-la. Isso geralmente acontece durante os sonhos – e quando lhes parece que entraram brevemente em uma nova dimensão surpreendente, o próprio estado do sonho envolve esta aceleração.

(Enquanto escrevia, olhei rapidamente para Sue, a meu lado. Ela observava Jane muito quieta. Os olhos de Jane estavam abertos agora, seu ritmo era mais rápido, sua voz um pouco mais alta.)

De uma forma ou de outra, cada criação artística, embora em grau menor, envolve o mesmo princípio. Agora: não posso manter a aceleração adicional, porque a voz seria tão rápida que nosso amigo não conseguiria fazer suas anotações –

(A voz de Jane de repente ficou mais alta na última sentença – um efeito que Sue e eu observamos muitas vezes. Esse volume, entretanto, estava longe de seu potencial quando falava por Seth. Em algumas ocasiões, a voz dela fora tão alta que meus ouvidos zuniram. Ouvi Jane manter efeitos vocais muito fortes, com picos retumbantes durante várias horas, e sem qualquer sinal posterior de esforço.)

Agora, não tome notas....

(Com sua voz alta e rápida aquietando-se, Seth explicou-me que daria uma “boa demonstração de aceleração” em uma sessão em que usássemos nosso gravador. Sue poderia estar presente, e me seria possível experimentar a aceleração tão claramente quanto ela. Este interlúdio terminou em um intervalo às 23h10.

(Quando Jane saiu do transe, Sue ficou outra vez “dramaticamente consciente da queda” na velocidade de Jane. Ela também percebeu alguns efeitos visuais difíceis de descrever; em um esforço para fazê-lo, continuou a escrever suas próprias anotações, que são apresentadas ao final da sessão.

(“Às vezes, nas aulas de ESP, eu poderia levar toda a classe comigo em uma real aventura de aceleração, se eles conseguissem me acompanhar,” disse Jane. Ela usou o exemplo contrastante de árvores em

uma floresta, comparando o estado passivo das árvores ao sentimento de aceleração, de “ser capaz de atravessar a parede” que às vezes ela tem. Algumas coisas aqui eu não anotei.

(Reiniciamos às 23h20.)

Agora: Vou logo terminar a sessão. Não foi coincidência o fato de nossa amiga vir aqui esta noite. Além de fornecer informações necessárias para o Apêndice, algumas das informações dadas sobre objetos e simbolismo definitivamente se aplicam a Sue.

(Para mim): *Sinto por você.*

(“Por quê?”)

Porque você escreveu sem parar.

(“Estou bem.”)

Há um ponto que posso acrescentar, em relação ao drama religioso de Cristo e os Discípulos.

Como disse Ruburt depois de ler o corpo do livro, o drama interior é o “real”. Cristo tornou-se o Crucificado, Judas tornou-se o traidor, embora Cristo não tenha sido crucificado e Judas não O tenha traído. A realidade, portanto, estava no mito. A realidade era o mito. Nesses casos, os eventos interiores irão sempre predominar, independentemente dos fatos físicos, que são apenas símbolos desses eventos.

Agora lhes dou boa noite.

(“Boa noite, Seth. Foi um prazer.”)

(Para Sue): *E deixarei que meu amigo, Ruburt, escorregue de volta.*

(Sue: “Está bem. Boa noite.”)

(23h25. Uma vez fora do transe, Jane pouco teve a dizer. “Estou apenas sentada aqui, observando a atividade de vocês,” disse ela sorrindo, enquanto Sue e eu escrevíamos nossas anotações separadamente.

(“Antes do intervalo às 23h10,” escreveu Sue, “quando Seth me disse que estava aumentando a aceleração para ver se eu conseguia percebê-lo, tive a sensação precisa de uma velocidade maior e de uma mudança visual no corpo de Jane, que parecia estar ficando menor, como se eu olhasse para ela pelo lado errado de um binóculo. Havia, novamente, uma ligação com movimento, como se a frequência física também estivesse mudada, e o corpo de Jane passasse por mim precipitadamente, mesmo permanecendo no mesmo lugar.

(“Então, quando Jane saiu do transe no último intervalo, senti como se uma força tivesse sido liberada na minha frente, de modo que se eu não tivesse cuidado, poderia cair. E a mesma coisa agora, depois da sessão.”)

SESSÃO 595, 20 DE SETEMBRO DE 1971,

21h01, SEGUNDA-FEIRA

(A primeira parte da sessão foi para uma amiga que precisava de ajuda com um problema pessoal. Ela gravou as informações de Seth, depois saiu no intervalo das 21h45.

(Eu tinha duas perguntas para nossa parte da sessão, e esperávamos que as respostas de Seth fossem incluídas no Apêndice de seu livro. A primeira pergunta: De acordo com Seth, ele, Jane e eu vivemos na Dinamarca nos 1600. Eu simplesmente desejava um esclarecimento sobre os dados que aparecem nas notas ao final da sessão 541, no Capítulo Onze, a respeito do período de minha vida.

(A segunda pergunta: Seth pretendia dar título à Primeira e à Segunda Parte de seu livro, como fizera com os capítulos? Reiniciamos às 22h05.)

Agora.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: Preciso falar mais devagar.

A informação sobre a vida na Dinamarca, dada no Capítulo Onze, está correta, exceto por uma interpretação errônea. Aquela foi uma vida dividida em dois períodos diferentes – literalmente uma vida dividida em termos de interesses, concentração de habilidades e estilo de vida.

Independentemente das informações dadas naquele capítulo, houve distorções em um material mais antigo a respeito dessa vida. Essas distorções não foram causadas pelos sentimentos de Ruburt a respeito da reencarnação, mas apenas pela correlação de muitos detalhes dentro do padrão específico correto.

Alguns dos nomes fornecidos, por exemplo, referiam-se a amigos, e não a vocês. O quadro geral, a validade da existência, entretanto, carregaram essas distorções. Eu fui um comerciante de especiarias. Você foi um artista que se transformou em proprietário de terras, contrariando suas maneiras joviais.

Ruburt também era um jovem diletante em arte, e você se ressentia disso, tornando-se gordo e próspero. Você desejava que ele se dedicasse a um trabalho mais aceitável, e tinha vergonha de suas próprias andanças anteriores como artista itinerante.

Aqui se estabeleceu a divisão entre a idéia de possuir propriedades em oposição à idéia de ser um artista. Nesta vida isso lhe causou um considerável desconforto.

(22h13. É verdade. E seja qual for a razão, nesta vida eu insisti em ser um artista a despeito de todos os obstáculos.

(Na sessão 223 de 16 de janeiro de 1966, Seth disse que meu nome na vida da Dinamarca fora Larns Devonsdorf. Minha mulher, então, chamava-se Letti Cluse. Meu filho – que agora é Jane – era Graton. Seth, um próspero mercador, viajante e amigo da família, chamava-se Brons Marizens.)

O itinerário geral de minhas viagens, como dado naquela sessão por Ruburt, estava correto. Entretanto, houve algumas distorções em outras partes da sessão.

(Pausa longa às 22h15.) *Os detalhes que tanto o preocupam agora são, naturalmente, importantes, mas, em um nível mais amplo, é a experiência emocional profunda de sua vida que “mais tarde” é lembrada. Basicamente, os nomes e datas não são significativos para o eu interior. Portanto, nos dados referentes às reencarnações, os valores emocionais aparecem mais vividamente e com muito menos distorções.*

Você dá aos nomes e datas uma importância que, atualmente lhe parece crítica. Você insiste neles para aumentar a solidez das narrativas de vidas passadas, mas essas são as coisas que são esquecidas primeiro e que têm menor valor psicológico.

(22h20.) *Certos nomes irão, portanto, surgir nas imediações. Você insiste em que os nomes sejam colocados corretamente, e, contudo, o eu interior muitas vezes tem grande dificuldade a respeito disso, pois os nomes simplesmente não importam. Pessoas e eventos significativos, com grande carga emocional, surgirão com muito mais clareza. Datas associadas a eventos emocionais também serão lembradas. A vida passada é (sorriso) como palavras-cruzadas, que precisam ser resolvidas, mas em seu centro está a realidade emocional de onde brotou o próprio quebra-cabeças.*

(Seth sorriu por causa do recente interesse de Jane em palavras-cruzadas. Eu também as aprecio. Temos especulado a respeito das razões simbólicas por trás de nosso envolvimento.)

Muitas narrativas sobre vidas passadas estão fartamente respingadas de nomes e datas, simplesmente para satisfazer os que insistem em sabê-los, porque sua validade emocional e psicológica talvez não seja aceita de outra forma. Isto se aplica a qualquer tipo de material ligado à reencarnação, seja qual for a forma em que é obtido.

Ora, se a vida em questão é recente, em seus termos, os detalhes podem ser lembrados mais prontamente e com muito mais precisão. Até uma vida de séculos atrás pode ser perfeita em detalhes, entretanto, se incluir, por exemplo, batalhas ou eventos de grande significado, onde as próprias datas foram estampadas nas personalidades devido às ocorrências da época.

(22h29.) Qualquer experiência emocional altamente carregada traz consigo uma barragem de pormenores, mas datas comuns e nomes comuns têm pouco significado. Eles têm pouco significado em sua própria realidade. Fundamentalmente, os relacionamentos são muito mais importantes, e esses vocês não esquecem.

Essas vidas, entretanto, existem simultaneamente e para todos. Não se esqueçam disso. A parafernália inútil, contudo, não é importante para as várias personalidades “agora” ou “em outra época.” Você está me seguindo?

(“Estou.”)

A estrutura das reencarnações é construída ao longo das mesmas linhas de existência que vocês conhecem agora. Algumas pessoas são mais curiosas sobre detalhes do que outras; uma “personalidade prévia” específica pode ter tido um grande amor por detalhes, e nesse caso, vocês descobririam uma riqueza deles. As preferências e aversões de uma determinada personalidade também terão muito a ver com as descrições de um determinado episódio reencarnatório.

De nada adiantará fazer perguntas profundas a respeito da história de alguma personalidade que foi pobre, ignorante e limitada. Ela simplesmente não saberá as respostas. O quadro de qualquer vida, portanto, em geral aparece através da experiência da personalidade que a viveu.

(Pausa às 22h35.) Torno a dizer que os detalhes que eram importantes para ela irão aparecer. Em meu caso, particularmente, não estou focalizado em meus eus reencarnatórios, e eles foram tão longe por conta própria que não tenho qualquer sensação de sua proximidade. Uma vez que nós [Seth, Jane e eu] estivemos tão envolvidos, contudo, esses relacionamentos continuam importantes, e em seus termos, nosso relacionamento atual estava latente. A vida na Dinamarca existe, para vocês, tanto quanto esta. “Vocês” estão simplesmente focalizados neste quadro da realidade.

Agora pode fazer um intervalo.

(“Obrigado.”)

(22h37 – 22h50.)

Agora: A estrutura de reencarnações é psicológica. Ela não pode ser compreendida em quaisquer outros termos. As distorções e interpretações que foram construídas sobre ela são suficientemente naturais, considerando-se o que parece ser sua experiência prática com a natureza do tempo.

A realidade, a validade, a proximidade dessas vidas existem simultaneamente com sua vida atual. A distância entre uma vida e outra existe psicologicamente, e não em termos de anos ou séculos. A distância psicológica, entretanto, pode ser muito mais vasta. Há certas vidas, como há certos eventos nesta vida, que vocês talvez não desejem enfrentar nem lidar com eles.

Pode haver grandes diferenças temperamentais, em alguns casos, entre sua personalidade em uma determinada vida e outra – de modo que seu eu presente simplesmente não consiga relacionar-se com a experiência de um outro eu.

Vocês serão mais atraídos para essas “vidas passadas” que, de alguma forma, reforçam a sua própria neste momento. Vocês compreendem que suas memórias anteriores são esparsas. A maioria de vocês pouco se lembra de quando era bebê ou criança. Usam o conhecimento adquirido então, e embora ele faça parte de vocês, não têm consciência dele; da mesma forma, vocês não percebem conscientemente outras existências. (Sussurrando, com humor): Novo parágrafo.

Já mencionei várias vezes neste livro presentes alternados; e as reencarnações são, na verdade, presentes alternados. Existe uma interação constante entre vocês e seus eus reencarnatórios. Há, como afirmou sua amiga Sue Watkins, “uma ação coletiva constante.”

(23h01.) Em outras palavras: esses eus não estão mortos. Sua compreensão a respeito disto precisa ser limitada, porque vocês pensam, automaticamente, em termos de uma experiência de vida em um determinado tempo e em padrões lineares de desenvolvimento. Em seus termos, um eu reencarnatório pode ter consciência de seu ambiente e interagir às vezes através de seus próprios relacionamentos.

Alguns “acontecimentos presentes” podem, na verdade, impulsionar essas interações. Em termos bem diferentes, entretanto, a personalidade reencarnada, embora interagindo com ou através de vocês, ainda pode estar tendo outros tipos de experiências em outros níveis.

(A transmissão de Jane foi muito animada e positiva, como se Seth quisesse que seus gestos enriquecessem o material.)

Como o tempo (como pensam nele) é aberto, vocês também podem afetar o que considerariam eus reencarnatórios passados, e, às vezes, reagir no ambiente deles e ao ambiente deles. Em geral fazem isro durante os sonhos, mas, com frequência, isso acontece logo abaixo do nível da consciência de vigília, sendo apagado por vocês no dia-a-dia.

(23h07.) *Associações emocionais fortes podem muitas vezes provocar essas respostas. (Pausa.) A reencarnação, como em geral é explicada, em termos de uma vida antes da outra, é um mito; mas um mito que permite a muitos compreender parcialmente fatos que de outra feita ignorariam – insistindo, como fazem, em um conceito de continuidade do tempo.*

Agora pode fazer um intervalo ou terminar a sessão.

(“Vamos fazer um intervalo.”)

(23h10. Jane estivera bem “fora” como geralmente ela diz. Lembrava-se apenas da primeira sentença do material. Todos os seus transe têm sido profundos esta noite. Ela leva um pouco mais de tempo para sair deste estado; seus olhos viram de vez em quando, etc.

(Durante o intervalo, repeti minha pergunta sobre títulos para a Primeira e Segunda Parte do livro de Seth. Reiniciamos da mesma forma às 23h24.)

Agora: Não precisamos dar nome às duas partes separadamente. Eu pensara em tratar especificamente, na primeira parte, do ambiente imediato interior e exterior, e na segunda, em levar a uma realidade maior da alma e suas percepções. Foi isso que fiz, mas o material está tão interligado que eu senti que a separação feita é suficiente, e não quis reforçar a idéia de uma divisão.

(Sorrindo): *Agora eu poderia continuar por horas, mas sugiro que vocês descansem.*

(“Agradecemos – o descanso.”)

(E embora eu estivesse ficando cansado, era óbvio que Seth poderia facilmente mudar para um estado em que sua energia pareceria inexaurível.)

Desejo-lhes uma boa noite.

(“Achei que o material pessoal que você deu à nossa testemunha esta noite [antes da primeira pausa] foi excelente.”)

Realmente foi. Foi de encomenda para ela.

Agora: Quando o Apêndice estiver pronto e seu trabalho com este livro, terminado, teremos todas as sessões pessoais que desejarem, dentro de um limite razoável. E use o gravador.

(“Está bem. Boa noite, Seth e obrigado.”)

(23h27. “Foi engraçado,” disse Jane depois de descansar alguns minutos. “Eu realmente fiquei fora nessa última vez, mas foi por tão pouco tempo que realmente senti as transições de “cá” para “lá” e de “lá” para “cá.” A palavra que Sue usou – ‘aceleração’ – é muito boa....” Ver a sessão 594.)

SESSÃO 596, 17 DE SETEMBRO DE 1971,

21h24, SEGUNDA-FEIRA

(Jane e eu *trabalhamos* na revisão do livro de Seth por cerca de uma hora após o jantar, e depois fomos andar um pouco. Era uma noite quente e chuvosa de outono, já estava escuro e muito agradável. Havia folhas no chão.

(Voltamos mais ou menos às 20h30. Sentamo-nos na sala com as luzes apagadas, de modo que pudéssemos ver o lado de fora com facilidade. Jane terminou a Introdução do livro de Seth hoje. Isso a fez lembrar-se de seu próprio manuscrito, *The Physical Universe As Idea Construction*, que ela menciona na Introdução. Ela tornara a lê-lo hoje e ele continua a intrigá-la. Disse que ainda gostaria de fazer algo com ele.

(Quase não percebemos que já passara das 21h. Acendi a luz quando finalmente achamos que estava na hora da sessão. Jane queria mais material para o Apêndice do livro de Seth. Disse que a sala parecia “diferente” esta noite, sugestiva, mas era um “diferente bom,” acrescentou. Ela começou a falar por Seth em um tom de voz muito calmo, em ritmo lento, com os olhos muitas vezes fechados.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: The Physical Universe as Idea Construction, mencionado por Ruburt em sua Introdução, na verdade representa nosso primeiro contato formal, embora Ruburt não tivesse consciência disso na época.

A experiência veio sem uma estrutura que ele pudesse aceitar – a de uma inspiração altamente acelerada. Sua consciência deixou o corpo apenas depois que ele iniciou o processo do que lhe parecia uma inspiração de intensidade quase insuportável. Caso seus hábitos o tivessem levado, por exemplo, a orações regulares, essa estrutura também poderia ter sido usada. Em todos esses casos, várias qualidades são aparentes: habilidade de olhar para dentro, de concentrar-se profundamente, de perder, em contemplação, as asperezas do eu orientado fisicamente, e um intenso desejo de aprender. Isto deve aliar-se a uma confiança interior de que o conhecimento apropriado pode ser recebido diretamente. Para os que acreditam que todas as respostas são conhecidas, há pouca necessidade de buscar.

Essas informações, esses escritos inspirados, em geral aparecem dentro de estruturas da personalidade já estabelecidas e formadas. O contexto em que esse conhecimento aparece, entretanto, muitas vezes varia. Em alguns casos, a própria estrutura é usada no final, e o conhecimento inspirado inicial – o próprio conhecimento – escapa da estrutura e sai do contexto que lhe permitiu nascer.

(Pausa às 21h35, uma de muitas. A transmissão de Jane, entretanto, agora foi mais vigorosa.)

Acima de tudo, as pessoas que recebem tais informações em estados de consciência expandida, são as que já sentem profundamente dentro de si não só as ligações com a própria terra, mas também com realidades mais profundas. Conscientemente, muitas vezes talvez não tenham conhecimento desta qualidade básica que lhes é inerente. Não aceitam respostas dadas por outros, mas insistem em encontrar as suas próprias.

Essas buscas podem parecer erráticas. Há uma saudável impaciência, um descontentamento divino que os impulsionam até que, finalmente, as fronteiras que existem dentro de sua própria personalidade se abrem. O conhecimento adquirido precisa então ser integrado pela personalidade física, mas, por sua própria natureza, este tipo de conhecimento espalhará sua luz e abrirá seu próprio caminho.

A energia gerada por algumas dessas experiências é suficiente para mudar uma vida em questão de momentos e afetar a compreensão e o comportamento de outras pessoas. São intromissões de conhecimento de uma dimensão de atividade em outra, altamente carregadas e voláteis. Sem o saber, o indivíduo que recebe essas informações é, ele próprio, parte dela. Toda a modulação de sentimentos de sua personalidade atual é carregada – diretamente – pelas informações que ele recebe.

Sendo fiel à sua própria visão, ele se depara com uma possibilidade de expansão que seria difícil obter de outra forma. Entretanto, essas informações em geral entram em conflito com idéias e crenças anteriores. De outra forma, não haveria necessidade das qualidades às vezes explosivas e intrusivas dessas experiências, pois não haveria barreiras.

(Pausa longa às 21h45.) Essas personalidades com frequência precisam aprender a correlacionar seu conhecimento intuitivo, a reformar estruturas intelectuais suficientemente fortes para apoiá-lo. Essas personalidades também são, em geral, dotadas da habilidade de utilizar quantidades incomuns de energia. Muitas vezes precisam aprender, quando ainda muito jovens, a não dissipar a energia. Pode parecer, por exemplo, antes de aprenderem a lição, que estão indo em muitas direções ao mesmo tempo.

Muita coisa acontece aos trinta ou quarenta anos, simplesmente porque a necessidade de saber, nessas personalidades, quase sempre alcança um pico nessa época. Os padrões de comportamento adequados estão suficientemente estabelecidos. A energia foi direcionada e a pessoa teve tempo para compreender que pouco sentido fazem para ela as estruturas e respostas aceitas em geral.

Em sua potência máxima, essas experiências podem acionar um conhecimento intuitivo, a partir da esfera particular, capaz de mudar a civilização. A carga fantástica está sempre na experiência inicial. Dentro dela está a energia condensada de onde partem todos os outros desenvolvimentos.

A personalidade envolvida pode reagir de muitas formas. São necessários vários ajustes e, em geral, mudanças de comportamento. O indivíduo agora compreende que ele é, na verdade, uma teia viva da realidade, e isto se transforma em um conhecimento consciente imediato.

(Foi isso, naturalmente, o que aconteceu a Jane. Pausa às 21h58.)

Tal conhecimento não requer apenas um comportamento mais responsivo e responsável, mas envolve uma concordância com a vida que talvez estivesse faltando antes. A concordância traz com ela uma sensibilidade que é forte, desafiadora e intensa. Muitos indivíduos têm experimentado expansões incomuns de consciência, muito válidas e intensas, mas sentem-se incapazes de correlacionar o novo conhecimento com crenças passadas, de fazer as mudanças necessárias para lidar com a sensibilidade. Na verdade, eles não foram suficientemente fortes para reter a experiência. Nesses casos, tentam terminá-la, negá-la, esquecê-la.

(22h05.) Outros nunca permitiram que a experiência saísse da estrutura ou do contexto do qual emergira. Não conseguiram escapar. Não conseguiram libertar-se. Se, inicialmente, a informação pareceu vir de seu Deus, por exemplo, continuaram a pensar sobre Deus a seu próprio modo, embora a experiência e as informações dadas devessem tê-los levado para além desse ponto.

(A voz de Jane ainda estava relativamente tranquila enquanto falava por Seth, mas a transmissão agora era mais rápida e muito mais intensa, acompanhada de muitos gestos.)

Ruburt, por exemplo, teria feito o mesmo erro caso não tivesse sido guiada, por sua experiência, para além da estrutura da inspiração que lhe deu origem. (Pausa.) Em seu caso, então, ele foi levado a novos conceitos, porque teve o bom-senso de rejeitar conceitos antigos, além da coragem para ir em frente.

O fato de ir em frente envolveu-o (pausa longa) com minhas idéias sobre o conceito de deus. Antes de nossas sessões, ele estava tão desiludido que nem ao menos consideraria qualquer questão ligada a “assuntos religiosos.”

(Para mim): *Você está cansado?*

(Ainda não tivéramos um intervalo, mas eu respondi que não. Estava chovendo mais forte agora. Além desse som, eu ouvia alguém andando de cá para lá no apartamento de cima.)

Ora, essas experiências e esses portais para o conhecimento estão disponíveis para todos, e, até certo ponto, todas as pessoas participam deles. Eles aparecem de uma forma muito menos conspícua, geralmente em decisões intuitivas que parecem ter sido tomadas subitamente, em mudanças benéficas, em

pressentimentos. Muitas vezes, na metade de sua vida, uma pessoa de repente parece ver as coisas claramente em um aspecto físico, acertando seus negócios. Uma vida que parecia fadada ao desastre, subitamente se torna vitoriosa, por exemplo. Essas são variações da mesma experiência, embora em uma forma menor.

(Pausa às 22h15.) Na vida normal e na experiência do dia-a-dia, todo o conhecimento de que vocês necessitam encontra-se à sua disposição. Devem, entretanto, acreditar nisso, colocar-se na posição de receber esse conhecimento, olhando para dentro e permanecendo abertos para suas intuições e, mais importante ainda, desejando recebê-lo.

Afirmar, alguns parágrafos atrás, que as pessoas como Ruburt são, elas próprias, uma porção do conhecimento que recebem. Isto se aplica a cada pessoa, a cada leitor. (Pausa longa.) Há uma grande falácia atuando. As pessoas acreditam que existe uma grande verdade, que ela vai aparecer e que eles a reconhecerão. Ora, uma flor é uma verdade, assim como uma lâmpada. Também um idiota e um gênio, um copo e uma formiga. Entretanto, existe pouca similaridade externa.

(22h24.) A verdade é todas essas realidades aparentemente distintas, separadas e diferentes. Ruburt também é uma parte da verdade que percebe, e cada um de vocês é parte da verdade que vocês percebem.

A “verdade” refletida através de Ruburt torna-se, de certa forma, uma nova verdade, pois é percebida singularmente (como seria para cada indivíduo que a percebesse). Não é menos verdade nem mais verdade nesses termos. Torna-se uma nova verdade.

Agora pode fazer um intervalo.

(22h26. Jane levou alguns minutos para sair de um transe muito profundo. A voz dela permanecera tranqüila a maior parte do tempo, mas tornara-se muito intensa. Ela não tinha idéia de ter estado falando por Seth por mais de uma hora. “Ele realmente me deixou fora esta vez,” disse. “Também sei por quê. O barulho lá em cima começara a perturbar-me, por isso Seth fez com que o transe ficasse mais profundo.”

*(“Eu sabia, porém, que iria receber algo sobre *Idea Construction* para o Apêndice,” ela continuou. “Foi uma noite muito agradável.” Ela estava muito feliz com a sessão e eu achei que estava sensível ao barulho esta noite porque não desejava ser interrompida enquanto recebia este material. O apartamento do andar superior finalmente ficou em silêncio.*

(O efeito do transe profundo permaneceu com ela, que bocejava continuamente, caminhando pela sala, bebendo uma cerveja e fumando um cigarro. A chuva quente continuava. Perguntei a Jane se desejava terminar a sessão, mas ela preferiu continuar, a despeito dos bocejos.

(Reiniciamos às 22h45, da mesma forma.)

Agora: Essas “verdades novas” podem ser muito antigas, mas a verdade não é uma coisa que precise ter sempre a mesma aparência, forma, figura ou dimensão. Os que insistem, portanto, em proteger suas verdades contra questionamentos, ameaçam destruir a validade de seu conhecimento.

Repito que as pessoas que estão muito certas de suas respostas perderão essa necessidade de saber, que poderia levá-las a dimensões de compreensão ainda maiores. Qualquer expansão de consciência válida é, naturalmente, uma parte da mensagem. A personalidade se depara com a verdade viva, e sabe que a verdade existe apenas naqueles termos.

Usei aqui o termo “expansão de consciência” em lugar do termo mais freqüente, “consciência cósmica,” (pausa) porque o último implica em experiências de proporções não disponíveis para a humanidade nesta época. (Pausa.) Expansões intensas de consciência, diferentemente de seu estado normal, podem parecer cósmicas por natureza, mas se elas já estão distantes das possibilidades de consciência que se encontram à sua disposição agora, muito mais distantes estão de uma percepção cósmica verdadeira.

(22h55.) As idéias apresentadas neste livro deveriam permitir a muitos leitores expandir sua percepção e sua consciência de um modo que nunca acreditaram possível. O próprio livro é escrito de uma forma que todos os que estiverem prontos para aprender serão beneficiados. Existe significado não apenas nas palavras escritas, mas também nas ligações existentes entre elas, que não aparecem, mas que terão significado para vários níveis da personalidade.

(Jane, em transe, tentou várias vezes acender um fósforo, mas evidentemente estava muito úmido. Ela acabou abandonando o cigarro que pegara.)

A integridade de qualquer informação intuitiva depende da integridade interior da pessoa que a recebe. Expansão de consciência, portanto, requer uma auto-avaliação honesta, uma consciência das próprias crenças e preconceitos. (Pausa longa às 23h01.) Ela traz um dom e uma responsabilidade. Todos os que desejam olhar para dentro de si mesmos a fim de encontrar suas próprias respostas, encontrar seu próprio “compromisso com o universo,” devem procurar conhecer bem os processos íntimos de sua própria personalidade.

É isso. (Como Seth, Jane curvou-se para frente, os olhos muito abertos e escuros.)

(“Está bem.”)

E é para nosso Apêndice. Podem fazer perguntas, fazer um intervalo ou terminar a sessão.

(“Vamos fazer um intervalo, então.” 23h02 – 23h09.)

Este autoconhecimento é, em si mesmo, extremamente vantajoso, e, de certa forma, traz sua própria recompensa. É impossível, entretanto, olhar para dentro com qualquer clareza se vocês não desejarem mudar

suas atitudes, crenças ou comportamento, nem examinar as características que consideram exclusivamente suas.

Em outras palavras: não podem examinar a realidade sem examinar a si mesmos. Não podem encontrar Tudo Que É separado de si mesmos, e não podem separar-se de sua experiência. (Pausa.) Vocês não podem usar a “verdade.” Ela não pode ser manipulada. Quem pensar que está manipulando a verdade está manipulando a si mesmo. Vocês são a verdade. Portanto, descubram a si mesmos.

E agora, vou dizer boa noite. (Como Seth, Jane bateu no joelho, sorrindo.)_

(“Está bem, Seth. Muito obrigado.”)

Ainda teremos nossas próprias sessões quando as circunstâncias o permitirem.

(“Está bem. Bom. Quando este livro estiver terminado, acho.”)

Minhas cordiais saudações.

(“O mesmo para você, Obrigado. Boa noite.”)

(23h16. “Nossa, eu me sinto muito bem,” disse Jane quando finalmente saiu de outro transe profundo, “mas acho que estou pronta para ir para a cama.” Ela estava bocejando outra vez, muito descontraída. A chuva fininha e agradável continuava a cair.)

SESSÃO DA AULA DE ESP

TERÇA-FEIRA, 23 DE JUNHO DE 1970

(Cerca de dezesseis membros da classe de ESP de Jane estavam presentes quando esta sessão foi gravada. Na sessão, que apresentamos ligeiramente abreviada, Seth falou, entre outras coisas, sobre a organização em nossa realidade atual. Ver sessão 537 do Capítulo Nove, que contém material sobre a organização após a morte.

Agora: Se desejarem organização, vocês a terão em qualquer momento. Vocês estruturam sua própria existência e escolhem as realidades que têm exatamente a organização de que vocês necessitam em qualquer momento.

Nesta realidade, vocês salientam muito bem todas as semelhanças que os unem, formando com elas um padrão e ignorando todas as dessemelhanças. De um vasto campo de percepção, vocês decidem focalizar sua atenção em certas áreas específicas e ignorar todas as outras, passando a haver, então, uma

concordância perfeita entre vocês no que diz respeito a esta pequena área. A imensidade do que vocês não percebem não os perturba e vocês não fazem perguntas. Mas ela existe.

Já disse isto antes: Se vocês conseguissem focalizar sua atenção nas dessemelhanças, simplesmente as que vocês podem perceber, mas não o fazem, ficariam admirados diante do fato de a humanidade conceber qualquer idéia de uma realidade organizada. (Como Seth, Jane olhou para o sofá onde Mary e Art estavam sentados.) Olho agora para o espaço entre vocês dois. Quando os outros olham para nossos amigos aqui, no belo sofá azul, vêem um quadro de verdadeira organização. Há uma pessoa ali (apontando) e outra pessoa ali, com espaço entre elas. O quadro está equilibrado. Parece perfeito e organizado. Assim que vocês percebem que o quadro não está completo, entretanto, precisam começar a fazer novas perguntas, e a velha idéia da organização perfeita desaparece.

Agora: Vocês não percebem os átomos e as moléculas que nadam pela sala, nem as que enchem o espaço entre nossos dois amigos, nem as forças – as forças de campo – que existem. O sofá serve para uni-los, já que estão sentados nele. E no que eles sentam? No vazio, que vocês percebem como solidez.

Ora, sem seus sentidos físicos, vocês não perceberiam o sofá como sólido. A consciência, que tem mecanismos de percepção diferentes dos seus, não percebe nosso agora famoso sofá azul. Vocês fazem a organização. Seus pensamentos percebem uma organização. Vocês reforçam a organização e, na verdade, criam-na.

(Pergunta de um aluno: “Todos nós criamos a mesma organização e vemos o mesmo sofá?”)

(Para Mary e Art): Tenho certeza de que cada um de vocês concorda, de modo geral, que está sentado em um sofá. Vocês não percebem o mesmo sofá. Percebem apenas sua própria construção da idéia. Não conseguem ver a do outro. Telepaticamente, vocês transpõem suas idéias de acordo com o que sabem a respeito do pensamento da outra pessoa. Concordam que o sofá está aqui. Ora, é verdade que dentro de seu sistema físico – pois sei que isto virá em seguida – vocês podem medir seu sofá. Espero que, a qualquer momento, alguém pegue uma régua e meça o sofá, dizendo-me suas medidas; como posso afirmar que não é um sofá?

Entretanto, dentro de seu sistema físico, os próprios instrumentos são distorcidos, e, naturalmente, concordarão com o que medem. Não há razão para não fazê-lo. Telepaticamente, todos vocês concordarão sobre a colocação dos objetos e sobre suas dimensões.

Agora: Vocês usam átomos e moléculas de um modo estranho, transpondo suas idéias para eles. Percebem-nos de uma certa forma. Não os estou culpando. No meu tempo fiz a mesma coisa, e há boas razões para isso. Mas o fato é que a matéria física não é sólida, exceto quando vocês acreditam que ela o seja, e quando acreditam que a organização seja transposta do interior para o exterior. Ela não é transposta

do exterior para vocês. Vocês formam a realidade que conhecem, e embora a mesa sustente seus braços e possam debruçar-se sobre ela e escrever, continuo a afirmar que a mesa não é sólida.

Isso pouca diferença faz, desde que possam escrever sobre ela. Pouca diferença faz, desde que possam sentar-se no sofá azul. Quando, porém, deixarem seu sistema físico e quando a percepção física já não for a regra, precisarão aprender novas suposições básicas.

As suposições básicas são as leis a respeito das quais vocês concordam em qualquer sistema de realidade. Vocês concordam, por exemplo, sobre quais objetos são físicos – fazendo pouca diferença se eles realmente o são, desde que vocês estejam de acordo. Sua consciência pertence a um corpo. Vocês, nem MORTOS, seriam apanhados com sua consciência fora do corpo. Isso é tabu! Ora, o fato é que sua consciência não está aprisionada dentro do corpo; mas enquanto acreditarem que está, repito que, nem mortos, desejariam ser apanhados fora dele. E quando estiverem mortos fora dele, na verdade ficarão muito admirados.

Existem outras suposições básicas que vocês consideram básicas para a realidade. E em outros níveis de realidade, há outras suposições básicas. Há as leis aparentes pelas quais vocês governam suas experiências. Nossos anotadores estão se saindo muito bem, considerando-se que o papel não é sólido, como também não o são suas canetas. É impressionante o que vocês podem fazer com nada!

(Intervalo e debate.)

Vocês realmente são personalidades multidimensionais, como já disse antes. Em algum ponto de seu desenvolvimento, terão cada vez mais consciência da verdadeira natureza de sua identidade. Há, por exemplo, uma parte de vocês que está muito cônica das pulsações que acabam de discutir, e que tem consciência da natureza pulsante da memória. Quando a pulsação acontece em outra dimensão, existe lembrança dessa existência. Ora, uma porção de sua identidade total tem lembrança de ambos. A estrutura total da personalidade habita em muitas dimensões, e simultaneamente.

Vocês estão bem no início de qualquer idéia da psicologia. Simplesmente não percebem o que são agora; e como já afirmei antes, quando vocês me fazem perguntas sobre o pós-morte, automaticamente transpõem – por favor, me perdoem – a falta de conhecimento da próxima realidade. Portanto, às vezes eu fico perdido para responder a suas perguntas. Vocês estão aprendendo a se conhecer. Neste ritmo, vão levar algum tempo!

Agora: Quando vocês compreenderem adequadamente como usar o tempo psicológico, então, até certo ponto, poderão aprender a alterar a natureza e o foco de sua consciência. Podem voltá-la em muitas direções. Podem focalizá-la de outras formas, afastada da realidade física. Isto não significa que vocês vão ficar enalhados aqui. Significa que começarão a explorar a realidade de si mesmos, e das outras dimensões em que têm sua existência.

Deve haver, portanto, um desejo de admitir que há outras dimensões onde vocês existem. Precisam ter fé em seu eu físico – fé de que ele estará aqui quando voltarem, e asseguro-lhes que estará. Não existe outra forma – e repito – não existe outra forma de conseguir informações em primeira mão sobre outras realidades, a não ser pela exploração e manipulação de sua própria consciência.

Ora, quando eu lhes falo, raramente uso palavras como “amor.” Não lhes digo que existe um Deus esperando por vocês do outro lado de uma porta dourada. Não lhes digo que quando morrerem, Deus estará esperando em toda a Sua majestosa misericórdia e isso será o fim de sua responsabilidade. E assim, como afirmei ontem à noite em meu último capítulo, não ofereço nenhuma esperança para os preguiçosos, pois eles não alcançarão descanso eterno.

Entretanto, viajando dentro de si mesmos, vocês descobrirão a unidade de sua consciência com outras consciências. Descobrirão o amor e a energia multidimensionais que dão consciência a todas as coisas. Isto não os levará a desejar repousar sobre o proverbial peito abençoado. Pelo contrário: inspirará vocês a se empenharem mais em seus esforços criativos; e terão a sensação da divina presença, pois a perceberão por trás da dança das moléculas, em vocês mesmos e nos outros. O que muitos desejam é um Deus que desça a rua e diga: “Feliz Domingo; Eu sou Eu, siga-me.” Deus, porém, está habilmente oculto em Suas criações, de modo que Ele é o que elas são, e elas são o que Ele é, e conhecendo-as, vocês O conhecerão.

(Intervalo e discussão.)

Agora: Há muitas palavras para o tempo psicológico. Não me refiro somente a meu método de meditação. Refiro-me à atividade subjetiva de sua parte e à exploração. Vocês me seguem? Que bom.

Na verdade, vocês estão com Deus agora. São vocês que não o percebem. Acreditaram em muitas histórias e, simbolicamente, elas foram muito importantes. Como mencionado antes, elas têm seu lugar em sua vida e em seu desenvolvimento, mas há vezes em que precisam deixá-las para trás; poderão sentir-se solitários sem elas durante um tempo.

(Pergunta: “Então precisamos dessas crenças para nosso desenvolvimento, embora devamos abandoná-las mais tarde?”)

Sim, embora alguém como eu chegue para retirar o cobertor confortável – pois depois de algum tempo ele atrapalha seu desenvolvimento, embora antes os ajudasse a crescer. Permanece o fato, porém, de que vocês não precisam morrer para encontrar Deus. Tudo Que É é agora, e vocês fazem parte de Tudo Que É agora. Como lhes disse muitas vezes, vocês são espírito agora. As estradas para o desenvolvimento estão abertas agora. Se o desejarem, vocês podem, agora, passar a explorar ambientes que não são físicos, mas não vejo nenhuma investida de alunos rumo a essa porta invisível!

Agora vou terminar minha sessão, mas gostaria que todos vocês lessem atentamente uma cópia do que eu disse. E de vez em quando, quando não tiverem nada melhor para fazer, tentem, tentem perceber o intervalo na pulsação de sua consciência. Tentem saltar esse vazio.

Desejo boa noite a todos.

(23h25.)

SESSÃO DA CLASSE DE ESP.

ANTES DE 23 DE JUNHO DE 1970

(Esta parte, guardada por um dos alunos de Jane, é tudo que resta de uma das poucas sessões da classe que foram perdidas ou que não foram gravadas totalmente. Ver Capítulo Nove.)

A verdadeira espiritualidade é uma coisa da terra, cheia de alegria, nada tendo a ver com a fingida dignidade adulta. A verdadeira espiritualidade nada tem a ver com palavras longas e rostos contristados. Tem a ver com a dança da consciência que acontece dentro de vocês, e com o senso de aventura espiritual que existe em seus corações.

Este é o significado da espiritualidade, e como já disse antes, se eu pudesse, dançaria pela sala para mostrar-lhes que sua vitalidade não depende de uma imagem física. Não depende de sua juventude, não depende de seu corpo. Ela espirala e canta através do universo, e através de toda a sua personalidade. É o sentido da alegria que torna provável toda criatividade.

Portanto, não pensem que estão sendo espirituais quando ficam com o semblante carregado, e não pensem que estão sendo espirituais quando se repreendem severamente por seus pecados. As estações vêm e vão em seu sistema. O sol os ilumina, considerem-se vocês pecadores ou santos. A vitalidade do universo é criatividade, alegria e amor, e isto é espiritualidade. E é isto que direi aos leitores de meu livro.

E agora, façam o intervalo que eu prometi...

SESSÃO 558, 5 DE NOVEMBRO DE 1970,

21h50, QUINTA-FEIRA

(Estes trechos da sessão contêm a primeira menção de Seth aos *Speakers* e suas funções no processo da reencarnação, e complementam as informações sobre os *Speakers* encontradas no Capítulo Dezesete.

(Realizamos esta sessão porque Ron B. e sua mulher, Grace, membros da classe de ESP, solicitaram ajuda para um problema familiar. Depois de algum material muito interessante a respeito da situação, Seth iniciou suas informações sobre *Speakers* mais ou menos às 23h15. Todos nós ficamos surpresos. O termo “Speaker,” como usado por Seth, era tão desconhecido para Jane e para mim então, quanto para Ron e sua família.)

Nós conhecemos várias pessoas que foram monges em uma existência prévia. Agora: (Para Ron): Em uma vida no Oriente, antes da época de Cristo, 1200 a.C., você fazia parte de um grupo de homens de herança esotérica. Vocês eram peregrinos e viajavam por toda a Ásia Menor.

Levavam consigo, na cabeça, mensagens e leis que haviam sido dadas a um de sua espécie numa época já quase esquecida. Eram códigos de ética, originados no tempo da Atlântida. Antes disso, esses códigos haviam sido transmitidos por uma raça de outra estrela. Essa raça estava ligada às origens da Atlântida. As mensagens foram postas em palavras e linguagem na época da Atlântida, mas depois disso passaram a ser transmitidas boca a boca.

Seu povo aprendeu-as com seus anciãos, e eles eram chamados de Speakers. Você foi um Speaker. É por este motivo que acha tão fácil chamar os outros de irmãos. Agora: Três homens em particular, que estão sob suas ordens (em uma fábrica onde Ron é supervisor), faziam parte desse grupo original. Sua mulher, sua nora e seu filho (todos presentes nesta noite) também faziam parte do grupo. Sua mulher e sua nora, entretanto, eram irmãos. Agora esperem um pouco. (Pausa.)

Você viajou pela Ásia Menor em uma época de grande agitação, e aonde ia, você falava – o que significava que transmitia os princípios da ética. Você levou doze anos para memorizar aquele código de ética.

Mais tarde, os essênios foram envolvidos, não tenho certeza da palavra.

(Os essênios eram uma das quatro seitas judaicas conhecidas, ativas na Terra Santa na época de Cristo. Formavam um grupo pacífico e contemplativo. Eles não são mencionados na Bíblia. Se Seth quis dizer que os essênios estavam promulgando os códigos de ética dos Speakers, digamos, no primeiro século d.C., então, naturalmente, foi em uma época muitos séculos depois da vida de Ron em 1200 a.C.

(A mulher de Ron, Grace: “Seth, nós cumprimos nosso propósito naquele tempo?”)

Naquela existência, sim. Esperem um pouco. Havia distúrbios entre o grupo, desentendimentos. Havia discordância a respeito do significado das palavras que eram lembradas. O grupo dividiu-se. Uma

parte viajou para a terra que agora chamamos de Palestina, e o outro migrou no século seguinte, aparecendo no sul da Europa.

Houve uma grande distorção com respeito a B-A-E-L (soletrado). Um grupo tinha Bael como sua idéia de Deus. Você (Ron) estava com o outro grupo. Havia uma cidade em uma floresta – M-E-S-S-I-N-I (soletrado) o mais próximo que posso traduzir. Na Ásia Menor, e fragmentos de uma civilização passada encontravam-se lá na época. Uma nova cidade foi construída e, por sua vez, também desapareceu. Havia escritos em pedras, entretanto, e as velhas mensagens foram mais uma vez colocadas em símbolos escritos. Mas seu povo se fora, e só agora você está tornando a encontrá-lo.

(23h27. O transe de Jane fora muito bom. Ela teve dificuldade para abrir os olhos, depois em mantê-los abertos. Ela vira imagens enquanto transmitia o material, disse, mas não podia descrevê-las para nós agora.

(Dez sessões após esta, Seth disse a Jane e a mim que nós também havíamos sido Speakers, embora nada tenha mencionado a respeito de datas ou séculos, ou se Jane, Ron ou eu poderíamos estar renovando conhecimentos feitos em outros tempos muito remotos. Parece-me que nesta vida, pelo menos, Ron e eu nos conhecemos de um modo muito estranho: nós crescemos na mesma pequena cidade perto de Elmira, muitos anos atrás; sabíamos um da família do outro, mas só nos encontramos em 1970....

(Possivelmente refletindo suas antigas práticas como Speaker – que pode estar continuando em níveis subjetivos – Ron é ativo no trabalho leigo da igreja, e sabe muito sobre a Bíblia e assuntos correlatos. Ele comentou alguns dos dados de Seth; mais tarde, eu verifiquei partes deles em várias obras de referência. Jane, que não sabe praticamente nada a respeito do período histórico em questão, ficou contente por ver que as informações de Seth eram tão evocativas.

(Seth-Jane soletraram o nome do deus Bael. A maioria das fontes soletra-o como Baal, provavelmente pronunciando-se Bael. A forma acádica Bel era usada na antiga Mesopotâmia. Baal – senhor – era o nome ou título de várias divindades locais dos antigos povos semíticos. A adoração de Baal surgiu na Síria e em Israel muitos séculos antes do nascimento de Cristo – e já em 1400 a.C., de acordo com textos sírios cuneiformes. Esta data é muito interessante à luz dos 1200 a.C. que Seth mencionou para Ron e o conflito de seu grupo a respeito de Baal. Baal era, com frequência, um deus da fertilidade, e sua imagem de pedra provavelmente era uma imagem fálica. Segundo a crença israelita ortodoxa, a adoração de Baal ou da natureza era idolatria, uma negação de quaisquer valores morais.

(Enquanto estávamos falando sobre Messini, sobre a qual ninguém sabia coisa alguma, Seth voltou brevemente):

Agora: Escreva R-A-M-A (soletrado). É uma outra cidade. Agora esperem um pouco e logo vamos dizer boa noite....

(Ramah é o nome de várias cidades palestinas e significa “altura” em hebraico. Alusões bíblicas associam o nome a alguns dos “altos lugares” de culto. Esses lugares, rejeitados como imorais e ameaçadores à crença israelita, continham objetos de adoração ilegítima – o pilar sagrado de Baal sendo um deles. Descobri todas estas informações fazendo uma pesquisa após a sessão. Nenhum de nós sabia delas. Reiniciamos às 23h48.)

Em seus termos, e apenas em seus termos, a vinda de Cristo foi a Segunda Vinda. (Pausa.) Nesses termos – e, repito, isto é importante – nesses termos apenas, Ele apareceu na época da Atlântida, mas os registros foram destruídos e esquecidos, permanecendo apenas na lembrança de alguns sobreviventes.

Agora: novamente nesses termos, Ele é uma entidade que aparece repetidas vezes dentro de seu sistema físico, mas Ele foi reconhecido apenas em duas ocasiões. Uma vez na Atlântida, e outra na história de Cristo como chegou a vocês com todas as suas distorções. Ele, portanto, aparece e reaparece, às vezes se dando a conhecer e às vezes, não. Ele não foi uma personalidade, como já lhes disse, mas uma entidade altamente desenvolvida, às vezes aparecendo como fragmento Dele mesmo.

Em seus termos, Ele Se entrelaça na estrutura de seu tempo e espaço, nascendo repetidamente no mundo da carne, fazendo parte dele, embora sendo também independente dele, assim como vocês todos fazem parte dele, mas são independentes dele.

Agora: Uma vez que nossa amiguinha aqui (nora de Ron, Sherry) está preocupada, com medo que eu incomode os vizinhos (muito alto), vou dar um sorriso que espero seja um sorriso moderado, e dar um moderado boa noite com as bênçãos que tenho para dar.

(Terminamos às 23h55. O transe de Jane fora novamente profundo e ela levou algum tempo para voltar. “Opa,” ela disse, “sinto a energia tão forte agora, através de mim, carregando-me....”)

(Após a sessão, Ron explicou a Segunda Vinda como aparece na Bíblia em Mateus 24. Ele também nos falou a respeito de Jesus vaticinar sua própria morte e ressurreição várias vezes em Mateus, Marcos e Lucas, e da incerteza e dos equívocos dos Discípulos. Mesmo depois da crucificação, o Jesus ressuscitado não foi reconhecido em várias ocasiões.)

SESSÃO DA CLASSE DE ESP

TERÇA-FEIRA, 5 DE JANEIRO DE 1971

(Esta sessão veio realizou-se após um debate em classe sobre reencarnação e probabilidades. Os comentários e as perguntas dos alunos mostram a participação da classe nas sessões e demonstram seu objetivo.)

Agora: A Roma antiga existe, e também o Egito e a Atlântida. Vocês não formam apenas o futuro, como pensam nele, mas também formam o passado. Contaram-lhes histórias simples, e elas são encantadoras, mas se vocês não estivessem prontos para ouvir mais, não estariam nesta sala.

Vocês e seus eus reencarnatórios ou personalidades não estão aprisionados no tempo. Há uma troca constante entre o que vocês consideram seu eu presente, e seus eus passado e futuro. Se esse não fosse o caso, eu não estaria falando aqui, pois não sou o eu passado de Ruburt. Cada personalidade é livre. O tempo é aberto em todas as direções; caso contrário, não existiriam probabilidades. Portanto, seus atos de agora podem ajudar uma personalidade “passada”; e uma personalidade “futura” pode surgir e ajudá-los em seu exaustivo caminho.

Também, suas ações de agora podem afetar a personalidade futura, assim como a passada. Vocês precisam tentar esticar sua imaginação e sentir essas realidades, porque o intelecto apenas não pode compreendê-las. O tempo psicológico é seu melhor método para perceber essas realidades.

Vocês podem sentir aquilo que não conseguem descrever verbalmente, pois são mais do que o cérebro físico que têm agora. Eu não sou poeta, mas como lemos em um poema de Ruburt, pensem no cérebro como uma teia que vocês formam ao redor do eu interior. Esta teia ajuda-os a manobrar em um mundo de espaço e tempo, e é tão nebulosa, precária e delicada como qualquer teia de aranha – tendo um equilíbrio igualmente precário. Vocês formam-na e depois percebem o mundo, mas sua perspectiva é muito pequena e o jardim que distinguem, muito íntimo. Vocês têm, entretanto, uma habilidade de percepção muito maior. Quero que entendam a natureza de seu eu interior, ou alma, pois ele é um ponto focal de realidade de onde brotam outras realidades. Não está aprisionado em minúsculas caixas de dias, semanas ou meses, ou até de séculos.

Agora deixarei que todos vocês façam um intervalo, e retornarei em um “des-momento.”

(Janice S.: “Em outras palavras, todas as partes da entidade estão evoluindo? Elas estão se desenvolvendo como uma coisa só?”)

Eu evolui para formar minha própria entidade. Ruburt também o fará, mas ele ainda não está nesse estágio, em seus termos. Em outra estrutura de referência, naturalmente ele está. Ele também contém as porções de si mesmo que são menos desenvolvidas, pois elas todas existem como uma só. Todas as partes dele têm consciência dessa correspondência. Em seus termos apenas, eu poderia ser considerado – e eu já disse isto a Ruburt – como um sexto eu dele em seu futuro, mas isto é apenas para explicar a idéia, pois ele não se tornará o que eu sou. Isso é impossível. Eu sou eu mesmo.

Há certas respostas que não podem ser dadas verbalmente, mas precisam ser compreendidas intuitivamente. Contudo, o fato de que eu existo e posso comunicar-me, deveria mostrar-lhes, em termos simples, que outros “aspectos superiores” de sua personalidade podem ajudá-los ocasionalmente.

(Janice S.: “Você sempre ensinou reencarnação?”)

Ensinar tem sido meu principal objetivo, mas nem sempre fui professor. Certa vez, fui um mercador de especiarias. Um comerciante de especiarias robusto, gordo e forte.

(Janice S.: “Mas bonito.”)

(Sorrindo): *Não sei o que fazer com você. Nós aprendemos o que as especiarias podiam fazer muito antes de a geração atual ficar “ligada” nas ervas. Nós ficávamos altos, no mar aberto, cheirando orégano. (Nos anos de 1600.) Nós levamos especiarias para a Dinamarca; fazíamos viagens maravilhosas. Exploramos a costa da África. Eu era um grande gourmet.*

Agora: Todos os seus assim chamados passados existem dentro de seu agora, e vocês podem recobrar suas lembranças e descobrir o que elas são. Vocês não estão aprisionados no tempo, a menos que acreditem que estão, e não existe nada mais importante que a crença. Se acreditarem que existem apenas no contexto desta vida, que nascem apenas para morrer e ser aniquilados, não irão usar sua liberdade nesta existência. Vocês negam as habilidades desta liberdade quando elas aparecem; contudo, ninguém impõe esta prisão a vocês a não ser vocês mesmos. Compreender seu eu multidimensional é usá-lo.

(Janice S. comentou que Seth não fez muitas previsões.)

Eu não sou cauteloso. Sou simplesmente realista. Quando compreendem a natureza da realidade, compreendem que as previsões de futuros eventos não têm sentido, basicamente. Vocês podem prever alguns eventos e eles podem ocorrer, mas vocês criam o futuro a cada instante.

O tempo, em seus termos, é maleável. A maioria das previsões é feita de modo muito distorcido – podem enganar o público. Não apenas isso, mas quando os prognosticadores “caem do cavalo,” isso não ajuda “A Causa.” A realidade não existe desse modo. Você pode sintonizar-se com algumas possibilidades e prever “que elas ocorrerão,” mas o livre-arbítrio sempre atua. Nenhum deus em uma torre gigantesca de marfim diz: “Isto acontecerá em 15 de fevereiro, às 8h05”; e se nenhum deus faz previsões, não vejo por que fazê-las eu.

(Annie G.: “O que você diz sobre sonhos pré-cognitivos?”)

Alguns são realmente legítimos. Em geral, contudo, a sugestão envolvida em um sonho provoca o evento, e então parece, quando o sonho se torna real, que você olhou para dentro de um futuro que já existia. Só que você formou o evento, sem perceber que ele teve origem enquanto você dormia. A pergunta não pode

ser respondida com simplicidade, pois há muitas ramificações, mas a partir deste instante de realidade, vocês formam e mudam não apenas o futuro, mas o passado. Na operação de probabilidades, isto tem grande significado, pois quer dizer que vocês mudam e afetam todos os eventos, e que seus livros são ficções encantadoras que lhes contam apenas suas idéias atuais sobre o passado.

(Sally W.: “Como posso mudar minha maneira de pensar para manter meus familiares bem, em vez de fazê-los adoecer?”)

Ali atrás, temos uma pergunta da galeria. (Sorrindo.) Vocês precisam compreender que não formam eventos sozinhos. Estão envolvidos em uma aventura cooperativa. Em geral, portanto, vocês sozinhos não são responsáveis por um evento, porque outros participam de sua criação – por suas próprias razões. A pergunta não pode ser respondida simplesmente em uma noite, mas cada consciência tem seu próprio sistema de defesa e sua própria vitalidade; vocês devem confiar na sua.

Vocês cooperam uns com os outros, telepaticamente, para formam a realidade física que conhecem por meios que lhes são desconhecidos. Tecem teias de realidade psíquica que, então, misturam-se com a realidade física. Vocês não as tecem sozinhos, necessariamente, mas juntos. Seus pensamentos entrelaçam-se com os de outros. Vocês são responsáveis por seus próprios pensamentos. Precisam aprender o poder do pensamento e da emoção, mas isto deve enchê-los com a alegria da criatividade. Quando perceberem que seus pensamentos formam a realidade, já não ficarão escravos de eventos. Simplesmente precisam aprender os métodos.

(Sally W.: “Mas não sei como aprendê-los.”)

Você vai aprendê-los aqui. Vai aprendê-los lendo, e ouvindo seu eu interior. Os métodos são conhecidos há séculos, não apenas séculos como vocês pensam neles, mas por toda a vida desta terra como a conhecem, e até antes – quando os pólos estavam invertidos e quando havia outras estrelas no céu e quando os planetas não eram os planetas que vocês conhecem.

Podem fazer um intervalo.

(Terry B.: “Onde vocês conseguiam o orégano e de que forma o aspiravam?”)

Nas Índias, e era seco.

(Um dos assuntos discutidos durante o intervalo tratava dos graus de “permanência” da forma física humana.)

Em nossas sessões, eu expliquei algo que não mencionei na classe, e é o seguinte: em cada momento de tempo que vocês parecem existir neste universo, vocês não existem nele. Os átomos e as moléculas têm

uma natureza vibratória que vocês em geral não percebem, portanto o que lhes parece um átomo ou uma molécula contínua é, na verdade, uma série de pulsações que vocês não conseguem acompanhar.

A matéria física não é permanente. Vocês apenas a percebem como contínua; seus mecanismos de percepção não são equipados para detectar as pulsações. Agora, estou falando a seu amigo ali (Art O., um engenheiro.) porque ele talvez possa compreender o que estou tentando explicar, devido à sua formação.

(Art O.: Essas pulsações são extremamente rápidas em nossos termos?)

São, realmente. Em certas condições, contudo, o eu interior, abandonando sua dependência usual dos sentidos físicos, tem consciência desses períodos que pareceriam a vocês ser nulidades.

Sua consciência flutua da mesma forma. Ela está aqui, e então não está aqui, mas o eu físico focaliza esses momentos de realidade física. Como a sua consciência flutua, entretanto, outras porções de seu eu têm lembrança desses períodos em que ele não está focalizado na “realidade física,” e isto também faz parte de sua existência total.

Isto não é tão complicado como parece. Vocês se lembrem ou não de seus sonhos, por exemplo, uma certa porção de vocês, sob hipnose, poderia lembrar-se de todos os sonhos que jamais tiveram na vida. Assim, uma certa porção de vocês se lembra desses não-momentos em que vocês não estão focalizados na realidade física, quando sua existência está totalmente em outra dimensão de realidade e percebem o que chamarei de, em seus termos de referência, não-intervalos. Prefiro o termo não-intervalos a não-momentos.

É realmente nesta existência; e também esses não-intervalos são momentos em outras dimensões de realidade.

(Jim H.: “Isso poderia ser comparado à rotação da luz de um farol?”)

Pode, se você gostar da analogia.

(Art O.: “A analogia que percebo é a de uma onda eletromagnética, uma onda carregadora, e é retificada. Os intervalos são as pulsações positivas, e os não-intervalos, as pulsações negativas.

É por isso que eu estava me dirigindo a você.

(Art O.: “Há mais de duas pulsações?”)

Há. E o eu total tem consciência de todas essas realidades. Sem querer ser indelicado, todos vocês se conhecem e sabem de suas fraquezas e deficiências; portanto, por que achariam que o eu que conhecem é o único eu que vocês são? Tenho certeza de que já lhes ocorreu que vocês têm habilidades que não estão

usando, que outras realidades ligadas à sua existência íntima não estão sendo expressas na existência que vocês conhecem.

(Para Art O.): *Quero que você pense sobre as implicações do que eu disse a respeito de não-intervalos.*

(Jim H.: “Um não-intervalo seria um intervalo positivo em outro aspecto de nossa existência?”)

É, e eles não perceberiam sua existência aqui, pois para eles seria um não-intervalo.

(Jim H.: Isso poderia ser a chave para a existência simultânea de todas as nossas vidas, a chave para o não-tempo?”)

Na verdade, sim. E qualquer noite destas eu lhes direi que devem mudar seu conceito da palavra “vidas.” Esta é a primeira alusão que faço, seja em nossas sessões privadas, seja na classe, a um material muito importante. Mas pensem no que querem dizer quando usam a palavra vidas, e vejam quão limitado é o termo.

Vou terminar nossa sessão, mas desejo fazer um comentário. Eu disse antes que vocês estão tão mortos agora como jamais estarão. Agora: se vocês entenderem este comentário e pensarem sobre ele, compreenderão muito do que está por trás do que eu disse esta noite.

(Art O.: “Então nós estamos tão vivos agora como jamais estivemos?”)

Está certo – exceto que, na vida em que se encontram envolvidos agora, não estão focalizando o pleno potencial de sua vitalidade.

(Janice S.: “O continente Mu existiu?”)

Existiu. Agora vou dizer-lhes que se lembrem de seus sonhos. Em seu contexto, repetirei que não devem apenas lembrar-se de seus sonhos, mas aprender a acordar no meio deles e perceber que podem manipulá-los. Vocês formam seus sonhos. Eles são seus, não algo atirado sobre vocês, um lugar onde são impotentes.

(Janice S.: “Estamos usando nossa existência como o sonho?”)

O que eu disse aplica-se ao que você acabou de dizer. Em um contexto, o que vocês chamam de realidade física é um sonho, mas em um contexto maior, é um sonho que vocês criaram. Quando perceberem que o formaram, entrarão na memória de seu eu total.

E quando perceberem que formam os eventos de sua vida do mesmo modo, aprenderão a apoderar-se de toda a sua consciência, seja qual for o aspecto em que ela se mostre nesta vida. Através de tudo isto, vocês precisam compreender que não são impotentes. Lembrem-se também de que esta vida é uma dimensão de experiência e realidade, mesmo que, por outro lado, seja um sonho em um nível mais alto de realidade, no qual vocês têm sua consciência maior.

SESSÃO DA CLASSE DE ESP

TERÇA-FEIRA, 12 DE JANEIRO DE 1971

(A primeira parte da sessão tratou de um membro da classe e de sua relutância em olhar mais profundamente para dentro de si mesma.)

Na classe, muito amavelmente ela personaliza, de certa forma, os sentimentos que cada um de vocês tem envolvendo seu eu interior...Ela demonstra seus sentimentos de uma forma exagerada para que vocês os observem, e assim, quando ela fala, não é apenas por ela mesma, mas por todos os que se encontram nesta sala, inclusive Ruburt.

(Para a aluna): *Na verdade, você vem prestando um serviço à classe, mas espero que isso mude. Pois quando iniciar a olhar para dentro de si mesma, dará um ótimo exemplo aos outros, e é isso que fará.*

(Durante o intervalo, Jane leu alguns trechos de um material relativo ao gnosticismo. Seguiu-se um debate sobre os dados que Seth introduziu na aula da semana passada a respeito da natureza pulsante de átomos e moléculas – e isso levou a considerações sobre possíveis origens do fenômeno dos discos voadores.)

Uma pequena nota: Em alguns aspectos, essas pulsações representam o que acontece em alguns de seus incidentes com discos voadores, pois vocês não têm um veículo como aquele que vocês pensam perceber. Estou falando apenas de certos casos em que vocês tiveram visitantes de outras realidades.

O que acontece é uma tentativa de troca de realidades, com camuflagem. Os seres que entram em seu plano não podem aparecer dentro dele como eles mesmos. Uma vez que sua estrutura atômica não é a mesma que a deles, é preciso que haja distorções a fim de possibilitar qualquer contato. Desta forma, vocês são saudados com um certo conjunto de dados perceptivos. Vocês então tentam entender o que está acontecendo, mas os dados perceptivos significam que o evento já está distorcido de alguma forma. Os veículos físicos que em geral são percebidos constituem sua interpretação do evento que está realmente ocorrendo.

Nosso amigo ali (Paul W.) poderia muito bem aparecer como um UFO em outro aspecto de realidade, amedrontando os habitantes. Vocês se esquecem de que a consciência é o único veículo

verdadeiro. Nenhuma parte de sua consciência está aprisionada dentro de vocês. Ela se materializa em um aspecto ou outro. Eu uso a palavra “materializar” porque faz sentido para vocês, mas ela carrega uma distorção, já que pressupõe um aparecimento dentro da matéria. Contudo, nem todas as realidades, como sabem, são físicas.

É teoricamente possível, por exemplo, qualquer um de vocês dissipar sua consciência e tornar-se parte de qualquer objeto na sala – ou se decompor, dispersando-se no espaço – sem abandonar seu sentido de identidade. Isto não é prático em seus termos, mas muitos de vocês o fazem para descansar enquanto dormem. A consciência, por suas próprias características, carrega o fardo da percepção. Este é o tipo de consciência em que vocês estão acostumados a pensar. Não podem imaginá-la sem percepção em seus termos; e, contudo, a consciência pode ser vital e viva sem sua idéia de percepção. A última parte da sentença é importante.

(Para Art O.): Agora, meu querido amigo científico ali: átomos e moléculas, minúsculos como possam parecer-lhes, também carregam sua carga de consciência e responsabilidade. Existe, entretanto, uma porção da consciência que pode alegremente perceber de uma forma que não é ditada por sua natureza; pode perceber alegremente, como um aspecto criativo de seu ser, sem responsabilidades. De certo modo, o próprio ar canta com sua consciência jubilosa. Ele não conhece o mesmo tipo de fardo de consciência que em geral os oprime. (Falando de um modo geral): Vocês têm tanto medo da morte, em seus termos, que não ousam desligar sua consciência por um segundo; pois, se o fizerem, têm medo de que não haja ninguém para ligá-la outra vez.

(Art O.: “Toda a entidade está envolvida nessa dispersão de consciência, ou apenas a parte dela que nós conhecemos agora?”)

É dessa maneira que as galáxias se formam. É como o universo se expande, e é como se formam as entidades. Agora, fiquem ruminando esta resposta por um tempo.

Estou contente porque esta noite vocês todos estão pensando – é isto que desejo que façam. As idéias não têm realidade a menos que vocês as tornem suas. Transformem-nas em amigas ou inimigas. Lutem com elas ou amem-nas, mas usem-nas e experienciem-nas não apenas com seu intelecto, mas também com seus sentimentos.

(Bert C.: “Apenas trabalhar a primeira metade disso, para que possamos começar a nos relacionar com os outros, parece tarefa para a vida toda.”)

E na verdade é. Entretanto, a telepatia existe. Portanto, os outros têm consciência, em grande parte, do que vocês estão pensando e sentindo.

(Bert C.: “Meus verdadeiros sentimentos, a despeito do que eu possa projetar conscientemente?”)

Os verdadeiros sentimentos não implicam, necessariamente, em violência e agressividade. Eles também implicam nos sentimentos de amor e aceitação que estão enterrados debaixo de seus próprios medos, e nos que vocês têm pavor de expressar na realidade física.

(Bert C.: “Acho que entendo, então, que todos esses diferentes níveis de minha consciência estão sendo comunicados – não apenas por mim, conscientemente, mas também telepaticamente.”)

É verdade. Quando vocês projetam suas idéias exteriormente, em geral comportam-se como se elas não fossem suas, mas pertencessem a outros. Portanto, cabe a vocês compreender o que são suas idéias e sentimentos, e não ter medo deles.

(Jim H. falou sobre um homem que encontrara dormindo no trabalho. Jim explicou suas idéias e emoções a respeito do incidente e queria saber como mudá-las.)

Você pode mudá-las, mas não pode negar a sua parte que desejou torcer o pescoço do homem. Você ficou com tanto medo dessa idéia que imediatamente a inibiu. Vamos pensar. Você fica apavorado diante da idéia de que o mal é mais poderoso que o bem, que um pensamento violento seu é mais importante e poderoso do que a vitalidade do bem. Pelo menos você teve consciência do pensamento. Agora, digamos que o seguinte acontecesse, que em seus termos você chegasse ao ponto em que já não tivesse consciência do sentimento –

(Jim H.: “Você não pensa automaticamente coisas boas a respeito desse homem nem reprime os pensamentos negativos sem se tornar consciente daquilo que sente.”)

Naturalmente. Então seus músculos se retezaram, sua produção de adrenalina aumentou. Você queria torcer o pescoço dele, mas disse: “Deus o abençoe, meu caro jovem. Que você tenha uma vida longa e feliz.”

Telepaticamente, nosso caro jovem sabia exatamente o que você estava sentindo. Você não estava em contato com seus sentimentos. Naquele ponto de seu progresso espiritual, imaginava que lhe desejava o melhor. Os músculos de seu corpo já estavam contraídos porque você não admitia seus próprios sentimentos.

Ora, três semanas mais tarde, temos um novo encontro. Nosso pobre e ignorante operário torna a cair no sono durante o expediente. Nosso bom pastor se aproxima. Ele vê o indolente novamente cochilando no chão, e pensa: “Gostaria de chutá-lo você sabe onde.” Mas então: “Oh, não. Não posso ter pensamentos tão pouco cristãos. A violência é uma coisa errada.” Assim, antes mesmo de reconhecer o que sente, escondendo qualquer sinal de agressividade, ele se curva e diz: “Meu bom homem, que você viva longa e alegremente. Deus abençoe sua vida.” Dá um tapinha nas próprias costas e pensa: “Estou ficando cada vez mais espiritual.”

Nesse meio tempo, seus músculos se contraíram dez vezes por não poderem entrar em atividade, pois os pensamentos por trás deles estavam sendo rejeitados. Mais uma vez, nosso pobre homem está, subconscientemente, a par da intenção, mas apenas até certo ponto.

Três meses mais tarde, você tem um péssimo dia. Está zangado com a vida em geral, e torna a encontrar nosso homem dormindo no chão; talvez agora ele esteja deixando de realizar uma tarefa que para você é muito importante. (Com humor): Longe de mim acusá-lo de tal atitude, mesmo em uma fantasia, mas desta vez você está fora de si. Novamente, deve negar os próprios sentimentos a fim de ser espiritual – e torna a dizer: “Deus o abençoe. Vá em paz.”

Desta vez a válvula de segurança psíquica agüentou demais. A melhor coisa que poderia acontecer seria de repente você perder as estribeiras e chutá-lo. O pior que poderia acontecer seria você mais uma vez ignorar a raiva, a agressão perfeitamente natural que está preste a explodir. Então você envia uma forma-pensamento sem qualquer lógica a qualquer dos eventos ocorridos. A forma-pensamento causa muito mal a seu amigo, e tudo isto porque você teve medo de que um seu pensamento agressivo perdido fosse mais forte do que a vitalidade que existe em cada um de vocês.

(Jim H.: “No início, antes que a frustração e a carga emocional se instalassem, você teria recomendado uma ação, como dizer ‘Vamos lá, isso está errado. Provavelmente eu mesmo já fiz esse tipo de coisa, mas ela me irrita muito. Precisamos levantar e voltar a trabalhar agora.’ Ser honesto com ele, neste nível, evitaria esses ataques?”)

Sim. A coisa mais importante, entretanto, é reconhecer o sentimento como legítimo, com seu próprio domínio de existência, admiti-lo como parte de você mesmo. Depois, escolher como deseja lidar com a situação. Você não faz dos outros o alvo de sua raiva; a raiva é meramente um método de comunicação.

(Jim H.: “Eu não desejo dirigir o ímpeto de minha raiva a nenhum de nós dois. Primeiro, não desejo chutá-lo. Segundo, não desejo ferir-me de alguma forma.”)

No início, você não estava suficientemente zangado para chutá-lo. O pensamento existiu, mas não era suficientemente forte para provocar a reação física, mesmo que o tivesse admitido. Você está me acompanhando?

(Jim H.: “Sim. Desejo aprender como lidar com esses sentimentos, sem tentar reprimi-los.”)

Antes de qualquer coisa, admita que os sentimentos existem como parte de você, no nível do ego. Sempre que escondem seus sentimentos de si mesmos vocês estão, em seus termos, menos vivos. Então, tanto quanto possível, comuniquem esses sentimentos verbalmente, de qualquer forma que desejarem. Usem a raiva como método de comunicação. Muitas vezes ela levará a resultados que não imaginaram, e resultados benéficos.

Certamente você entende que eu estou fazendo com seu caso o mesmo que fiz com outros, portanto, por favor, não se ofenda. Não desejo que nenhum de vocês use estas idéias como bandagens superficiais para sua psique sanguinolenta....Portanto, você não é tão mau quanto eu o estou pintando. Talvez penda na direção que indiquei, mas o mesmo poderá acontecer com cada um nesta sala, incluindo Ruburt.

(Jim H.: “Como você definiria mau neste contexto?”)

Eu não defino mau. Quando uso o termo, ele concorda com sua própria definição. Vocês têm a idéia de que bom é delicado e mau é violento. Isso porque, em sua mente, violência e destruição são a mesma coisa. Por esta analogia, vejam vocês, a voz suave é a voz divina, e a voz alta é pecaminosa, e um desejo forte é um mau desejo, e um desejo fraco é um bom desejo. Vocês ficam com medo de projetar idéias ou desejos para fora, pois bem no fundo, pensam que o que é poderoso é maligno.

Mas estou lhes dizendo que o universo é um bom universo. Ele conhece sua própria vitalidade, e essa vitalidade está dentro de vocês. Vocês podem incentivá-la livremente. Sua própria natureza é uma boa natureza, e vocês podem confiar nela. Por ser difícil, não significa que uma coisa seja boa.

(Jim H.: “A primeira noite que estive aqui, você disse: ‘Vamos ver você mais vezes.’ Você foi muito positivo a respeito disso. Muitas vezes fique pensando a razão dessa certeza.”)

Porque eu sabia o motivo de sua vinda aqui, e eu sabia que sua mulher também viria. Não estou dizendo que o livre-arbítrio não exista. Estou simplesmente fazendo uma declaração sobre o domínio das probabilidades.

(Jim H.: “Para mim isto significa um conhecimento prévio de nossas vidas.”)

Significa mesmo, em seus termos, mas esse conhecimento também está à sua disposição. Ora, não podemos cobrir um tópico com clareza em uma única noite, quanto mais cento e um tópicos. Em referência, entretanto, a um comentário que você fez anteriormente: em quase todas as suas vidas você esteve fortemente envolvido no que chamaria de esforços religiosos. Suas vidas restantes foram religiosamente envolvidas em esforços opostos, em seus termos, mas trataremos disto mais tarde. A alma divina, virada do avesso, é uma panela de carne, podemos dizer assim.

Você sempre esteve envolvido com questões relativas ao bem e ao mal, e teve duas existências em duas civilizações no Egito. Em uma delas, seu amigo ali (Bert C.) também estava. É muito tarde para entrar nessa encarnação esta noite, e, além disso, nenhum de vocês está pronto ainda para beneficiar-se dela. Não é uma história fascinante para ser contada apenas para sua recreação, mas irá ajudá-los quando vocês puderem entendê-la.

Estou muito mais preocupado com as reações de todos vocês ao material que Ruburt leu esta noite (sobre gnosticismo). Agora, se lhes parece que um membro da classe está monopolizando uma sessão, lembrem-se do que eu disse antes: as perguntas de um são as perguntas silenciosas de vários.

Muitos de vocês pensam ter sido tingidos pelo mal desde o nascimento. (Para Jim H.): Em uma de suas vidas passadas, você não só acreditava firmemente nisso, mas era o que ensinava.

Como Ruburt diria, sua companheira aqui (a mulher de Jim, Jean) não concordou de jeito nenhum com suas idéias naquela vida. Na época, entretanto, ela era homem, e você, mulher e sacerdotisa. Também seu amigo (Bert C.). Como homem naquela vida, ela tinha um efeito cada vez maior sobre sua personalidade, mas você era muito dado a rituais e acreditava em atos mágicos, achando que a existência era, em si mesma, maligna e errada. Na verdade, você pertencia a uma seita que agora é chamada de Gnóstica.

(O Gnosticismo era um sistema de religião e filosofia seletos, unindo aspectos do Platonismo, orientalismo, cristianismo e dualismo. Abrangeu tempos pré-cristãos e posteriores, e tomou várias formas. Em todas elas, sua doutrina central afirmava que o conhecimento – gnosis – era o meio de salvação da tirania da matéria, mais do que a filosofia ou a fé.

(Jim H.: “É por essa razão que eu agora reajo tão fortemente contra o gnosticismo, porque eu ultrapassei aquele ponto?”)

Não apenas isso, mas é que você ainda percebe em si mesmo alguma simpatia pelas crenças. Enquanto está se libertando, reconhece dentro de sua psique uma tendência nessa direção e, assim, ataca sempre essas idéias quando as ouve, sem perceber que está atacando a si mesmo.

(Kathy B.: “É por isso que eu tenho uma reação semelhante à literatura gnóstica?”)

Naquela época, você era um homem amigo dele. Mas quase todos os que freqüentam estas aulas estiveram, em um momento ou outro, envolvidos nisso. Todos vocês fizeram parte de outras classes, embora não necessariamente comigo. Devido a seu longo interesse, certos aspectos vão atingir vários de vocês com muita força. A associação atua não apenas dentro de uma vida, mas entre vidas (em seus termos). Palavras e frases profunciadas agora irão impulsionar suas lembranças, e essas lembranças se tornarão vivas se vocês o permitirem.

(Para Art O.): *Até nosso deus africano ali pode se lembrar de suas vidas passadas, bastando que se permita fazer isso.*

(Art O.: “Aquela vida é a razão de eu gostar de música africana agora?”)

É uma das razões. A outra razão está ligada a uma vida em que você tinha uma inclinação musical.

Agora vou desejar a todos uma boa noite.

(Para Mary M.): Tenho uma mensagem para minha amiga ali, muito simples. Quando não souber o que fazer, relaxe e diga a si mesma que outras partes de você sabem; elas tomarão as rédeas. Conceda algum descanso a si mesma. Lembre-se de que, em alguns aspectos, você é uma pessoa muito bem sucedida. O sucesso não envolve, necessariamente, grande intelecto nem grande posição nem grande riqueza. Ele tem a ver com integridade interior. Lembre-se disso.

Desejo-lhes, agora, uma boa noite.

SESSÃO DA CLASSE DE ESP

TERÇA-FEIRA, 9 DE FEVEREIRO DE 1971

(Esta sessão também contém um material muito interessante que Seth deu a respeito de suas próprias percepções quando se dirige a um grupo de pessoas; essas informações são citadas na sessão 575 do Capítulo Dezenove.)

Agora: Tenho algo a dizer a esta aqui (Sue W., e àquele ali (Jim H.), e, de certa forma, a todos vocês. Não há necessidade de justificar sua existência. Vocês não precisam escrever nem pregar para justificar a si mesmos, por exemplo. Ser é sua própria justificativa. Somente quando vocês entendem isto é que podem começar a utilizar sua liberdade. Caso contrário, vocês se esforçam demais.

Isto também se aplica a nosso amigo Ruburt. Se vocês se tornam determinados demais a justificar sua existência, começam a fechar algumas áreas de sua vida. Apenas as áreas que significam para vocês uma justificativa segura farão sentido, e as outras começarão a desaparecer. Vocês não precisam justificar de maneira nenhuma.

Agora, se cada um de vocês se abrisse para sua própria realidade durante dez minutos por dia, não haveria problemas de autojustificativa, pois vocês compreenderiam a natureza miraculosa de sua própria identidade. Eu disse isto antes na classe: vocês estão tão mortos e tão vivos como jamais estarão. Em vida, vocês podem estar tão mortos quanto acham que um cadáver esteja – e, em comparação, até muito mais mortos.

Quando venho aqui falar, focalizo minha energia, mas não na direção desta sala, pois em seus termos esta sala não existe para mim. Em seus termos, esta sala não existe nem para vocês. Vocês fingem concordar que ela existe; nós nos reunimos em nenhum lugar do espaço ou do tempo.

As verdadeiras reuniões que acontecem aqui nada têm a ver com a sala ou com as pessoas que vocês pensam que são. Vocês sabem que a sala é uma alucinação, que estão em transe aqui do mesmo jeito que quando se encontram no tempo psicológico. Eu simplesmente desejo que vocês entendam que, se esta vida é um transe, podem mudar a direção de sua consciência para perceber realidades maiores que existem presentemente. Podem ter consciência de sua identidade maior, assim como eu tenho. Vocês se encontram dentro do milagre de si mesmos e pedem sinais. São seus olhos interiores que eu desejo abrir.

Como sabem, vocês aceitam apenas as sugestões, idéias e problemas que atendam a seus propósitos neste momento. Não estão, portanto, à mercê de quaisquer neuroses de uma vida passada, nem existe qualquer medo de suas vidas presentes que não possam vencer. Eu não disse que vocês irão, necessariamente, vencê-los, mas que têm a capacidade de fazê-lo.

A decisão é sua, de acordo com sua compreensão. Vocês não podem ser perseguidos, de um nível de realidade para outro, por um medo que não compreendem. Não podem ser ameaçados nesta vida por medos provenientes da infância, nem pelas assim chamadas existências passadas, a menos que acreditem tão piamente na natureza do medo que lhe permitam vencê-los. Cada uma de suas personalidades é livre para aceitar e desenvolver, a partir dos bancos milagrosos da realidade, as experiências e emoções que vocês desejam, e rejeitar as que não desejam.

Vou dar um exemplo mais concreto que cada um de vocês pode usar à sua própria maneira. Suponhamos o pior, que nesta vida você enfrente a seguinte situação: é pobre, pertence a uma minoria racial, não é intelectual, é mulher, tem um grave defeito físico e não é nenhuma beldade. Agora: você estabeleceu esses desafios para si mesma em uma assim chamada vida passada. Isto não significa que não possa usar toda sua coragem e decisão para resolver esses problemas. Você os estabeleceu na esperança de que irá resolvê-los. Não os estabeleceu como pedras pesadas penduradas ao redor de seu pescoço, esperando, antecipadamente, que fosse se afogar.

Tudo o que tem a fazer é compreender sua própria liberdade. Você forma a realidade que conhece, não esotericamente, não simbolicamente, não filosoficamente. Nenhuma mente suprema grandiosa forma-a para você – você não pode colocar o peso aí, tampouco. Você, no passado, coletiva e individualmente, culpou um deus ou um destino pela natureza de suas realidades pessoais – os aspectos, na verdade, de que não gostava.

A personalidade recebe o maior de todos os dons; vocês recebem exatamente o que desejam. Vocês criam sua própria experiência do nada. Se não gostam da experiência, olhem para dentro de si mesmos e mudem-na. Mas compreendam também que são responsáveis por suas alegrias e triunfos, e que a energia para criar quaisquer dessas realidades vem de seu eu interior. Cabe à personalidade individual decidir o que fazer com ela.

(Durante o intervalo, os alunos discutiram o destino e a predestinação.)

Uma noite, gostaria que a moça aqui me falasse a respeito da predestinação.

(Bernice M.: “Eu gostaria que *você* me falasse sobre isso.”)

Vocês não são “programados.” Nada acontece porque precisa acontecer. Cada pensamento que vocês têm agora muda a realidade. Não apenas a realidade como vocês a conhecem, mas toda a realidade. Nenhum ato seu predispõe um futuro eu a agir de um modo particular. Há bancos de atividades dos quais vocês podem sacar ou decidir não sacar.

(Bernice M.: “Nós tomamos decisões instantâneas? Por exemplo: eu estava pensando hoje no terremoto de Los Angeles. Um homem saiu para a rua e foi morto por um tijolo que caía. O que fez com que aquele homem, entre todos os outros, saísse do edifício?”)

Aquela pessoa tinha muita consciência do que iria ocorrer, em uma base que vocês chamariam de inconsciente. Ele não estava predestinado para morrer. Escolheu tanto o tempo (em seus termos) como o método, por razões próprias.

(Bernice M.: “Independentemente de quem escolheu, ele estava destinado a morrer.”)

Não estava predestinado. Ele fez a escolha. Ninguém escolheu por ele.

(Bernice M.: “Mas ele tomara a decisão antes.”)

Antes do quê?

(Bernice M.: “Antes de ser morto.”)

Ele sabia que estava pronto para seguir rumo a outras esferas de atividade. Inconscientemente, procurou os meios que o cercavam e escolheu os imediatamente disponíveis. Essa pessoa, três dias antes, traçara o plano. Não houve envolvimento de predestinação. Se o galho de uma árvore cai, não significa que estivesse predestinado a cair, seja no que concerne à forma particular da queda, seja no que concerne ao momento da queda. Há uma grande diferença entre livre escolha e predestinação.

(Jim H.: “Você não disse antes, referindo-se à mulher que nasceu em uma raça minoritária, que seus desafios haviam sido estabelecidos por uma personalidade prévia, em nossos termos?”)

Pelo eu total.

(Jim H.: “A decisão foi tomada quando aquela personalidade anterior havia retornado ao eu total para um período de reavaliação?”)

Repito que vocês precisam entender que estamos falando de divisões por uma questão de conveniência, onde nenhuma realidade existe. Ao mesmo “tempo,” por assim dizer, que esta personalidade nasce em uma raça minoritária, em uma era completamente diferente pode nascer rica, segura e aristocrática. Ela está buscando métodos diferentes de experiência e expansão. Você entendeu?

(Jim H.: “Eu compreendo. Eu achei que você provavelmente quis dizer que os desafios haviam sido estabelecidos pelo eu total.”)

É verdade. Lembrem-se de que estamos falando de sua identidade total. São somente vocês que estão atualmente conscientes de apenas uma porção dela; e vocês insistem em chamar esta porção, de vocês mesmos. Vocês são o eu que toma estas decisões.

(Bert C.: “Que recursos o pobre indivíduo que nasceu com todas essas dificuldades aparentemente insuperáveis teria, caso fosse dizer conscientemente, no nível do ego, ‘Eu não quero nada disto. Preferiria ter nascido aristocrata?’”)

O eu interior compreende, entretanto, que estão presentes potenciais que não estariam necessariamente presentes em outras circunstâncias: habilidades que podem não apenas ajudar a personalidade presente, mas outros indivíduos, e até a sociedade em geral.

Seu ponto principal de discussão é provocado pelas barreiras emocionais causadas pela diferença nos termos. É como se vocês escolhessem trabalhar nas favelas durante um dia. Seria ridículo decidirem fazer isso e depois dizer a si mesmos: Por que decidi trabalhar nas favelas? Preferiria trabalhar na Quinta Avenida.” Vocês sabem a razão, e sua identidade total sabe a razão. Vocês a escondem do eu atual simplesmente para garantir que a realidade presente não seja uma realidade simulada.

Um homem rico que tenta ser pobre por um dia, a fim de aprender o que é a pobreza, pouco aprende, porque não pode esquecer a riqueza que está à sua disposição. Embora coma a parca ração do pobre, vivendo na mesma casa pobre por um dia – ou por um ano ou por cinco anos – ele sabe que tem uma mansão para a qual retornar. Assim, vocês escondem essas coisas de si mesmos para poderem relacionar-se. Vocês se esquecem de seu lar a fim de poderem retornar a ele enriquecidos.

A consciência não é feita de equilíbrios, tanto quanto é feita de primorosos desequilíbrios; e o foco de percepção é, de certo modo, o resultado deste estado de excitabilidade. Neste estado, nunca todos os elementos são conhecidos, porque sempre estão sendo criados novos. Não estou falando de elementos físicos, mas das características psicológicas da consciência, pois mesmo essas se fundem e mudam continuamente.

Vocês não são agora o que eram dez minutos atrás. Vocês não são o mesmo ser fisicamente, psicologicamente, espiritualmente ou psiquicamente, e daqui a dez minutos também estarão diferentes. Negar

isto é tentar forçar a consciência a entrar em alguma forma rígida da qual nunca poderá libertar-se; é aplicar-lhe regras que formam um panorama psicológico muito nítido.

(Agora a voz de Seth realmente começou a projetar-se.)

Agora gostaria que vocês compreendessem novamente a energia que têm à sua disposição. Se Rupert pode usá-la, todos vocês podem usá-la à sua própria maneira. Quero que abram as barreiras que erigiram dentro de si mesmos; esta voz é usada apenas como símbolo da energia e da força que está à sua disposição quando utilizam as habilidades que constituem sua herança.

Vocês devem ouvir seu próprio eco de minha voz como símbolo de sua própria energia e regozijo. Esqueçam-se dos eus servis que vocês às vezes são e lembrem-se da essência mágica de seu próprio ser, que canta neste momento através das pontas de seus dedos. Esta é a realidade que buscam. Vivenciem-na plenamente. Vocês precisam de uma coisa velha e morta como eu para dizer-lhes o que é a vida? Eu me sentiria envergonhado.

Agora, desejo-lhes uma boa noite e concedo-lhes as bênçãos que me são dadas conceder. Trilhem seu caminho em paz, alegria e segurança – em seu corpo e fora dele.

SOBRE A AUTORA

Nascida em 1929, Jane Roberts foi criada em Saratoga Springs, N.Y., onde freqüentou o Skidmore College. Além de escrever poesias, contos, literatura infantil, romances e metafísica, suas obras de não-ficção incluem: SETH FALA, THE SETH MATERIAL, A NATUREZA DA REALIDADE PESSOAL, NATURE OF THE PSYCHE e ADVENTURES IN CONSCIOUSNESS. Roberts faleceu em 1984. Seu marido, Robert Butts, é pintor e reside em Elmira, N.Y.

